

**“Um acontecimento literário.
Um romance erudito e único.”**

Romantic Times Book Reviews

FRANCINE RIVERS

UM AMOR INCONDICIONAL

**3 MILHÕES
DE EXEMPLARES VENDIDOS**

ASA



Ficha Técnica

Título: Um Amor Incondicional
Título original: Redeeming Love
Autor: Francine Rivers
Tradução: Ana Saldanha
Revisão: Carolina Matias
ISBN: 9789892352176

Edições ASA II, S.A.
uma editora do Grupo LeYa
R. Cidade de Córdova, n.º 2
2160-038 Alfragide - Portugal
Tel.: (+351) 214 272 200
Fax: (+351) 214 272 201

Título original: REDEEMING LOVE
© 1997, 2007, Francine Rivers. All rights reserved. Todos os direitos reservados.
Published by arrangement with Browne & Miller Literary Associates, LLC.
Publicado por acordo com Browne & Miller Literary Associates, LLC.
© 2022, Edições ASA II, S.A.
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
www.asa.leya.com
www.leya.pt

Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

Índice

Capa

Ficha Técnica

Filha das Trevas

Prólogo

Resistência

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

Nove

Dez

Onze

Doze

Treze

Catorze

Medo

Quinze

Dezasseis

Dezassete

Dezoito

Dezanove

Vinte

Vinte e um

Humildade

Vinte e dois

Vinte e três

Vinte e quatro

Vinte e cinco

Vinte e seis

Vinte e sete

Vinte e oito

Vinte e nove

Trinta

[Trinta e um](#)

[Trinta e Dois](#)

[Trinta e três](#)

[Trinta e quatro](#)

[Epílogo](#)

[UMA NOTA DE FRANCINE RIVERS](#)

[Agradecimentos](#)

FRANCINE RIVERS

UM AMOR
INCONDICIONAL

Para todos quantos sofrem e sentem fome

Quem de vós estiver sem pecado
atire-lhe a primeira pedra.

JESUS, EVANGELHO SEGUNDO SÃO JOÃO, 8:7

Filha das Trevas

Prólogo

O príncipe das trevas é um cavalheiro.

S H A K E S P E A R E

NOVA INGLATERRA, 1835

Alex Stafford era tal e qual como a Mamã dissera. Era alto e moreno, e Sarah nunca vira ninguém mais belo. Até mesmo vestido com roupas empoeiradas por ter vindo a cavalo, e com o cabelo húmido da transpiração, era como os príncipes nas histórias que a Mamã lia. O coração de Sarah batia com uma alegria e um orgulho loucos. Nenhum dos outros pais que via na missa se comparava a ele.

Olhou-a com os seus olhos escuros e o coração dela cantou. Ela trazia o seu melhor vestido azul e avental branco e a Mamã tinha-lhe entrancado o cabelo com fitas cor-de-rosa e azuis. O Papá gostaria do seu aspeto? A Mamã dissera que o azul era a cor favorita dele, mas porque não sorria? Ela estaria a ser irrequieta? A Mamã dissera que se mantivesse direita e imóvel e se comportasse como uma senhora. Dissera que isso agradaria ao Papá. Mas ele não parecia nada agradado.

- Não é linda, Alex? - disse a Mamã. A sua voz soava estranha... constrangida, como se estivesse engasgada - Não é a menina mais linda que alguma vez viste?

Sarah viu os olhos escuros do Papá franzirem-se. Não parecia contente. Parecia zangado. Como a Mamã por

vezes quando Sarah falava demasiado ou fazia demasiadas perguntas.

- Só uns minutos - disse a Mamã rapidamente. Demasiado rapidamente. Estaria com receio? Mas porquê? - É tudo o que peço, Alex. Por favor. Significaria tanto para ela.

Alex Stafford fitou Sarah. Tinha os lábios comprimidos e examinava-a em silêncio. Sarah manteve-se tão imóvel quanto podia. Fitara-se ao espelho durante tanto tempo esta manhã que sabia o que ele veria. Tinha o queixo e o nariz do pai e o cabelo louro e a pele clara da mãe. Os seus olhos também eram como os da mãe, embora fossem ainda mais azuis. Sarah queria que o Papá pensasse que ela era bonita, e ergueu os olhos para ele, cheios de esperança. Mas a expressão dos olhos dele não era agradável.

- Escolheste o azul de propósito, Mae? - As palavras do Papá sobressaltaram Sarah. Eram frias e zangadas. - Porque faz sobressair a cor dos olhos dela?

Sarah não conseguiu conter-se e lançou um olhar à mãe - e o coração caiu-lhe aos pés. O rosto da Mamã estava cheio de dor.

Alex lançou um olhar na direção do átrio.

- Cleo!

- Ela não está - disse a Mamã em voz baixa, mantendo a cabeça erguida. - Dei-lhe folga.

Os olhos do Papá pareceram ficar ainda mais escuros.

- Deste? Bem, isso deixa-te num impasse, não deixa, querida?

A Mamã empertigou-se e depois mordeu o lábio e lançou um olhar a Sarah. O que se passaria de errado?, perguntou-se Sarah tristemente. O Papá não estava contente por a ver? Ela sentira-se tão empolgada por ir estar com ele por fim, mesmo que por pouco tempo...

- O que queres que eu faça? - Como as palavras da Mamã eram dirigidas ao Papá, Sarah manteve-se em silêncio, ainda com esperança.

- Manda-a embora. Ela sabe como encontrar a Cleo, suponho.

Apareceram umas manchas cor-de-rosa no rosto da Mamã.

- O que quer dizer isso, Alex? Que recebo outros na tua ausência?

O sorriso de Sarah dissipou-se com a perplexidade. Falavam tão friamente um com o outro. Nem um nem o outro olhavam para ela. Teriam esquecido que ela estava ali? O que se passava de errado? A Mamã estava perturbada. Porque é que o Papá se sentia tão zangado por Cleo não estar em casa?

Mordiscando o lábio, Sarah olhava de um para o outro. Aproximou-se e puxou o casaco do pai.

- Papá...

- Não me chames isso.

Ela pestanejou, assustada e perplexa com os seus modos. Ele *era* o seu papá. A Mamã dizia-o. Ele até lhe trazia presentes sempre que vinha. A Mamã dava-os a Sarah. Talvez ele se sentisse zangado por ela nunca lhos ter agradecido.

- Quero agradecer-lhe os presentes que me...

- Cala-te, Sarah - apressou-se a dizer a sua mãe. - Agora não, querida.

O Papá chispou à Mamã um olhar furioso.

- Deixa-a falar. Era o que querias, não era? Porque é que a estás a mandar calar agora, Mae?

A Mamã aproximou-se e pôs a mão no ombro de Sarah. Ela sentia os dedos da Mamã a tremerem, mas o Papá baixou-se para ela agora, a sorrir.

- Que presentes? - perguntou.

Era tão bonito, tal e qual como a Mamã dissera. Sarah sentia orgulho em ter um pai como ele.

- Diz-me, pequenina.

- Gosto sempre dos doces que me traz - disse Sarah, a sentir-se quente e orgulhosa sob a atenção dele. - São

muito bons. Mas do que mais gosto é do cisne de cristal.

Voltou a sorrir, cheia de júbilo por o Papá estar a escutá-la tão atentamente. Ele até sorriu, embora Sarah não tivesse a certeza de que o sorriso lhe agradasse. Era um pequeno sorriso de lábios fechados.

- Muito bem - disse ele, e endireitou-se. Olhou para a Mamã. - Fico muito contente por saber o quanto os meus presentes significam.

Sarah olhou para o pai, encantada com a sua aprovação.

- Pu-lo no parapeito da minha janela. O sol brilha através dele e faz as cores dançarem na parede. Quer vir ver? - Pegou-lhe na mão. Quando ele a sacudiu, ela pestanejou, magoada, sem compreender.

A Mamã mordeu o lábio e estendeu a mão para o Papá, mas depois parou subitamente. Parecia de novo receosa. Sarah olhava do pai para a mãe, a tentar compreender. O que fizera de errado? O Papá não se sentia feliz por ela gostar dos seus presentes?

- Então, dás os meus presentes à criança - disse o Papá. - É bom saber o que significam para ti.

Sarah mordeu o lábio ao ouvir a frieza na voz do Papá, mas, antes que pudesse falar, a Mamã tocou-lhe delicadamente no ombro.

- Querida, sê uma boa menina e vai lá para fora brincar.

Sarah olhou para cima, perturbada. Teria feito algo de errado?

- Não posso ficar? Eu fico muito calada. - A Mamã não parecia ser capaz de dizer mais nada. Tinha os olhos húmidos e olhava para o Papá.

Alex debruçou-se para Sarah.

- Quero que vás lá para fora brincar - disse em voz baixa.

- Preciso de falar com a tua mãe a sós. - Sorriu e deu-lhe uma palmadinha na face.

Sarah sorriu, totalmente encantada. O Papá tocara-lhe; não estava nada zangado. Gostava dela! Tal como a Mamã dissera.

- Posso voltar quando acabarem de falar?

O Papá endireitou-se, empertigado.

- A tua mãe vai buscar-te quando estiver pronta. Agora, vai lá como te mandaram.

- Sim, Papá. - Sarah queria ficar, mas queria ainda mais agradar ao seu pai. Saiu da sala e atravessou a cozinha a saltitar até à porta das traseiras. Colheu alguns malmequeres que havia no canteiro junto à porta e depois encaminhou-se para a treliça com rosas. Pôs-se a tirar as pétalas. - Ele ama-me, ele não me ama, ele ama-me, ele não me ama... - Calou-se ao dobrar a esquina. Não queria incomodar a Mamã e o Papá. Só queria estar perto deles.

Sarah pôs-se a sonhar, toda contente. Talvez o Papá a pusesse às cavalitas. Perguntou-se se ele a levaria a passear no seu grande cavalo preto. Teria de mudar de roupa, claro. Ele não ia querer que ela sujasse o vestido. Gostaria que ele a tivesse deixado sentar-se ao seu colo enquanto falava com a Mamã. Teria gostado muito disso, e não teria incomodado nada.

A janela da sala estava aberta e ela conseguia ouvir as vozes. A Mamã adorava que o cheiro das rosas enchesse a sala. Sarah queria sentar-se e escutar os seus pais. Dessa maneira, saberia quando o Papá quisesse que ela voltasse para dentro. Se ficasse muito calada não os incomodaria e bastaria à Mamã debruçar-se da janela e chamar o seu nome.

- O que é que eu havia de fazer, Alex? Nunca passaste nem um minuto com ela. O que havia de lhe dizer? Que o pai não quer saber dela? Que deseja que ela nunca tivesse nascido?

Os lábios de Sarah entreabriram-se. *Negue, Papá! Negue!*

- Trouxe aquele cisne da Europa para *ti*, e tu desperdiçá-lo numa criança que não lhe sabe apreciar o valor. Também lhe deste as pérolas? E a caixa de música? Suponho que ela também ficou com isso!

Os malmequeres tombaram da mão de Sarah. Sentou-se no chão, sem querer saber do seu vestido bonito. Os batimentos do seu coração abrandaram do ritmo anterior loucamente feliz. Tudo dentro dela parecia descer em espiral com cada palavra.

- Alex, por favor. Eu não vi mal nenhum nisso. Tornava as coisas mais fáceis. Ela perguntou-me hoje de manhã se já tinha idade para te conhecer. Pergunta-me sempre que sabe que tu vens cá. Como poderia dizer-lhe que não mais uma vez? Não tive coragem. Ela não compreende o teu desinteresse, e eu também não.

- Tu sabes o que sinto em relação a ela.

- Como podes saber o que sentes? Nem sequer a conheces. Ela é uma criança linda, Alex. É esperta e encantadora e não tem medo de nada. É como tu, de tantas maneiras. Ela é *alguém*, Alex. Não podes ignorar a existência dela para sempre. É tua filha...

- Já tenho filhos que cheguem com a minha mulher. Filhos legítimos. Disse-te que não queria outro.

- Como podes dizer isso? Como podes não amar alguém que é da tua própria carne e do teu próprio sangue?

- Disse-te como me sentia desde o início, mas tu não quiseste dar-me ouvidos. Ela nunca devia ter nascido, Mae, mas tu insististe em levar a tua avante.

- Julgas que eu queria engravidar? Julgas que planeei tê-la?

- Faço-me essa pergunta com frequência. Especialmente porque te arranjei uma maneira de sair da situação e tu recusaste. O médico que te enviei ter-se-ia encarregado da confusão toda. Ele ter-te-ia livrado...

- Eu não podia fazer isso. Como pudeste esperar que eu matasse a minha filha antes de ela nascer? Não compreendes? É um pecado mortal.

- Tens passado demasiado tempo na igreja - disse ele, com desprezo. - Já alguma vez pensaste que não terias os

problemas que tens agora se te tivesses livrado dela como eu te disse? Teria sido fácil. Mas fugiste.

- Eu queria-a! - disse a Mamã numa voz embargada. - Ela era parte de ti, Alex, e parte de mim. Queria-a, mesmo que tu não a quisesses...

- Essa é a verdadeira razão?

- Estás a magoar-me, Alex!

Sarah estremeceu ao ouvir algo estilhaçar-se.

- Essa é a razão real, Mae? Ou tiveste-a porque julgaste que ter uma filha minha te daria um ascendente sobre mim que de outra forma não terias?

- Não podes acreditar nisso! - A Mamã estava agora a chorar. - Acreditas, não é? És um tolo, Alex. Oh, o que é que eu fiz? Desisti de tudo por ti! Da minha família, dos meus amigos, do meu autorrespeito, de tudo em que acreditava, de todas as esperanças que alguma vez tive...

- Comprei-te esta casa. Dou-te todo o dinheiro de que alguma vez poderias necessitar.

A voz da Mamã ergueu-se estranhamente.

- Sabes como é para mim descer a rua nesta cidade? Tu vais e vens quando e como te apraz. E as pessoas sabem quem tu és e sabem o que eu sou. Ninguém olha para mim. Ninguém me dirige a palavra. A Sarah também o sente. Perguntou-me sobre isso uma vez, e eu disse-lhe que éramos diferentes das outras pessoas. Não sabia que outra coisa dizer. - A sua voz embargou-se. - Provavelmente, vou para o inferno por causa daquilo em que me tornei.

- Estou farto da tua culpa e estou farto de ouvir falar daquela criança. Ela está a dar cabo de tudo entre nós. Lembras-te de como éramos felizes? Nunca discutíamos. Eu mal podia esperar para vir ter contigo, para estar contigo.

- Não...

- E quanto tempo me resta contigo hoje? O suficiente? Usaste-o nela. Eu avisei-te do que iria acontecer, não avisei? Quem me dera que ela nunca tivesse nascido!

A Mamã gritou um nome terrível. Ouviu-se um estrondo. Aterrada, Sarah levantou-se e desatou a correr. Atravessou a toda a velocidade os canteiros da Mamã e o relvado e chegou ao caminho que ia dar à casa de refrigeração. Correu até já não conseguir correr mais. Ofegante, a sentir uma ardência nos pulmões, tombou sobre a erva alta, a sacudir os ombros com os soluços e com o rosto manchado de lágrimas. Ouviu um cavalo a galopar na sua direção. Trepando à procura de um esconderijo melhor nas heras junto ao ribeiro, espreitou e viu o pai montado no seu grande cavalo preto. Baixou-se e ficou ali enroscada, a chorar, à espera que a Mamã viesse buscá-la.

Mas a Mamã não veio e não chamou por ela. Ao fim de algum tempo, Sarah voltou para a casa de refrigeração, sentou-se junto às heras floridas e pôs-se à espera. Quando a Mamã chegou, Sarah já tinha secado as lágrimas e sacudido a poeira do seu vestido bonito. Ainda estava a tremer por causa do que ouvira.

A Mamã estava muito pálida, com os olhos mortiços e vermelhos. Havia uma mancha azul no lado do seu rosto. Tentara disfarçá-la com pó de arroz. Sorriu, mas não era como o seu sorriso habitual.

- Onde estiveste, querida? Estou farta de te procurar. - Sarah sabia que não era verdade. Estivera atenta à sua aproximação. A Mamã lambeu o seu lenço de mão rendado e limpou uma mancha do rosto de Sarah. - O teu pai foi chamado de repente por causa de uns negócios.

- Ele vai voltar? - Sarah sentia medo. Não queria vê-lo nunca mais. Ele magoara a Mamã e fizera-a chorar.

- Talvez não durante muito tempo. Teremos simplesmente de aguardar para ver. Ele é um homem muito ocupado e importante. - Sarah não disse nada e a Mamã pegou nela e apertou-a contra o peito. - Está tudo bem, minha doçura. Sabes o que vamos fazer? Vamos voltar para casa e mudar de vestido. Depois, preparamos um piquenique e vamos até ao ribeiro. Gostavas de fazer isso?

Sarah acenou com a cabeça e pôs os braços à volta do pescoço da Mamã. A sua boca tremia e tentava não chorar. Se chorasse, a Mamã poderia adivinhar que ela tinha estado à escuta e depois também ela ficaria zangada.

A Mamã apertou-a com força contra o peito, com o rosto enterrado no cabelo de Sarah.

- Vamos superar isto. Vais ver, minha doçura. Vamos. Vamos mesmo.

*

Alex não voltou, e a Mamã tornou-se magra e pálida. Ficava na cama até muito tarde, e quando se levantava não queria ir dar longos passeios como dantes. Quando sorria, os seus olhos não se iluminavam. Cleo dizia que ela precisava de comer mais. Cleo dizia muitas coisas, descuidadamente, com Sarah ali por perto para as ouvir.

- Ele ainda lhe manda dinheiro, Miss Mae. Isso é alguma coisa.

- Eu não quero saber do dinheiro. - Os olhos da Mamã enchiam-se de lágrimas. - Nunca quis saber do dinheiro.

- Queria se não o tivesse.

Sarah tentava animar a Mamã trazendo-lhe grandes ramos de flores. Encontrava pedras bonitas e lavava-as, oferecendo-lhas como presentes. A Mamã sorria sempre e agradecia-lhe, mas não havia brilho nos seus olhos. Sarah cantava as canções que a Mamã lhe ensinara, baladas irlandesas tristes e alguns cânticos em latim da missa.

- Mamã, porque é que já não cantas? - perguntou Sara, subindo para a cama ao lado dela e pousando a sua boneca na coberta amarrotada. - Vais sentir-te melhor se cantares.

A Mamã estava a escovar lentamente o seu cabelo louro comprido.

- Não sinto vontade de cantar, querida. A Mamã tem muita coisa a ocupar-lhe a mente neste momento.

Sarah sentiu um peso crescer dentro de si. A culpa era toda sua. Toda sua. Se não tivesse nascido, a Mamã seria

feliz.

- O Alex vai voltar, Mamã?

A Mamã olhou para Sarah, mas ela não se importava. Nunca mais voltaria a chamar-lhe Papá. Magoara a Mamã e pusera-a triste. Desde que ele partira, a Mamã mal prestava atenção a Sarah. Ela ouvira-a até dizer a Cleo que o amor não era uma benção, era uma maldição.

Sarah lançou um olhar ao rosto da Mamã e sentiu um aperto no coração. Parecia tão triste. Os seus pensamentos estavam de novo muito longe, e Sarah sabia que ela estava a pensar *nele*. A Mamã queria que ele voltasse. A Mamã chorava à noite porque ele não voltava. A Mamã abafava os soluços na almofada à noite, mas Sarah ouvia-os.

Mordeu o lábio e baixou a cabeça, a brincar distraidamente com a boneca.

- E se eu adoecesse e morresse, Mamã?

- Não vais adoecer - disse a Mamã, lançando-lhe um olhar. Sorriu. - És demasiado nova e saudável para morreres.

Sarah pôs-se a ver a mãe escovar o cabelo. Era como luz do sol a escorrer-lhe sobre os ombros pálidos. A Mamã era tão bonita. Como é que Alex podia não a amar?

- Mas se eu morresse, Mamã, ele voltava e ficava contigo?

A Mamã ficou imóvel. Virou-se e fitou Sarah, e a expressão horrorizada nos seus olhos assustou-a. Não devia ter dito aquilo. Agora a Mamã poderia adivinhar que os ouvira brigar.

- Nunca penses tal coisa, Sarah.

- Mas...

- Não! Nunca mais voltas a fazer tal pergunta. Compreendes?

A Mamã nunca lhe tinha erguido a voz; Sarah sentiu tremer o queixo.

- Sim, Mamã.

- Nunca mais - disse a Mamã mais delicadamente. - Promete-me. Nada disto tem algo a ver contigo, Sarah. - A Mamã estendeu as mãos para a puxar a si e pôs-se a acariciá-la ternamente. - Eu adoro-te, Sarah. Adoro-te tanto. Adoro-te mais do que qualquer coisa ou qualquer pessoa em todo o mundo.

Exceto ele, pensou Sarah. Exceto Alex Stafford. E se ele voltasse? E se ele obrigasse a Mamã a escolher? O que faria ela então?

Cheia de medo, Sarah agarrou-se à mãe e rezou por que ele não voltasse.

*

Um homem jovem veio visitar a Mamã.

Sarah via a mãe falar com ele enquanto brincava com a sua boneca perto do fogão de sala. As únicas pessoas que vinham a esta casa eram Mister Pennyrod, que trazia lenha, e Bob. Bob gostava de Cleo. Trabalhava no mercado e falava a brincar sobre assados de bochechas de porco e pernas de borrego suculentas. Cleo ria-se, mas Sarah não achava que ele tivesse muita graça. Usava um avental branco todo sujo e coberto de sangue.

O jovem entregou uma carta à Mamã, mas ela não a abriu. Serviu-lhe chá, e ele disse obrigado. Não disse grande coisa depois disso, exceto para falar sobre o tempo e como era bonito o jardim de flores da Mamã. Disse que era um longo caminho a cavalo da cidade. A Mamã deu-lhe umas bolachas e esqueceu-se de Sarah.

Ela sabia que havia algo de errado. A Mamã estava sentada demasiado direita e falava numa voz muito baixa.

- Ela é uma menina bonita - disse o homem, e sorriu a Sarah, que baixou a cabeça, embaraçada, com receio de que a Mamã a mandasse sair da sala porque ele reparara nela.

- Sim, é. Obrigada.

- Parece-se com a senhora. Bonita como um nascer do sol.

A Mamã sorriu a Sarah.

- Sarah, porque não vais até lá fora cortar umas flores para a mesa?

Sarah pegou na sua boneca e saiu sem uma palavra de objeção. Queria agradar à Mamã. Tirou uma faca afiada da gaveta da cozinha e saiu para o jardim das flores. A Mamã preferia rosas. Sarah acrescentou esporeiras, goivos vermelhos, ranúnculos, margaridas e malmequeres até o cesto de palha que trazia no braço ficar cheio.

Quando voltou para dentro de casa, o jovem já tinha ido embora. A carta estava aberta no regaço da Mamã. Tinha os olhos brilhantes e as faces com uma cor viva. Sorriu ao mesmo tempo que dobrava a carta e a enfiava na manga. Pôs-se de pé, veio até junto de Sarah, ergueu-a no ar e balouçou-a à volta toda alegre.

- Obrigada por teres ido buscar as flores, querida. - Beijou Sarah. Quando a Mamã a pousou no chão, Sarah pôs o cesto em cima da mesa.

- Adoro flores - disse a Mamã. - São tão encantadoras, não são? Porque não as arranjias tu na jarra desta vez? Preciso de procurar uma coisa na cozinha. Oh, Sarah! Está um dia lindo, maravilhoso, não está?

Estava um dia horrível, pensou Sarah, a vê-la afastar-se. Sentia-se doente com o temor. Pegou na grande jarra que estava em cima da mesa e levou-a lá para fora, deitando as flores murchas na compostagem. Tirou água fresca do poço e verteu-a para dentro da jarra. A água salpicou-lhe o vestido ao levar a jarra para dentro de casa, e pousou-a em cima da mesa. Não cortou os pés das flores nem retirou folhas. Não lhe importava o aspeto com que ficassem e sabia que a Mamã nem repararia.

Alex Stafford ia regressar.

A Mamã voltou à sala com Cleo.

- Oh, querida. Tenho uma notícia maravilhosa. A Cleo fez planos para ir para a beira-mar esta semana, e quer levar-te com ela. Não é fantástico?

O coração de Sarah pôs-se a bater acelerado e com força.

- Não é simpático da parte dela? - prosseguiu a Mamã toda animada. - Ela tem um amigo que é gerente de uma estalagem, e ele simplesmente adora meninas pequenas.

O sorriso de Cleo era rígido e frio.

Sarah olhou para a mãe.

- Eu não quero ir, Mamã. Quero ficar contigo. - Sabia o que estava a acontecer. A Mamã ia mandá-la para longe porque o seu pai não a queria. Talvez a Mamã também já não a quisesse.

- Que tolice - disse a Mamã, e riu-se. - Nunca estiveste em mais lugar nenhum a não ser aqui, e precisas de ver algo do mundo. Vais gostar do oceano, Sarah. É tão maravilhoso. E podes sentar-te na areia e escutar as ondas. Podes construir castelos e encontrar conchinhas. Espera só até sentires a espuma das ondas fazer-te cócegas nos dedos dos pés.

A Mamã parecia novamente cheia de vida. Sarah sabia que era por causa da carta. Alex devia ter escrito que vinha ver a Mamã. Ela não queria outra cena como a última, portanto ia tirar Sarah do caminho dele. Sarah viu o rosto animado da mãe e o coração caiu-lhe aos pés.

- Vá lá, querida. Vamos lá preparar-te para ires.

Sarah viu as suas coisas serem dobradas e enfiadas num saco de viagem. A Mamã mal podia esperar para se ver livre dela.

- Onde está a tua boneca? - perguntou a Mamã, olhando à sua volta. - Vais querer levá-la contigo.

- Não.

- Porque não? Nunca andas sem a tua boneca.

- Ela quer ficar em casa contigo.

A Mamã franziu a testa, mas não insistiu. Nem mudou de ideias.

Cleo voltou para vir buscar Sarah, e fizeram a pé o caminho de uma milha até à cidade. Cleo comprou os bilhetes quando a diligência estava a chegar. O condutor

encarregou-se dos sacos de viagem e Cleo pegou em Sarah e meteu-a na diligência. Quando a criada entrou, sentou-se em frente a ela e sorriu-lhe. Os seus olhos castanhos estavam muito brilhantes.

- Vamos ter uma aventura, Sarah.

Sarah queria saltar da diligência e correr para casa, para junto da Mamã, mas a Mamã só a mandaria de volta outra vez. Quando os cavalos partiram, Sarah agarrou-se à janela, a olhar lá para fora, para as casas familiares por que passavam a toda a velocidade. A diligência atravessou a ponte e seguiu ao longo de uma estrada ladeada por bosques. Tudo o que era familiar a Sarah estava a desaparecer rapidamente de vista, e ela recostou-se no assento aos solavancos. Quanto mais se afastavam, tanto mais desolada se sentia.

- Vamos ficar na estalagem Four Winds - disse Cleo, claramente satisfeita por Sarah parecer querer ficar em silêncio. Provavelmente, esperara que ela fizesse uma birra. Se ela achasse que isso levaria a Mamã a mudar de ideias, talvez o tivesse feito. Nunca estivera longe da Mamã por mais do que um par de horas. Mas Sarah adivinhara que uma birra não alteraria as coisas. Alex Stafford vinha lá a casa, portanto ela tinha de ir embora. Deixou-se ficar sentada, imóvel e solene.

- Têm boa comida e quartos decentes - disse-lhe Cleo. - E vamos ficar perto do mar. Podes ir por um pequeno caminho relvado e chegar aos penhascos. As ondas batem nas rochas. É um som maravilhoso, e o cheiro a maresia é melhor do que qualquer outra coisa.

Melhor do que qualquer outra coisa...

Sarah gostava da sua casa e do jardim das flores nas traseiras. Gostava de se sentar ao lado da casa da refrigeração com a Mamã, ambas com os pés descalços metidos no ribeiro.

A lutar contra as lágrimas, voltou a olhar pela janela. Ardiam-lhe os olhos e sentia a garganta em carne viva por

causa da poeira da estrada. As horas passavam lentamente; o martelar duro dos cascos dos cavalos fazia-lhe doer a cabeça. Sentia-se cansada – tão cansada que mal conseguia manter os olhos abertos, mas, de cada vez que os fechava, a diligência dava um solavanco ou oscilava fortemente, fazendo-a acordar assustada.

O condutor parou a diligência uma vez para mudar de cavalos e fazer pequenas reparações. Cleo levou Sarah à latrina. Quando Sarah saiu, Cleo não se via em lado nenhum. Sarah correu para a diligência, depois para os estábulos e finalmente para a estrada, a gritar o nome de Cleo.

– Cala-te com isso! Meu Deus, a que vem essa berraria toda? – disse Cleo, correndo para ela. – Pensar-se-ia que eras uma galinha sem cabeça, da maneira como andavas a correr às voltas.

– Onde é que tu *estavas*? – quis saber Sarah, com as lágrimas a correrem-lhe pelas faces. – A Mamã disse que era para ficarmos juntas!

Cleo arqueou as sobrancelhas.

– Bem, peço perdão, vossa senhoria, mas estava a beber uma caneca de cerveja. – Baixou o braço e agarrou a mão de Sarah, conduzindo-a de novo para o edifício da estação das diligências.

A mulher do chefe da estação estava à porta, a secar as mãos.

– Que menina tão bonita – disse, sorrindo a Sarah. – Tens fome, minha doçura? Ainda tens tempo para uma malga de estufado de borrego.

Sarah baixou a cabeça, tímida sob o olhar atento da mulher.

– Não, obrigada, minha senhora.

– E bem educada também – disse a senhora.

– Anda daí, Sarah – disse Cleo, empurrando-a para dentro.

A senhora deu uma palmadinha nas costas de Sarah a conduzi-la para uma mesa.

- Tens de pôr um bocadinho de carne nesses ossos, minha doçura. Experimenta o meu estufado. Dizem que sou uma das melhores cozinheiras nesta linha.

Cleo sentou-se e pegou de novo na sua caneca de cerveja.

- Tens de comer alguma coisa antes de irmos embora.

- Não tenho fome.

Cleo inclinou-se para a frente.

- Não quero saber se tens fome ou não - disse em voz baixa. - Vais fazer o que te mandam. O condutor disse que ainda falta uma meia hora para partirmos, e vão ser mais umas três ou quatro até chegarmos à costa. Não quero ouvir-te queixar que estás com fome nessa altura. Esta é a tua última oportunidade de comer alguma coisa até à estalagem Four Winds.

Sarah fitou Cleo, a esforçar-se por não chorar. Cleo suspirou pesadamente e depois estendeu a mão para lhe fazer uma festa desajeitada no rosto.

- Come só qualquer coisa, Sarah - disse. Obediente, Sarah pegou na colher e começou a comer. A Mamã dissera que esta viagem tinha sido planeada para ela, mas até mesmo Cleo se comportava como se ela só estivesse a atrapalhar. Era óbvio que a Mamã a mandara para fora para se ver livre dela.

Quando partiram na diligência outra vez, Sarah manteve-se calada. Sentou-se ao lado da janela e pôs-se a olhar lá para fora, com as suas pequenas mãos unidas no regaço e as costas direitas. Cleo parecia grata pelo silêncio e finalmente adormeceu. Quando acordou, sorriu a Sarah.

- Sentes o cheiro a maresia? - perguntou. Sarah estava sentada na mesma posição em que se encontrava quando Cleo adormeceu, mas sabia que no seu rosto empoeirado havia riscos brancos das lágrimas que não conseguira conter. Cleo limitou-se a fitá-la com um ar triste e depois virou-se para olhar pela janela.

Chegaram à estalagem Four Winds pouco depois do pôr do sol. Sarah agarrou-se à mão de Cleo enquanto o

condutor desatava os seus sacos de viagem. Ouviu um forte rugido, como um monstro, e sentiu medo.

- Que som é aquele, Cleo?

- É o mar a rebentar nas rochas. Fantástico, não é?

Sarah pensou que era o som mais temível que alguma vez ouvira. O vento uivava nas árvores como um animal selvagem à procura de presa de sangue quente, e quando a porta da estalagem se abriu ela ouviu risadas altas e homens aos berros. Recuou imediatamente, não querendo entrar.

- Tem cuidado - disse Cleo, empurrando-a para a frente. - Pega no teu saco. Eu tenho o meu para levar.

Sarah arrastou o seu saco até à soleira da porta. Cleo empurrou a porta com o ombro e entrou, com Sarah logo atrás dela. Cleo olhou à volta da sala e depois sorriu. Sarah seguiu o seu olhar e viu um homem ao balcão a fazer braço de ferro com um marinheiro musculoso. Um homem grande estava a servir cerveja e avistou Cleo imediatamente. Inclinou-se para acotovelar o homem que estava a fazer braço de ferro e acenou com a cabeça na direção de Cleo, a falar baixo. O homem virou ligeiramente a cabeça e o marinheiro, aproveitando a sua falta de atenção, derrubou-lhe o braço sobre o balcão com um grito de triunfo. Sarah viu com medo o homem vencido pôr-se de pé a cambalear e dar um soco no olho direito do marinheiro que o fez cair por terra.

Cleo riu-se. Parecia ter-se esquecido de Sarah, que se escondia agora por trás das saias dela. Sarah gemeu baixinho quando o homem do balcão se dirigiu a Cleo e lhe pregou um grande beijo, por entre os berros dos outros homens no bar. Quando desviou os olhos de Cleo e fitou Sarah, ela pensou que ia desmaiar com o medo. O homem ergueu as sobrancelhas.

- Uma bastarda? Deves ter andado com um tipo bonito, pelo aspeto dela.

Cleo demorou um momento a recuperar o fôlego e a compreender do que ele estava a falar.

- Oh, ela. Não, Merrick. Não é minha. É filha da senhora para quem trabalho.

- O que é que ela está a fazer aqui contigo?

- É uma longa e triste história que eu preferia esquecer por agora.

Merrick acenou com a cabeça e fez-lhe uma festa na face.

- E gostas da vida no campo? - Sorria, mas Sarah não achou que fosse um sorriso agradável.

Cleo sacudiu a cabeça.

- É tudo o que sempre esperei que seria.

Ele riu-se e pegou no saco de viagem dela.

- É por isso que estás de volta à Four Winds, eh? - Pegou no saco de Sarah também e fez-lhe um sorriso rasgado, rindo-se quando ela recuou como se ele fosse o próprio diabo.

Sarah nunca vira ninguém como Merrick. Era muito grande e tinha cabelo preto e uma barba aparada. Recordava-lhe as histórias de piratas que a Mamã lhe contava. A sua voz era alta e grossa, e olhava para Cleo como se a quisesse comer. Cleo não parecia importar-se. Não prestava atenção a Sarah, e atravessou o bar. Sarah seguiu-a, com demasiado receio de ficar para trás. Todas as pessoas estavam a fitá-la.

- Hei, Stump, dá à nossa Cleo uma caneca de cerveja! - berrou Merrick ao empregado do bar grisalho, que recebeu Cleo com uma piscadela de olho e um sorriso. Merrick pegou em Sarah pela cintura e ergueu-a bem alto, pousando-a depois em cima do balcão. - E vinho com água para esta miúda pálida. - Apalpou o casaco de veludo dela. - A tua mamã deve ser rica, eh?

- O papá dela é que é rico - disse Cleo. - E também é casado.

- Oh. - Merrick fez um sorriso trocista a Cleo. - Então é isso. Pensei que tu quisesse um trabalho respeitável.

- É respeitável. Ninguém me olha de alto.

- Sabem que trabalhaste num bar cinco anos antes de decidires melhorar a tua posição na vida? - Passou a mão pelo braço dela. - Já para não mencionar uns trabalhinhos à parte...

Cleo lançou um olhar a Sarah e depois sacudiu a mão dele.

- A Mae sabe. Não é do tipo de olhar de alto para as outras pessoas. Gosto dela.

- Esta garotinha é parecida com ela?

- É a cara chapada da mãe.

Merrick pegou no queixo de Sarah e fez-lhe uma festa na face.

- Olhos azuis como violetas e cabelo como um anjo. A tua mamã deve ser muito linda se é parecida contigo. Gostava de a ver.

Cleo empertigou-se, e Sarah pensou que ela estava zangada. Queria que Merrick a deixasse em paz, mas ele continuava a acariciar-lhe a face. Sarah queria estar tão longe quanto fosse possível deste homem horrível com a sua barba preta e os seus olhos escuros e o seu sorriso maldoso.

- Deixa-a em paz, Merrick. Ela já está com medo que chegue sem tu te meteres com ela. É a primeira vez que está longe da sua mamã.

Ele riu-se.

- Realmente, parece um bocado pálida. Vá lá, garotinha. Eu não te faço mal. Bebe lá. - Empurrou a caneca de vinho com água na direção dela. - É isso mesmo. Um bocadinho disto e deixas de ter medo seja do que for. - Riu-se de novo quando Sarah fez uma careta de repugnância. - Ela está acostumada a alguma coisa melhor?

- Não está acostumada a nada - disse Cleo, e Sarah sentiu mais certeza agora de que ela estava zangada. Não lhe agradava que Merrick estivesse a prestar tanta atenção a Sarah. Olhou para Sarah, claramente irritada com a

maneira como ela estava a reagir a Merrick. – Não sejas assim tão cobarde. Ele é só bazófia e pouco mais. – O velho Stump e os outros ao balcão riram-se, e Merrick com eles.

Sarah sentia vontade de saltar para o chão e fugir das vozes altas, das risadas e dos olhares fixos. Soltou um soluço de alívio quando Cleo estendeu os braços para a tirar do balcão e depois lhe pegou na mão e a levou até uma mesa. Mordeu o lábio quando Merrick as seguiu. Ele puxou uma cadeira e sentou-se. Sempre que as canecas ficavam vazias, mandava vir mais cerveja. Dizia piadas, e Cleo ria-se muito. Uma vez, pôs a mão debaixo da mesa, e Cleo enxotou-a. Mas estava a sorrir e a falar cada vez mais. E a sua voz soava estranha, como se as palavras estivessem todas encavalitadas umas nas outras.

Chovia lá fora e os ramos das árvores raspavam as vidraças. Sarah sentia-se cansada, com as pálpebras tão pesadas que mal conseguia manter os olhos abertos.

Merrick ergueu de novo a caneca.

– A garotinha está com sono.

Cleo tocou na cabeça de Sarah.

– Cruza os braços em cima da mesa e dorme um bocado – Sarah fez o que ela mandou, a desejar que pudessem sair dali. Claramente, Cleo ainda não estava disposta a isso. Parecia estar a divertir-se, e olhava para Merrick e sorria-lhe de uma maneira como Sarah nunca a vira sorrir.

– Porque é que tiveste de a trazer para a Four Wind? – perguntou Merrick. Sarah manteve os olhos fechados, a fingir que dormia.

– Porque a mamã dela está a receber o papá todo fino dela, e ambos a queriam fora do caminho deles. – As palavras de Cleo eram frias. – Não faças isso.

– Não? – Ele riu-se baixo. – Sabes que foi para o que vieste. Que mal têm esses rapazes do campo?

– Nada. Um anda atrás de mim para eu casar com ele.

– Vamos até lá acima para falarmos sobre porque voltaste.

- E o que é que eu hei de fazer com ela? Fiquei furiosa quando a Mae me pediu para a trazer.

Sarah sentiu lágrimas picarem-lhe os olhos e um aperto na garganta. Já ninguém a queria?

- Parece-me que seria fácil despachar essa coisinha bonita. Alguém com certeza a quererá.

- Foi o que eu disse à Mae, mas ela diz que não. Confia em mim. Quando o homem dela não está lá para brincarem às casinhas, a única coisa que ela tem é esta criança. Praticamente a única coisa que a Mae sabe é como parecer bonita e como cultivar flores.

- Pensei que tinhas dito que gostavas dela.

- E não desgosto, mas sempre que Sua Majestade decide fazer uma visita, adivinha quem é que tem de lhe aturar a bastarda. Torna-se cansativo arrastar uma criança de um lado para o outro, especialmente uma criança que nem me pertence.

Merrick riu-se.

- Bem, porque é que não a atiras dos penhascos? Talvez a mamã e o papá dela o vissem como um favor. Talvez até te dessem um bónus.

O coração de Sarah batia com força.

- Isso não tem piada, Merrick. - O suspiro de Cleo foi fundo, irritado. - É melhor acordá-la e ir deitá-la. Foi um dia muito comprido para ela. - Acotovelou Sarah, que ergueu a cabeça, aliviada. Cleo pegou-lhe na mão. - Anda daí. Vamos para a cama agora. Diz boa noite a Mister Merrick.

Ele sorriu.

- Eu acompanho-as até lá acima, minhas senhoras.

Quando Cleo abriu a porta do seu antigo quarto, Merrick segurou-a e entrou também. Sarah olhou para Cleo, alarmada.

- O que é que estás a fazer? - segredou Cleo furiosa. - Não podes entrar aqui comigo. Ela vai contar à mãe e eu perco o emprego.

- Eu trato disso. - Merrick inclinou-se e beliscou o queixo de Sarah. - Se tu disseses alguma coisa a alguém sobre eu estar neste quarto com a Cleo, corto-te a tua pequena língua cor-de rosa. Compreendes? - Sarah acreditou nele e acenou com a cabeça. Ele sorriu ligeiramente e soltou-a. Ela correu para o canto e acocorou-se lá, a tremer e a sentir-se enjoada. - Estás a ver? - exclamou Merrick todo contente. - Não tens nada com que te preocupar. Ela não vai dizer uma palavra sobre nós a ninguém.

Cleo fitou-o, de olhos arregalados. Parecia perturbada, e Sarah tinha a esperança de que mandasse Merrick embora.

- Isso foi terrivelmente cruel - disse, olhando para Sarah. - Ele não falou a sério, meu amor. Só estava a brincar. Não acredites numa palavra do que ele disse.

- Podes acreditar, garota. Eu não estava nada a brincar. - Puxou Cleo a si. - Cruel? Cruel seria pores-me fora quando só quero estar contigo.

Ela afastou-o com um empurrão. Ele voltou a estender os braços para ela, e ela esquivou-se - mas mesmo Sarah conseguia ver que o seu esforço era pouco empenhado. Como é que Cleo podia deixar este homem aproximar-se dela?

- Eu conheço-te, Cleo. - O sorriso de Merrick era vago, os seus olhos brilhavam. - Porque é que voltaste de tão longe para a Four Winds? Só para ver de novo o mar?

- Está tanto no meu sangue quanto no teu.

Merrick agarrou-a e beijou-a. Cleo debateu-se, a tentar soltar-se, mas ele segurava-a com força. Quando ela deixou de estrebuchar, encostada a ele, ele afastou-se o suficiente para dizer:

- Está mais do que isso no teu sangue.

- Merrick, não. Ela está a ver...

- E depois?

Beijou-a de novo e desta vez ela deu luta. Sarah continuava sentada, paralisada com medo. Talvez ele matasse as duas.

- Não! - disse Cleo furiosa. - Sai daqui. Não posso fazer isto. Eu devia estar a tomar conta *dela*.

Ele riu-se.

- Não sabia que o dever era tão importante para ti. - Soltou-a, mas Sarah não achou que Cleo parecesse nada satisfeita. Dava a ideia de que ia chorar. Merrick sorriu e virou costas a Sarah. - Anda daí, garotinha.

- O que é que tu vais fazer, Merrick? - quis saber Cleo quando Sarah se pôs de pé para lhe escapar.

- Vou pô-la fora do quarto. Não lhe faz mal nenhum esperar um bocado no corredor. E não digas que não. Conheço-te muito bem. Além disso, ela vai ficar mesmo junto à porta. Ninguém a vai incomodar. - Tirou um cobertor e uma almofada da cama e fez sinal a Sarah. - Não me faças ir aí buscar-te.

Sarah não se atreveu a desobedecer.

Seguiu Merrick para o corredor e viu-o atirar para o chão o cobertor e a almofada. Algo grande desceu o corredor em passinhos apressados e escondeu-se no escuro. Ela fitou Merrick, de olhos arregalados.

- Senta-te aqui e não dês nem um passo. Se não ficares aqui quietinha, vou à tua procura e levo-te até ao mar e dou-te de comer aos caranguejos. Compreendes?

A boca de Sarah estava seca e ela não conseguia pronunciar nenhuma palavra. Por isso, limitou-se a acenar com a cabeça.

Cleo veio à porta.

- Merrick, não posso deixá-la aí fora. Vi uma ratazana.

- Ela é demasiado pequena para as ratazanas quererem alguma coisa com ela. Vai ficar bem. - Deu uma palmadinha na face de Sarah. - Não vais? Ficas aqui fora até a Cleo te vir buscar. Não te mexas deste sítio até ela te vir buscar.

- S-sim, senhor - gaguejou ela, com a voz presa na garganta.

- Estás a ver? - Endireitou-se e virou Cleo, empurrando-a para dentro do quarto. Fechou a porta firmemente atrás

deles.

Sarah ouvia Merrick falar e Cleo soltar umas risadinhas. Depois ouviu outros sons também, e sentiu medo. Queria fugir dos sons que eles faziam, mas lembrou-se do que Merrick dissera que lhe faria se ela desse um passo. Aterrada, cobriu a cabeça com o cobertor sujo e tapou os ouvidos com as mãos.

O silêncio que se seguiu tornou-se pesado. Sarah espiou o corredor escuro. Sentia uns olhos a observarem-na. E se a ratazana voltasse? O seu coração era como um tambor que lhe ribombava por todo o seu corpo. Ouviu um arranhar delicado e encostou as pernas ao peito com força, a fitar o escuro, cheia de medo do que espreitava ali.

A porta abriu-se com um estalido e ela deu um salto. Merrick saiu. Ela encostou-se mais à parede, com a esperança de que ele não a visse. E não viu. Esquecera-se de que ela existia. Nem sequer lhe lançou um olhar ao descer o corredor e as escadas. Cleo viria buscá-la agora. Cleo tirá-la-ia deste corredor escuro.

Passaram-se minutos, depois uma hora, e outra.

Cleo não saiu para a vir buscar. Enroscada no cobertor e encostada à parede, Sarah esperou – como esperara pela Mamã naquele dia em que Alex viera.

*

Doía a cabeça a Cleo quando acordou com a luz do sol no rosto. Bebera demasiada cerveja na noite anterior e sentia a língua inchada. Estendeu o braço, mas Merrick já se tinha ido. Era mesmo típico dele. Ela não ia preocupar-se com isso agora. Depois da noite passada, como podia ele negar que a amava? Precisava de beber café. Levantou-se, lavou o rosto e vestiu-se. Ao abrir a porta, viu a criança encolhida no corredor frio, com olheiras escuras à volta dos seus olhos azuis.

– Oh! – exclamou Cleo em voz baixa. Esquecera-se completamente da sua responsabilidade. O medo e a culpa

atacaram-na. E se Mae descobrisse que ela deixara a sua filha num corredor escuro e frio durante uma noite inteira? Pegou em Sarah ao colo e levou-a para o quarto. As suas mãozinhas estavam como gelo e parecia muito pálida.

- Não contes à tua mamã - pediu num tom choroso. - A culpa vai ser tua se ela me despedir. - Sentia-se cada vez mais furiosa por ser posta numa situação assim tão precária, o seu emprego dependente do silêncio de uma criança. - Porque é que não vieste para a cama ontem à noite como devias? O Merrick disse-te para voltares para dentro quando ele saísse.

- Não, não disse. Disse para não me mexer até tu me vires buscar - segredou Sarah desanimada, começando a chorar ao ver a fúria de Cleo.

- Não mintas! Eu ouvi-o! Ele não disse isso, de maneira nenhuma!

Sarah pôs-se a chorar ainda mais, parecendo confusa e assustada.

- Desculpa, Cleo. Desculpa. Desculpa. - Os olhos da menina estavam arregalados e vermelhos. - Por favor não digas nada ao Merrick. Não deixes que ele me atire dos penhascos ou me dê a comer aos caranguejos, como disse que faria.

- Cala-te! Para de chorar - disse Cleo, acalmando-se. - Chorar não te adianta de nada. Alguma vez adiantou alguma coisa à tua mamã? - Cheia de remorsos, puxou Sarah para os seus braços e encostou-a ao peito. - Não vamos contar a ninguém. Vai ficar só entre nós as duas.

Merrick não voltou à estalagem Four Winds e Cleo embebedou-se nessa noite. Deitou Sarah cedo e voltou para o bar, na esperança de que ele viesse mais tarde. Não veio. Ela ficou um pouco mais de tempo, a rir-se com os outros homens e a fingir que não se importava. A seguir, levou uma garrafa de rum para o andar de cima. Sarah estava sentada na cama, bem desperta, com os olhos arregalados.

Cleo sentia vontade de falar. Sentia vontade de desabafar a sua irritação com Merrick. Detestava-o por ele lhe ter mais uma vez partido o coração. Já permitira que ele o fizesse tantas vezes. Quando é que aprenderia a dizer-lhe que não? Porque tinha voltado? Já devia saber o que aconteceria, o que acontecia sempre.

- Vou contar-te a verdade de Deus, pequenita. Ouve-me com atenção. - Bebeu um grande gole de rum e engoliu as lágrimas e a infelicidade e deixou que o azedume e a fúria viessem à tona e lhe escorressem dos lábios. - Tudo o que os homens querem fazer é usar-te. Quando lhes dás o teu coração, partem-no em pedaços. - Bebeu mais, e começou a ficar com a voz arrastada. - Nenhum deles quer saber. Olha o exemplo do teu papá todo fino. Ele quer saber da tua mamã? Não.

Sarah enterrou-se freneticamente debaixo da roupa de cama e meteu os dedos nos ouvidos. Então, a princesinha não queria ouvir a horrível verdade? Bem, era uma pena. Furiosa, Cleo arrancou a roupa de cama de cima de Sarah. Quando Sarah se tentou afastar, ela agarrou-a pelas pernas e arrastou-a para cima da cama.

- Senta-te e ouve-me! - Puxou a criança para cima e sacudiu-a. Sarah fechou os olhos com força e virou o rosto. - Olha para mim! - ordenou Cleo enraivecida, sem ficar satisfeita até ela lhe obedecer.

Sarah fitou-a com os olhos arregalados e cheios de medo. Tremia violentamente. Cleo deixou de a apertar com tanta força.

- A tua mamã pediu-me para olhar bem por ti - disse. - Bem, eu vou olhar por ti. Vou contar-te a verdade de Deus. Escuta e aprende. - Solto-a e Sarah deixou-se ficar sentada imóvel.

Lançando um olhar furioso à menina pequena, Cleo tombou sobre uma cadeira junto à janela e bebeu mais um gole de rum. Apontou, a tentar manter a mão firme.

- O teu papá todo fino não quer saber de ninguém, muito menos de ti. E do que quer saber na tua mãe é do que ela está disposta a dar-lhe. E ela dá-lhe tudo. Ele aparece quando muito bem entende, usa-a e depois vai-se embora no seu cavalo para a sua bela casa na cidade, com a sua esposa aristocrática e os seus filhos bem criados. E a tua mãe? Vive à espera da próxima vez em que o verá.

Viu Sarah recuar até ficar encostada à parede com a tinta esfolada. Como se isso a protegesse. Nada protegia uma mulher dos duros e frios factos. Cleo soltou uma gargalhada triste e abanou a cabeça.

- Ela é uma tontinha tão doce e estúpida. Espera por ele e roja-se por terra para lhe beijar os pés quando ele volta. Sabes porque é que ele esteve ausente tanto tempo? Por tua causa. Não suporta ver o seu rebento. A tua mamã chora e suplica, mas que bem é que isso alguma vez lhe fez? Mais cedo ou mais tarde, ele vai cansar-se dela e atirá-la para o lixo. E tu com ela. É a única coisa com que podes contar.

Sarah estava agora a chorar, e estendeu a mão para limpar as lágrimas das faces.

- Ninguém quer saber de ninguém neste mundo - disse Cleo, sentindo-se mais triste e mais desanimada a cada segundo que passava. - Simplesmente nos usamos uns aos outros de uma maneira ou de outra. Para nos sentirmos bem. Para nos sentirmos mal. Para não sentirmos nada de nada. Os que têm sorte fazem-no muito bem. Como o Merrick. Como o teu papá rico. Nós, os outros, apanhamos o que podemos.

Cleo estava a ter dificuldade em pensar direito. Queria continuar a falar, mas sentia as pálpebras tão pesadas que não conseguia manter os olhos abertos. Afundou-se mais na cadeira e pousou o queixo no peito.

Só precisava de descansar por um minuto. Era tudo. Depois, tudo ficaria melhor...

Sarah ficou a ver Cleo murmurar e afundar-se mais na cadeira até adormecer. Roncava e escorria-lhe saliva do canto da boca entreaberta.

Sarah deixou-se ficar sentada na cama desfeita, a tremer e a ponderar se Cleo teria razão. Lá no fundo, algo lhe dizia que sim. Se o seu pai quisesse saber dela, teria desejado que ela tivesse morrido? Se a Mamã quisesse saber dela, tê-la-ia mandado para longe?

A verdade de Deus. O que era a verdade de Deus?

Partiram na manhã seguinte. Sarah não avistou o mar nem uma vez.

*

Quando chegaram a casa, a Mamã fingiu que tudo estava bem, mas Sarah sabia que algo estava terrivelmente errado. Havia caixotes por ali, e a Mamã estava a fazer as malas.

- Vamos visitar a tua avó e o teu avô - disse a Mamã num tom animado, mas os seus olhos pareciam baços e mortícios. - Eles nunca te viram. - Disse a Cleo que lamentava ter de a despedir, e Cleo disse que não fazia mal. Decidira casar com Bob, o talhante, afinal. A Mamã disse que esperava que Cleo fosse muito feliz, e Cleo foi-se embora.

Sarah acordou a meio da noite. A Mamã não estava na cama, mas Sarah ouvia-a. Seguiu o som da voz desatinada da mãe e foi até à sala. A janela estava aberta e Sarah foi olhar lá para fora. O que é que a Mamã estava a fazer lá fora a meio da noite?

O luar escorria sobre o jardim das flores e Sarah viu a mãe ajoelhada, com a sua fina camisa de noite branca. Estava a arrancar todas as flores. Punhado atrás de punhado, puxava as plantas e atirava-as em todas as direções, a chorar e a falar sozinha ao mesmo tempo. Pegou numa faca e pôs-se de pé. Voltou a tombar sobre os joelhos

ao lado das suas queridas roseiras. Uma atrás de outra, cortou-lhes as raízes. A todas, sem poupar nenhuma.

A seguir, inclinou-se para a frente e desatou a soluçar, balouçando-se para a frente e para trás, para a frente e para trás, com a faca ainda na mão.

Sarah afundou-se sobre o soalho em casa e escondeu-se no escuro da sala, com as mãos a tapar a cabeça.

*

Viajaram todo o dia numa diligência e nessa noite dormiram numa estalagem. A Mamã pouco falava, e Sarah apertava a sua boneca com força contra o peito. Havia uma cama no quarto e Sarah dormiu toda contente nos braços da sua mãe. Quando acordou de manhã, a Mamã estava sentada à janela a passar as contas do rosário pelos dedos e a rezar. Sarah pôs-se a escutar, sem compreender, com a sua mãe a repetir as mesmas palavras uma e outra vez.

- Perdoai-me, Jesus. Fi-lo a mim mesma. *Mea culpa, mea culpa...*

Viajaram mais um dia numa outra diligência e chegaram a uma cidade. A Mamã estava tensa e pálida. Sacudiu as roupas de Sarah e endireitou o seu chapéu. Pegou na mão de Sarah e caminharam muito, muito tempo até chegarem a uma rua ladeada por árvores.

A Mamã aproximou-se de uma vedação branca e parou ao portão.

- Meu Deus, por favor, por favor, que eles me perdoem - segredou. - Oh, por favor, meu Deus.

Sarah olhou para a casa diante de si. Não era muito maior do que a casinha delas, mas tinha um alpendre bonito e vasos com flores nos peitoris. Havia cortinas de renda em todas as janelas. Agradava-lhe muito.

Quando chegaram à porta, a Mamã inspirou fundo e bateu. Veio uma mulher à porta. Era pequena e grisalha e trazia um vestido de chita florida com um avental branco a

tapá-lo. Fitou a Mamã, e os seus olhos azuis encheram-se de lágrimas.

- Oh - disse. - Oh, *Oh...*

- Voltei para casa, mãe - disse a Mamã. - Por favor, deixe-me voltar para casa.

- Não é assim tão fácil. Tu sabes que não é assim tão fácil.

- Não tenho mais para onde ir.

A senhora olhou para Sarah.

- Não preciso de perguntar se esta é a tua filha - disse com um sorriso triste. - É muito linda.

- Por favor, Mamã.

A senhora abriu a porta e deixou-as entrar. Levou-as para uma pequena sala com muitos livros.

- Espera aqui enquanto eu vou falar com o teu pai - disse, e saiu. A Mamã pôs-se a andar de um lado para o outro, a torcer as mãos. Parou uma vez e fechou os olhos, a mover os lábios. A senhora voltou, com o rosto pálido e cheio de rugas e as faces molhadas. - Não - disse. Uma palavra. Foi tudo. Não.

A Mamã deu um passo na direção da porta da sala e a senhora fê-la parar.

- Ele só vai dizer coisas que te magoarão ainda mais.

- Que me magoarão? Como é que eu poderia ser ainda mais magoada, Mamã?

- Mae, por favor, não...

- Eu vou implorar. Vou-me pôr de joelhos. Vou-lhe dizer que ele tinha razão. Ele *tinha* razão.

- Não te servirá de nada. Ele disse que, para ele, a sua filha está morta.

A Mamã passou-lhe à frente.

- Eu não estou morta! - A senhora fez um gesto a Sarah para que ela ficasse na sala. Apressou-se a seguir a Mamã, fechando a porta ao sair. Sarah esperou, a ouvir vozes distantes.

A Mamã voltou daí a algum tempo. Tinha o rosto pálido, mas já não estava a chorar.

- Anda, querida - disse, num tom mortiço. - Vamos embora.

- Mae - disse a senhora. - Oh, Mae... - Meteu-lhe alguma coisa na mão. - É tudo o que tenho.

A Mamã não disse nada. A voz de um homem veio da outra divisão, uma voz zangada, ríspida.

- Tenho de ir - disse a senhora. A Mamã acenou com a cabeça e virou-se.

Quando chegaram ao fim da rua ladeada por árvores, Mae abriu a mão e olhou para o dinheiro que a sua mãe tinha posto nela. Soltou uma risada suave e embargada. Ao fim de um momento, pegou na mão de Sarah e continuou a andar, com as lágrimas a correrem-lhe pelas faces.

*

A Mamã vendeu o seu anel de rubis e as suas pérolas. Ela e Sarah viveram numa estalagem até se acabar o dinheiro. A Mamã vendeu a sua caixa de música e durante algum tempo viveram bastante confortavelmente numa casa de hóspedes barata. Por fim, ela pediu a Sarah que lhe devolvesse o cisne de cristal, e com o dinheiro que obtiveram viveram muito tempo num hotel degradado antes de a Mamã encontrar e as instalar de vez num barraco perto das docas de Nova Iorque.

Sarah viu finalmente o mar. Havia lixo a flutuar nele. Mesmo assim, agradava-lhe muito.

Por vezes, descia até ao cais e sentava-se lá. Agradavam-lhe o cheiro a maresia e os navios que chegavam carregados com mercadorias. Agradavam-lhe os sons da água a bater contra os pilares por baixo dela e as gaivotas a voarem por cima.

Havia homens rudes nas docas e marinheiros que vinham de todo o mundo. Alguns vinham visitar a Mamã e ela pedia a Sarah que esperasse lá fora até eles irem embora. Nunca

ficavam muito tempo. Por vezes, beliscavam-lhe a face e diziam que voltariam quando ela fosse um pouco mais crescida. Alguns diziam que ela era mais bonita do que a Mamã, mas Sarah sabia que isso não era verdade.

Não gostava deles. A Mamã ria-se quando eles vinham e comportava-se como se estivesse contente por os ver. Mas quando eles se iam embora, ela chorava e bebia uísque até adormecer na cama desfeita ao pé da janela.

Aos sete anos, Sarah pensava se Cleo não teria tido razão em parte sobre a verdade de Deus.

Depois, o Tio Rab veio viver com elas e as coisas melhoraram. Vinham menos homens visitar a Mamã, embora ainda aparecessem quando o Tio Rab não tinha moedas para fazer tilintar nos bolsos. Ele era um homem grande e tosco, e a Mamã tratava-o com afeto. Dormiam juntos na cama ao pé da janela e Sarah no colchão no chão.

- Ele não é lá muito esperto - dizia-lhe a Mamã -, mas é bondoso e tenta sustentar-nos. Os tempos estão difíceis, querida, e por vezes ele não consegue. Precisa da ajuda da Mamã.

Por vezes, ele só queria ficar sentado à porta a embebedar-se e a cantar canções sobre mulheres.

Quando chovia, ia à estalagem ao fundo da rua para estar com os amigos. A Mamã bebia e dormia. Para passar o tempo, Sarah procurava latas e lavava-as até elas brilharem como prata. Colocava-as por baixo das partes do telhado que deixavam passar a chuva. Depois, ficava sentada no barraco silencioso, com a chuva a cair, a escutar a música que as gotas faziam ao tilintarem nas latas.

Cleo também tivera razão quanto a chorar. Chorar não servia de nada. A Mamã chorava, chorava, até Sarah sentir vontade de tapar os ouvidos e nunca mais voltar a ouvi-la. O choro todo da Mamã nunca mudava nada.

Quando as outras crianças troçavam de Sarah e chamavam nomes à sua mãe, ela olhava para elas e não dizia nada. O que elas diziam era verdade; não se poderia

negar. Quando sentia as lágrimas a afluir-lhe aos olhos, a formarem uma enorme pressão dentro dela, quentes, tão quentes que ela receava que a queimassem, engolia-as cada vez mais para o fundo até se tornarem uma pedrinha dura no seu peito. Aprendeu a olhar para quem a atormentava e sorrir com uma arrogância e um desdém frios. Aprendeu a fingir que nada do que eles dissessem poderia afetá-la. E, por vezes, convencia-se de que nada a afetava.

No inverno em que Sarah tinha oito anos, a Mamã adoeceu. Não quis um médico. Disse que só precisava de descansar. Mas continuou a piorar e a sua respiração a tornar-se mais difícil.

- Toma conta da minha pequenina, Rab - disse a Mamã. Sorriu da maneira como sorria dantes, há muito tempo.

Morreu de manhã, com o primeiro raio da luz do sol da primavera no rosto e as contas do rosário nas suas mãos de uma brancura de morte. Rab chorou violentamente, mas Sarah não tinha lágrimas. O peso dentro de si parecia quase demasiado grande para poder suportá-lo. Quando Rab saiu por um momento, ela deitou-se ao lado da Mamã e pôs os braços à volta do seu corpo.

A Mamã estava muito fria e rígida. Sarah queria aquecê-la. Sentia os olhos cheios de areias e quentes. Fechou-os e segredou uma e outra vez:

- Acorda, Mamã. Acorda. Por favor, acorda. - Quando viu que ela não acordava, não conseguiu conter mais as lágrimas. - Quero ir contigo. Leva-me também. Deus, por favor, quero ir com a minha mamã. - Chorou até a exaustão a dominar, e só acordou quando Rab a tirou da cama. Estavam uns homens com ele.

Sarah viu que faziam menção de tocar na Mamã e berrou-lhes que a deixassem em paz. Rab apertou-a com força ao peito, quase a sufocando na sua camisa que fedia, enquanto os outros começaram a envolver a Mamã num lençol. Sarah ficou em silêncio quando viu o que tinham feito. Rab soltou-

a e ela sentou-se com força no chão e deixou-se ficar imóvel.

Os homens falavam como se ela não estivesse ali. Talvez ela já não estivesse ali. Talvez ela fosse diferente, como a Mamã dissera uma vez.

- Aposto que a Mae foi bem bonita em tempos - disse um enquanto começava a coser a mortalha sobre o rosto da Mamã.

- Está melhor morta - disse Rab, a chorar outra vez. - Pelo menos, agora já não está infeliz. Está livre.

Livre, pensou Sarah. Livre de mim. Se eu não tivesse nascido, a Mamã viveria numa casinha bonita no campo com flores a toda a volta. A Mamã seria feliz. A Mamã estaria viva.

- Espera um minuto - disse um dos homens, e tirou o rosário dos dedos da Mamã e atirou-o para o regaço de Sarah. - Aposto qu' ela ia querer que ficasses com ele, querida. - Acabou de coser a mortalha enquanto Sarah passava as contas do rosário pelos seus dedos frios, a fitar o nada.

Foram-se todos embora e levaram a Mamã com eles. Sarah ficou sentada sozinha durante muito tempo, a pensar se Rab manteria a promessa de cuidar dela. Quando a noite chegou e ele não apareceu, Sarah foi até às docas e atirou o rosário para um barco com lixo.

- De que serves tu? - gritou aos céus.

Não teve resposta.

Lembrou-se de a Mamã ir à igreja grande e falar com o homem de preto. Ele falou durante muito tempo e a Mamã escutou-o, de cabeça baixa e com lágrimas a correrem-lhe pelas faces. A Mamã nunca mais voltou, mas, por vezes, ainda passava as contas do rosário pelos seus dedos delgados enquanto a chuva cuspi na vidraça.

- De que serves tu?! - gritou Sarah de novo. - Diz-me! - Um marinheiro olhou-a com estranheza ao passar por ela.

Rab só voltou daí a dois dias, tão bêbedo que não se lembrava de quem ela era. Ela deixou-se ficar sentada de costas para a lareira a olhar para ele. Estava todo sentimental, com lágrimas a correrem-lhe pelas faces barbudas. De cada vez que erguia a garrafa meio vazia pelo gargalo, ela via a sua maçã de Adão subir e descer. Ao fim de algum tempo, caiu para o lado e pôs-se a risonhar, e o resto do uísque escorreu por entre as fendas do soaço. Sarah tapou-o com o cobertor e sentou-se ao lado dele.

- Está tudo bem, Rab. Eu vou tomar conta de ti. - Não poderia fazê-lo como a Mamã, mas arranjará maneira.

A chuva tamborilava a janela. Ela dispôs as suas latas e bloqueou a mente a tudo o que não fosse o som das gotas a tilintarem para dentro delas, a fazerem música na divisão fria e sem cor.

Estava contente, disse para consigo, mesmo contente. Ninguém viria bater à porta. Ninguém voltaria a incomodá-los.

Rab mostrou-se muito arrependido de manhã. Voltou a chorar.

- Tenho de manter a promessa que fiz à Mae, ou ela não vai descansar em paz. - Pôs a cabeça entre as mãos e olhou para ela com os seus olhos injetados e tristes. - O qu' é que eu vou fazer contigo, miúda? Preciso de uma bebida. Muito. - Procurou nos armários e não encontrou mais nada a não ser uma lata de feijões. Abriu-a e comeu metade, deixando o resto a Sarah. - Vou sair por um bocadinho e pensar nas coisas. Tenho de falar com uns amigos. Talvez eles possam ajudar.

Sarah deitou-se na cama e pôs a almofada da Mamã contra o rosto, a reconfortar-se com o aroma da sua mãe que persistia. Esperou pelo regresso de Rab. Com as horas a passarem, as tremuras começaram lá bem no fundo de si mesma.

Fazia frio; estava a cair neve. Sarah acendeu a lareira e comeu os feijões. A tremer, tirou um cobertor da cama e

embrulhou-se nele. Sentou-se tão perto da lareira quanto podia.

O sol estava a pôr-se, e o silêncio era como a morte. Tudo abrandou dentro de si, e pensou que, se fechasse os olhos e se descontraísse, poderia parar de respirar e morrer. Tentou concentrar-se nisso, mas ouviu a voz de um homem, a falar todo entusiasmado. Era Rab.

- Vais ficar satisfeito. Juro. Ela é uma boa miúda. Parece-se com a Mae. É bonita. Mesmo bonita. E esperta.

Sarah sentiu-se aliviada quando ele abriu a porta. Não estava bêbedo, só ligeiramente toldado, com os olhos brilhantes e alegres. Sorria pela primeira vez desde há semanas.

- Vai ficar tudo bem agora, miúda - disse ele, e trouxe outro homem para dentro do barraco com ele.

O estranho tinha a estatura dos estivadores no cais e os seus olhos eram duros. Olhou para Sarah e ela recuou.

- Põe-te de pé - disse Rab, ajudando-a. - Este cavalheiro veio conhecer-te. Trabalha para um homem que quer adotar uma menina pequena.

Sarah não sabia do que Rab estava a falar, mas sabia que não gostava do homem que viera com ele. Ele aproximou-se e ela tentou esconder-se atrás de Rab, mas Rab segurou-a à sua frente. O estranho pôs-lhe a mão em concha no queixo e ergueu-lhe o rosto, virando-o de um lado para o outro para a examinar. Quando a soltou, pegou numa mancheia do seu cabelo louro e esfregou-a entre os dedos.

- É bonita - disse, e sorriu. - Mesmo bonita. Ele vai gostar desta.

O coração de Sarah batia loucamente. Ergueu os olhos para Rab, mas ele não parecia pressentir nada de errado.

- Parece-se com a mãe dela - disse Rab, com a voz entrecortada.

- Está magra e suja.

- Somos pobres - disse Rab, condoído.

O homem tirou algumas notas do bolso, pegou em duas e entregou-as a Rab.

- Limpa-a e arranja-lhe umas roupas decentes. Depois trá-la aqui. - Deu-lhe uma morada e foi-se embora.

Rab soltou um grito de alegria.

- As coisas tão-se a compor p'ra ti, miúda - disse, a sorrir.

- Eu não prometi à tua mãe que tomava bem conta de ti? - Pegou na mão dela e levou-a rapidamente a um outro barraco a vários quarteirões de distância. Uma mulher com um xaile fino veio abrir a porta. O seu cabelo castanho encaracolado caía-lhe sobre os ombros e tinha olheiras à volta dos seus olhos cor de avelã.

- Preciso da tua ajuda, Stella. - Depois de ele explicar tudo, ela franziu a testa e mordiscou o lábio inferior.

- Tens a certeza disto, Rab? Não 'tavas só bêbedo, pois não? Não me soa bem, de algum modo. Ele não te disse um nome nem nada?

- Não lhe perguntei, mas sei p'ra quem é que ele trabalha. O Radley disse-me. O cavalheiro que a quer adotar é rico como Midas e é um figurão no governo.

- Então p'ra que é que anda à procura de uma filha nas docas?

- Qu' é qu'isso importa? É a melhor hipótese que ela tem, e eu prometi à Mae. - A sua voz tremia com lágrimas.

Stella olhou-o com tristeza.

- Não chores, Tab. Eu arranjo a miúda p'ra ela ficar mesmo bonita. Vai beber uns copos e volta mais tarde. Ela vai estar pronta p'ra ti. - Rab saiu, e Stella pôs-se a procurar no seu guarda-fatos até encontrar algo macio e cor-de-rosa. - Eu volto já - disse, e pegou num balde para ir buscar água. Quando voltou, aqueceu a água numa panela. - Agora lava-te muito bem. Nenhum homem quer uma menina suja. - Sarah fez o que lhe mandavam, com o medo a crescer-lhe no peito.

Stella lavou-lhe o cabelo com o resto da água.

- Tens o cabelo mais bonito que alguma vez vi. É tal e qual como a luz do sol. E também tens uns olhos azuis bonitos.

A mulher alterou a blusa cor-de-rosa e entrançou o cabelo de Sarah com fitas azuis. Sarah lembrava-se de a Mamã ter feito a mesma coisa quando viviam na casinha no campo. Ou teria sonhado isso? Stella pôs uma tinta cor-de-rosa nas faces frias de Sarah e nos seus lábios e esfregou-a delicadamente.

- És tão pálida. Não estejas com medo, doçura. Quem é que faria mal a um anjinho bonito como tu?

Rab voltou no dia seguinte, bêbedo e sem moedas a tilintarem-lhe nos bolsos. Estava com os olhos arregalados, com uma expressão ausente e cheios de uma dor perplexa.

- Olá, miúda. Acho que chegou a hora, hein?

Ela abraçou-o com força.

- Não me mandes embora, Rab. Deixa-me ficar contigo. Quero que sejas o meu pai.

- Sim? E o que é que eu vou fazer com uma miúda, hein?

- Soltou-se e olhou para ela com um sorriso triste. - Já tenho problemas que cheguem.

- Tu não vais ter de fazer nada. Eu posso olhar por mim. Posso olhar por ti.

- Com' é que vais fazer isso? Não tens idade para fazer nada que valha dinheiro. Vais roubar, como eu? Não. Vais viver com o Ricoço e ter uma boa vida. Agora, anda daí.

Caminharam durante muito tempo. Estava a ficar escuro. Sarah tinha medo das sombras e agarrava com força a mão de Rab. Passaram por tabernas cheias de música alta e berros e cantorias. Desceram ruas com casas de ambos os lados, grandes mansões como ela nunca vira. As janelas iluminadas pareciam enormes olhos brilhantes a seguirem todos os seus movimentos. Ela não pertencia ali, e as casas sabiam e queriam que se fosse embora. A tremer, Sarah encostava-se muito a Rab enquanto ele perguntava o

caminho a homens, mostrando-lhes o pedaço de papel amarrotado.

Doíam as pernas a Sarah e o seu estômago roncava. Rab parou e olhou para cima, para a grande casa ladeada por outras que eram semelhantes.

- Mas que *ganda* casa! - Fitou-a pasmado.

Sem flores. De pedra. Fria. Escura. Sarah sentia-se demasiado exausta para se importar, e sentou-se no último degrau, desanimada, a querer estar no barraco junto às docas com o cheiro do mar a ser trazido na maré.

- Anda lá, miúda. Mais uns passos e estás em casa - disse Rab, puxando-a para ela se levantar. Sarah fitou com medo da enorme cabeça de leão que estava na porta. Rab pegou no aro que pendia das suas presas arreganhadas e bateu à porta. - Que fino - disse.

Um homem com um fato escuro abriu a porta e mirou Rab de alto a baixo com uma expressão de desprezo. Rab passou-lhe para as mãos o papel antes que ele lhe fechasse a porta na cara. O homem leu-o e depois abriu a porta o suficiente para eles entrarem.

- Por aqui - disse friamente.

Dentro da casa estava quente e cheirava bem. Uma divisão larga abriu-se perante Sarah, e nela havia uma maravilhosa carpete florida sobre um soalho brilhante. Do teto pendiam luzes cintilantes como joias. Ela nunca vira nada assim tão requintado. *O Céu deve ser parecido com isto*, pensou, intrigada.

Uma mulher ruiva com olhos escuros e uns lábios grossos e vermelhos veio cumprimentá-los. Trazia um vestido preto lindo com lantejoulas a piscarem sobre os seus ombros e seios fartos. Olhou para Sarah e franziu ligeiramente a testa. Disparou um olhar a Rab e depois fitou Sarah de novo com mais delicadeza. Inclinou-se e estendeu a mão.

- Chamo-me Sally. E tu como te chamas, minha querida?

Sarah olhou para ela e escondeu-se logo por trás de Rab.

- É tímida - disse Rab em jeito de desculpa. - Não leve a mal.

Sally endireitou-se e olhou para ele com uma expressão dura.

- Tem a certeza de que sabe o que está a fazer, homem?

- Claro que sei. Tem aqui uma casa que é qualquer coisa, minha senhora. Nada como o pardieiro onde nós temos vivido.

- Subam as escadas e virem à direita - disse Sally num tom monocórdico. - Primeira porta à esquerda. Esperem lá.

- Alcançou-os antes de Rab dar dois passos e deteve-o. - A não ser que seja esperto e siga o meu conselho. Vá-se embora já. Leve-a para casa.

- Porque é que eu havia de querer fazer isso?

- Não volta a vê-la depois desta noite.

Ele encolheu os ombros.

- Ela não é minha, de qualquer maneira. Ele 'tá aqui? O grande homem, quero dizer.

- Não tarda a chegar, e você vai ficar caladinho se tem algum juízo nessa cabeça.

Rab encaminhou-se para as escadas. Sarah queria correr porta fora, mas ele segurava-a pela mão com força. Ela olhou para trás e viu que a mulher de preto a observava. Estava com uma expressão de dor.

Tudo no quarto no andar de cima era grande: o camiseiro de mogno, o fogão de sala de tijolo, a secretária de teca, a cama de latão. Havia um lavatório de mármore branco ao canto, com um varão para a toalha de um latão tão polido que parecia ouro verdadeiro. Todos os candeeiros tinham franjas com joias e as cortinas nas janelas eram de um vermelho de sangue. Estavam corridas de modo a que ninguém pudesse ver para dentro. Ou para fora.

- Senta-te ali e descansa, miúda - disse Rab, dando-lhe uma palmadinha nas costas e apontando para uma poltrona com orelhas. Era exatamente como aquela em que a Mamã costumava sentar-se na casa delas no campo. O coração de

Sarah começou subitamente a bater acelerado. Seria a mesma?

E se o seu pai se tivesse arrependido? E se tivesse andado à procura da Mamã e dela este tempo todo e tivesse descoberto onde ela estava e o que acontecera? E se estivesse arrependido de todas as coisas horríveis que dissera e a quisesse afinal? O seu coração batia cada vez mais depressa, com a esperança e os sonhos assentes no desespero e no medo a encherem-na.

Rab aproximou-se de uma mesa junto à janela.

- Olha-me só para isto. - Passou os dedos carinhosamente por um conjunto de garrafas de cristal. Tirou a rolha de uma delas e cheirou o líquido da cor do âmbar dentro dela. - Oh minha nossa... - Com um suspiro, levou a garrafa aos lábios e inclinou-a. Engoliu metade do que ela continha e depois limpou a boca à manga. - O mais perto que já estive do Céu. - Tirou a rolha de outra e verteu um pouco de líquido para aquela de que tinha bebido. Ergueu ambas para ver se estavam ao mesmo nível e depois pousou-as cuidadosamente e pôs-lhes a rolha.

Abriu o armário e revistou-o, metendo alguma coisa ao bolso. A seguir, aproximou-se da secretária e revistou-a também, metendo mais coisas aos bolsos.

Sarah ouviu uma risada ténue. Sentia os olhos pesados e encostou a cabeça à orelha da poltrona. Quando chegaria o seu pai? Rab voltou para junto das garrafas de cristal e bebeu de outras duas.

- Estás a apreciar o meu *brandy*? - disse uma voz grossa e baixa.

Sarah ergueu a cabeça, apanhada de surpresa. Olhou fixamente, com o coração a cair-lhe aos pés. Não era o seu pai. Era um estranho alto e moreno. Os seus olhos brilhavam, e ela pensou que nunca tinha visto um rosto tão frio como aquele, nem tão bonito. Estava todo vestido de preto e trazia um chapéu brilhante.

Rab enfiou a rolha no decantador de cristal e voltou a pô-lo em cima do tabuleiro de prata.

- Já não bebia nada tão bom há muito tempo - disse. Sarah reparou que o seu rosto empalideceu quando o homem o fitou com aqueles seus estranhos olhos. Rab pigarreou e mudou o peso do corpo de um pé para o outro. Parecia nervoso.

O homem tirou o chapéu e pousou-o em cima da secretária. A seguir, tirou as luvas e deixou-as cair dentro do chapéu.

Sarah sentia-se tão fascinada com o homem que ao princípio não reparou no outro homem que estava atrás dele. Pestanejou, surpreendida. Era o mesmo homem que viera às docas e a mirara de alto a baixo. Ela encostou-se contra a poltrona. O segundo homem estava a olhar para Rab, e os olhos dele lembravam a Sarah as ratazanas na travessa por trás do barraco. Olhou para o cavalheiro fino e viu que ele estava a olhar para ela com um ligeiro sorriso. Mas, de algum modo, aquele sorriso não a fez sentir-se melhor. Fê-la estremecer por dentro. Porque é que ele estava a olhar para ela assim, como se estivesse com fome e ela fosse algo que ele quisesse comer?

- Como é que ela se chama? - perguntou ele sem tirar os olhos de Sarah.

A boca de Rab entreabriu-se e ele pareceu confuso.

- Não sei. - Soltou uma risada ansiosa, desorientada, claramente bêbedo.

- O que é que a mãe dela lhe chamava? - perguntou o homem secamente.

- Querida... mas o senhor pode chamar-lhe o que quiser.

O homem soltou uma risada curta e seca e ignorou Rab com um olhar de desprezo. Examinou cuidadosamente Sarah. Ela estava assustada, tão assustada que não se conseguiu mexer quando ele se encaminhou para ela. Sorriu-lhe de novo quando parou, com um brilho estranho nos olhos. Tirou um maço de notas do bolso das calças e

removeu uma mola de ouro. Contou várias notas e estendeu-as a Rab sem sequer olhar para ele.

Rab pegou nelas sofregamente e contou-as antes de as enfiar no bolso.

- Obrigado, senhor. Oh, minha nossa, quando o velho Radley me disse que era o senhor qu' andava à procura duma filha, eu nem quis crer na sorte da miúda. E ela não tem tido grande sorte na vida, posso-lhe dizer. - Continuou a falar, dizendo duas vezes o nome do cavalheiro, demasiado bêbedo e demasiado estúpido para ver a alteração no rosto do homem.

Mas Sarah viu-a.

Estava furioso, mas mais do que isso. Parecia... Sarah estremeceu. Não tinha a certeza de como parecia, mas não era nada de bom. Ela lançou um olhar a Rab, a sentir o pânico a crescer dentro de si. Ele continuava a divagar, a tentar lisonjear e convencer o homem que estava diante dele, sem sequer reparar no sinal subtil que estava a ser passado do cavalheiro para o homem por trás de Rab. Um grito rasgou a garganta de Sarah, mas não saiu. Não podia. A sua voz estava tão paralisada com o terror como o resto dela. Viu horrorizada que Rab continuava a falar. Só parou quando o cordão preto foi passado à volta do seu pescoço. Esbugalhou os olhos. Sufocado, enclavinhou as mãos no pescoço, a fazer sangue com as suas unhas sujas.

Sarah saltou da poltrona e correu para a porta. Rodou e puxou a maçaneta, a tentar escapar, mas a porta não se abria. Ouviu Rab a ser estrangulado, a bater e a raspar com os pés ao debater-se. Ela desatou a pregar murros na porta e a gritar.

Uma mão dura tapou-lhe a boca e arrancou-a da porta. Ela esperneava e mordida e lutava - mas não conseguiu absolutamente nada. O corpo do homem era pedra, e ele prendeu-lhe os braços e manteve-os seguros com uma mão, a magoá-la, enquanto com a outra tapava a sua boca com mais força.

Rab estava em silêncio.

- Leva-o daqui para fora - disse o homem que estava a segurá-la, e ela vislumbrou Rab no chão, com o cordão negro ainda à volta do pescoço e o rosto grotescamente distorcido. O homem que viera ao barraco soltou o cordão e enfiou-o no bolso. Levantando Rab, pô-lo por cima do ombro.

- Toda a gente vai pensar que está bêbedo.

- Antes de o atirares ao rio, revista-lhe os bolsos e traz o que ele me tiver roubado - disse a voz fria acima dela.

- Sim, senhor.

Sarah ouviu a porta abrir-se e fechar-se.

Quando o homem a soltou, ela correu para o canto mais afastado do quarto e acocorou-se ali. Ele deixou-se ficar no meio do quarto a olhar para ela durante muito tempo. A seguir, dirigiu-se ao lavatório de mármore e deitou água na bacia de porcelana. Molhou um pano branco, torceu-o e aproximou-se de Sarah. Ela encostou-se para trás o mais que podia. Ele baixou-se e segurou-lhe no queixo.

- És demasiado bonita para pinturas - disse, e começou a lavar-lhe o rosto.

Ela estremeceu violentamente ao sentir o seu toque. Olhou para o lugar onde Rab tombara. O homem inclinou-lhe o queixo para trás.

- Não penso que aquele rufia bêbedo fosse o teu pai. Não te pareces nada com ele, e há inteligência nos teus olhos. - Acabou de lhe limpar o rouge das faces e da boca e atirou o pano para o lado. - Olha para mim, pequenita.

Quando Sarah obedeceu, o seu coração desatou a bater de tal maneira que todo o seu corpo tremeu com terror.

Ele segurava-lhe o rosto, de modo que ela não podia desviar os olhos.

- Desde que faças exatamente o que te digo, vamos dar-nos bem. - Sorriu ligeiramente e acariciou-lhe a face, com um brilho estranho nos olhos. - Como é que te chamas?

Sarah não conseguia responder.

Ele tocou-lhe no cabelo, no pescoço, no braço.

- Não importa. Penso que vou chamar-te Angel. - Endireitando-se, pegou na mão dela. - Anda daí agora, Angel. Tenho coisas a ensinar-te. - Pegou nela e sentou-a na grande cama. - Podes chamar-me Duque, quando o gato te devolver a língua. - Despiu o seu casaco de seda preto. - O que acontecerá. Em breve. - Sorriu de novo enquanto tirava a gravata e começava a desabotoar lentamente a camisa.

E na manhã seguinte Sarah já sabia que Cleo lhe dissera a verdade de Deus sobre tudo.

Resistência



*Mas a força por si só, embora das Musas nascida,
É como um anjo caído: árvores arrancadas
Trevas e vermes e mortalhas e sepulcros
Encantam-na; pois que se alimenta dos cardos
E dos espinhos da vida, esquecendo o grande fim
Da poesia, que devia ser uma amiga
Para aliviar os cuidados e elevar os pensamentos do
homem.*

K E A T S

CALIFÓRNIA, 1850

Angel puxou para trás a pala de lona apenas o suficiente para olhar para a estrada de terra batida. Tremeu no ar frio da tarde, que trazia consigo o fedor do desencanto.

Pair-a-Dice situava-se no Veio Principal da Califórnia. Era o pior lugar que ela poderia ter imaginado, um bairro de lata de sonhos de ouro construído com as velas podres de navios abandonados; um acampamento habitado por párias e aristocratas, os deslocados e os despojados, os em tempos mimados e agora profanos. Havia bares e casas de jogo com tetos de lona ao longo de ruas sórdidas dominadas por depravação e ganância às claras, solidão e ilusões grandiosas. Pair-a-Dice era júbilo tresloucado. Casava o desespero mais negro com o medo e o sabor repugnante do fracasso.

Sorrindo cinicamente, Angel viu a uma esquina um homem a pregar a salvação enquanto na outra o seu irmão, de chapéu estendido, depenava os desgraçados. Para onde quer que ela olhasse, havia homens desesperados, exilados do seu lar e da sua família, a procurarem escapar ao purgatório forjado pelas suas próprias esperanças em ruínas de um futuro melhor.

Estes mesmos tolos chamavam a Angel Afrodite e procuravam consolo onde com toda a certeza não encontrariam nenhum – com ela. Tiravam à sorte para obter os seus favores, quatro onças de ouro, pagáveis antecipadamente à Duquesa, a madame do Palace, o bordel numa tenda onde ela vivia. Quem quer que chegasse podia ter Angel por meia hora. A sua magra percentagem era mantida a sete chaves e guardada por um gigante que odiava mulheres chamado Magowan. Quanto ao resto – os pobre desafortunados que não tinham dinheiro para provar os seus talentos – ficavam atolados até aos joelhos no mar de lama que era a chamada Rua Principal, à espera de uma oportunidade de vislumbrar «o Anjo». E ela vivia um ano num mês neste lugar impróprio para tudo menos o negócio. Quando acabaria? Como é que todos os seus planos desesperados a tinham trazido aqui, a este horrível lugar de sujidade e sonhos desfeitos?

– Não há mais por agora – estava a dizer a Duquesa, a mandar embora vários homens. – Sei que têm estado à espera, mas a Angel está cansada, e vocês querem que ela dê o seu melhor, não querem? – Os homens queixaram-se e ameaçaram, suplicaram e tentaram chegar a um acordo, mas a Duquesa sabia quando Angel chegara ao limite das suas forças. – Ela precisa de descansar. Voltem esta noite. As bebidas são por conta da casa.

Aliviada por eles terem ido embora, Angel soltou a pala da tenda e voltou a deitar-se na sua cama desfeita. Pôs-se a fitar desanimadamente o teto de lona. A Duquesa anunciara nessa manhã ao pequeno-almoço que o novo edifício estava

quase pronto e que as raparigas se mudariam no dia seguinte. Angel sentia-se ansiosa por ter quatro paredes à sua volta de novo. Pelo menos assim o vento frio da noite não sopraria sobre ela pelos rasgões no pano de velas podre. Ela não pensara no quanto significavam para ela quatro paredes quando pagara a passagem numa barcaça destinada à Califórnia. Nessa altura, só pensava em escapar. Só vira a sua hipótese de liberdade. A miragem dissolvera-se pouco depois, quando chegara à prancha para subir a bordo e ficara a saber que era uma de três mulheres num barco com 120 homens novos e vigorosos, todos só com a aventura em mente. As duas prostitutas de olhar duro puseram-se a trabalhar imediatamente, mas Angel tentara ficar na sua cabina. Em menos de duas semanas, viu claramente que tinha uma simples escolha: voltar a ser prostituta ou ser violada. O que importava, realmente? Que mais é que ela conhecia? Mais lhe valia forrar os bolsos com ouro como as outras. Talvez então, talvez assim, com dinheiro suficiente, pudesse comprar a liberdade.

Sobreviveu aos mares encapelados, aos repugnantes guisados de carne e de bacalhau com vegetais, ao alojamento exíguo e à falta de dignidade e de decência na esperança de vir a ter dinheiro suficiente quando chegasse à costa da Califórnia para começar uma nova vida. Mas então, por entre a excitação da atracagem, o último golpe foi desferido.

As duas outras prostitutas atacaram-na na sua cabina. Quando recobrou os sentidos, elas já estavam em terra com todo o seu dinheiro e todos os seus pertences. Só lhe restavam as roupas que trazia no corpo. Pior ainda, nem sequer um marinheiro ficou a bordo para a levar no barco a remos até à praia.

Espancada e atordoada, deixou-se ficar encolhida na proa do barco durante dois dias até chegarem os saqueadores. Quando eles acabaram de tirar o que queriam do navio

abandonado e dela, levaram-na até à doca. Chovia muito, e, enquanto eles discutiam e dividiam o seu saque, ela simplesmente meteu pés ao caminho.

Vagueou durante vários dias, escondendo o rosto e o cabelo por baixo de um cobertor sujo que um dos homens lhe dera. Tinha fome, tinha frio; e estava resignada. A liberdade era um sonho.

Sobreviveu a servir clientes em Portsmouth Square até a Duquesa, uma mulher já bem longe das suas primícias, mas com uma mente astuta para os negócios, dar com ela e a convencer a dirigir-se para a zona do ouro.

- Tenho outras quatro raparigas, uma francesinha de Paris, uma Celestial que Ah Toy me vendeu e duas raparigas que parece que saíram de um barco da batata vazio vindo da Irlanda. Um pouco de comida vai engordá-las. Ah, mas agora *tu*. A primeira vez que te vi, pensei: Ora aí está uma moça que pode enriquecer se for bem gerida. Uma rapariga com a tua beleza podia fazer fortuna lá em cima nos acampamentos do ouro. Aqueles mineiros jovens vão tirar o ouro dos ribeiros e lutar uns com os outros para o pôr na tua mão.

Com o acordo de que Angel lhe entregaria oitenta por cento do que ganhasse, a Duquesa prometeu assegurar-se de que ela seria protegida de danos físicos.

- E vou-me encarregar de que tenhas as melhores roupas, a melhor comida e o melhor alojamento possíveis.

Angel achou aquela ironia risível. Fugira do Duque e caíra nas mãos da Duquesa. Só mesmo a sua sorte.

Apesar de toda a sua aparente benevolência, a Duquesa era uma tirana gananciosa. Angel sabia que ela cobrava subornos para arranjar os sorteios das raparigas, mas nem um grão daquele pó de ouro chegava às bolsas delas. As gorjetas deixadas por bom serviço eram divididas segundo o acordo inicial. Mai Ling, a escrava Celestial que pertencera a Ah Toy, tentara esconder o seu ouro uma vez, e Magowan - com o seu sorriso cruel e as suas mãos do

tamanho de presuntos - foi encarregado de «ter uma conversa com ela».

Angel odiava a sua vida. Odiava a Duquesa. Odiava Magowan. Odiava a sua própria miserável impotência. Acima de tudo, odiava os homens pela sua procura imparável de prazer. Dava-lhes o corpo, mas nem uma partícula mais. Talvez não houvesse mais. Ela não sabia. E isso não parecia ter importância para nenhum dos homens. Só viam a sua beleza, um véu perfeito à volta de um coração gelado, e sentiam-se fascinados. Olhavam para os seus olhos de anjo e ficavam perdidos.

Ela não se deixava enganar pelas suas infundáveis declarações de amor. Queriam-na da mesma maneira que queriam o ouro nos ribeiros. Cobiçavam-na com luxúria. Lutavam pela oportunidade de estar com ela. Disputavam-na, debatiam-se, apostavam e agarravam - e tudo o que tinham era gasto impensadamente e sem consideração. Pagavam para serem escravizados. Ela dava-lhes o que eles julgavam ser o Céu e remetia-os para o Inferno.

O que importava? Não lhe restava nada. Não queria saber. Uma força ainda mais forte do que o ódio que se banqueteava nela era a fadiga que lhe sugava a alma até ficar seca. Aos dezoito anos, estava cansada de viver e sentia-se resignada com o facto de que nada alguma vez mudaria. Perguntava-se porque nascera sequer. Para isto, supunha. Era pegar ou largar. A verdade de Deus. E a única maneira de largar era matar-se. De cada vez que enfrentava esse facto, de cada vez que tinha uma oportunidade, faltava-lhe a coragem.

A sua única amiga era uma velha meretriz batida chamada Lucky, que estava a ficar gorda devido à sua sede de *brandy*. No entanto, nem mesmo Lucky sabia nada sobre de onde Angel viera ou onde estivera ou o que lhe acontecera para a tornar como era. As outras prostitutas consideravam-na invulnerável. Todas se sentiam intrigadas por ela, mas nunca faziam perguntas. Angel deixara bem

claro desde o início que o passado era um terreno sagrado que ninguém pisaria. A não ser Lucky, a ébria semi-inconsciente por quem Angel sentia afeto.

Lucky passava o seu tempo livre nos copos.

- Tens de ter planos, Angel. Tens de ter esperança nalguma coisa neste mundo.

- Esperança de quê?

- Não podes viver de outra maneira.

- Eu vivo perfeitamente.

- Como?

- Não olho para trás e não olho para a frente.

- E o *agora*? Tens de pensar no agora, Angel.

Angel sorriu levemente e continuou a escovar o seu cabelo comprido da cor do ouro.

- O agora não existe.

Deis

*Ela caminha em beleza, como a noite
De climas sem nuvens e céus estrelados;
E tudo o que é melhor do escuro e do luminoso
Se encontra no seu aspeto e nos seus olhos.*

BYRON

Michael Hosea estava a descarregar caixotes de vegetais das traseiras da sua carroça quando avistou uma bela jovem a caminhar a longo da rua. Estava vestida de preto, como uma viúva, e um homem grande e tosco com uma arma à cintura ia ao lado dela. Ao longo de toda a rua principal, os homens interrompiam o que estavam a fazer, tiravam o chapéu e ficavam a olhar para ela. Ela não dizia uma palavra a ninguém. Não olhava nem para a direita nem para a esquerda. Movia-se com uma graciosidade simples e fluida, de ombros direitos e cabeça erguida.

Michael não conseguia tirar os olhos dela. O seu coração começou a bater cada vez mais acelerado à medida que ela se aproximava. Michael queria que ela olhasse para ele, mas ela não o fez. Respirou fundo depois de ela passar, sem sequer se aperceber de que estivera a sustentar a respiração.

Esta, bem-amado.

Michael sentiu um acesso de adrenalina misturado com uma enorme alegria. *Senhor. Senhor!*

- É qualquer coisa, não é? - disse Joseph Hochschild. O lojista corpulento tinha um saco de batatas ao ombro e sorria. - É a Angel. A moça mais linda a oeste das Rockies e muito provavelmente a mais linda a leste das Rockies também. - Subiu os degraus para a sua loja.

Michael pôs às costas um barril de maçãs.

- O que é que sabe sobre ela?

- Não sei mais do que qualquer outra pessoa, suponho. Dá longos passeios. É um hábito dela. Dá-os todas as segundas, quartas e sextas à tarde por volta desta hora. - Acenou com a cabeça na direção dos homens ao longo da rua. - Eles vêm todos para a ver.

- Quem é o homem que vai com ela? - Ocorreu-lhe um pensamento desolador. - O marido?

- O marido? - Riu-se. - É mais um guarda-costas. Chama-se Magowan. Assegura-se de que ninguém a incomoda. Ninguém chega a menos de uns passos dela a não ser que pague o devido.

Michael franziu ligeiramente a testa e voltou para fora. Pôs-se junto à traseira da sua carroça a fitar a jovem. Ela apelava a algo muito no fundo de si mesmo. Havia uma dignidade grave e trágica nela. Quando o lojista veio pegar noutro caixote, Michael fez a pergunta que estava a consumi-lo.

- Como é que posso conhecê-la, Joseph?

Hochschild sorriu com cinismo.

- Tem de se pôr na fila. A Duquesa organiza um sorteio regularmente para decidir quem vai ter o privilégio de ver a Angel.

- Que Duquesa?

- A Duquesa ali em baixo. - Apontou para o fundo da rua na outra direção. - A que é dona do Palace, o maior bordel de Pair-a-Dice.

Michael sentiu-se como se tivesse levado um forte pontapé. Olhou fixamente para Hochschild, mas o homem nem reparou, enquanto carregava um caixote com

cenouras para dentro da loja e as despejava num cesto. Michael pôs ao ombro outro barril de maçãs.

Senhor? Compreendi mal? Devo ter compreendido mal. Esta não pode ser a tal.

- Dei uma onça de ouro uma ou duas vezes para meter o meu nome num chapéu - disse Joseph por cima do ombro. - Foi antes de descobrir que era preciso mais do que isso para o meu nome ir parar ao chapéu certo.

Michael pousou o barril com força.

- Ela é uma pomba manchada? Uma rapariga como ela? - Não queria acreditar.

- Não é uma pomba manchada qualquer, Michael. A Angel é coisa muito fina, ao que ouço. Teve treino especial. Mas não tenho posses para descobrir pessoalmente. Quando sinto necessidade, vou à Priss. É limpa, faz as coisas escorreitas e simples e não custa demasiado ouro que tanto custa a ganhar.

Michael precisava de apanhar ar. Voltou lá para fora. Sem se conseguir controlar, olhou de novo pela rua abaixo para a rapariga delgada de preto. Ela estava a regressar pelo outro lado da rua e passou de novo por ele. A reação dele foi pior desta vez, mais difícil de suportar.

Hochschild descarregou um caixote de nabos.

- Você parece um touro que tivesse acabado de apanhar com um pau na cabeça. - O seu sorriso era sardónico. - Ou talvez já esteja lá na sua quinta há demasiado tempo.

- Vamos fazer as contas - disse Michael secamente e entrou na loja com o último caixote. Precisava de concentrar os pensamentos nos negócios e desviá-los da rapariga.

- Vai ter ouro que chegue para se encontrar com ela depois de fazermos contas - disse Hochschild. - Mais do que suficiente. - Esvaziou o caixote e pô-lo de lado antes de colocar a balança em cima do balcão. - Os vegetais frescos valem uma fortuna cá em cima. Estes jovens cavalheiros vão lá para os ribeiros e vivem com pouco mais do que

farinha, água e carne salgada. Depois, vêm à cidade com as gengivas inchadas e a sangrar e as pernas inchadas do escorbuto e pensam que precisam de ir ao médico. Só precisam de uma alimentação decente e de um bocadinho de senso comum. Vejamos o que temos aqui. Dois barris de maçãs, dois caixotes cada de nabos e cenouras, seis caixotes de abóboras e dez quilos de carne de veado seca.

Michael disse-lhe quanto queria pela carga da carroça.

– O quê?! Está a roubar-me.

Michael sorriu ligeiramente. Não era nenhum novato. Passara a maior parte de 1848 e 1849 a garimpar ouro e sabia do que os homens necessitavam. Era verdade que a comida era só uma parte, mas era uma parte que ele podia fornecer.

– Vai ganhar o dobro.

Hochschild abriu o cofre por trás do balcão e tirou dois sacos de pó de ouro. Passou um a Michael e pesou uma porção que tirou do outro para uma bolsa de couro. Atirando o saco maior para dentro do cofre, fechou-o com um pontapé e verificou a maçaneta.

Michael verteu o pó para um cinto que ele próprio fizera. Hochschild ficou a ver, com os lábios entreabertos.

– Tem que chegue para passar um bom bocado lá. Quer conhecer a Angel? Devia ir lá falar com a Duquesa com algum desse ouro. Ela mandava-o logo subir.

Angel. Só o nome já o afetava.

– Não desta vez.

Joseph viu os seus maxilares contraídos e acenou com a cabeça. Michael Hosea era um homem calmo, mas não havia nada de mole nele. Havia algo no seu aspeto que fazia os outros homens tratarem-no com respeito. Não era só a sua altura ou a força do seu corpo, ambas bastante impressionantes. Era a firmeza límpida do seu olhar. Sabia quem era e o que queria, mesmo que o resto do mundo não soubesse. Joseph gostava dele, e embora visse claramente o

efeito que Angel tivera nele, se Michael não queria falar do assunto ele respeitaria a sua vontade.

- O que está a planear fazer com todo esse pó de ouro?

- Vou comprar um par de cabeças de gado.

- Ótimo - disse Hochschild. - Crie-os depressa. A carne de vaca vale mais do que os vegetais.

No caminho para sair da cidade, Michael passou pelo bordel. Era grande e luxuoso. Estava cheio de homens - principalmente jovens, alguns com suíças e alguns de barba feita - quase todos embriagados ou a caminho de o ficarem. Alguém estava a tocar violino e uns homens estavam a inventar versos obscenos para a melodia, cada um mais grosseiro do que o anterior.

E ela vive ali, pensou ele. *Lá em cima, num daqueles quartos com uma cama e pouco mais*. Fustigou os cavalos com as rédeas e seguiu viagem, de testa muito franzida.

Não conseguia deixar de pensar nela, nem no resto desse dia, regressado do Veio Principal ao seu vale. Estava sempre a vê-la a subir a rua enlameada, uma rapariga delgada, vestida de preto, com um rosto lindo e pálido de pedra. De onde viera?

- Angel - disse, a tentar o nome dela na sua língua. Só a experimentar. E soube então, ao dizê-lo, que a sua espera tinha terminado.

- Senhor - disse pesadamente. - Senhor, isto não é bem o que eu tinha em mente.

Mas sabia que ia casar com aquela rapariga, de qualquer maneira.

Três

*Posso suportar o meu próprio desespero,
mas não a esperança de outra pessoa.*

WILLIAM WALSH

Angel lavou-se, vestiu um roupão limpo de seda azul e sentou-se aos pés da cama à espera da próxima pancada na porta. Mais duas e poderia dar a noite por terminada. Ouvia as risadas de Lucky no quarto ao lado. Lucky ria-se muito, toda divertida, quando estava bêbeda, o que era o caso na maior parte do tempo. Aquela mulher conseguia perder-se numa garrafa de uísque.

Angel tentara beber com ela uma vez para ver se conseguiria perder-se também. Lucky servia a bebida, e ela tentou acompanhá-la. Pouco depois, começou a sentir a cabeça andar à roda e o estômago às voltas. Lucky segurou no bacio para ela vomitar e riu, compreensiva. Disse que algumas pessoas conseguiam aguentar o uísque e outras não, e supunha que Angel era das que não conseguiam. Acompanhou-a até ao quarto e disse-lhe que dormisse.

Nessa noite, quando o primeiro homem viera bater-lhe à porta, Angel disse-lhe, em termos pouco delicados, que se fosse embora. Furioso, ele foi ter com a Duquesa e disse que queria o seu pó de ouro de volta. A Duquesa foi ao quarto de Angel, olhou-a e depois mandou chamar Magowan.

Angel não gostava de Magowan, mas nunca tivera medo dele. Ele nunca a incomodara. Mantinha-se só ao seu lado quando ela ia dar os seus passeios. Não dizia nada. Não fazia nada. Só se assegurava de que ninguém se aproximava dela fora do Palace. Ela sabia que não era para sua proteção, mas para proteção da Duquesa. Ele acompanhava-a para assegurar que ela voltaria.

Mai Ling nunca contara o que Magowan lhe fizera quando foi mandado ao quarto dela, mas Angel via a expressão de medo nos olhos escuros da moça chinesa de cada vez que ele estava por perto. Bastava-lhe sorrir para ela ficar pálida e começar a transpirar. Interiormente, Angel sentia desprezo por ela. Seria preciso mais do que palavras para a fazer recear qualquer homem.

Nessa noite, quando Magowan entrou no quarto, Angel só se apercebeu de uma forma escura a pairar sobre ela.

- Hoje o teu dinheiro não te vai render o que vale - disse. Focou os olhos. - Oh, é você. Vá-se embora. Eu não vou dar um passeio hoje.

Ele mandou encher a banheira. Mal as duas criadas saíram, debruçou-se de novo sobre ela, com um sorriso brutal.

- Sabia que mais cedo ou mais tarde íamos ter de ter uma conversa. - Agarrou-a. Já mais sóbria, ela debateu-se, mas ele ergueu-a em peso e atirou-a para dentro da água gelada. A ofegar, ela tentou sair da banheira, mas ele agarrou-lhe a cabeça e mergulhou-a à força. Aterrada com o peso de ferro da sua enorme mão, ela estrebuchou. Quando começava a sentir uma ardência nos pulmões e a perder os sentidos, ele puxou-a para cima.

- Já chega? - perguntou.

- Já chega - disse ela numa voz rouca, a inspirar golfadas de ar.

Ele voltou a mergulhá-la. Ela resistiu e esperneou, a enclavilhar as mãos para escapar. Quando ele voltou a puxá-la para cima, ela engasgou-se e vomitou. Magowan

riu-se, e Angel soube que ele se estava a divertir. Pôs-se diante dela, de pés afastados, e voltou a estender a mão para a sua cabeça. Dominou-a uma fúria irracional e balouçou o punho, a direito e com firmeza. Quando ele tombou de joelhos, a gemer, ela fugiu para fora do alcance dele.

Quando ele veio atrás dela, ela desatou a gritar. Ele agarrou-a. Ela esperneava e arranhava-o, ofegante com o esforço. Ele tinha a mão no pescoço dela quando a porta se abriu de rompante e a Duquesa entrou a toda a pressa. Fechou a porta com força nas suas costas e berrou a ambos que parassem.

Magowan obedeceu, mas lançou um olhar malévolo a Angel.

- Vou-te matar. Juro.

- Basta! - disse a Duquesa, furiosa. - Ouvi-a berrar das escadas. Se os homens ouvissem, o que é que achas que ia acontecer?

- Enforcavam-no - disse Angel, cruzando as pernas e rindo-se dele.

A Duquesa esbofeteou-a. Angel caiu para trás, chocada.

- Nem mais uma palavra, Angel - avisou a Duquesa. Endireitando-se, olhou para Magowan outra vez. - Eu disse para a pores sóbria, Bret, e teres uma conversa com ela. É tudo o que quero que lhe faças. Compreendes? - Puxou o cordão da sineta.

Os três esperaram num silêncio palpitante. A bofetada silenciara Angel. Sabia que a Duquesa mal refregara o seu diabo. Sabia também, depois de lançar um olhar ao homem, que outro desabafo tonto da sua parte poderia fazer rebentar a trela dele.

Quando se ouviu bater discretamente, a Duquesa entreabriu a porta e mandou vir café quente e pão. Depois de fechar a porta, atravessou o quarto e sentou-se na cadeira de costas direitas.

- Mande-te aqui para que fizesses uma coisa muito simples, Bret. Tu tens de fazer só o que eu mando e nada mais - disse. - A Angel tem razão. Eles enforcavam-te.

- Ela precisa de uma boa lição - disse Magowan, com os seus olhos negros postos em Angel. Toda a bravata dela se evaporara. Vira claramente que algo escuro e mau brilhava nos olhos de Magowan. Reconhecia essa expressão. Vira-a no rosto de outro homem de tempos em tempos. Nunca levava Bret a sério, mas ele era um caso muito sério. Ela sabia também que medo era a última coisa que deveria mostrar. Alimentaria a sede de sangue dele até nem mesmo a Duquesa ser capaz de o deter. Portanto, manteve-se calma e imóvel, como um rato no seu buraco.

A Duquesa olhou-a por um longo momento.

- Tu vais portar-te bem agora, não vais, Angel?

Angel sentou-se para cima lentamente e retribuiu-lhe o olhar com uma expressão grave e sardónica.

- Sim, minha senhora. - Tremeu com frio.

- Dá-lhe um lençol antes que ela apanhe um resfriado.

Magowan arrancou um lençol à cama e atirou-lho. Ela envolveu-se no cetim, como se o lençol fosse um manto real, e não se atreveu a olhar para ele. Uma raiva impotente e o medo banquetavam-se nela.

- Vem cá, Angel - disse a Duquesa.

Angel ergueu a cabeça e olhou para ela. Como não se mexeu com suficiente rapidez, Magowan agarrou uma mancheia do seu cabelo louro e levantou-a com um puxão violento. Angel cerrou os dentes, recusando-lhe a satisfação de a ouvir gritar.

- Quando ela te disser para fazeres alguma coisa, tu tens de a fazer - rosnou, ao mesmo tempo que a empurrava.

Angel tombou de joelhos diante da Duquesa.

A mulher acariciou-lhe o cabelo, e a meiguice calculada do gesto, depois da brutalidade de Magowan, destruiu a resistência de Angel.

- Quando chegar o tabuleiro, Angel, come o pão e bebe o café até à última gota. O Bret fica aqui para termos a certeza de que fazes isso. Mal acabes, ele vai-se embora. Quero-te pronta para o trabalho daqui a duas horas.

A Duquesa levantou-se da cadeira e dirigiu-se para a porta. Lançou um olhar para trás.

- Bret, nem mais uma marca nela. É a nossa melhor rapariga.

- Nem uma marca - repetiu ele com frieza.

Manteve a sua palavra. Não lhe tocou, mas falou - e o que disse fez enregelar o sangue de Angel. Forçou-se a comer o pão e a beber o café, sabendo que, quanto mais depressa o fizesse, mais depressa ele iria embora.

- Vais ser minha, Angel. Daqui a uma semana ou a um mês, vais provocar a Duquesa ou exigir-lhe demasiado. E nessa altura ela vai dar-te a mim numa bandeja de prata.

Angel portara-se bem desde essa noite, e Magowan não voltara a incomodá-la. Mas estava à espera, e ela sabia-o. Recusava-se a dar-lhe a satisfação que Mai Ling lhe dava. Sorria-lhe sempre trocista quando ele entrava no quarto. Desde que ela fizesse o que lhe era ordenado, a Duquesa continuaria satisfeita e Bret Magowan não poderia fazer nada.

Contudo, começava novamente a sentir-se confinada. Mais a cada dia que passava. A pressão dentro de si estava a aumentar, e o esforço de manter uma fachada de calma ia-lhe esgotando as forças.

Mais um esta noite e depois posso dormir, pensou. Estendeu as mãos e olhou para elas. Estavam a tremer. Estava toda a tremer. Sabia que estava a perder o autocontrolo. Demasiado fingimento por demasiado tempo. Abanou a cabeça. Só precisava de uma boa noite de sono e ficaria bem amanhã. *Só mais um*, pensou, e esperou que ele fosse rápido.

Ouviu a pancada na porta e levantou-se para atender. Ao abrir a porta, estudou o homem que se encontrava ali. Era

mais alto e mais velho do que a maioria, e bem musculado. A não ser isso, não notou nada de especial nele. Mas sentiu... o quê? Um estranho desconforto. Um aumento das suas tremuras. Estava com os nervos em franja, quase descontrolados. Baixou a cabeça e respirou lentamente, a empurrar para baixo a estranha reação com toda a força de vontade que lhe restava.

Um mais, e fico livre por esta noite.

*

Apesar dos seus vinte e seis anos, Michael sentia-se como um jovem inexperiente, ali à porta aberta de Angel, à luz fraca da lanterna do corredor do bordel. Mal conseguia respirar, com o coração a bater a toda a velocidade. Ela era ainda mais bela do que recordava, e mais pequena. O seu corpo delgado estava claramente delineado no roupão de cetim azul, e ele tentou não a olhar abaixo dos ombros.

Ela desviou-se para o lado para Michael entrar no quarto. Ele só viu a cama dela. Estava feita, mas acometiam-no visões involuntárias e, nervoso, olhou para trás, para ela. Ela fez-lhe um leve sorriso. Era um sorriso sabido, sedutor. Sabia tudo o que lhe ia na mente, mesmo o que ele não queria na sua mente.

– Que prazer pretende, cavalheiro?

Falava baixo e tinha uma voz suave e inesperadamente culta, mas foi tão direta que o apanhou de surpresa. Não poderia ter dito nada que o fizesse sentir uma consciência mais aguda do que ela fazia para ganhar a vida ou da sua forte atração física por ela.

Depois de ele entrar no quarto, Angel fechou a porta e encostou-se a ela. Esperou que ele respondesse ao mesmo tempo que o avaliava rapidamente. O seu desconforto atenuou-se. Não era muito diferente do resto. Só um pouco mais velho do que a maioria, um pouco mais largo de ombros. Não era nenhum rapazola, mas parecia pouco à vontade, muito pouco à vontade. Talvez tivesse uma mulher

algures e se sentisse culpado. Talvez tivesse uma boa mãe cristã e estivesse a perguntar-se o que ela pensaria de ele vir a uma prostituta. Este não ia querer passar muito tempo com ela. Ainda bem. Quanto menos tempo melhor.

Michael não sabia o que dizer. Estivera a pensar em vê-la durante todo o dia e agora que estava aqui, no quarto dela, mantinha-se mudo, com o coração a bater-lhe na garganta. Ela era tão bela, e parecia sentir-se divertida. *Senhor, e agora? Nem consigo pensar para além do que estou a sentir.* Ela avançou para ele, com cada movimento a chamar a atenção dele para o seu corpo.

Angel tocou-lhe no peito e ouviu-o sustar a respiração. Pôs-se a andar à volta dele, a sorrir.

- Não há necessidade de ser tímido comigo, cavalheiro. Diga-me o que quer.

Ele olhou-a.

- A si.

- Sou toda sua.

Michael viu-a atravessar o quarto até ao lavatório. Angel. O nome adequava-se ao seu aspeto, uma boneca de porcelana perfeita de olhos azuis, pele pálida e cabelo dourado. Talvez mármore fosse uma descrição melhor. A porcelana estilhaça-se. Ela parecia demasiado dura para isso - tão dura que era doloroso olhar para ela. Porquê? Ele não esperara sentir aquilo. Preocupara-se demasiado com ultrapassar o desejo que sabia que ela despertaria nele. *Deus, dai-me forças para resistir à tentação dela.*

Ela verteu água para um lavatório de porcelana e pegou num sabonete. Tudo o que fazia era gracioso e provocante.

- Porque não vem até aqui para eu o lavar?

Ele sentiu o calor a inundar-lhe o corpo, com a maior parte a acabar no seu rosto. Tossiu e sentiu-se como se o colarinho estivesse a sufocá-lo.

Ela riu-se baixinho.

- Prometo que não vai doer.

- Não é necessário, minha senhora. Não estou aqui para fazer sexo.

- Não. Está aqui para estudar a Bíblia.

- Vim cá para conversar consigo.

Angel cerrou os dentes. Ocultando a sua irritação, deixou o seu olhar divagar atrevido. Ele mexeu-se pouco à vontade sob esse olhar. Ela sorriu.

- Tem a certeza de que quer conversar?

- Tenho a certeza.

Parecia absolutamente decidido. Com um suspiro, ela virou-se para secar as mãos.

- O que quiser, cavalheiro. - Sentou-se na cama e cruzou as pernas.

Michael sabia o que ela estava a fazer. Combateu o desejo súbito de reagir à mensagem clara que ela estava a enviar-lhe. Quanto mais tempo se mantinha em silêncio, mais a sua mente congeminava imagens, e ela sabia-o, a julgar pela expressão dos seus olhos. Estava a troçar dele? Não havia dúvidas sobre isso.

- Vive neste quarto quando não está a trabalhar?

- Sim. - Inclinou a cabeça. - Onde é que julgava que eu vivia? Numa casinha branca ao fundo de uma estrada algures? - Sorriu para tornar as suas palavras menos mordazes. Detestava homens que faziam perguntas e a sondavam.

Michael examinou o que a rodeava. Não havia objetos pessoais à vista, nenhuns quadros nas paredes, nenhuns bibelôs na pequena mesa ao canto coberta por uma toalha de renda, nenhuma roupa feminina espalhadas por ali. Tudo estava arrumado, limpo, austero. Um armário modesto, uma mesa de cabeceira, um candeeiro a querosene, um lavatório de mármore com um jarro de porcelana amarela e uma cadeira de costas direitas mobilavam o seu quarto. E a cama em que ela estava sentada.

Ele pegou na cadeira do canto, pousou-a em frente a ela e sentou-se. O roupão de cetim dela abrira-se um pouco. Michael sabia que Angel estava a provocá-lo. Ela pôs-se a balouçar o pé, despreocupada, como um pêndulo, sessenta segundos num minuto, trinta minutos numa meia hora. Todo o tempo que ele tinha.

Senhor, precisaria de um milhão de anos para comunicar com esta mulher. Tendes a certeza de que é esta que me destinastes?

Os olhos dela eram azuis e enigmáticos. Ele não conseguia ler nada neles. Ela era um muro, um oceano sem fim, um céu noturno nublado tão escuro que ele não conseguia ver a sua própria mão à frente do rosto. Via só o que ela queria que ele visse.

- O cavalheiro disse que queria falar. Portanto, fale.

Michael sentiu-se triste.

- Não devia ter vindo vê-la assim. Devia tê-la encontrado de outra maneira.

- Que outra maneira existe?

Como é que ia fazê-la compreender que era diferente dos outros homens que vinham até ela quando ele próprio viera como eles? Ouro. Escutou Joseph e foi ter com a Duquesa, e depois ouviu essa mulher dizer que Angel era uma mercadoria - uma mercadoria de fina qualidade, preciosa, bem guardada. Pague primeiro, converse depois. Pagar parecera a maneira mais fácil, mais direta. Ele não se importara com o preço. Agora, estava claro que a maneira mais fácil não era a melhor.

Devia ter arranjado outra maneira, outro lugar. Ela estava demasiado pronta a trabalhar e nada pronta a escutá-lo. E ele estava a dar consigo demasiado facilmente distraído.

- Que idade tem?

- Sou velha. Realmente velha.

Calculava que fosse verdade. Ela não estava a referir-se a anos de idade. Ele duvidava que houvesse muito que pudesse surpreendê-la. Parecia preparada para tudo. No

entanto, pressentia também nela uma outra coisa, como pressentira na primeira vez que a vira. Havia uma outra camada por baixo da que ela estava a mostrar agora.

Senhor, como chego até ela?

- E o cavalheiro, que idade tem? - perguntou ela, devolvendo-lhe a questão.

- Vinte e seis anos.

- É velho para mineiro de ouro. A maioria tem dezoito ou dezanove anos. Não tenho visto muitos homens a sério ultimamente.

A falta de subtileza dela pô-lo em terreno mais firme.

- Porquê o nome Angel? Por causa do seu aspeto? Ou é esse o seu nome verdadeiro?

Ela comprimiu ligeiramente os lábios. A única coisa que lhe restava era o seu nome, e nunca o revelara a ninguém, nem mesmo ao Duque. A única pessoa que alguma vez a chamara pelo nome fora a Mamã. E a Mamã estava morta.

- Chame-me o que quiser, cavalheiro. Não importa. - Só porque ele não queria aquilo por que pagara, não significava que ela fosse dar-lhe mais alguma coisa.

Ele observou-a.

- Acho que Mara condiz consigo.

- Era alguém que conhecia lá na sua terra?

- Não. Significa amarga.

Ela olhou para ele então e ficou imóvel. Que jogo era este?

- É isso que pensa? - Ergueu um ombro indolentemente. - Bem, suponho que Mara é um nome tão bom como qualquer outro. - Recomeçou a balouçar o pé para trás e para a frente, a marcar o tempo. Há quanto tempo é que ele estava aqui? Quanto mais tempo teria de o aturar?

Ele prosseguiu.

- De onde é?

- Daqui e dali.

Ele sorriu ligeiramente à reticência polida e sedutora dela.

- Algum aqui e ali em particular?

- Só aqui e ali - disse ela. O seu pé imobilizou-se e ela inclinou-se para a frente. - E o cavalheiro? Como se chama? É de algum sítio em particular? Tem uma esposa algures? Tem receio de fazer o que realmente quer?

Estava a assestar-lhe todos os canos, mas, em vez de se retrair, ele sentiu que se descontraía. Esta rapariga era mais real para ele do que a que o cumprimentara à porta.

- Michael Hosea - disse. - Vivo num vale a sudoeste daqui, e não sou casado, mas sê-lo-ei em breve.

Ela franziu a testa, pouco à vontade. Era a maneira como ele estava a olhar para ela. A intensidade deixava-a nervosa.

- Que espécie de nome é Hosea?

O seu sorriso tornou-se irónico.

- Profético.¹

Estaria a dizer uma piada à custa dela?

- Vai dizer-me qual será o meu futuro?

- Vai casar comigo e eu vou tirá-la daqui.

Ela riu-se.

- Bem, é a minha terceira proposta hoje. Sinto-me muito lisonjeada. - Abanando a cabeça, voltou a inclinar-se para a frente, com um sorriso frio e cínico. Será que ele julgava que esta abordagem era nova? Será que julgava que era *necessária*? - Quando é que quer que eu comece a desempenhar o meu papel, cavalheiro?

- Depois de a aliança estar no seu dedo. Neste momento, só quero ficar a conhecê-la um pouco melhor.

Ela detestava-o por arrastar o jogo. O tempo desperdiçado, a hipocrisia, as mentiras infundáveis. Fora uma longa noite, e ela não estava com disposição para lhe aparar o jogo.

- O que há para contar? O que faço é o que sou. Tudo se resume a dizer-me como quer que eu seja. Mas seja rápido. O seu tempo está quase a esgotar-se.

Michael viu que tinha estragado este primeiro encontro. O que esperara? Entrar ali, falar diretamente e sair com ela pelo braço? Ela parecia querer pô-lo fora. Sentiu-se furioso consigo mesmo por ter sido um tonto ingênuo.

- Não está a falar de amor, Mara, e eu não vim aqui para a usar.

A profundidade firme das suas palavras e aquele nome - Mara - despertaram ainda mais a ira de Angel.

- Não? - Espetou o queixo. - Bem, penso que compreendi. - Pôs-se de pé. Ele mantinha-se sentado, e ela aproximou-se e os seus dedos macios começaram a pentear-lhe o cabelo. Sentia a tensão dele, encantada.

- Deixe-me adivinhar, cavalheiro. Quer ficar a conhecer-me. Quer descobrir como penso e o que sinto. E, acima de tudo, quer saber como uma boa rapariga como eu se meteu num negócio como este.

Michael fechou os olhos e cerrou os dentes, a tentar neutralizar o efeito que o toque dela estava a ter nele.

- Faça o que está a pensar em fazer, cavalheiro.

Michael arredou-a firmemente de si.

- Vim para conversar consigo.

Ela olhou-o atentamente, de olhos semicerrados, e a seguir puxou o roupão para o fechar e atou as fitas de cetim. Continuava a sentir-se exposta sob o olhar dele.

- Veio à rapariga errada. Se quer saber o que pode ter, eu digo-lhe. - E fê-lo, explicitamente. Ele não corou desta vez. Nem sequer reagiu.

- Quero conhecê-la a *si*, não o que faz - disse abruptamente.

- Se quer conversa, vá até lá abaixo ao bar.

Ele pôs-se de pé.

- Venha embora comigo e seja minha mulher.

Ela soltou uma gargalhada áspera.

- Se quer uma mulher, mande vir uma pelo correio ou espere que a próxima caravana atravesse as montanhas.

Ele aproximou-se dela.

- Posso dar-lhe uma boa vida. Não me importa como chegou aqui ou onde esteve antes. Venha comigo agora.

Ela sorriu com desdém.

- Para quê? Mais do mesmo? Olhe, já ouvi isso tudo a centenas de outros. Viu-me e apaixonou-se por mim e agora não pode viver sem mim. Pode dar-me uma vida maravilhosa. Que treta.

- Posso.

- Vem tudo a dar no mesmo.

- Não, não vem.

- Do meu ponto de vista, sim. Meia hora é mais do que tempo suficiente para alguém me ter, cavalheiro.

- Está a dizer que esta é a vida que quer?

O que é que *querer* tinha a ver com o assunto?

- Esta é a minha vida.

- Não tem de ser. Se tivesse opção, o que quereria?

- De si? Nada.

- Da vida.

Uma desolação instalou-se dentro dela. Da *vida*? Do que é que ele estava a falar? Sentia-se atacada pelas perguntas dele e defendeu-se com um sorriso distante, frio. Estendendo as mãos, mostrou o seu simples quarto com o seu parco mobiliário.

- Tenho tudo aquilo de que preciso aqui mesmo.

- Tem um telhado, comida e roupas finas.

- E trabalho - disse ela, contraída. - Oh, não se esqueça do meu trabalho. Sou realmente boa nele.

- Odeia-o.

Ela manteve-se em silêncio por um momento, desconfiada.

- Só me apanhou numa das minhas más noites. - Aproximou-se da janela. Fingindo olhar lá para fora, fechou os olhos e tentou controlar-se. O que se passava com ela esta noite? O que havia neste homem que tanto a afetava? Preferia a dormência a este despertar de emoções; a

Esperança era um tormento; a Esperança era uma inimiga. E este homem era um espinho no seu corpo.

Michael aproximou-se por trás dela e pousou as mãos nos seus ombros. Sentiu que ficava tensa.

- Venha comigo para casa - disse baixinho. - Seja minha mulher.

Angel sacudiu-lhe as mãos furiosa e afastou-se dele.

- Não, obrigada.

- Porque não?

- Porque não quero ir-me embora, é tudo. É uma razão suficientemente boa para si?

- Se não quer vir comigo, pelo menos deixe-me aproximar um pouco mais de si.

Finalmente. Aqui vamos nós.

- Uns seis passos devem ser suficientes, cavalheiro. Basta-lhe pôr um pé diante do outro.

- Não estou a falar de passos e medidas, Mara.

Todas as sensações abrandaram dentro dela e começaram a descer em espiral, como se estivessem a escorrer por um buraco negro por baixo dos seus pés.

- Angel - disse ela. - O meu nome é Angel. Entendeu? *Angel!* E está a desperdiçar o meu tempo e o seu ouro.

- Não estou a desperdiçar nada.

Angel sentou-se de novo na cama e respirou fundo. Inclinando a cabeça para um lado, olhou para ele.

- Sabe, cavalheiro, na sua maior parte os homens são bastante diretos quando vêm cá. Pagam, tomam o que querem e vão-se embora. Mas depois há alguns outros, como você. Não gostam de ser como o resto. Por isso, dizem-me o quanto se *importam* e o que há de errado na minha vida e como podem consertá-la. - A sua boca curvou-se num sorriso, sardónica. - Mas, por fim, todos ultrapassam isso e fazem o que realmente procuravam.

Michael inspirou fundo. Ela não estava com rodeios. Muito bem. Ele também sabia falar claramente.

- Basta-me olhar para si para sentir consciência do meu corpo. Você sabe muito bem como alimentar as fraquezas. Sim, *quero-a*, mas está enganada em relação a quanto e por quanto tempo.

Ela ficou ainda mais desconfortável.

- Não devia sentir-se assim tão mal. É só como os homens são.

- Tretas.

- Agora vai dizer-me como são os homens? Isso é algo sobre que eu sei tudo, cavalheiro. *Homens*.

- Não sabe nada sobre mim.

- Cada homem gosta de pensar que é diferente do anterior. Gosta de pensar que é melhor. - Deu uma palmadinha na cama. - Venha cá, e eu mostro-lhe como é parecido com os outros. Ou receia que eu tenha razão?

Ele sorriu docemente.

- Sentir-se-ia mais à vontade comigo nessa cama, não é verdade? - Aproximou-se e sentou-se na cadeira, nada desconcertado. Inclinou-se para ela, com as mãos unidas entre os joelhos. - Eu não estou a dizer que sou melhor do que qualquer um dos outros homens que vêm vê-la. Só quero mais.

- Mais como?

- Tudo. Quero o que você nem sabe que tem para dar.

- Alguns homens esperam muito por um par de onças de pó de ouro.

- Escute o que tenho para lhe oferecer.

- Não vejo que o que está a oferecer seja diferente do que o que eu tenho. - Alguém bateu duas vezes à porta.

Angel sentiu-se inundada de alívio e não se deu ao trabalho de o esconder. Com um sorriso trocista encolheu os ombros.

- Bem, teve a sua meia hora de conversa, não teve? - Pôs-se de pé e passou à frente de Michael. Tirou o chapéu dele do gancho junto à porta e estendeu-lho. - São horas de ir embora.

Ele pareceu dececionado, mas não derrotado.

- Eu vou voltar.

- Como queira.

Michael tocou no rosto dela.

- Mude de ideias. Venha comigo agora mesmo. Tem de ser melhor do que isto.

O coração de Angel começou a bater acelerado. Ele parecia falar realmente a sério. Mas Johnny também parecera sincero. Johnny, com o seu encanto e as suas falinhas mansas. Ao fim e ao cabo, só quisera tirar algo ao Duque e usá-lo. Ela só quisera escapar. Ambos tinham fracassado, e o custo terrível desse fracasso fora demasiado grande.

Angel queria aquele lavrador fora dali.

- O seu pó de ouro é mais bem gasto noutro sítio. Eu não tenho aquilo de que anda à procura. Tente a Meggie. Ela é que é a filósofa. - Começou a abrir a porta.

Michael pousou a mão espalmada na porta.

- Você tem tudo aquilo de que ando à procura. Eu não teria sentido o que senti na primeira vez que a vi. Não sentiria a certeza que sinto agora.

- A sua meia hora terminou.

Michael viu que ela não ia dar-lhe ouvidos. Não desta vez, de qualquer modo.

- Eu vou voltar. Tudo o que peço é uma meia hora honesta do seu tempo.

Ela abriu-lhe a porta.

- Cavalheiro, cinco minutos e você desataria a fugir como o diabo.

¹ Hosea é a versão inglesa do nome do profeta Oseias. (*N. da T.*)

Quatro

*Pois não faço o bem que quero,
mas o mal que eu não quero é o que faço.*

CARTA AOS ROMANOS, 7:19

Hosea voltou, na noite seguinte e na seguinte. De cada vez que Angel o via, o seu desassossego aumentava. Ele falava, e ela sentia o desespero a despertar. Sabia que não devia acreditar em ninguém e em nada. Não aprendera à sua custa? A esperança era um sonho, e estender-lhe a mão transformara a sua vida num pesadelo insuportável. Não ia deixar-se enganar por palavras e promessas outra vez. Não ia deixar que um homem a convencesse de que havia algo melhor do que aquilo que ela já tinha.

No entanto, não conseguia livrar-se da tensão que aumentava de cada vez que abria a porta e dava com aquele homem junto a ela. Ele nunca lhe tocava. Simplesmente pintava com palavras imagens de liberdade que ressuscitavam a velha fome dolorosa que ela sentira em criança. Era uma fome que nunca desaparecera. No entanto, de cada vez que fugira para encontrar uma resposta, o desastre abatera-se sobre ela. Mesmo assim, continuara a tentar. Na última vez, a fome levava-a a fugir do Duque e atirara-a para este horrendo e fétido lugar.

Bem, aprendera finalmente a lição. Nada se tornaria melhor, nunca. As coisas só iriam de mal a pior. Era mais

avisado ajustar-se e aceitar e *sobreviver*.

Porque é que este homem não conseguia meter na sua cabeça dura que ela não estava disposta a ir a lado nenhum com ele ou com qualquer outro? Porque é que não desistia e não a deixava em paz?

Ele voltava, uma e outra e outra vez, pondo-a louca. Não era de falinhas mansas e encantador como Johnny. Não recorria à força como o Duque. Não era como uma centena de outros, que pagavam e faziam o que queriam. De facto, ele não era como ninguém que ela alguma vez tivesse conhecido. Isso era o que ela mais detestava. Não conseguia encaixar Michael Hosea em nenhum molde seu conhecido.

De cada vez, mal ele se ia embora, ela tentava arredá-lo da mente, mas algo nele ficava a remoê-la. Dava consigo a pensar nele nos momentos mais inesperados e tinha de se forçar a pensar em outra coisa. Quando conseguia, outras pessoas traziam-no à baila.

- Quem era o homem que estava contigo ontem à noite? - perguntou Rebecca ao jantar.

Angel conteve a sua irritação e pôs-se a barrar o pão com manteiga.

- Qual deles? - disse, e lançou um olhar à ruiva rechonchuda.

- O grande, com bom aspeto. Quem mais?

Angel trincou o pão, a desejar saborear a sua refeição de pão levedado e guisado de carne de veado em paz e não ser interrogada sobre quem entrava e saía do seu quarto. Quem queria saber do aspeto que tinha qualquer um deles? Ao fim de algum tempo, todos pareciam iguais, de qualquer modo.

- Deixa-te disso, Angel - disse Rebecca com impaciência.

- Tu não queres saber. Ele esteve contigo ontem à noite, foi o último a sair do teu quarto. Vi-o no corredor quando vinha para cima. Tinha mais de um metro e oitenta. Cabelo escuro. Olhos azuis. Ombros largos. Todo ele enxuto e duro.

Caminha como um soldado. Quando me sorriu, senti o sorriso dele até às pontas dos pés.

Lucky estava a prescindir do guisado a favor da garrafa de vinho tinto.

- Se um anão bexigoso de Nantucket te sorrisse, tu ias senti-lo até à ponta dos pés.

- Bebe o teu vinho. Não estava a falar contigo - disse Rebecca com desprezo. Não tinha paciência para os insultos bem humorados de Lucky, e voltou a sua atenção para Angel. - Não podes fingir que não sabes a quem me refiro. Só não me queres dizer nada.

Angel olhou-a furiosa.

- Eu não sei nada. Só gostava de saborear a minha refeição em paz, se não te importas.

Torie riu-se.

- Porque é que ela não havia de querer guardá-lo para si? - disse, com um sotaque britânico cerrado. - Talvez a Angel tenha finalmente conhecido um homem de quem *gosta*. - As outras riram-se.

- Talvez não queira ser incomodada, como diz - disse Lucky.

Rebecca suspirou.

- Angel, tem pena de mim. Eu ando a ter um rapaz inexperiente atrás do outro há um mês. Um homem, para variar, seria bem vindo.

Torie empurrou o prato.

- Se alguém como ele viesse ao meu quarto, fechava-o à chave e mantinha-o lá.

Angel serviu-se de leite e desejou que todas a deixassem em paz.

- É o segundo copo de leite que bebes - disse-lhe Renee do outro extremo da mesa. - A Duquesa disse que era só um copo para cada uma, porque o leite é muito caro, e tu estás a beber dois!

Lucky fez um sorriso trocista.

- Eu disse-lhe antes do jantar que podia beber o meu leite se eu pudesse beber o vinho dela.

- Isso não é justo! - queixou-se Renee. - Eu gosto tanto de leite como a Angel! Ela consegue sempre o que quer.

Lucky sorriu.

- Se bebesse mais um copo de leite, só se ia transformar em mais gordura à volta da tua cintura.

Quando começaram a brigar, Angel teve vontade de soltar um berro e sair da mesa. Sentia a cabeça a latejar. Até mesmo as provocações intermináveis de Lucky a irritavam, e Rebecca não se calava sobre aquele desgraçado daquele homem.

- Ele deve estar cheio dele, para ir ao teu quarto três vezes em três noites seguidas. Como é que se chama? Não finjas que não te interessa.

Angel só queria que a deixassem em paz.

- Não é mineiro. É lavrador.

- Lavrador? - Torie riu-se. - A quem é que estás a querer enganar, queridinha? Ele não é lavrador. Os lavradores parecem tão brancos como a terra que lavram.

- Ele disse que era lavrador. Isso não quer dizer que o seja.

- Como é que se chama? - perguntou Rebecca outra vez.

- Não me lembro. - O homem tinha de a atormentar mesmo quando não estava por perto?

- Oh, sim, lembras-te! - Rebecca estava agora zangada.

Angel atirou com o guardanapo para a mesa.

- Olha! Eu não pergunto o nome deles. Não me importa quem são. Dou-lhes o que querem e eles vão-se embora. É tudo.

- Então porque é que ele está sempre a voltar?

- Não sei nem me interessa.

Lucky serviu-se de mais um copo de vinho.

- Rebecca, tu só estás é com inveja por ele não vir ao teu quarto.

Rebecca olhou-a furiosa.

- Porque é que não calas essa boca? Continua a beber como bebes e a Duquesa põe-te esse rabo na rua.

Imperturbável, Lucky riu-se.

- Não deixa de ser um rabo bastante bom.

- Se não houvesse tanta falta de mulheres, ninguém se dava ao trabalho de ir bater à porta do teu quarto - disse Torie com sarcasmo.

Lucky estava a preparar-se para dar luta.

- Sou melhor bêbeda do que qualquer uma de vocês sóbria.

Angel ignorou os insultos que estavam a ser trocados, aliviada por a deixarem em paz. Mas agora *ele* estava de novo nos seus pensamentos.

Meggie estava sentada ao lado de Angel e não dissera nada ao longo de toda aquela troca de palavras. Agora, olhou para Angel enquanto ela mexia uma colher de precioso açúcar no seu café.

- Então, como é este homem tão apetitoso, Angel? Tem alguma coisa na cabeça?

Angel lançou-lhe um olhar sombrio.

- Convida-o para o teu quarto e descobre por ti.

Meggie arqueou as sobrancelhas e recostou-se na cadeira, a sorrir.

- A sério? Sou bem capaz de fazer isso, com todo o interesse que ele despertou entre as nossas amigas. - Olhou-a com atenção. - Tu realmente não te importavas?

- Porque é que havia de me importar?

- Eu vi-o primeiro! - disse Rebecca.

Lucky riu-se.

- Primeiro vais ter de o pôr sem sentidos e arranjar alguém que o arraste para o teu quarto.

- A Duquesa não ia gostar disso - disse Renee, com uma expressão abespinhada no seu rosto magro. - Vocês sabem que os homens pagam mais pela Angel. Embora eu não consiga ver porquê.

- Porque ela tem melhor aspeto quando está cansada como um cão do que tu no teu melhor - ripostou Lucky.

Renee atirou um garfo a Lucky, que ela evitou com facilidade. Fez ricochete na parede.

- Por favor, cala-te, Lucky - disse Angel, receando que Magowan viesse ver o que se passava. Lucky nunca parava para pensar quando estava a beber.

- Então, não te importas realmente - disse Rebecca.

- Podes tê-lo, com a minha benção - disse Angel. Não queria que ele a incomodasse mais. Ele queria-a. Ela sentia o desejo irradiar do corpo dele, mas ele nunca fazia nada. Falava. Fazia perguntas. Aguardava, pelo quê ela não sabia. Estava farta de tentar pensar em mentiras para o deixar contente. Ele só lhe fazia a mesma pergunta de novo de uma maneira diferente. Não desistia. De cada vez que vinha, mostrava-se mais determinado. Na última vez, Magowan viera por duas vezes e finalmente berrara do outro lado da porta que era melhor que ele se vestisse e saísse se não queria problemas. Hosea nem sequer tinha desabotoado a camisa.

E disse a mesma coisa que dizia sempre antes de se ir embora.

- Venha comigo. Case comigo.

- Já disse que não. Três vezes. Não compreendeu? Não. Não. *Não!*

- Não é feliz aqui.

- Não seria mais feliz consigo.

- Como sabe.

- *Sei.*

- Vista alguma coisa com que possa viajar e venha comigo. Agora mesmo. Não pense muito no assunto. Faça-o, só.

- O Magowan talvez tivesse alguma coisa a dizer sobre isso. - Mas ela via claramente que Magowan não o preocupava nada. Perguntou-se então como seria viver com um homem como ele, que não parecia recear nada. Mas o

Duque também não receava nada, e ela sabia como tinha sido viver com ele.

- Pela última vez, *não* - disse ela com firmeza, e estendeu a mão para a maçaneta da porta.

Ele agarrou-lhe o pulso.

- O que está a prendê-la aqui?

Ela soltou o pulso.

- *Gosto* disto. - Abriu a porta para trás. - Agora, saia!

- Vejo-a amanhã - disse ele, e saiu.

Angel fechou a porta com força e encostou-se a ela. Ficava sempre com uma dor de cabeça lancinante quando Hosea se ia embora. Nessa noite, sentara-se aos pés da cama e pressionara as têmporas com os dedos, a tentar aliviar a dor.

A mesma dor que a atormentava agora. Uma dor que só piorava com as perguntas de Hosea a ecoarem-lhe na mente. O que estava a mantê-la aqui? Porque é que não saía simplesmente porta fora?

Cerrou as mãos em punhos. Teria de receber o seu ouro da Duquesa primeiro, e sabia que de maneira nenhuma a mulher lho daria todo de uma vez. Aos poucos, era o que conseguiria, o suficiente para alguns mimos, mas não para viver. A Duquesa não podia dar-se ao luxo de ser assim tão generosa.

E se Angel tivesse ouro suficiente para poder ir embora? Poderia acabar por ser como fora no navio ou no fim da viagem, quando fora espancada e deixada para que a encontrassem aqueles saqueadores. Aqueles poucos dias sozinha em São Francisco tinham sido a coisa mais próxima da perdição que jamais vivera. Sentira frio, fome, medo de perder a vida. Olhara para trás, para a sua vida com o Duque, com verdadeira saudade. O Duque, logo ele.

Sentiu-se cheia de desespero. *Não posso ir embora. Sem alguém como a Duquesa, ou até mesmo o Magowan, iam desfazer-me em pedaços.*

Não queria arriscar-se a ir com Michael Hosea. Ele era de longe uma incógnita mais obscura.

*

Michael estava a ficar sem pó de ouro e sem tempo. Não sabia como comunicar com aquela mulher. Via-a afastar-se dele mal lhe abria a porta. Punha-se a falar, e ela trespassava-o com o olhar e fingia escutá-lo, mas ele sabia que ela não ouvia nada. Só estava à espera que acabasse a meia hora para poder ter o prazer de o mandar sair.

Tenho pó suficiente para mais uma tentativa, Senhor. Fazei com que ela me escute!

Enquanto subia as escadas, a rever mentalmente o que lhe diria desta vez, esbarrou numa mulher ruiva. Recuou com um pedido de desculpa embaraçado. Ela pousou a mão no seu braço e sorriu-lhe.

- Não se incomode com a Angel esta noite. Ela disse que você ia preferir-me a mim.

Ele fitou-a.

- O que mais disse a Angel?

- Que veria como um favor que a livrassem de si.

Michael cerrou os dentes e arredou-lhe a mão.

- Obrigado por me dizer. - Desceu o corredor. Diante da porta de Angel, tentou controlar a sua fúria. *Jesus, estavas a escutar? O que é que eu estou a fazer de volta aqui? Tentei. Sabes que tentei. Ela não quer o que estou a oferecer-lhe. O que hei de fazer? Arrastá-la daqui para fora pelos cabelos?*

Bateu duas vezes à porta e o som ecoou alto pelo corredor na penumbra. Ela abriu a porta, lançou-lhe um breve olhar e disse:

- Oh, é você outra vez.

- Sim, sou eu outra vez. - Entrou e bateu com a porta.

Ela ergueu as sobrancelhas. Um homem zangado podia ser imprevisível e perigoso. Este poderia fazer-lhe muito mal sem grande esforço.

- Não estou a chegar a lado nenhum consigo, pois não?
- A culpa de estar a desperdiçar o seu ouro não é minha - disse ela em voz baixa. - Eu avisei-o naquela primeira noite. Lembra-se? - Sentou-se aos pés da cama. - Não o enganei.
- Tenho de voltar para o vale para fazer algum trabalho.
- Não o estou a impedir de ir.

O rosto dele estava pálido e rígido.

- Não quero deixá-la aqui neste sítio abandonado por Deus!

Ela pestanejou ao ouvir o seu desabafo.

- Não é da sua conta.
- Tornou-se da minha conta mal a vi. - O pé dela começou a balouçar graciosamente para trás e para a frente, para trás e para a frente, a marcar o tempo. Adormecida com os olhos abertos. Estava controlada. Nada se revelava nos seus belos olhos azuis.

- Apetece-lhe falar outra vez? - Disfarçou um bocejo e suspirou. - Vá lá. Sou toda ouvidos.

- Estou a provocar-lhe sono?

Angel ouviu a irritação na voz dele e soube que estava a afetá-lo. Ainda bem. Talvez um pouco mais o fizesse ir-se dali.

- Foi um dia longo e árduo. - Esfregou o fundo das costas.
- E esta conversa toda fica batida ao fim de algum tempo.

Ele perdeu as estribeiras.

- Preferia que me juntasse a si na cama, não preferia?
- Pelo menos, poderia ir-se embora a sentir que finalmente tinha obtido alguma coisa em troca do seu pó de ouro.

O coração de Michael batia com força e acelerado. Foi até à janela, a tremer de fúria e desejo físico. Abriu a cortina e olhou lá para fora.

- Gosta da vista que tem aqui de cima, Angel? Lama, casas toscas e tendas, homens bêbedos a cantarem canções de bar, toda a gente a lutar para sobreviver.

Angel. Era a primeira vez que a chamava por esse nome. Por alguma razão, aquilo magoou-a. Sabia que estava finalmente a afetá-lo. Aguardou o que se seguiria. Ele diria o que tinha a dizer, tomaria o que queria e partiria. Seria o fim daquilo. Tudo o que ela tinha de fazer era assegurar-se de que ele não levava um pedaço dela ao sair pela porta.

- Ou lá em baixo? - disse ele, com desdém. - Talvez preferisse isso. - Deixou cair a cortina e olhou-a - Dá-lhe uma sensação de poder ter-me aqui a pedir os seus favores todas as noites?

- Não lhe peço que o faça.

- Não, não pede, pois não? Não pede nada. Não precisa de nada. Não quer nada. Não sente nada. Porque é que não vou pelo corredor até ao quarto daquela ruiva? Não é isso? Aquela a quem disse que podia tirar-me das suas mãos.

Então era isso. O seu orgulho estava ferido.

- Só queria vê-lo sair da cidade com um sorriso no rosto.

- Quer ver-me sorrir? Diga o meu nome.

- Qual é o seu nome? Esqueci-me.

Ele levantou-a da cama.

- Michael. Michael Hosea. - Perdendo o controlo, tomou-lhe o rosto entre as mãos.

Michael.

A sensação da pele dela fê-lo esquecer o motivo por que estava ali, e beijou-a.

- Já não era sem tempo. - Angel encostou-se a ele, pondo-o em brasa. Começou a mover as mãos e ele soube que se não a detivesse perderia, não só a batalha, mas toda a guerra.

Quando ela lhe desabotoou a camisa e enfiou a mão dentro dela, ele recuou de um salto.

- Jesus - disse. - *Jesus!*

Pasmada, ela ergueu a cabeça e olhou para ele. Compreendeu claramente com um choque.

- Como é que conseguiu chegar à proecta idade de vinte e seis anos sem nunca ter estado com uma mulher?

Ele abriu os olhos.

- Tomei a decisão de esperar pela certa.

- E pensa realmente que essa sou eu? - Riu-se dele. - Seu pobre, tonto palerma.

Finalmente conseguira afetá-lo.

Jesus, compreendi mal. Esta não pode ser a que tu enviaste para mim.

Podia passar o resto da sua vida a tentar fazê-la compreender. Sentia vontade de a agarrar e abanar e de lhe chamar tola, e tudo o que ela estava a fazer era olhar para ele com aquele sorriso no rosto, como se o tivesse por fim compreendido perfeitamente. Tinha sido rotulado e posto numa prateleira.

Michael perdeu as estribeiras.

- Se essa é a única maneira como o queres, assim seja. - Abriu a porta com força e foi pelo corredor a grandes passadas. Desceu as escadas, atravessou o casino, afastou as portas de vaivém com uma pancada e saiu para a rua. Continuou a andar, esperando que o ar da noite o acalmasse.

Michael...

Esquecei! Simplesmente esquecei que alguma vez pedi uma mulher! Não preciso tanto assim de uma.

Michael....

Ficarei celibatário.

Michael, bem-amado.

Continuou a andar. *Deus, porquê ela? Dizei-me porquê. Porque não uma moça delicadamente criada, intocada até à noite do seu casamento? Porque não uma viúva temente a Deus? Senhor, enviai-me uma mulher simples, bondosa e tolerante, alguém que trabalharia ao meu lado nos campos, a lavar, a plantar e a colher! Alguém que fique com sujidade debaixo das unhas, mas não a tenha já no seu sangue! Alguém que me dê filhos ou que já os tenha se não estiver nos vossos planos dar-me filhos meus. Porque me dizeis para casar com uma meretriz?*

Esta é a mulher que escolhi para ti.

Michael estacou, furioso.

- Eu não sou nenhum profeta! - berrou ao céu que escurecia. - Não sou um dos vossos santos. Sou só um homem comum!

Volta lá e traz Angel.

- Não vai resultar. Estais errado desta vez.

Volta.

- Ela serve para o sexo, tenho a certeza. Dar-me-á isso, mas nada mais. Quereis que volte por isso? Nunca vou conseguir mais dela do que uma mísera meia hora do seu tempo. Subo àquele quarto com esperança e saio derrotado. Onde está o vosso triunfo nisto? Ela não se importaria se nunca mais voltasse a ver-me. Está a tentar passar-me às outras como um... um... Não, Senhor. Não! Sou só mais um homem sem rosto numa longa fila de homens sem rosto na vida dela. Isto não pode ser o que tínheis em mente! - Ergueu o punho. - E de certeza que não é o que eu pedi!

Enfiou os dedos no cabelo.

- Ela deixou-o bem claro. Posso tê-la como queira. Do pescoço para baixo. Excluindo o coração. Eu não passo de um homem, Senhor! Sabeis o que ela me faz sentir?

Começou a chover. Uma chuva fria puxada a vento.

Michael ficou parado na estrada escura e enlameada a uma milha da cidade, com a chuva a escorrer-lhe pelo rosto. Fechou os olhos.

- Obrigado - disse com aspereza. - Muito obrigado. - O sangue quente e irado corria a toda a velocidade pelas suas veias. - Se esta é a vossa maneira de me arrefeceres, não está a resultar lá muito bem.

Faz a minha vontade, bem-amado. Ergui-te do fosso desolado, tirei-te do pântano enlameado e pousei os teus pés numa rocha. Volta por Angel.

Mas Michael mantinha a sua fúria contra o peito como um escudo.

- Nem por sombras. A última coisa que quero ou de que necessito é de uma mulher que não sente nada. - Recomeçou a andar, desta vez dirigindo-se para o estábulo onde se encontravam a sua carroça e os seus cavalos.

- O tempo está mau para viajar, meu senhor - disse o moço do estábulo. - Vem aí uma tempestade.

- Está tão bom como qualquer outro, e estou absolutamente farto deste sítio.

- O senhor e mil outros.

Michael tinha de passar pelo Palace para sair da cidade. As risadas ébrias e a música do piano irritavam-no. Nem sequer olhou para as janelas dela no primeiro andar ao passar. Porque haveria de o fazer? Provavelmente, ela estava a trabalhar. Mal voltasse para o seu vale e esquecesse aquela rapariga destinada ao inferno, sentir-se-ia melhor.

E na próxima vez que pedisse a Deus que lhe enviasse uma mulher para partilhar a sua vida, seria muito mais específico sobre o tipo que pretendia.

*

Angel estava junto à janela do seu quarto quando viu Hosea passar. Soube que era ele mesmo com os ombros encolhidos a proteger-se da chuva. Esperou que olhasse para cima, mas não o fez. Ficou a olhar para ele até o perder de vista.

Bem, conseguira finalmente afastá-lo. Era o que quisera desde o início.

Então, porque se sentia tão desamparada? Não estava contente por finalmente se ver livre dele? Ele não voltaria a sentar-se no seu quarto, a falar, a falar, a falar, até ela pensar que enlouqueceria.

Ele chamara-lhe finalmente Angel. *Angel!* Ergueu uma mão trémula e encostou-a ao vidro. O frio entranhou-se na palma da sua mão e subiu-lhe pelo braço. Encostou a testa à vidraça e pôs-se a escutar o tamborilar da chuva. O som

fê-la recordar o barraco junto às docas e a sua mãe a sorrir na morte.

Oh, meu Deus, estou a sufocar. Estou a morrer.

Começou a tremer e deixou cair a cortina. Talvez essa fosse a única saída. A morte. Se ela morresse, nunca mais ninguém poderia voltar a usá-la.

Sentou-se na cama e encostou os joelhos com força ao peito. Pressionando a cabeça contra os joelhos, embalou-se. Porque é que ele tivera de vir até ela? Ela acabara por aceitar as coisas tal como eram. Ia vivendo. Porque é que ele tivera de vir destruir-lhe a quietude interior? Fechou as mãos em punho. Não conseguia livrar-se da imagem de Michael Hosea a afastar-se na sua carroça à chuva.

Teve a horrenda sensação de que acabara de desperdiçar a sua última oportunidade.

Cinco

A morte está perante mim hoje. Como um homem anseia por ver a sua casa quando passou muitos anos em cativeiro.

PAPIRO DO ANTIGO EGITO

A tempestade prolongou-se por vários dias. A chuva riscava o vidro como lágrimas, lavando a poeira e fazendo imagens aguadas do mundo lá fora. Angel trabalhava e dormia e olhava para as barracas, as casas de madeira e as tendas de lona abaulada iluminadas por um milhar de candeias até ao amanhecer. Não se via verde em lado nenhum. Só cinzentos e castanhos

Henri estaria a servir o pequeno-almoço agora, mas ela não tinha fome e não lhe apetecia sentar-se com as outras e escutar as suas brigas e queixas.

A chuva começou a cair com mais força e rapidez, e com ela vinham as recordações. Costumava jogar um jogo com a sua mãe em tardes de chuva. Sempre que chovia, fazia mais frio no barraco, demasiado frio para quem não tivesse de estar lá. Os homens não vinham, ficavam a aquecer-se numa taberna confortável, e Rab com eles. A Mamã punha Sarah ao colo e envolvia-as às duas no cobertor. Sarah acabara por gostar de tempestades, porque assim tinha a Mamã só para si. Punham-se a ver as grandes gotas na vidraça tocarem-se e crescerem e finalmente escorrerem para um rio no caixilho. A Mamã falava-lhe de quando era

pequena. Só das coisas felizes, dos bons tempos. A Mamã nunca falava de ser expulsa pelo seu pai. Nunca falava de Alex Stafford. Contudo, sempre que ela ficava em silêncio, Sarah adivinhava que a Mamã estava a recordar e a sofrer tudo de novo. A Mamã apertava-a com força ao peito e embalava-a e murmurava.

- As coisas vão ser diferentes para ti, querida - dizia, e beijava-a. - As coisas vão ser diferentes para ti. Vais ver.

E Angel vira.

Parou de pensar no passado. Deixou a cortina cair e sentou-se à pequena mesa coberta com um pano de renda. Recalcou de novo as recordações. O nada oco era preferível à dor.

Hosea não vai voltar. Não desta vez. Fechou os olhos com força, a sua pequena mão num punho pousado no regaço. Porque pensava sequer nele? *Venha embora comigo e seja minha mulher.* Com certeza, até ele se cansar dela e a dar a outro. Como o Duque. Como Johnny. A vida nunca muda.

Deitou-se na cama e tapou o rosto com um lençol de cetim pálido. Recordou-se de ver os homens coser a mortalha sobre o rosto com um sorriso fixo da sua mãe, e sentiu um vazio interior. Qualquer esperança que em tempos tivesse estado dentro de si esvaíra-se. Não restava nada para a manter inteira. Estava a ruir.

- Eu desembaraço-me sozinha - disse ao silêncio que a rodeava, e quase ouvia o Duque a rir-se. *É claro que sim, Angel. Tal e qual como na última vez.*

Alguém bateu à sua porta, arrancando-a sobressaltada às suas recordações sombrias.

- Posso entrar, Angel?

Angel recebeu a visita de Lucky com alegria. Recordava-lhe a Mamã, só que Lucky bebia para se sentir feliz. A Mamã bebia para esquecer. Lucky não estava bêbeda nesse momento, mas trazia uma garrafa e dois copos.

- Tens andado muito metida contigo ultimamente - disse Lucky, sentando-se na cama com ela. - Estás bem? Não

estás doente nem nada, pois não?

- Estou bem - disse Angel.

- Não tomaste o pequeno-almoço connosco. - Lucky pousou a garrafa e os copos na mesa de cabeceira.

- Não tinha fome.

- Também não andas a dormir bem. Tens olheiras. Estás a sentir-te triste, não estás? - Lucky acariciou delicadamente o cabelo de Angel, afastando-lho do rosto. - Bem, acontece às melhores entre nós, até mesmo a uma velha meretriz como eu. - Gostava de Angel e preocupava-se com ela. Angel era tão nova, e tão dura. Precisava de aprender a rir-se um pouco da sorte que lhe coubera. Era linda, e isso daria sempre jeito neste negócio. Lucky gostava de olhar para ela. Angel era uma flor rara neste canteiro de ervas daninhas, algo especial. As outras não gostavam dela por causa disso. E porque Angel não convivia com elas. Era reservada.

Lucky era a única que ela deixava aproximar-se, mas havia regras. Podia falar de tudo menos de homens e de Deus. Nunca se dera ao trabalho de pensar ou perguntar porquê. Sentia-se grata por Angel lhe permitir ser sua amiga.

Angel estava especialmente calada hoje, o seu adorável rosto pálido e abatido.

- Trouxe uma garrafa e dois copos. Queres tentar beber novamente? Talvez não tenha tão maus resultados desta vez. Bebemos mais devagar.

- Não. - Angel estremeceu.

- Tens a certeza que não estás doente?

- De certo modo, acho eu. - Sentia-se farta de viver. - Estava a pensar na minha mãe.

Era a primeira menção de alguém do passado de Angel, e Lucky sentiu-se honrada por lhe ser confiado mesmo um nadinha. Era um grande mistério entre todas as raparigas, de onde Angel viera.

- Não sabia que tinhas mãe.

Angel sorriu sardónica.

- Talvez não tenha tido, na realidade. Talvez fosse só a minha imaginação.

- Sabes que não era isso que eu queria dizer.

- Eu sei. - Angel fitou o teto. - É só que por vezes chego mesmo a duvidar. - Teria havido uma casinha com flores à volta e o perfume das rosas a entrar por uma janela da sala? A sua mãe alguma vez rira e cantara e correra com ela pelos prados?

Lucky tocou-lhe a testa.

- Estás febril.

- Tenho uma dor de cabeça. Vai passar.

- Há quanto tempo é que a tens?

- Desde que aquele lavrador começou a importunar-me.

- Ele voltou?

- Não.

- Acho que ele estava apaixonado por ti. Sentes pena de não ter ido com ele?

Angel contraiu-se interiormente.

- Não. Ele é só um homem como todos os outros.

- Queres que te deixe sozinha?

Angel pegou na mão de Lucky e segurou-a.

- Não. - Não queria ficar só. Não quando estivera a pensar no passado e não parecia conseguir arredá-lo. Não quando a morte era tudo o que lhe ia na mente. Era a chuva, a chuva torrencial constante. Ela estava a enlouquecer.

Ficaram sentadas em silêncio durante muito tempo. Lucky serviu-se de uma bebida. A tensão percorreu o corpo de Angel ao recordar a Mamã a beber até esquecer. Recordou a dor e a culpa da Mamã e o seu choro interminável. Recordou Cleo, ébria e amarga, a perorar contra a vida e a dizer-lhe a verdade de Deus sobre os homens.

Lucky não era a Mamã nem Cleo. Era divertida e desinibida e gostava de falar. As palavras familiares fluíam

como um bálsamo. Se Angel conseguisse escutar a história da vida de Lucky, talvez fosse capaz de esquecer a sua.

- A minha mãe fugiu de casa quando eu tinha cinco anos - disse Lucky. - Já te tinha contado isto tudo?

- Conta-me outra vez.

- A minha tia acolheu-me. Era uma senhora fina. Chamava-se Miss Priscilla Lantry. Desistiu de casar com um jovem fino porque o pai estava doente e precisava dela. Tratou do velho avarento durante quinze anos, até ele morrer. Nem sequer estava ainda frio na campa quando a minha mãe adorável me deixou à porta dela com um recado. Dizia: «Esta é a Bonnie.» E estava assinado «Sharon». - Riu-se.

- A Tia Priss não gostou muito da ideia de ter uma criança para criar, especialmente uma criança rejeitada pela irmã sem préstimo. Todas as pessoas na vizinhança pensavam que ela era uma santa por me acolher. - Serviu-se de mais um copo de uísque. - Ela disse que se ia assegurar de que eu me criava para ser uma senhora em condições e não como a minha mãe. Se não me vergastasse pelo menos duas vezes por dia achava que não estava a cumprir o seu dever. «Quem dá o pão dá a educação.»

Lucky pousou a garrafa na mesa de cabeceira e afastou o seu cabelo escuro do rosto corado.

- Ela bebia. Não como eu. Fazia tudo como é devido. Beberricava só. Não uísque, claro. Vinho da Madeira, Madeira do mais fino. Começava de manhã, um gole aqui, um gole ali. Parecia ouro líquido no copo bonito de cristal. Estava tão calma e docinha quando os vizinhos apareciam lá em casa. - Soltou uma risada. - Eles pensavam que ela ciciava de uma maneira encantadora.

Suspirou e agitou o líquido da cor de âmbar no copo.

- Era a mulher mais má que alguma vez conheci. Pior do que a Duquesa. Mal os convidados saíam e partiam nas suas carruagens finas, ela desatava a atacar-me. - Começou a imitar uma elegante pronúncia sulista arrastada. - «Não

fizeste uma vénia quando a Missus Abernathy entrou. Tiraste duas bolachas do tabuleiro quando eu te tinha dito para tirares só uma. O mestre-escola disse que não fizeste os trabalhos de aritmética ontem.»

Lucky bebeu metade do uísque no copo.

- A seguir, mandava-me sentar e esperar enquanto procurava o galho certo para cortar do salgueiro. Tinha de ser tão grosso como o indicador dela.

Ergueu o copo de uísque à luz e olhou através dele antes de o esvaziar.

- Foi tomar chá uma tarde com a mulher do pastor. Iam falar sobre a minha matrícula num colégio para raparigas. Na ausência dela, cortei a árvore. Fez desabar o telhado e caiu mesmo no meio da sala de estar toda fina dela. Estilhaçou todos os cristais finos dela. Fugi antes de ela voltar.

Riu-se baixinho.

- Por vezes, penso que gostava de ter ficado para ver a expressão na cara dela quando voltou para casa. - Ergueu o copo vazio e fitou-o. - E outras vezes, penso que gostava de voltar e de lhe dizer que me arrependi. - Pegou na garrafa e pôs-se de pé, com os olhos vidrados. - É melhor ir para a cama para fazer o meu sono de beleza.

Angel agarrou-lhe a mão.

- Lucky, tenta não beber tanto. A Duquesa estava a falar em pôr-te fora se não abrandares na bebida.

- Não te preocupes comigo, Angel - disse Lucky, com um sorriso desanimado. - Pelas últimas contas, continua a haver só uma mulher por cada vinte homens aqui. Decididamente, isso joga a meu favor. Tu tens de ter cuidado. O Magowan detesta-te.

- O Magowan é uma bosta de cavalo que não vale nada.

- É verdade, mas a Duquesa tem um fraquinho por ele, e ele anda a dizer-lhe que tu és preguiçosa e insolente. Tem cuidado. Por favor.

Angel não se importava. Que diferença faria? Os homens continuariam a vir e a pagar pelos seus favores até chegarem as mulheres decentes. Depois, tratá-la-iam como à Mamã. Fingiriam que não a conheciam quando passassem por ela na rua. As mulheres decentes virariam o rosto e as crianças olhariam para ela fixamente e perguntariam quem ela era, só para as mandarem calar com um safanão. Ela continuaria a ter trabalho – depois de escurecer, claro – até deixar de ser bonita ou ficar tão doente que perdesse os atrativos.

Se pelo menos ela pudesse ser como um daqueles homens das montanhas que iam para o mato e ficavam lá, caçando para comer, construindo um abrigo e nunca tendo de prestar contas de nada a nenhum outro ser humano. Deixarem-na só, isso devia ser o paraíso.

Levantou-se e foi ao lavatório. Deitou água na bacia e lavou o rosto, mas a frescura não lhe deu nenhum alívio. Manteve a toalha sobre os olhos por muito tempo. A seguir, sentou-se à pequena mesa junto à janela e pôs-se a olhar lá para fora através da cortina. Viu uma carroça vazia na rua lá em baixo e pensou em Hosea. Por que tinha de pensar nele agora?

E se eu tivesse ido com ele? As coisas seriam diferentes?

Recordou a si própria a única vez que fugira com um homem. Aos catorze anos, ainda era demasiado inexperiente para reconhecer as ambições de Johnny. Ele andava à procura de quem o sustentasse, e ela queria afastar-se do Duque. Afinal, nem um nem o outro tiveram o que queriam. Angel fechou os olhos com força ao pensar no horror do que o Duque fizera quando os trouxera de volta. Pobre Johnny.

Ela estava bem antes de o lavrador começar a visitá-la. Ele era tal e qual como Johnny. Estendia-lhe a esperança como um isco. Pintava quadros de liberdade e prometia-lha. Bem, ela deixara de acreditar em mentiras. Deixara de

acreditar na liberdade. Deixara de sonhar com ela... até Hosea aparecer, e agora não conseguia tirá-la da mente.

Agarrou a cortina.

- Tenho de sair daqui. - Nem queria saber para onde. Qualquer outra coisa seria melhor.

Já ganhara ouro suficiente para construir uma casinha sua e deixar de trabalhar por algum tempo. Só necessitava de coragem para descer e exigir o seu ouro à Duquesa. Sabia qual era o risco, mas já não parecia ter importância.

Pit, o empregado do bar, estava a limpar e empilhar cálices quando ela desceu.

- Bom dia, Miss Angel. Quer ir dar um passeio? Quer que veja se encontro o Bret?

A sua coragem vacilou.

- Não.

- Tem fome? O Henri acabou de preparar qualquer coisa para a Duquesa.

Talvez a comida lhe acalmasse a náusea. Acenou com a cabeça, e ele deixou os copos e saiu pela porta ao fundo do balcão. Quando voltou, disse:

- O Henri vai trazer-lhe alguma coisa daqui a nada, Angel.

O pequeno francês moreno trouxe um tabuleiro e destapou um prato com batatas fritas e toucinho. O café estava morno. Apresentou as suas desculpas e disse que estavam com falta de abastecimentos. Mas Angel não conseguia comer, de qualquer modo. Tentou, mas a comida ficava-lhe presa na garganta. Bebeu antes uns goles de café a tentar afogar o seu receio, mas ele estava lá como um nó apertado no seu peito.

Pit olhava-a.

- Passa-se algo de errado, Angel?

- Não. Não há nada de errado. - Mais valia despachar a coisa. Empurrou o prato para trás e pôs-se de pé.

Os aposentos da Duquesa eram no rés do chão por trás do casino. Angel ficou junto à pesada porta de carvalho, com

as palmas das mãos húmidas. Limpou as mãos à saia, inspirou fundo e bateu.

- Quem está aí?

- A Angel.

- Entra.

A Duquesa estava a limpar delicadamente a boca, e Angel viu os restos de uma omelete de queijo no seu prato de porcelana de Dresden. Um ovo custava dois dólares e o queijo era muito difícil de se arranjar a qualquer preço. Angel nem se lembrava da última vez que comera um ovo. A cabra mentirosa. O seu medo diminuiu com o ressentimento a aumentar.

A Duquesa sorriu.

- Porque não estás a dormir? Tens um aspeto horrível. Há alguma coisa que te esteja a incomodar?

- Tem-me feito trabalhar demasiado.

- Que tolice. Só estás outra vez com um dos teus maus humores. - Alisou a seda vermelha do seu roupão fluido. Pouco fazia para ocultar os pneus de gordura que se acumulavam à volta da sua cintura. Tinha bochechas rechonchudas e estava a ficar com duplo queixo. Uma fita cor-de-rosa prendia-lhe o cabelo grisalho. Era obscena.

- Senta-te, querida. Vejo que tens algo desagradável a ocupar-te a mente. O Bret disse-me que não desceste para tomar o pequeno-almoço. Queres alguma coisa agora? - A Duquesa acenou indolente com a mão, magnânima, para um cesto de bolinhos.

- Quero o meu ouro.

A Duquesa não pareceu nada surpreendida. Riu-se e inclinou-se para a frente para se servir de mais café. Acrescentou natas. Angel perguntou-se onde as teria arranjado e quanto teriam custado. A Duquesa ergueu a elegante chávena e bebeu um gole ao mesmo tempo que observava Angel por cima da borda.

- Porque é que o queres? - perguntou, como se meramente por curiosidade.

- Porque me pertence.

A Duquesa lançou-lhe um olhar ameno e divertido de tolerância maternal.

- Serve-te de café e falemos sobre isso.

- Não quero café e não quero falar sobre isso. Quero o meu ouro e quero-o agora.

A Duquesa inclinou a cabeça ligeiramente.

- Podias pedir com um pouco mais de delicadeza. Tiveste algum cliente incomodativo ontem à noite? - Quando Angel não respondeu, a Duquesa semicerrou os olhos. Voltou a pousar a chávena no pires. - Porque é que precisas do teu ouro, Angel? O que há para comprar por estas bandas? Mais trapinhos e berloques? - A sua expressão era novamente divertida, mas os seus olhos continham um aviso. - Diz-me o que queres e eu tento ver se to arranjo. A não ser que seja alguma coisa completamente fora de questão, claro.

Como ovos e natas. Como a liberdade.

- Quero uma casinha só minha - disse Angel.

A expressão da Duquesa alterou-se, tornando-se sombria.

- Para poderes fazer negócio por conta própria? Estás a ficar ambiciosa, minha querida?

- Não vai ter concorrência da minha parte, posso garantir-lhe. Eu vou para cem milhas daqui. Só quero sair disto. Quero ficar sozinha.

A Duquesa suspirou e lançou-lhe um olhar de compaixão.

- Angel, todas nós passamos por essas ideias tontas. Crê no que te digo. Não podes desistir. É demasiado tarde. - Inclinou-se para a frente e pousou de novo a chávena e o pires. - Eu trato bem de ti, não trato? Se tens queixas razoáveis, é claro que te ouvirei, mas não posso simplesmente deixar-te ir embora. Estamos em terras sem lei. Não ficarias em segurança lá fora sozinha. Todo o tipo de coisas terríveis pode acontecer a uma moça bonita quando está sozinha. - Os seus olhos brilharam. - Precisas de alguém que tome conta de ti.

Angel ergueu ligeiramente o queixo.

- Eu podia contratar um guarda-costas.

A Duquesa riu-se baixo.

- Alguém como o Bret? Não me parece que gostes dele como eu gosto.

- Podia casar-me.

- Casares-te? - Riu-se. - Tu? Oh, essa é boa.

- Fui pedida em casamento.

- Oh, tenho a certeza que foste. Até mesmo a bêbeda da tua amiguinha já foi pedida em casamento, mas também é suficientemente esperta para saber que nunca resultaria. Um homem não quer uma meretriz por mulher. Os homens dizem todo o tipo de tolices quando se sentem sós e a ansiar por uma mulher e não há mais nenhuma à volta. Ah, mas ganham juízo em menos de nada. Além disso, tu não ias gostar.

- Pelo menos, só ia trabalhar para um homem.

A Duquesa sorriu.

- Ias gostar de lavar as ceroulas sujas de um homem e fazer-lhe a comida e despejar-lhe o bacio? Ias gostar de fazer tudo isso e depois ter de lhe dar tudo o mais que ele quisesse ainda por cima? Ias gostar disso? Ou talvez tenhas a ideia de que ele te ia deixar ficar refastelada todo o dia e ter criadas para se ocuparem de tudo. Noutro lugar, talvez tivesses conseguido isso. Mas não aqui na Califórnia e certamente não agora. Terias sido mais esperta se tivesses ficado onde estavas.

Angel mantinha-se em silêncio.

A boca da Duquesa curvou-se.

- O problema vem de pensares demasiado em ti mesma, Angel. - Abanou a cabeça. - Por vezes, vocês as raparigas fazem-me sentir que estou a lidar com crianças mimadas. Muito bem, minha querida. Vamos lá ao motivo desta visitinha, está bem? Quanto mais queres? Trinta por cento?

- Só o que já ganhei. Agora.

A Duquesa suspirou fundo.

- Está bem, então, se é assim que tem de ser. Mas vais ter de esperar. Investi-o por ti.

Angel deixou-se ficar sentada, imóvel, com a frustração e a raiva a crescerem em si. Fechou as mãos em punho.

- Desinvista-o. Eu sei que tem ouro suficiente no cofre neste momento para fazer contas comigo. - Apontou para o prato. - Tem que chegue para comprar ovos e queijo e natas para si. - Pôs as mãos em concha a fazer uma forma. - Um saco com cerca deste tamanho é tudo o que espero. Um dos homens que me mandou ontem à noite era contabilista e fez-me alguns cálculos.

A Duquesa fulminou-a com o olhar.

- Tu, minha querida, estás a falar como uma tonta ingrata. - Pôs-se de pé com um ar de dignidade ofendida. - Estás a esquecer-te de tudo o que faço por ti. As despesas não são o que eram quando começámos este pequeno negócio. Os preços de tudo aumentaram. A tua roupa custa uma fortuna. A seda e as rendas não são comuns numa cidade mineira, sabias? A tua comida custa ainda mais. E este prédio não foi construído de graça!

O ressentimento e o azedume de Angel tinham há muito dissolvido o medo e qualquer pensamento racional.

- O meu nome está na escritura?

A Duquesa parou.

- O que disseste?

- Ouviu-me bem. O meu nome está na escritura? - Angel pôs-se também de pé, já incapaz de se controlar. - Põe natas no café e come ovos e queijo ao pequeno almoço. Veste-se de cetim e rendas. Até bebe de porcelana fina. - Pegou numa chávena e estilhaçou-a contra a parede. - Quantos homens é que eu *servi* para você poder comer como um boi e vestir-se como uma imitação grotesca da realeza? Duquesa de onde? Duquesa de quê? Não passa de uma velha meretriz gorda que já nenhum homem quer!

O rosto da Duquesa estava pálido de raiva.

O coração de Angel batia cada vez mais rápido. Odiava-a.

- Já não cobra quatro onças de ouro pelo meu tempo. Quanto é a tarifa nos dias que correm? Seis? Oito? Eu já devo ter ganhado o suficiente até agora para me livrar deste sítio.

- E se não tiveres? - disse a Duquesa em voz muito baixa.

Angel ergueu o queixo.

- Bem, uma rapariga esperta pode desenvencilhar-se muito bem sozinha.

A Duquesa assumiu um ar de grande compostura.

- Uma rapariga esperta nem sequer pensaria em falar-me dessa maneira.

Angel ouviu o perigo nas suas palavras e compreendeu o que tinha feito. Baixou-se lentamente sobre a cadeira, com o coração na garganta.

A Duquesa aproximou-se dela e tocou-lhe no cabelo.

- Depois de tudo o que eu fiz por ti - disse magoada. - Tens a memória curta em relação às tuas primeiras semanas em São Francisco, não tens? - Pôs o queixo de Angel entre as suas mãos em concha e ergueu-lhe o rosto. - Quando eu te vi pela primeira vez, ainda tinhas as marcas de uma sova bastante forte. Estavas a viver num barraco miserável e quase a morrer à fome. - Apertou os dedos, a magoar Angel. - Eu levantei-te da lama e tornei-te alguma coisa. Tu és uma princesa cá em cima. - Soltou-a.

- Uma princesa de quê? - perguntou ela desanimada.

- És tão ingrata! Penso que o Bret tem razão quanto a ti. Ficaste estragada com o tratamento especial.

Angel estava a tremer por dentro. A sua raiva impensada evaporara-se. Pegou na mão da Duquesa e pressionou-a contra a sua face fria.

- Por favor. Eu não consigo suportar mais isto. Tenho de sair daqui.

- Talvez precisas de uma mudança, de facto - disse a Duquesa, fazendo uma festa no cabelo de Angel. - Deixa-me pensar no assunto. Agora vai para cima e descansa. Falamos mais tarde.

Angel obedeceu. Sentou-se na ponta da cama e pôs-se à espera. Quando Magowan entrou sem bater, ela teve a sua resposta. Levantou-se e recuou a afastar-se enquanto ele fechava a porta silenciosamente.

- A Duquesa contou-me que tiveste muito a dizer-lhe há pouco. Bem, pombinha, agora é a minha vez de ter uma conversinha. Quando acabar, vais ficar tão obediente como a Mai Ling. E eu vou gostar. Estou à espera disto há muito, muito tempo. E tu sabias, não sabias?

Angel olhou para a janela fechada do segundo andar e depois de novo para a porta aferrolhada.

- Não vais conseguir escapar-me. - Tirou o seu casaco preto.

Na mente de Angel passou como um clarão a imagem de um homem alto e moreno com um fato de cerimónia. Ocorreu-lhe com uma finalidade súbita que não havia saída, não para ela. Nunca houvera; nunca haveria. Para onde quer que se virasse, sempre que tentava, voltava a ficar encurralada, pior do que antes.

- Não te preocupes. Não vou deixar marcas que se vejam. E tu vais trabalhar hoje, quer te sintas pronta para isso quer não.

Uma raiva desesperada inundou-a. Recordou tudo o que lhe fora feito desde a época em que era uma criança num barraco nas docas até ao presente, neste quarto. As coisas nunca iriam ficar melhores. Isto era tudo quanto ela poderia alguma vez esperar da vida. O mundo estava cheio de Duques e de Duquesas e de Magowans e de homens para virem fazer fila à sua porta. Haveria sempre alguém para a escravizar e a usar, alguém para lucrar com a sua carne e o seu sangue.

Havia uma saída.

Talvez ela tivesse sempre sabido que era a única saída. Sentia-a como uma presença viva no quarto, uma força ao seu lado, escura e a chamá-la. E estava finalmente pronta a aceitá-la. Algumas palavras bem dirigidas, e Magowan

encarregar-se-ia de lhe pôr fim. Seria finalmente livre – livre para sempre.

Magowan franziu a testa ao ver a expressão do seu rosto, mas ela não se importava. Já não tinha medo. Estava a sorrir-lhe.

– O que se passa contigo? – Os seus olhos brilhavam tresloucados, e ela começou a rir-se. – De que é que te estás a rir?

– De ti. Grande homem. O cãozinho da Duquesa. – Riu-se com mais força ao ver a expressão atordoada no rosto dele. Riu mais alto, a soar estranha e animada aos seus próprios ouvidos. Era tudo tão cómico, tão incrivelmente cómico. Porque é que não o vira antes? Toda a sua vida era uma enorme anedota. Mesmo quando Magowan veio para ela, não conseguiu parar de se rir dela. Não com a primeira pancada nem a segunda. Nem mesmo a terceira.

Depois da quarta pancada, Angel só conseguia ouvir o animal selvagem a rugir nos seus ouvidos.

Seis

*Para ter e manter deste dia em diante,
para o melhor e o pior, para a riqueza e a pobreza,
na doença e na saúde, para amar e respeitar,
Até que a morte nos separe.*

LIVRO DE ORAÇÃO DE COMUM

Michael não conseguia tirar Angel da cabeça. Tentava concentrar-se no trabalho e dava consigo a pensar nela. Porque continuaria a atazaná-lo? Porque tinha um pressentimento de que se passava algo de errado? Trabalhava até depois de escurecer todos os dias e depois sentava-se em frente ao lume, atormentado com pensamentos sobre ela. Via o seu rosto nas chamas, a chamá-lo. Para o próprio inferno, sem dúvida. Ou ele estaria já a ter uma amostra desse inferno?

Recordava o ar trágico dela quando passara por ele naquele primeiro dia e depois lembrava a si mesmo como ela tinha um coração duro. Jurara que não voltaria a vê-la, mas depois fazia-o todas as noites enquanto dormia, e Angel assombrava os seus sonhos. Não conseguia escapar-lhe. Ela dançava diante dele, como Salomé diante do rei Herodes. Ele estendia-lhe a mão e ela recuava, a provocá-lo. *Tu queres-me, não me queres, Michael? Então volta. Volta.*

Ao fim de alguns dias, os sonhos transformaram-se em pesadelos. Ela estava a fugir de alguma coisa. Ele corria atrás dela, a pedir-lhe que parasse, mas ela continuava a correr até chegar à beira de um precipício. Olhava para trás, para ele, com o vento a chicotear-lhe o seu cabelo dourado à volta do rosto branco.

Mara, espera!

Ela virou-se e abriu os braços e saltou.

- *Não!* - Michael acordou sobressaltado, com o corpo encharcado em suor. Estava ofegante; o seu coração batia tão acelerado que todo o corpo lhe tremia. Passou as mãos trémulas pelo cabelo.

- Jesus - segredou no escuro. - Jesus, salva-me disto. - Porque é que ela o assombrava assim?

Levantou-se e abriu a porta, encostando-se pesadamente à ombreira. Estava a chover de novo. Fechou os olhos com fadiga. Já não rezava há dias.

- Seria um tolo se voltasse - disse em voz alta. - Um tolo. - Olhou lá para fora, para o céu escuro e choroso. - Mas isso é o que Vós quereis, não é, Senhor? Não me dareis paz até eu o fazer.

Suspirou pesadamente e esfregou a nuca.

- Não vejo que bem possa vir disso, mas voltarei, Senhor. Não me agrada muito, mas farei a Vossa vontade. - Quando por fim voltou para a cama, dormiu profundamente e sem sonhar pela primeira vez em dias.

De manhã, o céu estava límpido. Michael carregou a carroça e atrelou os cavalos.

Quando chegou a Pair-a-Dice ao fim dessa tarde, olhou para a janela de Angel. As cortinas estavam corridas. Um músculo contraiu-se no seu maxilar, e uma dor forte comprimiu-lhe o estômago. Provavelmente, estava a trabalhar.

Senhor, ordenastes que fizesse a Vossa vontade, e estou a esforçar-me muito. Mas tem de doer assim tanto? Preciso de uma mulher, e esperei pela Vossa escolha. Porque me

destes esta? Porque estou de volta a este acampamento, a olhar para a janela dela com o coração na garganta? Ela não quer ter nada a ver comigo.

De ombros encolhidos, percorreu a rua principal para tratar de negócios na loja. Precisava do ouro para subir ao primeiro andar do Palace. Quando parou à porta da loja de Hochschild, saltou da carroça e subiu os degraus em grandes passadas. Havia uma mensagem na montra. *Fechado*. Michael bateu à porta com força, de qualquer maneira. Lá de dentro, Hochschild berrou uma série de pragas que confrangeriam um marinheiro tarimbado. Ao abrir a porta para trás, a sua fúria desvaneceu-se.

- Michael! Por onde tem andado? Esgotou-se-me tudo há semanas e nem vê-lo. - Com a barba por fazer, meio ébrio, com a fralda da camisa de fora, Joseph saiu para olhar para dentro da carroça. - Uma carga completa. Graças a Deus. Não me interessa se estiver cheia de bicho e a apodrecer. Fico com tudo o que trouxe.

- Você é o tipo de sujeito com quem gosto de fazer negócio - disse Michael com um ligeiro sorriso. Empilhou os caixotes e levou-os dois a dois. - Está com um aspeto terrível. Esteve doente?

Joseph riu-se.

- Bebi de mais. Está com pressa? Pode ficar para darmos dois dedos de conversa?

- Desta vez não.

- Está a planear gastar tudo o que eu lhe der no Palace outra vez? É uma das maleitas dos homens, não é? A necessidade de mulher.

Michael contraiu os maxilares.

- Como é que sabe tanto sobre os meus assuntos pessoais?

- Não foi difícil de saber, quando ainda estava na cidade ao fim de quatro dias, na última vez. - Hochschild lançou um olhar a Michael, assobiou baixinho e mudou de assunto.

- Descobriram um filão a cerca de três milhas a montante

no rio. – Deu pormenores. – Com todo aquele ouro a entrar, posso aumentar os preços.

Michael pousou o último caixote no balcão. Provavelmente, o preço de Angel também subira.

Hochschild pagou. Coçou a sua face coberta com uma barba grisalha. Usualmente, Michael era sociável, mas hoje parecia muito sombrio.

– Já comprou a manada?

– Ainda não. – Investira todo o ouro que lhe custara a ganhar em cortejar Angel na sua última viagem. Meteu o pagamento na bolsa do cinto.

– Consta-se por aí que a Angel não vai estar ao serviço por uns tempos – disse Joseph.

O nome dela foi quanto bastou. Michael sentiu-se como se tivesse recebido um murro no peito.

– Ela finalmente ganhou para um descanso?

Joseph ergueu as sobrancelhas. Aquele comentário não era nada típico de Michael. Devia estar caído de amores e ter sido muito magoado. Abanando a cabeça, fez um esgar.

– Esqueça que falei dela.

Seguiu Michael lá para fora e ficou a vê-lo saltar para a carroça.

– A cidade recebeu um pastor na quarta feira passada. Se lhe apetecer ouvi-lo, ele vai pregar no Gold Nugget Saloon.

Michael estava a pensar em Angel. Pegou nas rédeas.

– Vemo-nos daqui a um par de semanas.

– É melhor que descanse esses cavalos um pouco. Dá a ideia de que puxou bastante por eles ao vir para cá.

– Vou daqui para os estábulos. – Levou a mão ao chapéu, a despedir-se, e começou a descer a rua principal. Ia ser preciso recorrer a um suborno e bons argumentos para ver Angel esta noite. Deixou os dois cavalos e a carroça com McPherson e desceu até ao centro da cidade para reservar um quarto no hotel em frente ao Palace. Pela primeira vez na sua vida, Michael sentia vontade de beber até cair para o lado. Em vez disso, foi dar um longo passeio. Necessitava

de tempo para controlar as suas emoções e pensar no que iria dizer a Angel.

Regressou ao anoitecer, com a mente ainda perturbada. Juntara-se uma multidão à porta do Gold Nugget Saloon a escutar o novo pregador, que berrava que estes eram os tempos finais da Revelação. Michael deixou-se ficar nas franjas da multidão, a escutar. Olhou uma vez para a janela de Angel. Alguém se moveu nas sombras.

Devia ir até lá agora e negociar a sua visita com a Duquesa. O coração batia-lhe acelerado, e desatou a transpirar só de pensar nisso. Esperaria um pouco mais.

Alguém lhe tocou nas costas e ele virou-se e viu uma mulher mais velha a fitá-lo com olhos injetados. Tinha o cabelo escuro e encaracolado e trazia um vestido verde berrante muito decotado.

- Sou a Lucky - disse ela. - A amiga da Angel. - Estava embriagada e falava numa voz arrastada. - Avistei-o do outro lado da rua. - Acenou na direção do Palace. - Você é o tal, não é? O que estava sempre a pedir à Angel p'ra ir consigo?

A fúria trespassou-o como um fogo cerrado.

- O que mais é que ela lhe contou?

- Não fique zangado, cavalheiro. Vá lá e peça-lhe outra vez.

- Ela mandou-a vir cá abaixo? - Estaria lá em cima a rir-se dele por trás da cortina?

- Não. - Abanou a cabeça vigorosamente. - A Angel nunca pede nada. - Os olhos da mulher encheram-se de lágrimas, e limpou o nariz ao xaile. - Nem sequer sabe que 'tou a falar consigo.

- Bem, obrigado, Lucky, mas da última vez que estive com ela, mal podia esperar para me ver pelas costas e ficou bem claro que esperava que eu nunca voltasse.

Lucky ergueu a cabeça e olhou para ele.

- Tire-a de lá, cavalheiro. Mesmo que já não queira saber dela, mesmo que a Angel não queira. Tire-a de lá, só isso.

Subitamente alarmado, Michael agarrou-lhe o braço quando ela se virava para se afastar.

- O que se passa com ela, Lucky? O que é que está a tentar dizer-me?

Lucky voltou a limpar o nariz.

- Não posso falar mais. Tenho de voltar antes que a Duquesa dê p'la minha falta. - Atravessou a rua, mas em vez de entrar pela porta da frente, escapuliu-se para as traseiras.

Michael olhou para a janela de Angel. Passava-se algo de errado. De muito errado. Atravessou a rua em grandes passadas e entrou pelas portas de vaivém. Para além de um par de homens a jogarem às cartas e a beberem, o sítio encontrava-se quase deserto. O guarda-costas não estava ao fundo das escadas para o impedir de subir. O corredor estava às escuras e silencioso. Demasiado silencioso. Um homem saiu do quarto de Angel e a Duquesa estava com ele. Ela viu Michael primeiro.

- O que é que está a fazer cá em cima? Ninguém tem autorização para estar cá em cima antes de falar comigo!

- Quero ver a Angel.

- Ela não está a trabalhar hoje.

Michael olhou para a mala preta na mão do homem.

- O que se passa com ela?

- Nada - respondeu a Duquesa rispidamente. - A Angel está só a tirar uns dias para descansar. Agora, saia-me daqui. - Tentou barrar-lhe o caminho, mas Michael arredou-a e entrou no quarto.

A Duquesa agarrou-lhe o braço.

- Afaste-se dela! Senhor doutor, impeça-o!

O médico fitou-a com um olhar frio.

- Não, minha senhora. Não o farei.

Michael aproximou-se da cama e viu-a.

- Oh, bom Deus...

- Foi o Magowan - disse o médico em voz baixa nas costas de Michael.

- A culpa não foi minha! - disse a Duquesa, recuando com medo ao ver a expressão do rosto de Michael. - Não foi!

- Ela tem razão - disse o médico. - Se a Duquesa não tivesse entrado quando entrou, o mais provável é que ele a tivesse matado.

- Agora sai daqui e deixa-a em paz? - perguntou a Duquesa.

- Saio, com certeza - respondeu Michael. - E vou levá-la comigo.

*

Angel despertou ao sentir o toque de alguém. A Duquesa estava a barafustar outra vez. Angel queria o escuro. Não queria sentir nada, nunca mais, mas estava alguém ali, tão perto que ela sentia o calor do seu hálito.

- Vou levar-te para casa comigo - disse a voz meiga.

- Quer levá-la para sua casa, muito bem. Eu embrulho-a como um presente - disse a Duquesa. - Mas primeiro vai pagar.

- Mulher, não tem o mínimo de decência? - A voz de outro homem. - A rapariga tem sorte se sobreviver...

- Oh, vai sobreviver. E não me olhe de alto. Eu *conheço* a Angel. Ela vai viver. E ele não pode ficar com ela sem pagar. E posso dizer-lhe mais uma coisa. Ela é que provocou isto. A bruxinha sabia exatamente o que estava a fazer. Fez o Bret perder as estribeiras. Não me tem dado mais nada a não ser problemas desde o dia em que a tirei da lama em São Francisco.

- Pode receber o seu ouro - disse a voz que a arrancara à escuridão. Mas agora era dura. Zangada. Ela teria voltado a fazer algo de errado? - Mas saia daqui antes que eu faça algo de que venha a arrepender-me.

A porta fechou-se com um estrondo. A dor explodiu na cabeça de Angel, e ela gemeu. Ouvia dois homens a falarem. Um deles falou com ela.

- Quero casar contigo antes de partirmos juntos.

Casar? Angel soltou um gemido de riso.

Alguém pegou na mão dela. Ao princípio, pensou que devia ser Lucky, mas a mão de Lucky era macia e pequena. Esta era grande e dura, com a pele áspera calejada.

- Diz só que sim.

Ela acederia a casar com o próprio Satanás se isso a tirasse do Palace.

- Porque não? - conseguiu dizer.

Vogava num mar de dor e de vozes baixas. O quarto estava cheio delas. Lucky estava lá, e o médico e o outro homem cuja voz era tão familiar, mas que ela não conseguia ainda identificar. Sentiu que alguém lhe enfiava um anel no dedo. Ergueram-lhe a cabeça delicadamente e deram-lhe algo amargo a beber.

Lucky pegou na mão dela.

- Estão a preparar a carroça dele para te levar para casa com ele. Vais dormir todo o caminho com o láudano que bebeste. Não vais sentir nada. - Angel sentiu que Lucky lhe tocava no cabelo. - Agora és uma senhora casada, Angel. Ele tinha uma aliança de casamento numa corrente ao pescoço. Disse que pertencia à mãe dele. À *mãe* dele, Angel. Pôs a aliança de casamento da mãe dele no teu dedo. Consegues ouvir-me, minha doçura?

Angel queria perguntar com quem tinha casado, mas o que importava? A dor ia-se desvanecendo gradualmente. Sentia-se tão cansada. Talvez morresse afinal. Tudo terminaria então.

Ouviu o tilintar de uma garrafa contra um copo. Lucky estava a beber outra vez. Angel ouvia-a chorar. Apertou debilmente a mão de Lucky, que lhe apertou a sua e soluçou baixinho.

- Angel. - Fez-lhe uma carícia no cabelo. - O que disseste para levar o Bret a fazer-te isto? *Querias* que ele te matasse? A vida é realmente assim tão má? - Continuava a acariciar-lhe o cabelo. - Aguenta-te, Angel. Não desistas.

Angel afundou-se numa escuridão confortável enquanto Lucky continuava a falar.

- Vou sentir saudades tuas, Angel. Quando estiveres a viver lá na tua casinha com as rosas trepadeiras a toda a volta, pensa em mim de vez em quando, está bem? Lembra-te da tua velha amiga, da Lucky.

Sete

*Estou a morrer de sede
ao lado da fonte.*

CHARLES D'ORLÉANS

Angel acordou lentamente com o maravilhoso aroma de bons cozinhados. Tentou sentar-se, mas arfou com a dor.

- Calma - disse uma voz de homem, e um braço forte passou por baixo dos seus ombros a erguê-la delicadamente. Sentiu que lhe era posto algo por trás para apoiar as costas e a cabeça. - As tonturas vão passar.

Ela tinha os olhos tão inchados que quase não os conseguia abrir, e divisou a custo um homem com botas altas, jardineiras e uma camisa vermelha. Estava inclinado sobre o lume a mexer um grande pote de ferro.

A luz da manhã entrava por uma janela em frente a ela. A luz feria-lhe os olhos. Estava numa cabana pouco maior do que o seu quarto no Palace. O chão era de traves de madeira, a lareira de pedras multicores. Além da cama, Angel conseguia ver as formas vagas de uma mesa, quatro prateleiras cheias de coisas, uma cadeira de verga, uma cómoda e uma grande mala preta com cobertores empilhados em cima dela.

O homem voltou e sentou-se na beira da cama.

- Sentes vontade de comer alguma coisa, Mara?

Mara.

Ficou paralisada. Fragmentos de coisas voltavam-lhe à memória... O espancamento de Magowan, as vozes à sua volta, alguém a perguntar-lhe...

O coração bateu-lhe com força no peito. Tocou nos dedos – havia um anel num deles. A cabeça latejava-lhe ainda mais. Praguejou em voz baixa. De todos os homens do mundo, logo tinha de ser *ele*.

– É guisado de carne de veado. Deves estar com fome.

Angel abriu a boca para lhe dizer onde podia enfiar o guisado, mas sentiu uma dor aguda no maxilar que a silenciou. Hosea levantou-se e foi para junto do lume. Quando voltou para se sentar ao lado dela, trazia uma tigela e uma colher. Ela viu que ele tencionava dar-lhe de comer. Disse algo obsceno em voz baixa e tentou desviar a cabeça, mas até mesmo esse simples movimento se revelou demasiado doloroso.

– Fico contente que estejas a sentir-te melhor – disse ele secamente. Comprimindo os lábios, ela recusou-se a comer. O seu estômago, traiçoeiro, desatou a roncar. – Alimenta o lobo que tens na barriga, Mara. A seguir, podes tentar lutar contra aquele que pensas que está à tua porta.

Ela cedeu. Estava esfomeada. A papa de carne e vegetais que ele lhe metia na boca às colheradas era melhor do que qualquer coisa que Henri alguma vez tivesse cozinhado. Começou a sentir a cabeça a latejar menos. Doía-lhe horivelmente o maxilar; tinha o braço numa espécie de tala.

– O teu ombro ficou deslocado – disse Michael. – Tens quatro costelas partidas, a clavícula rachada e um traumatismo craniano. O médico não sabia se tinhas lesões internas.

Caíam-lhe bagas de suor pelos lados do rosto, do esforço doloroso de se sentar. Falou lentamente e a custo.

– Então, ficou comigo afinal. Sorte a sua. Isto é o *Iar*?

– É.

– Como é que eu cheguei aqui?

- Na minha carroça. O Joseph ajudou-me a fazer uma padiola para te tirar do Palace.

Ela olhou para a simples aliança de ouro no seu dedo. Fechou a mão.

- A que distância estou de Pair-a-Dice?

- À distância de uma vida.

- Em milhas.

- A trinta. Estamos a noroeste de New Helvetia. - Ofereceu-lhe a colher outra vez. - Tenta comer mais um pouco. Precisas de aumentar de peso.

- Não tenho carne suficiente nos ossos para lhe agradar?

Michael não respondeu.

Angel não conseguia avaliar se o seu sarcasmo o atingira ou não. Ocorreu-lhe por fim que poderia fazê-lo zangar-se, e que aquele não era o melhor momento para isso. Engoliu mais sopa e tentou não mostrar o seu medo. Ele voltou para junto do pote da comida e encheu de novo a tigela. Sentou-se a uma pequena mesa e pôs-se a comer sozinho.

- Há quanto tempo estou aqui? - perguntou.

- Há três dias.

- Há três *dias*?

- Tens estado a delirar na maior parte do tempo. Deixaste de ter febre ontem à tarde. Lembras-te de alguma coisa?

- Não. - Não tentou. - Suponho que tenho de lhe agradecer por me salvar a vida - disse com azedume. Ele continuou a comer em silêncio. - Então, o que é que vai ser, cavalheiro?

- O que queres dizer?

- O que é que quer de mim?

- Nada por agora.

- Só conversa. Certo?

Ele olhou para ela então, e ela sentiu-se inquieta com a calma dele. Quando Michael se pôs de pé e se dirigiu a Angel, o coração dela desatou a bater com força e acelerado.

- Eu não te vou fazer mal, Mara - disse ele com meiguice.
- Amo-te.

Não era a primeira vez que um homem lhe dizia que a amava.

- Sinto-me lisonjeada - disse ela secamente. Quando ele não acrescentou mais nada, ela arrepanhou o cobertor na mão. - Já agora, o meu nome não é Mara. É *Angel*. Devia acertar no nome se me vai pôr uma aliança no dedo.

- Disseste que podia chamar-te o que quisesse.

Os homens tinham-lhe chamado outros nomes que não Angel. Alguns agradáveis. Outros nem por isso. Mas ela não queria que este homem a chamasse por outro nome que não Angel. Era com quem ele casara. Angel. E Angel era tudo o que iria ter.

- O nome Mara vem da Bíblia - disse ele. - Está no Livro de Rute.

- E como você é um homem que lê a Bíblia, calcula que Angel é um nome demasiado bom para mim.

- Ser bom não tem nada a ver com o caso. Angel não é o teu verdadeiro nome.

- Angel é quem eu sou.

O rosto dele endureceu.

- A Angel era uma prostituta em Pair-a-Dice, e ela já não existe.

- Nada é diferente agora do que sempre foi, seja qual for o nome por que decida chamar-me.

Michael sentou-se na beira da cama.

- É totalmente diferente - disse. - Agora és minha mulher. Ela estava a tremer de fraqueza, mas deu luta.

- Pensa realmente que isso faz alguma diferença? Como? Pagou por mim, como sempre fez.

- Pagar à Duquesa pareceu-me a maneira mais rápida de nos livrarmos dela. Não pensei que te importasses.

- Oh, não me importo. - Sentia a cabeça a latejar.

- É melhor voltares a deitar-te.

Ela não teve forças para protestar quando ele pôs o braço à volta dela e lhe tirou a almofada das costas. Sentiu a mão dele, calejada e quente, contra a sua pele nua quando ele a recostou.

- É melhor não exagerar - disse ele, e puxou o cobertor para cima a cobri-la.

Ela tentou ver bem o rosto dele, mas não conseguiu.

- Espero que não se importe de esperar. Não estou em condições para mostrar qualquer tipo de gratidão neste momento.

Ouviu o sorriso na sua resposta.

- Sou um homem paciente.

As pontas dos dedos dele passaram lentamente pela sua testa húmida.

- Não devia ter-te deixado ficar sentada para cima tanto tempo. Não aguentas mais do que uns minutos de cada vez.

- Ela queria argumentar, mas sabia que seria inútil. Ele sabia com certeza que ela estava com muitas dores. - O que te dói mais?

- Nada em que queira que toque. - Fechou os olhos, a desejar poder morrer para que a dor acabasse. Quando ele lhe tocou nas têmporas, ela susteve a respiração.

- Descontra-te. - A sua carícia não era nem exploratória nem íntima, e ela sossegou. - Já agora - disse ele. - O meu nome é Michael. Michael Hosea. Para o caso de não te lembrares.

- Não me lembrava - mentiu ela.

- Michael. Não é muito difícil de recordar.

- Como queira.

Ele riu-se baixinho. Ela sabia que o tinha atingido naquela última noite no bordel. Porque a levava de Pair-a-Dice consigo? Quando ele saíra porta fora, ela não esperara voltar a vê-lo. Então, porque voltara? De que lhe servia ela neste estado?

- Estás a ficar outra vez tensa. Descontra os músculos da testa - disse ele. - Vá lá, Mara. Pensa nisso se tens de

pensar em alguma coisa.

- Porque é que voltou?

- Deus enviou-me.

Ele era louco. Era isso. Era simplesmente louco.

- Tenta parar de pensar tanto. Há um sabiá lá fora ao pé da janela. Escuta-o.

As mãos dele eram tão delicadas. Ela obedeceu, e a dor abrandou. Ele falava-lhe baixinho e ela ia ficando sonolenta. Já ouvira todo o tipo de vozes de homens, mas nenhuma como a dele. Grossa, calma, tranquilizante.

Sentia-se tão cansada que só queria morrer e dormir para sempre. Mal conseguia manter os olhos abertos.

- Você e Deus é bom que não esperem grande coisa - murmurou.

- Eu quero tudo.

- É a sua litania. - Ele podia esperar tudo o que queria, e também poderia pedi-lo. Mas só iria receber o que restava. Nada. Nada de nada.

Dito

*O insolente busca a sabedoria,
mas em vão.*

PROVÉRBIOS 14:6

Angel não queria saber se alguma vez voltaria a levantar-se. Uma escuridão parada abatia-se pesadamente sobre ela. Vira uma maneira de pôr fim à sua vida miserável e recorrera a ela num momento de desespero – e fracassara de novo. Em vez de encontrar a paz por que ansiava, encontrara a dor. Em vez de ficar livre, estava sob o domínio de outro homem.

Porque não conseguia fazer nada bem? Porque é que todos os seus planos davam errado?

Hosea era o homem que ela mais quisera evitar, e agora era seu dono. Ela não tinha forças para lutar contra ele. Pior, tinha de depender dele para a comida, a água, o abrigo – para tudo. A sua total dependência dele irritava-a amargamente. Sentia-a na pele. E odiava-o ainda mais por causa disso.

Se Hosea fosse um homem comum, ela saberia como o combater, mas ele não era um homem comum. Nada do que ela dizia o incomodava. Era uma montanha de granito. Ela não era capaz de o ferir. A sua calma determinação enervava-a. Havia nele um ar que ela não sabia descrever. Uma vez, disse-lhe que aprendera muito sobre ela durante

a sua febre, mas não disse o quê. Ela preocupava-se com o «tudo» que ele queria. Sempre que estava acordada, ele estava lá. Ela só queria que ele a deixasse só.

Angel sentia uma gaiola a fechar-se à sua volta. Desta vez, não estava numa casa fina na cidade. Não estava numa tenda a apodrecer feita de uma vela de navio nem num bordel com dois andares, mas não deixava de ser uma gaiola, e este lunático estava na posse da chave.

O que queria dela? E porque é que ela pressentia que ele era mais perigoso do que todos os outros homens que alguma vez conhecera?

Ao fim de uma semana, Michael passou a deixá-la sozinha na cabana durante umas horas de cada vez ao sair para trabalhar. Ela não sabia o que ele fazia, e não perguntava. Não queria saber. Sentia-se aliviada que ele não estivesse a pairar sobre ela, a limpar-lhe a testa ou a dar-lhe a sopa à boca. Queria ficar só. Queria *pensar*, e não podia fazê-lo com ele por ali.

A privacidade por que ansiara transformou-se em solidão, e pensar era tudo o que fazia. Chovia, e ela punha-se a escutar a chuva a bater no telhado... e com o som vinham visões do barraco nas docas, e da Mamã e Rab. Pensar em Rab levava-a ao Duque, e o Duque levava a tudo o resto, e ela julgava que ia enlouquecer. Talvez começasse também a falar com Deus, como este homem louco que pusera a aliança de casamento da sua mãe no dedo dela.

Porque o fizera? Porque *casara* com ela?

Mas então ele aparecia à porta, grande, forte, calmo e a olhar para ela daquela sua maneira. Ela queria ignorá-lo, mas ele enchia a cabana com a sua presença. Mesmo quando ficava só sentado em silêncio em frente à lareira a ler o mesmo velho livro gasto, ocupava todo o espaço. Estava a ocupá-la toda a ela, ainda por cima. Mesmo quando fechava os olhos, ela via-o ali. Estava sentado numa cadeira em frente à lareira, dentro da cabeça dela.

Angel não o compreendia melhor do que no bordel, mas ele mudara de algum modo. Estava diferente. Para começar, não falava muito. De facto, falava muito pouco. Sorria-lhe e perguntava-lhe como se estava a sentir ou se precisava de alguma coisa, e depois ia tratar dos seus afazeres, fossem eles quais fossem. Dia após dia, Angel via-o pôr o chapéu e sabia que ele ia deixá-la só outra vez.

- Cavalheiro - disse, decidida a nunca o chamar pelo seu nome -, porque é que me trouxe para aqui se tudo o que vai fazer é deixar-me só nesta cabana?

- Estou a dar-te tempo para pensares.

- Pensar em quê?

- No que tenhas necessidade de pensar. Vais levantar-te quando estiveres pronta. - Tirou o chapéu do gancho junto à porta e saiu.

O sol da manhã entrava por uma janela aberta. O lume estava aceso na lareira. Ela tinha a barriga cheia e estava quentinha. Devia sentir-se satisfeita. Devia conseguir descontrair-se e simplesmente recostar-se e não pensar em nada. A solidão devia ser suficiente.

O que se passava com ela?

Talvez fosse o silêncio. Estava acostumada a sons a atacarem-na de todo o lado. Homens a baterem a portas, homens a dizerem-lhe o que queriam, homens a dizerem-lhe o que fazer, homens a berrarem, homens a cantarem, homens a praguejarem no bar lá em baixo. Por vezes, havia cadeiras arremessadas contra as paredes e copos estilhaçados, e havia sempre a Duquesa a dizer-lhe como devia sentir-se grata. Ou Magowan a dizer a algum homem que o seu tempo se esgotara e que se não vestisse as calças e saísse se arrependeria.

Mas nunca tivera este silêncio, esta calma que lhe atroava os ouvidos.

Queixou-se.

- Há bastantes sons - disse Hosea. - Basta escutá-los.

Sem mais nada em que se ocupar, foi o que fez. E ele tinha razão. O silêncio mudava, e ela ouvia sons a interrompê-lo. Era como costumava ser a chuva quando ela dispunha as latas brilhantes no pequeno barraco escuro. Começou a distinguir vozes no coro à sua volta. Um grilo vivia debaixo da cama, uma rã-touro estava mesmo junto à janela. Uma multidão de companheiros com penas ia e vinha lá fora – pintarroxos, pardais e um gaio ruidoso.

Finalmente, Angel pôs-se de pé.

Quando procurou alguma coisa para vestir, não encontrou nada. Não lhe ocorrera até àquele momento que nada na cabana lhe pertencia. Nenhuma das suas coisas estavam aqui. Onde estariam? Ele não pensara em as trazer? O que havia de vestir? Um saco de juta áspera?

Ele possuía muito pouco, ao que parecia. Numa pequena cómoda viu um par extra de ceroulas, um par de jardineiras e algumas meias grossas – tudo demasiado grande para ela. Havia uma mala velha e em mau estado a um canto, mas ela sentia-se demasiado cansada para a abrir e revistar. Nua e demasiado fraca para arrastar um cobertor da cama para se cobrir, debruçou-se à janela e sorveu o ar fresco e frio.

Uma meia dúzia de minúsculas avezinhas voava de ramo em ramo numa grande árvore. Andava uma ave maior no chão a debicar a menos de dois metros da cabana. Era tão cheia de si, pensou. Uma brisa suave entrava pela casa e com ela um aroma tão forte que quase conseguia sentir-lhe o sabor. O prado perto da casa da Mamã costumava cheirar tal e qual assim. Fechou os olhos e saboreou-o.

Abriu de novo os olhos e fitou o terreno à sua frente.

– Oh, Mamã – segredou, a sentir um aperto na garganta. Uma sensação de fraqueza subiu-lhe pela espinha e as costelas começaram a doer-lhe de novo. Estava a tremer e a sentir-se atordoada.

Michael entrou e, quando a viu nua à janela aberta, foi sem uma palavra buscar uma colcha à cama. Passou-o à

volta dela, e ela fraquejou sob o seu peso. Ele tomou-a nos braços delicadamente.

- Há quanto tempo estás a pé?

- Não o suficiente para ser posta na cama outra vez. - Ele tinha-a nos braços como se fosse uma criança e o calor do seu corpo embebia o dela. Cheirava a terra e a sol. - Já pode pousar-me. Mas não na cama. Passei a minha vida toda na cama e estou farta dela.

Michael sorriu. Ela não ia fazer nada pela metade, nem mesmo voltar a pôr-se de pé. Pousou-a na cadeira em frente à lareira e pôs mais achas no lume.

Angel sentia fisgadas de dor nos lados do corpo. Agarrou com força os braços da cadeira, a sentir todos os sítios onde Magowan assentara a bota e o punho. Não falhara quase nada. Tocou no rosto a medo e franziu a testa.

- Tem um espelho?

Michael pegou na lata brilhante que usava para se barbear e passou-lha para as mãos. Horrorizada, ela fitou o seu reflexo. Ao fim de um longo momento, estendeu-lhe a lata e ele voltou a pousá-la na prateleira.

- Quanto pagou por mim?

- Tudo o que tinha.

Ela soltou uma risada débil.

- Cavalheiro, foi um tolo. - Como é que ele podia sequer olhar para ela assim?

- Não há danos permanentes.

- Não? Bem, pelo menos tenho os dentes todos. Já é alguma coisa.

- Não casei contigo por causa do teu aspeto.

- É claro que não. Casou comigo pela minha personalidade encantadora. Ou foi *Deus* que lhe disse para o fazer?

- Talvez Ele tenha achado que os chifres na tua cabeça encaixam nos buracos na minha.

Angel recostou a cabeça.

- Soube que era louco na primeira vez que pus os olhos em si. - Estava extremamente fatigada e pensou que se sentiria muito mais confortável deitada naquele colchão de palha outra vez. Talvez conseguisse pôr-se de pé, mas deu um passo e quase partiu o nariz de novo, contra as traves do soalho.

Michael veio até ela e levantou-a delicadamente, ignorando os seus protestos.

- Cavalheiro, eu disse-lhe que ainda não me quero deitar.

- Muito bem. Senta-te na cama, então.

- O que aconteceu às minhas coisas todas?

- Esqueci-me delas. Além disso, o que tu tinhas não te serviria de nada agora. A mulher de um lavrador não usa cetim e rendas.

- Não, suponho que anda nua para cima e para baixo pelas suas fileiras de feijões e cenouras.

Ele sorriu, com o humor a iluminar-lhe os olhos.

- Era capaz de ser interessante.

Angel via por que Rebecca se sentira tão enamorada dele, mas o aspeto atraente não fazia diferença para ela. O Duque fora um homem bonito. Um sedutor carismático.

- Olhe - disse, num tom contido -, eu quero começar a levantar-me e andar sozinha. *Com* alguma coisa vestida.

- Eu arranjo o que precisares quando precisares.

- Preciso *agora*.

A boca dele curvou-se.

- Suponho que sim - disse, com uma calma irritante. Dirigiu-se à velha mala em mau estado e abriu-a. Tirou uma trouxa e levou-a até junto dela. - Isto vai ter de servir por algum tempo.

Curiosa, ela desatou-a. A lã cinzenta abriu-se e ela apercebeu-se de que era uma capa usada. Dentro havia duas saias de sirguilha, uma de um castanho desbotado, a outra preta; duas blusas - uma que, provavelmente, fora em tempos branca, mas era agora quase amarela - e a outra com flores em azul e cor-de-rosa desbotados. Poderia

abotoar ambas até ao queixo, e tinham mangas suficientemente compridas para lhe cobrirem os pulsos. Havia duas toucas a condizer com as blusas. Modestamente enfiadas dentro delas estavam duas camisolas interiores, calcinhas e meias de lã preta remendadas. Por último, encontrou um par de botins pretos com botões muito usados.

Olhou para ele com uma incredulidade sardónica.

- Ficarei para sempre grata por esta generosidade.

- Sei que não são exatamente aquilo a que estás acostumada, mas penso que vais descobrir que estas coisas são mais adequadas do que tudo o que alguma vez tenhas usado.

- Vou tentar fiar-me nas suas palavras. - Tocou no tecido de sirguilha.

Ele sorriu levemente.

- Daqui a uma ou duas semanas, já vais estar em condições de fazer algumas tarefas.

Angel ergueu a cabeça, mas Michael já estava a sair da cabana. Tarefas? Que tarefas é que ele tinha em mente? Mungir uma vaca? Cozinhar? Talvez ele esperasse que ela rachasse a lenha e a carregasse, juntamente com a água do ribeiro. E as roupas dele! Ia querer que ela as lavasse e engomasse. Que piada! Ela sabia fazer uma coisa e nada mais. Ele ia ter uma bela surpresa quando ela comesse a fazer *tarefas*.

Ele voltou para dentro de casa com uma braçada de lenha.

- Cavaleiro, eu não faço a mínima ideia de quais são as tarefas da mulher de um lavrador.

Ele empilhou a lenha com cuidado.

- Não esperava que fizesses.

- Então, que tarefas exatamente tinha em mente?

- Cozinhar, lavar, engomar, tratar da horta.

- Acabei de lhe dizer...

- Tu és esperta. Vais aprender. - Pôs mais achas no lume.
- Não vais fazer nada realmente pesado até poderes, o que não vai ser por mais um mês pelo menos.

Realmente pesado? O que queria dizer isso? Decidiu optar por outra abordagem. A sua boca curvou-se num sorriso bem praticado.

- E os outros deveres de esposa?

Michael lançou-lhe um olhar.

- Quando significar mais para ti do que trabalho, consumaremos o casamento.

Surpreendeu-a a franqueza dele. Onde estava o lavrador que corava e saltava quando ela lhe tocava? Desconcertada, recuou com fúria.

- Ótimo, cavalheiro. Farei o que quer que tem em mente. Vou retribuir hora por hora, dia por dia desde que começou a olhar por mim.

- E quando calculares que estamos quites, vais-te embora. É isso?

- Vou voltar a Pair-a-Dice para ir buscar o que a Duquesa me deve.

- Não, não vais - disse ele em voz baixa.

- Sim, vou. - Obteria o seu dinheiro da Duquesa nem que tivesse de o arrancar ao couro da velhota. A seguir, contrataria alguém para lhe construir uma cabana como esta, suficientemente longe de uma cidade para não ter de ouvir o ruído nem de sentir o fedor, mas suficientemente perto para poder comprar aquilo de que necessitasse. Compraria uma arma, uma arma grande, e bastantes balas, e se algum homem viesse bater-lhe à porta usá-la-ia, a não ser que precisasse de dinheiro. Nesse caso, teria de o deixar entrar para fazer negócio. Contudo, se fosse cuidadosa e esperta, poderia viver muito tempo com o que já ganhara. Mal podia esperar. Nunca vivera completamente só, e seria paradisíaco.

Deixaram-te só uma semana inteira, troçou uma vizinha lá do fundo dela, e sentiste-te uma desgraçada, não te

lembras? Admite-o, estar só não é nenhum paraíso. Não quando tens tantos demónios a fazer-te companhia.

- Pode ter pago muito pó de ouro por mim, mas não é meu dono, cavalheiro.

Michael observou-a com paciência. Era pequena e fraca, mas possuía uma vontade de ferro. Essa força de vontade brilhava dos seus olhos azuis com uma expressão de desafio e da sua postura rígida. Pensava que tinha força de vontade suficiente para o derrotar. Enganava-se. Ele estava a cumprir a vontade de Deus, e tinha planos próprios, planos que não paravam de crescer, mas já dissera tudo o que diria por algum tempo. Ela que pensasse no assunto.

- Tens razão - disse ele. - Não sou teu dono, mas tu não vais fugir disto.

Comeram em lados opostos da divisão, ela na cama, com o prato no regaço, e ele à mesa. O único som na cabana era o estalido do lume.

Angel pousou o prato na mesa de cabeceira. Estava a tremer violentamente, mas continuava decidida a não se deitar. Pôs-se a observá-lo. Mais cedo ou mais tarde acabaria por o compreender. Ele era um homem, não era? Não podia ser assim tão complexo. Ela ia desmontá-lo peça a peça.

- Todos os homens têm pontos fracos, minha doçura - dissera-lhe Sally. - Só tens de decifrar as mensagens deles e descobrir o que é que querem de ti. Desde que os satisfaças, vai tudo correr-te bem. De outro modo, tornam-se maus.

Como o Duque quando ficava zangado. Angel ficara a saber tudo sobre o Duque depois da primeira noite. Gostava de poder. Queria obediência imediata. Ela não tinha de gostar do que ele queria fazer, desde que o fizesse. Com um sorriso. A hesitação granjeava-lhe aquele olhar frio e escuro; o protesto, uma bofetada; a resistência, força bruta. Fugir granjeava-lhe a ponta do seu charuto aceso. Quando ele se cansou por fim de a ter toda para si, ela

aprendera uma importante lição: fingir. Sentisse o que sentisse, por mais medo, repulsa ou fúria que sentisse, tinha de fingir que gostava do que os homens queriam e lhe pagavam para obter. E se não conseguisse fingir que gostava, tinha de fingir que não se importava. Tornara-se realmente boa nisso.

Sally compreendia, mas tinha as suas próprias regras.

- Tiveste muito azar quando aquele bêbedo tolo te trouxe aqui. Por outro lado, talvez não. Visto que a tua mãe também era prostituta, não era provável que alguma família decente te quisesse, por mais bonita que sejas. O que quer que pudesse ter sido, isto é o que é, Angel. E aqui é onde tu vais ficar.

Pegara no queixo de Angel e forçara-a a olhar para cima.

- E não quero voltar a ver essa expressão na tua cara nunca mais. Sintas o que sentires, aprende a guardá-lo para ti. Compreendes? O resto das pessoas tem a sua própria triste história para contar, algumas piores do que a tua. Aprende a interpretar um homem, dá-lhe aquilo por que ele paga e manda-o embora com um sorriso na cara. Faz isso, e eu trato-te como a mãe que perdeste. Se não o fizeres, vais pensar que o tempo que passaste com o Duque era um paraíso.

Sally revelou-se uma mulher de palavra, e Angel aprendeu tudo o que alguma vez pudera querer saber sobre os homens. Alguns sabiam o que queriam; outros só pensavam que sabiam. Alguns diziam uma coisa quando queriam dizer outra. Alguns tinham coragem. Mais tinham atrevimento. Fosse o que fosse ou como fosse, vinha tudo dar à mesma coisa. Entregavam o seu dinheiro por um pedaço dela. No início pedaço a pedaço do seu corpo. Ao fim de algum tempo, gota a gota. A única diferença era se enfiavam discretamente o dinheiro por baixo das peças de roupa de seda deixadas aos pés da cama dela ou se lho punham na palma da mão e a olhavam nos olhos.

Olhou para Michael Hosea. Que tipo de homem era ele?

Pôs-se a esfregar entre os dedos o tecido gasto e a morder o lábio. Talvez ele quisesse o que comprara embrulhado em sirguilha para não ter de o olhar de demasiado perto. Talvez não quisesse ver o que realmente era. Sem luz, por favor, e deixa ficar a aliança no dedo para podermos fingir que isto é correto. Assim, não terei de pensar que o que estou a fazer é *imoral*. Ela poderia desempenhar o papel de virgem para ele. Poderia até fazer-se de agradecida, se fosse preciso. Oh, sim, muitíssimo obrigada por me salvares. Poderia desempenhar qualquer papel, desde que soubesse que só teria de durar pouco tempo.

Jesus. Deus. Estou farta de fingir. Estou farta de viver assim. Porque é que não posso simplesmente fechar os olhos e morrer?

- Já me chega - disse, pousando o prato na mesa de cabeceira. Mais do que chegava.

Michael estivera a observá-la.

- Eu não te vou dar mais do que aquilo que tu consigas aguentar.

Angel olhou para ele e soube que não estava a referir-se a tarefas.

- E você, cavalheiro? Pensa que pode aguentar o que eu vou dar-lhe?

- Põe-me à prova.

Angel pôs-se a vê-lo comer a ceia. Não estava preocupado com nada. Todo ele dava a entender que sabia quem era e ao que andava, mesmo que ela não soubesse. E Angel tomou consciência de que, se não recuperasse a saúde e não se fosse embora em breve, ele acabaria por a desmontar a ela, peça a peça.

*

Na manhã seguinte, Angel vestiu-se mal Hosea saiu de casa. Enfiou a camisola interior e atou as fitas esfiapadas. O tecido era grosso e pouco revelador, cobrindo-a

completamente. Nunca usara nada assim tão simples, tão discreto... tão barato.

Quem vestira estas coisas antes? O que lhe acontecera? A avaliar pelas roupas, a mulher fora modesta e trabalhadora – como aquelas mulheres que viravam as costas à Mamã quando ela passava por elas.

Angel encontrou no botim esquerdo a calçadeira para desapertar os botões e calçou-se. Serviam-lhe razoavelmente. Michael entrou, e ela olhou para ele. Ergueu uma sobancelha.

– Pensei que tinha dito que nunca foi casado.

– Essas coisas pertenciam à minha irmã, a Tessie. Ela e o marido, o Paul, vieram para o Oeste comigo. Ela morreu de febres no rio Green. – Magoava-o recordar como sepultara Tessie no meio da estrada para oeste. Cada carroça na caravana passara por cima da sua sepultura para que não restasse nenhum vestígio. Ele e Paul não queriam que ela fosse desenterrada por índios ou animais.

Ainda não conseguira aceitar que tivera de sepultar a sua adorada irmã mais nova assim, sem uma lápide ou uma cruz a assinalar o lugar. Tessie merecia melhor.

– O que aconteceu ao marido dela? Também morreu?

Ele despiu o casaco.

– A terra dele fica na ponta do vale, em pousio. Anda à procura de ouro no Yuba. O Paul nunca foi capaz de persistir em nada por muito tempo. – O amor por Tessie levava-o a seguir um caminho reto durante algum tempo, mas quando ela morreu voltou a descarrilar.

Angel sorriu sem alegria.

– Então, o seu cunhado é mais um dos muitos que andam a violar os rios da Califórnia... e tudo o mais que possam encontrar.

Michael virou-se e olhou para ela.

Angel sentiu aquele olhar e soube o que ele estava a perguntar-se.

- Se ele é homem e está no Yuba, provavelmente chegou a ir ao Palace. - Viu que adivinhara corretamente. Com um encolher de ombros indiferente, cravou o punhal mais fundo. - Não saberia dizer-lhe se ele chegou a ir ao meu quarto. Descreva-o. Talvez eu me lembre.

As suas palavras eram duras e frias, mas Michael não se deixou enganar. Ela estava a esforçar-se muito por o afastar de si. Ele perguntava-se por que motivo.

O silêncio dele enervou-a.

- Não precisa de se preocupar se ele me conhece ou não. Eu vou-me embora antes de ele voltar.

- Vais estar aqui comigo, onde é o teu lugar.

Ela sorriu friamente.

- Mais cedo ou mais tarde, uma série de carroças com virgens vai chegar, todas respeitáveis nos seus vestidos de sirguilha empoeirados e gastos. Nessa altura, recuperará o bom senso. Por volta da altura em que terá de dizer: «Apresento-lhe a minha esposa. Comprei-a num bordel em Pair-a-Dice em 1851.»

- Não importa quem venha. Eu casei contigo.

- Bem, isso é bastante fácil de retificar. - Tirou a aliança do dedo. - Está a ver? Já não somos casados. - Estendeu-lhe o anel na palma da mão. - É tão simples como isso.

Michael examinou o rosto dela. Acreditaria realmente que era assim tão fácil? Que bastava tirar o anel e o casamento ficaria anulado e tudo voltaria a ser como era?

- Aí é que te enganas, Mara. Continuamos casados quer uses a aliança quer não, mas eu quero que fiques com ela de qualquer maneira.

Ela franziu ligeiramente a testa e obedeceu. Rodou a aliança no dedo.

- A Lucky disse que pertenceu à sua mãe.

- Pertenceu.

Deixou cair as mãos aos lados do corpo.

- Diga-me só quando a quiser de volta.

- Não vou querer.

Ela pousou as mãos no regaço e olhou-o com indolência.

- Como queira, cavalheiro.

Aquilo irritou-o.

- Detesto essa frase. Como queira. Como se estivesses a oferecer-me café. - Como queira. Ela oferecera-lhe o corpo da mesma maneira. - É melhor esclarecermos uma coisa. Eu casei-me contigo para o melhor e o pior e até que a morte nos separe. Fiz votos perante Deus quando casei contigo e nunca vou quebrá-los.

Angel sabia tudo sobre Deus. Ou fazíamos tudo bem ou ele esmagava-nos como a uma barata. Isso era Deus. Viu a expressão sombria nos olhos de Hosea e não disse nada.

A Mamã acreditara em Deus. A Mamã tivera fé. Abrira-se plenamente. O Nosso Pai que está no Céu pertencia ao mesmo reino que Alex Stafford. Angel não era suficientemente tola para se abrir a ninguém, muito menos a *ele*. E se este homem pensava que conseguiria obrigá-la... Aprendera cedo que aquilo em que não acreditamos não pode magoar-nos.

- Lembras-te de alguma coisa do casamento? - perguntou Michael, despertando-a dos seus pensamentos deprimentes.

- Lembro-me de um homem de preto a falar por cima de mim com uma voz mais morta do que a de Jesus.

- Disseste que sim. Lembras-te disso?

- Eu não disse que sim. Disse «porque não?»

- É quanto basta.

Nove

*Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim,
porque sou manso e humilde de coração,
e encontrareis descanso para o vosso espírito.*

JESUS, EVANGELHO SEGUNDO SÃO MATEUS, 11:29

Vestir-se foi tudo quanto Angel conseguiu fazer nos primeiros dias em que se levantou da cama. Ao fim de uma semana, aventurou-se a sair da casa. Fazia Michael sentir uma pontada estranha vê-la com as roupas de Tessie. Não havia duas mulheres que pudessem ter sido mais diferentes; Tess, doce e afetuosa, descomplicada e aberta; Mara, fria e indiferente, complexa e fechada. Tessie, morena e musculosa; Mara, loura e esbelta.

Michael não tentou enganar-se pensando que ela saíra da casa porque se sentia só e queria a sua companhia. Sentia-se simplesmente farta de estar fechada na cabana. Estava entediada.

Mas Angel sentia-se só e por causa disso mostrou-se nervosa e na defensiva quando Michael se aproximou. Afinal, não queria que ele ficasse com ideias erradas.

- Quando é que começo a lavrar os campos? - disse secamente.

- No outono.

Ela disparou-lhe um olhar de surpresa.

Michael riu-se e afastou-lhe o cabelo do ombro.

- Sentes-te com forças para dar um pequeno passeio?

- Até onde?

- Até dizeres que chega. - Pegou-lhe na mão, tentando não se deixar afetar pelo facto de ela a manter na sua como um peixe morto. Resistência passiva. Mostrou-lhe o celeiro e o barracão das ferramentas. Levou-a até à ponte de toros sobre o ribeiro onde planeava construir uma casa de refrigeração para guardar carne e lacticínios quando tivesse posses para comprar uma vaca. Levou-a ao longo do caminho até ao pequeno estábulo e mostrou-lhe os dois cavalos de trabalho. Apontou para os campos que tinha arado e plantado e depois levou-a para o prado aberto. - Parti para o Oeste com oito bois e acabei com os dois que vês ali.

- O que aconteceu ao resto?

- Os índios roubaram-me um, e cinco morreram a puxar a carroça. Foi muito duro - respondeu. - Os animais não foram os únicos a morrer ao longo de Humboldt Sink. - Michael olhou para ela e viu como estava pálida. Limpava o suor da testa com as costas da mão. Ele perguntou se ela queria voltar para trás. Ela respondeu que não. Ele voltou para trás, de qualquer modo. Ela estava esgotada, e era demasiado teimosa para o admitir.

Senhor, ela vai ser assim tão casmurra a respeito de tudo?

No regresso à cabana, Michael mostrou-lhe onde queria pôr uma ramada de videira.

- Sentamo-nos debaixo dela em dias quentes. Não há nada que cheire melhor do que as uvas a amadurecerem ao sol. Acrescentamos um quarto de dormir e uma cozinha à casa e fazemos um alpendre no lado oeste, para podermos sentar-nos ao fim da tarde a ver o sol pôr-se e as estrelas aparecerem no céu. Nas tardes quentes de verão, vamos beber sidra e ver o nosso milho crescer. E os filhos, um dia, se Deus quiser.

Ela sentiu um nó no estômago.

- Tem bastante trabalho planeado para durar muito tempo.

Michael pegou-lhe no queixo e olhou-a nos olhos.

- Vai levar-nos a vida inteira, Mara.

Ela soltou o queixo.

- Não deposite as suas esperanças em mim, cavalheiro. Eu tenho os meus próprios planos, e não o incluem a si. - Percorreu o resto do caminho sozinha.

*

O passeio fizera-lhe bem, mas sentia-se exausta. Mesmo assim, não queria ficar dentro de casa. Arrastou a cadeira dele para fora para se sentar ao ar livre. Queria sentir o calor do sol no rosto. Queria o cheiro do ar fresco. Uma brisa suave da tarde brincava com o seu cabelo, e ela sentia o cheiro da terra, forte e complexo. Os seus músculos descontraíram-se, e fechou os olhos.

Quando Michael regressou do trabalho, foi encontrá-la a dormir. Nem sequer as equimoses que lhe escureciam os olhos e os maxilares afetavam o seu ar de paz. Ele pegou numa madeixa do cabelo dela e esfregou-a entre os dedos. Era como seda. Ela moveu-se ligeiramente. Ele olhou para a coluna fina do seu pescoço branco e viu a pulsação constante nele. Ansiava por se inclinar e pressionar os lábios nesse ponto. Queria inspirar o perfume do corpo dela.

Senhor, eu amo-a, mas vai sempre dar esta sensação? Como se houvesse uma dor dentro de mim de que nunca conseguirei livrar-me?

Angel despertou. Abriu os olhos e, sobressaltada, viu Hosea de pé diante dela. O sol estava nas costas dele e ela não conseguia ver-lhe bem o rosto ou adivinhar no que estava a pensar. Afastou o cabelo e desviou os olhos.

- Há quanto tempo estou aqui sentada?

- Parecias em paz. Desculpa se te acordei. Tens alguma cor nas faces.

Ela tocou-as e sentiu o seu calor.

- Acrescenta-se o vermelho ao preto e ao azul das pisaduras.

- Estás com fome?

Estava.

- Mais vale ensinar-me a cozinhar. - Estremeceu com a dor quando se levantou e o seguiu para dentro de casa. Precisaria de saber cozinhar para si quando tivesse uma casa só sua.

- A primeira coisa que tens de fazer é preparar um bom lume. - Ele espevitou os carvões até formar uma cama de fogo e deitou mais achas para a lareira. Saiu com o balde e voltou com um naco de carne de veado salgada. Cortou-a em pedaços e deitou-os no pote onde fervia água. Angel sentiu o cheiro pungente das ervas quando ele as esfregou entre as palmas das mãos e as deitou para a água a borbulhar.

- Vamos deixar isto a cozer por algum tempo. Vem lá fora comigo. - Pegou num cesto e ela seguiu-o até a uma horta. Baixando-se, ele mostrou-lhe como ver quais as cenouras e as cebolas que estavam prontas para serem colhidas. Arrancou uma planta da batata já madura. Ela não queria admitir que estava espantada. Se alguém lhe tivesse perguntado, ela teria dito que as batatas vinham da Irlanda. A planta que ele arrancou trazia batatas suficientes para vários dias.

Quando Angel se endireitou, viu Hosea acorrido a alguns passos, a arrancar plantas e a atirá-las para o lado. Uma recordação lancinante da Mamã no jardim ao luar paralisou-a.

- Porque é que está a destruir o seu jardim?

Michael ergueu a cabeça ao ouvir o tom de voz de Angel. O rosto dela estava pálido e abatido. Ele endireitou-se e limpou as mãos às calças.

- Estou a arrancar ervas daninhas. Estão a sufocar tudo o resto. Não tenho tido tempo para me dedicar à horta. Uma

das coisas que te pedirei é que trates dela. Quando estiveres capaz.

Pegou no cesto e acenou com a cabeça na direção dos montes.

- Há outras coisas a crescerem espontaneamente. Chicória, mostarda e beldroega-de-inverno principalmente. Eu ensino-te o que procurar. Junto ao ribeiro, a meia milha mais abaixo, há amoras. Amadurecem no fim do verão. Há mirtilos a meia milha na encosta do monte. Também temos maçãs e nozes. - Passou-lhe o cesto para as mãos. - Podes lavar esses vegetais no ribeiro.

Ela fez o que ele mandou e voltou para a cabana. Michael mostrou-lhe como descascar e cortar os tubérculos e entregou-lhe a tarefa. A carne estava a cozer no pote ao lume, e ele pegou num gancho de ferro e passou o pote para a beira da lareira.

- Mexe-o de vez em quando. Eu vou sair para tratar da criação.

Como a carne não parecia estar a ferver o suficiente, Angel voltou a pôr o pote no meio do lume. Mas então começou a ferver demasiado, e ela afastou-o de novo. Ficou ali a mexer e a tirar o pote do lume, a pô-lo de novo ao lume e a mexer. O calor e o trabalho estavam a esgotá-la. Afastou as madeixas de cabelo húmidas da testa. Ardiam-lhe os olhos por causa do fumo.

Michael entrou com um balde de água. Pousou-o de repente, entornando água no chão.

- Cuidado! - Agarrou o braço dela e afastou-o do lume.

- O que é que estás a fazer?

- A tua saia está a fumegar. Mais um minuto e estarias em chamas.

- Tive de me aproximar para mexer o guisado! - O tampo do pote estava a saltar, o seu conteúdo a extravasar e a sibilar no lume. Sem pensar, ela agarrou a pega do pote. Solto um grito, praguejou obscenamente e pousou o gancho de novo.

- Calma! - avisou Michael, mas ela não estava com disposição para lhe dar ouvidos. Puxou com demasiada força e desalojou o varão. Com um tilintar, o pote caiu, derramando o seu conteúdo. O lume sibilou e chispou violentamente. Formou-se uma nuvem de fumo que encheu a cabana com o fedor horrível do guisado queimado.

Nem sequer isto conseguia fazer bem! Angel atirou com o gancho de ferro para a lareira cheia de guisado e sentou-se na cadeira de vime. Inclinando-se para a frente, cruzou os braços sobre as costelas doridas.

Michael abriu as duas janelas e a porta e o fumo começou a dissipar-se.

De dentes cerrados, Angel viu um pedaço de carne de veado pegar fogo.

- O seu jantar está pronto, cavalheiro.

Ele tentou não sorrir.

- Vais sair-te melhor da próxima vez.

Ela fulminou-o com o olhar.

- Eu não sei cozinhar. Não sei distinguir uma erva daninha de uma cenoura e se você me puser atrás do arado, não vai ter um sulco direito que valha a pena plantar. - Pôs-se de pé. - Quer que eu trabalhe. Muito bem. Trabalharei. Da única maneira que sei. Ali mesmo - disse, e apontou para a cama dele. - Neste preciso momento, se quiser, cavalheiro. Se a ideia da cama não lhe agrada, que me diz ao chão ou ao seu estábulo ou a qualquer outro sítio que lhe apeteça? Seja o que for que queira, basta que me diga.

Ele suspirou.

- Foi só um pote de guisado, Mara.

Ela fervilhava com frustração.

- Como é que um santo como você me escolheu a mim? Está a pôr à prova a sua fé? É isso? - Passou por ele a toda a pressa e saiu da cabana.

Queria fugir, mas não podia. Cada passo lhe causava dor. Mal conseguiu chegar ao campo antes de ter de parar para

recuperar o fôlego. Ele magoara-a quando a puxou para a afastar do lume e ela sentia dores por todo o corpo; mas a dor física não era nada em comparação com a sua repulsa por si mesma e sensação de humilhação. Era estúpida! Não sabia nada! Como poderia desenvencilhar-se sozinha se nem sequer era capaz de cozinhar uma refeição simples? Nem sequer sabia acender o lume. Não sabia nada do que era necessário para sobreviver.

Tu vais aprender.

– Oh, não, não vou! Não vou pedir a ajuda *dele*. Não vou ficar a dever-lhe nada. – Fechou a sua mão queimada num punho. – Não lhe pedi que voltasse. Não pedi nada disto!

Desceu ao ribeiro para pôr a mão de molho e remoer os seus ressentimentos.



*É assim que a vou seduzir: ao deserto a conduzirei,
para lhe falar ao coração. Dar-lhe-ei então as suas vinhas
e o Vale de Acor será como porta de esperança.*

O S E I A S 2 : 1 6 - 1 7

A sujidade na lareira estava limpa quando Angel voltou para casa, mas Hosea tinha saído. Ela esperava sentir-se aliviada com a sua ausência, mas não. Em vez disso, havia um buraco dentro dela que a fazia sentir que estava a vaguear no espaço vazio. Ele estaria algures lá fora a pensar num castigo adequado ao acesso dela?

Que tonta devia julgar que ela era. Angel apostaria que a irmã dele soubera como acender o lume, cozinhar uma bela refeição, arar um campo e fazer tudo o mais que era necessário. Provavelmente, soubera reconhecer todas as plantas silvestres da costa do Atlântico à do Pacífico a uma distância de cem passos. Provavelmente, fora capaz de farejar caça e depois matá-la e prepará-la ela própria.

Desanimada, Angel sentou-se no chão em frente à lareira e olhou para a laje vazia. *A minha vida é exatamente assim: um buraco nu, frio e sem préstimo numa parede.* Ela era estúpida e desajeitada. Oh, mas era *bela*. Tocou no rosto. Ou fora *bela*.

Pôs-se de pé. Tinha de *fazer* alguma coisa. Qualquer coisa. Precisava de luz e de calor. Já vira Hosea acender o

lume muitas vezes. Talvez ela pudesse fazer isso. Pegou em aparas de madeira e amontou-as, a seguir colocou gravetos e galhos por cima. Pegou na pederneira e no aço da prateleira, mas, por mais que tentasse, não conseguia fazer faísca.

Michael estava à porta a observá-la. Tinha saído à procura dela e vira-a sentada junto ao ribeiro, tão desanimada que nem sequer reparou nele. Deixara-se ficar, a vigiá-la, até ela voltar para casa. Era como se fosse invisível. Ela estava tão ensimesmada, tão embrenhada na sua infelicidade e nos seus pensamentos sombrios que estava cega a tudo o mais. Especialmente a ele.

Praguejando, ela pôs as mãos em punho sobre os olhos.

Michael pousou delicadamente a sua mão no cabelo dela e sentiu que ela dava um salto.

- Deixa-me mostrar-te como se faz. - Baixou-se ao seu lado e estendeu a mão. Ela entregou-lhe os instrumentos. - Antes do mais, não podes esperar que fique perfeito à primeira. É preciso ter prática. - Como fazer um guisado, queria dizer. Como viver um tipo diferente de vida.

Angel ficou a vê-lo dispor a lenha e riscar a pedra. Fez faísca, e ele soprou delicadamente até as aparas de madeira começarem a largar fumo e a arder. Acrescentou gravetos pequenos, depois ramos maiores. Daí a minutos, o lume estava aceso.

Michael sentou-se para trás, com os braços pousados nos joelhos erguidos. Tencionava desfrutar do lume e da proximidade de Mara, mas ela tinha outras ideias. Pegou no atizador e arredou os ramos e espalhou os gravetos e as aparas de madeiras. Apagou todas as fagulhas até à última.

Ajoelhando-se mais perto, preparou o lume tal como ele fizera. Fê-lo tal e qual como devia e a seguir raspou a pedra no aço. Fez faísca, mas não se manteve. Tentou de novo, mais resoluta, e fracassou. A sua mão queimada doía-lhe abominavelmente, mas agarrou nos instrumentos com uma determinação tão absoluta que as palmas das mãos

começaram a ficar transpiradas. Com cada fracasso, o peito doía-lhe mais, até a dor ser tão generalizada, tão intensa e incapacitante, que ela teve de se sentar sobre os calcanhares.

- Não consigo. - De que servia?

Michael sentiu o coração confrangido. Ela nem uma vez chorara, nem mesmo quando estava desatinada com febre. E Deus sabia como precisava de chorar.

- Desiste, Mara.

- Está bem. - Angel pôs a pedra e o aço entre eles. - Faça você.

- Não era o que eu queria dizer. Tu esforças-te demasiado. Esperas fazer tudo bem. Não é possível.

- Não sei do que está a falar. Eu só quero acender o lume.

- Nós nem sequer falamos a mesma língua - disse ele simplesmente. Era como se estivesse a falar em inglês a uma moça da Califórnia que só falasse espanhol. - É como lutares contra mim quando não tens de o fazer.

Ela recusava olhar para ele.

- Acenda-o outra vez para eu ver o que fiz mal.

Ele acedeu ao seu pedido. Ela observou-o com atenção e viu que não fizera nada de errado. Porque é que não conseguira acender o lume? A laje da lareira estava cheia de chamas luminosas, e ele fizera aquilo em poucos momentos. O lume dela nem sequer pegava, mas o dele duraria toda a noite.

Angel pôs-se de pé abruptamente e afastou-se. Odiava a competência dele. Desprezava a sua calma. Queria destruir ambas, e só tinha uma arma que soubesse usar.

Espreguiçou-se sinuosamente, consciente do olhar dele posto nela.

- Suponho que acabarei por conseguir - disse, e sentou-se na cama. - Doem-me os ombros. Pode massajar-mos como fez antes?

Michael fez o que ela lhe pedia. Aliviou a tensão dos músculos dela, aumentando a sua.

- Isso dá uma sensação boa - disse ela, e o tom sedutor da sua voz acelerou a pulsação dele. O cabelo dela deslizou para trás e era como seda sobre as suas mãos de trabalho. Quando ele pousou um joelho na cama, ela pôs-lhe a mão na coxa.

Então é isso, pensou ele tristemente. Ela achou que, como não conseguia acender o lume na lareira, acenderia um lume nele. Não demorara tempo nenhum a fazê-lo. Michael afastou-se.

Angel sentiu que ele recuava e seguiu-o. Pôs os braços à volta da cintura dele, encostando-se muito às suas costas direitas.

- Eu sei que preciso de alguém para olhar por mim e sinto-me contente que tenha voltado para me ir buscar.

Jesus, dai-me forças! Michael fechou os olhos. Quando ela começou a mover as mãos, ele prendeu-lhe os pulsos e soltou-se do abraço dela completamente.

Quando ele se virou, Angel estava pronta. Sabia como desempenhar aquele papel. Sabia todas as palavras de cor. Palavras suaves, entrecortadas... palavras calculadas para lhe tocar o coração, para o fazer sentir que a sua rejeição a magoara. Para misturar o sentimento de culpa no sangue a ferver. Para lhe dar razões e desculpas para ceder. Aquela última noite no bordel já o enfraquecera. Ele era um cordeiro pronto para a matança.

Angel aproximou-se novamente dele, reprimindo as suas emoções e usando antes a sua mente. Puxou-lhe a cabeça para baixo e beijou-o. Michael enterrou os dedos no cabelo dela e retribuiu o beijo.

Ela estava a usar tudo o que sabia para lhe mover guerra. Não sabia nada sobre acender o lume ou fazer guisados, mas sabia tudo sobre isto.

Ele soltou-se e agarrou-lhe os ombros.

- És tão persistente - disse, sem disposição para se render.

Angel fitou-o e viu que ele não se deixara enganar. Sabia exatamente o que ela estava a fazer e porquê. Ela tentou soltar-se, mas ele não a largou.

- Não tem de ser da maneira que conheces.

- Largue-me! - Ela debatia-se freneticamente. Michael viu que estava a magoar-se e soltou-a. Ela afastou-se o mais possível dele.

- Isso tudo fez-te sentir melhor?

- *Sim!* - exclamou ela num tom sibilante, a mentir com quantos dentes tinha.

- Que Deus me ajude.

Ela quisera que ele sentisse mais do que desconforto físico. Quisera aniquilá-lo. Quisera vê-lo torcer-se como uma minhoca num anzol. Atirou-se para a cadeira de vime, com o pescoço hirto, e pôs-se a olhar em frente.

Michael olhou para ela desanimado. O silêncio dela berrava insultos dirigidos a ele. Ela pensava que tinha perdido, mas julgaria que ele tinha vencido? Foi até lá fora. *Esta mulher tem uma réstia que seja de capacidade de ceder, Senhor? Ou será isto que me espera para o resto da minha vida?! Jesus, ela não luta com retidão.*

Ela luta contra ti da única maneira que conhece.

Michael foi até ao ribeiro, ajoelhou-se e deitou água fria no rosto. Ficou ali de joelhos muito tempo. Depois, foi ao celeiro buscar a tina de metal.

Quando entrou, Angel manteve-se de costas para Michael. Ele pousou a tina em frente à lareira. Ela olhou da tina para ele e desviou o olhar, sem dizer nada. Fizera-o sentir-se sujo? Precisava de um banho agora para o lavar dela? Ele passou a hora seguinte a carregar água do poço e a aquecê-la no grande pote preto pendurado por cima do lume. Atirou com uma barra de sabão para dentro da água.

- Vou dar uma volta - disse, e saiu.

Surpreendida, ela foi até à porta e abriu-a. Ele continuou a andar até ela o perder de vista por entre as árvores. Franzindo a testa, fechou a porta. Despiu toda a roupa e

meteu-se na tina. Esfregou o cabelo e o corpo vigorosamente, verteu a água quente sobre si para tirar o sabão e depois saiu da tina. Queria terminar antes de ele voltar. Ele deixara uma toalha nas costas da cadeira e ela esfregou a pele e depois envolveu o cabelo nela. Vestiu-se rapidamente. Sentou-se de novo em frente ao lume e soltou a toalha. O seu cabelo estava todo emaranhado e ela tentou desembaraçar os nós com os dedos.

Hosea só voltou daí a mais de uma hora.

Quando a porta finalmente se abriu nas costas de Angel, ela ergueu a cabeça para olhar para ele. Ele tinha o seu cabelo escuro molhado. Supôs que tinha tomado banho na água gelada do ribeiro, e sentiu uma pontada de culpa e dúvida. Ele pôs-se a andar de um lado para o outro na cabana agitadamente. Ela continuou a enfiar os dedos no cabelo, consciente de todos os movimentos de Hosea. Ele abriu a mala e fechou-a com força. Ao passar por ela, deixou cair uma escova no seu regaço. Ela pegou na escova e fitou-a. Sentiu um aperto na garganta. Olhou para ele e começou a escovar o cabelo lentamente. Ele ficou parado, com a anca encostada à mesa, a olhar para ela. Ela não sabia no que ele estava a pensar. Não sabia o que dizer.

- Nunca mais volte a fazer-me isso - disse ele.

Estava pálido, e ela sentiu algo dentro de si a enroscar-se com força e a afundar-se.

- Não volto - disse, e era essa a sua intenção.

Michael sentou-se na cadeira de verga em frente à lareira, com as mãos a pender entre os joelhos. Fitou as chamas durante muito tempo.

- Acho que tive uma boa amostra do que foi para ti.

Ela olhou para cima, surpreendida.

- O que quer dizer?

Ele olhou para ela.

- Não dá uma sensação boa ser usado. Seja qual for a razão.

Algo se torceu dentro dela. Segurou a escova no seu regaço e olhou-a com tristeza. – Não sei o que estou a fazer aqui com um homem como você.

– Eu soube, mal te vi, que ia casar contigo.

– Já mo tinha dito. – Inclinou a cabeça. – Ouça, cavalheiro. Deixe-me explicar-lhe alguns factos da vida. Um lavrador sozinho semanas a fio vem à cidade. Podia ter olhado para a ponta sul de uma égua a caminho do norte e pensado que ela era a mulher certa para si.

– Foi o teu rosto jovem, frio como pedra – disse Michael. Sorriu-lhe com tristeza. – E depois o resto de ti. – O seu olhar percorreu-lhe o corpo. – Estavas vestida de preto como uma viúva, e o Magowan acompanhava-te. Suponho que estava a assegurar-se de que não fugirias.

Ela manteve-se em silêncio durante muito tempo. Fechou os olhos e tentou não pensar em nada daquilo, mas era como um fedor intenso na cabana. Pairava no ar. Ela não conseguia livrar-se dele. Estava lá, sob o cheiro a limpo do sabão que ele lhe dera para ela usar. O cheiro fétido estava dentro dela, a correr-lhe nas veias.

– Lembras-te de quando me perguntaste que tipo de nome Hosea era e eu disse que era profético? – Ela começou a escovar de novo lentamente o cabelo, mas Michael sabia que desta vez estava a escutá-lo. – Hosea foi um profeta.² Deus ordenou-lhe que casasse com uma prostituta.

Ela lançou-lhe um olhar trocista.

– Deus ordenou-lhe que casasse comigo?

– Sim. Ordenou.

Ela olhou-o com desprezo.

– Ele fala consigo diretamente?

– Ele fala com todas as pessoas diretamente. A maior parte simplesmente não se dá ao trabalho de o escutar.

Era preferível não o contrariar.

– Desculpe a interrupção. Estava a contar-me uma história. O que aconteceu a seguir? Esse tal profeta casou com a prostituta?

- Sim. Calculou que Deus devia ter uma razão. Uma boa razão.

Como ele tinha, provavelmente.

- Esse tal Hosea conseguiu livrá-la do pecado à força? Suponho que ela rastejou até ele e lhe beijou os pés por ele lhe salvar a alma.

- Não, voltou para a prostituição.

Angel sentiu um nó no estômago. Ergueu a cabeça e perscrutou o rosto dele. Ele limitou-se a retribuir-lhe o olhar, solene, reservado, enigmático.

- Então, Deus não é assim tão todo-poderoso afinal, pois não? - disse ela em voz baixa.

- Deus ordenou-lhe que voltasse a ir buscá-la.

Ela franziu ligeiramente a testa.

- E ele foi?

- Sim.

- Só porque Deus lho ordenou? - Nenhum homem faria isso.

- Sim, e porque a amava.

Ela levantou-se e foi olhar pela janela para o céu que estava a escurecer.

- Amava? Não, não penso que fosse essa a razão. Foi o orgulho dele. O velho profeta simplesmente não queria admitir que não conseguia mantê-la consigo por si só.

- O orgulho afasta um homem, Mara. Afastou-me de ti naquela última noite em Pair-a-Dice. - Ele devia ter dado ouvidos ao Senhor e voltado. Devia tê-la arrastado dali para fora por mais que ela esperneasse e berrasse.

Angel olhou por cima do ombro para ele.

- Então, ela ficou com o profeta afinal?

- Não. Voltou a deixá-lo. Ele teve de a tirar da escravatura uma segunda vez.

Angel não estava a gostar muito da história dele.

- E depois ela ficou?

- Não. Continuou a fugir. Até chegou a ter filhos de outros homens.

Ela sentia um peso no peito. Na defensiva, troçou dele.

- E finalmente ele apedrejou-a até à morte - disse num tom carregado de sarcasmo. - Não é verdade? Finalmente mandou-a para onde ela pertencia. - Ele não respondeu, e ela virou-lhe as costas. - Aonde quer chegar, cavalheiro? Diga-o de uma vez.

- Algum dia vais ter de fazer uma escolha.

Não disse mais nada, e ela perguntou-se se aquilo seria o fim da conversa. Cerrou os maxilares. Não ia perguntar-lhe se a meretriz ficara com aquele profeta ou se ele acabara por desistir dela.

Michael levantou-se, abriu duas latas de feijões e deitou-as num pote. Daí a momentos, estavam quentes, e ele serviu-os.

- Senta-te e come comigo, Mara.

Ela sentou-se com ele à mesa. Quando ele baixou a cabeça e se pôs a rezar, a fúria subiu de novo dentro dela com rapidez. Tentando ignorá-lo, começou a comer. Quando Michael olhou para Angel, ela fez um sorriso contraído e de desafio.

- Sabe o que eu penso - disse. - Penso que Deus o mandou casar comigo para o punir por algum grande pecado no seu passado. Cobiçou muitas mulheres, cavalheiro?

- Isso atormenta-me ocasionalmente, de facto - respondeu ele, olhando-a com um sorriso triste. Comeu o resto da refeição em silêncio.

Ela invejava a sua tranquilidade e o seu autocontrolo. Quando ele acabou de comer, ela pegou no prato dele e pô-lo em cima do seu.

- Como cozinhou, eu lavo a louça. - Não gostava do escuro, mas era melhor do que ficar na cabana com ele. Ele era capaz de começar a contar-lhe outra das suas histórias horrorosas. Uma das realmente boas desta vez, algo sobre um leproso ou alguém com chagas purulentas.

Quando acabou de lavar a louça, sentou-se junto ao ribeiro por uns momentos. Doía-lhe o corpo todo e sabia que tentara fazer demasiado nesse dia, mas escutar a água acalmava os seus nervos em franja.

«O que estou a fazer aqui?» disse para consigo.» O que estou a fazer aqui com *ele*?»

Uma brisa suave sacudiu as folhas do álamo, e ela juraria que ouviu uma voz suave. Virou-se, mas não estava ali ninguém. A tremer, voltou para casa em passos rápidos e viu Hosea encostado à ombreira da porta, à espera dela. Tinha as mãos enfiadas nos bolsos. Contornando-o, ela entrou na cabana e arrumou os pratos. Estava cansada e queria ir para a cama.

Despiu-se e meteu-se rapidamente debaixo da colcha. Depois, ficou ali deitada a pensar naquela rapariga que voltara para a prostituição. Talvez também houvesse uma Duquesa que tinha o seu dinheiro. Talvez o profeta a tivesse posto meio louca da mesma maneira como este lavrador estava a pô-la a ela louca. Talvez simplesmente quisesse que a deixassem só. O profeta alguma vez pensara nisso?

Angel ficou hirta quando Hosea se enfiou na cama ao lado dela. A culpa era toda dela. Dê-se-lhes a saborear um beijo e eles querem a refeição toda. Bem, quanto mais cedo despachasse aquilo tanto mais cedo poderia dormir.

Sentou-se na cama, afastando impacientemente o cabelo para trás dos ombros, e olhou para ele com uma resolução sombria.

– Não.

Ficou surpreendida com o olhar de impaciência que ele lhe lançou.

– Não?

– Não.

– Olhe, cavalheiro. Eu não consigo ler a sua mente. Tem de me dizer o que quer.

- Quero dormir na minha cama com a minha mulher ao meu lado. - Pegou numa madeixa do cabelo dela e puxou-a delicadamente. - E isso é *tudo* quanto quero.

Perplexa, ela voltou a deitar-se. Ficou à espera de que ele mudasse de ideias. Ao fim de muito tempo, a respiração dele tornou-se mais pesada. Ela virou a cabeça cautelosamente e olhou para ele à luz da lareira. Estava mesmo a dormir. Observou o seu perfil relaxado por um longo momento e depois virou-se de costas para ele.

Angel tentou manter uma distância entre os corpos dos dois, mas Michael Hosea enchia a cama da mesma maneira que enchia a cabana.

Da mesma maneira que estava a começar a encher a sua vida.

2 Em português, Oseias. (*N. da T.*)

Onze

*No meio do caminho da nossa vida,
Dei comigo num bosque escuro.*

D A N T E

Angel gemeu quando o Duque se debruçou sobre ela. Ele riu-se baixinho.

- Pensaste que podias fugir do Alfa e do Omega?

Alguém a chamava de muito longe, mas o Duque continuava a abafar a voz parada e suave.

- Pensaste que quatro mil milhas era suficiente, mas aqui estou eu.

Ela debatia-se para se afastar dele, a tentar ouvir quem estava a chamá-la.

O Duque voltou a puxá-la para si.

- Tu pertences-me. Oh, sim. Sempre, e sabe-lo. Sou o único a quem alguma vez pertencerás. - O seu hálito cheirava ao cravinho da Índia que mastigava depois de fumar os seus charutos. - Sei no que estás a pensar, Angel. Consigo ler-te a mente. Não consegui sempre? Podes ter tanta esperança quanta queiras, mas eu nunca morrerei. Mesmo quando deixares de existir, eu continuarei a viver. Sou intemporal.

Ela lutava contra ele, mas ele não era uma substância que se pudesse arredar. Era uma sombra a cobri-la, a levá-la de novo para um buraco negro e fundo. Ela sentiu que o seu

corpo o absorvia ao cair. Ele estava a entrar por todos os poros até o negrume ficar dentro dela, e pôs-se a arranhar a própria carne.

- Não, não!

- Mara. *Mara!*

Acordou abruptamente, com a boca aberta num grito silencioso.

- Mara - disse Michael com meiguice, sentando-se na beira da cama. Ela tentou parar de tremer enquanto ele lhe afastava o cabelo do rosto. - Tens muitos pesadelos. Sobre o que são?

A sua voz e o seu toque delicados fizeram-na descontrair-se um pouco. Afastou-lhe a mão.

- Não consigo lembrar-me - mentiu, com o Duque gravado a ferro e fogo na sua mente. Ele ainda andaria à sua procura ao fim deste tempo todo? Sabia a resposta, e sentiu-se gelada. Ainda conseguia ver o seu rosto. Era como se tivesse fugido dele ontem e não há um ano. Ele acabaria por a encontrar um dia. E quando a encontrasse...

Não suportava pensar nisso. Não se atrevia a voltar a dormir. O pesadelo recomeçaria e seguiria o curso que sempre seguia.

- Mara, diz-me do que tens medo.

- De nada - disse ela num tom contido. - Deixe-me em paz.

Michael pousou a mão no peito de Angel e os músculos dela contraíram-se, tensos.

- Se o teu coração batesse com mais força, saía-te do peito.

- Está com a esperança de me fazer pensar noutra coisa?

Michael retirou a mão.

- Há mais do que sexo entre nós.

- Não há nada de nada. - Virou-lhe as costas.

Michael tirou a colcha de cima dela.

- Eu mostro-te o que mais há.

- Eu disse para me deixar em paz! - Em carne viva por causa do pesadelo, em carne viva por estar com Michael, puxou com força a colcha para si.

Michael arrancou a roupa da cama. Fazendo uma trouxa, atirou-a para cima da mala ao canto.

- Levanta-te. Já. Vais, quer queiras quer não.

Angel sentiu medo dele ao vê-lo pairar sobre si. Pressentia que ele estava a tentar controlar a sua fúria.

- Vamos dar um pequeno passeio - disse ele.

- Agora? A meio da noite? - Estava frio e escuro. Ela conteve a respiração quando ele pegou nela ao colo e a pousou no chão.

Enquanto vestia as calças, ele disse:

- Podes vestir-te ou ir nua. Tanto se me dá.

Ela não gostava das sombras na cabana e não ia sair por aquela porta para a escuridão.

- Eu não vou a lado nenhum. Vou ficar aqui mesmo.

Encaminhou-se para onde estava a colcha, mas ele agarrou-lhe o braço e fê-la girar sobre os calcanhares. Quando ela se baixou e ergueu o braço para aparar a pancada, a fúria de Michael evaporou-se. Era isso o que ela esperava dele, mesmo ao fim deste tempo todo?

- Eu nunca te vou fazer mal. - Pegou na colcha e pô-lo à volta dela. Encontrou os sapatos dela e estendeu-lhos. Ela não pegou neles. - Podes calçá-los ou caminhar descalça. A escolha é tua. Mas vais comigo.

Angel pegou nos sapatos.

- Do que é que tu tens realmente medo, Mara? E se falássemos disso?

Ela atirou para o lado a calçadeira para desapertar os botões dos botins e endireitou-se.

- Eu não tenho medo de nada, muito menos de um lavrador miserável como o senhor.

Ele abriu a porta.

- Anda daí, então, se és assim tão corajosa.

Ela conseguia divisar o celeiro, mas ele pegou-lhe firmemente na mão e dirigiu-se para o bosque.

- Aonde me vai levar? - Envergonhava-se do tremor na sua voz.

- Verás quando chegarmos lá. - Continuou a andar, arrastando-a consigo.

Angel quase não via mais nada a não ser formas. Eram ameaçadoras e escuras, algumas em movimento. Recordou-se de quando Rab a levava a toda a pressa pela noite escura há muito, muito tempo, e sentiu medo. O coração começou a bater-lhe acelerado.

- Quero voltar para casa. - Tropeçou e quase caiu.

Michael apanhou-a e equilibrou-a.

- Por uma vez, tenta confiar em mim, está bem? Já alguma vez te fiz mal?

- Confiar em si? Porque haveria de o fazer? É louco por me trazer cá para fora assim a meio da noite. *Leve-me de volta.* - Estava a tremer e não conseguia parar.

- Não até veres o que tenho para te mostrar.

- Mesmo que tenha de me arrastar?

- A não ser que queiras que te leve às cavalitas.

Ela soltou a mão bruscamente.

- Vá à frente.

- Está bem - disse ele. Angel girou sobre os calcanhares para voltar, mas não conseguia ver a cabana ou o celeiro por entre as árvores. Quando se virou, também não viu Hosea, e entrou em pânico. - Espere - gritou. - Espere!

Michael agarrou-a.

- Estou aqui. - Sentiu-a tremer e pôs os braços à volta do corpo dela. - Não te vou deixar no escuro. - Ergueu-lhe o rosto e beijou-a delicadamente. - Quando é que vais compreender que te amo?

Angel pôs os braços à volta do corpo de Michael e comprimiu-se contra ele.

- Se me ama, leve-me de volta. Podemos ficar quentinhos e confortáveis na cama. Eu faço o que quiser.

- Não - respondeu ele bruscamente, a combater a sua reação à proximidade dela. - Vem comigo.

Ela tentou retê-lo.

- Espere, por favor. Está bem. Eu tenho medo do escuro. Estar aqui fora recorda-me... - Parou de falar.

- O quê?

- Algo que aconteceu quando eu era criança. - Ele esperou e ela mordeu o lábio. Não queria falar sobre Rab ou o que lhe acontecera. Não queria pensar no horror daquela noite. - Por favor. Leve-me de volta, só isso.

Michael passou os dedos pelo cabelo dela e inclinou-lhe a cabeça para trás para poder ver-lhe o rosto ao luar. Ela estava com medo, com tanto medo que não conseguia ocultá-lo.

- Eu também tenho medo, Mara. Não do escuro, não do passado... mas de ti e do que me fazes sentir quando te toco. Usas o meu desejo como uma arma. O que eu sinto é uma dádiva. Sei o que quero, mas quanto te encostas contra mim, só sinto o teu corpo e a minha necessidade. Fazes-me tremer.

- Então leve-me de volta para a cabana...

- Tu não me estás a ouvir. Não compreendes nada. Não *posso* levar-te de volta. Não vai ser como tu queres. Vai ser como eu quero ou não será de todo. - Michael pegou-lhe na mão. - Agora, anda daí. - Atravessou o bosque escuro. Angel sentia as palmas das mãos a transpirar, mas a sua mão já não estava na de Michael como um peixe morto. Agarrava-a como se a sua vida dependesse dele.

Angel ouvia sons por toda a parte, um tinido e um sussurro constantes que vinham de todas as direções e lhe penetrava na cabeça. Era um silêncio tão silencioso que gritava. Ela queria estar de volta à cabana, longe das coisas negras e móveis à sua volta. Demónios alados, a olharem com um sorriso malévolo. Este era o mundo do Duque.

Sentia frio e fraqueza da exaustão.

- Ainda falta muito?

Michael pegou nela e levou-a ao colo.

- Estamos quase lá. - O bosque ficara para trás, a lua lá em cima dava às encostas dos montes um tom cinzento prateado fantasmagórico. - É no cimo daquele monte.

Quando chegou ao cume, pousou-a de novo e ela olhou à sua volta, perplexa. Não havia nada. Só mais montes e depois as montanhas à distância.

Michael viu a brisa noturna fazer o cabelo pálido dela dançar ao luar. Ela encolheu-se na colcha e fulminou-o com o olhar.

- Não há nada aqui.

- Tudo o que importa está aqui.

- Este caminho todo para nada. - Angel não sabia o que esperara. Um monumento. Qualquer coisa. Sentou-se, exausta e a tremer ao ar frio da noite. A colcha não chegava. Dez colchas não chegariam. O frio estava dentro dela. O que é que ele julgava que estava a fazer, a arrastá-la por este monte acima a meio da noite?

- O que é tão especial nisto?

Michael sentou-se atrás dela. Pôs as suas pernas fortes uma de cada lado do corpo dela e puxou-a contra si.

- Espera só.

Ela queria resistir ao seu abraço, mas estava com demasiado frio para dar luta.

- Pelo quê?

Ele pôs os braços à volta dela.

- Pela manhã.

- Eu podia ter esperado por isso na cabana.

Ele riu-se contra o cabelo dela. Levantou-o e beijou-lhe a nuca.

- Não podes compreender até o veres daqui. - Acariciou a pele macia por trás da orelha dela. Ela estremeceu. - Dorme um pouco, se quiseres. - Aconchegou-a mais a si. - Eu acordo-te no momento certo.

Ela não sentia sono depois da longa caminhada.

- Faz este tipo de coisa com frequência?

- Não com a frequência que gostaria.

Ficaram de novo em silêncio, mas ela não se sentia desconfortável. O calor do corpo dele comunicava-se ao seu. Sentia o peso do braço dele atravessado no seu peito e a sua solidez a segurá-la. Olhou para as estrelas, minúsculas joias sobre um veludo negro. Nunca vira o céu assim, tão perto que sentia que poderia estender o braço e tocar em cada ponto brilhante de luz. O céu à noite era lindo. Nunca tivera este aspeto visto de uma janela. E o cheiro - espesso, húmido, a terra. Mesmo os sons à sua volta se tornaram uma espécie de música, como as aves e os insetos, como a chuva a tilintar nas latas num barraco humilde nas docas. E depois o escuro começou a desvanecer-se.

Começou lentamente, quase impercetível. As estrelas foram ficando cada vez mais pequenas e o negrume suavizou-se. Ela pôs-se de pé, com a colcha aconchegada ao corpo, a ver. Nas suas costas, havia ainda escuridão, mas diante de si havia luz: um amarelo pálido a tornar-se brilhante, ouro riscado com vermelho e laranja. Ela já assistira ao nascer do sol entre paredes e por trás de vidros, mas nunca assim, com a brisa fresca no rosto e a natureza em todas as direções. Nunca vira nada assim tão belo.

A luz da manhã derramava-se lentamente sobre as montanhas, atravessava o vale até à cabana e ao bosque por trás dela e subia a encosta do monte. Ela sentiu as mãos fortes de Hosea nos seus ombros.

- Mara, esta é a vida que quero dar-te.

A luz da manhã era tão forte que lhe feria os olhos, cegando-a mais do que a escuridão alguma vez a cegara. Sentiu os lábios dele contra o seu cabelo.

- É isto que estou a oferecer-te. - O seu hálito era quente contra a pele dela. - Quero encher a tua vida com cor e calor. Quero enchê-la com luz. - Pôs os braços à volta dela e encostou-lhe as costas a si. - Dá-me uma oportunidade.

Angel sentiu um peso a crescer dentro de si. Ele tinha palavras bonitas para ela, mas as palavras não eram a vida. A vida não era assim tão simples, tão escorreita. Era emaranhada e torcida, a debater-se desde o nascimento. Ela não podia apagar os últimos dez anos ou mesmo os oito antes de Rab a conduzir pelas ruas até ao bordel e a deixar ali para o Duque a arruinar para sempre. Começara muito antes disso.

Ela era culpada de ter nascido.

O seu próprio pai quisera que a cortassem do útero da sua mãe e a deitassem fora como lixo. O seu próprio pai. E a Mamã tê-lo-ia feito se soubesse que o perderia por se atrever àquele pequeno desafio. Todos aqueles anos de choro sem fim tinham dito isso mesmo a Angel.

Não, nem uma centena de alboradas como esta, nem um milhar, alteraria a realidade. A verdade estava lá para sempre, tal como o Duque dissera no sonho. Não é possível escapar-lhe. Por muito que se tente, não é possível escapar à verdade.

A sua boca curvou-se num sorriso triste e sentiu uma dor na alma. Talvez este homem fosse tudo o que parecia. Talvez fosse sincero em cada palavra que dizia, mas ela sabia algo que ele não sabia. Nunca iria ser como ele queria. Simplesmente não seria possível. Ele era um sonhador. Queria dela algo que era impossível. A alborada viria também para ele, e ele despertaria.

Angel não queria estar por perto quando ele despertasse.

Doze

Mesmo que me persuadas, não me persuadirás.

ARISTÓFANES

Michael sentiu a mudança em Angel depois daquela noite, mas não foi uma mudança que lhe agradasse. Ela recuara e mantinha a distância. Embora as equimoses já tivessem passado e as costelas partidas estivessem curadas, ainda era uma pessoa com feridas por sarar. Não deixava que ele se aproximasse. Recuperou o peso que perdera depois do violento espancamento de Magowan. Tornou-se fisicamente forte, mas Michael pressentia uma vulnerabilidade mais profunda nela. Incumbia-a de tarefas para lhe dar um objetivo, e a palidez do bordel e do confinamento na cabana desapareceu. No entanto, não brilhava vida nos seus olhos.

A maioria dos homens ficaria satisfeita por ter uma esposa assim tão maleável e trabalhadora. Michael não. Não casara com ela para ter braços para o trabalho. Queria uma mulher como parte da sua vida – parte de si próprio.

Todas as noites eram uma provação. Deitava-se ao lado dela e aspirava o seu odor até sentir a cabeça andar à roda. Angel deixara claro que ele poderia usar o corpo dela quando e como quisesse. Olhava para ele todas as noites ao despir a roupa. A questão nos seus olhos fazia com que a boca secasse dele, mas não cedia. Aguardava, rezando para que o coração dela amolecesse

Os pesadelos de Angel persistiam. Acordava frequentemente a tremer, com o corpo encharcado em suor. A seguir, nem sequer permitia a Michael que lhe tocasse. Só depois de ela voltar a adormecer é que ele podia passar os braços à volta dela e aconchegá-la a si. Ela relaxava então, e ele compreendia que, a algum nível mais profundo, ela sabia que estava em segurança com ele.

Era uma parca satisfação quando as necessidades naturais do seu corpo estavam a dominá-lo cada vez mais quanto mais tempo estavam juntos. A sua mente criava imagens dos dois a fazerem amor como vinha escrito no Cântico dos Cânticos. Quase sentia os braços dela à sua volta e saboreava os seus beijos de mel. A seguir, arrancava-se ao devaneio e sentia-se mais frustrado e desolado do que nunca.

Oh, poderia possuí-la agora se quisesse. Ela acederia. Saberla o que fazer. E ele saberia, enquanto estivesse a verter a sua esperança para dentro dela, que ela estaria a contar as vigas no teto ou a pensar nas tarefas do dia seguinte ou em qualquer outra coisa que a mantivesse alheada dele. Não o olharia nos olhos nem queria saber se ele estava a morrer por dentro por amor dela.

A recordação estava gravada na mente de Michael: Angel sentada aos pés da cama no Palace, a balouçar o pé para a frente e para trás como um pêndulo. Seria exatamente o mesmo agora se ele cedesse ao seu desejo físico. Seria Angel, não Mara, só à espera que ele acabasse para poder remetê-lo para o esquecimento com todos os outros homens que alguma vez tinham usado o seu corpo.

Deus, o que faço? Estou a enlouquecer. Esperais demasiado de mim. Ou serei eu que estou a esperar demasiado dela?

A resposta mantinha-se a mesma: ***Espera.***

Mais do que tudo, Michael sentia-se consumido com a necessidade de a ouvir dizer o nome dele. *Só uma vez, Jesus. Deus, por favor. Só uma vez.* Michael! Um

reconhecimento da sua existência. Na maior parte do tempo, ela olhava-o como se não o visse. Ele queria ser mais do que alguém a rondar a periferia da alma dela, alguém que ela estava convencida que a pisaria e usaria. *Amor*, para Angel, era um palavrão obsceno.

Como hei de ensinar-lhe o que é realmente o amor quando os meus próprios instintos se estão a atravessar no caminho? Senhor, o que estou a fazer de errado? Ela está mais distante agora do que estava em Pair-a-Dice.

Tem paciência, bem amado.

A frustração de Michael aumentava, e ele começou a pensar no seu pai, que afirmava que todas as mulheres queriam ser dominadas.

Michael não acreditara nisso então, e não acreditava agora; mas quase desejava poder acreditar. Acreditar nessa mentira tornaria mais fácil a sua vida com Angel. De cada vez que ela olhava para ele como se não o visse, ele pensava no seu pai. De cada vez que ela se aproximava dele no sono, ele sabia o que o seu pai diria sobre o seu celibato autoimposto.

Ouvia outra voz, escura e potente e tão velha como o tempo.

Quando é que vais comportar-te como um homem? Vai para a frente, possui-a. Porque estás a conter-te? Possui-a. Ela pertence-te, não pertence? Comporta-te como um homem. Desfruta do seu corpo se não podes obter mais nada dela. Do que é que estás à espera?

Michael debatia-se com a voz na sua cabeça. Não queria ouvi-la, mas ela estava ali, insistente, sempre que ele se encontrava mais vulnerável.

Mesmo quando estava de joelhos a rezar, ouvia-a a provocá-lo.

*

Angel foi ficando cada vez mais desassossegada. Havia algo a remoê-la, algo lento e insidioso e ameaçador.

Agradava-lhe a vida nesta pequena cabana. Sentia-se confortável e segura, menos com Michael Hosea. Não lhe agradavam as emoções que ele começava a despertar nela, os sentimentos a minarem a sua resolução. Não lhe agradava que ele não se encaixasse em nenhum molde que ela conhecesse; que cumprisse a sua palavra; que não a usasse; que a tratasse de um modo diferente de como alguma vez fora tratada.

Nunca se zangava quando ela cometia erros. Elogiava-a e encorajava-a. Contava as suas próprias asneiras com um sentido de humor que a fazia sentir-se menos irritada com a sua própria incompetência. Dava-lhe a esperança de poder aprender, e orgulho quando conseguia. Sabia acender o lume agora. Sabia cozinhar uma refeição. Era capaz de distinguir plantas comestíveis de ervas daninhas. Começava até a escutar as histórias que ele lia todas as noites, não que acreditasse numa só que fosse.

Quanto mais depressa me afastar dele tanto melhor.

Tinha assuntos a resolver em Pair-a-Dice. Além disso, poderia ter a sua própria pequena cabana tal e qual como esta quando recebesse o seu quinhão do ouro que ganhara. E não teria de viver com nenhum homem.

Angel calculava mentalmente quanto tempo e dinheiro Hosea gastara a fazê-la recuperar a saúde e a treiná-la para ser independente. Tencionava pagar-lhe todas as horas e todo o investimento antes de partir.

Cuidava da horta dele. Cozinhava, varria, lavava, engomava e remendava. Quando ele limpava um estábulo, ela arranjava uma pá para o ajudar. Quando ele cortava lenha para o inverno, ela enchia os braços e fazia pilhas ordenadas contra a parede do celeiro.

Quando já tinham passado quatro meses, a sua pele estava morena, as suas costas fortes e as suas mãos ásperas. Olhou para a lata brilhante de novo e viu que o seu rosto estava novamente normal. Até o nariz sarara e

ficara direito. Era hora de começar a fazer planos para voltar.

- Acha que os vegetais de que tenho tratado valeriam um saco de ouro em Pair-a-Dice? - perguntou-lhe uma noite à ceia.

- Provavelmente mais. - Michael ergueu os olhos. - Vamos ter que chegar para comprar duas cabeças de gado.

Ela acenou com a cabeça, extraordinariamente contente com essa ideia. Talvez ele comprasse uma vaca e eles pudessem ter leite. Talvez ele a ensinasse a fazer queijo. Angel franziu a testa. No que é que estava a pensar? O que lhe importava se ele comprasse uma dúzia de vacas? Ela tinha de regressar a Pair-a-Dice e pôr ordem nas coisas. Baixou os olhos e pôs-se a comer lentamente. Aproximava-se o dia em que ela poderia tirar do dedo a aliança da mãe de Michael e esquecer tudo sobre ele.

Angel lavou os pratos e pôs-se a passar a ferro enquanto Michael lia a Bíblia em voz alta. Não o escutava enquanto passava o ferro para a frente e para trás até ele ficar frio e sem préstimo. Voltou a pô-la na grelha. Vivia aqui com este homem há meses. Trabalhava como uma escrava; nunca trabalhara assim tanto no Palace. Olhou para as suas mãos. Estavam calejadas e as unhas partidas e curtas. O que teria a Duquesa a dizer sobre isso? Pegou de novo no ferro.

Tentou fazer planos, mas os seus pensamentos divagavam para a horta, para as aves bebés num ninho junto à janela do quarto, para a serenidade profunda e calma na voz de Michael Hosea enquanto lia. *O que se passa comigo? Porque sinto este peso dentro de mim outra vez? Pensei que tinha desaparecido.*

Não desaparecerá até voltares a Pair-a-Dice e receberes o que a Duquesa te deve.

Sim, devia ser isso. Até ela regressar a Pair-a-Dice, tudo estaria em suspenso. A velha megera enganara-a. Angel não podia deixar que ela levasse a melhor.

Além disso, raciocinava Angel, devia sentir-se aliviada por o seu tempo com este lavrador estar a chegar ao fim. Mas não sentia alívio. Sentia-se como na noite em que ficara a vê-lo partir de Pair-a-Dice, como se um buraco se tivesse aberto nela e a vida estivesse a esvair-se por ele, não num jorro, mas num lento gotejar vermelho a manchar a terra aos seus pés.

Tens de regressar, Angel. Tens mesmo. Nunca serás livre se não o fizeres. Vais buscar o teu dinheiro. Haverá muito, e então serás livre. Podes construir outra cabana como esta, e será toda tua. Não terás de a partilhar com um homem que espera demasiado de ti. Espera o que tu nem sequer tens, o que nunca tiveste. Além disso, ele é louco, a rezar a um deus que não existe ou quer saber e a ler um livro de mitos como se fosse a resposta para tudo.

Mordia o lábio enquanto trabalhava. Voltou a pôr o ferro na grelha para o aquecer de novo.

- Quando é que vamos a Pair-a-Dice buscar mantimentos?
- Trinta milhas era muito longe para ir a pé.

Michael parou de ler. Ergueu a cabeça e olhou para ela.

- Não vou voltar a Pair-a-Dice.
- Nunca mais? Mas porquê? Pensei que vendia os seus produtos àquele judeu na rua principal.
- Ao Joseph. O nome dele é Joseph Hochschild. E sim, vendia. Decidi que é melhor não voltar lá. Ele sabe. Há outros lugares. Marysville, Sacramento...

- Devia voltar para receber o seu dinheiro, pelo menos.

- Que dinheiro?

- O ouro que pagou por mim.

Ele comprimiu os lábios.

- Isso não me importa.

Ela olhou para ele.

- Devia importar-lhe. Não lhe interessa que tenha sido enganado? - Pôs-se de novo a passar a ferro.

Michael olhou para ela e compreendeu que ela queria voltar. Mesmo depois de todo este tempo com ele, ansiava pela sua vida em Pair-a-Dice. O seu corpo ficou quente e tenso. Ela continuava a passar a ferro como se não houvesse nada de errado, aparentemente cega aos sentimentos dele. Michael sentia vontade de a agarrar e sacudir, para ver se a fazia ganhar algum juízo.

Ela terá algum, Senhor? Terá? Deus, não a afetei em nada? Será que a tenho feito trabalhar demasiado duramente? Ou ela estará simplesmente entediada com este tipo de vida tranquila? Jesus, o que hei de fazer? Prendê-la como um cão?

Pensou em algo para distrair a mente de Angel de Pair-a-Dice por algum tempo. Era um truque mesquinho e baixo, mas o resultado mantê-la-ia na quinta por mais um par de semanas. Talvez então ela visse a razão.

- Tenho um trabalho para ti amanhã - disse ele. - Se estiveres disposta.

Ela pensara em partir no dia seguinte, mas era uma longa caminhada e nem sequer sabia por que estrada seguir. Duvidava que ele lhe apontasse a direção certa. O que havia de fazer? Perguntar ao seu deus?

- O que é? - perguntou secamente.

- Há uma noqueira preta no prado. As nozes caíram. Gostava que fosses lá apanhá-las. Tenho um saco de juta no celeiro. Podemos estendê-las no terreiro para secarem.

- Muito bem - disse ela. - Como queira.

Ele cerrou os maxilares. Voltava àquilo. *Como queira*. Se ela dissesse mais uma palavra que fosse, ele iria pôr a teoria do seu pai à prova.

- Vou ver da criação. - Foi até lá fora para se acalmar.

Dirigiu-se ao curral em grandes passadas.

- Como é que comunico com esta mulher? - disse entre dentes. - O que quereis de mim? Devia só trazê-la para aqui e dar-lhe tempo para sarar e repousar antes de ela voltar? Que vontade está a ser feita aqui?

Já não parecia conseguir ouvir a pequena voz calma.

Nessa noite, sentiu-se pior do que nunca. Quase seguiu os desejos do seu corpo em vez dos do seu coração e da sua mente, mas sabia o que era esperado. Levantou-se e foi até ao ribeiro. A água fria ajudou, mas não era cura para o que o afligia.

Porque estais a fazer-me isto, Senhor? Porque me destes esta moça teimosa e enfurecedora? Ela está a virar-me do avesso.

Angel deu conta de quando ele saiu da cama. Perguntou-se aonde iria. Sentia falta do calor dele. Quando Michael voltou, ela fingiu que estava a dormir, mas em vez de voltar para junto dela na cama, ele sentou-se na cadeira de verga em frente à lareira. Em que estaria a matutar? No gado? Nas suas colheitas?

Estava a dormir na cadeira quando Angel se levantou de manhã. Ela despiu a velha camisa dele e recolheu as suas roupas. Quando se virou ligeiramente e o viu a fitá-la, soube o que se passava de errado. Vira aquela expressão no rosto de outros homens vezes suficientes para saber o que queria dizer. Era só isso o que o afligia? Bem, porque não o dissera?

Endireitou-se, baixando os braços lentamente para ele poder olhar para ela. Fez-lhe o seu velho sorriso.

Um músculo contraiu-se na face dele. Pôs-se de pé, tirou o chapéu do gancho junto à porta e saiu.

Angel franziu a testa, perplexa.

Preparou-lhe o pequeno-almoço e esperou que ele voltasse para dentro. Quando ele entrou em casa, comeu sem dizer uma palavra. Ela nunca o vira tão mal humorado. Ele olhou para ela sombriamente.

– Já decidiste se vais apanhar as nozes?

Ela ergueu as sobrancelhas.

– Vou apanhá-las. Não sabia que estava com tanta pressa.

– Arrastou a cadeira para trás e foi ao celeiro buscar o saco de juta. Demorou várias horas a enchê-lo. Arrastou a sua

carga e despejou as nozes. Sacudiu o saco, orgulhosa do seu trabalho.

Michael estava a rachar lenha. Fez uma pausa, limpou o suor da testa com as costas da mão e acenou na direção do monte de nozes.

- É tudo?

O sorriso dela evaporou-se.

- Não basta?

- Pensei que havia mais.

Ela empertigou-se.

- Quer dizer que quer *todas*?

- Sim.

De lábios comprimidos, Angel voltou para o prado.

- Talvez ele seja em parte esquilo - resmungou entre dentes. Talvez estivesse a pensar vender as nozes juntamente com os vegetais e a carne de veado fumada. Obstínada e furiosa, continuou a trabalhar durante a hora da refeição do meio-dia. *Ele que arranje alguma coisa para comer. Se quer nozes, vai ter nozes.*

Era quase o fim da tarde quando atirou com o último saco de nozes para o chão do celeiro. Doíam-lhe muito as costas.

- Andei a farejar por entre as folhas, mas não consegui dar com mais - disse-lhe. Ansiava por um longo banho de água quente, mas a ideia de ir buscar um só balde de água que fosse fê-la desistir dessa ideia.

Ele sorriu.

- Temos que chegue para partilhar com os vizinhos.

Partilhar?

- Não sabia que tínhamos vizinhos - disse furiosa, afastando uma madeixa de cabelo louro da boca. Não fizera todo aquele trabalho para uma série de estranhos. Eles que apanhassem as suas próprias nozes.

O que é que te importa, Angel? Não vais estar aqui.

- Vou lavar-me e fazer a ceia - disse, e dirigiu-se ao ribeiro.

- Faz isso - disse Michael. Sorriu e voltou a enfiar a forquilha no feno. Começou a assobiar.

*

Daí a meia hora, Mara voltou, furiosa.

- Olhe para isto! - Estendeu-lhe as mãos para ele ver as palmas e os dedos enegrecidos. - Usei sabão. Usei gordura. Até as esfreguei com areia. Como é que se tira esta coisa?

- É a tinta das cascas.

- Quer dizer que elas vão *ficar* assim?

- Por umas duas semanas.

Os seus olhos azuis semicerraram-se.

- Sabia que isto ia acontecer?

Ele sorriu ligeiramente e atirou com feno para uma baía.

- Porque é que não me disse?

Michael apoiou-se à forquilha.

- Não perguntaste. - As mãos manchadas de Angel fecharam-se em punhos e o seu rosto encheu-se com uma cor de fúria. Já não parecia indiferente ou distante. Ele deitou mais achas para a fogueira já incandescente. - As nozes ainda têm de ser descascadas e postas a secar antes de podermos metê-las em sacos. Depois, terás todo o inverno para as partir.

Viu o calor subir-lhe ao rosto; estava pronta a explodir.

- Fez isto de propósito!

Como também a fúria dele estava apenas contida, manteve-se em silêncio.

- Como é que eu vou voltar agora com as mãos com este aspeto? - Conseguia ouvir a Duquesa rir-se das suas mãos da cor do estrume. Conseguia imaginar os comentários.

Os lábios de Michael curvaram-se sarcásticos.

- Sabes, Mara, se estivesse assim tão decidida a voltar para Pair-a-Dice, já tinhas metido pés ao caminho há semanas.

Ela corou, o que só fez aumentar a sua fúria. Não corava há anos.

- Porquê isto? - exigiu saber, de maneira acalorada. - Já teve o valor do seu dinheiro de mim!

Ele enfiou a forquilha na meda de feno.

- Não tive nada de ti ainda, moça. Nada com algum *valor*.

A fúria toldou a vista a Angel.

- Talvez não seja homem que chegue para o tomar da maneira usual! - Deu meia-volta e saiu do estábulo, a chamar-lhe um nome obsceno entre dentes.

A fúria de Michael irrompeu. Alcançou-a e fê-la girar sobre os calcanhares.

- Não o digas entre dentes, Mara. Vá lá! Diz-mo na cara. Vamos lá pôr às claras os teus verdadeiros sentimentos por mim.

Ela soltou-se. Chamou-lhe os piores nomes aos berros. Sabia bastantes. Viu a sua fúria e ergueu o queixo, a desafiá-lo.

- Ande lá, bata-me. Talvez isso o faça homem!

- Não é provável, mas é isso que tu queres, não é? Outra sova. Mais pancada. - Receava as suas próprias emoções, o sangue quente que o percorria e que o fazia quase aceitar o desafio dela. Tremia com o poder dele. - É a única coisa que sabes, e estás demasiado cheia do teu orgulho teimoso para descobrir se há mais alguma coisa no mundo!

- Não me faça rir! Pensa que é diferente do resto? Estou desobrigada deste sítio. Paguei-lhe todas as horas. Já teve o valor do seu ouro com o meu trabalho.

- Tretas. Só vais fugir porque estás com medo, porque estás a começar a *gostar* disto aqui. - Ela ergueu o braço para o agredir, mas ele agarrou-lhe a mão. Ergueu o outro, mas ele agarrou-lhe o pulso. - Finalmente tenho toda a tua atenção! - Deixou-a estrebuchar para se soltar. - Pelo menos estás a olhar para mim em vez de *através* de mim.

Angel girou sobre os calcanhares e atravessou o terreiro a passos largos. Entrou na cabana e fechou a porta com força. Michael esperava ver algo ser atirado pela janela, mas isso não aconteceu.

O seu coração batia acelerado como uma locomotiva. Soltou o ar dos pulmões e enfiou os dedos no cabelo. Ia ser guerra aberta daí em diante. Bem, que assim fosse. Qualquer coisa era melhor do que a apatia dela. Voltou ao trabalho.

Quando entrou em casa, Mara parecia razoavelmente calma. Lançou-lhe um olhar e um sorriso doce enquanto deitava o guisado numa tigela e a pousava na mesa para ele. Bastou-lhe provar cautelosamente para saber que tinha sal suficiente para o pôr em salmoura. O pão tinha areia, e quando olhou para a caneca do café viu meia dúzia de moscas a flutuarem na superfície quente. Riu-se e foi à porta deitar fora o café. Que mais é que ela lhe teria preparado?

- Porque não falamos do que está realmente a incomodar-te?

Angel uniu as mãos sobre a mesa.

- Só tenho uma coisa a dizer. Não vou ficar aqui consigo para sempre. - Ele limitou-se a olhar para ela com aquele seu leve e enigmático sorriso que fazia com que ela quisesse bater-lhe com um pau. - Não vou - repetiu.

- Vamos levar um dia de cada vez, bem-amada. - Pegou numa lata de feijões da prateleira e abriu-a. Os olhos dela estavam em brasa, o suficiente para fritar um bife. Ele encostou a anca à bancada e comeu a sua refeição fria.

Ela fulminou-o com o olhar.

- Eu não pertenço aqui, e você sabe-o.

- Onde achas que pertences? Naquele bordel?

- A escolha é minha, não é?

- Nem sequer sabes ainda que tens escolha. Pensas que só há um caminho, e que é direitinho encosta abaixo para o inferno.

- Eu *sei* o que *quero*.

- Então não te importas de me dizer o que é?

- Quero sair daqui! - Levantou-se e foi lá para fora, demasiado furiosa e frustrada para olhar para ele.

Michael pousou a lata de feijões e veio encostar-se à ombreira da porta. – Não acredito em ti.

– Eu *sei*, mas não vejo que o que eu quero seja da sua conta. – Ele riu-se, mas não divertido. Ela olhou-o furiosa, com os olhos a cintilarem à luz da lua. – Que *tudo* tinha em mente quando me trouxe para aqui?

Michael não respondeu por um longo momento. Pensava se poderia fazê-la compreender. Pensava se poderia até pô-lo em palavras.

– Quero que me ames – disse, e viu o ar de escárnio no rosto dela. – Quero que confies em mim o suficiente para me deixares amar-te, e quero que fiques aqui comigo para podermos construir uma vida juntos. É o que eu quero.

A fúria de Angel dissolveu-se perante a sinceridade de Michael.

– Cavalheiro, não consegue compreender que isso é impossível?

– Tudo é possível.

– Não faz ideia de quem e o que sou para além daquilo que criou na sua própria mente.

– Então diz-me.

Vá lá, Angel. Diz-lhe. Ele nunca poderia sequer adivinhar as coisas que lhe tinham sido feitas ou que ela fizera. Oh, poderia contar-lhas. Assestar a arma. Ambos os canos. À queima-roupa. Direta ao coração dele. Aniquilação. Isso poria um fim rápido a tudo. Porque estava a conter-se?

Michael veio para fora.

– Mara – disse. – A sua voz meiga era como sal nas feridas dela.

– O meu nome *não* é Mara. É Angel. *Angel*.

– Não, não é. E eu vou chamar-te pelo que vejo. Mara, azedada pela vida; Tirza, a minha bem-amada que desperta um fogo em mim até eu sentir que estou a derreter. – Deu uns passos na direção dela. – Não podes continuar a fugir. Não vês isso? – Parou em frente a ela. – Fica aqui. Fica

comigo. Resolveremos as coisas juntos. – Tocou nela. – Eu amo-te.

– Sabe quantas vezes já ouvi essas palavras? Amo-te, Angel. És uma coisinha tão bonita. Amo-te, minha doçura. Oh, bebé, adoro quando fazes isso. Diz que me amas, Angel. Di-lo de maneira a que eu acredite. Enquanto fizeres o que eu te mando, vou amar-te, Angel. Amo-te, amo-te, amo-te. Estou farta *de morte* de ouvir isso!

Fitou-o furiosa, mas a expressão no rosto dele derrotou-a. Pôs os braços à volta do corpo e apertou-se com força. *Não penses. Não sintas nada. Ele vai destruir-te se o fizeres.* Tentou concentrar-se noutra coisa qualquer.

O céu noturno estava muito límpido, com estrelas por toda a parte e uma lua tão grande que parecia ser um olho prateado a fitar lá de cima. A mente e as emoções de Angel fervilhavam ainda. Tentou convocar as suas defesas, mas elas tinham-se dispersado. Sentia vontade de estar no cimo daquele monte a ver de novo o nascer do sol. Recordou as palavras dele: *Mara, esta é a vida que quero dar-te.* Quem é que ele estava a enganar? Ela sabia que nunca poderia acontecer, mesmo que ele ainda não soubesse.

Ardiam-lhe os olhos.

– Quero voltar para Pair-a-Dice logo que possível.

– Estou a aproximar-me demasiado?

Ela girou sobre os calcanhares.

– Não vou ficar aqui consigo! – Tentou acalmar-se e fazê-lo ver a razão. – Olhe, cavalheiro, se soubesse metade do que eu já fiz, mandava-me voltar para Pair-a-Dice tão depressa...

– Põe-me à prova. Vá lá, e vê se faz alguma diferença.

Angel encolheu-se perante essa ideia. Abrira a caixa de Pandora e não conseguia fechá-la outra vez. As recordações horríveis, grotescas erguiam-se do mundo dos mortos. O seu pai. A Mamã morta, a agarrar o seu terço. Rab com o cordão à volta do pescoço porque sabia que o Duque não era o cidadão moral e respeitável que o público julgava que

ele era. O Duque a violá-la uma e outra vez. As dúzias de homens nos anos que se seguiram. E a fome, a interminável e dolorosa fome dentro dela.

Michael via o seu rosto pálido ao luar. Não sabia no que ela estava a pensar, mas sabia que se sentia atormentada pelo seu passado. Estendeu a mão para tocar a sua face.

- Quem me dera poder abrir-te a mente e entrar nela contigo. - Talvez os dois fossem capazes de combater as trevas que estavam a tentar engoli-la inteira. Queria abraçá-la, mas ela já se afastara dele. *Meu Deus, como é que a salvo?*

Angel olhou para ele e viu o brilho das lágrimas nos seus olhos. Perpassou-a uma sensação de choque.

- Está a chorar? Por mim? - perguntou numa voz débil.

- Não pensas que o mereces?

Algo dentro dela se quebrou. Estrebuchou interiormente para escapar a essa sensação, mas ela mantinha-se ali, a crescer com o toque leve da mão dele no seu ombro, com cada palavra meiga que ele dizia. Angel tinha a certeza de que se pousasse as mãos contra o seu coração, as palmas ficariam cobertas de sangue. Era isso que este homem queria? Que ela sangrasse por ele?

- Fala comigo, Amanda - segredou ele. - Fala comigo.

- Amanda? O que é que esse nome quer dizer?

- Não sei, mas soa como um nome delicado, meigo. - Sorriu levemente. - Achei que o preferirias a Mara.

Era um homem estranho dado a atitudes estranhas. O que fora feito das defesas dela? Onde estavam a sua resistência e a sua fúria? A sua determinação?

- O que quer ouvir, cavalheiro? - disse, tencionando soar divertida, mas falhando. O que poderia dizer a um homem como ele que ele compreendesse sequer?

- Qualquer coisa. Tudo.

Ela abanou a cabeça.

- Nada. Nunca.

Michael pegou-lhe no rosto ternamente.

- Então diz-me só o que estás a sentir neste momento.

- Dor - disse ela, antes de ter tempo para refletir. Afastou-lhe as mãos e voltou para dentro da cabana.

Estava com frio, e sentia-se desesperada por se aquecer. Ajoelhou-se em frente ao lume, mas nem mesmo o seu calor conseguia penetrar nela. Poderia deitar-se sobre as brasas e nem mesmo assim derreter o gelo que a atacava.

Foge dele, Angel. Foge agora...

Fica, bem-amada.

As vozes guerreavam-se na sua cabeça, atacando a sua própria alma.

Michael voltou para dentro e sentou-se ao lado dela no chão, olhando-a em silêncio enquanto ela encolhia as pernas e encostava os joelhos ao peito. Sabia que ela estava a tentar excluí-lo de novo. Não a ajudaria a consegui-lo desta vez.

- Dá-me a tua dor - disse.

Surpreendida, Angel olhou para ele. Estava numa selva com este homem. Sentia-se desesperada por encontrar uma estrada familiar, algum marco conhecido que a guiasse para fora dela. Não conseguia lembrar-se da última vez que se sentira sequer perto das lágrimas. E não tinha lágrimas, já não. Hosea deixava-a perplexa.

- Fiz tudo por si menos a única coisa que sei fazer melhor.

- Olhou-o nos olhos. - Porque não? - A expressão dele alterou-se, e ela sentiu-se menos crispada em relação a ele. Hosea era vulnerável e, estranhamente, ela não sentia nenhum desejo de atacar as suas defesas. - Tem medo? É isso que está a contê-lo? Pensa que eu faria troça de si porque nunca esteve com uma mulher?

Michael pegou numa madeixa do cabelo dela e esfregou-a entre os dedos. Onde estavam todas as suas respostas racionais agora?

- Suponho que me passou pela cabeça. Mas, mais do que isso, preciso de saber porquê.

- Porquê o quê? - perguntou ela, sem compreender.

- Porque farias tu amor comigo.

- Porquê? - Ela nunca compreenderia este homem. Todos os homens que alguma vez conhecera esperariam que ela lhes «agradecesse» se lhe tivessem dado uma caixa de bombons ou um ramo de flores que fosse. Este homem mantivera-a viva e cuidara dela até ela recuperar a saúde. Ensinara-lhe coisas que a ajudariam a viver só. E agora queria saber porque ela lhe oferecia o seu corpo. - A gratidão seria uma razão suficiente?

- Não. Não estava nas minhas mãos se viverias ou morrerias. Estava nas mãos do Senhor.

Angel virou a cabeça.

- Não me fale sobre o seu deus. Ele não voltou a buscar-me. *Você* é que voltou. - Pousou a testa contra os joelhos erguidos e não disse nada mais.

Michael começou a falar, mas a voz deteve-o.

Michael, há um tempo para todas as coisas.

Suspirou interiormente, prestando atenção à mensagem. Ela não estava ainda pronta para escutar o porquê. Seria um ácido, não um bálsamo. E por isso manteve-se em silêncio.

Senhor, por favor guiai-me.

O lume crepitava e Angel começou a descontrair-se, escutando apenas os sons calmantes.

- Eu queria morrer - disse. - Mal podia esperar, e quando pensava que morreria, ali apareceu você.

- Ainda queres morrer?

- Não, mas também não sei porque quero viver. - O cerco de emoção passara. Virou ligeiramente a cabeça e voltou a olhar para ele. - Talvez tenha algo a ver consigo. Eu já não sei nada.

O júbilo saltou dentro do peito de Michael, mas só por um breve momento. Ela parecia magoada, não feliz; perplexa, não segura. Ele queria tocar-lhe, mas receava que, se o fizesse, ela interpretasse mal o gesto.

Reconforta o meu cordeiro.

Se eu toco nela agora, Senhor...

Reconforta a tua mulher.

Michael pegou na mão de Angel. O braço dela ficou hirto, mas ele não soltou a mão. Virou-a na sua e passou os dedos pela palma e pelos dedos enegrecidos, com a sua mão grande a cobrir a dela.

- Estamos nisto juntos, Amanda.

- Não o compreendo - disse Angel.

- Eu sei, mas dá-me tempo e vais compreender-me.

- Não, acho que nunca o compreenderei. Não sei o que quer de mim. Diz tudo e não toma nada. Vejo a maneira como olha para mim, mas nunca me tratou como mulher.

Michael fez girar a aliança de ouro no dedo dela. Ela era sua mulher. Já era hora de ele fazer algo quanto a isso. Se ela não sabia a diferença entre fazer sexo e fazer amor, ele teria de lhe mostrar. *Oh, meu Deus, tenho medo, medo da profundidade do meu desejo físico.* Acima de tudo, tinha medo de não saber como lhe dar prazer.

Senhor, ajudai-me!

Angel viu-o olhar para a aliança no seu dedo.

- Quer que lha devolva?

- Não. - Entrelaçou os dedos nos dela e sorriu-lhe. - Sou tão novato nisto de ser casado quanto tu. - Instalou-se nele uma calma, e soube que tudo correria bem.

Angel desviou o olhar. Tinha recebido bastantes homens casados, e sabia o que eles tinham a dizer sobre isso. As suas mulheres não os compreendiam. Tinham casado por conveniência e para ter filhos. Sentiam-se entediados com a mesma mulher e precisavam de um pouco de variedade, como comer bife ao jantar em vez de guisado, peixe em vez de frango. A maior parte dizia que a sua mulher não gostava de sexo. Julgariam que ela gostava?

- O que eu sei sobre o casamento não é nada encorajador, cavalheiro.

- Talvez não. - Michael beijou-lhe a mão. - Mas acredito que o casamento é um contrato entre um homem e uma

mulher para construírem uma vida juntos. É uma promessa de se amarem um ao outro venha o que vier.

- Sabe o que eu sou. Porque me faria uma tal promessa?

- Sei o que *eras*.

Ela sentiu uma dor dentro de si.

- Nunca aprenderá, pois não?

Michael inclinou-se, virou-lhe o rosto para si e beijou-a. Ela não se afastou, mas também não reagiu. *Senhor, dava-me jeito uma ajudinha cá em baixo*. Tremeu ao passar os dedos pelos cabelos dela e a beijar de novo.

Ele mostrava-se tão hesitante que Angel se descontraiu. Poderia lidar com isto. Poderia lidar perfeitamente com ele. Poderia até ajudá-lo.

Michael afastou-se. Não ia permitir que o seu desejo se descontrolasse. Não ia acolher o sexo e perder de vista o amor, por muito mais à vontade que ela se sentisse com isso.

- À minha maneira, não à tua. Lembras-te? - Pôs-se de pé. Angel olhou-o, perplexa.

- O que é que sabe sobre isso?

- Teremos de esperar para ver.

- Porque é que torna as coisas mais difíceis para si? Vai dar tudo à mesma coisa. Não vai ser à *minha* maneira ou à *sua*. Vai ser só da maneira que é.

Um ato sexual era ao que ela se referia, e ele não sabia como lhe mostrar que deveria ser uma celebração de amor.

Angel só viu a determinação dele. Levantou-se lentamente e aproximou-se.

- Se tem de ser à sua maneira, muito bem. Será à sua maneira. - No princípio.

Michael olhou-a nos olhos e não viu nenhuma dureza. Mas também não viu compreensão. Já não sabia bem a que parte de si mesmo dar ouvidos. Sentia-se pressionado pela sua natureza física. Ela era tão bela para ele.

- Deixe-me ajudá-lo - disse ela, e pegou-lhe na mão.

Michael sentou-se na cadeira de verga, com o coração na garganta, e Angel ajoelhou-se em frente a ele e tirou-lhe as botas. Ele estava a perder rapidamente o controlo. Levantou-se e afastou-se dela. Desabotoou a camisa e despiu-a. Enquanto se despia, pensava em Adão no Jardim do Paraíso. Como se teria sentido na primeira vez que Eva veio até ele? Meio morto de medo, mas inundado com vida?

Quando Michael se virou, a sua mulher estava nua em frente ao lume, à espera dele. Era de cortar a respiração, tal como Eva devia ter sido. Michael aproximou-se maravilhado.

Oh, Senhor, ela é tão perfeita, como nenhum outro ser no mundo. A minha companheira. Tomou-a nos braços e beijou-a.

Quando se estendeu ao lado dela no leito nupcial, maravilhou-se com a forma como ela se encaixava nele, carne com carne, moldada para ele.

- Oh, Jesus - segredou, atordoado com aquela dádiva.

Angel sentiu-o tremer violentamente e soube que era devido ao seu longo celibato autoimposto. Estranhamente, não sentiu repulsa. Em vez disso, sentiu uma sensação alheia de compreensão. Arredou esses sentimentos, a barrar Michael da sua mente - e ficou surpreendida quando ele se afastou dela e procurou os seus olhos, os dele tão cheios de sentimento que ela teve de desviar o rosto.

Pensa no teu dinheiro em Pair-a-Dice, Angel. Pensa em voltares para o receber da Duquesa. Pensa em ter algo só teu. Pensa em ser livre. Não penses neste homem. Resultara no passado. **Vá lá, Angel. Lembra-te de como costumavas fechar a mente? Já o fizeste. Fá-lo outra vez. Não penses. Não sintas. Desempenha só um papel. Ele nunca saberá.**

Contudo, Michael não era como outros homens, e soube. Não tinha de morrer para compreender que ela o levara até à beira do Céu e lhe fechara os portões na cara.

- Bem-amada - disse, virando-lhe o rosto para si. - Porque te recusas a deixar-me aproximar de ti?

Ela tentou rir-se.

- Quão próximo quer estar? - Sentia a diferença neste homem em todos os poros da sua pele e procurava proteger-se dele.

Michael viu a inexpressividade nos seus olhos azuis, de partir o coração.

- Estás sempre a fechar-me a porta na cara. Tirza, fica comigo.

- Agora é Tirza?

Oh, Jesus, ajuda-me.

- Para de fugir de mim!

Angel sentia vontade de gritar: «Não de *ti*! Disto. Da procura inconsequente, egoísta, de prazer. Deles e teu, não meu. Nunca meu.» Mas não o fez. Em vez disso, desafiou-o, furiosa.

- Porque é que temos de falar? - Debateu-se, mas ele não cedia. Porque é que ele tinha de estar sempre a intrrometer-se e a interferir nos seus pensamentos, a perturbar-lhe a concentração? Estava sempre a confundir-lhe os sentimentos, a mexê-los até se tornarem um caos fervilhante. Ele tinha-a nos braços e olhava-a nos olhos e reconhecia a sua existência, e algo profundo dentro dela se alterou.

Num pânico crescente, fechou os olhos.

- Olha para mim, bem-amada.

- Não faça isso.

- Não faço o quê? Não te amo? Não me torno parte de ti? Eu *sou* parte de ti.

- Desta maneira?

- De todas as maneiras.

- Não - disse ela, debatendo-se.

- Sim. - disse ele com meiguice. - Isto pode ser belo. Não significa aquilo que tu foste ensinada. É uma benção. Oh, meu amor, diz o meu nome...

Como é que ele podia pensar que aquilo podia ser algo mais do que vil e simples? Ela sabia tudo o que havia a saber sobre isso. O Duque não a ensinara? Todos os outros homens? Então, este lavrador queria saber como era realmente. Bem, ela mostrar-lho-ia.

- *Não faças isso!* - A ordem rouca dele confundiu-a.

- Não quer que lhe dê prazer?

- Queres dar-me prazer? Diz o meu nome. - O seu hálito misturava-se com o dela. - Prometeste que não dirias que não a nada do que eu te pedisse. Lembras-te? Quero que digas o meu nome. Tudo, disseste tu. Não consegues cumprir a tua palavra? - A calma abandonou-o. - *Di-lo!*

- Michael - cedeu ela.

Ele pegou-lhe no rosto.

- Olha para mim. Di-lo outra vez.

- Michael. - Estaria satisfeito agora? Esperou pelo seu sorriso triunfante e em vez disso viu os seus olhos cheios de adoração e ouviu a sua voz terna.

- Continua a dizê-lo...

Quando terminou, Michael apertou-a ao peito, a dizer-lhe o quanto a amava e quanto prazer encontrara nela. Já não se mostrava hesitante, já não inseguro, e, com a sua autossegurança crescente, as dúvidas de Angel aumentaram.

Uma emoção desconhecida e indesejada abriu-se no fundo do seu ser. Algo duro e apertado começava a amolecer e a desenrolar-se. E ao mesmo tempo a voz escura ergueu-se.

Afasta-te deste homem, Angel. Tens de sair daqui! Salva-te e foge! Foge!

Trize

*Mas se é o que não vemos que esperamos,
então é com paciência que temos de o aguardar.*

CARTA AOS ROMANOS 8:25

Quando Michael saiu para fazer as suas tarefas matinais, Angel dirigiu-se encosta acima para a estrada. O trilho ténue que Michael abrira com a sua carroça nas viagens aos mercados dos acampamentos era difícil de seguir. Num caminho pouco frequentado, Angel não tardou a perder-se. Tudo parecia tão pouco familiar que ela se sentiu desconcertada. Estaria ainda a caminhar na direção certa ou traçara um círculo completo e estava de volta perto do lar de Hosea, de onde partira?

O céu estava a escurecer, com nuvens cinzentas e pesadas a alastrarem. Angel apertou mais a si o xaile, mas o tecido fino pouco fazia para a proteger da friagem do ar.

Encaminhou-se para as montanhas, calculando que Pair-a-Dice devia ficar lá em cima algures e que ao caminhar nessa direção teria uma probabilidade maior de lá chegar. Além disso, ir para leste afastá-la-ia de Michael Hosea. Quanto mais longe dele melhor.

As coisas entre eles tinham mudado. Não era o facto de ele ter finalmente feito sexo com ela. Era outra coisa, algo mais profundo e básico, algo que ultrapassava o seu entendimento. Não sabia bem o que era, mas sabia que se

queria alguma vez chamar sua à sua vida tinha de fugir dele. *Agora*.

Mas onde estava o caminho para a liberdade? Procurava-o em vão.

Avistou um ribeiro e, como estava com sede, foi até ele. Tombou de joelhos, recolheu água com as mãos em concha e bebeu sofregamente. Olhando à sua volta, pensou se este seria o mesmo curso de água que atravessava a terra de Michael. Nesse caso, atravessá-lo e subir aquele monte com certeza a levaria de novo à estrada.

O ribeiro parecia pouco fundo, a corrente calma. Ela esquecera-se de trazer a calçadeira para desapertar os botões dos botins. Irritada, tentou alargá-los nos pés até conseguir descalçá-los. Puxou a saia para cima, arrepanhou-a à frente e enfiou os botins nas dobras para os guardar antes de entrar no ribeiro.

As pedras feriam os seus pés delicados, e a água estava tão fria que causava dor. Embora avançasse com cautela, escorregou numa pedra musgosa e deixou cair um dos botins. A praguejar, estendeu a mão para ele e voltou a escorregar, desta vez caindo. Pôs-se de pé rapidamente, mas já estava encharcada. O pior ainda era que ambos os botins flutuavam rio abaixo. Angel tirou o xaile e atirou-o para a outra margem.

Um dos botins encheu-se com água e foi ao fundo. Angel conseguiu recuperá-lo facilmente, e entalou-o na cintura da saia. O outro tinha-se encravado nos ramos de uma árvore caída. Ela avançou a custo pela água na sua direção.

O ribeiro começava a ficar mais fundo e a corrente puxava por Angel, mas ela sabia que não poderia percorrer a pé todo o caminho até Pair-a-Dice descalça. Tinha de apanhar aquele botim. Decidida a fazê-lo, ergueu mais a saia e aproximou-se.

Quando o ribeiro se tornou mais fundo subitamente, ela agarrou-se a um ramo e inclinou-se para chegar ao botim. Os seus dedos roçaram nele uma vez, e o ramo quebrou-se.

Soltando um grito, escorregou e caiu, com a água fria a cobrir-lhe a cabeça.

A corrente arrastou-a aos baldões para a parte oca por baixo da árvore. Enclavinhou as mãos no tronco, içou-se e inspirou, ofegante. A saia estava presa. Ela agarrou-se com todas as suas forças à árvore tombada e desembaraçou-se da saia. Deitou a mão às trepadeiras que estavam ali perto. Os espinhos do arbusto de amoras cortavam-lhe as palmas das mãos, mas ela não se soltou e içou-se para a segurança da margem, tombando por terra. Tremia violentamente, do susto e de frio.

Furiosa, atirou pedras ao botim até ele se soltar e ser levado pela corrente. Ficou encravado nos caniços ali perto, onde ela não teve dificuldade em o recuperar.

Cheia de frio, cansada e desanimada, calçou os botins encharcados e trepou pela encosta, convencida de que encontraria a estrada.

Mas não a encontrou.

Começou a chover, algumas gotas ao princípio, depois mais, colando-lhe o cabelo à cabeça e encharcando-lhe a roupa. Enregelada, tensa e exausta para além da dor, Angel sentou-se e pôs a cabeça nas mãos.

De que valia? E se chegasse à estrada? Não conseguiria percorrer a pé aquelas milhas todas. Nunca seria capaz. Já se sentia exausta, dorida e esfomeada, e nem sequer conseguia encontrar o caminho.

Quem apareceria na estrada para lhe dar boleia para Pair-a-Dice? E se fosse alguém como Magowan?

Os pensamentos da lareira quente de Michael, de uma colcha pesada e de comida atormentavam-na. Não se lembrara de trazer comida. Já tinha o estômago em nós com a fome.

Desanimada mas resoluta, Angel levantou-se e continuou a andar.

Ao fim de mais uma milha, doíam-lhe tanto os pés que tirou os botins e os meteu nos bolsos da saia, sem se

aperceber quando eles caíram no caminho.

*

Quando Michael voltou para casa para tomar o pequeno-almoço e viu que Angel não estava, selou o cavalo e foi à procura dela. Culpava-se por não ter previsto aquilo. Vira a expressão nos olhos dela quando a fizera dizer o seu nome na noite anterior. Derrubara as suas defesas por um breve instante, e ela não gostara disso.

Seguiu a estrada até onde Angel a abandonara e foi na sua peugada até ao ribeiro. Encontrou o xaile de Tessie. Avistou a marca de um sapato na margem e seguiu o trilho pela encosta acima.

Começou a chover. Michael sentia-se preocupado. Angel estaria encharcada, enregelada e, provavelmente, cheia de medo. Estava patente que ela não sabia onde estava ou para onde ia.

Encontrou os botins dela.

- Senhor, ela está a afastar-se da estrada. - Galopou até ao cimo do monte e procurou-a. Avistou-a à distância, a atravessar um campo de erva. Pôs as mãos em concha à volta da boca. - Mara!

Ela parou e virou-se. Ele via, mesmo a esta distância, pela postura dos seus ombros e a inclinação da sua cabeça, que ela decidira deixá-lo. Avançou lentamente na direção dela. Quando estava a umas cem jardas, desmontou e aproximou-se dela. O seu rosto estava sujo, a blusa rasgada. Viu manchas de sangue na saia dela. A expressão nos seus olhos fê-lo conter-se e não falar.

- Vou-me embora - disse ela.

- Descalça?

- Se tiver de ser.

- Vamos falar sobre isso. - Quando ele lhe pôs a mão por baixo do cotovelo, ela recuou de repente e esbofeteou-o.

Michael recuou um passo a cambalear, estupefacto. Limpou o sangue da boca e fitou-a.

- A que propósito veio isto?

- Eu disse que me vou embora. Podes arrastar-me de volta, mas eu partirei outra vez. Quantas vezes seja preciso para meteres a ideia nessa tua cabeça dura.

Michael ficou em silêncio. A sua fúria ardia mais do que a sua face, mas sabia que se arrependeria mais tarde do que quer que dissesse agora.

- Estás a ouvir-me, Michael? Este é um país livre. Não me podes obrigar a ficar. - Ele continuou calado. - Não és meu dono, por muito que tenhas pagado à Duquesa.

Paciência, dissera Deus. Bem, a paciência estava a esgotar-se. Michael limpou o sangue do lábio.

- Eu levo-te a cavalo até à estrada. - Dirigiu-se para o cavalo.

Angel ficou parada, de boca entreaberta. Ele lançou-lhe um olhar por cima do ombro. Ela ergueu o queixo, mas não se mexeu.

- Queres que te leve ou não? - perguntou Michael.

Ela aproximou-se.

- Então, finalmente viste a razão.

Ele levantou-a e sentou-a na sela e depois saltou para cima do cavalo atrás dela. Quando chegou à estrada, pegou-lhe no braço e fê-la deslizar do cavalo. Ela ficou ali a olhar para ele, perplexa. Ele desapertou o cantil e atirou-lho. Ela apanhou-o contra o peito. Ele tirou os botins do bolso do casaco e deixou-os cair aos pés dela.

- Pair-a-Dice fica naquela direção - disse ele. - São trinta milhas, sempre a subir, e o Magowan e a Duquesa estão à tua espera ao fim do caminho. - Acenou na direção oposta. - Para ali fica a casa. É uma milha a descer, com a lareira e comida e eu. Mas é melhor que compreendas uma coisa neste preciso momento. Se voltares, vamos retomar as coisas onde as deixámos ontem à noite e continuaremos a seguir as minhas regras.

Deixou-a ali parada, sozinha na estrada.

Já tinha anoitecido quando Mara abriu a porta da cabana. Michael ergueu os olhos do livro que estava a ler, mas não disse nada. Ela ficou ali por um momento, pálida, tensa e coberta com o pó da estrada. De lábios comprimidos, entrou.

- Vou esperar pela primavera - disse com azedume, e deixou cair o cantil vazio em cima da mesa. Tombou sobre um banco como se todos os músculos do seu corpo lhe doessem, mas mantinha-se demasiado teimosa para procurar o calor do lume.

Pela expressão no seu rosto, via-se bem que estava à espera de que ele troçasse dela.

Michael levantou-se e tirou guisado do pote de ferro para uma tigela. Pegou num pedaço de pão. Pôs ambos diante dela e sorriu com tristeza. Ela franziu ligeiramente a testa ao olhar para cima.

Obviamente esfomeada, pôs-se a comer. Ele serviu-lhe café. Ela bebeu-o enquanto o via encher uma bacia com água quente. Quando Michael pousou o cotovelo na prateleira por cima da lareira e olhou para Angel, ela baixou a cabeça e recomeçou a comer.

- Senta-te aqui - disse ele quando ela terminou. Sentia-se tão cansada que mal conseguia pôr-se de pé, mas fez o que ele mandava. Ele ajoelhou-se e pousou a bacia aos pés dela e tirou-lhe os botins.

Ao longo de todo o caminho, ela imaginara-o triunfante, a troçar dela, a esfregar-lhe a cara no seu orgulho ferido. Em vez disso, ajoelhou-se em frente a ela e lavou-lhe os pés sujos e cheios de bolhas. Com uma ardência na garganta, ela olhou para a cabeça escura dele e tentou combater os sentimentos que se apossavam dela. Esperou que se dissipassem, mas eles mantinham-se. Ficaram e cresceram e magoavam-na cada vez mais.

As mãos dele eram tão carinhosas. Ele era tão cuidadoso. Depois de os seus pés ficarem limpos, começou a massajar-lhe as pernas doridas. Deitou para fora a água suja e verteu

mais água limpa para a bacia, pousando-a no seu regaço. Pegou nas mãos dela e lavou-as também. Beijou-lhe as palmas manchadas e arranhadas e aplicou-lhes um bálsamo. Depois envolveu-lhe as mãos em ligaduras quentes.

E eu bati-lhe. Fiz-lhe sangue...

Angel encolheu-se, envergonhada. Quando ele ergueu a cabeça, olhou-o nos olhos. Eram azuis, como um céu límpido de primavera. Ela nunca reparara realmente neles.

- Porque faz isto por mim? - perguntou com a voz embargada. - Porquê?

- Porque, para alguns de nós, uma milha pode ser mais distante para se percorrer do que trinta. - Escovou-lhe o cabelo a desembaraçá-lo e a tirar-lhe a poeira, despiu-a e deitou-a na cama. Despiu-se e deitou-se ao lado dela. Não disse nada e não pediu nada.

Ela queria explicar. Queria pedir perdão. Mas as palavras não lhe saíam. Ficavam encravadas como pedras quentes no seu peito, a pesar-lhe cada vez mais fundo.

Eu não quero sentir isto. Não posso permitir-me sentir isto. Não conseguiria sobreviver-lhe.

Michael virou-se de lado e apoiou a cabeça na mão. Afastou-lhe o cabelo das têmporas. Ela estava de novo na sua minúscula cabana e parecia mais perdida do que nunca. O seu corpo estava como gelo. Puxou-a a si para partilhar o seu calor.

Angel não se mexeu quando ele a beijou. Se ele queria sexo, poderia tê-lo. Tudo o que quisesse. Qualquer coisa. Por esta noite, pelo menos.

- Tenta dormir - disse ele. - Estás no teu lar e a salvo.

No lar. Ela respirou fundo com um estremecimento e fechou os olhos. Não tinha lar. A sua cabeça estava pousada no peito de Michael, e o bater rítmico do coração dele acalmava-a. Deixou-se ficar assim durante muito tempo, mas, apesar da exaustão, o sono não vinha. Afastou-se e ficou deitada de costas a fitar o teto.

- Queres falar sobre isso? - disse Michael.

- Sobre o quê?

- Porque te foste embora.

- Não sei.

Michael traçou com o dedo o lado do rosto dela.

- Sabes, sim.

Ela engoliu em seco com força, a combater emoções que nem sequer conseguia identificar.

- Não consigo pô-lo em palavras.

Ele enrolou uma madeixa do cabelo claro dela à volta do seu dedo e puxou-a meigamente.

- Quando te fiz dizeres o meu nome, não conseguiste fingir que não estava a acontecer nada entre nós, pois não? Foi isso? Eu queria entrar em ti, dentro do teu coração - acrescentou numa voz rouca. - Entrei?

- Um pouco.

- Ainda bem. - Voltou a traçar o contorno do rosto dela com um dedo. - Uma mulher ou é um muro ou uma porta, bem-amada.

Ela soltou uma gargalhada triste e olhou para ele.

- Então, acho que sou uma porta pela qual entraram mil homens.

- Não. És um muro, um muro de pedra, com uma grossura de quatro pés e uma altura de cem. Não consigo saltá-lo sozinho, mas continuo a tentar. - Beijou-a. - Preciso de ajuda, Tirza. - Os lábios dela suavizaram-se, e tocou-lhe no cabelo. Excitado, ele afastou-se. Sabia como ela estava exausta.

- Vira-te - disse baixinho, e ela obedeceu. Ele aconchegou-lhe o corpo ao seu e pôs o braço à sua volta. Roçou os lábios no cabelo dela. - Agora dorme. - Ela suspirou de alívio. Demorou apenas uns momentos até o cansaço a dominar.

Deitada na segurança dos braços de Michael, sonhou com um muro grosso e alto. Ele estava lá, abaixo dela, a plantar trepadeiras. Mal elas tocavam no solo, cresciam, fazendo

alastrar a vida verde pelos lados do muro e cravando as suas fortes gavinhas entre as pedras. A argamassa estava a esboroar-se.

*

Michael estava deitado no escuro, bem desperto. Teria de desistir da esperança de derrubar as barreiras dela. *Mas como chego até ela, Senhor? Dizei-me como!*

Fechou os olhos e dormiu em paz, esquecendo o inimigo que andava à solta no mundo. A batalha não estava ainda ganha.

Paul estava a vir para casa.

Capítulo

Não julgueis, para não serdes julgados; pois, conforme o juízo com que julgardes, assim sereis julgados; e com a medida com que medirdes, assim sereis medidos.

JESUS, EVANGELHO SEGUNDO SÃO MATEUS 7: 1-2

Paul deixou cair os seus parcos pertences e parou na encosta do monte. Viu Michael a trabalhar no campo e pôs as mãos em concha à volta da boca para gritar. Michael largou a pá para ir ao seu encontro a meio da encosta. Abraçaram-se. Paul quase chorou ao sentir aqueles braços fortes e firmes.

- Oh, sinto-me tão contente por te ver, Michael - disse, com a voz embargada com fadiga e emoção. O alívio era tão grande que teve de tentar conter lágrimas pouco próprias de um homem. Afastou-se e esfregou o rosto, embaraçado. Não se barbeava há semanas, e estava com o cabelo comprido. Não mudava de roupa há um mês. - Devo parecer... - Soltou uma gargalhada triste. - Foi horrível. - Trabalho árduo por pouco ou nada, beber para esquecer, mulheres para recordar, e lutar só para se manter vivo.

Michael pousou-lhe a mão no ombro.

- Vais ficar com um aspeto muito melhor depois de te lavares e comeres uma boa refeição. - Paul sentia-se demasiado cansado para objetar quando Michael subiu a encosta e pegou no fardo dele. - Que tal foi no Yuba?

Paul fez uma careta.

- Desolador e *frio*.

- Encontraste o que procuravas?

- Se há ouro naqueles montes, nunca vi grande coisa. O que encontrei mal chegou para sobreviver. - Olhou na direção do extremo do vale e pensou em Tess. Nos últimos dias só pensara nela e em como tinham sonhado vir para a Califórnia e construir uma casa deles. Perdê-la fora o que o empurrara para a zona do ouro. De cada vez que pensava nela, sentia a dor a inundá-lo de novo.

Oh, Tessie. Porque é que tiveste de morrer?

Sentiu uma ardência nos olhos e eles encheram-se de lágrimas contra a sua vontade. Precisava tanto dela. Já não sabia o que andava a fazer. A sua vida perdera o sentido quando ela morreu.

- Voltaste de vez? - perguntou Michael.

Receando não poder confiar na sua voz, Paul pigarreou.

- Ainda não sei - admitiu inexpressivamente. - Estou simplesmente esgotado. - Sentia-se demasiado fatigado para pensar sequer no que faria no dia seguinte. - Não teria sobrevivido ao inverno nas montanhas. Nem sequer tinha a certeza de conseguir voltar para casa. - Agora que chegara, sentia a mesma velha dor. Graças a Deus, poderia passar o inverno com Michael. Ansiava por longas horas de conversas inteligentes. Os homens nos ribeiros só falavam de ouro e de mulheres. Michael falava sobre muitas coisas, coisas grandiosas que enchiam a cabeça de um homem e lhe davam esperança.

Dirigira-se para os rios para fazer fortuna da maneira mais rápida. Michael foi com ele, mas ficou só alguns meses.

- Isto não é o que eu quero da vida - disse, e tentou convencer Paul a voltar a cultivar a terra. O orgulho fizera Paul ficar. Foram o frio, a desilusão e a fome que o trouxeram de volta. Não a fome de comida ou até mesmo de riqueza, mas uma fome mais profunda do espírito.

Michael pôs-lhe a mão no ombro.

- Fico contente que tenhas voltado. - Sorriu. - Há campos para plantar, irmão, e os trabalhadores são poucos.

Michael fazia sempre com que as coisas fossem simples. Paul sorriu ironicamente.

- Obrigado. - Acertou o passo pelo dele. - Não era nada do que eu esperava lá nos montes.

- Não havia um pote de ouro ao fim do arco-íris?

- Nem sequer um arco-íris. - Já estava a sentir-se melhor. Ficaria. Era melhor quebrar os torrões de terra do que as costas. Era melhor limpar o estrume de um estábulo do que ficar metido em água gelada a tentar encontrar uns parcos pós de ouro numa peneira enferrujada. A vida tranquila e monótona de um lavrador era do que necessitava neste momento. A rotina de dias sempre iguais. Ver algo crescer da terra, em vez de lhe arrancar alguma coisa.

- Aconteceu alguma coisa por aqui na minha ausência? - Via que Michael fizera alguma construção e limpara de mato mais uma parte da terra.

- Casei-me.

Paul estacou e fitou-o. Praguejou.

- Não acredito. - Compreendeu mal lhe saíram as palavras como soavam mal. - Desculpa, mas eu não vejo uma mulher decente desde que chegámos aqui. - Viu uma expressão estranha no rosto de Michael e tentou emendar. - Deve ser qualquer coisa, se casaste com ela. - Michael sempre dissera que estava à espera da mulher certa.

Paul tentou sentir-se contente por ele, mas não conseguiu. Sentia ciúme. Durante todo este tempo estivera na estrada a caminho de casa, ansioso por se sentar à lareira a conversar com Michael, e agora ele tinha uma mulher. Que grande azar.

Necessitava dos conselhos de Michael. Necessitava da sua amizade. O seu cunhado tinha uma maneira de escutar e de compreender mesmo as coisas que não eram ditas. Consequia trazer leveza aos tempos mais pesados, uma

sensação de que tudo acabaria por ser como estava destinado e para sempre. Michael despertava a esperança, e Deus sabia o quanto ele necessitava de esperança naquele momento. Contara voltar e encontrar tudo na mesma.

Havia mulheres atrás de Michael desde que ele se lembrava. Porque é que uma tivera de o apanhar agora?

- Casado - murmurou Paul.

- Sim, casado.

- Parabéns.

- Obrigado. Pareces muito contente com a notícia.

Paul estremeceu.

- Ah, Michael. Tu sabes como sou egoísta. - Voltaram a andar. - Como é que conseguiste encontrá-la, de qualquer maneira?

- Foi pura sorte.

- Então, fala-me sobre ela. Como é?

Michael acenou com a cabeça na direção da cabana.

- Vem conhecê-la.

- Oh, não. Não assim - disse Paul. - Bastava-lhe olhar para mim para ter a certeza de que esta zona ia de mal a pior. Como é que ela se chama, afinal?

- Amanda.

- Amanda. Bom nome. - Sorriu de forma marota. - É bonita, Michael?

- É linda.

Podia ser a mulher mais desengraçada, mas se Michael a amava, vê-la-ia como bela. Paul não tencionava formar um juízo até a ver com os seus próprios olhos.

- Deixa-me ficar no celeiro esta noite - disse. - Estou morto de cansaço, e gostava de conhecer a tua mulher depois de me limpar.

Michael trouxe-lhe um cobertor, sabão e uma muda de roupa. Paul estava demasiado cansado para se pôr de pé. Tudo o que conseguia agora era encostar-se à parede, de

pés estendidos à sua frente. Michael voltou com uma refeição quente.

- Devias comer alguma coisa, meu velho. Estás pele e osso.

Paul sorriu debilmente.

- Disseste-lhe que há um mendigo imundo no celeiro?

- Ela não perguntou. - Pegou em palha com a forquilha. - Mete-te nisto com o cobertor e vais ficar quente esta noite.

- Vai ser como o Céu depois de dormir no chão duro há tantos meses. - Era o primeiro teto sobre a sua cabeça há semanas. Provou o guisado e ergueu as sobrancelhas. - Arranjaste uma boa cozinheira. Agradece-lhe em meu nome, está bem? - Devorou o resto e deixou-se cair sobre a palha. - Estou cansado. Acho que nunca estive tão cansado. - Já não conseguia manter os olhos abertos. A última coisa que viu foi Michael a debruçar-se para o cobrir com um cobertor grosso. Toda a tensão que trouxera em si durante meses o abandonou.

*

Paul acordou com o relinchar de um cavalo. Sentia-se hirto e dorida quando se levantou. Espreguiçando-se, foi até à porta do celeiro para olhar lá para fora. Michael estava a cavar um buraco para o poste de uma vedação. Paul encostou-se à parede e deixou-se ficar a olhar para ele durante um bom bocado. A seguir, voltou para junto da palha e pegou nas roupas emprestadas.

Tomou banho no riacho para não ofender a mulher de Michael. Cortou a barba. Depois de enfiar a camisa de flanela vermelha de Michael, foi ajudá-lo.

Michael parou de trabalhar e encostou-se à pá.

- Estava a pensar quando é que acordarias. Dormiste dois dias seguidos.

Paul sorriu.

- Só demonstra que procurar ouro é um trabalho mais duro do que colocar vedações.

Michael riu-se.

- Anda até lá a casa. A Amanda deve ter o pequeno-almoço pronto.

Paul começava a sentir vontade de ter uma mulher por perto. Contava com alguém como Tess à lareira, uma mulher sossegada e doce, com bom feitio e devota. Entrou atrás de Michael, ansioso por a conhecer. Uma moça delgada estava em frente ao lume, de costas para eles. Vestia uma saia exatamente como a que Tess trazia no Trilho do Oregon. A mesma blusa, também. Que estranho. Franziu ligeiramente a testa. Ela debruçou-se para o pote da comida, e ele logo reparou que tinha um belo traseiro. Quando se endireitou, Paul reparou na sua cintura fina e na trança dourada, comprida e grossa que lhe chegava até ela. O que via até agora agradava.

- Amanda, o Paul está aqui.

Quando ela se virou, Paul sentiu o estômago cair-lhe nas botas velhas. Fitou-a incrédulo, mas ela estava a retribuir-lhe o olhar, aquela prostituta cara de Pair-a-Dice. Lançou um olhar a Michael e viu-o sorrir como se ela fosse o sol e a lua e todas as estrelas do céu.

- Paul, apresento-te a minha mulher, a Amanda.

Paul continuava a fitá-la sem saber o que fazer ou dizer. Michael estava ao seu lado, à espera, e ele sabia que se não dissesse algo realmente simpático em breve, as coisas iriam de mal a pior. Paul fez um sorriso forçado.

- Peço desculpa por a olhar fixamente, minha senhora. O Michael disse que era bela. - E era-o. Tal como Salomé e Dalila e Jezebel.

A que propósito é que Michael se casara com uma mulher como esta? Saberia que ela era prostituta? Não podia saber. O homem nunca pusera pé num bordel na sua vida. Nunca tivera uma mulher. Não que a oportunidade não se tivesse apresentado muitas vezes. Contra toda a razão e todos os impulsos naturais, Michael decidira esperar pela

mulher certa. E agora, olhem só o que ele arranjava por toda a sua pureza. *Angel!*

Que história é que a feiticeira teria inventado? O que ia ele fazer quanto a isto? Devia dizer a Michael imediatamente.

Michael estava a olhar para ele estranhamente.

Angel sorriu. Não era um sorriso amigável. Os seus olhos eram de um azul maravilhoso, mas tinham-se tornado de uma frieza de morte. Sabia que ele a reconheceria, e estava a dar-lhe a entender que não se importava. E se ela não se importava, então era claro que não casara com Michael por amor.

Retribuiu-lhe o sorriso. Mais frio do que o dela. *Como é que lhe deitaste as garras?*

Angel viu o mundo nos olhos de um homem e sentiu todas as pedras atiradas. Os seus lábios inclinaram-se um pouco mais para um lado. Compreendia este homem. Provavelmente, nunca tivera pó de ouro suficiente para subir as escadas do bordel.

– Café, cavalheiros?

Michael olhou entre os dois e franziu a testa.

– Senta-te, Paul.

Paul sentou-se e tentou manter os olhos desviados dela. O silêncio prolongou-se, tenso. O que poderia ele dizer?

Michael recostou-se ligeiramente.

– Agora que já descansaste, podes falar-nos do Yuba.

Paul falou, por desespero. Angel serviu-lhe uma tigela de papas de aveia e uma caneca de café. Ele agradeceu-lhe rigidamente. Ela era bela, demasiado bela – uma deusa de alabastro fria e profanada.

Ela não se sentou com eles nem participou na conversa. Paul calculou que ela já sabia mais sobre o Yuba do que ele. Só os homens que encontravam mais ouro poderiam ter posses para os serviços dela. O que estava a fazer aqui? Que doces mentirinhas segredara aos ouvidos de Michael?

O que aconteceria quando ele descobrisse a verdade? Pô-la fora de casa? Era o que ela merecia.

Paul perguntou pela quinta e deixou que Michael se encarregasse da conversa por algum tempo. Precisava de pensar, ou pelo menos de tentar pensar. Lançava olhares furtivos a Angel. Como é que Michael podia não saber? Como podia não suspeitar? O que é que uma rapariga linda como ela podia estar a fazer na zona do ouro? Não faria sentido para um homem com dois dedos de testa.

Por outro lado, um olhar àqueles límpidos olhos azuis dela e um homem poderia perder-se. Michael não era mulherengo. Era um homem honesto e afetuoso. Ela poderia dizer-lhe o que quisesse, e ele acreditaria nela. Uma rapariga como ela faria dele gato-sapato. *Tenho de lhe contar a verdade. Mas como? Quando?*

Michael levantou-se para se servir de mais café e Paul olhou para Angel. Ela retribuiu o seu olhar, com o queixo ligeiramente levantado e um ar de troça nos seus olhos azuis. Estava tão segura de si que ele quase se saiu com a verdade ali mesmo, mas as palavras ficaram-lhe entaladas na garganta quando olhou para o rosto de Michael.

Angel tirou o xaile de um gancho junto à porta.

- Vou buscar água - disse, pegando no balde. - Tenho a certeza de que vocês os dois têm muito sobre o que conversar. - Olhou-o a direito antes de sair.

Aquele olhar foi como uma bofetada. *Ela nem sequer se importa que eu lhe conte.*

Michael estava a olhar para ele solenemente.

- O que te vai na mente, Paul?

Ele não conseguia fazer sair as palavras. Soltou uma risada rouca e tentou recuperar os seus modos trocistas dos velhos tempos, mas também não foi capaz.

- Desculpa, mas ela deixou-me sem fôlego. Como a conheceste?

- Por intervenção divina.

Divina? Michael encontrava-se no buraco negro do inferno e nem o sabia. Apaixonara-se perdidamente por um diabo de olhos azuis e cabelo louro até à cintura e um corpo que tentaria um homem a pecar e à morte.

Michael pôs-se de pé.

- Vem até lá fora e eu mostro-te o que fiz desde que partiste à procura de fortuna.

Paul viu Angel a lavar as roupas dele. Belo estratagema. Pensaria que fazer-lhe um favor o manteria calado? Não olhou para eles. Talvez ele não fosse capaz de contar a verdade sobre ela a Michael, mas o certo é que não a ia deixar livrar-se com facilidade.

- Dá-me só um minuto com a tua mulher, está bem, Michael? Causei-lhe uma fraca impressão ao olhá-la tão fixamente como olhei. Gostava de lhe agradecer pelo pequeno-almoço e por me lavar a roupa.

- Faz isso. Depois vem ter comigo ao ribeiro. Estou a construir uma casa de refrigeração. Podes ajudar-me.

- Vou já. - Paul dirigiu-se para Angel. Voltou a olhá-la de alto a baixo e desta vez não havia dúvida. Ela trazia vestidas as roupas de Tessie. Sentiu uma fúria ardente por todo o corpo. Como podia Michael ter-lhas dado? Aproximou-se quando ela estava a acabar de sacudir as suas ceroulas velhas, Paul esperava que Angel se virasse, mas ela não o fez. Sabia que ele estava ali; ele tinha a certeza. Estava simplesmente a ignorá-lo.

- Olá, Angel - disse, pensando que talvez isso a fizesse virar-se rapidamente. Ela virou-se, mas a sua expressão era calma e segura. - *Angel* - repetiu ele. - É o teu verdadeiro nome, não é? Não Amanda. Corrige-me se estou enganado.

- Suponho que fui descoberta, é isso? - Pendurou as ceroulas dele na corda que Michael lhe instalara. - Deveria recordar-me de si?

Galdéria descarada.

- Suponho que as caras começam a parecer-se todas umas com as outras no teu ofício.

- E tudo o resto. - Olhou-o de alto a baixo e riu-se. - Teve pouca sorte nos ribeiros, cavalheiro?

Ela era pior do que ele esperara.

- Ele sabe quem e o que tu és?

- Porque não lhe pergunta?

- Nem sequer te incomoda o efeito que vai ter sobre ele quando descobrir?

- Acha que ele se vai abaixo?

- Como é que alguém como tu lhe cravou as garras?

- Ele entrouxou-me como um ganso e trouxe-me para aqui na carroça.

- Uma história provável. - O olhar de tédio dela enfureceu-o. - O que é que achas que ele faria se eu lhe contasse que já te tinha visto, num bordel em Pair-a-Dice?

- Não sei. O que é que acha que ele faria? Apedrejava-me?

- Estás muito segura do teu ascendente sobre ele, não estás?

Ela pegou no cesto vazio e encostou-o à anca.

- Diga-lhe o que quiser, cavalheiro. A mim não me faz grande diferença. - Afastou-se.

Enquanto se dirigia para junto de Michael, Paul decidiu que lhe contaria, mas quando chegou ao pé dele não foi capaz. Passou todo o dia a trabalhar ao lado de Michael sem conseguir arranjar coragem para falar. Quando voltaram para casa, Paul recusou a ceia. Disse que estava demasiado cansado para comer. Foi para o celeiro e comeu os últimos restos da sua carne seca. Não queria sentar-se à mesa com ela. Não conseguiria manter o fingimento de se sentir contente por o seu melhor amigo estar casado com uma meretriz mentirosa. Enfiou as suas coisas na trouxa, pô-la ao ombro e encaminhou-se para a sua cabana no outro extremo do vale.

À porta aberta da cabana, Michael viu-o partir. Esfregou a nuca e virou costas.

Angel olhou para Michael e sentiu a tensão a aumentar dentro dela mais uma vez. Sentou-se na cadeira de verga que ele fizera para ela e ficou a vê-lo fechar a porta e sentar-se em frente ao lume. Ele pegou nas botas e começou a esfregar cera de abelha nelas para as tornar impermeáveis. Não olhou para ela. Não teve muito de que falar nessa noite, e não pegou na Bíblia para a ler. Claramente, a noite passada estava esquecida.

- Estás a pensar nisso, não estás? - disse ela. - Porque não perguntas simplesmente?

- Não quero saber.

- É claro que não - disse ela secamente. Sentia um aperto doloroso na garganta. - Mas eu digo-te, de qualquer maneira, só para desanuviar o ar. Não me lembro dele, mas isso não quer dizer nada no meu ofício, pois não? Também não me lembrava de ti, mesmo depois de um par de visitas. - Desviou os olhos.

Michael sabia que não era toda a verdade, mas aquilo magoou-o mesmo assim.

- Não mintas, Amanda. Não consegues meter na cabeça que te amo? És a minha mulher agora. O que quer que tenha acontecido está no passado. Deixa-o lá.

A calma terminara. A tempestade abatia-se sobre eles numa fúria.

- Há duas semanas, querias ouvir tudo sobre mim. Ainda queres saber *tudo*?

- *Deixa isso!*

Ela pôs-se de pé. De costas para ele, passou a mão trémula pela prateleira por cima da lareira.

- Continuas a não compreender, pois não? Mesmo que eu quisesse que as coisas resultassem, as pessoas de fora não vão deixar que isso aconteça. Como o teu belo cunhado íntegro. - Sorriu sarcástica e olhou para cima, para a parede. - Viste a cara dele quando me reconheceu?

- Lamento que te tenha magoado.

Ela girou sobre os calcanhares e fulminou-o com o olhar.

- É isso o que pensas? - Soltou uma risada breve. - Ele não pode magoar-me. E tu também não. - Não ia dar essa oportunidade nem a um nem ao outro.

*

Paul passou um dia a limpar a sua cabana e a pensar no que fazer quanto a Angel. Teria de voltar para falar com Michael sobre ela. Não podia manter-se em silêncio. Michael tinha todo o direito de saber que fora enganado. Quando ficasse a par de todos os factos, faria o mais correto e pô-la-ia fora. Como um gato, ela aterraria de pé.

O casamento podia ser anulado. Como o mais provável era que nem tivesse sido celebrado por um ministro da Igreja, não contaria, de qualquer modo. Michael poderia deitar para trás das costas toda aquela má experiência. Com caravanas de carroças a chegarem em catadupa à Califórnia, com certeza arranjaría outra mulher, uma mulher que o faria esquecer Angel.

Michael veio até à cabana de Paul e pôs-se a rachar lenha com ele. Conversaram, mas já não era como antes. Paul tinha demasiado na mente, e Michael estava estranhamente pensativo.

- Vem lá a casa cear - disse Michael antes de partir, mas Paul não suportava a ideia de comer com Angel à mesma mesa.

Michael parecia irritado com ele.

- Feriste os sentimentos da Amanda.

Paul quase se riu. Ferira-a? Aquela meretriz insensível? Não era provável, mas sabia exatamente o que ela estava a fazer. Estava a tentar pô-los um contra o outro. Estava decidida a destruir a amizade deles. Bem, se queria jogar ao ataque...

- Vou lá amanhã.

Angel estava fora da casa a bater cobertores numa corda da roupa quando ele chegou. Parou e olhou-o a direito. Não perdia tempo a desafiá-lo.

- Ele está a trabalhar junto ao ribeiro na casa de refrigeração. Porque é que não desabafa antes de isso o comer vivo?

- Estás fiada que não o vou fazer, não estás?

- Oh, penso que o vai fazer. Mal pode esperar.

- Tu ama-lo? - perguntou ele num tom de desprezo. - Pensas que o podes fazer feliz? Mais cedo ou mais tarde ele vai ver quem tu és realmente.

A mão dela ficou branca no pau que segurava. Encolheu os ombros e virou-se.

- Não queres saber de nada, pois não?

- Devia querer? - Começou a bater o cobertor de novo.

Paul sentiu vontade de a agarrar e a fazer dar meia volta para poder pregar um murro no seu rosto arrogante.

- Estás mesmo a pedi-las. - Dirigiu-se para o ribeiro.

Toda a rigidez abandonou Angel enquanto o via afastar-se. Sentou-se abalada num cepo, recusando-se a reconhecer os sentimentos que a percorriam.

*

- Vieste mesmo a tempo - disse Michael, endireitando-se e limpando o suor da testa com o braço. - Dá-me uma mão com estas tábuas, dás?

Paul ajudou-o a colocar o toro com nós e com um lado aplainado.

- Michael, tenho de falar contigo sobre uma coisa - disse com um grunhido ao mesmo tempo que o toro encaixava no seu lugar. Michael lançou-lhe um olhar sombrio que ele não foi capaz de decifrar. No calor da sua fúria, atirou-se de cabeça. - Não tem nada a ver com o que aconteceu no Yuba ou porque não consigo decidir se ficar. Tem a ver com outra coisa. Tem a ver com a tua *mulher*.

Michael endireitou-se lentamente e olhou para ele.

- Porque é que sentes que tens de dizer alguma coisa?

- Porque tu tens de saber. - Ainda via o rosto arrogante dela. - Michael, ela não é quem tu pensas que é.

- Ela é exatamente quem eu penso que é, e é *a minha mulher*. - Baixou-se de novo para o trabalho.

Angel devia realmente ter-lhe feito a cabeça no dia anterior. Furioso, Paul encaixou com força o toro seguinte no seu lugar. Olhou para trás na direção do terreiro para ela. Estava à porta da cabana de Michael. Com as roupas de Tessie. Apetecia-lhe ir até lá e arrancar-lhas do corpo. Apetecia-lhe espancá-la e escorraçá-la deste vale. Michael, logo ele, enganado. Michael, com os seus ideais elevados e a sua força de caráter. Michael, com a sua pureza. Era inconcebível. Era obsceno.

- Não vou esquecer. Não posso. - Michael nem sequer estava a olhar para ele. Paul agarrou-lhe o braço. - Ouve-me. Antes de ela ser tua mulher, era prostituta. Chama-se Angel, não Amanda. Trabalhou num bordel em Pair-a-Dice. Era a pomba manchada mais cara em toda a cidade.

- Tira a mão do meu braço, Paul.

Paul retirou a mão.

- Não vais dizer nada? - Nunca vira Michael tão zangado.

- Sei tudo sobre isso.

Paul fitou-o.

- Tu *sabes*?

- Sei. - Michael baixou-se para pegar em mais um toro. - Pega na outra ponta, pegas?

Paul obedeceu sem pensar.

- Sabias antes ou depois de ela ter a aliança no dedo? - perguntou cinicamente.

- Antes.

Paul encaixou o toro com força.

- E mesmo assim casaste com ela?

Michael endireitou-se.

- Mesmo assim casei com ela e voltaria a casar com ela se tivesse de o fazer outra vez. - Uma declaração simples, pronunciada calmamente e em voz baixa, mas os seus olhos ardiam com fúria.

Paul sentiu que tinha recebido um murro com força.

- Estás embeijado por ela, Michael, ela enganou-te. - Tentou fazê-lo ver a razão. - Acontece. Não vês uma mulher há meses, e depois vê-la, e ela tem uns olhos azuis bonitos e um corpo lindo e tu perdes a cabeça por ela. Portanto, desfruta dela por uns tempos, mas não tentes convencer-te de que vai dar uma mulher decente. Uma vez prostituta, sempre prostituta.

Michael cerrou os maxilares. Eram quase as mesmas palavras de Angel sobre si mesma.

- Para de fazer juízos.

- Não sejas tolo!

- Cala-te, Paul. Tu não a conheces.

Ele riu-se ao ouvir aquilo.

- Oh, não preciso. Sei o suficiente. Tu é que não sabes nada. Quanta experiência tiveste com mulheres como ela? Vês tudo e todos através dos teus próprios princípios, mas o mundo não é assim. Ela não vale a dor que te vai trazer. Escuta-me, Michael! Queres que uma mulher que já esteve com cem homens seja a mãe dos teus filhos?

Michael fitou-o. Era isto que Angel suportara toda a sua vida? Condenação e ódio cego?

- Penso que é melhor parares por aí - disse num tom contraído.

Mas Paul não parou.

- O que ia dizer a tua família se soubesse quem ela é? Ia aprovar? E os vizinhos, quando começarem a chegar? Pessoas *boas*. Pessoas *decentes*. O que é que vão pensar quando descobrirem que a tua bonita mulher era uma prostituta cara?

Os olhos de Michael ensombraram-se ameaçadoramente.

- Eu sei o que *eu* penso e o que Deus pensa, e isso é tudo o que importa. Talvez tu devesses pôr a tua vida em ordem antes de examinares a dela.

Paul fitou-o, ofendido. Michael nunca usara aquele tom de reprovação ao falar com ele, e magoou-o. Não via que ele só estava a tentar ajudá-lo; que só estava a tentar evitar

que ele fosse destruído por aquela mulher que não valia nada?

- Tu és como meu irmão - disse com a voz embargada. - Ajudaste-me nos piores momentos da minha vida. Não quero ver-te destruído por uma feiticeira manhosa que te deu tal volta que nem sequer te apercebes de que vais a caminho de um desastre!

Um músculo contraiu-se no maxilar de Michael.

- Já disseste o suficiente!

Mas Paul só conseguia ver uma prostituta vestida com as roupas da sua amada Tessie.

- Michael, ela não passa de *bosta*! - Não contava com o murro. Nem sequer compreendeu o que tinha acontecido. A dor alastrou ao longo do seu maxilar, e estava caído por terra, com Michael de pé sobre ele, de punhos cerrados e rosto pálido.

Michael pegou-lhe pelo peito da camisa e puxou-o para cima, abanando-o como a uma boneca de trapos.

- Se gostas de mim como dizes, então gostas dela também. Ela é parte de mim. Compreendes? Ela é parte da minha carne e da minha vida. Quando dizes coisas contra ela, estás a dizê-las contra mim. Quando a desprezas, estás a desprezar-me *a mim*. Compreendes?

- Michael...

- *Compreendes?*

Era a primeira vez na sua vida que Paul sentia medo do cunhado.

- Compreendo.

- Ainda bem - disse Michael e largou-o. Afastou-se de costas para Paul, a tentar controlar a sua fúria.

Paul esfregou o queixo magoado. Ela era a causa desta dissensão entre eles. A culpa era dela. *Oh, eu compreendo bem, Michael. Melhor do que tu.*

Michael esfregou a nuca e olhou para ele.

- Desculpa ter-te dado um murro. - Soltou um suspiro e aproximou-se. - Preciso de ajuda, não de entraves. Ela está

numa dor que nem te passa pela cabeça. – Fechou a mão em punho, com o rosto atormentado e os olhos a encherem-se de lágrimas. – E eu amo-a. Amo-a o suficiente para morrer por ela.

– Lamento.

– Não lamentos. *Fica em silêncio!*

E Paul ficou, enquanto trabalhavam, mas a sua mente estava aos berros durante todo esse tempo. Ajudaria Michael da melhor maneira que sabia. Iria escorraçá-la. De alguma maneira. Quanto mais cedo melhor. Encontraria alguma maneira.

Michael quebrou a tensão.

– Vais ter de ir à cidade buscar mantimentos para o inverno. Não tenho que chegue para te amparar.

– Não tenho nenhum pó de ouro.

– Eu tenho algum de lado. É teu. Podes usar os meus cavalos e a carroça.

Paul sentiu-se envergonhado. Mas porque haveria de sentir vergonha? Só estava a tentar evitar que Michael fosse magoado. Michael era um homem que pensava. Acabaria por ver a razão. O seu grande problema era desvalorizar os defeitos de carácter nas outras pessoas. Olhava para uma meretriz e via alguém que merecia amor.

Paul sentia-se a ferver de raiva. Ela já estava a meter-se entre eles os dois. Já estava a criar problemas entre eles. Tinha de pensar numa maneira de fazer Angel sair da sua toca confortável e voltar para onde era o seu lugar. E tinha de o fazer antes de ela partir o coração de Michael em mil pedaços.

Encaixaram a última trave. As paredes interiores estavam erguidas. Michael disse que conseguiria montar o telhado sozinho. Pousou a mão no ombro de Paul e agradeceu-lhe a sua ajuda, mas a tensão entre os dois mantinha-se pesada.

– É melhor ires a Pair-a-Dice amanhã. Diz ao Joseph que eu faço contas com ele daqui a umas semanas. Ele arranja-te tudo aquilo de que necessitas.

- Obrigado. - Pair-a-Dice. Talvez ele conseguisse descobrir um pouco mais sobre Angel e os seus podres quando lá chegasse. A Duquesa ia querer a sua melhor rapariga de volta, e podia mandar aquele grande gigante brutamontes que a guardava como se ela fosse as joias da coroa buscá-la.

*

Quando Michael chegou a casa ao anoitecer, Angel não perguntou o que Paul tivera a dizer. Pôs a ceia em cima da mesa e sentou-se com ele, de costas direitas e cabeça erguida. Ele ainda não dissera nada. Provavelmente, estava a refletir sobre tudo, a examinar e a sopesar. Pois que o fizesse.

Voltava de novo a sentir um peso dentro de si, e fingiu que não importava. *Ele* não importava. Quando Michael olhou para Angel, ela inclinou o queixo e retribuiu-lhe o olhar. *Vá lá, diga o que lhe vai na mente, cavalheiro. Eu não me importo.*

Michael pôs a mão sobre a dela.

Uma dor enclavinhou-se no seu coração e ela tirou a mão de debaixo da dele. Não conseguia olhar para ele. Pegou no guardanapo, sacudiu-o delicadamente e pousou-o com todo o cuidado no regaço. Quando voltou a erguer a cabeça, ele estava a olhar para ela. Os olhos dele, oh, os olhos dele.

- Não olhes assim para mim. Eu já te tinha dito, não me importa o que ele pensa de mim, e pode dizer o que quiser. É tudo verdade. Tu sabias. E não importa. Ele não é o primeiro homem que me olhou de alto, e não será o último.
- Recordou a Mamã a andar pela rua e os homens que vinham ao barraco a passarem por ela como se não a conhecessem de lado nenhum.

- Poderia acreditar em ti se não estivesses tão furiosa.

Angel ergueu o queixo.

- Não estou furiosa. Porque é que havia de estar furiosa?

- Não sentia apetite, mas forçou-se a comer para ele não

poder deduzir nada. Levantou a mesa. Michael pôs mais uma acha no lume.

- O Paul vai ausentar-se um par de dias. Precisa de mantimentos. Vem cá amanhã de manhã buscar os cavalos e a carroça.

Angel ergueu ligeiramente a cabeça, a pensar. Verteu água na bacia e lavou os pratos. Michael recusava-se a levá-la para onde era o seu lugar, mas ela sabia que Paul o faria. Só para salvar o pobre do Michael de si mesmo.

Algo se contraiu com força dentro de si ao pensar em deixar Michael. Forçou-se a pensar antes na satisfação que sentiria quando defrontasse a Duquesa e exigisse o seu dinheiro. Poderia pedir auxílio ao homem do bar se tivesse de ser. Ele era tão grande quanto Magowan e tinha bastante prática com os punhos. Mal o ouro estivesse em segurança nas suas mãos, seria livre. *Livre!*

Doía-lhe o peito, e pressionou-o com a mão.

Michael puxou-a a si de novo nessa noite, e ela não resistiu. Ao fim de uns minutos, ele afastou-se a tremer, banhado em suor. Mal conseguia respirar.

- O que estás a tentar fazer?

- Ser boa para ti - disse ela, e usou tudo o que sabia para lhe dar o prazer que ele merecia.

*

Paul chegou ao amanhecer para levar a carroça e os cavalos. Michael ajudou-o a atrelar a parelha. Deu-lhe pó de ouro e uma carta para Joseph Hochschild.

- Espero-te daqui a uns quatro ou cinco dias.

- Avistei um veado quando vinha para cá. Um dos grandes.

- Obrigado - disse Michael. Mal Paul se pôs a caminho, Michael voltou para dentro da cabana e tirou a arma do suporte por cima da prateleira. - O Paul avistou um veado quando vinha para cá. Vou ver se consigo arranjar-nos mais alguma carne para o inverno.

Angel pensara toda a noite em como conseguiria fugir sem Michael saber. Agora, aqui estava a sua resposta. Esperou até o perder de vista e depois tirou a aliança do dedo. Pousou-a em cima da Bíblia, onde sabia que ele a encontraria. Pegou no xaile, passou-o à volta dos ombros e saiu a toda a pressa.

A carroça não podia estar muito longe. Erguendo a saia, correu para a alcançar.

Paul ouviu-a chamar. Puxou as rédeas e aguardou, perguntando-se o que ela queria. Provavelmente, ia pedir-lhe que trouxesse alguma coisa para ela com o ouro de Michael. Ou talvez fosse suplicar-lhe que a deixasse em paz. Bem, ela que o fizesse. Ia servir-lhe de muito.

Angel estava corada e ofegante quando o alcançou.

- Preciso de boleia para Pair-a-Dice.

Ele encobriu a sua surpresa com uma risada seca.

- Então, já lhe vais fugir.

Ela sorriu com desdém.

- Estava com esperança de que eu ficasse?

- Sobe lá - disse ele, nem sequer lhe estendendo a mão para a ajudar.

- Obrigada - disse ela secamente, e trepou para o assento na carroça ao lado dele.

Paul passara uma grande parte da noite anterior a pensar no que fazer quanto à esposa maculada de Michael, e aqui estava ela a resolver o problema por ele. Não pensara que ela partiria assim tão facilmente. Sem suborno. Sem ameaças. Partia por sua livre vontade. Puxou as rédeas e puseram-se em movimento.

Paul lançou-lhe um olhar e viu-a limpar o rosto com a ponta do xaile de Tessie. Teve de se conter para não lho arrancar.

- Como é que achas que o Michael se vai sentir quando descobrir que foste embora?

Ela continuou a olhar em frente.

- Vai ultrapassar.

- Não te importas grande coisa com os sentimentos dele, pois não? - Ela não disse nada. Ele olhou em frente e depois de novo para ela. - Tens razão. Ele vai esquecer-te. Daqui a uns anos, a Califórnia vai ter bastantes moças adequadas para ele escolher uma. As mulheres sempre andaram atrás do Michael.

Ela desviou o olhar na direção da floresta como se pouco lhe importasse. Paul queria feri-la tão fundo que ela sangrasse como Michael ia sangrar quando descobrisse que ela o abandonara sem sequer um olhar para trás. Ele não o avisara? Mas ela devia sentir alguma coisa. Seria o mais natural.

Sentia-se curioso.

- O que te fez decidir ires embora?

- Nenhuma razão em particular.

- Suponho que te sentias maçada com a vida tranquila que o Michael leva. Ou é só por teres o mesmo homem sempre? - Ela não reagiu. Michael veria agora que Paul tinha razão quanto àquela mulher. A seu tempo, aceitaria que cometera um grande erro. As mulheres adoravam Michael. Para além do seu bom aspeto, combinava força e ternura de uma maneira que as atraía como moscas. Casaria de novo se estava assim tão pronto, e não teria de esperar muito tempo. A seguinte com certeza seria melhor do que esta.

- A Duquesa vai ficar contente por te ver de volta. Ouvi dizer que lhe davas a ganhar uma fortuna. Ela recusou-se sempre a dizer para onde tinhas ido.

Angel ergueu ligeiramente a cabeça e fez-lhe um sorriso amarelo.

- Não sinta que tem de fazer conversa de circunstância comigo.

Ele sorriu friamente. Então, estava a afetá-la um pouco. Enterrou mais a faca.

- Suponho que falar não é assim tão importante como isso no teu ofício, pois não?

Angel sentiu a fúria crescer dentro de si. O porco santarrão. Se não fossem milhas e milhas a subir até Pair-a-Dice, ela saltaria desta carroça imediatamente e iria a pé, mas não era suficientemente tonta para pensar que conseguiria lá chegar. Ele que a picasse o quanto quisesse. Ela conseguiria aguentar um dia de viagem numa carroça com um hipócrita bronco. Pensaria no seu ouro. Pensaria na sua própria pequena cabana no meio de um bosque. Pensaria em nunca mais ter de olhar para outro homem como ele.

Paul não gostava de ser ignorado, especialmente por alguém como Angel. Quem é que ela pensava que era, afinal? Fustigou os cavalos a aumentar a velocidade. Acertava em todos os buracos da estrada, fazendo-a saltar e sacudir-se. Angel tinha de se agarrar bem para manter o equilíbrio e não ser projetada para fora. Paul estava a apreciar o seu desconforto. Ela comprimia os lábios, mas não se queixava. Ele manteve a velocidade até os cavalos se cansarem e se ver obrigado a abrandar o ritmo.

– Já se sente melhor agora? – disse ela, a troçar dele.

Ele detestava-a mais a cada milha que passava.

Quando o sol estava a pique, Paul saiu da estrada e saltou para fora da carroça. Desatrelou os cavalos e deixou-os pastar. A seguir, dirigiu-se em grandes passadas para o bosque. Quando voltou, viu-a dirigir-se para as árvores do outro lado. Movia-se como se estivesse com dores.

O alforge de Paul estava debaixo do assento da frente. Dentro trazia uma maçã, carne de vaca seca e uma lata de feijões. Comeu com apetite. Ela lançou-lhe um olhar quando voltou e foi sentar-se à sombra de um pinheiro. Ele arrancou com os dentes um pedaço de carne seca e mastigou-o enquanto a observava. Parecia cansada e cheia de calor. Provavelmente, também tinha fome. Problema dela. Devia ter pensado em trazer alguma coisa.

Paul abriu o cantil e bebeu longamente, fechando-o de novo quando terminou. Olhou para ela e franziu a testa.

Irritado, levantou-se e foi ter com ela. Balouçando o cantil para trás e para a frente diante do rosto dela, disse:

- Queres beber? Diz por favor se quiseres.

- Por favor - disse ela em voz baixa.

Ele atirou o cantil para o seu regaço. Ela abriu-o, limpou o gargalo e bebeu. Quando terminou, limpou de novo o gargalo, fechou-o e estendeu-lho.

- Obrigada - disse. Nada se revelava naqueles olhos azuis.

Paul voltou a sentar-se à sombra da árvore e acabou a carne seca. Furioso, começou a comer a maçã. Quando acabou metade, olhou na direção dela.

- Tens fome?

- Sim - disse ela simplesmente, não olhando para ele desta vez.

Atirou-lhe o que restava da maçã. Levantou-se, aproximou-se dos cavalos e voltou a atrelá-los à carroça. Ao lançar um olhar para trás, viu-a sacudir as agulhas do pinheiro e a poeira da maçã meio comida antes de dar uma dentada. A sua dignidade fria e silenciosa fê-lo sentir-se desconfortável.

- Vamos embora! - disse, esperando por ela impacientemente.

Ela estremeceu ao subir para o assento ao seu lado.

- Como é que conhecestes o Michael? - perguntou ele ao fustigar os cavalos e partirem de novo.

- Ele veio ao Palace.

- Não me faças rir! O Michael não punha os pés nesse buraco imundo. Ele não bebe nem joga, e de certeza que nunca foi às prostitutas.

Ela sorriu, a provocá-lo.

- Então como é que acha que tudo aconteceu, cavalheiro?

- Imagino que uma rapariga com os teus dotes pensaria nalguma coisa. Se calhar, conhecestes-o na loja e disseste-lhe que a tua família tinha morrido na viagem para Oeste e que estavas sozinha no mundo.

Ela riu-se dele.

- Bem, cavalheiro, já não vai ter de continuar a perguntar-se. Agora que eu me vou embora, pode ter o Michael só para si o inverno todo.

Os nós dos dedos de Paul ficaram brancos nas rédeas. Ela estaria a fazer alguma espécie de insinuação imunda? Duvidava da sua masculinidade? Puxou as rédeas, tirou a carroça da estrada e parou.

Angel contraiu-se, receosa.

- Porque é que está a parar?

- Deves-me alguma coisa pela boleia.

Ela ficou imóvel.

- O que tinha em mente?

- O que é que tu tens? - Queria feri-la até fazer sangue. - Suponho que achas que quando alguém te faz um favor não lhe deves nada. Certo? - Ela desviou os olhos. Ele agarrou o seu braço com força e ela olhou outra vez para ele, com o rosto pálido. Ele fitou furioso os seus olhos azuis cínicos.

- Bem, mas deves. *Estás a dever-me* por esta boleia. - Soltou-a abruptamente.

Desta vez ela não desviou o olhar. Limitou-se a ficar ali sentada a olhar para ele, com o rosto inexpressivo.

- Sabes, nunca cheguei a ir ao andar de cima no Palace - disse ele, enterrando mais fundo a faca. Desatou o cordão de couro no cabelo dela. - Não tinha pó de ouro suficiente para pôr sequer o meu nome no chapéu. - Soltou-o. - Costumava pensar como seria ir ao santuário da *Angel*.

- E agora quer saber.

Paul queria perturbá-la.

- Talvez.

Angel sentiu a espiral a desenrolar-se dentro de si. A escorrer para baixo, como água num ralo. Esquecera-se de que tudo tinha um preço. Soltou um suspiro e inclinou ligeiramente a cabeça.

- Bem, mais vale despacharmos a coisa. - Desceu da carroça.

Paul fitou-a. Saltou do outro lado e veio pôr-se em frente a ela. Ela estava pálida e parecia fatigada, e ele não tinha a certeza se ela estava a fazer *bluff* ou não. Pensaria que conseguiria percorrer trinta milhas a pé? Ele não ia dar-lhe a oportunidade de mudar de ideias e voltar para casa.

- O que estás a pensar fazer?

- O que quiser, cavalheiro. - Tirou o xaile e pendurou-o no lado da carroça. - Então? - O sorriso dela era de troça.

Pensaria que ele não era capaz? Furioso, agarrou-lhe um braço e empurrou-a a uns cem pés da estrada, para a sombra de um arbusto. Foi bruto e rápido, o seu único desejo magoá-la e degradá-la. Ela não emitiu um som. Nem um.

- Não te demorou muito tempo a voltar aos velhos hábitos, pois não? - Fulminou-a com um olhar de repugnância.

Angel pôs-se de pé lentamente e sacudiu as folhas da saia. Tirou-as do seu cabelo.

Paul estava cheio de repulsa.

- Nem sequer te incomoda, pois não? Tens a moral de uma serpente.

Ela ergueu lentamente a cabeça e fez um sorriso frio de morte.

Desconfortável, ele voltou a largas passadas para a carroça. Mal podia esperar que esta viagem terminasse.

*

Angel sentiu começarem as tremuras. Apertou os atilhos do corpete e abotoou a blusa, enfiando-a na saia. As tremuras tornaram-se mais intensas. Afastou-se por entre as árvores, onde Paul não poderia vê-la, e tombou de joelhos. Um suor frio cobriu-lhe a testa. Sentia-se fria por toda a parte. Fechou os olhos e combateu a sensação de náusea. *Não penses nisso, Angel. Não tem importância se não o permitires. Finge que não aconteceu.*

Pressionou os dedos com força contra o tronco da árvore e vomitou. A sensação de frio passou e as tremuras pararam quando se pôs de pé. Ficou imóvel durante um longo momento à espera de recuperar a calma.

- Despacha-te - berrou Paul - Quero chegar antes do anoitecer.

De queixo erguido, Angel voltou para a estrada.

Paul lançou-lhe um olhar furioso do seu lugar na carroça.

- Sabes que mais, Angel? És sobrevalorizada. Não vales mais do que dois patacos.

Algo rebentou dentro dela.

- E o que vales tu?

Ele semicerrou os olhos.

- O que é que queres dizer?

Ela aproximou-se e tirou o xaile do lado da carroça.

- Eu *sei* o que sou. Nunca fingi ser outra coisa. Nem uma vez. Nunca! - Pôs a mão na beira do assento da carroça. - E aqui estás tu, com a carroça e os cavalos e o ouro emprestados pelo Michael, e a usar a mulher dele. - Riu-se de Paul. - E o que é que chamas a ti mesmo? Seu *irmão*.

O rosto de Paul foi de branco a vermelho, e depois de novo a branco. Cerrou os punhos e parecia que queria matá-la.

- Devia deixar-te aqui. Devia deixar-te ir a pé o resto do caminho.

Calma agora, completamente controlada, Angel subiu para o assento da carroça e sentou-se ao lado dele. Sorriu e alisou a saia.

- Mas agora não podes, pois não? Eu paguei-te.

Não disseram nem mais uma palavra durante o resto do caminho.

Medo

Quinze

Então, Pedro aproximou-se e perguntou-lhe: «Senhor, se o meu irmão me ofender, quantas vezes lhe deverei perdoar? Até sete vezes?»

Jesus respondeu: «Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete.»

EVANGELHO SEGUNDO SÃO MATEUS 18: 21-22

O Palace tinha desaparecido.

Angel ficou parada na neve que caía, com lama até aos tornozelos, a fitar os escombros enegrecidos do que restava. Olhou à sua volta e viu que as ruas estavam em silêncio e meio desertas. Vários prédios estavam meio derrubados, com as tábuas e as telhas já carregadas em carroças. O que estaria a acontecer?

Do outro lado da rua havia um bar aberto. Pelo menos o Silver Dollar ainda continuava em funcionamento. Ela lembrava-se do proprietário, Murphy. Subia sempre pelas escadas das traseiras. Quando Angel entrou pelas portas de vaivém, os poucos homens que se encontravam lá dentro pararam de falar e fitaram-na. Murphy estava ao balcão.

- Ora esta! Se não é a Angel! - Fez um sorriso rasgado. - Não te reconheci com esses farrapos. Max! Arranja um cobertor à senhora. Está molhada e meio gelada. Hei, cavalheiros, olhem quem voltou! Senhorita, dá mesmo

gosto ver-te. Onde estiveste, minha doçura? Constou-se que te tinhas casado com um lavrador qualquer. – Riu-se como se fosse uma grande piada.

Murphy falava alto, e Angel sentia vontade de o mandar calar-se.

– O que aconteceu ao Palace? – perguntou em voz baixa, tentando acalmar os tremores que sentia.

– Ardeu.

– Isso vejo eu. Quando?

– Há um par de semanas. Foi o último acontecimento excitante que tivemos nestas partes. A cidade está a morrer, caso não tenha reparado. O ouro que resta por estas bandas é muito difícil de tirar. Mais um mês ou dois e Pair-a-Dice vai ficar morta como uma pedra fria. Vou ter de me mudar com os garimpeiros ou ir à falência, como já aconteceu a algumas pessoas. O Hochschild viu o que vinha aí e desmantelou a loja há semanas. Agora está em Sacramento, a varrer o pó para os cofres dele.

Ela tentou acalmar a impaciência e manter a esperança que se esvaía.

– Onde é que está a Duquesa?

– A Duquesa? Oh, foi-se embora. Partiu logo a seguir ao incêndio. Para Sacramento, São Francisco. Não sei ao certo para onde. Para algum lugar maior do que este, podes apostar.

Angel sentiu o coração cair-lhe aos pés ao compreender que todos os seus planos estavam a desintegrar-se. Max deu-lhe um cobertor e ela envolveu-se nele para evitar o frio crescente. Murphy continuou a falar.

– Ela ficou sem a ponta de um chavelho depois de o Magowan incendiar a casa à volta dela. O incêndio matou duas das raparigas.

Angel olhou para cima, alarmada.

– Que raparigas?

– A Mai Ling, aquela pequena flor Celestial. Vou sentir saudades dela.

- Quem era a outra rapariga?

- A bêbeda. Como é que ela se chamava? Não me lembro. Seja como for, ficaram as duas presas no andar de cima quando o incêndio começou. Ninguém conseguiu tirá-las de lá. Ouviam-se gritar. Aquilo deu-me pesadelos durante dias.

Oh, Lucky. O que é que eu vou fazer sem ti?

- O Magowan tentou escapar - disse Murphy. - Já estava a umas cinco milhas quando o alcançámos. Trouxemo-lo de volta e enforcámo-lo ali mesmo, na rua principal. Içámo-lo como uma bandeira. Levou muito tempo a morrer. Era o mais malvado...

Angel afastou-se do balcão e sentou-se a uma mesa. Precisava de ficar só e controlar as suas emoções.

Murphy aproximou-se com uma garrafa e dois copos. Sentou-se e serviu-lhe um uísque.

- Dá a impressão de que as coisas não te têm corrido bem, minha doçura. - Serviu-se de uma bebida. Os seus olhos escuros e brilhantes olharam-na de alto a baixo. - Não tens nada com que te preocupar, Angel. Tenho um quarto livre lá em cima. - Lançou um olhar à volta, para os homens. - Podias voltar ao teu ofício em cinco minutos, basta dizeres. - Inclinou-se mais para ela. - Só temos de combinar como dividir o pagamento. Que me dizes a sessenta para mim e quarenta para ti? Dou-te quarto, alimentação, roupa, o que quiseres. Tomarei bem conta de ti.

Angel começou a sentir os tremores dentro de si outra vez. Pôs as mãos em concha à volta do copo de uísque e fitou desanimada o líquido da cor de âmbar. Todas as suas perspectivas estavam goradas. Não tinha ouro, não tinha outras roupas a não ser as que trazia no corpo, não tinha comida e nenhum lugar onde ficar. Estava de volta ao ponto onde começara em São Francisco. A única diferença é que agora era inverno e estava a nevar.

Nunca vai haver uma cabana.

Murphy inclinou-se para a frente.

- O que me dizes, Angel?

Ela olhou para ele e sorriu amargamente. Murphy sabia que ela não podia dizer que não.

Nunca vou ser livre.

- Bem, o que me dizes? - Passou o dedo para trás e para a frente no braço dela.

- Cinquenta por cento para cada um, e eles pagam-me a mim - disse ela -, ou não fazemos negócio.

Murphy recostou-se e ergueu as sobrancelhas. Examinou-a durante um longo momento e depois riu-se. Bebeu o uísque de um gole e acenou com a cabeça.

- É justo. Desde que me dêis o que eu quiser de graça. Afinal, a casa é minha, não é? - Esperou e, como ela não argumentou, sorriu. - Agora mesmo, minha doçura. - Pôs-se de pé. - Hei, Max! Toma conta disto por mim. Vou mostrar à Angel os aposentos novos dela.

- Ela vai ficar? - perguntou um homem, com um ar de quem acabara de saber que finalmente vinha aí o Natal.

Murphy sorriu.

- Vai ficar.

- Eu sou o seguinte? Quanto?

Murphy indicou um preço alto.

Angel bebeu o copo de uísque. Estremecendo, pôs-se de pé quando Murphy puxou a sua cadeira para trás. *Nada vai alguma vez mudar.* O seu coração batia cada vez mais lentamente enquanto subia as escadas. Quando chegou ao cimo, já não conseguia sentir o coração bater. Não conseguia sentir nada.

Devia ter ficado com o Michael. Porque é que não fiquei com o Michael?

Nunca teria resultado, Angel. Nem num milhão de anos.

Resultou durante algum tempo.

Até o mundo vos apanhar. O mundo não tem misericórdia, Angel. Tu sabes isso. Era um sonho do deserto. Tu vieste embora antes de ele acabar de te

usar. Agora estás de volta onde pertences, a fazer o que nasceste para fazer.

O que importava agora aquilo tudo? Era demasiado tarde para pensar em *e ses*. Era demasiado tarde para pensar em *porquês*. Era demasiado tarde para pensar fosse no que fosse.

Murphy quis o serviço completo.

Quando saiu, Angel levantou-se da cama. Apagou a lamparina. Sentada ao canto às escuras, apertou os joelhos ao peito e pôs-se a balouçar-se. A dor que começara quando Paul aparecera no vale desabrochou e expandiu-se e consumiu-a. De olhos firmemente fechados, não emitia um só som, mas o quarto estava cheio de gritos silenciosos.

*

Os dias sucediam-se todos iguais. Nada mudara substancialmente. Em vez da Duquesa, Angel tinha agora Murphy; em vez de Magowan, havia o mais razoável Max. O seu quarto era mais pequeno e as suas roupas menos luxuosas. A comida era tolerável e abundante. Os homens continuavam a ser como antes.

Angel sentou-se na cama, de pernas cruzadas e a balouçá-la para trás e para a frente enquanto um mineiro jovem se despia. O cabelo dele ainda estava molhado e acamado para trás, e cheirava fortemente a um sabão barato. Não tinha muito a dizer, o que era bom, porque ela não queria ouvi-lo. Este não demoraria muito. Angel fechou as suas emoções, fechou a sua mente e meteu mãos ao trabalho.

A porta abriu-se com um estrondo e alguém arredou com força o jovem. Angel susteve a respiração ao reconhecer o rosto do homem acima dela.

- Michael! - Ergueu-se na cama. - Oh, *Michael*...

O jovem caíra com um baque no chão. Pôs-se de pé.

- O que é que estás a fazer? - A praguejar, atirou-se a Michael, que o atingiu com um murro e o projetou contra a parede. Pô-lo de pé e com novo murro fê-lo voar para trás

pela porta aberta e bater contra a parede do corredor, onde caiu por terra. Michael pegou nos pertences do mineiro e atirou-os lá para fora para cima dele. Fechou a porta com um pontapé e virou-se.

Angel sentia-se tão aliviada por o ver que sentia vontade de lhe cair aos pés, mas bastou-lhe um olhar ao seu rosto para se encolher.

- Veste-te. - Não esperou que ela se mexesse, pegando nas roupas que ela despira e atirando-lhas. - *Agora!*

Com o coração a bater com força, vestiu-se à toa, a tentar freneticamente pensar numa maneira de lhe escapar. Antes de ela estar completamente vestida, ele arrancou-a da cama, abriu a porta e empurrou-a para o corredor. Nem lhe dera tempo a calçar os sapatos.

Murphy estava a chegar.

- O que é que acha que está a fazer? Eu disse-lhe para esperar lá em baixo. Aquele homem pagou. Você pode esperar pela sua vez.

- Saia-me do caminho.

Murphy afastou as pernas e pôs as mãos em punho.

- Julga que pode esquivar-se a mim?

Angel já vira Murphy em ação e tinha a certeza de que Michael não estaria à sua altura.

- Michael, por favor... - Michael empurrou-a rudemente para um lado e pôs-se à sua frente.

Murphy veio para ele, mas Michael reagiu com tal rapidez que Murphy ficou por terra antes de saber o que o atingira. Michael pegou no pulso de Angel e puxou-a outra vez. Antes de chegarem às escadas, Murphy pôs-se de pé. Michael agarrou o braço dela e puxou-o com tanta força que ela soltou um grito de dor. Ele soltou-a e ela tombou contra a parede. Murphy veio para ele de novo, e desta vez Michael atirou-o pelas escadas abaixo.

Quando Michael se debruçou sobre Angel, ela recuou.

- Levanta-te! - berrou ele. Ela não se atreveu a desobedecer-lhe. Ele pegou no braço dela e empurrou-a à

sua frente. – Continua a andar e não pares.

Max atacou Michael quando eles chegaram ao fundo das escadas. Michael usou o impulso do homem para o levantar e atirar sobre uma mesa de póquer. Outros dois homens vieram para Michael, e ele empurrou Angel para fora do seu caminho imediatamente antes de eles o atingirem. Os três tombaram para trás sobre uma mesa de jogo de cartas. Fichas, cartas e homens foram projetados em todas as direções. Outros dois entraram na briga.

– Parem! – gritou ela, com a certeza de que o matariam. Frenética, procurou algo para usar como arma e ajudar, mas Michael não ficou por terra por muito tempo. Com um pontapé, afastou de si um dos homens e levantou-se. Ela ficou a olhar, boquiaberta, a vê-lo lutar. Mantinha-se firme, aos murros fortes e rápidos aos outros homens que vinham atacá-lo. Girando sobre os calcanhares, ergueu um pé e pregou um pontapé no rosto de um homem. Ela nunca vira ninguém lutar como ele. Parecia que andara a fazer aquilo toda a vida, não a abrir sulcos na terra e a plantar milho. Lutava certo e com força, e os que atingia ficavam por terra. Ao fim de uns minutos, os homens já não mostravam tanta vontade de o atacar.

Michael mantinha-se pronto, de olhos em brasa.

– Andem lá, então – disse, a provocá-los. – Quem mais quer meter-se entre mim e a minha mulher? *Andem lá!*

Ninguém se mexeu.

Com um pontapé a uma mesa tombada para a afastar do seu caminho, Michael avançou a passos largos para Angel. Não se parecia nada com o homem que ela acabara por ficar a conhecer no vale.

– Disse-te para continuares a andar! – Agarrou-lhe o braço e empurrou-a na direção da porta.

A sua carroça estava junto ao bar. Michael pegou nela ao colo e atirou-a para o assento. Ela não teve tempo para pensar em escapar antes de ele se sentar ao seu lado. Ele pegou nas rédeas e fustigou os cavalos. Ela teve de se

segurar para não cair. A velocidade a que seguiam era vertiginosa. Só abrandou quando estavam já a várias milhas de Pair-a-Dice e quando o fez foi para bem dos cavalos, não dela.

Angel receava até olhar para ele. Receava dizer uma palavra que fosse. Nunca o vira assim, nem mesmo naquela vez em que ele perdera as estribeiras no celeiro. Este não era o homem calmo e paciente que ela julgara conhecer. Era um estranho decidido a vingar-se. Recordou o Duque a acender o seu charuto e ficou com suores frios.

Michael limpou o sangue do lábio.

- Faz-me compreender, Angel. Explica-me porquê.

Angel. Havia um dobre de sino a finados no nome.

- Deixa-me sair desta carroça.

- Tu vens para casa comigo.

- Para me matares?

- Jesus, estás a ouvi-la? Porque me deste esta estúpida e teimosa mulher?

- *Deixa-me sair!*

- Nem penses. Não vais safar-te desta. Temos algumas coisas a resolver.

A expressão dos seus olhos era tão cheia de violência que ela saltou da carroça. Caiu com força e rolou pela estrada. Recuperando o fôlego, pôs-se de pé e desatou a correr.

Michael puxou as rédeas com força e saiu da estrada. Saltou da carroça e desatou a correr atrás dela.

- Angel! - Ouvia os seus passos a fugirem para dentro do bosque. - Está a escurecer. Para de correr antes que partas o pescoço!

Ela não parou. Tropeçou numa raiz e caiu com tal força que ficou sem fôlego. Deitada no chão a ofegar, ouvia Michael aproximar-se por trás. Ele caminhava a toda a pressa, quebrando galhos a abrir caminho, e por fim avistou-a.

Angel pôs-se de pé e fugiu dele aterrorizada, sem querer saber dos ramos que lhe fustigavam o rosto. Michael

alcançou-a e agarrou-a pelos ombros. Ela tropeçou e tombou, arrastando-o consigo. Ele virou o corpo de modo a aterrar primeiro e tentou rolá-la. Ela esperneava e torcia-se, a lutar para se libertar. Deitando-a de costas, ele manietou-a. Quando ela tentou arranhar-lhe o rosto, ele agarrou-lhe os pulsos e segurou-lhos contra o chão.

- Já chega!

Ela ficou ali deitada, ofegante, com os olhos arregalados. Recuperando o fôlego, ele pô-la de pé com um movimento brusco. Mal a soltou, ela tentou fugir de novo. Ele puxou-a para si e recebeu um murro. Quase lhe bateu, mas sabia que se lhe batesse uma vez não pararia. Soltou-a, mas de cada vez que ela tentava fugir, puxava-a para trás. Por fim, ela atacou-o com bofetadas, murros e pontapés. Ele aparava os seus golpes, tudo sem retaliar.

Quando ela perdeu as forças, Michael envolveu-a com os braços e apertou-a ao peito. Todo o corpo de Angel tremia violentamente. Ele sentia o medo irradiar dela. E com motivo. A sua raiva assustava-o a si mesmo. Se a tivesse agredido uma vez, tê-la-ia matado.

Quase enlouquecera quando ela o deixara.

Procurara-a a pé até encontrar as marcas da carroça e compreender o que acontecera. Ela tinha partido com Paul. Estava de regresso a Pair-a-Dice. Foi para casa, magoado e furioso com os dois. A longa espera pelo regresso de Paul da cidade fora o mais perto do inferno que ele já estivera. Porque é que Paul fizera aquilo? Porque não a mandara para casa em vez de a levar com ele?

Mas Michael sabia.

Paul trouxe a carroça e os cavalos de volta. Disse que Hochschild se tinha mudado para Sacramento e que por isso demorara tanto tempo. Era óbvio que não ia dar voluntariamente nenhuma informação sobre Amanda. Michael perguntou-lhe diretamente. Paul teve pouco a dizer para além de sim, tinha-a levado a Pair-a-Dice.

- A ideia de partir foi dela. Eu não a convenci a isso - disse Paul, pálido e assustado. O que mais custou a Michael foi a expressão de culpa gravada funda no rosto arrependido dele. Não teve de perguntar mais nada. Sabia o que mais acontecera na estrada. Ou em Pair-a-Dice.

- Michael, lamento. Juro que não foi culpa minha. Eu tentei dizer-te o que ela era...

- Sai-me da vista, Paul. Vai para casa e fica lá. - E ele fez-lo.

Michael quase não regressou a Pair-a-Dice para a ir buscar depois disso. Ela merecia o que tinha. Fora à procura disso mesmo, não fora? Chorou. Amaldiçoou-a. Amara-a e ela traíra-o. Mais valia que lhe tivesse espetado uma faca nas entranhas e a tivesse torcido.

Mas à noite, no escuro, recordou aqueles primeiros dias em que ela estivera tão doente e ele tivera um vislumbre da alma dela. Angel dissera muitas coisas no seu delírio, desenhando imagens da desgraça da sua vida. Ela conheceria sequer algo melhor? Recordou-se da reação de Paul a Angel, e da ira dela. Vira-a magoada, embora ela o tivesse negado terminantemente. Tinha de ir buscá-la. Ela era sua mulher.

Até que a morte nos separe.

Preparou-se para tudo no caminho para Pair-a-Dice, mas quando entrou naquele quarto e viu com os seus próprios olhos o que ela estava a fazer, quase perdeu as estribeiras. Se não tivesse visto os olhos dela nem tivesse ouvido a maneira como ela disse o nome dele, tê-los-ia matado a ambos. Mas vira e ouvira - por um breve instante indefeso soube o que ela sentia realmente. Alívio. Um alívio tão profundo que o fez estacar.

Contudo, isso não significava que a raiva instintiva motivada pela traição dela não estivesse em si, a borbulhar logo abaixo da superfície.

Michael estremeceu e recuou um passo.

- Anda lá - disse secamente. - Vamos para casa. - Pegou na mão dela e voltou para trás pelo bosque.

Angel queria resistir-lhe, mas sentia medo. O que é que ele iria fazer-lhe agora? Neste estado de espírito, poderia ser tão brutal como o Duque?

- Porque é que vieste buscar-me?

- És a minha mulher.

- Eu deixei a aliança na mesa! Não a roubei.

- Isso não alterou nada. Ainda somos casados.

- Podias ter simplesmente esquecido isso.

Ele parou e fulminou-a com o olhar.

- É um compromisso para toda a vida, segundo as minhas regras, mulher. Não é uma combinação que se possa anular quando as coisas se tornam um pouco difíceis de suportar.

Ela perscrutou-lhe o rosto, confusa.

- Mesmo depois de teres acabado de me encontrar... - Ele recomeçou a andar, puxando-a. Ela não o compreendia. Não o compreendia de todo em todo. - Porquê?

- Porque te *amo* - disse ele com a voz embargada. Fê-la girar sobre os calcanhares para a olhar de frente, com olhos atormentados. - É tão simples como isso, Amanda. Eu *amo-te*. Quando vais compreender o que isso significa?

Ela sentiu um aperto na garganta e baixou a cabeça.

Percorreram o resto do caminho em silêncio. Ele levantou-a em braços para a sentar na carroça. Ela afastou-se quando ele se sentou ao seu lado. Olhou para ele sombriamente.

- O teu tipo de amor não deve dar uma sensação boa.

- O teu tipo dá uma sensação melhor? - Ela desviou o olhar. Ele soltou as rédeas. - Neste momento, o amor não tem muito a ver com sensações - disse ele abatido. - Não me interpretes mal, sou tão humano como qualquer outro homem. *Sinto*, sem dúvida. Sinto bastante neste momento, muito do qual quem me dera não sentir. - Abanou a cabeça, de rosto contraído com mágoa e ira. - Senti vontade de te matar quando entrei naquele quarto, mas não o fiz.

Apetece-me meter-te juízo nessa cabeça à pancada neste momento, mas não o farei. – Fitou-a com um olhar carregado. – E por mais que doa e por muito que sinta vontade de te magoar pelo que tu fizeste, não vou fazê-lo. – Fustigou os cavalos e partiram de novo.

Angel tentou reprimir os seus sentimentos, mas eles estavam sempre a vir à tona, sufocando-a. Fechou as mãos em punho, a combatê-los.

– Tu sabias o que eu era. Tu *sabias*. – Queria que ele compreendesse. – Michael, é tudo o que sempre fui. É tudo o que sempre serei.

– Isso é bosta de cavalo pura e simples. Quando é que vais parar de chafurdar nela?

Ela desviou o olhar, de ombros caídos.

– Tu simplesmente não compreendes. Nunca vai ser como queres que seja. Não pode ser! Mesmo que alguma vez tivesse havido uma hipótese, ela já não existe agora. Não vês?

Os olhos dele trespassaram-na.

– Estás a falar do Paul?

– Ele contou-te?

– Não teve de me contar. Estava-lhe estampado na cara.

Angel não se defendeu. Não pediu desculpa. De ombros caídos, manteve o olhar fixo em frente.

Michael viu que ela assumia toda a culpa, mas ela e Paul iam ambos ter de lidar com o assunto. E ele também. Voltou a olhar para a estrada e ficou em silêncio durante muito tempo.

– Porque é que voltaste? Simplesmente não compreendo.

Ela fechou os olhos, à procura de uma razão suficientemente boa. Não conseguiu encontrar nenhuma e engoliu em seco com força.

– Para ir buscar o meu ouro – disse, desanimada. Admiti-lo em voz alta fê-la sentir-se pequena e oca.

– Para quê?

– Quero uma pequena cabana no bosque.

- Já tens uma.

O peso da dor no peito mal a deixava falar. Pressionou a mão contra ele.

- Quero ser livre, Michael. Por uma vez na minha vida. *Livre*. - Ficou com a voz embargada. Mordeu o lábio e agarrou-se ao lado do assento da carroça com tanta força que a madeira se enterrou nas suas mãos.

O rosto de Michael suavizou-se. A ira desvaneceu-se, mas não a mágoa, não a tristeza.

- Tu és livre. Só não o sabes ainda.

Foi uma viagem longa e silenciosa até ao vale.

Dezasseis

*A mente é o seu próprio lugar
e em si pode fazer um céu do inferno, um inferno do céu*

MILTON

Michael não conseguia tirar aquilo da cabeça. Ela não pedira perdão. Não apresentara desculpas. Limitava-se a ficar ali sentada, sem uma palavra, de costas direitas, cabeça erguida, mãos cerradas em punho no regaço como se fosse a caminho da guerra e não de casa. Preferiria rejeitar a dádiva dele e viver nas trevas eternas do que abrir-lhe a mente e o coração? O seu orgulho seria a única coisa que importava?

Não compreendia.

Angel ia sentada num tormento silencioso. Debatia-se com as emoções que a dilaceravam, remorso, culpa, confusão. Elas tornaram-se uma massa sólida, um caroço duro a crescer-lhe na garganta e no peito, como um cancro a fazer alastrar a dor para todo o seu corpo. Sentia medo. A esperança que julgara há muito morta ressuscitara. Esquecera a pequena luz que por vezes bruxuleara dentro de si em criança. Algo ateava o pavio e a luz acendia-se – até o Duque a apagar.

Ela tentava apagá-la agora com a lógica.

Nada poderia voltar a ser como antes. O que quer que se tivesse desenvolvido entre ela e Michael estava arruinado.

Ela sabia-o. Mal Paul a usara, ela deitara a perder a sua última oportunidade.

Fi-lo a mim mesma. Fi-lo a mim mesma. Mea culpa. Mea culpa.

As palavras da sua mãe assombravam-na, recordações insuportáveis de uma vida abandonada. Porque estava a sentir esta pequena luz de novo, quando sabia que acabaria por ser destruída? Como sempre acontecera. A esperança era cruel. Só o aroma de sustento diante de uma criança esfomeada. Não leite. Não carne.

Oh, meu Deus, não posso ter esperança de nada. Não posso. Não vou sobreviver se tiver.

Mas estava lá, uma minúscula centelha a brilhar nas trevas.

Quando chegaram ao vale ao amanhecer, Angel sentiu o calor do sol a aumentar nos seus ombros e recordou-se de Michael a arrastá-la com ele pela noite para verem o nascer do sol. «*É a vida que quero dar-te.*» Ela não compreendera então o que ele lhe oferecia. Não compreendera até ter subido as escadas no Silver Dollar Saloon e ter voltado a vender a sua alma como escrava.

É demasiado tarde, Angel.

Então porque é que ele me está a trazer de volta? Porque é que não me deixou simplesmente em Pair-a-Dice?

O Duque também te trouxe de volta, não trouxe? Várias vezes.

Ela sempre vira vingança nos olhos escuros do Duque. Ele fizera-a sofrer. No entanto, fora mais fácil suportar o que ele lhe fazia do que ver o sofrimento que ele causava a outros que se atreviam a ajudá-la. Como Johnny – antes de o Duque o despachar para sempre.

Mas Michael não era como o Duque. Ela nunca vira aquele brilho de crueldade calculada nos seus olhos. Nunca a sentira nas mãos dele.

Há um preço para tudo, Angel. Tu sabes isso. Sempre o soubeste.

Que tipo de preço cobraria ele por a ter tirado do inferno?
Que preço por a salvar da sua própria loucura?

Sentiu-se tremer por dentro.

Michael deu meia volta com a carroça no terreiro em frente à cabana e atou as rédeas. Angel começou a descer, mas a mão dele prendeu-lhe o pulso.

- Fica sentada. - A sua voz era pesada, e ela deixou-se ficar sentada em silêncio a aguardar a sua ordem. Quando ele contornou a carroça para a ajudar a descer, ela fechou os olhos, com receio de fitar os dele. Ele pousou-a no chão delicadamente.

- Entra em casa - disse-lhe. - Eu vou tratar dos cavalos.

Angel abriu a porta da cabana e sentiu todo o seu ser invadido por uma sensação de alívio. *Estou em casa.*

Por quanto tempo, Angel? O tempo suficiente para te fazer sofrer antes de ele te expulsar outra vez?

Não podia permitir-se pensar nisso agora. Entrou e olhou à sua volta à procura de alterações. Tudo era tão familiar, tão simples, tão querido. A mesa tosca, as cadeiras de verga em frente à lareira, a cama feita de uma cama de carroça, as colchas velhas que a irmã dele fizera. Angel pôs-se a acender o lume e a fazer a cama.

Pegou numa camisa de flanela vermelha, encostou-a ao rosto e inspirou o cheiro do corpo de Michael. Ele era a terra e o céu e o vento. Parou de respirar.

O que é que eu fiz? Porque é que deitei tudo a perder?

As palavras de Paul vieram-lhe à mente: «*Não vales mais do que dois patacos.*» Era verdade. Ela era uma prostituta e isso era tudo o que alguma vez seria. Nem sequer demorara um dia a voltar à sua velha vida.

A tremer, dobrou a camisa cuidadosamente e meteu-a na gaveta dele. Tinha de parar de pensar. Tinha de sobreviver como sempre fizera. Mas como poderia agora? Como?

A sua mente desesperada procurava respostas, mas não lhe ocorria nenhuma. *Farei o que ele quiser enquanto ele quiser, se me deixar ficar. Se ao menos me deixar ficar.*

Embora não tivesse vontade de comer, sabia que Michael estaria com fome quando voltasse para casa. Fez o pequeno-almoço com mil cuidados. Enquanto as papas de aveia coziavam, limpou o pó e varreu a casa. Passou uma hora, depois outra. E Michael não regressava.

No que estaria a pensar? Estaria a sua fúria a aumentar? Já teria mudado de ideias quanto a trazê-la de volta? Expulsá-la-ia agora? Para onde iria ela se isso acontecesse?

As recordações do Duque davam-lhe volta ao estômago.

Ele não é como o Duque.

Todos os homens são como o Duque quando traídos.

A sua mente andava às voltas como um abutre à procura de carne putrefacta. As suas autodefesas ergueram-se e pegaram em armas contra Michael. Ninguém o forçara a ir atrás dela. Se se sentia magoado com o que vira, só a si mesmo podia culpar-se. Não era culpa dela que ele tivesse entrado no quarto quando entrou. Não era culpa dela que ele tivesse ido, pura e simplesmente. Porque é que não a deixava em paz, para começar? Ela nunca tentara enganá-lo. O que é que ele esperava? Sabia desde o início o que ia ter. Sabia o que ela era.

O que sou eu? gritou a sua mente. Quem sou eu? Nem sequer tenho já um nome que seja meu. Restará sequer um pedaço da Sarah?

Estava sempre a ver os olhos dele, e o peso quente do seu próprio coração tornava-se insuportável.

Por fim, não conseguiu aguentar mais e foi à procura dele. Não o viu no campo, embora os cavalos estivessem a pastar. Não se via em lado nenhum. Finalmente, entrou no celeiro silenciosamente, e viu-o. Estava sentado, com a cabeça entre as mãos, a chorar. O coração de Angel caiu-lhe aos pés ao vê-lo, e o sossego que buscava transformou-se num fardo ainda mais pesado.

Feri-o. Foi o mesmo que pegar numa faca e espetá-la no coração dele. Teria sido melhor se o Magowan me tivesse matado. Teria sido melhor se eu nunca tivesse nascido.

Com os braços à volta do tronco, voltou para a cabana e tombou de joelhos em frente ao lume. A culpa era dela. Todos os ses a inundaram: se nunca tivesse deixado o Duque... se nunca se tivesse metido naquela barça... se não se tivesse vendido a quem passava nas ruas enlameadas de São Francisco ou não tivesse ido com a Duquesa... se tivesse ignorado Paul... se tivesse ficado aqui e nunca tivesse partido... se não tivesse voltado para Pair-a-Dice ou não tivesse subido aquelas escadas com Murphy... *Se, se, se...* a escada infundável em caracol sempre a descer.

Mas fiz tudo isso. Fi-lo. E agora é demasiado tarde, e o Michael está sentado a chorar enquanto que eu não tenho uma lágrima para nada.

Com os braços à volta do tronco, pôs-se a embalar-se para trás e para a frente.

- Porque é que eu sequer nasci? Porquê? - Fitou as próprias mãos. - Para isto? - Sentia a imundície do seu ofício a cobri-las. Todo o seu corpo estava contaminado, por dentro e por fora. Michael tirara-a diretamente do abismo e oferecera-lhe uma oportunidade; e ela deitara-a fora. Depois voltara e tirara-a diretamente da sua cama conspurcada para a casa dele e, mantendo-se fiel à sua estupidez, ela passara a manhã inteira a limpar a cabana e não pensara uma única vez em se limpar a si mesma.

Procurou freneticamente o sabão e correu para o ribeiro. Despiu a roupa, atirou-a ao acaso para o lado e entrou na água. O ar e a água gelados mordiam-lhe a carne, mas ela não se importava. Só queria ficar limpa, lavar tudo, tudo desde o passado mais remoto de que conseguia lembrar-se.

Talvez até ao momento da sua própria conceção.

*

Michael pôs-se de pé e pendurou os arreios. Saiu do celeiro e dirigiu-se lentamente para a cabana. O que poderia ser de um casamento tão conspurcado pela traição sexual?

Ela nunca me amou, para começar. Porque haveria eu de esperar a sua lealdade? Ela nunca realmente me prometeu. Obriguei-a a dizer os votos. Ela nunca pronunciou uma só palavra de arrependimento, Senhor. Nem uma palavra em trinta milhas. Será que cometi um erro? Seria a Vossa voz que ouvi, ou a da minha própria carne? Porque estais a fazer-me isto?

Ele devia tê-la deixado em Pair-a-Dice.

Ela é a tua mulher.

Sim, mas não sei se sou capaz de lhe perdoar.

A imagem dela na cama com outro homem estava gravada na sua mente. Não conseguia tirá-la da cabeça.

Eu amava-a, Senhor. Amava-a o suficiente para morrer por ela, e ela fez-me isto. Talvez esteja para além da redenção. Como perdoo a alguém que nem sequer se importa o suficiente para querer ser perdoada?

O que é que ela quer, Michael?

– Liberdade. Quer liberdade.

A cabana estava arrumada; ardia um belo lume na lareira. A mesa estava posta e o seu pequeno-almoço pronto. Só faltava Angel. Michael praguejou pela primeira vez em anos.

– Ela que volte! Não quero saber. Estou farto de lutar. – Soltou o pote do gancho de ferro com um pontapé. – Quantas vezes é que tenho de ir atrás dela e trazê-la de volta?

Deixou-se ficar sentado durante algum tempo na cadeira de verga, mas a sua fúria só aumentava. Iria procurá-la novamente, e desta vez dir-lhe-ia das boas. Dir-lhe-ia que se ela queria assim tanto ir-se embora, ele dar-lhe-ia boleia. Saiu de rompante da cabana e parou à porta, de mãos à cintura, a perguntar-se em que direção ela teria fugido desta vez. Perscrutou a paisagem e, com alguma surpresa, avistou-a de pé, nua, no ribeiro.

Desceu a passos largos até à margem.

- O que é que estás a fazer? Se querias tomar banho, porque é que não carregaste água para casa e a aqueceste?

Numa atitude súbita e incaraterística de modéstia, ela virou-lhe as costas, a tentar esconder-se.

- Vai-te embora.

Ele despiu o casaco.

- Sai da água. Ainda apanhas uma pneumonia. Se queres assim tanto tomar banho, eu carrego a água.

- Vai-te embora! - gritou ela, tombando de joelhos e encolhendo-se.

- Não sejas tonta! - Ele entrou na água e agarrou-a, pondo-a de pé bruscamente. As mãos dela estavam cheias de areia. Os seus seios e a sua barriga estavam esfolados de se ter esfregado. - O que é que estás a fazer a ti mesma?

- Tenho de me lavar. Não me deste ocasião de...

- Já te lavaste que chegue. - Tentou pôr-lhe o casaco à volta do corpo, mas ela soltou-se.

- Ainda não estou limpa, Michael. Vai-te embora e deixa-me só.

Michael agarrou-a bruscamente.

- Só acabas quando arrancares a pele? Quando sangrares? É isso? Pensas que fazer isto a ti mesma te porá *limpa*? - Soltou-a, com receio de a magoar fisicamente. - Não é assim que funciona - disse, por entre os dentes cerrados.

Ela pestanejou e sentou-se lentamente, com a água gelada a rodopiar à volta da sua cintura.

- Não, suponho que não - disse em voz baixa. O seu cabelo molhado e emaranhado pendia-lhe à volta do rosto e dos ombros brancos.

- Volta para casa - disse ele, e ajudou-a a levantar-se. Ela foi sem resistência desta vez, tropeçando ao chegarem à margem. Quando se debruçou para pegar na roupa, ele puxou-a sem ela. Empurrando-a para dentro da cabana, fechou a porta com força.

Arrancou um cobertor da cama e atirou-lho.

- Senta-te à lareira.

Angel pôs o cobertor à volta dos ombros e sentou-se. Não ergueu a cabeça.

Lançando-lhe um olhar por cima do ombro, Michael serviu-lhe uma caneca de café.

- Bebe isto. - Ela obedeceu. - Tens sorte se não ficares doente. O que é que estás a tentar fazer? A fazer-me *a mim* sentir culpado por teres voltado para a prostituição? A fazer-me sentir culpado por te ter arrastado para fora daquele bordel outra vez?

- Não - disse ela em voz baixa.

Ele não queria ter pena dela. Queria sacudi-la até lhe caírem os dentes. Queria matá-la.

Eu seria capaz. Meu Deus, eu seria capaz de a matar e sentir-me contente!

Setenta vezes sete.

Não quero escutar-Vos. Estou farto de escutar. Pedis demasiado. É doloroso. Não conseguis compreender? Não sabeis o que ela me fez?

Setenta vezes sete.

Ardiam-lhe os olhos com lágrimas, o seu coração batia como um tambor de guerra. Ela parecia uma criança maltrapilha. Havia sombras escuras debaixo dos seus olhos azuis. Ela que sofresse. Merecia-o. Havia uma marca no pescoço dela que o fazia sentir náuseas. Ela pousou a mão na marca e desviou o rosto. Ele quase a via encolher-se. Talvez lhe restasse um nadinha de consciência. Talvez ela sentisse um nadinha de vergonha. Oh, mas passaria em pouco tempo, e ela ficaria pronta a destroçá-lo outra vez.

Não consigo controlar o que sinto, Senhor. Se pensasse que ela poderia amar-me, talvez...

Como tu me amas a Mim?

Não é a mesma coisa. Vós sois Deus! Eu sou só um homem.

- Não devias ter ido buscar-me - disse ela num tom inexpressivo. - Nunca devias ter-te aproximado de mim,

para começar.

- Certo. Culpa-me a mim. - Talvez ela tivesse razão. Sentia-se nauseado. Fechando as mãos em punho, fulminou-a com o olhar. - Eu fiz votos, e vou cumpri-los por mais que me estejam atravessados na garganta agora.

Ela fitou-o com olhos desolados.

- Não tens de o fazer. - Abanou a cabeça.

- Vai resultar. Eu farei com que resulte. - *Não prometestes, Senhor? Ou estaria a imaginar coisas? Será que ela tinha razão afinal, e que não passou de atração sexual?*

- Só estás a enganar-te - disse Angel. - Simplesmente não compreendes. Eu nunca devia ter nascido.

Ele riu-se com desdém.

- Tens pena de ti mesma. Estás a afogar-te nela, não estás? És uma tola cega, Angel. Não vês o que tens diante da cara.

Tu também não.

Ela fitou o lume.

- Não sou cega. Tenho tido os olhos abertos toda a minha vida. Pensas que não sei o que estou a dizer? Pensas que não é verdade? Ouvi o meu próprio pai dizer que devia ter sido abortada. - Ficou com a voz embargada. Recuperou o autocontrolo e prosseguiu em voz mais baixa. - Como pode um homem como tu compreender? O meu pai era casado. Já tinha filhos que chegassem. Disse à minha mãe que ela só queria prendê-lo. Nunca cheguei a saber se isso era verdade. Ele mandou-a embora. Já não a queria. Por causa de mim. Deixou de a amar. Por causa de mim.

Continuou a falar naquele tom de voz baixo e agoniado.

- Os pais da minha mãe eram gente decente, num bairro bom. Recusaram-se a acolhê-la, não com uma filha ilegítima. Até mesmo a Igreja a recusou. - O cobertor abriu-se e Michael fitou as marcas vermelhas na pele dela. Havia riscos vermelhos onde ela arranhara o próprio corpo.

Jesus, porque estás a fazer-me isto?

Era mais fácil recuar para a ira do que espreitar para dentro da alma torturada dela.

- Acabámos nas docas - disse ela, agora sem emoção. - Ela tornou-se prostituta. Quando os homens se iam embora, bebia até adormecer enquanto o Rab saía e ia gastar o dinheiro na bebida. Ela já não era lá muito bonita. Morreu quando eu tinha oito anos. - Olhou para ele. - A sorrir. - Curvou os lábios. - Portanto, estás a ver. É verdade. Eu não devia ter nascido. Foi tudo um terrível erro desde o princípio.

Michael sentou-se pesadamente, com lágrimas de novo à superfície, mas não por si mesmo desta vez.

- O que te aconteceu então?

Ela baixou a cabeça e apertou as mãos com força. Não olhou para ele. Houve um longo e pesado silêncio antes de ela começar a falar muito baixo.

- O Rab vendeu-me a um bordel. O Duque tem um fraquinho por meninas pequenas.

Michael fechou os olhos.

Ela olhou para ele. É claro que ele se sentia repugnado. Que homem não se sentiria perante a ideia de uma criança a fornicar com um homem crescido?

- Isso foi só ao princípio - disse ela sem expressão na voz, baixando a cabeça, sem conseguir olhar para ele. - Nem sequer serias capaz de imaginar o que aconteceu a partir daí. As coisas que me foram feitas. As coisas que *eu* fiz. - Não lhe disse que era uma questão de sobrevivência. O que importava? Ela escolhera obedecer.

Ele olhou para ela por entre as lágrimas.

- Pensas que és culpada de tudo isso, não pensas?

- Quem mais? A minha mãe? Ela amava o meu pai. Ela amava-me. Ela amava *Deus*. De pouco lhe serviu alguma vez o amor. Como posso culpá-la a ela de alguma coisa, Michael? Devia culpar o Rab? Ele era só um pobre de espírito de um bêbedo que julgava que estava a fazer o melhor por mim. Eles mataram-no. Ali mesmo no quarto, à

minha frente, porque ele sabia demasiado. – Abanou a cabeça. Michael não tinha de saber tudo.

– A culpa não é tua, Amanda.

Amanda. Oh, meu Deus.

– Como podes ainda chamar-me isso?

– Porque é quem tu és agora.

– Quando é que acabarás por compreender? – gritou ela, frustrada. – Não importa quem nos faz certas coisas. Não podemos fingir que não aconteceram. – Arrepanhou o cobertor à volta do seu corpo. – Incorporamos tudo. O que aconteceu é o que eu sou. Tu próprio o disseste, e tens razão. Não posso lavá-lo de mim. Não posso ficar limpa. Podia arrancar a pele. Podia esvair-me em sangue. Não faria nenhuma diferença. É como um cheiro fétido de que não consigo livrar-me por mais que tente. E tenho tentado, Michael. Tenho tentado. Juro-te. Dei luta e fugi. Quis morrer. Quase consegui, com o Magowan. Quase. Não vês? Nada importa. Nada alguma vez fez alguma diferença. Sou uma prostituta, e é o que estou destinada a ser.

– Isso é uma mentira!

– Não, não é. Não é.

Michael inclinou-se para Angel, mas ela recuou, apertando os braços à volta do corpo com mais força ainda e desviando o olhar.

– Amanda, nós vamos ultrapassar isto – disse ele. – Vamos. Dou-te a minha palavra de honra.

– Não, não vamos ultrapassar nada. Leva-me de volta. – Quando ele abanou a cabeça, ela implorou: – *Por favor.* O meu lugar não é aqui contigo. Encontra outra mulher.

– Melhor do que tu, queres dizer?

O rosto dela estava de uma palidez de morte, a sua dor desoladora e crua.

– Sim.

Michael estendeu a mão para a pousar no ombro de Angel, mas ela afastou-se. Ele agora sabia porquê, e trespassava-o até ao mais íntimo do seu ser que ela

pensasse que era tão conspurcada que ele não devia sequer tocar-lhe.

- Pensas que eu sou tão santo como isso? - perguntou ele em voz rouca. Há poucos momentos negara o amor e o próprio Deus, e ansiara até por matar a sua esposa. Qual era a diferença entre assassinar pela mão ou pelo pensamento? A sua natureza corporal tinha acalentado ideias de vingança, desejara-a até.

Pôs-se de joelhos e segurou-lhe os ombros.

- Eu devia ter ido a correr até Pair-a-Dice - disse com a voz embargada. - Não devia ter esperado que o Paul voltasse para casa com a cauda entre as pernas.

Ela ergueu a cabeça e olhou-o nos olhos, a querer pôr fim àquilo rapidamente, de uma vez por todas.

- Eu fiz sexo com ele para pagar a boleia.

A dor daquelas palavras atingiu-o com força, mas Michael não desistiu dela. Ergueu-lhe o queixo.

- Olha para mim, Amanda. Eu nunca te levarei de volta. Nunca. Nós pertencemos um ao outro.

- És um tolo, Michael Hosea. Um pobre e cego tolo. - Estremeceu violentamente,

Michael levantou-se para ir buscar um cobertor seco. Quando se virou, ela tinha os olhos pregados nele, e estavam cheios de medo.

- O que foi? - disse ele, franzindo a testa. - Achas que eu tenciono fazer-te mal?

Ela fechou os olhos com força.

- Tu queres o que eu não tenho. Não posso amar-te. Mesmo que fosse capaz, não te amaria.

Ele baixou-se, tirou-lhe o cobertor húmido e cobriu-a com o cobertor seco.

- Porque não?

- Porque passei os primeiros oito anos da minha vida a ver a minha mãe a expiar por amar um homem.

Ele inclinou-lhe o queixo.

- O homem errado - disse firmemente. - Eu não sou o homem errado, Amanda. - Endireitou-se e meteu a mão ao bolso. Ajoelhando-se em frente a ela, procurou-lhe a mão debaixo do edredão. Enfiou-lhe a aliança de casamento da sua mãe no dedo. - Só para manter a coisa oficial. - Tocou a sua face ternamente e sorriu.

Ela baixou a cabeça e voltou a meter a mão por baixo das dobras grossas do cobertor. Fechou-a em punho contra o peito e sentiu todos os arranhões e as pisaduras que infligira a si mesma, mas o que era muito pior era o sentimento que desabrochava dentro de si.

A faísca estava a transformar-se num incêndio.

Michael pegou numa toalha e secou-lhe o cabelo. Quando acabou, puxou-a a si e tomou-a nos braços.

- Carne da minha carne - segredou com os lábios encostados ao cabelo dela. - Sangue do meu sangue.

Angel fechou os olhos com força. O desejo dele por ela diminuiria com o tempo. Acabaria por deixar de a amar da mesma maneira que o seu pai deixara de amar a Mamã. E se ela se permitisse amar Michael como a Mamã amara Alex Stafford, ele destroçaria o seu coração.

Não quero chorar até adormecer numa cama desfeita e gastar a vida a beber.

Michael sentiu-a tremer.

- Não te posso mandar embora sem me cortar a meio - disse. - Tu já és parte de mim. - Roçou os lábios na testa dela. - Vamos começar de novo. Vamos deixar para trás o que aconteceu.

- Como podemos? O que está feito feito está. Está tudo dentro de mim, gravado em pedra.

- Então tiramo-lo para fora e enterramo-lo.

Ela soltou uma risada desolada, sem humor.

- Vais ter de me enterrar *a mim*.

Ele sentiu o coração mais leve.

- Está bem - disse. - Vamos batizar-te. - Não só com água, mas também com o Espírito, se ela alguma vez o

permitisse. Beijou-lhe o cabelo e abraçou-a. Era irónico como se sentia próximo dela agora, mais próximo do que alguma vez se sentira. Afagou-lhe o cabelo para trás. – Aprendi há muito tempo que temos o controlo de pouca coisa neste mundo, Amanda. Não nos pertence. Está fora das nossas mãos. Como ter nascido ou ter sido vendida para a prostituição aos oito anos. Só podemos mudar a maneira como pensamos e a maneira como vivemos.

Ela soltou um suspiro trémulo.

– E tu decidiste manter-me contigo por algum tempo.

– Não por algum tempo. Permanentemente. Tenho a esperança de que decidas ficar. – Acariciou a sua pele ternamente. – O que quer que qualquer outra pessoa tenha dito ou te tenha feito, cabe-te a ti agora tomar a decisão. Tu podes *decidir* confiar em mim.

Ela perscrutou-lhe o rosto, na dúvida.

– Assim, sem mais?

– Sim. Assim, sem mais. Um dia de cada vez.

Ela observou-o por um momento e depois acenou com a cabeça. A vida fora demasiado insuportável da outra maneira para não tentar a de Michael.

Acariciando-lhe a face com o dedo, ele beijou-lhe a boca. Os lábios dela suavizaram-se sob os seus e ela agarrou o peito da camisa dele. Quando ele descolou a boca da sua, ela pousou a face contra o seu peito. Ele sentiu o corpo dela descontrair-se completamente contra o seu.

Michael fechou os olhos. *Senhor, perdoai-me. Dissestes-me que fosse até ela, e eu permiti que o orgulho se atravessasse no meu caminho. Dissestes que ela precisava de mim, e eu não acreditei. Dissestes que a amasse, e eu pensei que seria fácil. Ajudai-me. Abri o meu coração e a minha mente para que eu a ame como Vos amo a Vós.*

O lume crepitava suavemente e um calor constante inundou Michael enquanto ele tinha nos braços a sua jovem esposa; e a certo ponto no espaço de um suspiro trémulo, deixou de pensar nela como Angel – a meretriz que ele

amava e o traíra – e viu-a antes como a criança sem nome
que fora destroçada e continuava perdida.

Dezassete

*A nossa carta sois vós... escrita não com tinta,
mas com o Espírito de Deus vivo,
não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne que são
os vossos corações.*

2.º CORÍNTIOS 3:2-3

Perdão era uma palavra estrangeira. A indulgência, inconcebível. Angel queria compensar Michael pelo que fizera, e procurava consegui-lo através do trabalho. A Mamã nunca fora perdoada, nem sequer depois de mil Avé Marias e Pai Nossos. Então, como poderia Angel ser perdoada por uma simples palavra?

Trabalhava para compensar Michael. Quando terminava as suas tarefas, procurava-o e pedia-lhe outras. Se ele estava a arar, ela seguia atrás dele e tirava as pedras, atirando-as para o muro de pedra que estava a crescer entre os campos. Quando ele abatia árvores, ela cortava os ramos com um machado, empilhava-os, atava-os em feixes e arrumava-os dentro do celeiro para secarem para o lume. Quando ele rachava lenha, ela empilhava-a. Até pegava numa pá para o ajudar a desenterrar tocos de árvores.

Como ele nunca lhe pedia que fizesse nada, ela procurava coisas para fazer por ele.

Ao cair da noite, sentia-se exausta, mas não conseguia sentar-se sem fazer nada. A ociosidade fazia-a sentir-se

culpada. Em vez de lhe agradar, descobriu que ele se afastava cada vez mais dela a cada dia que passava. Andava calado, vigilante, pensativo. Já estaria arrependido da sua impulsividade ao trazê-la de volta?

Uma noite, ela debatia-se com o cansaço enquanto ele lia. A voz dele era forte e envolvente, e ela, exausta, ia adormecendo, mas lutava por manter os olhos abertos. Ele fechou o livro e voltou a pô-lo na prateleira por cima da lareira.

- Andas a trabalhar demasiado.

Ela endireitou-se e olhou para a costura que tinha nas mãos. Tremiam-lhe as mãos.

- Só ainda não estou acostumada a este tipo de trabalho.

- Já tens muito que fazer sem te pões a pensar que tens de te ocupar de metade do que eu faço também. Estás arrasada.

- Suponho que não sou lá muito boa companhia.

Quando Michael pousou a mão no ombro dela, sentiu que ela estremecia.

- Estás toda dorida por teres andado a apanhar aquelas pedras todas ontem, e esta manhã andaste a tirar o estrume do estábulo.

- Precisava dele para o jardim.

- Diz-me, e eu trato disso!

- Mas tu disseste que o jardim era da minha responsabilidade.

Não valia a pena falar com ela. Estava decidida a expiar.

- Vou sair para dar uma volta. Vai para a cama.

Subiu o monte e sentou-se, com os antebraços pousados nos joelhos.

- Então, o que é que eu faço agora? - Nada era como fora antes. Era como se ambos caminhassem lado a lado, nunca se tocando, nunca falando. Ela cortara-se a abrir-se toda, e despejara o seu interior naquela noite em que ele a trouxe para casa. Agora, estava a esvair-se em sangue e não permitia que se desse a cura. Esperava agradar-lhe

trabalhando como uma escrava, quando tudo o que ele queria era o seu amor.

Passou a mão pelo cabelo e ergueu a cabeça. *Então, o que faço, Senhor? O que faço?*

Trata do meu cordeiro.

– Como? – perguntou Michael ao céu noturno.

Ao entrar silenciosamente na cabana, viu que ela tinha adormecido na cadeira. Pegou nela delicadamente e meteu-a na cama. Parecia tão jovem e vulnerável. A que distância estaria da criança violada aos oito anos? Não suficientemente distante. Não admirava que nunca tivesse visto o sexo como tendo algo a ver com o amor. Como poderia? Ele tinha consciência de que não sabia nem a metade daquilo por que ela passara. Tinha consciência de que o único que podia consertar uma alma rompida era Deus, e que ela não queria nada com Ele.

Como ensino uma criança maltratada a confiar, quando o único pai que ela conheceu a odiava e a queria ver morta? Como lhe ensino que o mundo não é todo mau quando o ministro da Igreja rejeitou a mãe dela? Senhor, ela foi vendida como escrava a um homem que dá a impressão de ser como o próprio Satanás. Como a convenço de que há pessoas boas no mundo, quando todas quantas ela alguma vez conheceu a usaram e depois a condenaram por isso?

Michael pegou numa madeixa do seu cabelo claro e esfregou-a entre os dedos. Não fizera amor com ela desde que a trouxera para casa. Mas queria. O seu corpo ansiava por ela. Mas depois recordava a voz desfalecida dela a dizer: «O Duque tem um fraquinho por meninas pequenas» e o seu desejo evaporava-se.

No que é que ela estaria a pensar em todas as vezes em que estivemos juntos? Eu terei sido tal e qual como os outros, a tomar o meu prazer às custas dela?

Ela sempre parecera tão forte. E era. Bastante forte para aguentar abusos inomináveis e sobreviver. Bastante forte para se adaptar a qualquer coisa. Bastante forte para se

fechar dentro de paredes que sabia que a manteriam segura. Que escolha tinha então? Como poderia sequer compreender o que ele estava a oferecer-lhe agora?

Ela era apenas uma criança, Senhor. Porque deixastes que isso acontecesse? Jesus, não compreendo. Porquê? Não devias proteger os fracos e os inocentes? Porque não a protegeste? Porque não a ajudaste? Porquê?

Em que é que Angel era diferente da esposa de Oseias, Gomer, vendida ao profeta pelo seu próprio pai? Uma criança prostituída. Uma adúltera. Gomer alguma vez foi redimida pelo amor do seu marido? Deus redimira Israel um número incontável de vezes. Cristo redimira o mundo. Mas, e Gomer, Senhor? E Angel? E a minha mulher?

Trata do meu cordeiro.

Repetis isso, mas eu não sei como. Não sei o que quereis dizer. Eu não sou um profeta, Senhor. Sou um simples lavrador. Não estou à altura da tarefa de que me encarregastes. O meu amor não foi suficiente. Ela ainda está numa cova, a morrer. Estendo-lhe a mão, mas ela recusa-se a aceitá-la. Vai matar-se a tentar ganhar o meu amor, quando já é dela.

Confia em mim de todo o coração e não te apoies no teu próprio entendimento.

Eu estou a tentar, Jesus Estou a tentar.

Desanimado, Michael sentou-se na beira da cama. A saia de Tessie escorregou e caiu num monte no chão. Ele pegou nela e olhou para o tecido puído. Franzindo a testa, voltou a atirar a saia para cima da cama. Pegou na blusa desbotada e olhou para ela. Esfregou-a entre os dedos. Na primeira vez que fora até Angel no seu quarto no andar de cima do bordel, ela estava de cetim e rendas. Agora, ele vestia-a com farrapos. Nem sequer os dela, mas os da sua irmã morta.

Nem uma vez Amanda pedira algo para os substituir, e ele andara demasiado embrenhado nos seus próprios pensamentos sombrios e no seu trabalho para dispensar

algum tempo a essa questão. Bem, isso ia mudar. Não estavam tão longe de Sacramento que não pudessem fazer uma viagem para ver Joseph, que estaria bem fornecido, com a sua mente aguda de comerciante, preparado para o influxo de famílias que se avizinhava.

*

Michael foi à casa de Paul e pediu-lhe que olhasse pelos animais enquanto ele e Amanda estivessem ausentes. À menção do nome dela, Paul empalideceu.

- Trouxeste-a de volta?

- Sim. Trouxe-a para casa.

Paul caiu em silêncio, com o rosto contraído, quando Michael lhe recordou que ela era sua mulher. Acedeu a olhar pelas coisas.

- Faço contas com o Joseph enquanto estivermos em Sacramento - disse Michael.

- Obrigado de qualquer maneira, mas eu trato disso.

Michael hesitou, e depois acenou com a cabeça. Sentia o fosso entre eles a alargar-se cada vez mais. Paul e o seu orgulho insuportável e inflexível. Paul e a sua culpa.

Michael carregou a carroça com sacos de batatas, caixas de cebolas e barris de maçãs de inverno, com Amanda à porta do celeiro a aconchegar o xaile à volta dos ombros. Ela não fez nenhuma perguntas.

- O Paul vai olhar pelos animais - disse Michael enquanto puxava a capota de lona sobre os produtos para vender.

- Eu posso fazer isso. Não precisavas de lhe pedir.

- Tu vens comigo. - Aquilo apanhou-a claramente de surpresa. Ele sorriu. - Faz algum pão extra esta noite. Levamos umas latas de feijões e pomo-nos a caminho de manhã.

Partiram ao nascer do sol. Amanda falou muito pouco durante a viagem. Pararam para a refeição do meio-dia e depois prosseguiram viagem até ao anoitecer, altura em que Michael montou acampamento a umas cem jardas da

estrada. Fazia frio e o céu estava límpido. Amanda foi buscar lenha enquanto Michael cavava um buraco largo e montava uma tenda sobre ele. Depois de comerem a ceia, deitou carvões quentes para dentro do buraco na terra. Estendeu uma camada de terra sobre eles e depois ramos de pinheiro e lona antes dos cobertores. Angel afundou-se grata na cama, com o corpo dorido dos balanços da carroça.

Um coioite uivou, e ela aproximou-se de Michael. Ele pôs o braço à volta dela e ela aconchegou-se a ele, encaixando-se como uma peça de um puzzle. Ele virou-se e beijou-a, enfiando os dedos no cabelo dela, mas ao fim de um momento soltou-se e ficou deitado de costas a fitar as estrelas.

Angel afastou-se.

- Tu já não me queres, pois não?

Ele não olhou para ela enquanto falava.

- Quero-te demasiado. Só não consigo parar de pensar em como deve ter sido para ti quando eras criança.

- Eu nunca te devia ter contado nada.

Ele virou a cabeça para ela.

- Porque não? Para que eu pudesse continuar a tomar o meu prazer sem nunca compreender o custo para ti?

- Não me custa nada, Michael. Já não.

- Então porque é que tive de te forçar a dizer o meu nome?

Ela não conseguiu responder àquilo.

Michael virou-se para ela e acariciou-lhe ternamente o rosto.

- Eu quero o teu amor, Amanda. Quero que sintas o prazer que eu sinto quando te toco. Quero dar-te prazer, tanto quanto tu me tens dado.

- Queres sempre demasiado.

- Penso que não. Penso que vai só levar algum tempo. Vai ser preciso que nos conheçamos melhor um ao outro. Vai ser preciso que confiemos.

Angel fitou o céu estrelado.

- Conheci pombas manchadas que se apaixonaram. Nunca resultou.

- Porque não?

- Porque se tornaram obsessivas, tal e qual como a Mamã, e eram tão infelizes como ela. - Angel considerava-se uma mulher com sorte por não ter a capacidade de amar. Pensara uma vez que amava, mas foi uma mera ilusão. Até mesmo Johnny acabara por se revelar apenas um meio de escapar.

- Tu já não és prostituta, Amanda. És minha mulher. - Michael sorriu tristemente e pôs-se a mexer numa madeixa fina do seu cabelo louro. - Podes amar-me tanto quanto queiras e sentir-te segura.

Apaixonar-se significava que se perdia o controlo das emoções e da força de vontade e da vida. Significava que uma pessoa se perdia. E Angel não podia correr esse risco, nem mesmo com este homem.

- O que sentes quando te toco? - perguntou ele, passando um dedo pela face dela.

Ela olhou para ele.

- O que queres que eu sinta?

- Esquece o que eu quero. O que se passa dentro de ti?

Angel sabia que Michael esperaria até ela responder, e sabia que ele saberia se ela mentisse.

- Não sinto realmente nada, acho eu.

Franzindo a testa, ele continuou a acariciar-lhe o rosto. Adorava a sensação da sua pele macia e lisa.

- Quando eu te toco, todo o meu corpo ganha vida. Sinto um calor por mim todo. Nem sequer consigo descrever como é uma sensação maravilhosa quando fazemos amor.

Ela desviou os olhos de novo. Ele tinha de falar sobre isso?

- Temos de encontrar uma maneira de te ajudar a gostar tanto como eu - disse ele, e voltou a deitar-se de costas ao lado dela.

- Importa assim tanto? Porque haveria de importar se eu sinto alguma coisa ou não?

- Importa-me a mim. O prazer deve ser partilhado. - Michael pôs o braço à volta dela. - Chega-te para mim. Deixa-me só abraçar-te.

Ela virou-se para encostar a cabeça ao ombro dele e descontraiu-se. Passou o braço sobre o peito largo dele. Era tão quente e sólido.

- Não sei porque te incomoda - disse. Nunca incomodara mais ninguém o que ela pensava ou sentia, desde que fizesse o que se esperava dela.

- Incomoda-me porque te amo.

Talvez ele simplesmente não compreendesse os factos da vida. Talvez estivesse a laborar sob alguma espécie de ilusão.

- Não é suposto as mulheres realmente desfrutarem do sexo, Michael. É tudo fingimento.

- Alguém te disse isso?

- Algumas pessoas.

- Homem ou mulher?

- Ambos.

- Bem, eu sei que não é a maneira como o Senhor tencionou que fosse.

Ela riu-se com desdém.

- Deus? És tão ingénuo. O sexo é o grande pecado original. Ele expulsou o Adão e a Eva do Jardim do Paraíso por causa dele.

Então, ela sempre sabia alguma coisa sobre a Bíblia. Provavelmente, pela sua mãe. E tinha a teologia distorcida.

- O sexo não teve nada a ver com a razão por que eles foram expulsos. O pecado de Eva foi tentar *ser* Deus. Era por isso que ela queria a maçã, para saber tudo e ser como o Senhor. Foi enganada. O Adão era fraco e alinhou no que ela dizia em vez de seguir o que Deus lhe dissera.

Angel afastou-se ligeiramente e voltou a fitar o céu. Gostaria de não ter abordado aquele assunto.

- Como queiras. Tu é que és o especialista.

Ele sorriu.

- Estudei as Escrituras antes de estarmos juntos naquela primeira vez.

Ela lançou-lhe um olhar de surpresa.

- A tua Bíblia disse-te o que fazer?

Ele riu-se.

- Saber *o que* fazer não era o problema. Era o *como* que me preocupava. O Cântico dos Cânticos disse-me que a paixão de um homem e de uma mulher deve ser mútua. - O seu sorriso dissolveu-se e ele pareceu perturbado. - Uma benção partilhada.

Angel soltou-se dos seus braços e olhou para as estrelas. Ficava desconfortável quando ele começava a falar sobre Deus. O grande EU SOU a pairar acima dela e a vigiá-la. A Mamã dizia que Deus via tudo, mesmo quando a luz estava apagada, mesmo quando estávamos na cama com alguém. Dizia que Deus até sabia no que estávamos a pensar. O grande «espião no céu», a escutar todos os seus pensamentos.

Angel estremeceu. A vasta escuridão do céu noturno assustava-a. Todos os sons pareciam amplificados e agourentos. Não havia realmente ninguém lá em cima, pois não? Estava tudo na cabeça da Mamã. Estava tudo na cabeça de Michael.

Não estava?

- Estás a tremer. Tens frio?

- Não estou habituada a dormir ao ar livre.

Michael puxou-a a si e apontou para o Cinturão de Orion, a Ursa Maior e Pégaso. Angel escutava a ressonância profunda da sua voz. Ele não se sentia inquieto com a escuridão ou os sons, e, ao fim de algum tempo, nos seus braços, ela também não. Muito depois de ele adormecer, Angel manteve-se acordada a olhar para as imagens que ele desenhara no céu noturno, mas era Deus que ela não se atrevia a contemplar.

Seguiram viagem logo depois da alvorada na manhã seguinte. Ao descerem dos montes, viram a erva de um verde brilhante por causa das chuvas do outono. Carvalhos enormes pontuavam a paisagem. Uma diligência vinha a subir a encosta, com os cavalos a galope. Michael inclinou-se para Angel a protegê-la quando a diligência se cruzou com eles a toda a velocidade, levantando lama à sua passagem.

Ao chegarem aos arredores de Sacramento, Angel ficou espantada com o que via. Há um ano, passara por um povoado enxameado de tendas e casas de madeira com a Duquesa, Mai Ling e Lucky. Agora, era uma metrópole florescente com um ar de permanência. As ruas estavam apinhadas com carroças e homens a pé. Alguns pareciam prósperos nos seus fatos, enquanto outros davam a impressão de terem acabado de chegar dos campos de ouro, com mochilas e pás às costas curvadas. Havia até mulheres com vestidos escuros de sirguilha e capas de lã. Algumas estavam acompanhadas por crianças.

Enquanto a carroça percorria uma rua larga, Angel viu a fachada de um hotel grandioso, dois restaurantes, meia dúzia de bares, uma barbearia com homens em fila à porta e uma agência imobiliária. No quarteirão seguinte havia uma empresa de construção e uma loja de roupas com calças de ganga, sobretudos pesados e chapéus de abas largas na montra. À esquerda de Angel havia uma loja de produtos para mineiros, um teatro e o escritório de um avaliador de ouro. À sua direita estava um prédio com dois andares que anunciava ripas e arame farpado, pregos e ferraduras. Seguiam-se mais lojas de produtos para mineiros e um armazém de sementes, ladeado por um armazém de rodas para carroças e barris. Uma farmácia que anunciava pensos tinha mais de uma dúzia de homens em fila no passeio.

Passou outra diligência, levantando mais lama.

- O Paul disse que a loja do Joseph fica lá em baixo, perto do rio - disse Michael, virando por outra rua. - Torna mais fácil receber a mercadoria dos navios que sobem o rio American de São Francisco.

Michael via como os homens reparavam em Angel ao atravessarem a cidade. Ela era uma joia rara numa cidade de lama. Paravam e fitavam-na, alguns lembrando-se até de tirar o chapéu apesar da chuva que começara a cair. Angel ia sentada ao lado dele, de costas direitas, cabeça erguida, completamente inconsciente do seu efeito. Estendendo o braço para trás, Michael pegou no cobertor.

- Embrulha-te nisto. Vai manter-te seca e quente. - Ela inclinou-se o suficiente para lhe lançar um olhar, mas ele viu a inquietude na sua expressão ao pôr o cobertor à volta dos ombros.

Angel avistou mastros de navios à frente deles. Michael virou para uma rua ao longo do rio. A loja de Hochschild, que ficava ao lado de um bar grande, tinha o dobro do tamanho da de Pair-a-Dice. A tabuleta por cima da porta anunciava orgulhosamente «Tudo à face da Terra». Michael conduziu a carroça até à frente da loja e travou-a. Saltou para o chão, contornou a carroça e levantou Angel do assento, levando-a ao colo pela lama até ao passeio.

Estavam a sair da loja dois homens novos. Pararam de falar quando a viram. Tiraram imediatamente o chapéu e ficaram a fitá-la como mulas atordoadas, nem um nem o outro reparando em Michael, que estava a bater com os pés para sacudir a lama das botas. Quando ele os viu, sorriu e deu o braço a Angel.

- Se os cavalheiros nos derem licença. - Eles gaguejaram uns pedidos de desculpa e afastaram-se da entrada.

Angel avistou uma salamandra perto da parte de trás da loja e disse a Michael que ia aquecer-se enquanto ele fazia o seu negócio. Lançou um olhar para onde Joseph se encontrava, em cima de um escadote, a tirar produtos enlatados de uma prateleira alta e a passá-los a um

empregado que os metia numa caixa para um cliente a ser servido. Reparou que os dois jovens voltavam para dentro da loja enquanto Michael avançava até ao balcão passando por várias mesas em que se expunham ferramentas, produtos para o lar, casacos e botas.

- Que tipo de merceeiro é? Não se vê nem uma batata neste sítio.

Joseph olhou para baixo com um sobressalto e depois fez um sorriso rasgado do seu poleiro no escadote.

- Michael! - Desceu o escadote com uma agilidade rápida e estendeu-lhe a mão. Ordenou ao seu empregado que acabasse de servir o cliente e afastou-se com Michael para o lado. Lançou um olhar na direção dela e depois olhou de novo com óbvia surpresa. Michael virou-se, olhou para ela com um sorriso e disse algo a Joseph ao mesmo tempo que lhe piscava o olho.

Desviando o olhar, ela deixou-se ficar tão perto da salamandra quanto podia. Um dos jovens aproximou-se e pôs-se ao seu lado. Ela ignorou-o, mas sentia que ele a fitava. O outro veio juntar-se-lhe. Ela apertou ainda mais o xaile ao corpo e lançou a ambos um olhar frio, com a esperança de que eles compreendessem a insinuação e a deixassem em paz. Eles eram magros e os seus casacos estavam remendados.

- Eu sou o Percy - disse um deles. Tinha o rosto liso como o outro, mas a sua pele estava muito morena. - Acabei de voltar do Tuolumne. Desculpe estar a olhar fixamente, minha senhora, mas há meses que não via uma senhora. - Acenou na direção do companheiro. - Este é o meu sócio, o Ferguson.

Angel olhou para Ferguson, e ele corou. Ela esfregou o braço, a tentar aquecer-se, e desejou que eles se fossem embora. Não queria saber quem eram, de onde vinham ou o que tinham andado a fazer. O seu silêncio destinava-se a desencorajá-los, mas Percy interpretou-o como um encorajamento e falou sobre a sua casa na Pensilvânia, as

duas irmãs, os três irmãos mais novos e a mãe e o pai que deixara ficar.

- Tenho-lhes escrito a dizer como a terra é boa - disse ele.
- Estão a pensar em vir até cá e trazerem a família do Ferguson com eles.

Michael estava a vir na direção deles, com uma expressão inescrutável. Angel receava que ele pudesse pensar que ela estava a ver se fazia negócio. Ele pousou a mão por baixo do seu braço possessivamente, mas sorriu. Percy apresentou-se e a Ferguson mais uma vez.

- Espero que não se importe que estejamos a falar com a sua mulher, meu senhor.

- Não me importo nada, mas vinha propor-lhes um trabalho a ajudarem-me a descarregar a minha carroça. - Aceitaram com alacridade, e Angel sentiu-se aliviada ao vê-los pelas costas. Lançou um olhar a Michael para avaliar o seu estado de espírito. Ele sorriu. - Eram inofensivos e sentiam-se sós - disse. - Se estivessem a olhar para ti como se fosses um pedaço de carne, eu talvez tivesse sentido vontade de esmurrar umas quantas cabeças. Mas não estavam, pois não?

- Não. - Soltoou uma gargalhada ténue, trocista. - Um deles disse que já há muito tempo não via uma *senhora*.

- Bem, tu és uma senhora casada. - Acenou na direção de algumas das mesas. - O Joseph tem alguns tecidos que eu queria que visses. Escolhe os que mais te agradarem. - Conduziu-a por entre mesas em que estavam expostos produtos para mineiros e parou junto a uma em que havia uma pilha alta de rolos de tecidos. - O suficiente para três vestidos. - Foi ajudar os rapazes a descarregarem a carroça.

Pensando no que poderia agradar a Michael, ela selecionou um tecido de sirguilha cinzento escuro e outro castanho. Quando ele voltou, não pareceu ficar satisfeito com a seleção dela.

- Lá porque a Tess usava castanho e preto, isso não quer dizer que tu também tenhas de o usar. - Atirou com os rolos para outra mesa e tirou um azul claro do fundo da pilha. - Este ia ficar-te melhor.

- É mais caro.

- Podemos pagá-lo. - Pegou noutro rolo de um tecido de um tom claro de ferrugem e num de xadrez amarelo pálido a combinar. A seguir, pegou num tecido de um verde de floresta e num tecido de algodão com um padrão florido. Joseph trouxe outros dois rolos de algodão estampado às flores.

- Acabei de receber estes. Vêm mais a caminho. Estou a comprar o que posso. Os maridos estão a trazer as mulheres e os filhos agora. - Acenou-lhe com a cabeça e sorriu-lhe. - Olá, Angel. É um prazer vê-la de novo. Tenho uma caixa de botões, um rolo de cambraia branca e dois de flanela vermelha, também, se estiver interessada em dar-lhes uma vista de olhos.

- Estamos - disse Michael. - Ela precisa de meias de lã, botas, luvas e de um bom casaco. - Joseph afastou-se para se encarregar da encomenda. Michael pegou num rolo de tecido de algodão aos quadrados azuis e brancos. - O que achas deste para cortinas?

- Ficava bonito - respondeu ela, e viu-o colocá-lo em cima dos outros rolos de tecido. Joseph voltou com a caixa de botões e passou-lha para as mãos para ela selecionar o que queria.

- Quanto tempo demora a arranjar-nos uma salamandra? - perguntou Michael.

- Vou receber uma remessa a qualquer momento. Diga-me de que tamanho a quer e eu reservo-lha.

Michael indicou-lhe as dimensões e Angel pousou-lhe a mão no braço.

- Michael, é demasiado grande - segredou. - Além disso, temos a lareira.

- Uma salamandra é mais eficiente e não queima tanta lenha. Vai manter a cabana quente durante a noite.

- Mas quanto custa?

- Não argumente com ele, Angel. Ao preço que ele está a pedir pelas batatas e as cenouras, tem dinheiro para uma salamandra.

- Desde que o senhor não suba o preço às salamandras como sobe aos vegetais - retorquiu ela.

Os homens riram-se.

- Talvez eu devesse deixar a minha mulher regatear os preços - disse Michael. Quando ele disse que queria um serviço de louça, Angel voltou para junto da salamandra. Se ele tencionava gastar todo o dinheiro que tinha, não era da sua conta.

Joseph convidou-os a ficarem para a ceia e insistiu que passassem a noite na sua casa. Era o mínimo que poderia fazer depois de esvaziar a bolsa a Michael.

- Não há um quarto de hotel livre em toda a cidade, com os homens a virem das montanhas para passarem o inverno aqui - disse Joseph, levando-os ao andar de cima. - Além disso, há muito tempo que nós não temos uma conversa. - Deu uma palmada nas costas de Michael.

O apartamento no andar de cima estava bem mobilado e era confortável.

- Comprei tudo por uma ninharia. Um tipo do Leste veio carregado até acima com peças Chippendale e sofás luxuosos, a julgar que ia mobilar as mansões dos novos milionários. Também tinha uma tonelada de redes mosquiteiras e chapéus que chegariam para a população toda do istmo durante uma década. - Mandou-os entrar para uma sala bem decorada com vistas do rio. Um cozinheiro mexicano serviu uma refeição saborosa de rosbife e batatas em louça elegante. Joseph serviu um chá importado de qualidade. Até as facas, os garfos e as colheres eram de prata.

Joseph fazia as despesas da conversa.

- Penso que já quase convenci a minha família a deixar Nova Iorque e vir para o Oeste. A minha mãe disse que a única maneira de ela concordar é se eu arranjar uma mulher.

Michael sorriu-lhe do outro lado da mesa.

- Pediu-lhe para ela lhe trazer uma?

- Não tive de o fazer. Ela já tinha escolhido uma e já a tinha embalado pronta para vir para o Oeste.

No fim do jantar, Joseph serviu café. Os dois homens falaram sobre política e religião. Não concordavam com os respetivos pontos de vista, mas a conversa prosseguia amigável. Angel sentia-se sonolenta. Não queria saber se a Califórnia se tornara um estado ou se as companhias mineiras estavam a apoderar-se da zona do ouro ou se Joseph insistia que Jesus era um profeta e não o Messias por que ele estava à espera. Não queria saber se o rio estava a subir com a chuva. Não queria saber se uma pá custava trezentos dólares enquanto um arado novo custava setenta.

- Pusemos a Angel a dormir - observou Joseph, pondo mais uma acha no lume. - O segundo quarto fica para lá dessa porta. - Joseph viu Michael pegar na sua esposa com ternura e levá-la ao colo. Agitou o café na chávena e acabou de o beber. Observava Angel desde que a avistara junto à salamandra. Ela era uma daquelas raras belezas que cortava a respiração a um homem por muitas vezes que já a tivesse visto.

Quando Michael voltou para a sala e se sentou, Joseph sorriu.

- Nunca esquecerei a expressão do seu rosto na primeira vez que a vi. Pensei que estava louco quando ouvi dizer que tinha casado com ela. - Os homens bons eram frequentemente destruídos por obsessões por mulheres perdidas, e ele sentira-se preocupado com Michael. Joseph nunca vira um par mais mal combinado. Um santo e uma pecadora. - Parece mais ou menos igual.

Michael riu-se e pegou na sua chávena.

- Esperava que eu mudasse?

- Esperava que ela se banquetearse com o seu coração.

O sorriso de Michael alterou-se, indiciando dor.

- E fá-lo - disse ele, levando a chávena aos lábios.

- Ela está mudada - disse Joseph. Não tinha o brilho de uma mulher apaixonada. Não havia uma centelha nos seus olhos ou um rubor nas faces. Mas havia algo diferente nela.

- Não sei dizer o quê exatamente. Mas não parece tão dura quanto me lembro.

- Ela nunca foi dura. Era tudo fingimento.

Joseph não o contradisse, mas recordava-se bem da pomba manchada que percorria a rua principal todas as segundas, quartas e sextas-feiras. Ia à porta para a ver como todos os outros, fascinado com a sua beleza pálida e perfeita. Mas ela era dura, sem dúvida, dura como granito. Michael estava só a vê-la pelos olhos de um homem que a amava muito mais profundamente do que merecia uma mulher como ela. Por outro lado, talvez fosse o tipo de amor de Michael que estava a alterá-la. Deus sabia que Angel nunca teria conhecido um homem como Michael antes. Não no seu ofício. Ele seria algo de novo para ela. Joseph riu-se interiormente.

Michael fora algo de novo para *ele*, também. Era um daqueles raros homens que viviam segundo aquilo em que acreditavam, não de vez em quando, mas a cada hora de cada dia, mesmo quando se deparavam com dificuldades. Embora fosse um homem delicado e tivesse um coração compassivo, não havia nada de fraco em Michael Hosea. Era o homem com a mente mais decidida que Joseph alguma vez conhecera. Um homem como Noé. Um homem como o rei-pastor, David. Um homem com o coração que Deus preferia.

Joseph rezava por que Angel não lhe arrancasse esse coração do peito e o deixasse destruído para o resto da raça humana.

Dezoito

*Portanto, o que quiserdes que vos
façam os homens, fazei-o também a eles.*

JESUS, EVANGELHO SEGUNDO SÃO MATEUS 7:12

Com a carroça carregada com as compras, Michael e Angel partiram a caminho de casa na manhã seguinte. Michael parou no armazém de sementes e comprou o que necessitava para plantar na primavera. Ao atravessar a cidade, parou de novo junto a um pequeno edifício. Contornou a carroça e ajudou Angel a descer. Ela só se apercebeu de que ele tencionava ir à igreja quando já estava quase junto da porta e ouviu cantar. Solto a mão da dele e abanou a cabeça.

- Vai tu. Eu espero aqui fora.

Michael sorriu.

- Experimenta. Para me fazer a vontade. - Pegou de novo na mão dela. Quando entraram, o coração dela desatou a bater com tanta força que ela pensou que ia sufocá-la. Várias pessoas ergueram a cabeça e fitaram-na. Ela sentia o calor a inundar-lhe o rosto à medida que mais pessoas reparavam na sua chegada tardia. Michael encontrou lugares para se sentarem.

Angel cerrou as mãos em punho no regaço e manteve-se de cabeça baixa. O que estava a fazer numa igreja? Uma mulher no outro extremo da fila inclinou-se para a frente

para olhar para ela. Angel manteve o olhar fixo num ponto diante de si. Outra na fila da frente olhou para trás por cima do ombro. Aquele sítio parecia estar cheio de mulheres – mulheres simples e trabalhadoras como as que tinham virado as costas à Mamã. Virar-lhe-iam as costas também a ela se soubessem o que era.

Uma senhora de cabelo escuro e com uma touca castanha estava a observá-la com atenção. Angel sentiu que ficava com a boca seca. Já saberiam? Ela ostentaria a marca na testa?

O pregador estava a olhar diretamente para ela e a falar sobre pecado e danação. Angel começou a transpirar, e sentiu frio. Ia vomitar.

Todas as pessoas se puseram de pé e começaram a cantar. Ela nunca ouvira Michael cantar. Tinha uma voz grossa e cheia, e sabia as palavras sem recorrer ao livro de hinos que o homem ao seu lado lhe oferecera. Pertencia ali. Acreditava em tudo aquilo. Em cada palavra. Ela voltou a olhar em frente e fitou os olhos escuros do pregador. *Ele sabe, tal como o padre da Mamã sabia.*

Tinha de sair dali! Quando se sentassem todos de novo, aquele pregador provavelmente apontaria para ela e perguntaria o que estava a fazer na sua igreja. Em pânico, avançou ao longo de todas as pessoas na fila.

– Deixem-me passar, por favor – dizia, desesperada por sair. Todas as pessoas a fitavam agora. Um homem sorriu-lhe com escarninho quando ela se apressava a dirigir-se para a porta das traseiras. Angel não conseguia respirar. Encostou-se à carroça e combateu a sensação de náusea.

– Estás bem? – perguntou Michael.

Ela não contava que ele a seguisse.

– Estou ótima – mentiu.

– Ficas só sentada ao pé de mim, por favor?

Ela virou-se e olhou para ele.

– Não.

– Não tens de participar no serviço religioso.

- A única maneira de me fazeres voltar a entrar naquele sítio é se me arrastares lá para dentro.

Michael examinou o rosto tenso de Angel. Ela cruzou os braços sobre o peito e fulminou-o com um olhar.

- Amanda, eu já não ia à igreja há meses. Preciso da companhia dos outros fiéis.

- Eu não disse que tu tinhas de vir embora.

- Estás bem?

- Estou - respondeu ela, e estendeu a mão para o assento da carroça. Michael levantou-a. Ela sentiu-se mais recomposta com o toque dele. Arrependendo-se da sua rispidez, quis explicar, mas, quando se virou, ele já estava a desaparecer para dentro da igreja. Sentiu-se desamparada.

Estavam a cantar de novo, suficientemente alto para serem ouvidos claramente cá fora. «Avante, soldados cristãos, marchando como se para a guerra...» Era uma guerra. Uma guerra contra Deus e Michael e todo o mundo. Por vezes, ela desejava não ter de continuar a combater. Desejava estar de volta ao vale. Desejava que fosse como no princípio, só ela e Michael. Desejava que Paul tivesse ficado nas montanhas. Talvez então as coisas tivessem resultado.

Não por muito tempo. Mais cedo ou mais tarde, o mundo vem atacar.

Simplesmente não pertences aqui, Angel. Nunca pertencerás.

Quando o serviço terminou por fim, saíram outras pessoas antes de Michael. Todas a fitaram, ali sentada na carroça à espera dele. Várias mulheres pararam a falar juntas num pequeno grupo. Estariam a falar sobre ela? Angel não tirava os olhos da porta, à espera de Michael. Quando ele apareceu, vinha com o pastor. Eles falaram durante uns minutos e depois deram um aperto de mão. Michael desceu os degraus e o homem de fato escuro olhou para ela.

O seu coração começou de novo a bater com força. Sentia o suor irromper-lhe pelos poros da pele enquanto Michael

avançava na sua direção a grandes passadas. Ele subiu para a carroça, pegou nas rédeas e partiu sem uma palavra.

- Nem sequer se parecia com uma igreja a sério - disse ela quando ele descia a encosta na direção da estrada à beira-rio. - Não havia padre.

- O Senhor não depende de fés religiosas.

- A minha mãe era católica. Eu não disse que eu era.

- Então porque é que tens tanto medo de estar dentro de uma igreja?

- Não tive medo. Deu-me náuseas. Aqueles hipócritas todos.

- Estavas com um medo de morte. - Pegou-lhe na mão. - Ainda tens as palmas das mãos suadas. - Ela tentou soltar a mão, mas ele apertou-lha ainda mais. - Se estás convencida de que Deus não existe, do que tens medo?

- Não quero ter nada a ver com um qualquer olho gigante no céu que está à espera de uma oportunidade de me esmagar como um inseto!

- Deus não condena. Ele perdoa.

Ela soltou a mão.

- Assim como perdoou a minha mãe?

Ele olhou para ela com aquela segurança irritantemente calma.

- Talvez ela nunca se tenha perdoado a si mesma.

As palavras dele foram como uma pancada. Angel olhou em frente. De que valia falar com Michael? Ele não compreendia nada. Era como se o pobre tolo nunca tivesse sequer vivido neste mundo.

Michael decidiu insistir.

- Achas que isso talvez tenha sido parte do problema?

- Fosse no que fosse que a minha mãe acreditava, não quer dizer que eu pertença a uma igreja nem que ela pertencesse.

- Se Raab, Rute, Betsabé e Maria pertenciam, penso que talvez haja um lugar para ti.

- Não conheço uma única dessas mulheres.

- Raab era prostituta. Rute dormiu aos pés de um homem com quem não era casada, numa eira pública. Betsabé era uma adúltera. Quando descobriu que estava grávida, o amante dela planeou o assassinio do seu marido. E Maria engravidou de Alguém que não o homem de quem estava noiva.

Angel fitou-o.

- Não sabia que era teu hábito andar com mulheres de má nota.

Michael riu-se.

- São nomeadas na linhagem de Cristo. No início do Evangelho Segundo São Mateus.

- Oh - disse ela inexpressivamente, e lançou-lhe um olhar ressentido. - Julgas que me consegues encurralar a um canto, não julgas? Bem, diz-me uma coisa. Se essas tretas todas são verdade, porque é que o padre se recusou a falar com a minha mãe? Parece que ela se enquadraria perfeitamente em tal elevada companhia.

- Não sei, Amanda. Os padres são só homens. Não são Deus. Têm os seus próprios preconceitos e falhas pessoais como qualquer outra pessoa. - Fustigou levemente os cavalos. - Lamento pela tua mãe, mas estou preocupado contigo.

- Porquê? Receias que se não me salvares a alma eu vá para o inferno?

Estava a troçar dele.

- Penso que já tiveste uma boa amostra dele. - Ele voltou a fustigar os cavalos. - Não tenciono pregar-te sermões, mas também não tenciono desistir daquilo em que acredito. Não para tu ficares mais sossegada. Não seja pelo que for.

Ela agarrou com mais força a alça da carroça.

- Eu não to pedi.

- Não por palavras, mas há uma certa pressão sobre um homem quando a mulher dele está sentada à espera lá fora numa carroça.

- E quando um homem arrasta a mulher dele para dentro de uma igreja?

Ele lançou-lhe um olhar.

- Acho que tens alguma razão. Desculpa.

Ela olhou em frente de novo e mordeu o lábio. Soltando um suspiro trémulo, disse:

- Eu não podia ficar lá dentro, Michael. Simplesmente não podia.

- Não desta vez, se calhar.

- Nunca.

- Porque não?

- Porque é que havia de me deixar ficar sentada com as mesmas crianças que me chamaram nomes feios? São todos a mesma coisa. Não importa se é nas docas de Nova Iorque ou na encosta de um monte lamacento na Califórnia.

- Soltou uma risada triste. - Havia um rapaz cujo pai visitava a Mamã no barraco. Era um cliente muito regular. O filho dele chamava nomes à Mamã e a mim, nomes obscenos. Por isso, eu disse-lhe onde é que o pai dele estava às quartas feiras à tarde. Ele não acreditou em mim, claro, e a Mamã disse que eu tinha feito uma coisa terrível e cruel ao rapaz. Eu não conseguia ver como é que a verdade podia piorar as coisas, mas daí a uns dias, por curiosidade, acho eu, esse rapaz seguiu o pai e descobriu que era verdade. Pensei, ora bom, agora que ele sabe, vai-me deixar a mim e à Mamã em paz. Mas não. Ele ficou a *odiar-me* depois disso. Ele e os seus belos amiguinhos costumavam ficar à espera ao fundo da travessa e quando eu ia ao mercado com a Mamã atiravam-me lixo. E todos os domingos de manhã via-os na missa, todos limpinhos e bem arranjados e sentados ao lado do papá e da mamã. - Olhou para Michael. - O padre *falava* com eles. Não, Michael. Não vou sentar-me numa igreja. Nunca.

Michael pegou-lhe de novo na mão e entrelaçou os dedos nos dela.

- Deus não tem nada a ver com isso.

Ela sentiu os olhos estranhamente quentes e como se cheios de areias.

- Mas também não o impediu, pois não? Onde está a misericórdia sobre que andas sempre a ler? Nunca vi nenhuma concedida à minha mãe. - Michael ficou em silêncio durante muito tempo depois daquilo.

- Alguém alguma vez te disse algo simpático?

Os lábios dela curvaram-se num sorriso sarcástico.

- Muitos homens disseram que eu era bonita. Diziam que só estavam à espera de que eu crescesse. - Espetou o queixo e desviou o olhar.

A mão de Angel estava fria na de Michael. Apesar de toda a sua atitude de desafio, ele sentia a dor dela.

- O que vês quando te olhas ao espelho, Amanda?

Ela demorou muito tempo a responder, e quando o fez falou numa voz tão baixa que ele quase não a ouviu.

- A minha mãe.

*

Pararam junto a um ribeiro. Enquanto Michael desatrelava os cavalos e os prendia, Angel estendeu o cobertor e abriu o cesto. O cozinheiro de Joseph forneceralhes pão, queijo, uma garrafa de sidra e alguns frutos desidratados. Quando Michael acabou de comer, levantou-se e pôs a mão num ramo de uma árvore. Não parecia ter pressa de atrelar os cavalos e voltar para a estrada.

Angel pôs-se a observá-lo. A sua camisa de flanela azul estava esticada sobre os ombros e ele tinha uma cintura esguia e firme. Recordou-se do fascínio de Torie, que começava a compreender. Gostava de olhar para ele. Era forte e belo sem ser ameaçador. Quando ele lhe lançou um olhar, ela desviou os olhos e fingiu estar ocupada a meter as coisas dentro do cesto.

Michael enfiou as mãos nos bolsos e encostou-se ao tronco da gigantesca árvore.

- Também já me chamaram alguns nomes ao longo da vida, Amanda. A maioria atirada à minha cara pelo meu pai. Ela olhou para ele.

- O *teu* pai?

Ele olhou para o outro lado do rio.

- A minha família tinha a maior plantação na região. As terras tinham-nos sido deixadas pelo meu avô. Tínhamos escravos. Eu não pensava muito no facto de os termos quando era pequeno. Era assim que as coisas eram. A minha mãe dizia-me que eram a nossa gente e que tínhamos de olhar por eles, mas quando eu andava pelos dez anos tivemos um ano mau e o meu pai vendeu alguns dos trabalhadores. Quando eles foram levados, uma das nossas escravas domésticas desapareceu. Nem te sei dizer o nome dela. O meu pai foi atrás dela. Quando voltou, tinha dois corpos atados em cima de um cavalo, o dela e o de um dos trabalhadores que tinha vendido. Atirou com os corpos para a frente das instalações dos escravos e pendurou-os para que eles tivessem de os ver sempre que saíam para os campos. Era uma visão horrível. Ele tinha-lhes lançado os cães.

Encostou a cabeça à casca do velho carvalho enorme.

- Perguntei-lhe porque tinha feito aquilo, e ele disse que era para servirem de exemplo.

Angel nunca o vira tão pálido, e uma nova emoção despertou dentro de si. Sentia vontade de se aproximar dele e pôr os braços à volta do seu corpo.

- A tua mãe sentia o mesmo que ele?

- A minha mãe chorou, mas nunca disse uma palavra contra o meu pai. Eu disse ao meu pai que a primeira coisa que faria quando ele morresse seria libertar os nossos escravos. Foi a primeira sova que ele alguma vez me deu. Disse-me que se estava tão enamorado deles podia viver com eles durante algum tempo.

- E viveste?

- Durante um mês. Depois ele mandou-me voltar para casa. Nessa altura, a minha vida tinha realmente mudado. O velho Ezra conduziu-me ao Senhor. Até então, Deus era só uma atividade das manhãs de domingo que a minha mãe fazia na sala. O Ezra mostrou-me como Deus é real. O meu pai tê-lo-ia vendido se ele não fosse tão velho. Em vez disso, libertou-o. Foi uma sorte ainda pior. Como o velho não tinha para onde ir, mudou-se para os pântanos. Eu costumava ir vê-lo sempre que tinha uma oportunidade e levava-lhe o que podia.

- E o teu pai?

- Tentou outras maneiras de me fazer mudar de ideias. - Os seus lábios curvaram-se num sorriso irónico. - Queria que eu me capacitasse dos privilégios todos de ser dono. - Olhou para ela. - Uma escrava jovem e linda só minha para eu usar como quisesse. Eu mandei-a embora, mas ela recusou. O meu pai ordenara-lhe que ficasse. Por isso, vim-me eu embora. - Riu-se baixinho e abanou a cabeça. - Não é completamente verdade. De facto, fugi. Tinha quinze anos, e ela era uma tentação demasiado grande para poder resistir-lhe.

Michael aproximou-se e baixou-se em frente a ela.

- Amanda, o meu pai não era mau de todo. Não quero que penses isso dele. Ele adorava a terra e olhava pela sua gente. Para além daquela vez, era decente para com os escravos que tinha. Amava a minha mãe e os meus irmãos e as minhas irmãs. E amava-me a mim. Só que queria tudo à sua maneira. E havia algo em mim desde o princípio... Eu não me encaixava no molde. Sabia que algum dia teria de viver a vida à minha maneira, mas demorei muito tempo a arranjar coragem para deixar todas as pessoas que amava, especialmente sem saber para onde ia.

Ela ergueu os olhos para ele.

- Alguma vez pensas em voltar?

- Não. - Não havia dúvida na sua expressão.

- Deves tê-lo odiado.

Ele olhou solenemente para ela.

- Não. Amava-o e sinto-me grato por ele ser o meu pai.

- Grato? Ele tratou-te como um escravo, tirou-te a herança, a família, tudo. E tu sentes-te *grato*?

- Sem tudo isso, talvez eu nunca tivesse chegado a conhecer o Senhor, e, ao fim e ao cabo, o meu pai tinha mais razões para me detestar - disse Michael. - Quando parti, o Paul e a Tess vieram comigo. A Tessie era especial para o meu pai. Muito especial. E agora está morta.

Angel viu as lágrimas nos olhos de Michael. Ele não tentava escondê-las.

- Ela teria gostado de ti - disse ele, estendendo a mão e tocando-lhe na face. - Via o interior das pessoas. - Sem pensar, Angel pôs a mão sobre a dele, comovida com a sua tristeza. O sorriso dele fê-la sentir um aperto no peito. - Oh, bem amada - disse ele. - Os teus muros estão a desmoronar-se.

Ela tirou a mão.

- Josué a tocar a sua trombeta.

Ele riu-se.

- Amo-te - disse. - Amo-te muito. - Tomou-a nos braços e deitou-se com ela na relva. Pondo-a por baixo de si, beijou-a suavemente ao princípio, depois com mais intensidade. Ela sentiu uma reação dentro de si, uma sensação suave e quente na barriga, mas não se sentiu ameaçada nem usada. Quando ele se afastou ligeiramente, ela viu a expressão nos seus olhos. *Oh*.

- Por vezes, esqueço-me daquilo de que estou à espera - disse ele em voz rouca. Pôs-se de pé, levantando-a consigo. - Anda daí. Vou atrelar os cavalos.

Perplexa, Angel dobrou o cobertor e pôs o cesto debaixo do assento. Pousando os braços no lado da carroça, deixou-se ficar a ver Michael trazer os cavalos. Movia-se de uma maneira cheia de poder. Enquanto ele atrelava os cavalos, ela observou a força dos seus ombros e das suas mãos. Ele endireitou-se e virou-se para ela. Levantou-a para a sentar

na carroça e subiu para o lado dela. Quando pegou nas rédeas, sorriu-lhe e, sem a mínima hesitação, ela deu consigo a retribuir-lhe o sorriso.

Começou a chover durante a viagem. Michael parou para subir a cobertura de lona e ela envolveu-se no cobertor. Quando ele veio sentar-se de novo ao seu lado, pôs um segundo cobertor à volta dos dois. Ela sentia-se confortavelmente aconchegada ao lado dele.

Daí a cinco milhas de estrada, encontraram uma carroça coberta avariada. Um homem e uma mulher extenuados estavam a tentar erguê-la o suficiente para substituir uma roda. Ali perto, abrigada à sombra de um enorme carvalho, estava uma rapariga de cabelo escuro com os braços à volta de quatro crianças pequenas.

Michael dirigiu os cavalos para fora da estrada.

- Vai buscar aquelas crianças e elas que se sentem na parte de trás da carroça - disse a Angel ao mesmo tempo que descia. Ela foi buscá-las. A rapariga mais velha parecia poucos anos mais nova do que ela. O seu cabelo escuro estava colado a um rosto pálido dominado por grandes olhos castanhos. Quando sorriu, Angel viu que era bonita.

- Vão ficar todos mais secos se se sentarem na parte de trás da carroça - disse Angel. - Nós temos outro cobertor.

- Obrigada, minha senhora - disse a rapariga, aceitando o convite imediatamente e levando as crianças a toda a pressa para o abrigo da carroça. Cheia de apreensão, Angel trepou para as traseiras com elas. Passou um cobertor à rapariga, que o pôs à volta dos ombros e aconchegou a si as quatro crianças como uma mãe galinha.

Sorriu a Angel.

- Somos os Altman. Eu sou a Miriam. Este é o Jacob... - Olhou para o menino mais alto, cujos olhos e cabelo eram como os dela. - Tem dez anos. E o Andrew...

- Tenho oito! - disse o menino num tom sombrio.

Miriam sorriu de novo.

- Esta é a Leah - disse, apertando mais a si a menina maior e beijando em seguida a mais pequena -, e esta é a Ruth.

Angel olhou para o grupo frio e molhado encolhido sob um só cobertor.

- Hosea - disse ela, embaraçada. Eu sou... a Mrs. Hosea.

- Graças a Deus por terem aparecido agora - disse Miriam. - O meu pai estava a ter dificuldades com aquela roda e a minha mãe está praticamente exausta. - Tirou o cobertor de cima de si e pô-lo sobre as quatro crianças. - Não se importa de deitar um olho às crianças, Mrs. Hosea? A minha mãe tem estado doente nas últimas trezentas milhas, e não devia ficar lá fora à chuva.

Saltou da carroça sem dar tempo a Angel de protestar. Angel olhou para as crianças de novo e viu que estavam todas a fitá-la com olhos arregalados e curiosos. Daí a uns momentos, Miriam regressou com a sua mãe. Era uma mulher de cabelo escuro com um ar esgotado, ombros caídos e olheiras. As crianças puseram-se à sua volta de forma protetora.

- Minha mãe - disse Miriam, com um braço à volta dos ombros dela -, esta é a Mrs. Hosea. Esta é a minha mãe.

A mulher sorriu calorosamente e acenou com a cabeça.

- Elizabeth - disse, com um sorriso. - Deus a abençoe, Mrs. Hosea. - Juntaram-se lágrimas nos seus olhos cansados, mas ela não as deixou cair. - Não sei o que teríamos feito se a senhora e o seu marido não tivessem aparecido. - Pôs os braços à volta dos seus quatro filhos enquanto Miriam espreitava lá para fora para ver se os homens precisavam de ajuda. - Vai ficar tudo bem. O Paizinho e o Mr. Hosea estão a consertar a carroça. Partimos daqui a pouco.

- Temos mesmo de ir para o Oregon? - gemeu Leah.

Uma expressão de dor perpassou no rosto da mulher.

- Não pensemos nisso agora, minha querida. Vamos encarar um dia de cada vez.

Angel remexeu no cesto.

- Estão com fome? Temos pão e algum queijo!

- Queijo! - exclamou Leah, com o seu pequeno rosto a iluminar-se e a longa viagem para o Oregon esquecida. - Oh, sim, por favor.

As lágrimas soltaram-se então, e Elizabeth chorou. Miriam fez-lhe umas festas e murmurou-lhe umas palavras. Embaraçada, Angel não sabia o que dizer ou fazer. Sem olhar para a mulher que chorava, cortou fatias de queijo para as crianças mais pequenas. Elizabeth voltou a tossir e parou de chorar.

- Peço muita desculpa - segredou. - Não sei o que se passa comigo.

- Está arrasada - disse Miriam. - É da febre - explicou a Angel. - Ela não tem tido força nenhuma desde que a febre a atacou.

Angel estendeu a Elizabeth um pedaço de queijo e pão e ela tocou-lhe ternamente na mão antes de pegar neles. A pequena Ruth desceu do colo da sua mãe e foi pôr-se em frente a Angel. Ela sentiu-se alarmada e depois surpreendida quando a criança estendeu a mão e tocou na trança dourada que escapara sobre o seu ombro e lhe pendia até à cintura.

- É um anjo, Mamã? - Angel sentiu um calor subir-lhe ao rosto.

Elizabeth sorriu por entre as lágrimas. A sua risada suave estava cheia de prazer.

- Sim, querida. Um anjo de misericórdia.

Angel não conseguia olhar para elas. O que diria Elizabeth Altman se soubesse a verdade? Levantou-se e foi à parte de trás da carroça espreitar lá para fora. Michael erguera a carroça dos Altman e o homem estava a substituir a roda. Angel sentia vontade de sair da carroça, mas a chuva caía agora torrencialmente; Michael mandá-la-ia voltar para dentro. Todos os músculos do seu corpo se

contraíram quando olhou para trás, para Elizabeth com os filhos queridos à sua volta.

Miriam pegou-lhe na mão, sobressaltando-a.

- Eles não vão demorar nada a consertar aquilo - disse. Pestanejou os olhos com surpresa e embaraço quando Angel soltou a mão a toda a pressa.

John Altman apareceu nas traseiras da carroça, com a chuva a escorrer-lhe do chapéu.

- Está tudo bem, John? - perguntou Elizabeth.

- Vai servir por agora. - Levou os dedos à orla do chapéu a cumprimentar Angel, e Elizabeth fez as apresentações. - Estamos muito agradecidos à senhora e ao seu marido. Eu estava quase nas últimas quando o seu marido apareceu. - Olhou de novo para a mulher dele. - O Mr. Hosea convidou-nos a passar o inverno na casa dele. Partimos para o Oregon na primavera.

- Oh! - exclamou Elizabeth com um alívio claro.

Angel entreabriu os lábios. Passar o inverno na casa de Michael? Nove pessoas numa cabana com cinco jardas por cinco? Elizabeth tocou-lhe, e ela deu um salto. Sentou-se, atordoada, enquanto a mulher lhe agradecia antes de John a ajudar a descer da carroça. Seguiram-se os meninos e as meninas e depois Miriam, que lhe tocou no ombro ao passar e lhe fez um sorriso caloroso e empolgado. De dentes cerrados, Angel deixou-se ficar sentada, encolhida no cobertor na parte de trás da carroça, a perguntar-se o que diabo Michael pensaria que ia fazer com aquela gente toda. Ele saltou para o assento, completamente ensopado, e ela passou-lhe o outro cobertor quando partiram de novo.

- Cedemos-lhes a cabana - disse.

- A cabana! E onde é que nós dormimos?

- No celeiro. Vamos ficar confortáveis e quentes.

- Porque é que não dormem *eles* no celeiro? *Tu* construístes a cabana. - Não lhe agradava a ideia de dormir noutro sítio que não naquela cama boa e aconchegada com a lareira acesa ali perto.

- Eles já não dormem numa casa há mais de nove meses. E aquela mulher está doente. - Apontou para a frente. - Estive a pensar. Há um bom pedaço de terra que faz fronteira com a propriedade do Paul. Talvez possa convencer os Altman a ficarem. Seria bom ter outra família no vale. - Lançou-lhe um olhar e sorriu. - Dava-te jeito teres amigas por perto.

Amigas?

- O que é que tu achas que eu tenho em comum com elas?

- Porque não esperamos para descobrir?

Acamparam ao lado de uns penedos de granito que os abrigaram da chuva. Michael e John prenderam os cavalos e montaram uma tenda enquanto Angel, Elizabeth e Miriam dispunham o necessário. As crianças apanharam lenha suficiente para toda a noite e trouxeram alguma a Miriam, onde ela e as outras estavam reunidas na tenda. Ela abriu uma pequena pala no teto.

- Aprendi isto com os índios - disse com um sorriso, enquanto fazia uma fogueira dentro de uma tina no interior da tenda. Espantosamente, o fumo subia e saía pelo buraco.

Elizabeth parecia tão esgotada que Angel insistiu que ela se deitasse. Michael trouxe alguns dos mantimentos para dentro da tenda e ela preparou uma refeição. Ainda acordada, Elizabeth mantinha-se em silêncio, a observá-la. Perturbada, Angel lançou-lhe um olhar, a perguntar-se no que estaria a pensar.

- Sinto-me tão inútil - disse Elizabeth em voz trémula, e Miriam debruçou-se para acariciar a sua face.

- Que tolice, Mãezinha. Nós cá nos arranjam. A Mãe descanse. - Fez-lhe um sorriso maroto. - Quando estiver melhor, deixamos que volte a fazer tudo sozinha. - A sua mãe sorriu àquela troça afetuosa. - Vou buscar lenha mais pesada - disse Miriam, e saiu. Voltou com um toro maior e empilhou-o com os gravetos. - A chuva está a passar.

Elizabeth soergueu-se.

- Onde estão os rapazes?

- Estão com o Paizinho. A Leah e a Ruth vão ficar aqui. Não precisa de se preocupar. Agora volte a deitar-se, mãe.
- Olhou para Angel. - Ela está sempre preocupada com os índios - segredou. - Um rapazinho pequeno afastou-se das carroças a umas cem milhas de Fort Laramie. Não havia vestígios dele. Desde essa altura, a minha mãe sente muito medo que um de nós seja raptado. - Lançou um olhar para trás à mãe, que estava a descansar na cama improvisada. - Vai ficar melhor, agora que pode descansar.

Miriam aqueceu as mãos ao lume, sorrindo a Angel.

- Seja o que for que está a cozinhar, cheira bem. - Angel continuou a mexer o cozinhado, sem dizer nada. - Há quanto tempo está na Califórnia?

- Há um ano.

- Oh, então só casou com o Michael depois de vir para cá. Ele disse que chegou em 1848. Veio por terra?

- Não. De barco.

- A sua família está no vale que o Michael descreveu ao meu pai?

Angel sabia que as perguntas chegariam e que inventar mentiras só a faria ficar atada em nós cegos. Porque não despachar a coisa já para a rapariga a deixar em paz? Se todos soubessem a verdade, talvez fossem passar o inverno noutras paragens. Com certeza aquela mulher não ia querer dormir na mesma cama em que dormira uma prostituta.

- Vim sozinha para a Califórnia. Conheci o Michael num bordel em Pair-a-Dice.

Miriam riu-se, mas vendo que Angel queria mesmo dizer o que dissera, ficou em silêncio.

- Está a falar a sério, não está?

- Sim. - Elizabeth estava a olhar para ela com uma expressão indecifrável. Angel baixou os olhos e continuou a mexer o cozinhado.

Miriam manteve-se em silêncio durante um longo momento, e Elizabeth fechou de novo os olhos.

- Não precisava de ter dito nada - disse por fim Miriam. - Porque o fez?

- Para que não tivessem nenhuma surpresa chocante mais à frente - disse Angel amargamente, com um nó na garganta.

- Não - disse Miriam -, eu é que estava a intrometer-me outra vez, foi por isso. A minha mãe diz que é um dos meus defeitos, andar sempre a querer saber da vida dos outros. Desculpe.

Angel continuou a mexer o cozinhado, perturbada com o pedido de desculpa da rapariga.

- Gostava que fôssemos amigas - disse Miriam.

Angel olhou para cima, com surpresa.

- Porque é que havia de querer ser minha amiga?

Miriam pareceu surpreendida.

- Porque gosto de si.

Espantada, Angel fitou-a. Lançou um olhar a Elizabeth. A mulher estava a observá-las, com um sorriso cansado no rosto. Corando, Angel olhou para a rapariga e disse em voz baixa:

- Não sabe muito sobre mim para além do que acabei de lhe contar. - Desejava agora não ter dito nada.

- Sei que é sincera - disse Miriam com um sorriso arrependido. - Brutalmente sincera - acrescentou, mais séria. Ficou com uma expressão pensativa nos olhos enquanto observava Angel.

Os meninos entraram na tenda, e com eles uma rajada de ar frio. As meninas acordaram e Ruth começou a chorar. Elizabeth sentou-se, apertou-a ao peito e pediu aos meninos que falassem mais baixo. John entrou e com uma palavra silenciou-os. Angel viu Michael mesmo por trás dele. Quando ele lhe sorriu, o alívio que ela sentiu foi físico. Depois, ficou preocupada ao pensar no que ele diria quando descobrisse que ela se tinha saído com a verdade.

Desembaraçando-se dos seus casacos molhados, os homens acocoraram-se junto ao lume enquanto ela deitava

feijões nas tigelas que Miriam ia distribuindo. Depois de todos acabarem de comer, John baixou a cabeça e a sua família seguiu-lhe o exemplo.

- Senhor, obrigado por nos salvardes hoje e nos terdes trazido Michael e Amanda Hosea. Olhai pelos nossos entes queridos que perdemos, o David e a Mãe. Peço-Vos que dêis à Elizabeth forças renovadas. Mantende-nos todos bem e com forças para a viagem que temos pela frente. Amém.

John fez perguntas sobre a terra, as colheitas e o mercado da Califórnia, e Jacob e Andrew pediram mais feijão e pão. Angel perguntava-se quando Michael estaria disposto a regressar à carroça deles. Sentia que Miriam a observava. Não queria saber que perguntas estavam a passar pela cabeça à moça, agora que tivera tempo para pensar no assunto.

- A chuva parou, pai - disse Andrew.

- Não devíamos ir para a nossa carroça agora? - segredou Angel a Michael.

- Fiquem aqui connosco - disse John. - Temos espaço suficiente. Com a fogueira, está mais quente aqui do que é provável que estivesse na vossa carroça.

Michael aceitou, e o coração de Angel caiu-lhe aos pés quando ele foi buscar os cobertores deles. Apressou-se a pedir licença, e foi atrás dele.

- Michael - disse, à procura de palavras para o convencer de que deviam dormir na carroça e não na tenda com os Altman. Ele estendeu o braço e puxou-a a si, dando-lhe um beijo com ardor. Depois, virou-a na direção da tenda e disse-lhe ao ouvido:

- Mais cedo ou mais tarde, vais aprender que há pessoas no mundo que não querem usar-te. Agora, enche-te de coragem e volta lá para dentro para conheceres algumas dessas pessoas.

Angel apertou ao corpo o seu xaile e voltou a enfiar-se na tenda. Miriam sorriu-lhe. Angel sentou-se embaraçada perto da fogueira e não olhou para ninguém enquanto

esperava que Michael regressasse. Os dois meninos imploraram ao pai que lhes lesse um pouco de *Robinson Crusoe*. John tirou um velho volume encadernado a pele de uma mochila e começou a ler, enquanto Miriam fazia as camas. A pequena Ruth, com o polegar ainda enfiado na boca, arrastou o cobertor de onde estava colocado e pô-lo junto a Angel.

- Quero dormir aqui.

Miriam riu-se.

- Bem, penso que é melhor perguntares a Mr. Hosea, Ruthie. Ele é capaz de também querer dormir aí.

- Pode dormir do outro lado - disse Ruthie, claramente a reivindicar o seu lugar.

Miriam aproximou-se com duas colchas e entregou uma a Angel. Inclinando-se, segredou:

- Está a ver? Ela também gosta de si.

A sentir uma estranha contração no estômago, Angel lançou um olhar à volta. Michael entrou com mais cobertores.

- Vem aí uma tempestade. Se tivermos sorte, de manhã já terá passado.

Enquanto os outros dormiam, Angel mantinha-se acordada ao lado de Michael. O vento uivava e a chuva matraqueava a tenda. O som da tempestade e o cheiro da lona molhada recordavam-lhe as suas primeiras semanas em Pair-a-Dice.

Onde estaria a Duquesa? E Megan e Rebecca? O que lhes teria acontecido? Tentou não pensar em Lucky a morrer no incêndio. Recordava insistentemente as palavras dela. «Não me esqueças, Angel. Não me esqueças.»

Angel não conseguia esquecer nenhuma delas.

Quando a chuva parou, Angel pôs-se a escutar a respiração das pessoas adormecidas à sua volta. Virou-se lentamente de lado e olhou para elas. John Altman estava deitado ao lado da sua débil esposa, com um braço protetor à volta dela. Os meninos dormiam perto deles, um de

costas, o outro enroscado de lado com o cobertor por cima da cabeça. Miriam e Leah estavam encaixadas uma na outra, como colheres, o braço de Miriam à volta da sua irmã.

Os olhos de Angel vieram pousar no rosto adormecido de Miriam. Esta rapariga era uma novidade.

Angel não conhecera muitas *boas* raparigas. As que havia nas docas eram avisadas pelas suas mães para não se aproximarem dela. Sally dissera uma vez que as boas raparigas eram desinteressantes e críticas, e era por isso que quando cresciam e casavam os maridos delas frequentavam bordéis. Miriam não era nem desinteressante nem crítica. Dissera piadas bem humoradas ao pai todo o serão, enquanto cuidava da sua mãe doente. As irmãs e os irmãos claramente adoravam-na. Só Jacob resistiu quando ela lhe deu uma ordem, e um olhar do pai deles pôs fim a isso. Quando chegou a hora de as crianças irem dormir, foi Miriam quem as aconchegou e rezou com elas em voz baixa enquanto os homens conversavam.

«*Gostava que fôssemos amigas.*»

Angel fechou os olhos. Doía-lhe a cabeça. O que teriam ela e Miriam para conversar? Não fazia ideia, mas parecia que iria defrontar-se com isso. Os homens já tinham desenvolvido um relacionamento fácil. Ambos amavam a terra. John Altman falava sobre o Oregon como se fosse uma outra mulher mais desejável, e Michael falava sobre o vale da mesma maneira.

- Paizinho- dissera Miriam numa exasperação divertida -, estava convencido de que a Califórnia era um paraíso até descermos das Sierras.

Ele abanou a cabeça.

- Há demasiada gente aqui, mais do que no Ohio. Todo o território está inçado de gente à caça de fortuna.

- Todos aqueles bons rapazes de boas famílias - disse Miriam, e formou-se uma covinha numa das suas faces. - Talvez até alguns do Ohio.

- Transviados - comentou John Altman sombriamente.

Miriam espetou-lhe um dedo no ombro.

- O Pai também andaria à procura de ouro num rio se não tivesse de olhar por nós todos. Eu vi o brilho da ganância nos seus olhos quando aquele cavalheiro estava a contar-lhe como encontrou um filão no American. - Incluiu Michael e Angel. - O homem é dono de uma grande loja com mercadoria até ao teto. Disse que chegou à Califórnia com pouco mais do que uma pá e as roupas que trazia no corpo.

- Uma hipótese num milhão - disse-lhe John.

- Oh, mas pense nisso, Paizinho- prosseguiu Miriam teatralmente, com uma mão no coração e os seus olhos escuros a cintilarem travessos. - O senhor e os rapazes podiam garimpar e explorar o Long Tom enquanto a Mãezinha e eu montávamos um pequeno café no acampamento e servimos todos aqueles pobres, queridos, desamparados e bonitos rapazes solteiros.

Michael riu-se e John puxou a trança da filha.

Os Altman fascinavam Angel. Gostavam todos uns dos outros. John Altman era claramente quem mandava e não toleraria desrespeitos ou rebeliões, mas via-se bem que a esposa e os filhos não o temiam. Até mesmo a breve rebelião de Jacob fora tratada com bom humor.

- Sempre que não deres ouvidos, haverá disciplina de cabo a rabo - dissera o pai. - Eu contribuo com a disciplina e tu com o rabo. - O rapaz capitulou e Altman despenteou-lhe o cabelo num gesto afetuosos.

E se eles decidissem ficar no vale? Angel massajou as suas têmporas latejantes. O que é que ela tinha em comum com eles? Especialmente com uma jovem virgem com olhos de gazela? Quando se saíra com a sua profissão passada e como Michael e ela se tinham conhecido, esperara que a moça ficasse chocada e a deixasse em paz. A última coisa que esperava era aquele olhar de preocupação intrigada e uma oferta de amizade.

Angel sentiu movimento ao seu lado e abriu os olhos para aliviar a dor de cabeça. Ruthie estava a aconchegar-se a ela, à procura de calor no sono. O polegar tinha-lhe escorregado da boca. Angel tocou na face macia e cor-de-rosa – e subitamente viu o rosto enraivecido do Duque a bailar diante dos seus olhos. Sentiu a bofetada no rosto de novo.

– Eu disse-te para tomares precauções! – Sentia-o a puxá-la pelos cabelos, a arrastá-la para cima na cama de maneira a ficar com o rosto colado ao dele. – Na primeira vez foi fácil – disse ele por entre os dentes cerrados. – Desta vez vou assegurar-me de que nunca mais voltas a engravidar.

Quando o médico chegou, ela esperneou e deu luta, mas de nada lhe serviu. O Duque e outro homem ataram-na à cama.

– Faça-o – ordenou o Duque ao médico, e ficou ali a ver, para se assegurar de que ele cumpria a ordem. Quando ela começou a gritar, amordaçaram-na. O Duque ainda ali estava quando a provação chegou ao fim. Consumida com dores e fraca devido à perda de sangue, ela recusara-se a olhar para ele.

– Vais ficar bem dentro de uns dias – disse-lhe ele, mas ela sabia que nunca ficaria bem. Chamou-lhe o nome mais obscuro que conhecia, mas ele limitou-se a sorrir. – Esta é que é a minha Angel. Nada de lágrimas. Só ódio. Mantém-me quentinho, minha doçura. Ainda não o compreendeste? – Beijou-a com força. – Volto quando estiveres melhor. – Deu-lhe uma palmadinha na face e foi-se embora.

Aquela negra recordação atormentava Angel enquanto ela olhava para a pequena Ruth Altman. Queria desesperadamente sair da tenda, mas receava acordar os outros se se levantasse. A fitar o teto de lona, tentou pensar em outras coisas. A chuva começou a cair de novo e com ela chegaram todos os seus velhos fantasmas.

– Não consegues dormir? – segredou Michael. Ela abanou a cabeça. – Vira-te de lado. – Ela virou-se e ele puxou-lhe as

costas contra o seu corpo, encaixando-o nele. A criança mexeu-se, aconchegando-se mais nas colchas e pressionando a barriga de Angel. - Tens uma amiga - murmurou Michael. Angel pôs o braço à volta de Ruth e fechou os olhos. Michael pôs o braço à volta das duas. - Talvez tenhamos uma como ela um dia - disse-lhe ao ouvido.

Angel fitou o lume em desespero.

Dezanove

Amarás o teu próximo como a ti mesmo.

JESUS, EVANGELHO SEGUNDO SÃO MATEUS 19:19

Michael instalou os Altman confortavelmente na cabana e carregou às costas a mala deles. Angel seguiu-o até ao celeiro, a reprimir quaisquer protestos. Via que ele estava decidido. O que é que ele iria lucrar com este negócio? Porquê fazer isto por estranhos?

A chuva caía dia após dia. Ao fim das primeiras noites, Angel começou a sentir-se reconfortada com os sons do mocho nas vigas do teto e os movimentos suaves dos ratos na palha. Michael mantinha-a quente. Por vezes, explorava o corpo dela, despertando-lhe sensações estranhas que a perturbavam. Quando o seu próprio desejo se tornava demasiado grande, afastava-se dela e falava sobre o seu passado e especialmente sobre o escravo velho por quem sentia ainda um grande afeto. Nesses momentos tranquilos e sem ameaças, Angel deu consigo a contar-lhe o que Sally lhe ensinara.

Com a cabeça apoiada na mão, Michael brincava com o cabelo dela.

- Achas que ela tinha razão quanto a tudo, Amanda?
- Não segundo as tuas regras, suponho.
- Pelas regras de quem é que tu queres viver?

Pensou antes de responder.

- Pelas minhas.

Fora do celeiro e dos braços protetores de Michael, Angel era afetuosamente abordada por Miriam. De cada vez, a rapariga minava a determinação de Angel de se manter distante. Miriam fazia-a rir. Era tão jovem e cheia de marotice inocente. O que Angel não conseguia compreender era porque é que aquela rapariga queria ser *sua* amiga. Sabia que deveria desencorajá-la, mas Miriam não parecia compreender as suas rejeições e continuava brincar com ela e a encantá-la.

Desprovida de vida familiar em criança, Angel não sabia o que se esperava dela quando, acompanhada por Michael, passava serões com a família na cabana. Deixava-se ficar sentada em silêncio a observar. Sentia-se cativada pela camaradagem respeitosa entre John e Elizabeth Altman e os seus cinco filhos. John era um homem severo que raramente sorria, mas via-se bem que adorava os filhos - e que tinha um afeto especial pela sua filha mais velha, apesar de andarem constantemente a discutir.

Com os seus olhos escuros, Andrew e o pai eram muito parecidos fisicamente e nos modos. Jacob era sociável e dado a pregar partidas. Leah era séria e tímida. A pequena Ruth, aberta e viva, era a querida de toda a família. Por alguma razão que Angel não compreendia, a criança adorava-a. Talvez fosse o seu cabelo louro que embeaçara Ruth. Fosse o que fosse, de cada vez que ela e Michael vinham visitar a família, Ruthie sentava-se aos pés de Angel.

Aquilo divertia Miriam.

- Dizem que os cães e as crianças conseguem sempre reconhecer uma pessoa de bom coração. Não há argumentos contra isso, pois não?

Durante uma semana inteira depois de se mudarem para a cabana, Elizabeth esteve demasiado fraca para sair da cama. Angel cozinhava e encarregava-se das tarefas domésticas enquanto Miriam cuidava da mãe e das

crianças. Michael e John retiravam as raízes das árvores cortadas no campo. Quando chegavam para a ceia, John sentava-se com a mulher e segurava-lhe a mão, falando com ela em voz baixa enquanto as crianças brincavam ao jogo dos pauzinhos e à cama-de-gato.

Vendo John, Angel recordava todas aquelas semanas em que Michael cuidara dela depois da sova que Magowan lhe dera. Recordava os seus cuidados ternos e a sua preocupação. Tolerara os seus piores insultos com uma paciência calma. Ele estava no seu elemento com esta gente. Era ela quem não pertencia ali.

Angel não conseguia deixar de fazer comparações. O seu pai odiara-a o suficiente ainda antes de ela nascer para querer deitá-la fora como se fosse lixo. A sua mãe vivera tão obcecada por ele que quase esquecera que tinha uma filha. Na sua vida com meretrizes, Angel estava acostumada a mulheres que se preocupavam incessantemente com a forma do seu corpo e se estavam a começar a envelhecer. Estava acostumada a mulheres que dedicavam muito tempo ao cabelo e às roupas e falavam sobre sexo tão facilmente como sobre o tempo.

Elizabeth e Miriam eram uma novidade fascinante para ela. Adoravam-se uma à outra. Não diziam palavras agrestes, eram asseadas e andavam arranjadas sem se preocuparem com a aparência, e falavam sobre tudo *menos* sobre sexo. Embora Elizabeth estivesse demasiado fraca para fazer fosse que trabalho fosse, organizava e orquestrava os dias de Miriam e dos outros filhos. A sua instância, Andrew fez uma armadilha para peixes para a montar no ribeiro. Leah ia buscar água. Jacob arrancava as ervas daninhas da horta. Até mesmo a pequena Ruth ajudava, pondo a mesa e indo colher flores silvestres para enfeitar a mesa. Miriam lavava, engomava e remendava as roupas ao mesmo tempo que olhava pelos irmãos. Angel sentia-se uma inútil.

Quando Elizabeth se levantou por fim, assumiu o comando total. Desencaixotou o seu forno holandês e as suas panelas e passou a encarregar-se de cozinhar. Os Altman tinham-se reabastecido em Sacramento, e ela fazia refeições deliciosas de porco salgado frito com molho, feijões guisados adoçados com melaço, pão de milho e lebre estufada com bolinhos de farinha. Quando a armadilha dos peixes começou a resultar, ela fritava trutas condimentadas. Fazia pão ázimo nas brasas enquanto assava dois patos. Na maior parte dos dias, fazia pão lêvedo para o pequeno-almoço. Como mimo especial, deixava de molho maçãs desidratadas e depois fazia uma tarte.

Suspirou uma noite ao pousar a comida na mesa.

- Um dia, vamos ter outra vaca e voltaremos a ter leite e manteiga.

- Tínhamos uma quando partimos de casa - disse Miriam a Angel -, mas os índios encantaram-se com ela perto de Fort Laramie.

- Eu era capaz de dar o relógio do nosso pai por uma colher de compota de ameixa - disse Jacob, fazendo a sua mãe rir e dar-lhe um leve safanão.

A seguir à ceia, era costume da família Altman fazer a sua devoção religiosa. John frequentemente pedia a Michael que lesse da Bíblia. As crianças mostravam-se vivas e cheias de perguntas. Se Deus criou Adão e Eva, porque é que os deixou pecar? Deus queria realmente que eles andassem pelo Paraíso *nus*? Mesmo no inverno? Se só havia Adão e Eva, com quem é que os filhos deles casaram?

Com um brilho nos olhos, John recostava-se para fumar o seu cachimbo enquanto Elizabeth tentava responder às infindáveis perguntas. Michael partilhava as suas opiniões e crenças. Contava histórias, em vez de as ler.

- Daria um belo pregador - disse John. Angel quase protestou, mas compreendeu a tempo que se tratava de um elogio.

Angel nunca participava nessas conversas. Mesmo quando Miriam lhe perguntava o que pensava, ela encolhia os ombros e devolvia-lhe a pergunta. Mas um dia, num dos serões, Ruthie foi direta ao cerne da questão.

- Não acredita em Deus?

Sem saber como responder, Angel disse:

- A minha mãe era católica.

Andrew ficou boquiaberto.

- O Irmão Bartholomew disse que eles veneram ídolos. - Elizabeth corou vivamente ao ouvir o comentário do filho e John tossiu. Andrew pediu desculpa.

- Não há necessidade - disse Angel. - A minha mãe não venerava nenhuns ídolos, que me lembre, mas rezava muito. - Não que alguma vez lhe tivesse servido de alguma coisa.

- Pelo que é que ela rezava? - perguntou a impetuosa Ruthie.

- Por libertação. - Decidida a não participar num debate religioso, pegou nos tecidos que Michael comprara para as suas roupas novas. Instalara-se na cabana um silêncio pesado que fazia com que Angel sentisse picos na pele.

- O que é que quer dizer *libertação*? - perguntou Ruthie.

- Falamos sobre isso mais tarde - disse Elizabeth, a calá-la. - Agora, os meninos têm trabalhos da escola para fazer. - Levantou-se e pegou nos livros escolares dos filhos. Angel ergueu a cabeça ao fim de um momento e viu o olhar meigo de Michael posto nela. O seu coração estremeceu estranhamente. Desejou estar na escuridão fresca e calma do celeiro sem ninguém reparar nela, nem sequer este homem que acabara por ter demasiada importância.

Voltou a concentrar-se no tecido que tinha no regaço. O que fazer primeiro? Como nunca costurara as suas próprias roupas, não sabia como começar. Pensava em todo o dinheiro que Michael gastara e receava cortar mal os tecidos e estragá-los.

- Parece abatida. - Miriam sorriu. - Não gosta de costurar?

Angel sentiu o rubor subir-lhe às faces. Sentia-se humilhada pela sua ignorância e inexperiência. É claro que Elizabeth e Miriam saberiam exatamente o que fazer. Qualquer rapariga *decente* seria capaz de fazer uma blusa e uma saia.

Miriam subitamente pareceu ficar embaraçada, como se tivesse compreendido que chamara a atenção para o que não devia. Fez um sorriso hesitante a Angel.

- Eu não gosto lá muito. A minha mãe é que é a costureira da família.

- Adorava ajudá-la - ofereceu-se Elizabeth.

- Já tem muito que fazer - disse Angel bruscamente.

Miriam ficou toda animada.

- Oh, deixe a minha mãe fazer-lhe a roupa, Amanda. Ela adora costurar, e não tem tido muito com que trabalhar no último ano. - Sem esperar por uma resposta, pegou no tecido e passou-o à sua mãe.

Elizabeth riu-se, parecendo encantada.

- Importa-se, Amanda?

- Acho que não - disse Angel. Sobressaltou-se com surpresa quando Ruthie lhe trepou para o regaço.

Miriam sorriu.

- Aos irmãos, ela só morde.

Angel tocou no cabelo escuro e sedoso da menina e ficou encantada. A pequena Ruth era macia e fofinha, com faces rosadas e uns olhos castanhos brilhantes. Angel sentiu uma dor de luto no coração. Como teria sido o seu próprio filho? Tentou arredar a horrível recordação do Duque e do médico e saborear o afeto daquela criança. A criança tagarelava sem parar, e Angel acenava com a cabeça e escutava-a. Ao erguer a cabeça, deu com o olhar de Michael. *Ele quer filhos*, pensou, e a ideia foi como um murro no estômago. E se ele soubesse que ela não podia ter

filhos? O seu amor por ela morreria então? Não conseguiu sustentar o olhar dele.

- Paizinho, toca-nos violino? - pediu Miriam. - Já não toca há tanto tempo.

- Paizinho, *por favor!* - imploraram Jacob e Leah.

- Está arrumado na arca - disse ele, com um olhar toldado de tristeza. Angel esperava que aquilo fosse o fim da conversa, mas Miriam era persistente.

- Não, não está. Eu tirei-o esta manhã. - John lançou à filha um olhar reprovador, mas ela limitou-se a sorrir, ajoelhou-se ao seu lado e pousou uma mão no seu joelho. - Por favor, Paizinho. - A sua voz era muito meiga. - «Para tudo há um momento e um tempo para cada coisa que se deseja debaixo do céu.» Lembra-se? «Tempo para chorar e tempo para rir; tempo para se lamentar e tempo para dançar.»

Elizabeth ficara parada onde se encontrava, com as mãos no tecido estendido em cima da mesa da ceia. Quando John olhou para ela, os seus olhos estavam escuros com dor. Os dela estavam marejados de lágrimas.

- Já foi há muito tempo, John. Tenho a certeza de que a Amanda e o Michael iam gostar de te ouvir.

Miriam acenou a Leah, que foi buscar o instrumento e o arco e depois os estendeu ao pai. Ao fim de um longo momento, ele pegou neles e pousou-os no regaço.

- Afinei-o esta tarde, enquanto o pai estava no campo - confessou Miriam enquanto ele passava os dedos pelas cordas. A seguir, erguendo o violino, pousou-o debaixo do queixo e começou a tocar. Às primeiras notas da melodia, os olhos de Miriam inundaram-se de lágrimas e começou a cantar com uma voz aguda e pura. Quando ele acabou de tocar, pousou de novo o violino no regaço.

- Foi lindo - disse, claramente comovido. Tocou no cabelo da sua filha. - Para o David, hum?

- Sim, Paizinho.

Elizabeth ergueu a cabeça, com as lágrimas a correrem-lhe pelas faces.

- O nosso filho - disse a Angel e a Michael. - Só tinha catorze anos quando... - A sua voz ficou embargada e ela desviou o olhar.

- Tinha voz de contralto - disse Miriam. - Tinha uma voz maravilhosa. Preferia de longe canções animadas, mas «Amazing Grace» era o seu hino favorito. Ele era tão cheio de vida e aventura.

- Morreu perto de Scott's Bluff - conseguiu dizer Elizabeth. - O cavalo atirou-o para o chão quando ele estava a perseguir um búfalo. Bateu com a cabeça.

Ninguém falou durante muito tempo.

- A Vovó morreu no Humboldt Sink - disse finalmente Jacob, quebrando o silêncio.

Elizabeth sentou-se lentamente.

- Éramos a única família que lhe restava, e quando decidimos vir para Oeste, ela veio connosco. Não estava bem de saúde.

- Ela não se arrependeu, Liza - disse John.

- Eu sei, John.

Angel pensou se Elizabeth estaria arrependida. Talvez nunca tivesse querido partir da sua casa. Talvez tudo isto fosse ideia de John. Angel olhou de um para o outro e perguntou-se se John estaria a pensar a mesma coisa, mas quando Elizabeth se recompôs e olhou para o marido do outro lado da cabana, não havia ressentimento na sua expressão. John pegou de novo no violino e tocou outro hino. Michael cantou também dessa vez. A sua voz forte e grossa enchia a cabana, e as crianças ficaram boquiabertas.

- Ora bem! - exclamou Elizabeth, sorrindo encantada. - O Senhor abençoou-o de facto, Mr. Hosea.

Os rapazes queriam cantar canções da estrada, e o pai deles fez-lhes a vontade. Quando esgotaram o repertório, Michael falou-lhes sobre Ezra e os escravos que cantavam

nos campos de algodão. Cantou uma das canções de que se recordava. Era profunda e melancólica.

- «Swing low, sweet chariot, comin' for to carry me home...» - a voz de Michael trespassou o coração de Angel.

Sentia-se tensa quando por fim voltou com Michael para o celeiro. Os *e se* andavam-lhe à volta na cabeça. E se a Mamã tivesse casado com um homem como John Altman? E se ela própria se tivesse criado numa família como aquela? E se ela tivesse vindo para Michael inteira e pura?

Mas não acontecera dessa maneira, e desejá-lo não tornava as coisas melhores.

- Eras capaz de ter grande sucesso no Silver Dollar Saloon - disse ela, tentando falar num tom ligeiro. - O cantor que lá tinham não era tão bom como tu, nem de longe. Costumava cantar algumas das tuas melodias - acrescentou ironicamente -, mas as letras eram diferentes.

- Aonde julgas que a Igreja foi buscar a maior parte da música? - disse Michael com uma risada. - Os pregadores necessitam de melodias reconhecíveis para os fiéis cantarem todos. - Cruzou os braços por trás da cabeça. - Talvez eu tivesse conseguido converter algumas pessoas.

Estava a brincar com Angel, e ela não queria sentir-se ainda mais amolecida em relação a Michael. Ele já lhe causava um aperto no peito. Quando olhou para ele, sentiu os nervos à flor da pele.

- As letras que eu podia cantar-te são ofensivas. - Sentiu o silêncio pensativo dele enquanto se despia e se metia por baixo dos cobertores. O coração batia-lhe tão fortemente que pensou se ele conseguiria ouvi-lo. - E não tentes ensinar-me as tuas - disse. - Não vou cantar louvores a Deus por nada.

Ele não lhe virou as costas como ela esperava. Puxou-a para os seus braços fortes e beijou-a até ela mal conseguir respirar.

- Ainda não, de qualquer maneira - disse ele. As suas mãos atijaram a faísca dentro dela até se tornar chama,

mas ele não a apagou. Dava-lhe o espaço e a liberdade que ela julgava querer e deixou-a arder.

*

Daí a uns dias, Elizabeth tinha uma blusa de xadrez amarelo e uma saia da cor da ferrugem prontas para provar. Angel sentia-se hesitante em despir-se, embaraçada com o mau estado da roupa interior usada de Tessie.

- Precisa de ser apertada aqui, Mãezinha - disse Miriam, encolhendo uns dois centímetros na cintura.

- Sim, e um pouco mais de volume atrás, acho eu - disse Elizabeth, enfunando o tecido na parte de trás da saia.

Angel sentia-se perturbada por Elizabeth e Miriam se darem a tanto trabalho por ela. Quanto menos fizessem, menos lhes deveria.

- Vou andar a trabalhar na horta com estas roupas.

- Mas não precisas de parecer uma criada a trabalhar - disse Miriam.

- Não quero que isto seja um incómodo para vocês. - A indumentária era encantadora tal como estava. Não precisava de lhe assentar na perfeição.

- Um incómodo? - disse Elizabeth. - Que tolice. Já não me divertia tanto há meses. Pode tirar a roupa agora. Tenha cuidado com os alfinetes.

Enquanto Angel despia a saia e a blusa e pegava rapidamente na roupa interior velha de Tessie, viu o olhar de compaixão que Elizabeth lançou à camisola velha e às culotes no fio. Se ela tivesse as suas coisas do Palace, estas senhoras ficariam impressionadas. Provavelmente, nunca tinham visto roupa interior de cetim e renda de França ou roupões de seda da China. O Duque vestira-a só com as mais finas roupas. Até mesmo à Duquesa, sovina como era, não teria passado pela cabeça vesti-la com roupas assim tão grosseiras. Mas não, ela tinha de aparecer diante delas em roupa interior feita de sacos de farinha usados.

Sentia vontade de explicar que aquelas coisas não eram suas, que pertenciam à irmã de Michael, mas isso só levantaria mais questões a que ela não queria responder. E, o que seria pior, poderia dar má impressão de Michael. Angel não queria que elas pensassem mal dele. Não sabia porque isso era tão importante, mas era. Vestiu-se rapidamente, gaguejou um agradecimento e escapou para o jardim.

Onde estaria Michael? Ela queria que estivesse por perto. Sentia-se mais segura assim. Sentia-se menos só e fora do seu elemento quando ele estava à vista. Ele e John tinham estado no campo a cavar raízes de árvores esta manhã, mas não se viam em lado nenhum agora. Os cavalos não estavam no curral. Talvez Michael tivesse levado John a caçar.

A pequena Leah estava a colher beldroegas-de-inverno à volta dos carvalhos e Andrew e Jacob estavam a pescar. Angel baixou-se para arrancar ervas daninhas e tentou não pensar em nada.

- Posso brincar aqui? - perguntou a pequena Ruth, de pé junto à cancela. - A Mamã está a lavar roupa e diz que eu estou a ser uma peste.

Angel riu-se.

- Entra, minha doçura.

Ruthie sentou-se no caminho onde ela estava a trabalhar e pôs-se a falar incessantemente enquanto arrancava as ervas daninhas que Angel lhe apontava.

- Não gosto de cenouras. Gosto de feijão verde.

- Então é aí que tu estás - disse Miriam, abrindo a cancela. - Eu disse à mãe que sabia onde te encontrar - acrescentou, acenando com o dedo à sua irmãzinha. Inclinando-se, pegou no queixo de Ruthie. - Já sabes que não deves sair de ao pé dela sem lhe dizeres para onde vais exatamente.

- Estou com a Mandy?

- A *Mandy*? - disse Miriam, endireitando-se, com os olhos postos em Angel. - Bem, a *Mandy* está a trabalhar.

Angel tirou uma cenoura pequena do cesto.

- Ela está a ajudar.

Miriam mandou Ruthie ir ter com a mãe e ajoelhou-se para trabalhar com Angel.

- Fica-te melhor - comentou, a desbastar as plantas do feijão.

- O quê? - perguntou Angel a medo.

- Mandy - disse Miriam. - Amanda não soa bem, de alguma maneira.

- O meu nome é Angel.

- A sério? - disse Miriam, erguendo as sobrancelhas teatralmente. Abanou a cabeça, com um brilho nos olhos. - Angel também não te fica bem.

- E «Hei tu» ficava?

Miriam atirou-lhe um torrão de terra.

- Acho que te vou chamar Miss Não-me-toques - decidiu.

- Já agora - acrescentou enquanto atirava ervas daninhas para o balde. - Se fosse a ti não me sentia tão embaraçada em relação à tua roupa interior. - Ao ver a reação sobressaltada de Angel, riu-se. - Havia de ver a *minha*!

*

Daí a uns dias, Elizabeth entregou a Angel algo embrulhado numa fronha e pediu-lhe que não a abrisse em frente a ninguém. Ao ver o olhar perplexo de Angel, corou e voltou a toda a pressa para a cabana. Curiosa, Angel entrou no celeiro e despejou o conteúdo da fronha. Pegando nas coisas, viu uma camisola e um par de culotes lindos. O corte e os bordados eram primorosos.

Agarrando aquelas coisas encantadoras no regaço, Angel sentiu as faces a arderem. Porque é que Elizabeth fizera aquilo? Por piedade? Nunca ninguém lhe dera alguma coisa sem esperar algo em troca. O que é que Elizabeth queria? Tudo o que ela tinha era de Michael. Até já nem

mesmo pertencia a si mesma. Voltando a enfiar as coisas na fronha, saiu do celeiro. Miriam estava a carregar água do ribeiro e Angel intercetou-a.

- Devolve estas coisas à tua mãe e diz-lhe que não preciso delas.

Miriam pousou os baldes.

- A minha mãe tinha medo que te ofendesses.

- Não me ofendi. Só não preciso delas.

- Estás zangada.

- Leva só estas coisas, Miriam. Não as quero. - Angel tentou meter-lhe a fronha na mão outra vez.

- A minha mãe fê-las especialmente para ti.

- Para poder sentir pena de mim? Bem, diz-lhe que agradeço muito e que as use ela.

Miriam ficou afrontada.

- Porque é que estás tão decidida a pensar o pior de nós? A única intenção da minha mãe era agradar-te. Ela está a tentar dizer obrigada por lhe dares um telhado e quatro paredes depois de meses a viver naquela horrível carroça!

- Não precisa de me agradecer. Se quer agradecer a alguém, diz-lhe que agradeça ao Michael. A ideia foi *dele*. - Arrependeu-se imediatamente das suas palavras agrestes quando os olhos da rapariga se encheram de lágrimas.

- Bem, então suponho que *ele* pode usar a camisola e o par de culotes, não pode? - Miriam pegou nos baldes de novo, com as lágrimas a correrem-lhe pelas faces pálidas. - Não queres gostar de nós, pois não? Decidiste que não querias!

Angel sentiu-se afetada com a dor que via no rosto de Miriam.

- Porque não ficas com essas coisas para ti? - disse mais suavemente.

Miriam não ficou apaziguada.

- Se tens a intenção de magoar a minha mãe, então fá-lo tu mesma, Amanda Hosea. Eu não vou fazê-lo por ti. Vai dizer-lhe que não queres um presente que ela fez para ti

porque gosta de ti como se fosses filha dela. E é exatamente isso que tu és, não és? Só uma criança idiota que não reconhece algo precioso quando lhe está mesmo debaixo do nariz! – Ficou com a voz embargada e afastou-se a toda a pressa.

Angel correu para o celeiro.

Com a camisola e o par de culotes nas mãos, sentou-se com as costas contra a parede. Não pensara que uns comentários ríspidos de uma rapariga ingénua pudessem magoá-la tão profundamente. Atirando com as coisas para longe, pôs as mãos em punho contra os olhos.

Miriam entrou silenciosamente e pegou nas coisas. Angel ficou à espera de que Miriam saísse com elas, mas em vez disso ela sentou-se.

– Desculpa ter falado tão zangada contigo – disse com humildade. – Não tenho tento na língua.

– Dizes o que pensas.

– Sim, é verdade. Por favor aceita o presente da minha mãe, Amanda. Ela vai ficar tão magoada se não aceitares. Trabalhou dias a fio nestas coisas e passou a manhã a arranjar coragem para tas dar. «Todas as jovens casadas deviam ter algo especial,» disse. Se lhas devolveres, ela vai ficar a saber que te ofendeu.

Angel encolheu os joelhos contra o peito. Sentia-se encurralada pela súplica de Miriam.

– Eu teria passado por vocês na estrada sem parar, naquele dia. – Com um esgar interior, sustentou o olhar de Miriam. – Vocês sabiam, não sabiam?

Miriam fez um leve sorriso.

– Mas não te importas realmente que estejamos aqui, pois não? Penso que não sabias o que achar de nós ao princípio. Mas isso mudou, não mudou? A Ruthie viu logo quem tu eras. Ao contrário do que possas pensar, ela não gosta de toda a gente que conhece. Não como gosta de ti. E eu também gosto de ti, quer isso te agrade quer não.

Angel comprimiu os lábios e não disse nada.

Miriam pegou na camisola e nas culotes e dobrou-as no regaço.

- O que me dizes?

- São coisas muito lindas. Tu devias ficar com elas.

- Já tenho algumas arrumadas na minha arca. Até ser casada, os sacos de farinha servem muito bem.

Angel viu que não iria a lado nenhum com esta rapariga.

- Não sabes o que pensar de nós, pois não? - disse Miriam. - Por vezes, olhas para mim de um modo tão estranho! A tua vida foi muito diferente da minha?

- Mais diferente do que alguma vez poderias imaginar - disse Angel sombriamente.

- A minha mãe diz que é bom falar das coisas.

Angel arqueou uma sobrancelha.

- Não me passaria pela cabeça falar da minha vida com uma criança.

- Eu tenho dezasseis anos. Não sou muito mais nova do que tu.

- A idade não tem nada a ver com os anos, no meu ofício.

- Mas já não é o teu ofício, pois não? És casada com o Michael. Essa parte da tua vida terminou.

Angel desviou o olhar.

- Nunca termina, Miriam.

- Não quando andas a carregá-la como se fosse bagagem.

Angel lançou-lhe um olhar sobressaltado. Riu-se sem alegria.

- Tu e o Michael têm muito em comum. - Ele dissera-lhe a mesma coisa uma vez. Nem um nem o outro eram capazes de compreender. Uma pessoa não podia simplesmente afastar-se das coisas e dizer que elas nunca tinham acontecido. Tinham acontecido, e deixaram feridas profundas, em carne viva, abertas. Mesmo quando as feridas saravam, havia cicatrizes. - Afasta-te só e esquece - disse num tom de troça. - Nunca é assim tão simples.

Miriam pôs-se a mexer numa palha e mudou de assunto.

- Suponho que seria necessário muito esforço, mas não valeria a pena?

- Uma coisa destas nunca nos larga.

- Talvez só não tenhas ainda fé suficiente no Michael.

Angel não queria falar sobre Michael, especialmente com uma rapariga casadoura como esta, que era muito mais adequada para ele do que ela.

- Andava a passear uma destas manhãs e vi uma cabana - disse Miriam. - Sabes quem vive nela?

- O cunhado do Michael, o Paul. A mulher dele morreu ao virem para o Oeste.

Os olhos escuros de Miriam ficaram iluminados com curiosidade.

- Porque é que ele nunca vem visitar o Michael? Estão zangados?

- Não. Ele não é lá muito sociável.

- É mais velho ou mais novo do que o Michael?

- Mais novo.

O sorriso dela era brincalhão.

- Quanto mais novo?

Angel encolheu os ombros.

- Tem vinte e poucos anos, acho eu. - Via para onde a conversa estava a encaminhar-se e não lhe agradava nada. Miriam recordava-lhe Rebecca, a prostituta que se mostrara tão interessada em Michael.

- É bonito? - persistiu Miriam.

- Suponho que, para uma jovem virginal, alguém sem verrugas nem dentes de coelho seria bonito.

Miriam riu-se.

- Bem, eu *tenho* dezasseis anos. A maior parte das raparigas já são casadas nesta idade, e eu nem tenho um namorado em vista. Naturalmente, sinto-me interessada em quem está disponível. Tenho de encontrar noivo para poder usar todas aquelas coisas bonitas que a minha mãe me fez e estão arrumadas na minha arca.

Pensar nesta doce menina com Paul perturbou muito Angel.

- As coisas bonitas não significam grande coisa, Miriam. Não realmente. Espera por alguém como o Michael. - Mal queria acreditar que dissera aquilo.

- Só há um Michael, Amanda, e é teu. Como é o Paul?

- O oposto do Michael.

- Então isso quer dizer... feio, fraco, maldisposto e sem fé?

- Não tem graça, Miriam.

- És pior do que a minha mãe. Ela recusa-se a dizer-me a mínima coisa sobre os homens.

- Não há muito a saber. Todos eles comem, defecam, fazem sexo e morrem - disse Angel sem pensar.

- És mesmo amarga, não és?

Angel estremeceu interiormente. Esta rapariga não poderia compreender, de maneira nenhuma. Não sem ter tido a experiência do Duque. Devia ter guardado os seus pensamentos para si em vez de se sair com eles irrefletidamente. O que poderia dizer? *Fui violada aos oito anos por um homem crescido? Quando ele se cansou de mim, passou-me à Sally, e ela ensinou-me a fazer coisas que uma boa menina nem sequer conseguiria imaginar?*

Esta moça devia manter-se inocente, encontrar um jovem, casar virgem, ter filhos dele e uma família tal e qual como aquela de que provinha. Não precisava de ser poluída.

- Não me perguntes nada sobre os homens, Miriam. Não te agradaria o que eu te diria.

- Espero que um homem olhe para mim um dia como o Michael olha para ti.

Angel não lhe disse que os homens olhavam para ela assim há mais tempo do que queria recordar. Não significava absolutamente nada.

- O meu pai diz que preciso de um homem forte que tenha mão firme em mim - disse Miriam. - Mas eu quero

um homem que também precise de mim. Quer alguém que possa ser terno e forte.

Angel olhou Miriam com atenção, a vê-la sonhar acordada no celeiro com o seu Príncipe Encantado. Talvez as coisas fossem diferentes se Michael tivesse conhecido Miriam primeiro. Como conseguiria não a ter amado? Ela era uma rapariga cheia de vivacidade, pura e devota. Miriam não tinha fantasmas. Nenhum diabo no seu passado.

Miriam pôs-se de pé e sacudi a palha da saia.

- É melhor eu parar de sonhar e ir ajudar a minha mãe a lavar a roupa. - Inclinou-se e pôs a camisola e as culotes no regaço de Angel. - Porque não experimentas estas coisas antes de tomares uma decisão?

- Eu não magoaria a tua mãe por nada, Miriam.

Os olhos da rapariga encheram-se de lágrimas.

- Não me pareceu que fosses capaz. - Foi-se embora.

Angel encostou a cabeça para trás. Desde o início, o Duque comprara-lhe um guarda-fatos cheios de vestidos com folhos e aventais de renda branca e enchera as gavetas da sua cómoda com fitas e laços de cetim. A maior parte da sua roupa era feita em Paris.

- *Mostra-te agradecida* - dizia-lhe Sally, dando-lhe banho e vestindo-a com mil cuidados para as visitas do Duque. - Tenta lembrar-te de que estarias a morrer à fome nas docas se não fosse o Duque. Diz obrigada com sinceridade. Dá *graças* por dele. Se te tornares demasiado difícil, o Duque vai arranjar outra menina pequena que seja boazinha, e o que é que achas que te vai acontecer a ti então?

Aquele aviso continuava a provocar arrepios a Angel. Aos oito anos, pensara que o Duque ordenaria a Fergus que a estrangulasse com o seu cordão preto fino e a atirasse para um beco onde seria comida por ratazanas. Portanto, tentava sentir-se grata, mas nunca resultava. Temia o Duque e odiava-o. Só mais tarde é que a sua terrível dependência da boa vontade dele a fizera pensar que o

amava. Não demorara muito tempo a compreender a verdade.

O Duque ainda a assombrava. Ainda era dono da sua alma.

Não, não é. Eu estou na Califórnia. Ele está a quatro mil milhas, e não pode encontrar-me. Ela estava com Michael e os Altman, e podia decidir mudar a sua vida. Não podia?

Olhou para as peças de vestuário imaculadas no seu regaço. Elizabeth não queria nada dela. Ao contrário do Duque, dera-lhe um presente de graça, sem esperar nada em troca.

As palavras do Duque troçavam dela, do fundo do seu ser. *«Toda a gente quer alguma coisa, Angel. Ninguém te dá nada sem esperar algo em troca.»*

Fechou os olhos e viu o rosto doce e pensativo de Elizabeth.

– Já não acredito em ti, Duque.

A sério?

Rebelando-se contra o eco da voz dele, levantou-se rapidamente e despiu-se. Vestiu a nova camisola interior e as culotes. Serviam-lhe na perfeição. Pôs os braços à volta do corpo. Ia vestir-se e procurar Elizabeth e agradecer-lhe como era devido. Ia fingir que era pura e inteira e não permitir que os pesadelos dos últimos dez anos destruíssem a sua vida.

Não desta vez. Não se pudesse evitá-lo.

Vinte

*De todas as paixões baixas,
O medo é a mais maldita.*

SHAKESPEARE

Michael sentia-se preocupado por Amanda estar cada vez mais ligada à família Altman. John ainda falava sobre o Oregon como se fosse um paraíso, e a primavera aproximava-se. Mal o tempo melhorasse, John estaria pronto a seguir viagem. Michael sabia que não poderia contar com as mulheres da família de John para o reterem. Uma terra boa seria a única maneira de o fazer mudar de ideias.

A jovem Miriam claramente adorava Amanda como uma irmã, e Ruth seguia-a constantemente como uma sombra. Elizabeth pensava que a ligação da sua filha mais nova a Amanda era encantadora, mas Michael via perigo nela. Amanda andava a abrir o coração um pouco mais a cada dia que passava. O que lhe aconteceria se os Altman pegassem em armas e bagagens e partissem?

Parou de cavar as raízes de uma árvore e olhou para trás, na direção da cabana. Amanda estava a levar dois baldes de água do ribeiro. Elizabeth fizera uma fogueira onde estava um panelão para lavar a roupa e Miriam estava a separar as roupas no cesto. A pequena Ruth saltitava ao lado de Amanda, a tagarelar alegremente.

Do que ela precisa é de um filho, Senhor.

- A minha pequerrucha realmente afeiçãoou-se à Amanda, não acha? - disse John, apoiando-se na picareta e olhando para Ruthie e Amanda.

- Afeiçãoou-se mesmo.

- Há alguma coisa a preocupá-lo, Michael?

Michael bateu com a bota na pá e atirou com a terra para o lado.

- Vai para norte com a sua família e vai partir o coração à minha mulher.

- Já para não mencionar o da Liza. Ela adotou a sua mulher, se não tinha reparado.

- Há terra boa aqui mesmo.

- Não tão boa como no Oregon.

- Não vai encontrar aquilo que procura no Oregon ou noutro sítio qualquer.

Michael falou a Amanda nessa noite sobre venderem uma parte da sua terra aos Altman.

- Queria falar do assunto contigo antes de o mencionar a ele.

- Não vai fazer diferença nenhuma, pois não? Ele passou o serão todo a falar sobre o Oregon. Mal pode esperar para partir.

- Ainda não viu o lado oeste do vale - disse Michael. - Talvez mude de ideias depois de o ver.

Angel sentou-se muito direita, com um aperto no peito ao pensar em Miriam e Ruth a partirem para o Oregon.

- De que serve? Depois de um homem decidir alguma coisa, não há nada que possa fazê-lo mudar de ideias.

- O John anda à procura de boas terras de cultivo.

- O John anda à procura do pote de dinheiro ao fundo do arco-íris!

- Então, nós damos-lho. - Michael sentou-se para cima ao lado dela na cama e puxou-a a si. - Ele quer o melhor para a família. A ponta oeste do campo é a melhor terra que temos.

- Ele só fala do Oregon. A Elizabeth não quer ir. Nem a Miriam.

- Ele julga que Willamette Valley é o Paraíso.

Angel soltou-se dos seus braços e levantou-se.

- Então, devia ter ido logo para lá em vez de parar aqui. - Pôs os braços à volta do corpo e encostou-se à parede, a olhar para a cabana. Estava às escuras, a luz apagada. Os Altman estavam todos a dormir. - Quem me dera que nunca tivessem vindo para cá. Quem me dera nunca ter conhecido nenhum deles.

- Ainda não se foram embora.

Ela olhou para ele, o seu rosto branco à luz da lua.

- O Oregon é assim tão maravilhoso? É o Paraíso, como ele pensa que é?

- Não sei, Tirza. Nunca estive lá.

Tirza. O seu desejo por ela estava nesse nome. Angel sentia um calor palpitante descer-lhe à barriga quando ele o dizia. *Tirza.* Tentou não pensar no que significava, mas ao ouvir o restolhar suave da palha quando ele se levantou, o seu coração deu-lhe um salto no peito. Ergueu a cabeça a vê-lo aproximar-se e sentiu que mal conseguia respirar. Quando ele lhe tocou, ela teve um acesso de calor e sentiu medo. Que poder era este que ele tinha sobre ela?

- Não percas a esperança - disse ele, sentindo-a contrair-se ao puxá-la para os seus braços. Queria dizer-lhe que podiam ter um filho, mas havia tempo suficiente para isso, e este não era o momento. Ainda não. - O John pode mudar de ideias quando vir o que estamos a oferecer.

Ela não acreditava que John acederia sequer a ir ver o terreno, mas ele foi. Os dois homens partiram a cavalo no dia seguinte, logo a seguir ao amanhecer. Angel viu Miriam atravessar o terreiro a correr, com o xaile atirado à toa sobre os ombros. Abriu a porta do celeiro e subiu até meio da escada, a chamá-la.

- Mandy, eu também quero ver o lado oeste do vale. São só umas milhas, pelo que disse o Michael.

Angel desceu a escada.

- Não vai fazer diferença nenhuma.

- És tão negativa como a minha mãe. Nós ainda não fizemos as malas nem nos pusemos a caminho.

Miriam foi a falar na maior parte do caminho, a inventar todo o tipo de planos excêntricos para evitar a partida do pai. Angel sabia, depois de conhecer John Altman há um mês, que se ele dissesse «Vamos!» Elizabeth e Miriam iriam.

- Ali estão o meu pai e o Michael - disse Miriam -, mas quem é aquele homem que está com eles?

- É o Paul - disse Angel, a preparar-se para a situação. Não o via desde aquela maldita viagem para Pair-a-Dice, e não tinha nenhuma vontade de o encarar agora. Mas que desculpa poderia usar para dar meia volta?

Miriam nem sequer reparou no nervosismo dela, com a curiosidade a esporeá-la. Os três homens avistaram-nas. Michael acenou com a mão. Angel cerrou os dentes. Não tinha outra opção a não ser avançar. Perguntou-se que forma assumiria o ataque de Paul desta vez.

Michael veio ao encontro dela. Angel forçou um sorriso e manteve o queixo erguido.

- A Miriam queria vir.

Ele beijou-lhe a face.

- Ainda bem que ela te arrastou até aqui.

Os homens tinham estado a cavar. Miriam pegou em alguma terra. Esboroou-a na mão e cheirou-a. Os seus olhos brilhavam ao olhar para o pai.

- É suficientemente boa para se comer.

- Não conseguiria arranjar muito melhor.

- Nem no Oregon, Paizinho?

- Nem no Oregon.

Com um gritinho, Miriam catapultou-se para os braços do pai, a rir e a chorar.

- Espere só até a Mãezinha saber!

- Não se pode dizer nada à tua mãe. Só quando tivermos construído uma cabana para ela. Promete-me.

Miriam limpou as lágrimas.

- Basta uma menção ao Oregon, Paizinho, e dou com a língua nos dentes.

Angel lançou um olhar a Paul. O olhar dele roçou no dela. Estava cheio de um ódio silencioso e fervilhante. Angel apertou mais o xaile ao corpo. Tirara-lhe uma boa quantidade de sangue naquele dia na estrada. Enfiara a faca tão profundamente quanto conseguira. Ele olhou de novo para ela, mais tempo desta vez. Um animal ferido, enraivecido e perigoso.

- O Paul é bonito - disse Miriam no caminho de regresso.

- Tem uns olhos tão escuros e melancólicos.

Angel não disse nada. Antes de se afastar no seu cavalo, Paul tinha levado a mão ao chapéu, a cumprimentá-la. Ninguém a não ser ela reparara, nem viram a expressão nos seus olhos - uma expressão que a remetia para o Inferno.

*

Os homens começaram a trabalhar na manhã seguinte. Paul veio ter com eles, com o seu machado e a sua enxó. Michael encontrou quatro pedras grandes para os alicerces. Começaram a abater árvores.

Jacob ficou a par do segredo no terceiro dia, quando seguiu Miriam com o almoço. Fizeram-no jurar segredo e pôs-se a trabalhar. Quando Michael e John regressaram com ele, o rapazinho estava demasiado cansado para falar.

- O que é que lhe estão a fazer? - perguntou Elizabeth. - Mal consegue manter a cabeça levantada do guisado.

- Limpar a terra é trabalho duro.

Angel trabalhava com Elizabeth. Queria evitar Paul, mas, mais ainda, queria passar mais tempo com Elizabeth e Ruthie. Elizabeth pressentia-o e pedia-lhe para olhar pelos filhos enquanto fazia pão. Angel aprendeu a brincar à

apanhada, às escondidas, à cabra-cega e ao jogo do eixo. Punha-se na margem do ribeiro a atirar pedras com Ruthie e Andrew. Acima de tudo, pensava no pouco tempo precioso que lhe restava com eles.

- As crianças seguem-na como pintainhos - disse Elizabeth a John. - É como uma irmã mais velha para eles.

Miriam chamava Angel à parte.

- As paredes já estão erguidas. - Depois: - O telhado está montado. - A cada relatório, o coração de Angel caía-lhe aos pés. - O Paul fez telhas suficientes para cobrir o telhado. - Depois: - O Michael e o Paul estão a fazer a lareira. - Daí a uns dias, a cabana ficaria terminada, e os Altman ir-se-iam embora. Duas milhas começavam a parecer duas mil.

Paul seria o vizinho mais próximo deles. Quanto tempo levaria a envenenar o afeto deles?

O tempo estava límpido e a aquecer.

- Não há razão para continuarmos a abusar da hospitalidade dos Hoseas - disse John. - Chegou a hora de encontrarmos um sítio nosso. - Disse a Elizabeth que comesse a fazer as malas.

Pálida e com os lábios comprimidos, Elizabeth meteu mãos ao trabalho.

- Nunca a vi tão zangada - disse Miriam. - Não dirige uma palavra ao meu pai desde que ele lhe disse que íamos partir. Agora é pura teimosia maldita que o impede de lhe contar o que se passa.

Angel ajudou Miriam a carregar a carroça. Andrew encheu o barril de água que pendia de um dos lados e Jacob ajudou John a atrelar os cavalos. Quando Elizabeth veio abraçá-la, Angel não conseguiu falar.

- Vou sentir muitas saudades suas, Amanda - segredou Elizabeth em voz embargada. Fez-lhe uma festa na face como se ela fosse um dos seus filhos. - Tome conta daquele seu homem. Não há muitos como ele por aqui.

- Sim, minha senhora - disse Angel.

Miriam apertou-a ao peito com força e segredou:

- És uma atriz maravilhosa. Parece mesmo que te estás a despedir de nós para sempre. - A pequena Ruth estava inconsolável e agarrou-se a Angel de tal modo que ela pensou que o seu coração iria partir-se. Porque é que não iam simplesmente embora de uma vez? Miriam pegou em Ruthie, segredou algo que silenciou a criança e depois pegou nela e pousou-a na parte de trás da carroça com Leah. Ruth olhou para Angel, e o seu rosto estava animado. Todas as crianças sabiam o segredo agora.

- Eu dou-te uma mão para subires, Liza - disse John.

Ela não olhou para ele.

- Obrigada, mas acho que vou a pé um bocado.

Mal partiram, Michael foi pôr a sela no seu cavalo. Angel ficou de pé no terreiro, a ver a carroça afastar-se. Já sentia saudade deles e parecia-lhe que o fosso se alargava como uma ravina que ela não poderia atravessar. Recordava-se de quando a Mamã a mandara com Cleo para a beira-mar. Entrou em casa e encheu um cesto com biscoitos doces e maçãs de inverno. Nada ia ser o mesmo.

Paul estava na cabana quando os dois chegaram. Tinha um lombo de veado a assar no espeto. Angel pendurou as cortinas que Elizabeth fizera para a cabana de Michael enquanto os homens conversavam. Michael saiu para ver se avistava os Altman. Angel sentiu o olhar frio de Paul nas suas costas.

- Aposto que não sabem nada sobre ti, pois não, Angel?

Ela virou-se e olhou-o de frente. Ele não acreditaria na verdade se ela lha contasse.

- Eu gosto muito deles, Paul, e não quereria magoá-los.

Ele fez um sorriso sarcástico.

- Queres dizer que esperas que eu guarde segredo do teu passado sórdido.

Angel viu que de nada valeria apelar para ele.

- Quero dizer que tu vais fazer o que pensares que tens de fazer - disse inexpressivamente. Quanto tempo

demoraria a ele os fazer vê-la como ela era realmente? Passaria pouco tempo até se aperceberem da animosidade dele, e perguntar-se-iam porquê. O que poderia ela dizer-lhes? *«Ele queria que eu pagasse a boleia e eu paguei-lhe na única moeda que tinha?»*

Porque se permitira envolver-se com estas pessoas? Porque se permitira gostar delas? Sabia desde o início que era um erro.

- O amor é debilitante - dissera Sally.

- Alguma vez amaste?

- Uma vez.

- Quem era?

- É o Duque. - Soltou uma risada amarga. - Mas fui sempre demasiado velha para ele.

Uma voz fria interrompeu-lhe os pensamentos.

- Estás com medo, não estás? - O sorriso de Paul era frio como uma pedra. Angel saiu da cabana. Não conseguia respirar lá dentro. A dor já estava a começar. Era a mesma dor que sentira no dia em que ouviu o seu pai dizer que desejava que ela nunca tivesse nascido, a mesma dor de quando a Mamã morreu, a mesma de quando soube da morte de Lucky. Sentira até dor na primeira vez que o Duque a dera a outro homem.

Todas as pessoas de quem se aproximava deixavam-na. Mais cedo ou mais tarde, iam-se embora. Ou morriam. Ou perdiam o interesse. Amava-se alguém, e estava garantido. A Mamã, Sally, Lucky. Agora Miriam, Ruthie e Elizabeth.

Como posso ter-me esquecido da sensação que dava?

Porque o Michael te alimentou as esperanças, e a esperança é mortífera.

Sally dissera-lhe uma vez que uma pessoa tinha de ser como uma pedra, porque os outros estavam sempre a britá-la, e essa pedra tinha de ser suficientemente grande para nunca chegarem ao seu coração.

Angel viu Michael de pé à luz do sol, forte e belo. Sentiu um aperto no peito. Ele, mais do que qualquer outro, tinha-

a britado, e mais cedo ou mais tarde sairia da sua vida e deixaria um buraco onde antes estava o seu coração.

Ele aproximou-se dela, e quando viu a expressão do seu rosto ficou com um olhar sombrio.

- O Paul disse alguma coisa para te magoar?

- Não - respondeu ela em voz rouca. - Não. Não disse nada.

- Alguma coisa te perturbou.

Estou a apaixonar-me por ti. Oh, Deus, eu não quero, mas estou. Tu estás a tornar-te o ar que respiro. Estou a perder a Elizabeth e a Miriam e a Ruthie. Quanto tempo falta para te perder a ti também? Desviou o olhar.

- Não houve nada que me perturbasse. Só estou preocupada com o que Elizabeth dirá disto tudo.

Não demorou muito tempo a ter a resposta. A carroça apareceu no cimo da colina e aproximou-se. Elizabeth fitava incrédula, olhando da cabana para John, que saltou do assento com um sorriso rasgado no rosto. Depois, Elizabeth chorou e atirou-se para os braços de John, dizendo-lhe que ele era um miserável e que o adorava.

- Devia pedir desculpa, Mãezinha - disse Miriam a rir. - Tem sido horrível para ele desde que saímos da casa dos Hosea. - John pegou na mão da sua mulher e foram dar um passeio para ver as suas terras.

Miriam meteu mãos ao trabalho na cabana, mas pouco depois parou e olhou para Angel.

- Tu e o Paul não se dão bem, pois não?

- Nem por isso - disse Angel. Ruthie puxou-lhe pela saia, e Angel pegou nela ao colo, encostando-a à anca.

- Oh, não, nem penses. - Miriam secou as mãos, pegou em Ruth e pousou-a no chão. - A Mandy tem de me ajudar a fazer um bolo, e precisa de ambas as mãos para isso. Não me faças beicinho, minha menina. - Virou-se e pregou uma palmada leve no traseiro da garota. - O Michael está lá fora. Pede-lhe que te leve às cavalitas. - Pousou as tigelas e

lançou um olhar a Angel. – Agora, diz-me a que vem tudo isso.

– O quê?

– Sabes do que falo. Tu e o Paul. Ele estava apaixonado por ti antes de te casares com o Michael?

Angel soltou uma risada sardónica.

– De maneira nenhuma.

Miriam franziu a testa.

– Ele não aprovava.

– Não aprova – disse Angel. – Com boas razões.

– Diz-me uma.

– Não precisas de saber tudo, Miriam. Já sabes mais do que devias.

– Se eu lhe perguntasse ele dizia-me? – desafiou Miriam.

Um espasmo de dor perpassou no rosto de Angel.

– Provavelmente.

Miriam afastou uma madeixa de cabelo dos olhos, deixando uma mancha de farinha na face.

– Então eu não lhe pergunto.

Angel adorava-a. Num minuto era uma criança como Ruth, cheia de entusiasmo e travessura, e no seguinte uma mulher com ideias formadas.

– Não penses muito mal dele – disse. – Ele estava a olhar pelos interesses do Michael. – Sacudiu a peneira uma última vez e pô-la de lado. – Conheci uma vez uma rapariga que recebeu um pedaço de ametista de presente. Era linda. Uns cristais de um púrpura vivo. O homem disse-lhe que era de um ovo de pedra que ele tinha rachado, e parte do exterior ainda estava nela. Cinzento, sujo e macio. – Olhou para Miriam. – Eu sou assim, Miriam. Só que é ao avesso. Toda a beleza está aqui. – Tocou na trança e no seu rosto perfeito. – Por dentro, é escuro e feio. O Paul viu isso.

Vieram lágrimas aos olhos a Miriam.

– Então ele não olhou com suficiente atenção.

– Tu és muito querida, mas muito ingénua.

- Sou ambas essas coisas e nem uma nem outra. Penso que não me conheces nem metade tão bem quanto julgas.

- Conhecemo-nos uma à outra tão bem quanto alguma vez nos conheceremos.

O dia foi ficando tão quente e límpido que Miriam estendeu mantas para fazerem um piquenique. Angel viu Michael e Paul a conversarem. Sentiu um nó no estômago ao pensar nas coisas horríveis que Paul poderia relatar todo contente a Michael sobre o sangue-frio dela na estrada. O caráter grotesco daquilo provocava-lhe náuseas. Como veria Paul o que acontecera entre os dois? Como um negócio, pura e simplesmente? Um ato imoral sem sentimento? Não admirava que só visse podridão negra dentro dela, a lepra da sua alma. Ela não lhe mostrara nada mais.

Pôs-se a observar Michael discretamente, ansiosa por que ele olhasse na sua direção só para mostrar que as coisas estavam bem, mas ele parecia concentrado no que Paul estava a dizer.

Tentou acalmar o coração. Michael vira-a num lugar pior do que Paul poderia imaginar, e mesmo assim acolhera-a de novo. Mesmo depois de ela o abandonar e trair, ele lutou por ela. Nunca o compreenderia. Pensara que homens como ele eram fracos, mas Michael não era fraco. Era calmo e firme, como uma rocha. Como podia olhar para ela com algo a não ser ódio depois de tudo o que ela fizera? Como podia *amá-la*?

Talvez não tivesse ainda apreendido a realidade de *Angel*. Quando isso acontecesse, olharia para ela como Paul olhava. O que via agora estava toldado pela a sua fantasia de uma mulher redimível.

Mas é tudo uma mentira. Eu só estou a desempenhar um papel. Um dia, o sonhador acordará e a vida voltará a retomar o seu velho padrão.

Enquanto conversava e trabalhava com Miriam, fingia que nada estava a incomodá-la. O silêncio interior sombrio

foi aumentando, familiar e pesado, a abatê-la por dentro. Escorou as fendas nos seus muros e preparou-se para o ataque que se avizinhava. No entanto, de cada vez que olhava para Michael, baixava as guardas.

Mas o passado estava sempre a alcançá-la, por mais que ela fugisse para longe. Por vezes, sentia-se como se estivesse numa estrada e pudesse ouvir o som duro dos cascos dos cavalos a aproximarem-se, como se uma carruagem estivesse a vir direta a ela e ela não conseguisse afastar-se do seu caminho. Na sua mente, via-a precipitar-se para ela, e dentro vinham o Duque, Sally, Lucky, a Duquesa e Magowan. E no assento do condutor estavam Alex Stafford e a Mamã.

E iam todos atropelá-la.

Elizabeth e John regressaram. Angel viu como John tocava ternamente na sua mulher e reparou em como Elizabeth corava. Angel vira aquela mesma expressão no rosto de outros homens, mas não lhe sorriam de olhos postos nos dela daquela maneira. Com ela, era só negócio.

A cabana estava cheia de gente, e Angel saiu para o campo de flores de mostarda para se sentar. Queria esvaziar a mente. Queria que a angústia se fosse embora. Ruthie veio ter com ela. As ervas da mostarda eram mais altas do que Ruthie, e a menina achava que era uma grande aventura abrir caminho naquela floresta dourada. Angel viu-a espalhar flores e perseguir uma borboleta branca. O seu coração contraiu-se com força.

Esta noite, ela e Michael iriam embora, e seria o fim daquilo. Ela deixaria de ver Ruthie. Ou Miriam. Ou Elizabeth. Ou os outros. Apertou os joelhos contra o peito. Desejava que Ruthie voltasse e quisesse colo. Desejava cobrir o seu doce rosto com beijos, mas a criança não compreenderia e ela não poderia explicar.

Ruth voltou para junto dela, de olhos brilhantes com entusiasmo infantil. Sentou-se ao lado de Angel.

- Viste, Mandy? A primeira borboleta.

- Sim, querida. - Tocou no seu sedoso cabelo escuro.

Ruth fitou-a com os seus olhos castanhos rasgados e cintilantes.

- Sabias que elas vêm de *minhocas*? A Miriam disse-me.

Ela sorriu.

- Ai sim?

- Algumas são peludas e bonitas, mas não sabem bem - disse Ruth. - Comi uma quando era pequena. Era horrível.

Angel riu-se e pôs Ruth no seu regaço. Fez cócegas na barriga da menina.

- Ora bem, então acho que não vais comer outra, pois não, meu ratinho?

Ruth riu-se e saltou do regaço de Angel para colher mais flores da mostarda. Arrancou uma planta pela raiz.

- Agora que temos uma cabana, tu e o Michael vão vir viver connosco?

- Não, minha querida.

Ruth olhou para ela, surpreendida.

- Porque não? Porque é que não querem?

- Porque agora nós temos as nossas próprias cabanas.

Ruth voltou e pôs-se diante dela.

- O que se passa, Mandy? Não te sentes bem?

Angel tocou o seu cabelo macio de bebé.

- Sinto-me ótima.

- Bem, então cantas-me uma canção? Nunca te ouvi cantar.

- Não posso. Não sei cantar.

- O meu papá diz que *todas* as pessoas sabem cantar.

- Tem de vir de dentro, e a mim não me resta nada dentro.

- A sério? - perguntou Ruth, admirada. - Como é que isso aconteceu?

- Saiu tudo.

Ruth franziu a testa, a examinar criticamente Angel da cabeça aos pés.

- A mim pareces-me bem.

- As aparências podem enganar.

Ainda perplexa, Ruth sentou-se ao colo de Angel.

- Então canto-te eu a ti. - As palavras e as melodias estavam todas misturadas, mas Angel não se importava. Sentia-se contente por ter Ruthie ao colo e a fragrância forte das flores da mostarda à sua volta. Encostou a cabeça à de Ruthie e apertou-a ao peito, sem se aperceber da aproximação de Miriam até ela falar.

- A Mamã está a chamar por ti, pequerrucha.

Angel tirou Ruth do seu regaço e deu-lhe uma palmadinha a mandá-la embora.

- Porque é que nos andas a evitar? - perguntou Miriam, sentando-se ao lado dela.

- O que te faz pensar que ando a evitá-los?

- Fazes sempre isso. Fazes uma pergunta em vez de responderes. É muito irritante, Amanda.

Angel pôs-se de pé e sacudiu a poeira da saia.

Miriam levantou-se ao mesmo tempo.

- Recusas-te a responder ou a olhar-me nos olhos, e agora vai fugir de mim.

Angel olhou-a a direito.

- Que tolice.

- O que é que achas que vai acontecer? Pensas que, só porque agora temos uma cabana nossa, a amizade acabou?

- Estamos todos muito ocupados com as nossas próprias vidas.

- Não tão ocupados assim. - Miriam estendeu a mão para pegar na de Angel, mas ela começou a andar, fingindo não ter reparado.

- Sabes, por vezes uma pessoa pode magoar-se mais ao tentar evitar ser magoada! - gritou Miriam nas costas delas.

Angel riu-se displicente.

- Palavras de uma sábia.

- És impossível, Amanda Hosea!

- Angel - disse ela entredentes. - O meu nome é Angel.

Todos se juntaram nas mantas quando Elizabeth, Miriam e Angel trouxeram a comida. Angel varria a comida de um lado para o outro no prato para que os outros pensassem que ela estava a apreciar a refeição, mas a sua garganta fechava-se de cada vez que levava alguma coisa à boca.

Paul olhava-a friamente. Ela tentava não deixar que isso a afetasse. Era a fraqueza dele que o fazia odiá-la tanto.

Recordava-se de alguns homens novos que pagavam os serviços dela e se viam defrontados com a sua própria hipocrisia quando estavam a vestir as calças e a calçar as botas e a preparar-se para sair porta fora. Subitamente, consciencializavam-se do que tinham feito. Não a ela. Isso não tinha importância. Mas a eles próprios.

- Não se esqueceu de alguma coisa? - dizia ela, a querer espetar bem fundo a faca no coração deles de qualquer maneira ao seu alcance. Eles *deviam* saber. Primeiro as manchas vermelhas nas suas faces pálidas, depois o ódio sombrio nos seus olhos.

Bem, ela tinha enfiado a lâmina bem funda e certa em Paul, mas sabia agora que era ela quem tinha sido empalada. Teria sido melhor se tivesse ido a pé todo o caminho até Pair-a-Dice naquele dia. Talvez então Michael a tivesse alcançado antes que fosse demasiado tarde. Talvez Paul não a odiasse tanto. Talvez ela não tivesse tanto de que se arrepender.

Toda a sua vida era um enorme arrependimento, logo desde o início. «*Ela nunca devia ter nascido, Mae.*»

Michael pegou-lhe na mão e ela sobressaltou-se.

- Em que é que estás a pensar? - perguntou ele em voz baixa.

- Em nada. - Espalhou-se um calor por ela ao toque dele. Perturbada, retirou a mão. Ele franziu ligeiramente a testa.

- Há alguma coisa a incomodar-te.

Ela encolheu os ombros, sem o olhar nos olhos.

Ele observou-a pensativo.

- O Paul não vai fazer nem dizer nada para te magoar.

- Não importava se o fizesse.
- Se te magoar a ti magoa-me a mim.

O tom de voz dele prendeu-lhe a atenção. Tencionara magoar Paul e em vez disso magoara Michael. Nem uma vez naquele dia pensara no que aquilo faria a Michael. Pensara só em si mesma e na sua fúria e na sua desesperança. Talvez pudesse fazer algo para se redimir.

- Não tem nada a ver com o Paul - assegurou-lhe. - É só que a verdade vem sempre à tona.
- Estou a contar com isso.

*

Michael observou Amanda ao longo do dia. Ela retraía-se cada vez mais. Trabalhava com Elizabeth e Miriam, mas falava muito pouco. Estava preocupada, a bater em retirada, a erguer os muros à sua volta mais uma vez. Quando Ruthie pegou na mão de Amanda, ele viu a dor nos seus olhos e soube o que ela esperava. Não poderia prometer que não aconteceria. Por vezes, as pessoas ficavam demasiado presas nos problemas do dia a dia para repararem na dor de outras pessoas.

A jovem Miriam reparou.

- Ela está aqui, mas é como se não estivesse. Não me deixa aproximar-me, Michael. O que é que se passa com ela hoje? Está a comportar-se como se comportou quando viemos para a vossa casa.

- Tem receio de ser magoada.
- Está a magoar-se a si mesma agora.
- Eu sei. - Não ia revelar o passado da sua mulher ou discutir os problemas dela.
- O Paul não gosta dela. É parte do problema. Ela já não é prostituta, mas espera que todas as pessoas olhem para ela e a tratem como tal.

A raiva trespassou Michael.

- O Paul contou-te isso?

Ela abanou a cabeça.

- Ela contou-me na primeira noite, e suficientemente alto para a minha mãe ouvir. - Os seus olhos encheram-se de lágrimas. - O que é que vamos fazer quanto a ela, Michael? A maneira como abraça a Ruthie é de partir o coração.

Michael sabia que Miriam iria ter muito que fazer a ajudar John e Elizabeth a organizar a casa. Não podia pedir-lhe que fizesse visitas frequentes à casa deles para que Amanda soubesse que o afeto era real e não uma questão de conveniência, e a rapariga andava já a olhar para Paul como se ele fosse um deus grego que tivesse descido do Olimpo, apesar dos defeitos dele. Sabia que Paul também achava a rapariga atraente. Era evidente na maneira estudada como ele a evitava. Desse por onde desse, a lealdade de Miriam ia ser posta à prova.

*

John pegou no violino. Nada de hinos lentos e melancólicos desta vez, mas melodias de dança da Virgínia. Michael agarrou em Angel e fê-la rodopiar. Estar nos braços dele era estonteante.

O coração de Angel batia acelerado. Sentia o calor subir-lhe às faces e não se atrevia a erguer a cabeça para o olhar. Jacob dançava com a sua mãe e Miriam com Ruth, à volta da clareira. John ergueu o pé e deu um empurrão a Andrew na direção da sua irmã Leah. Paul ficou a ver, encostado indolentemente à parede da cabana. Parecia tão só que Angel sentiu pena dele.

- É a primeira vez que danço contigo - disse Michael.

- Sim - disse ela sem fôlego. - És bom dançarino.

- E isso surpreende-te. - Riu-se. - Sou bom em muitas coisas. - Apertou-a com mais força fazendo com que a pulsação dela ficasse ainda mais acelerada.

Jacob aproximou-se e fez uma vénia a Angel, e Michael soltou-a com um sorriso. Ela lançou um olhar à volta do terreiro, e dançaram. Bastava um olhar a Miriam para saber que ela queria dançar com outra pessoa que não a

sua irmã pequena ou os seus irmãos mais novos. Mas Michael dançara com Elizabeth, Leah e Ruth, e deixara Miriam de fora. Uma sensação desagradável despertou em Angel. Porque é que Michael evitava Miriam? Teria receio de se aproximar demasiado dela? Quando ele voltou, a reclamá-la a Jacob, ela soltou a mão.

- Ainda não dançaste com a Miriam. Porque não queres dançar com ela?

Ele franziu ligeiramente a testa e pegou-lhe firmemente na mão, puxando-a para os seus braços.

- O Paul vai lá chegar.

- Ele ainda não dançou com ninguém.

- E não vai sentir a necessidade de o fazer se eu lhe tomar o lugar. Arrisco-me a apostar que está a pensar na Tessie. Conheceu-a num baile. Não vai tardar a aperceber-se de que a jovem Miriam precisa de par.

Paul acabou por dançar com Miriam, mas manteve-se hirtos e sério e mal lhe disse uma palavra. Miriam sentia-se claramente perplexa. Mal terminou a dança, ele disse boa noite e foi buscar o cavalo.

- É melhor irmos indo também - disse Michael.

Miriam abraçou Angel e segredou-lhe:

- Vou a tua casa daqui a uns dias visitar-te. Talvez me possas dizer o que está a consumir aquele homem.

Angel pegou na pequena Ruth e apertou-a ao peito, beijando a sua face macia de bebé e encostando o rosto ao seu pescoço.

- Adeus, minha querida. Porta-te bem.

Michael levantou Angel para a pousar na sela e saltou para cima do cavalo atrás dela. O seu braço segurava-a firmemente ao irem para casa ao luar. Não falaram o caminho todo. Angel sentia uma consciência perturbante do corpo dele contra o dela e as sensações que a percorriam deixavam-na confusa. Desejava ter vindo a pé.

Quando avistou a cabana por entre as árvores, sentiu-se aliviada. Michael desmontou e estendeu-lhe a mão.

Inclinando-se para ele, Angel pousou as mãos nos seus ombros fortes. O seu corpo roçou no de Michael quando ele a tirou do cavalo, e ela sentiu a vida a correr-lhe nas veias, descomandada, empolgante e nada familiar.

- Obrigada - disse num tom formal.

- Não tens de quê. - Ele sorriu, e ela ficou com a boca seca. Quando Michael tirou as mãos da sua cintura, o coração começou a bater-lhe cada vez mais acelerado. - Tens estado muito calada todo o dia - disse ele, de novo pensativo.

- Não tenho nada para dizer.

- O que é que te está a incomodar? - perguntou ele, afastando a trança grossa do ombro dela.

- Nada.

- Estamos de novo sozinhos. Poderá ser isso? - Pegou-lhe no queixo e beijou-a. Angel sentiu-se derretida por dentro e com as pernas bambas. Quando Michael ergueu a cabeça, tocou-lhe no rosto ternamente. - Eu venho já.

Com a mão a pressionar o estômago às voltas, ela ficou a vê-lo levar o cavalo. O que estava a acontecer-lhe? Entrou na cabana e pôs-se a acender o lume. A seguir, olhou à sua volta à procura de algo em que se ocupar para não pensar em Michael, mas estava tudo arrumado. Elizabeth tinha até enchido o colchão com palha nova. Havia ervas aromáticas penduradas de uma das traves do teto que enchiam a cabana com o seu aroma doce e fresco. Estava um frasco com flores da mostarda em cima da mesa, sem dúvida ali colocado por Ruth.

Michael trouxe as coisas deles do celeiro.

- Está bastante silencioso sem os Altman, não está?

- Está.

- Vais sentir mais a falta da Miriam e da Ruth. - Pousou a arca ao canto. Ela estava debruçada sobre o lume. Ele pôs as mãos nas ancas dela, e ela endireitou-se. - Elas adoram-te.

Angel pestanejou.

- Vamos falar de outra coisa, está bem? - disse, e afastou-se dele.

Ele agarrou-a pelos ombros.

- Não. Vamos falar do que te vai na mente.

- Não me vai nada na mente. - Ele esperou, obviamente insatisfeito, e ela inspirou aos soluços. - Eu sabia que não devia aproximar-me deles. - Empurrou as mãos dele e apertou o xaile ao peito.

- Pensas que gostam menos de ti agora que estão a viver na sua própria casa?

Ela fitou-o furiosa, na defensiva.

- Por vezes, gostava que me deixasses simplesmente em paz, Michael. Que simplesmente me recambiasses para de onde eu vim. Seria muito mais fácil no geral.

- Porque estás a *sentir*, agora?

- Já antes *senti*, e ultrapassei isso!

- Adoras a Miriam e aquela menina pequena.

- E depois? - Também ultrapassaria isso.

- O que é que vais fazer quando a Ruth vier cá com outra braçada de flores da mostarda? Pô-la na rua? - perguntou ele bruscamente. - Ela também tem sentimentos. E a Miriam também. - Viu pela expressão dela que não acreditava que elas viessem. Tomou-a nos braços, segurando-a mesmo quando sentiu a sua resistência. - Tenho rezado incessantemente para que tu pudesses aprender a amar, e agora aprendeste. Só que começaste a amá-los a eles em vez de a mim. - Riu-se baixinho, de si mesmo. - Houve alturas em que desejei nunca os ter trazido para cá. Sinto ciúmes.

Angel sentia as faces a arder e não era capaz de sossegar o seu coração acelerado por muito que tentasse. Se Michael soubesse o poder que tinha sobre ela, o que faria com ele?

- Eu não quero amar-te - disse ela, empurrando-o.

- Porque não?

- Porque só vais acabar por usar isso contra mim. - Viu que o tinha feito zangar.

- Como?

- Não sei. A verdade é que talvez nem soubesses que o estavas a fazer.

- De quem é a verdade de que estamos a falar aqui? Do *Duque*? A verdade liberta. Alguma vez foste livre com ele? Mesmo por um único minuto? Ele encheu-te a cabeça com mentiras.

- E o meu pai?

- O teu pai era egoísta e cruel. Isso não significa que todos os homens do mundo são como ele.

- Todos os homens que alguma vez conheci são.

- Isso inclui-me? E o John Altman? E o Joseph Hochschild e mil outros?

No rosto dela perpassou um esgar de dor.

Vendo o seu tormento, ele tornou-se mais meigo.

- Tu és uma avezinha que tem estado numa gaiola toda a vida, e subitamente todas as grades desapareceram e estás ao ar livre. Tens tanto medo que andas à procura de qualquer maneira de voltar para dentro da gaiola. - Viu as emoções perpassarem no seu rosto pálido. - Seja o que for que decidas pensar agora, não é mais seguro lá, Amanda. Mesmo que tentasses voltar agora, não me parece que conseguisses sobreviver dessa maneira outra vez.

Ele tinha razão. Ela sabia que sim. Esgotara a capacidade de suportar aquilo ainda antes de Michael ter vindo reclamá-la. No entanto, estar aqui não era garantia de nada.

E se ela não fosse capaz de voar?

Vinte e um

*Como suspira a corça pelas águas correntes,
Assim a minha alma suspira por ti, ó Deus.*

SALMO 42 : 1

A terra despertava com a chegada da primavera. As encostas dos montes estavam salpicadas com flores roxas do tremoceiro e papoilas douradas, flores vermelhas e o branco da flor do rabanete silvestre. Angel sentiu algo estranho a despertar dentro de si também. Sentiu-o primeiro enquanto via Michael revolver a terra na horta. O movimento dos seus músculos por baixo da camisa provocava-lhe um acesso de calor por todo o corpo. Bastava que olhasse para Angel para que ela sentisse a boca seca.

À noite, ficavam deitados lado a lado, mal se tocando, tensos e em silêncio. Ela sentia a distância que ele punha entre os dois e respeitava-a.

- Isto está a ficar cada vez mais difícil de fazer - dizia ele enigmaticamente, e ela não lhe perguntava o que queria dizer.

A sua solidão aumentava. Tinha a ver com Michael, e o tempo só agravava a dor, não a atenuava. Por vezes, quando ele acabava de ler à noite e erguia a cabeça, ela não conseguia respirar ao ver a expressão nos seus olhos. O coração batia-lhe descontrolado e ela desviava o olhar, com medo de que ele visse o anseio profundo que sentia.

Todo o seu corpo o manifestava. Cantava dentro dela como um coro alto, enchendo-lhe a cabeça com pensamentos dele. Mal conseguia falar quando ele lhe fazia uma simples pergunta.

Como o Duque se riria! *«O amor é uma armadilha, Angel. Limita-te ao prazer. Não requer grande compromisso.»*

Ela perguntava-se agora se Michael não seria a resposta a todas as coisas para ela. Ao pensar nisso, sentia medo. À noite, quando ele se virava para ela no sono, com o seu corpo forte a roçar no dela, recordava-se da maneira como ele fazia amor com ela – com uma entrega jubilosa, a explorar o corpo dela como explorava a terra que era sua. Ela não sentira nada então. Agora, o mais ligeiro toque fazia rodopiar os seus sentidos. Os sonhos dele estavam a tornar-se os sonhos dela.

Michael abria mais o jogo a cada dia que passava, mas ela estava paralisada com o medo. Porque é que não podiam deixar as coisas como estavam? Deixá-la ficar assim, *desta* maneira. Deixá-la manter-se ainda dentro de si mesma. Deixar que as coisas fossem como eram antes. Contudo, Michael continuava a insistir, delicadamente incessante, e ela retraía-se com medo, porque só conseguia ver à sua frente algo que não conhecia de todo em todo.

Não posso amá-lo. Oh, por favor, não posso!

Ela não seria capaz de ser mais do que a sua mãe, e Mae não conseguira segurar Alex Stafford. Todo o seu amor não bastara para o impedir de se afastar da sua vida, como o vento. Angel ainda via a sua figura escura, de capa a esvoaçar, quando ele galopou pela estrada abaixo e para fora da vida da sua mãe. Teria sequer vindo em pessoa dizer à Mamã para fazer as malas e se pôr dali para fora? Ou incumbira aquele jovem laçao de o fazer por ele? Ela não sabia. A Mamã nunca disse nada, e Angel nunca perguntou. Alex Stafford era chão sagrado que Angel nunca se atrevera a pisar. Só a Mamã pronunciava o seu nome, e

só quando estava embriagada e desanimada, e isso sempre custara, como sal numa ferida aberta.

- Porque é que o Alex me deixou? - choramingava a Mamã. - Porquê? Não compreendo. *Porquê?*

A dor da Mamã era muito grande, mas o seu sentimento de culpa era ainda maior. Nunca ultrapassara a ideia do que tinha perdido para ter *amor*. Nunca ultrapassara *Alex*.

Mas eu paguei-lhe com juros, Mamã. Consegues ouvir-me, onde quer que estejas? Estilhacei-o em mil pedaços como ele te estilhaçou a ti. Oh, a expressão no rosto dele.

Angel cobriu o seu rosto.

Oh, Mamã, tu eras tão bela e perfeita. Eras tão devota. As contas do teu rosário alguma vez te ajudaram, Mamã? A esperança ajudou-te? O amor nunca fez mais nada a não ser trazer-te sofrimento. E está a fazer-me o mesmo a mim.

Angel jurara que nunca amaria ninguém, e agora estava a acontecer, por muito que não quisesse. Despertara e crescia contra a sua vontade, furando caminho pela escuridão da sua mente até à superfície. Como uma semente à procura da luz do sol da primavera, desabrochou. Miriam, a pequena Ruth, Elizabeth. E agora Michael. De cada vez que olhava para Michael, ele trespassava-lhe o coração. Ela queria esmagar os novos sentimentos, mas eles brotavam mesmo assim, a procurarem lentamente o caminho.

O Duque tinha razão. Era insidioso. Era uma armadilha. Crescia como heras, a insinuar-se nas mais pequenas fendas das suas defesas, e por fim destroçá-la-ia. Se ela o permitisse. Se ela não o matasse já.

Ainda há uma saída, dizia a voz cruel, a aconselhá-la. **Conta-lhe o pior do que fizeste. Conta-lhe sobre o teu pai. Isso vai envenenar tudo. Isso vai fazer parar a dor que está a crescer dentro de ti.**

Portanto, decidiu confessar tudo. Depois de Michael saber tudo, acabaria. A verdade abriria um fosso tão fundo entre eles que ela ficaria em segurança para sempre.

Michael estava a rachar lenha quando ela foi procurá-lo. Estava sem camisa, e ela ficou em silêncio a vê-lo trabalhar. As suas costas largas já estavam bronzeadas, e os músculos duros moviam-se por baixo da pele dourada. Era poder e beleza e majestade ao balouçar o machado num arco amplo, desferindo o golpe com força e rachando o toro em dois. As duas metades saltaram do bloco. Quando se baixou para pegar noutro toro, viu-a.

- Bom dia - disse, sorrindo. Ela sentiu borboletas no estômago. Ele parecia agradado e surpreendido por a ver ali a olhar para ele.

Porque é que estou a fazer isto?

Porque estás a viver uma mentira. Se ele soubesse tudo, detestava-te e expulsava-te.

Não há razão para ele saber.

Preferias que outra pessoa qualquer lhe contasse? Assim seria ainda pior.

- Tenho de falar contigo - disse ela num tom débil de voz. Só conseguia ouvir os batimentos fortes do seu coração nos ouvidos e aquela voz sombria a impeli-la em desespero.

Michael franziu ligeiramente a testa. Ela estava tensa, a torcer uma prega na saia.

- Sou todo ouvidos.

Angel sentia calor e frio por todo o corpo. Devia fazer aquilo.

Sim. Fá-lo, Angel.

Tinha de o fazer. Sentia as palmas das mãos húmidas. Michael tirou o lenço do bolso de trás e limpou o suor do rosto. Quando olhou para Angel, o coração dela caiu-lhe aos pés.

Não consigo fazer isto.

Sim, consegues.

Não quero fazê-lo.

Tola! Queres acabar como a tua mãe?

Michael olhava-a com atenção. Estava pálida, com pequenas gotas de suor a aparecerem-lhe na testa.

- O que se passa? Estás a sentir-te doente?

Conta-lhe e despacha o assunto, Angel! É o que realmente queres, para fazer com que ele te deixe ir agora, enquanto ainda consegues suportar isso. Se esperares, só te doerá mais. Ele vai arrancar-te o coração do peito e cortá-lo para o jantar.

- Nunca te contei o pior que fiz.

Ele contraiu os ombros.

- Não é necessário confessares tudo. Não a mim.

- Devias saber. Já que és o meu marido e tudo.

- O teu passado só a ti diz respeito.

- Não pensas que devias saber que tipo de mulher tens a viver contigo?

- Porquê o ataque, Amanda?

- Não estou a atacar. Estou a ser *franca*.

- Estás a resistir outra vez. A resistir com força.

- Tu devias saber que...

- Não quero ouvir!

- ... fiz sexo com o meu próprio pai.

Michael respirou ofegante, como se ela lhe tivesse dado um murro com força. Fitou-a por um longo momento, com um músculo a contrair-se na sua face.

- Pensei que tinhas dito que ele saiu da tua vida quando tinhas cerca de três anos.

- E saiu. Voltou para a minha vida mais tarde, quando eu tinha dezasseis.

Michael sentiu-se agoniado. *Deus. Deus! Haverá um pecado que esta mulher não tenha cometido?*

Não.

E pedis-me que a ame?

Como eu te amei a ti.

Porque o fizera ela? Porque não podia guardar alguns dos fardos para si?

- Fez-te sentires-te melhor atirares-me isso à cara?

- Nem por isso - disse ela num tom inexpressivo. Virou-se e encaminhou-se para a casa, enojada consigo mesma.

Bem, estava feito. Acabado. Sentia vontade de se esconder. Pôs-se a andar em passadas largas. Meteria algumas coisas num saco e estaria pronta a partir.

Michael estava a tremer de raiva. O idílio tinha terminado. A tempestade abatera-se.

Como eu te amei a ti, Michael. Setenta vezes sete.

Michael soltou um grito e enterrou o machado bem fundo no bloco de rachar lenha. Ficou parado a respirar pesadamente por um longo momento e depois pegou na camisa e vestiu-a enquanto se dirigia a grandes passadas para a cabana. Abriu a porta com um empurrão e viu-a a tirar coisas da cómoda que ele lhe fizera depois da partida dos Altman.

- Não fiques por aí, Amanda. Conta-me o resto do que fizeste. Desabafa. Descarrega em mim. Dá-me todos os pormenores sórdidos.

Michael, bem-amado.

Não! Eu estou a escutar-Vos neste momento! Vou pôr tudo em pratos limpos com ela de uma vez por todas.

Como Angel não interrompeu o que estava a fazer, ele agarrou-a pelo braço e fê-la dar meia volta.

- Há mais, não há, Angel?

O nome foi uma bofetada.

- Foi o suficiente, não foi? - disse ela numa voz fraca. - Ou precisas realmente de mais?

Ele viu as emoções que ela estava tão desesperada por esconder, mas nem mesmo isso o acalmou.

- Vamos lá arejar a roupa suja toda de uma vez.

Ela soltou o braço do seu toque perturbador e aceitou o desafio.

- Está bem. Se é assim que queres! Houve um breve período em que julguei que amava o Duque. Espantoso, não é? Toda a minha vida parecia depender dele. Contava-lhe tudo. Tudo o que me magoava. Tudo o que era importante. Pensei que ele me resolveria as coisas.

- E em vez disso ele usou-as contra ti.

- Adivinhaste. Nunca pensei uma única vez na vida do Duque fora da casa ou que pessoas tinha como amigas. Não até ele voltar com um amigo que queria que eu conhecesse. «Sê simpática para com ele, Angel. É um dos meus amigos mais antigos e mais queridos.» E então entra o Alex Stafford. Quando olhei para o Duque, vi que se estava a rir de nós os dois. Era o máximo, não era? O Duque sabia o quanto eu odiava o Stafford pelo que ele tinha feito à minha mãe. Só queria ver o que eu faria quanto a isso.

- O teu pai sabia quem tu eras?

Angel soltou uma risada sombria, entrecortada.

- O meu pai limitou-se a ficar ali a fitar-me como se eu fosse um fantasma. E sabes o que ele disse? Que lhe recordava alguém que conhecera em tempos.

- E depois, o que aconteceu?

- Ele ficou. A noite toda.

- Alguma vez paraste para pensar...

- Eu *sabia* o que estava a fazer, mas fi-lo, de qualquer maneira! Ainda não compreendeste? Fi-lo com gana, só à espera do momento em que lhe diria quem era. - Não conseguia sustentar o olhar dele. Estava a tremer violentamente sem conseguir parar. - Quando lhe disse, contei-lhe também no que a Mamã se tinha tornado.

A fúria de Michael evaporara-se. Ela ficou em silêncio tanto tempo que ele lhe tocou e perguntou:

- E o que é que ele disse?

Ela recuou de novo, engolindo em seco convulsivamente. Os seus olhos estavam enormes e atormentados.

- *Nada*. Não disse nada. Não nessa altura. Limitou-se a olhar para mim durante muito tempo. Depois sentou-se na beira da cama e pôs-se a chorar. Ele *chorou*. Parecia um homem velho e destroçado. «*Porquê?*» Disse-me ele. «*Porquê?*» - Sentia os olhos quentes e cheios de areias. - E eu disse-lhe que a Mamã costumava perguntar-me a mesma coisa. Ele pediu-me perdão, e eu disse-lhe que fosse arder para o inferno. - O tremor parou, e ela sentiu-se fria por

dentro, morta. Quando ergueu a cabeça e olhou para Michael, ele estava ali de pé, em silêncio e imóvel, a olhar para ela à espera do resto.

- Sabes o que mais aconteceu? - disse ela num tom inexpressivo. - Ele matou-se com um tiro daí a três dias. O Duque disse que foi porque devia dinheiro a toda a gente, incluindo ao próprio diabo, mas eu sei porque é que ele o fez. - Fechou os olhos, envergonhada. - Eu sei.

- Lamento muito - disse Michael. Quantos mais pesadelos teria ela fechados dentro de si?

Ela ergueu a cabeça e olhou para ele.

- É a segunda vez que lamentas algo com que não tens nada a ver. Como podes sequer olhar para mim?

- Da mesma maneira que posso olhar para mim mesmo.

Ela abanou a cabeça e apertou o xaile à volta do corpo.

- Mais uma coisa - disse. - Vai fazer a diferença. - Michael empertigou-se como um soldado prestes a entrar na batalha. - Não posso ter filhos. Engravidei duas vezes. Em ambas, o Duque mandou um médico tirar o bebé. Na segunda vez, ele disse ao Duque que eu nunca mais poderia voltar a engravidar. *Nunca*, Michael. Compreendes? - Viu que ele compreendia.

Ele ficou imóvel, atordado. Alternadamente quente e frio. As palavras dela tinham-lhe trespassado o escudo do peito.

Ela cobriu o rosto com as mãos, porque não conseguia suportar a expressão no rosto dele.

- Mais alguma coisa? - perguntou ele em voz baixa.

- Não - disse ela, com um esgar. - Acho que é tudo.

Michael não se moveu por um longo momento. A seguir, pegou nas blusas que ela tinha estendido na cama. Enfiou-as na cómoda e fechou as gavetas com força. Depois, saiu porta fora.

Esteve ausente durante tanto tempo que ela acabou por ir à sua procura para lhe perguntar o que queria que ela fizesse. Não estava nos campos nem no celeiro. Não estava

lá em baixo junto ao ribeiro. Perguntou-se se teria ido a casa dos Altman. Talvez tivesse ido a cavalo ver Paul para lhe dizer que ele tivera razão quanto a ela, mais do que razão.

Os cavalos estavam no curral.

Continuava a pensar no seu pai, e sentiu medo.

Pensou de novo e lembrou-se de um outro lugar aonde ele poderia ter ido. Vestiu o casaco, tirou um cobertor pesado da cama e dirigiu-se para o monte aonde ele a levava para verem o nascer do sol. Michael estava lá, sentado com a cabeça entre as mãos. Não olhou para cima quando ela se aproximou. Ela pôs o cobertor à volta dos seus ombros.

- Queres que vá embora? Sei onde fica a estrada, agora. - Passavam até diligências ocasionalmente. - Posso descobrir o caminho de volta.

- *Não* - disse ele numa voz rouca.

Ela ficou parada a olhar para o pôr do sol.

- Alguma vez sentes que Deus está a pregar-te uma horrível partida?

- Não.

- Então porque é que, quando o amas tanto, ele te faria uma coisa destas?

- Tenho estado a perguntar-lhe.

- Ele respondeu?

- Eu já sabia. - Pegou na mão dela e puxou-a para que se sentasse ao seu lado. - Para me tornar mais forte.

- Tu já és suficientemente forte, Michael. Não precisas disto. Não precisas de *mim*.

- Não sou suficientemente forte para o que ainda está para vir.

Ela tinha receio de lhe perguntar o que ele queria dizer. Quando começou a tremer, ele pôs o braço à volta dos seus ombros.

- Ele não nos deu um coração de medo - disse. - Vai-me mostrar o caminho quando chegar o momento.

- Como podes ter tanta certeza?

- Porque sempre o fez antes.

- Quem me dera poder acreditar. - Os grilos e as rãs estavam a fazer uma cacofonia à volta deles. Como pudera ela alguma vez pensar que havia silêncio aqui? - Ainda ouço a Mamã chorar por vezes - disse. - À noite, quando os ramos da árvore roçam na janela, ouço o tilintar da garrafa dela contra um copo e quase a vejo sentada na sua cama desfeita, a fitar o nada. Eu preferia os dias de chuva.

- Porquê?

- Os homens não vinham com tanta frequência quando fazia mau tempo. Ficavam onde estava quente e seco e gastavam o dinheiro todo na bebida, como o Rab. - Contou-lhe como recolhia as latas na rua e as polia, dispondo-as para apanharem as gotas do teto furado. - Era a minha sinfonia pessoal.

Ergueu-se uma brisa. Michael afastou-lhe uma madeixa solta do rosto e enfiou-lha por trás da orelha. Ela mantinha-se em silêncio, esgotada; ele estava pensativo.

- Anda daí - disse ele, e pôs-se de pé. Ajudou-a a levantar-se e foram de mãos dadas para casa. Quando entraram na cabana, ele pôs-se a remexer na gaveta dos utensílios. - Volto daqui a pouco. Há uma coisa que quero fazer no celeiro.

Ela começou a preparar o jantar, necessitando de se manter ocupada para não ter de pensar. Michael estava a martelar pregos no beiral da cabana. Estaria a deitar abaixo a casa à volta dela? Foi à porta enquanto secava as mãos e espreitou para fora. Ele estava a pendurar pedaços de metal, utensílios, pregos e uma ferradura velha.

Descendo um degrau no escadote, passou a mão ao longo da fila de coisas.

- A tua própria sinfonia pessoal - disse, e sorriu-lhe. Sem palavras, ela ficou a vê-lo levar o escadote para o celeiro.

Voltou para dentro de casa e sentou-se, porque se sentia demasiado fraca para estar de pé. Destruíra-lhe os seus sonhos, e ele fazia-lhe um espanta-espíritos.

Quando ele regressou, ela serviu-lhe a ceia. *Amo-te, Michael Hosea. Amo-te tanto que estou a morrer disso.* A brisa agitava o espanta-espíritos, enchendo a cabana com uns sons agradáveis. Ela conseguiu agradecer numa voz débil. Ele não parecia esperar mais. Quando acabou de comer, ela deitou água quente do grande pote de ferro que estava ao lume para lavar a louça.

Michael pegou-lhe no pulso e virou-a para ele.

- Deixa a louça. - Quando começou a soltar-lhe o cabelo, ela mal conseguia respirar.

Tremia e sentia-se embaraçada. Onde estava a sua calma, o seu autocontrolo? Ele estava a estilhá-los com ternura.

Enfiando os dedos no cabelo dela, inclinou-lhe a cabeça para trás. Viu o medo nos seus olhos.

- Prometo amar-te e cuidar de ti, respeitar-te e sustentar-te, na doença e na saúde, na pobreza e na riqueza, no mal que possa ensombrar os nossos dias, no bem que possa iluminar o nosso caminho. Tirza, bem-amada, prometo ser-te fiel em todas as coisas até morrer. E mesmo para além da morte, se Deus quiser.

Ela ficou imóvel a fitá-lo, abalada até ao seu âmago.

- E o que tenho eu para te prometer a ti?

Os olhos dele iluminaram-se com um humor meigo.

- Obedecer? - Baixou a boca para a dela.

Quando a beijou, Angel sentiu-se perdida numa selva de novas sensações. Nunca dera esta sensação, quente e maravilhosa, excitante e boa. Não se aplicava nenhuma das velhas regras. Esqueceu tudo o que alguma vez aprendera com outros mestres. Era terra seca a embeber-se da chuva da primavera, uma flor a desabrochar para o sol. Michael apercebeu-se disso, e animava-a meigamente com palavras ternas que jorravam sobre ela como o bálsamo doce de Guilead a sarar as suas feridas.

E voou, e Michael com ela, para os céus.

De novo na terra, Michael sorriu.

- Estás a chorar.

- Estou? - Tocou na sua face e deu com uma só lágrima.
- Não olhes assim para mim - disse ele, beijando-a. - É um bom sinal.

Mas quando Michael acordou de manhã, Angel tinha desaparecido.

Humildade

Vinte e dois

*Só porque uma coisa te parece difícil,
Não a julgues impossível.*

MARCO AURÉLIO

O tilintar dos tachos e das panelas no lado da carroça de Sam Teal recordava a Angel o espanta-espíritos que Michael tinha pendurado para ela. Fechando os olhos, conseguia ver o rosto de Michael. *Bem-amado. Oh, bem-amado.* Não podia permitir-se pensar nele. Tinha de esquecer. Era melhor pensar no que o amor trouxera à Mamã e manter a cabeça direita.

O velho vendedor ambulante ao seu lado ainda não parara de falar desde que lhe dera boleia na estrada ao amanhecer. Ela sentia-se agradecida por aquela enxurrada de palavras. Ele não vendera nenhum dos seus produtos nesta viagem às montanhas. A sua reserva de mantimentos estava a esgotar-se e o reumatismo dava-lhe dores muito fortes. A melhor coisa que acontecera a Sam Teal no último mês fora ver uma coisinha bonita como ela sentada num toco de árvore à beira da estrada. Sam estava limpo e barbeado, mas era um homem esgotado e curvado. Já não tinha a maior parte do cabelo. Nem perspetivas. Mas tinha uns olhos bondosos por baixo de umas sobranceiras grisalhas e farfalhudas. Enquanto ela o escutasse, não teria de pensar.

- De quem está a fugir, ó menina?

Ela afastou do rosto uma madeixa solta do seu cabelo louro e fez um sorriso forçado evasivo.

- O que o faz pensar que estou a fugir de alguém?

- A maneira como está sempre a olhar por cima do ombro. Parecia muito preocupada lá atrás, quando a encontrei. Calculei que devia estar a fugir do seu marido.

- Como soube que eu era casada?

- Tem uma aliança de casamento.

Ela cobriu rapidamente a mão e corou. Esquecera-se de tirar a aliança. Virou-a no dedo e perguntou-se como a faria chegar a Michael.

- Ele tratou-a mal?

Nunca tal passaria pela cabeça a Michael.

- Não - disse, num tom inexpressivo.

Ele lançou-lhe um olhar de curiosidade.

- Alguma coisa deve ter feito, para a levar a fugir-lhe.

Ela desviou o olhar. O que poderia dizer? *Fez-me apaixonar-me por ele?* Se dissesse a este velho homem que Michael nunca fizera mais nada a não ser tratá-la com a maior bondade e consideração, ele começaria a fazer perguntas.

- Não quero falar sobre isso, Mr. Teal. - Pôs-se a fazer girar a aliança uma e outra vez e sentiu vontade de chorar.

- Sam. Chame-me Sam, menina.

- O meu nome é Angel.

- Tire a aliança e deite-a fora, se a faz sentir-se melhor - disse ele.

Ela nunca faria tal coisa. A aliança pertencera à mãe de Michael.

- Não consigo tirá-la - mentiu. Teria de arranjar uma maneira de lha devolver.

- Ia a caminho de Sacramento?

Sacramento era um lugar tão bom como qualquer outro.

- Sim.

- Ainda bem. É para lá que eu me dirijo. Vou parar em mais alguns acampamentos de mineiros ao longo do caminho para ver se consigo vender alguma mercadoria. - Fustigou o cavalo cansado. - Parece arrasada, menina. Porque é que não se mete na minha carroça e dorme? Há uma cama que se baixa do lado - disse-lhe. - É só puxar aquele trinco.

Ela sentia-se exausta, e agradeceu-lhe a oferta. Baixou a cama e enroscou-se em cima dela, mas o sono não vinha. A carroça avançava aos solavancos e a sua mente girava sem parar. Estava sempre a pensar em Michael. Ele não compreenderia porque ela o deixara, e ficaria furioso. Ela sentia-se tão confusa. Algo dentro dela a impelia a voltar e falar com Michael, dizer-lhe o que estava a sentir. Sabia que isso seria uma loucura. A Mamã não extravasara as suas emoções a Alex Stafford? Não professara o seu amor uma e outra vez? Tudo o que o amor fez foi destruir o seu orgulho e envergonhá-la.

Não conseguia parar de pensar na noite passada. Estar com Michael fizera-a sentir-se repleta, não vazia. Nos braços de Michael, sentira que tudo era como devia ser, uma sensação de que era exatamente ali que pertencia.

A tua mãe sentia o mesmo em relação ao Alex Stafford, e olha no que isso deu.

Gemeu baixinho e enroscou-se ainda mais.

Se Sam Teal não tivesse aparecido quando apareceu, ela talvez tivesse cedido à fraqueza e voltado para trás. E agarrar-se-ia a Michael da mesma maneira que a Mamã se agarrara ao pai dela. Mais cedo ou mais tarde, Michael cansar-se-ia dela da mesma maneira que Alex Stafford se cansara da Mamã.

Pensara que a distância atenuaria a dor, mas ela só se agravava. A sua mente e o seu corpo, a sua própria essência, ansiavam por ele.

Porque é que o conheci? Porque é que ele veio a Pair-a-Dice? Porque é que teve de estar na rua quando eu passei

por lá naquele dia? Porque é que voltou ao bordel depois de eu o mandar embora?

Via os olhos dele, cheios de paixão e de ternura.

- Amo-te - dissera. - Quando vais compreender que estou comprometido contigo?

- Ele disse que me amava - chorara a Mamã. - Disse que me amaria para sempre.

Angel sentia as lágrimas a formarem-se e combateu-as. Muito bem. Apaixonara-se por Michael e vertera umas lágrimas, mas fora suficientemente esperta para fugir antes que as coisas ficassem demasiado más. Trouxera mais desta vez do que só as roupas do corpo. Deitaria tudo para trás das costas. Iria para Leste, Oeste, Norte ou Sul. O que ela quisesse.

- Vou conseguir - segredou. - Vou conseguir sozinha.

Conseguir o quê?, perguntou uma voz trocista.

- Alguma coisa. Vou encontrar alguma coisa.

É claro que sim, Angel. A fazer o que fazes melhor.

- Vou arranjar outra maneira qualquer de viver. Não vou voltar a isso.

Sim, vais. Que mais conheces? Era realmente assim tão mau como isso? Tinhas casa e comida, roupas lindas, adoração...

A voz sombria seguia a cadência do trote constante dos cavalos cansados na estrada de terra batida. Quando Angel adormeceu, voltou a sonhar com o Duque. Ele estava a fazer todas as coisas que costumava fazer. E Michael não estava lá para o impedir.

Sam Teal acordou-a. Partilhou a comida com ela e disse-lhe que chegariam a um acampamento daí a pouco tempo.

- Vou tentar mais uma vez. Se não vender algumas destas mercadorias, vou ficar na falência quando voltar para Sacramento. Estas mercadorias todas são à consignação. Não recebo um tostão se não vender alguma coisa. Talvez o Bom Deus esteja comigo, desta vez.

Pegou no prato de lata vazio dela e ela ficou a vê-lo levá-lo para o lavar no ribeiro. O Bom Deus não fizera nada por este pobre velho. Não mais do que fizera por ela. Sam Teal recolheu as suas coisas e voltou a metê-las na carroça. Estava à espera ao lado dela e ajudou-a a subir como se ela fosse uma dama.

- É melhor ficar escondida dentro da carroça - aconselhou. - Alguns destes cavalheiros jovens ficam bastante alterados quando avistam uma senhora. - Fez-lhe um sorriso irónico, a pedir desculpa. - E eu sou demasiado velho para lutar por si.

Ela tocou na sua mão e subiu para a parte de trás da carroça.

Quando chegaram ao acampamento, pôs-se a ouvir Sam apregoar os seus produtos. Os homens gritavam-lhe insultos e ridicularizavam o seu cavalo e a sua carroça. Faziam comentários depreciativos sobre a sua mercadoria. Faziam comentários ainda piores sobre ele. Sam era persistente. Foram-lhe lançados mais insultos, mas ele não desistia, a afiançar a qualidade do que tinha à venda. Os homens estavam a divertir-se a demolir este pobre homem com as suas troças. Ela ouvia na voz de Sam Teal que a sua última esperança estava a desvanecer-se. Sabia a sensação que isso dava. Sabia como a alma podia doer.

- Uma frigideira é tudo quanto qualquer pessoa precisa aqui - disse alguém. Outro homem chamou tolo a Sam. Angel franziu a testa. Talvez ele fosse tolo, mas não merecia isto. Só queria ganhar a vida honestamente.

Angel abriu a cortina e saiu da carroça. O seu aparecimento silenciou os homens da multidão imediatamente.

- O que é que está a fazer? - segredou Sam. Parecia estar com um medo de morte. - Volte p'ra dentro, menina. Estes cavalheiros são *má rês*.

- Eu sei - disse ela. - Dê-me essa frigideira, Sam.

- Não pode afastar todos à pancada.

- Dê-me a frigideira.
- O que é que vai fazer com ela?
- Vendê-la - respondeu ela. Tirou-lhe a frigideira das mãos. - Sente-se, Sam.

Perplexo, ele obedeceu. Ela contornou-o e ergueu a frigideira, passando a mão por ela como se se tratasse de um objeto muito valioso.

- Cavalheiros, o Sam sabe muito sobre a mercadoria dele, mas não sabe nada sobre cozinhar. - Sorriu levemente e viu que os sorrisos começavam a aparecer.

Alguns riram-se como se ela estivesse a dizer uma piada grosseira. Ela pôs-se a falar de frango e pastéis, porco salgado frito e molho, ovos mexidos e toucinho. Quando eles já estavam quase a babar-se, ela falou em voz baixa da necessidade de ter uma frigideira de qualidade para fazer uma boa refeição. Falou do fino ferro forjado, da distribuição do calor, do fácil manuseio. Sam já dissera tudo isso, mas desta vez os homens escutaram fascinados.

- Além de todas as refeições maravilhosas que podem preparar nesta frigideira, ela tem também outros usos. Quando ficarem sem balas e precisarem de proteger o vosso filão, têm uma arma. - Balouçou a frigideira na direção de um homem que estava a aproximar-se demasiado. Os outros homens riram-se. Ela riu-se também, a entrar no jogo. - Então, o que me dizem, cavalheiros? Tenho comprador?

- Sim! - Os homens começaram a avançar para se aproximarem dela. Ter-lhe-iam comprado uma lata amolgada. Desencadeou-se uma escaramuça no meio da multidão. Enquanto ela prosseguia, Angel inclinou-se para Sam e perguntou-lhe quanto custava a frigideira. Ele indicou um preço modesto.

- Oh, acho que podemos conseguir muito mais do que isso - disse ela, e esperou que os dois homens à bulha fossem separados para dizer o preço. Alguém se queixou em voz alta, fazendo os outros parar.

Angel sorriu e encolheu os ombros, dizendo com a sua atitude que não se importava se comprariam alguma coisa ou não. Voltou a pendurar a frigideira no lado da carroça e sentou-se.

- Vamos embora, Sam. Estava enganado em relação a estes cavalheiros. Não sabem reconhecer a qualidade quando a veem.

Sam estava boquiaberto. Vários homens protestaram. Ela olhou para trás para eles.

- Disseram que estamos a pedir demasiado - disse ela. - Francamente, não vejo que faça sentido tentar convencê-los de alguma coisa que a vossa própria inteligência deveria dizer-vos que é uma necessidade. Sam? - Passou-lhe as rédeas para as mãos. Um mineiro segurou o arnês do cavalo e disse a Angel que esperasse, queria comprar uma frigideira antes de ela se ir embora.

Angel cedeu com graciosidade e vendeu todas as frigideiras, tachos e panelas que havia na carroça.

A multidão só começou a dispersar quando Sam pegou nas rédeas e desceu a estrada para fora daquela terra. Estava a sorrir e a soltar risadinhas.

- Tem um talento para isto, ó menina.

- Bem, alguma coisa tenho - disse ela secamente. Não era tanto o que se dizia, mas como se dizia e a expressão nos olhos enquanto se falava. Vender uma frigideira não era diferente de se vender a si mesma. E ela sabia tudo sobre como fazer isso.

Cozinhou a refeição da noite enquanto Sam Teal contava o seu ouro. Serviu-o e depois sentou-se para comer. Quando pôs o prato de lado, ele atirou-lhe alguma coisa. Ela apanhou-a, sobressaltada.

- O que é isto? - perguntou, com um saquinho de couro na mão.

- A sua parte do que ganhámos hoje.

Ela ergueu a cabeça e olhou-o, surpreendida.

- Mas os tachos e as panelas eram seus.

- E ainda estariam pendurados na minha carroça se a menina não tivesse falado. Precisa de um pé-de-meia. Agora já o tem. - Pegou num cobertor e foi dormir debaixo da carroça.

Partiram em direção a Sacramento ao amanhecer. Chegaram ao meio-dia do segundo dia. Havia uma corrida em decurso, e Sam mal conseguiu afastar a carroça para um lado quando passaram três cavaleiros a toda a velocidade. A rua encheu-se atrás deles com carroças e homens. Angel via prédios a serem construídos por toda a parte. O ar estava cheio com o som de martelos e de carroças com madeira a passarem.

- Primeiro houve o incêndio - disse Sam ao voltar a entrar com a carroça no trânsito. - Depois a inundação. Perdeu-se a maior parte dos prédios à beira-rio. - Fustigou o cavalo. - Tem família aqui? - perguntou.

- Amigos. - Angel mentiu, fingindo interesse pela grande atividade.

- Posso levá-la a algum sítio em particular? - perguntou Sam, claramente preocupado com ela.

- Não. Qualquer sítio serve. Eu encontro o caminho. Sam, não se preocupe comigo. Eu sei tomar conta de mim mesma.

Sam parou junto a um grande armazém de ferragens.

- Este é o fim da linha para mim. - Ajudou-a a descer e deu-lhe um aperto de mão. - Estou-lhe agradecido pela companhia, menina, e pela sua ajuda naquele último acampamento. Penso que os meus dias na estrada chegaram ao fim. É hora de me pôr por trás de um balcão. Talvez monte uma loja e veja se arranjo umas senhoras bonitas para serem minhas empregadas.

Angel desejou-lhe boa sorte e afastou-se rapidamente. Caminhou ao longo do passeio, contornando homens que lhe erguiam o chapéu. Não olhava para ninguém, com a mente ocupada a tentar calcular o que faria agora que estava em Sacramento. Passou por um bar, e a música

ruidosa precipitou-lhe a mente para o Silver Dollar e o Palace. Parecia há uma vida, mas aquela recordação tornava-os demasiado próximos para seu sossego.

Acabou perto do rio. A ironia daquilo fê-la sorrir amargamente. A Mamã não acabara também nas docas? E aqui estava ela a aproximar-se do pontão, com os navios a entrarem. Pôs-se a observar as pessoas a descerem pela prancha e caixotes a serem descarregados.

Continuando a andar, viu que estavam a ser construídos prédios ao longo da rua, para substituir os que tinham sido levados na cheia. Havia ainda um par de prédios com negócios a funcionar. Um deles era um bar grande. Angel sabia que se entrasse por aquelas portas de vaivém estaria a trabalhar num dos quartos no andar de cima daí a menos de uma hora.

Sem destino, continuou a descer a rua. O que ia fazer? O ouro que Sam Teal lhe dera chegaria para uma ou duas semanas. Mas, e depois disso? Precisava de encontrar uma maneira de ganhar a vida, e a ideia de voltar para a prostituição era insuportável.

Já não posso fazer isso. Não depois do Michael.

O Michael é só um homem como qualquer outro.

Não. Não é nada como o resto.

Um homem alto de cabelo escuro saiu de uma loja e Angel sentiu o coração dar-lhe um salto no peito. Não era Michael, só outro homem com a sua cor de cabelo e a mesma estatura. Estava a rir-se com vários outros homens enquanto atravessavam a rua.

Tinha de parar de pensar em Michael. A primeira coisa que tinha de fazer era arranjar um sítio onde ficar, mas todos aqueles por onde passava pareciam demasiado duvidosos ou demasiado caros. A sua mente não parava de a trair e de a levar a pensar em Michael. O que estaria a fazer agora? Estaria à procura dela? Ou teria desistido e voltado para o trabalho no campo? Passou por outro bordel.

Vá lá, entra, Angel. Eles tomam conta de ti. Vais ter um quarto só teu e comida.

As palmas das suas mãos estavam transpiradas. Era o fim da tarde e começava a fazer frio. Há quanto tempo andaria a vaguear? Recuou quando um homem saiu do bordel. Ele olhou para ela, surpreendido.

- Peço desculpa, minha senhora - disse ele, levando a mão ao chapéu. Estava cambaleante. - Não devia pôr-se à porta de um sítio como este.

- O meu marido está lá dentro - disse ela, usando a primeira coisa de que se lembrou para se livrar dele.

- O seu marido? - Olhou-a de alto a baixo e abanou a cabeça. - O que é que ele está a fazer lá dentro com alguém como a senhora em casa? Como é que ele se chama?

- Como se chama? Oh. Charles. - Mal o homem voltou a entrar pelas portas de vaivém, a chamar aos berros para o andar de cima pelo inexistente Charles, ela afastou-se a toda a pressa, atravessando a rua e subindo uma transversal. Os homens fitavam-na ao verem-a passar a toda a pressa Angel avistou uma tabuleta pintada de fresco: *Hochschild's General Mercantile*, e dirigiu-se para ela como para um farol no escuro.

Uma mulher pesada e idosa saiu com uma vassoura e pôs-se a varrer os degraus e o passeio. Sem sorrir, trabalhava diligentemente, arrastando lixo para a estrada e batendo com a vassoura nas traves do passeio. Ergueu a cabeça quando Angel subiu para o passeio.

- Homens - murmurou, com um leve sorriso. - Nem sequer se dão ao trabalho de raspar as solas das botas antes de trazerem a lama toda para dentro da loja. - O seu olhar baixou-se para a trouxa atada na mão de Angel. Angel acenou com a cabeça, embaraçada, e entrou. Olhou à sua volta à procura de Joseph, mas ele não se via em lado nenhum.

- Posso ajudá-la a encontrar alguma coisa? - perguntou a mulher, com um pé dentro da loja e a vassoura nas mãos como uma espingarda em descanso.

- Um saco de viagem de tecido - disse Angel. - Dos pequenos.

- Ali mesmo - disse a mulher, e conduziu-a a uma prateleira na parede. - Este é bonito. - Pegou num e passou-o para as mãos de Angel. Uma outra mulher, morena e robusta, saiu de trás da cortina das traseiras e pousou uma caixa num balcão. Limpou o suor da testa.

- Joseph - chamou -, trazes-me aquele caixote, por favor? Não consigo levantá-lo.

Angel desejou não ter vindo ali. Porque não pensara antes de se atirar de cabeça? Joseph gostava de Michael. O que diria de ela ter fugido da maneira como fugira? Não podia contar com a ajuda dele. E quem eram estas mulheres com ele? Ele não dissera alguma coisa sobre a intenção da sua mãe de vir visitá-lo e lhe trazer uma esposa?

- Agrada-lhe? - perguntou-lhe a mulher.

- O quê? - gaguejou Angel. Tinha de sair dali.

- O saco de viagem - disse a mulher, agora curiosa.

- Mudei de ideias. - Devolveu-lhe o saco. Joseph veio das traseiras da loja com o caixote e viu-a imediatamente. Fez um sorriso rasgado e ela viu que lançava um olhar rápido à volta da loja à procura de Michael. Angel virou-se rapidamente e encaminhou-se para a porta, esbarrando na mulher de idade. - Desculpe - gaguejou, tentando equilibrá-la ao passar por ela.

- Angel! Aonde vai? Espere!

Angel não esperou. Joseph pousou o caixote à pressa, saltou por cima do balcão e alcançou-a.

- Espere lá - disse, agarrando-lhe o ombro. - O que é que se passa?

- Nada - respondeu ela, com o rosto afogueado. - Só entrei para procurar um saco de viagem.

- Então procure à vontade. Onde é que está o Michael?

Ela engoliu em seco.

- Em casa.

Joseph franziu a testa.

- O que é que aconteceu?

Ela espetou o queixo.

- Não aconteceu nada.

A mãe dele aproximou-se, ainda com a vassoura na mão.

- Quem é esta jovem, Joseph? - Estava a observar Angel com um interesse novo e reprovador.

- É a mulher de um amigo meu - respondeu ele sem desviar os olhos de Angel. Ela queria que ele deixasse de a sondar com os seus olhos astutos. Ele agarrou-lhe o cotovelo. - Venha até aqui e sente-se e conte-me a que vem isto tudo. - Fez rapidamente as apresentações. - A minha mulher, Meribah, e a minha mãe, Rebekkah.

- Quer um café? - perguntou Meribah, e Joseph disse que sim, que ela queria. Arredou a mãe com um gesto e ela pôs-se a varrer de novo, observando-os subrepticamente.

- Não devia ter vindo cá - disse Angel num tom inexpressivo.

- O Michael sabe onde está?

- É claro que sabe - mentiu ela.

- Então - disse ele, uma série de declarações naquela simples palavra. Sentou-se em cima de um barril, ainda sem lhe largar o braço. - Fugiu dele, não foi?

Ela soltou o braço e empertigou-se, numa atitude defensiva.

- Não estava a resultar.

- Não? - Ele não disse nada por um longo momento. - Isso não é lá muito inesperado, suponho, mas é uma pena.

A atitude de desafio dela enfraqueceu.

- Tem alguma ideia do que uma pomba manchada regenerada pode fazer para ganhar a vida nesta cidade? - perguntou impertinente, e fez o seu velho sorriso artificial. Quando ele franziu a testa, ela calculou que, provavelmente, ele estava a sentir-se preocupado que ela

lhe pedisse algum dinheiro. – Não importa – apressou-se a dizer. – Foi uma piada sem graça. – Pôs-se de pé. – É melhor eu ir andando.

Ele pousou a mão no braço dela mais uma vez.

– Sente-se. A Meribah vem aí com o tabuleiro. – A mulher dele serviu-lhe uma chávena de café. As mãos de Angel tremiam quando pegou na chávena. Tentou parar de tremer, a sentir os olhos de Joseph postos nela. Meribah ofereceu-lhe uma fatia de bolo. Angel recusou. A mãe de Joseph tinha acabado de varrer e veio juntar-se a eles. Angel desejava não ter posto os pés neste lugar. Com a censura de três pares de olhos, sentia-se murchar por dentro. Falaram sobre as inundações e a reconstrução e o aprovisionamento da loja. Embora não fizessem perguntas pessoais, ela sentia os seus olhares inquiridores.

Entrou um cliente e Meribah foi servi-lo. Entrou outro, e Rebekkah, vendo que Joseph não tinha intenção de o atender, desculpou-se por ter de se ausentar.

– Tem quarto? – perguntou Joseph.

– Ainda não – respondeu Angel. Ergueu o queixo. – Mas não deve ser muito difícil arranjar um.

– Vai ficar aqui – disse ele. Ela parecia para além da exaustão.

– O que é que a sua mulher e a sua mãe vão dizer a isso?

– perguntou ela sardónica, sem consciência da expressão de menina pequena perdida nos seus olhos.

– Ficariam mais intrigadas se eu a mandasse embora sem nenhum lugar para onde ir. Não podemos proporcionar-lhe aposentos de luxo, mas podemos dar-lhe uma cama de lona limpa e cobertores e comida *kosher*. O que me diz?

Ela mordiscou o lábio e olhou para as duas mulheres.

Ele deu uma palmada nas coxas e pôs-se de pé.

– Elas não se vão importar. – E, mesmo que se importassem, tencionava assegurar-se de que guardariam para si as reservas que pudessem ter. Já era

suficientemente tarde para poder fechar a loja um pouco mais cedo do que o habitual.

Angel sentou-se com eles à mesa da sala de jantar no andar de cima. Empurrava a comida no prato de um lado para o outro a fingir que comia, mas não tinha apetite. Meribah e Rebekkah não lhe faziam perguntas a sondá-la, mas Angel sentia a profunda curiosidade delas. Quando Meribah levantou a mesa, Angel pôs-se de pé e ajudou-a. Joseph e a sua mãe começaram a falar num tom de voz baixo e agitado mal ela saiu pela porta. Pararam de falar quando ela voltou a buscar o resto dos pratos. Quando estava a empilhá-los, fez uma pausa.

- Não tenho de ficar depois desta noite - disse. - Se vai causar problemas entre vós, vou-me embora logo de manhã cedo.

- Fica o tempo que o Joseph disser - respondeu Rebekkah num tom que não admitia discussão. - Ele vai pôr a cama de lona ao pé da salamandra lá em baixo. Vai ficar quentinha lá.

Joseph instalou o divã. Voltou ao andar de cima e disse a Meribah que ia sair por algum tempo. Voltaria daí a umas horas. Surpreendida, Meribah não o questionou.

- Ele nunca sai à noite - disse quando Joseph fechou a porta. Pegou no bordado.

- São negócios - disse Rebekkah, pondo-se a tricotar rapidamente.

Angel ficou sentada com as duas na sala de estar. O único som na sala era o do tiquetaque do relógio na prateleira por cima da lareira e o tilintar das agulhas de Rebekkah.

- Se não se importam, acho que vou para a cama - disse Angel por fim. Rebekkah acenou com a cabeça em sinal de aprovação. Fechou a porta nas suas costas e fez uma pausa. As duas mulheres começaram imediatamente a falar. Provavelmente sobre ela. Desceu ao rés do chão e deitou-se na cama de lona às escuras. Dormiu mal, a sonhar com o Duque.

Rebekkah veio ao andar de baixo ao amanhecer. Angel acordou e vestiu-se rapidamente.

- Não dormiu bem, pois não? - disse Rebekkah, a vê-la recolher as suas coisas.

- Fiquei bem. Obrigada por me deixarem pernoitar aqui. - Dobrou os cobertores e fechou a cama de lona, enfiando-o num espaço estreito entre as prateleiras. Sentia os olhos escuros de Rebekkah a observarem todos os seus movimentos.

- O Joseph disse que andava à procura de trabalho - disse Rebekkah. - Nós temos muito para lhe dar a fazer por cá.

Angel endireitou-se, surpreendida, e olhou-a de frente.

- Está a pedir-me que trabalhe para *vocês*?

Rebekkah empertigou-se.

- A não ser que tenha algo melhor em mente.

- Oh, não. Não tenho - apressou-se Angel a responder. - O que quer que eu faça?

Rebekkah deu-lhe uma lista sem demoras.

Angel lavou janelas e varreu a loja. Empilhou latas de alimentos e dobrou camisas de flanela vermelha. Pendurou material de pesca e caça nas paredes. Quando os homens se aproximavam dela, Meribah ou Rebekkah intercetavam-nos, respondendo às suas perguntas e mostrando-lhes mercadorias. Rebekkah pediu-lhe que trouxesse caixas do armazém e colocasse os produtos nas prateleiras por trás dos balcões. Angel trabalhou no duro, parando para a refeição do meio-dia e voltando depois à sua labuta até Joseph fechar a loja e aferrolhar a porta ao fim da tarde.

Rebekkah entregou-lhe um envelope ao jantar.

- O seu pagamento - disse simplesmente, e Angel pestanejou, a sentir um nó na garganta. Olhou para Joseph e Meribah, depois de novo para Rebekkah. Rebekkah acenou com a cabeça ao seu filho. - É uma boa trabalhadora. - Angel baixou a cabeça, sem conseguir falar. Rebekkah pousou um prato de batatas ao lado dela. - Coma. Precisa de pôr alguma carne nesses ossos.

Mais tarde nessa noite, Angel sentou-se na cama de lona, com um candeeiro aceso, e contou o que ganhara. Fazia mais em meia hora no Palace, mas nunca se sentira tão limpa e orgulhosa.

No dia seguinte, Rebekkah pediu-lhe que pesasse feijões para sacos de dois quilos e meio e depois os atasse e empilhasse. Quando terminou, Angel endireitou os rolos de tecido e pô-los de pé em vez de empilhados. Meribah aproximou-se e disse que ficava muito bonito e seria muito mais fácil pegar nos rolos dessa maneira.

- O Joseph acabou de receber uma remessa de tinhas. Importa-se de me ajudar a trazê-las para dentro? Podemos empilhá-las no canto na parte de trás da loja.

Cada dia Rebekkah dava-lhe tarefas para ela fazer e cada noite, quando a porta era aferrolhada e a tabuleta com FECHADO pendurada, pagava-lhe.

- Olhem o que acabou de chegar - disse Joseph, dando uma palmada num caixote.

Angel pousou a vassoura e enfiou várias madeixas de cabelo por baixo do lenço que lhe cobria a cabeça.

- O que é?

- O fogão do Michael.

Angel sentiu o coração na garganta à menção do nome dele.

- É melhor eu acabar de varrer - disse. Joseph olhou-a por um longo momento e depois voltou para o seu trabalho.

Angel estava pensativa ao jantar. Mal a mesa foi levantada e a louça lavada, pediu desculpa e retirou-se. Meribah veio ao andar de baixo daí a pouco tempo.

- O Joseph e a Rebekkah estão a passar em revista as contas - disse. Hesitou. - Mal comeu alguma coisa ao jantar. Está a sentir-se bem?

- Estou ótima. - Angel não conseguia parar de pensar em Michael. Enquanto estava em movimento e a trabalhar, conseguia evitar a saudade. Olhou para o grande caixote

contra a parede. Devia ter sido enviado recado, e Michael viria buscar o seu fogão.

Terei de ir embora antes de ele vir.

Meribah sentou-se em cima do caixote e aqueceu as mãos perto da salamandra.

- Está a pensar em ir-se embora, não está?

Angel ergueu a cabeça e olhou-a.

- Estou.

- Não está contente com o trabalho?

- Não é o trabalho. É... - O que podia ela dizer? Suspirando, acenou na direção do caixote grande. - O fogão do Michael. Ele vem buscá-lo em breve.

- E não quer vê-lo?

- Não posso.

- Foi assim tão terrível?

Fora maravilhoso. Demasiado maravilhoso para durar.

- É simplesmente melhor se eu não o vir.

- Para onde vai?

Encolheu os ombros.

- Para São Francisco. Não sei. Não importa.

Meribah uniu as mãos sobre o regaço.

- O Joseph tem muita consideração pelo seu marido.

Angel acenou com a cabeça e desviou o olhar.

- Eu sei. - Só o seu nome já despertava muitas sensações dentro dela. Pensara que a saudade diminuiria. Pensara que a distância dissolveria os sentimentos que nutria por ele. Estava separada de Michael há três semanas, e ansiava agora mais por ele do que na noite em que partira.

- Fui casada antes - disse Meribah. - Com um homem muito difícil. A minha mãe morreu quando eu era muito nova e o meu pai queria ver-me bem arrumada antes de chegar a hora dele. Por isso, escolheu um homem que, na aparência pelo menos, era próspero e bondoso. O meu marido não era nem uma coisa nem a outra. Eu costumava rezar a Deus para que me livrasse dele. E Ele ouviu-me. -

Fez uma pausa. – Depois aprendi como a vida pode tratar de uma maneira cruel uma mulher só.

– Eu tenho estado só toda a vida – disse Angel simplesmente.

– Se o seu marido é sequer metade do homem que o Joseph acha que ele é, devia voltar e resolver as coisas com ele.

Angel retraiu-se.

– Não me diga o que devo fazer – respondeu, na defensiva. – Não sabe nada sobre a minha vida ou onde estive. – Meribah ficou em silêncio durante um longo momento, e Angel arrependeu-se da sua brusquidão.

– Tem razão – disse Meribah por fim. – Não estou a par de todas as circunstâncias, mas sei o pouco que o Joseph me contou.

– O que é que ele lhe contou? – perguntou Angel, a ouvir o tom ríspido na sua voz, mas sem conseguir atenuá-lo.

Perturbada, Meribah olhou-a com tristeza.

– Que o seu marido a tirou de um bordel. Apaixonou-se por si na primeira vez em que a viu e, provavelmente, ainda a ama.

As palavras de Meribah trespassaram Angel com uma dor aguda.

– O amor não dura. – Não sabia o quanto revelava no seu rosto pálido.

O rosto de Meribah suavizou-se.

– Por vezes dura. Se for do tipo certo.

Angel ficou deitada no escuro depois de Meribah se retirar a refletir no que ela dissera. A Mamã esforçara-se por manter vivo o amor de Alex Stafford. Tentara tudo para lhe agradar e manter a sua paixão viva. Angel perguntava-se agora se não teriam sido esses mesmos esforços a servir para o afastar. A Mamã mostrara-se tão *faminta* do amor dele. Toda a sua vida girara em torno das vindas de Alex Stafford à pequena casa. A sua felicidade dependia unicamente dele. Fora uma obsessão.

Em que era diferente o que ela estava a sentir por Michael? Não conseguia parar de pensar nele. O seu coração ansiava por estar perto dele, ouvir a sua voz, ver os seus olhos iluminarem-se quando olhava para ela. O seu corpo ansiava por ele, pelo seu calor e o seu toque. As suas emoções estavam em grande turvação.

Na manhã seguinte, comunicou a Joseph que ia partir.

- Não pode ir - disse-lhe ele, claramente bastante zangado com ela. - A Meribah magoou as costas ontem à noite. Não foi, Meribah? - Meribah parecia perplexa. - Podes admiti-lo - disse-lhe ele. Ela estendeu as mãos. - Está a ver? - disse Joseph. - E eu tenho uma remessa nas traseiras. Não posso pôr tudo em cima das mesas sozinho.

- Está bem, Joseph - cedeu Angel -, mas mal isso esteja feito, tenho de ir embora.

Meteu mãos ao trabalho imediatamente, cheia de pressa de terminar a tarefa e poder partir. Joseph estava sempre a dizer-lhe que levasse as coisas com calma, que não precisava de outra mulher com uma dor nas costas. Quando pararam para o almoço, ele demorou tanto tempo a comer que Angel se sentiu exasperada. Quando ela se levantou para voltar para o trabalho, ele disse-lhe que se sentasse e acabasse de tomar o café. Se ele sentia tanto empenho em desencanaixotar a mercadoria, porque é que estava a desperdiçar tanto tempo? E não parecia haver nada de errado com as costas de Meribah quando ela se levantou e pegou na travessa pesada de cima da mesa.

Ao voltarem para o trabalho, Joseph disse que tinha mudado de ideias sobre onde pusera alguns candeeiros e queria mudá-los para o outro lado da loja. A mercadoria que estava em cima da mesa que ele escolheu teve também de ser mudada. Ela fez o que ele pedia, a sentir-se cada vez mais tensa à medida que o dia avançava.

Põe-te daqui para fora, Angel. Vai. Já.

Mas ficou, a trabalhar com Joseph, a querer terminar o que tinham começado, embora ele mudasse de ideias de

meia em meia hora. O que se passava com ele hoje?

Joseph pousou a mão no ombro dela.

- Chega por hoje. Porque não fecha a loja?

- É cedo, não é?

- Já é suficientemente tarde - disse ele, e sorriu. Fez sinal a Meribah e à sua mãe para o seguirem e passaram pela cortina das traseiras juntos. Franzindo a testa, Angel virou-se.

Michael estava à entrada da loja.

Vinte e três

*Toda bela és tu, ó minha amada,
e em ti defeito não há.*

CÂNTICO DOS CÂNTICOS 4:7

Angel ficou paralisada com o choque quando Michael se encaminhou para ela. Estava coberto da poeira da estrada, com o rosto franzido e sombrio.

- Joseph mandou avisar que estavas aqui.

O coração de Angel galopava.

- Porque é que vieste?

- Para te levar para casa.

Ela recuou, a afastar-se dele.

- Não quero voltar - disse, a querer soar firme e indiferente, e a soar nem uma coisa nem a outra, com a voz trémula.

Ele continuou a avançar. Ela esbarrou numa mesa com botas, fazendo com que várias caíssem ao chão.

- Sabia que não voltarias para Pair-a-Dice - disse ele.

Ela agarrou-se à mesa por trás de si para se apoiar e manteve-se firme.

- O que te deu tanta certeza? - perguntou num tom de troça. Ele não respondeu. Ela não conseguia interpretar a expressão dos seus olhos. Quando ele estendeu a mão, ela susteve a respiração. Ele tocou-lhe na face a medo e ela

comprimiu os lábios com força para impedir que tremessem.

- Simplesmente sabia, Amanda.

Sem conseguir suportar o caudal de emoções, arredou-o da sua frente numa atitude frenética.

- Nem sequer sabes porque é que te deixei.

Michael agarrou-a e fê-la dar meia volta.

- Oh, sim, sei! - Puxou-a para os seus braços. - Vieste embora por causa disto. - Cobriu a sua boca com a dele. Quando ela tentou libertar-se, ele pôs a mão em concha na parte de trás da cabeça dela. Ela debateu-se com mais força ao mesmo tempo que o calor que a traía a inundava.

Quando finalmente ficou imóvel, Michael tirou-lhe o lenço da cabeça. Soltando a fita, enfiou os dedos no cabelo dela e inclinou-lhe a cabeça para trás. Ela sentia os batimentos fortes do coração dele nas palmas das suas mãos.

- Foi isto, não foi? - disse ele em voz rouca. Envergonhada, ela tentou virar-se, mas ele não o permitiu. - *Não foi isto?*

- Não quero sentir-me assim - murmurou ela em voz embargada.

Alguém pigarreou.

- A loja ainda está aberta?

Michael virou-se, com as mãos a deslizar pelos braços dela abaixo. Apertou-lhe as mãos delicadamente antes de a soltar.

- Não, não está. Lamento. - Atravessou a loja e polidamente acompanhou o cliente até à porta. Fechou-a firmemente nas costas dele, aferrolhou-a e virou a tabuleta na montra.

Quando Michael se virou, viu Amanda na parte de trás da loja. Ela inclinou-se para pegar em alguma coisa que estava perto da salamandra. Seguiu-a e viu que tinha um saco de viagem e estava a recolher os seus poucos pertences. Fez um esgar.

- Vamos para casa amanhã de manhã.

Ela recusava-se a olhar para ele.

- Tu vais para casa. Eu vou para São Francisco.

Ele cerrou os dentes, tentando manter-se paciente. O rosto dela estava muito pálido e tenso. Quando ele tentou tocar-lhe mais uma vez, ela esquivou-se rapidamente, pondo um barril entre os dois. Estava a enfiar as suas roupas no saco num frenesim.

- Tu estás apaixonada por mim - disse ele. - Pensas que podes fugir disso?

Ao ouvir aquelas palavras, Angel ficou paralisada, de cabeça baixa e com as mãos a agarrar o saco com força. Tremia violentamente; o efeito que ele tinha sobre ela era avassalador. Recomeçou a encafuar as roupas no saco. Quanto mais cedo se afastasse dele melhor. Estava a tentar encafuar os seus sentimentos também.

- Disse-te que nunca me permitiria apaixonar-me por ninguém, e falava a sério!

- Mas, milagre dos milagres, apaixonaste-te, não foi? - disse ele, tão decidido e persistente como sempre.

- Vai-te embora, Michael.

- De maneira nenhuma.

- Deixa-me em paz! - Enrolou a última saia e encafuou-a com o resto das suas coisas. Fechou o saco e fulminou-o com um olhar. - Queres saber que sensação me dá o amor? Sinto como se me estivesse a arrancar o coração.

Passou um clarão nos olhos dele.

- Começaste a sentir-te assim quando *partiste*. Não quando estavas comigo. - Angel tentou passar por Michael, mas ele barrou-lhe o caminho. - Vi a maneira como começaste a olhar para mim, Amanda. Senti a maneira como reagiste naquela última noite. Senti-a em todo o meu ser.

- E deu-te uma sensação de poder, não deu? *Não deu?*

- Sim! - admitiu ele bruscamente, e agarrou-lhe o braço quando ela se preparava para recuar para a porta das traseiras. - Mas não é um poder que vá usar contra ti.

- Tens razão - disse ela, tentando soltar-se. - Não te vou dar essa oportunidade!

Ele arrancou-lhe o saco da mão e atirou-o contra a parede dos fundos.

- Eu não sou o teu pai! Eu não sou o Duque! Eu não sou um homem qualquer a pagar por meia hora na tua cama! - As suas mãos apertaram-se em torno dos braços dela. - Sou o teu *marido*! Não tomo o que sentes com ligeireza. Amo-te. És a minha mulher!

Mordendo o lábio, Angel tentou conter as lágrimas.

Michael tornou-se mais meigo. Pôs-lhe o rosto entre as mãos em concha de maneira a ela não poder desviar o olhar e viu a luta de partir o coração que ela travava contra as suas emoções. A emoção sempre fora a sua inimiga. Não podia permitir-se sentir, se queria sobreviver. Ele compreendia isso, mas tinha de a fazer ver que a emoção já não era uma inimiga.

- Amanda, eu soube no dia em que te vi que pertencias comigo.

- Sabes quantas vezes os homens me disseram isso? - perguntou ela, a querer rechaçá-lo.

Ele prosseguiu, persistente, como se as palavras dela não o tivessem apunhalado.

- Tenho adorado ver-te crescer e mudar. Nunca és a mesma. Adoro a maneira como aceitas coisas novas, a tua vontade de aprender. Adoro como trabalhas, como tens uma expressão de menina pequena no rosto quando acabas de fazer alguma coisa que nunca tinhas tentado. Adoro ver-te saltitar pelo prado com a Ruth. Adoro ver-te rir com a Miriam e escutar as palavras sábias da Elizabeth. Adoro a ideia de envelhecer contigo e de acordar contigo todas as manhãs para o resto da minha vida.

- Não digas isso - murmurou ela com a voz embargada.

- Ainda nem comecei. - Sacudiu-a com ternura. - Amanda, adorei dar-te prazer. Adorei sentir-te derreter. Adorei ouvir-te dizer o meu nome. - Ela corou e ele beijou-

a. - O amor limpa, bem-amada. Não nos deita abaixo. Não lança culpas. - Beijou-a de novo, a desejar ter as palavras certas para exprimir o que sentia. As palavras nunca seriam suficientes para lhe mostrar o que queria dizer. - O meu amor não é uma arma. É uma corda de salvamento. Estende a mão, agarra-a e não a largues.

Quando a puxou para os seus braços desta vez, ela não resistiu. Ao pôr os braços à volta do corpo dele, Angel suspirou, com a tensão das últimas semanas a dissolver-se.

- Isto dá uma sensação boa, não dá? E como deve ser.

- Não conseguia parar de pensar em ti - disse ela tristemente, encostando-se a ele e inalando o aroma doce do seu corpo. Sentira a falta desta sensação de segurança que só tinha quando estava com ele. Ele mostrava-se tão determinado a tê-la. Bem, porque não permiti-lo? Não era o que ela queria? Pertencer-lhe. Ficar com ele para sempre. Não era por isto que ansiara a cada momento desde que o deixara?

- Tu fazes-me ter esperança, Michael. Não sei se isso é bom ou não.

- É bom - disse ele, apertando-a ao peito e cheio de júbilo com a sua confissão. Era um princípio.

*

Partiram à primeira luz do dia. Angel ia atrás de Michael no cavalo, com as mãos enfiadas no cinto dele. Ele pouco falou, a não ser para lhe perguntar como chegara até Sacramento. Ela falou-lhe pormenorizadamente sobre o velho Sam Teal e a sua pouca sorte. Ele riu-se quando ela lhe contou como vendera os tachos e as panelas no acampamento de mineiros. Ela riu-se também.

- Não julguei que poderia ser boa em alguma coisa.

- Deixo-te tratar dos negócios com o Joseph da próxima vez que trouxermos uma remessa dos nossos produtos.

- O Joseph é um caso muito diferente. Não se deixaria cegar com tanta facilidade.

- Ele gosta de ti, sabes?

- Gosta? - Sentiu-se estranhamente satisfeita. - Pensei que me tinha deixado ficar para te fazer um favor.

- Em parte. Disse que sabia que Deus tinha a mão em ti quando entraste pela porta dele naquele dia.

Angel não respondeu. Não acreditava que Deus tivesse a sua mão em nada que tivesse a ver com ela. Lavara as suas mãos do que lhe dizia respeito há muito tempo. Angel passou os braços à volta da cintura de Michael e encostou a cabeça às suas costas fortes e largas. Estava perigosamente perto das lágrimas. A tremer, combateu um receio nebuloso que a roía por dentro. Michael pressentiu-o, mas esperou até pararem para descansar para falar sobre o assunto.

Desmontou e ajudou-a a descer do cavalo. Pegando-lhe no queixo, olhou-a nos olhos.

- O que é, Amanda?

- Foi pura sorte ter encontrado o Joseph quando o encontrei, Michael.

Michael sabia que fora muito mais do que isso, mas dizer-lho não a faria acreditar.

Angel não queria pensar no que poderia ter acontecido se não tivesse encontrado o lojista. Era tão fraca. Era uma coisa detestável a ter de encarar em si mesma. Um dia sozinha e teria voltado a entrar num bordel. Um dia. Talvez nem mesmo tanto tempo.

- Salvaste-me outra vez - disse, a tentar usar um tom ligeiro. Embaraçada pela sua vulnerabilidade, desviou o olhar.

Michael inclinou-lhe o rosto para trás. Oh, os olhos dele. Tão cheios de esperança. Tão cheios de amor.

- Eu sou só um instrumento, bem-amada. Não o teu Salvador.

Quando a tomou nos braços, ela abandonou-se de boa vontade. Ficaram até ao anoitecer e fizeram o resto do caminho para casa ao luar.

Michael meteu mãos ao trabalho nos campos, a fazer os preparativos finais antes da sementeira. Angel ajudava-o carregando pedras e quebrando torrões de terra nas searas. Quando chegou o dia de semear, Michael meteu as sementes e Angel nas traseiras da carroça. Explicou-lhe como semear o trigo e depois andou para a frente e para trás sobre a terra. Ela lançava a semente, com dúvidas de que algo resultasse daquilo.

Plantar o milho dava mais trabalho. Michael apanhou peixes e cortou-os em pedaços grandes para os enterrar com os grãos. Demorou do amanhecer até ao pôr do sol a plantar o campo, mas quando Angel olhou para a terra fértil, sentiu-se satisfeita. Na manhã seguinte, viu um bando de aves na seara de trigo. Deixando cair o balde da água, correu para o campo para as enxotar.

A rir, Michael pousou os braços na vedação do curral que estava a consertar e pôs-se a vê-la.

- O que é que estás a fazer?

- Michael, aquelas aves horríveis! O que é que vamos fazer? Estão a comer todas as sementes que plantámos. - Atirou um torrão de terra a outra ave, e ela voou para uma árvore ali perto, onde se empoleirou.

- Deixa-as em paz. Não vão levar mais do que o seu quinhão.

Ela voltou para trás em largas passadas.

- O quinhão delas? Porque é que haviam de ter algum?

- É um pagamento justo. São as guardiãs da terra. - Apontou. - As andorinhas, os andorinhões e os falcões guardam o ar e comem os insetos que de outro modo o enxameariam. Os pica-paus, as trepadeiras e os chapins alimentam-se das larvas e dos besouros que destruiriam as nossas árvores. As toutinegras e os papa-moscas alimentam-se dos insetos que atacam as folhas. As perdizes e as galinhas da pradaria comem os gafanhotos que devorariam as nossas colheitas.

- O que são aqueles que estão ali a debicar?

Michael riu-se.

- São melros.

- Bem, eles não servem para nada, pois não?

- Guardam a superfície do solo, com a ajuda dos corvos, dos tordos e das cotovias. As narcejas e as galinholas comem os bichos que andam debaixo da superfície. - Puxou-lhe a trança levemente. - Poupa as aves, Amanda, ou perdemos a colheita. Além disso, tenho outras coisas para tu fazeres. - Saltou por cima da vedação e pegou em Angel.

- Michael, e se não chover?

- Vai chover.

- Como é que sabes?

Michael pousou-a de novo no chão.

- Estás a preocupar-te com coisas que não podes controlar. Encara as coisas um dia de cada vez.

Choveu, de facto, nas semanas seguintes, a humedecer suavemente a terra.

- Michael, anda ver! - Despontavam rebentos verdes, e Angel andava ao longo dos renques de milho com uma excitação impossível de conter. As plantas eram tão pequenas e frágeis! Um dia de calor fá-las-ia murchar, mas Michael não se preocupava. Reparou a vedação do curral, acabou de construir a casa da refrigeração e foi à caça. Caçou um veado e mostrou a Angel como o preparar. Penduraram a carne no fumeiro.

Por vezes, quando Angel menos esperava, Michael vinha interrompê-la nas suas tarefas.

- Vamos procurar um sítio agradável ao sol - segredava, pondo os braços à volta dela. - Vem comigo e sê o meu amor.

Estavam deitados no celeiro um dia quando Angel ouviu Miriam chamar.

- Oh! - exclamou, embaraçada. Michael riu-se, agarrou-a pela cintura e atirou-a de novo para a palha, brincalhão. - Aonde vais?

- O que é que ela vai pensar? Tu e eu aqui a meio do dia?
- Talvez pense que estamos a fazer medas de palha.
- A Miriam é uma rapariga muito esperta.

Michael sorriu.

- Bem, então talvez se vá embora.
- Não, não vai. - Pôs-se de pé de um salto e tirou a palha do cabelo.

- Diz-lhe que eu ando à caça e que tu estavas a fazer uma sesta - disse ele, pondo-se de pé e beijando-lhe a nuca. A corar, ela empurrou-o.

Miriam entrou no celeiro e viu Angel a descer pela escada.

- Oh, aí estás.
- Estava só a fazer uma sesta - disse Angel, embaraçada e a afastar fios de cabelo do rosto.

Miriam tinha um brilho nos olhos.

- Os vossos campos estão semeados, ao que vejo.
- Sim. - Angel pigarreou.
- E a crescerem muito bem.
- Vamos para a cabana? Eu faço um café.
- Parece-me bem - disse Miriam, e desatou a rir. - Michael! O meu pai quer que tu e a Mandy venham jantar lá a casa. Vamos celebrar a nossa primeira sementeira.

A risada de Michael em resposta ouviu-se lá de cima.

- Diz-lhe que fazemos todo o gosto.

Miriam pegou na mão de Angel ao saírem do celeiro.

- A minha mãe vem sempre corada quando volta de um grande passeio com o meu pai - disse. - Como tu estás agora.

Angel corou.

- Não devias falar sobre isso assim tão livremente.

Miriam fez Angel parar e abraçou-a com força.

- Senti tantas saudades tuas!

Angel retribuiu o abraço, com um nó na garganta.

- Eu também tive muitas saudades tuas.

Miriam recuou, com os olhos marejados.

- Bem! Não custou assim tanto a admitir, pois não? - Parecia muito satisfeita.

A sementeira dos Altman estava terminada, e Miriam disse que tinha agora mais tempo para si. As crianças estavam bem. Tinham visto Paul várias vezes. Ele ajudara-os a cavar o seu novo poço.

- E se levássemos o café lá para fora e o tomássemos à sombra da macieira? - sugeriu Miriam. Michael estava a rachar lenha. Angel chamou-o e perguntou se queria café, mas ele respondeu que não.

- A minha mãe está de esperanças - disse Miriam quando estavam a instalar-se à sombra. - Fica sempre rejuvenescida quando está de bebé.

- Como é que o teu pai está a aceitar? - perguntou Angel, a pensar no seu próprio pai.

- Oh, anda todo satisfeito - respondeu Miriam. Fez um sorriso maroto. - Tu e o Michael andam a tentar aumentar a família?

A pergunta provocou uma dor aguda em Angel. Encolheu os ombros e desviou o olhar.

Miriam pegou na mão de Angel.

- Porque é que te foste embora? Ficámos todos tão preocupados!

- Não posso explicar - disse Angel.

- Não podes ou não queres? Sabes sequer a razão?

- Em parte. - Recusava-se a explicar mais. Como poderia fazê-lo de modo a que esta rapariga ingénua compreendesse? Ela era tão aberta, tão livre. Angel gostaria de ser como ela.

- Não contámos nada à Ruthie - disse Miriam. - Só dissemos que a Amanda e o Michael estavam muito ocupados e não podíamos visitá-los durante algum tempo.

- Obrigada - disse Angel. Pôs-se a ver Michael empilhar a lenha, com uma dor no coração.

Miriam sorriu.

- Estás terrivelmente apaixonada por ele, não estás?

- Terrivelmente. Sinto-me consumida de amor. Por vezes, basta que ele olhe para mim... - Parou, dando-se conta de que estava a dizer em voz alta os seus pensamentos mais privados.

Miriam olhou para ela.

- Não é assim que deveria ser?

- Não sei. É?

- Espero que sim - disse Miriam, sonhadora. - Oh, espero realmente que sim.

Miriam trouxe Ruth na vez seguinte. Angel parou de jardinar quando viu a criança a correr pela encosta florida do monte. Sacudindo a terra das mãos, saiu pela cancela e deu uns passos a correr para ir ao encontro da criança.

- Mandy! Mandy! - gritava Ruth cheia de alegria, e Angel pegou nela e abraçou-a.

- Olá, minha querida - disse Angel em voz rouca, beijando a criança em ambas as faces e no nariz. - Tens sido boa menina desde a última vez que te vi?

- Tenho! - respondeu Ruth, apertando o pescoço de Angel como se não tivesse intenção de alguma vez a soltar. - Porque é que tu fugiste? Estiveste fora tanto tempo. O Paul disse que tu foges *sempre* e o Michael vai à tua procura e volta a trazer-te. Disse que o Michael é um tolo, porque tu gostas mais da tua velha vida do que de ser mulher de um lavrador. O que era a tua velha vida, Mandy? Não quero que voltes para ela. Quero que fiques *aqui*.

Angel pousou-a muito lentamente. O coração caíra-lhe aos pés mal Ruth começara a repetir o que obviamente tinha ouvido aos adultos. *Não contámos nada à Ruthie*. Angel não conseguiu olhar Miriam nos olhos quando ela se aproximou.

- O que é que se passa? - perguntou Miriam. Como Angel não respondeu, ela olhou para a sua irmãzinha. - O que é que estiveste a dizer?

Angel tocou no cabelo escuro de Ruthie com ternura.

- Adoro ser mulher de um lavrador - disse muito baixo -, e não quero voltar para a minha velha vida.

Miriam abriu a boca involuntariamente e o seu rosto ficou muito vermelho.

Ruthie acenou com a cabeça e abraçou-se às pernas de Angel, que olhou com frieza para Miriam.

- O que é que ela te disse? - perguntou Miriam.

- Só o que ouviu dizer.

- Ruthie. O que é que tu ouviste dizer?

- Tu e o Paul - disse ela, com a voz abafada pela saia de Angel.

- Não importa - disse Angel num tom sombrio. - Deixa-a em paz, Miriam.

- Não deixo nada! Andaste à escuta, não foi? - perguntou Miriam, pondo as mãos à cintura e fitando a sua irmãzinha.

Ruthie olhou-a a medo.

- Foi a Mamã que me mandou ir. - Começou a fazer beicinho. - Queria que eu te fosse buscar.

- Quando é que foi isso?

- Quando o Paul estava lá na nossa propriedade. Ela disse que tu já estavas fora há muito tempo e que queria que voltasses para dentro de casa.

Miriam corou furiosamente.

- E?

- Ele estava a falar, e tu estavas furiosa. Eu vi que sim, porque estavas toda corada, como agora. Disseste-lhe para levar as histórias dele para casa com ele e ele disse...

Angel pôs a mão trémula na testa e ficou muito pálida.

- Não importa - apressou-se Miriam a dizer, a silenciar a irmã. Olhou para cima, com lágrimas nos olhos. - Amanda...

Angel encolheu os ombros, a tremer.

Miriam afastou Ruthie e deu-lhe uma palmadinha no traseiro.

- Vai dizer olá ao Michael, Ruthie.

Ruthie mordiscava o lábio inferior, com as lágrimas a juntarem-se nos seus olhos.

- Não estás zangada comigo?

Miriam inclinou-se para ela.

- Eu perdoo-te, agora vai lá. - Beijou a sua irmãzinha. - Falamos sobre isto mais tarde, pequerrucha. Vai ver o Michael. - Quando Ruthie chegou junto a Michael, ele levantou-a em braços e pousou-a em cima da vedação.

- Lamento muito. - Miriam estava perturbada. - Diz alguma coisa, Amanda. Não fiques assim.

O que havia a dizer?

- Queres um café?

- Não, não quero um café. - Quando Angel começou a dirigir-se para a cabana, Miriam acompanhou-a. - Eu não estava a falar de ti nas tuas costas. Juro.

- O Paul também não - disse Angel. - Só estava a dizer-te a maneira como vê as coisas.

- Como é que podes defendê-lo?

- Magoei o Michael mais do que uma vez, e o Paul sabe-o.

- Isso não quer dizer que voltes a magoá-lo.

- Não quer dizer que não volte.

Miriam e Ruthie ficaram a maior parte da tarde, e durante todo esse tempo Angel não conseguiu tirar aquilo da cabeça. Seria capaz de mudar? Era diferente só porque Michael a amava? Ou seria só a calma antes da verdadeira tempestade?

*

Michael sabia que se passava algo de errado. Um mês de felicidade maravilhosa, e sentia que ela se afastava dele mais uma vez. Sentia medo. Senhor, não deixeis que ela se afaste de novo. Ajudai-me a segurá-la.

- Vem cá - disse, pondo uma manta em frente à lareira. Ela veio de bom grado, mas havia algo sombrio e secreto nos seus olhos. O que estaria a atormentá-la?

Angel recostou-se contra o conforto sólido do peito amplo e musculoso de Michael. Adorava as mãos dele no seu corpo.

- O que se passa? - perguntou ele, roçando os lábios na sua nuca. - Tem andado alguma coisa a roer-te toda a noite. A Miriam ou a Ruth disseram alguma coisa que te perturbasse?

- Não de propósito. - Angel não queria falar-lhe de Paul. Não queria dizer-lhe o quanto as palavras magoavam. Negara o seu poder toda a vida, mas cada nome era um golpe. - É só que me sinto tão feliz - disse, em voz trémula. - Não consigo ultrapassar a ideia de que não mereço isto.

- E pensas que eu mereço?

- O que é que alguma vez fizeste para sentires vergonha da tua vida, Michael? Nem uma só coisa.

- Matei. - Sentiu o choque perpassá-la ao ouvir a sua confissão. Afastou-se dele e virou-se, de olhos arregalados.

- *Tu?*

- Cem vezes. Quando voltei a buscar-te naquela primeira vez e vi o que o Magowan te tinha feito. E o Duque. Matei-o cem vezes de cem maneiras, cada uma pior do que a anterior.

Angel descontraiu-se, a compreender.

- Pensar em fazer algo de errado não é o mesmo que fazê-lo.

- Não? Onde está a real diferença? O mesmo desejo está presente, a alimentar-se de si mesmo e de mim. - Puxou-lhe a trança levemente. - Não vês? Nem tu nem eu *merecemos* isto. Não tem nada a ver com se merecemos ou não. Todas as bênçãos vêm do Pai, não em pagamento do bem feito, mas como dádiva.

Michael viu um brilho nos olhos dela quando mencionou Deus pela primeira vez. Sentiu a sua resistência crescente. *Deus*, a palavra repelente. Deus, o ser que não tinha nenhum sentido na sua vida a não ser como castigo por pecados cometidos, alguns não por ela. Ela acreditava que Deus era ira, e que continuaria a puni-la por ter vivido uma vida a que fora forçada por um velho bêbedo sórdido que

não sabia o que estava a fazer. Deus era implacável e gostava de infligir dor.

Como poderia fazê-la ver que Deus Pai era a única saída que ela tinha de uma vida no inferno, quando o único pai que alguma vez conhecera a quisera ver arrancada ao ventre da sua mãe e deitada fora?

- Mostra-me este tal Pai, Michael - disse ela, sem conseguir evitar um tom sarcástico.

- Estou a mostrar-to - respondeu Michael em voz baixa.

- Onde? Não o vejo. Talvez se ele se pusesse diante de mim eu acreditasse que existe. - E poderia então cuspir-lhe na cara por tudo o que acontecera a ela e à sua mãe.

- Ele está em mim. Eu mostro-to a cada hora de cada dia, da única maneira que sei. - E, claramente, não estava a fazer um trabalho suficientemente bom.

Ela viu que o magoara e o seu coração amoleceu. Ele era tão sincero. E amava-a tanto. Ela também o amava, embora tivesse lutado com tanta força contra esse sentimento. Ele fizera-a amá-lo simplesmente sendo quem era. Mas isso não tinha nada a ver com Deus. Pois não?

- O amor não basta - disse ela, tocando no seu rosto amado. - Se fosse, deveria ter sido suficiente para a minha mãe, mas não foi. Eu também não serei suficiente para ti.

- Não, não serás. E eu não serei suficiente para ti, Amanda. Não quero ser o centro da tua vida. Quero ser parte dela. Quero ser o teu marido, não o teu deus. As pessoas nem sempre podem estar lá para ti, por mais que o queiram. E isso inclui-me a mim.

- E Deus está? - perguntou ela com desdém. - Deus *nunca* esteve lá para mim. - Libertou-se do seu abraço e pôs-se de pé, retirando-se para a cama. Ele viu-a soltar o cabelo. Ela olhou para ele e ficou imóvel. - Fico contente por gostares de louras - disse num tom ameno.

Não ia desmotivá-lo tão facilmente.

- O teu aspeto talvez tenha tido um pouco a ver com a razão por que reparei em ti na primeira vez - admitiu ele,

pondo-se de pé. Atirou a manta para as costas da cadeira.

- Só um pouco? - disse ela, sem vaidade. Até conhecer Michael, sempre se vira como alimento da luxúria dos homens.

- Um pouco - repetiu ele firmemente. Quando ela ergueu a cabeça, ele lançou-lhe um olhar solene que contrastava com o seu estado de espírito. - Na verdade, penso que foi o teu temperamento calmo, a tua disposição para te ajustares ao meu estilo de vida, o teu desejo constante de me agradar... - Atravessou a divisão enquanto falava e sentou-se na cama ao lado dela, que se ria.

Angel baixou as defesas ao ver o sorriso desarmante dele.

- Então - disse -, és só mais um tipo que se põe em riste perante um desafio. - O sorriso dela desvaneceu-se mal aquelas palavras lhe saíram dos lábios. Porque é que tudo o que ela dizia tinha de a marcar com o seu passado? Desviou o olhar de novo e continuou a desentrançar o cabelo. A mão dele estava pousada na coxa dela, a reconfortá-la. Até mesmo aquele leve contacto a fazia derreter-se por dentro. - O que sentes agora que sou como barro moldável nas tuas mãos, Michael?

- Júbilo - respondeu ele. - Puro júbilo. - Viu-lhe a pulsação acelerada no pescoço e depositou nela um beijo. Ouviu-a conter a respiração e sentiu um calor de resposta a espalhar-se rapidamente pelo seu corpo. Desejava-a. Sempre a desejaria. E, Deus fosse louvado, ela também o desejava. Sentia-o de cada vez que a tocava.

- Bem-amada - segredou, sentindo uma ternura avassaladora ao ver a expressão de incerteza nos seus olhos azuis -, se alguém soubesse como ou porque as pessoas se apaixonam umas pelas outras, engarrafavam-no e vendiam-no a uma daquelas carroças ambulantes de mezinhas. Não foi o teu aspeto. Não é porque me cheiras e sabes tão bem agora. Sabes que não é - disse, e beijou-a.

- Em parte é - disse ela com um suspiro.

- Deus sabe que é verdade, mas é algo para além disso. Algo que não se vê. Tu chamaste-me naquele dia quando passaste por mim, e eu não podia fazer outra coisa a não ser responder.

- Como já disseste antes.

- E tu continuas a não acreditar em mim.

- Oh, Michael. A vida fez-me certas coisas. Estou tão cheia de... - fez uma pausa, engolindo em seco com força e comprimindo os lábios, a olhar para além dele, sem conseguir olhá-lo nos olhos.

- De quê? - Acariciou os fios do seu cabelo, a afastar-lhos da testa.

- De vergonha - respondeu ela a custo, com a voz embargada. Ardiam-lhe os olhos e esforçava-se por conter as emoções. Não podia ceder às lágrimas, nem uma sequer, mas queria que ele soubesse como se sentia. - Não sei o que fiz de errado. Nunca soube, mas compreendi desde muito cedo, desde que me lembro, que nunca iria ser suficientemente boa para merecer uma vida decente. - E que a sua mera presença retirava a decência aos outros. Retiraria a de Michael por fim? Não suportava a ideia de que isso viesse a acontecer-lhe.

- Então como é que explicas isto?

Ela ergueu a mão e tocou-lhe no rosto.

- Não explico. Não consigo. Só sei que não durará.

Os olhos de Michael encheram-se de lágrimas. Ela partia-lhe o coração. Sempre o fizera.

- Eu nunca me afastei de ti. Nem nunca o farei. Foi sempre o contrário.

- Eu sei, mas se te desse tudo o que tenho, mesmo assim não bastaria. Não tenho o suficiente para um homem como tu.

Michael pegou na mão de Angel e encostou-a com força ao seu peito.

- Então toma o que te falta de mim. Deixa que o que eu tenho faça a diferença.

Ela sentia o coração tão cheio que lhe doía.

- És tão belo - segredou, trémula. Como podia ela, logo ela, ser tão amada por um homem como este? *Oh, Deus, se estás aí a ouvir, porque é que lhe fizeste isto?*

Por ti, bem-amada.

Um estremecimento percorreu-lhe o corpo e sentiu o cabelo eriçado.

Não por mim. Nunca por mim. Fechou a sua mente com força à voz calma e baixa.

- O que foi? - perguntou Michael ao ver a sua súbita palidez.

Michael era belo, mas ela sentia-se atraída por ele por algo que não a beleza física. Talvez fosse como ele dizia. Algo que não se via. Havia algo dentro dele que a atraía como uma borboleta para a chama, mas era uma chama que não queimava nem destruía. Acendia algo lá no seu fundo, de tal modo que ela sentia que estava a tornar-se parte dele. Ele dava sentido à sua vida. Já não era uma questão de sobrevivência. Era outra coisa que ela não conseguia ainda sequer definir ou compreender, e no entanto estava sempre a chamá-la.

E o Paul, Angel?

Franziu a testa por um segundo. Michael estava deitado ao seu lado e pegou-lhe no queixo, a virar-lhe o rosto para o seu.

- Conta-me.

Maravilhava-a como Michael era sensível a todos os seus pensamentos, mas poderia revelar isto sem alargar ainda mais o fosso entre ele e o seu amigo? Paul não estava errado quanto a ela. Via-a como o resto do mundo devia vê-la, como uma mulher que vendia o corpo por dinheiro e nada mais.

Abanou a cabeça. Michael beijou-a como se quisesse dar-lhe a sua esperança.

- Quem me dera poder mudar as coisas - disse ela com tristeza quando ele ergueu a cabeça para a olhar nos olhos.

- Quem me dera ter vindo para ti pura e inteira.

- Para que eu te amasse mais do que te amo agora? - perguntou ele com um sorriso terno.

Para que eu fosse merecedora de ti. Baixou-lhe a cabeça e beijou-o.

- Posso dar-te prazer.

- Dás-me prazer tal e qual como és.

Queria mais do que tudo agradar-lhe de todas as maneiras.

Lembra-te de tudo o que te ensinei, Angel, veio a voz do Duque, sem ser chamada. **Usa o que te ensinei e usa-o a ele.**

Quando Michael lhe sorriu, a voz sombria perdeu o seu poder.

- Sem barreiras - disse Michael. - Nada entre nós.

E então Angel entregou-se. Não pensou em mais nada a não ser em Michael. Sempre achara feio o corpo dos homens. Michael era belo, e ela venerava-o.

Michael encantava-se com ela.

- És como a terra... as Sierras, o vale fértil e o mar. - Puxou-a para cima de modo a ficarem sentados um em frente ao outro na cama. Angel só soube o que Michael tinha em mente quando ele lhe pegou nas mãos e baixou a cabeça. Pôs-se a rezar em voz alta, a dar graças pelo prazer que tinham tido um com o outro.

O coração de Angel martelava-lhe violentamente o peito. O que é que o Deus dele iria pensar sobre *isto*? Quando Michael acabou de rezar, sorriu-lhe, e o brilho nos seus olhos atenuou-lhe o medo.

- Não há raios, bem-amada - disse ele, compreendendo. - *Todas* as coisas boas vêm do Pai. Mesmo isto. - Deitou-se e puxou-a para si, mantendo-a abraçada até ambos adormecerem.

Vinte e quatro

*Porque Eu vos digo: se a vossa justiça não superar
a dos doutores da Lei e dos fariseus, não
entrareis no Reino do Céu.*

JESUS, EVANGELHO SEGUNDO SÃO MATEUS 5:20

Paul estava sentado em frente à lareira, melancólico, com uma caneca no regaço e a fotografia do seu casamento na mão. Tessie fora-se há dois anos, e ele queria manter viva a sua memória. Não queria esquecer-se do seu aspeto. Mas ultimamente, até pegar na fotografia, só conseguia lembrar-se de que era morena e tinha o sorriso de Michael. Tentou recordar-se da sensação que dava a sua pele e de como a sua voz soava, mas estava tudo a desvanecer-se, tudo menos a doce recordação do que tinham partilhado por tão pouco tempo. A solidão vazia e dolorosa que ela deixara era tudo o que se mantinha firme. Pondo de lado a imagem, Paul bebeu um longo gole de uísque. Encostou a cabeça para trás e fechou os olhos, fatigado. Não via Michael desde que ele viera pedir-lhe auxílio para encontrar Angel. Não conseguia esquecer esse dia ou o seu próprio arrependimento.

- Ela fugiu outra vez?
 - Sim. Tenho de a encontrar.
 - Deixa-a ir. Ficas melhor sem uma mulher como ela.
- Os olhos de Michael chisparam.

- Quando é que vais abrir os olhos?

- Quando é que *tu* vais abri-los? - ripostou Paul. - Se ela te amasse, não te parece que ficaria? Não serias capaz de a levar a ir-se embora. Michael, quando é que vais ver o que ela é? - Quando Michael deu meia volta a cavalo, a fúria de Paul irrompeu. - Procura-a num bordel. Não foi onde a encontraste na primeira vez? - A praguejar, voltara a revolver a terra com a pá, e não conseguira livrar-se da sensação de pousio no seu coração desde esse momento. Nem sequer quando Michael voltou.

Era claro que não encontrara nem vestígio de Angel. Apiedara-se de Michael então. Não lamentava que Michael não tivesse encontrado Angel. Sentia pena que ele estivesse destroçado por a ter perdido. Ela não valia a dor que causava.

- Ela ama-me, Paul. Ama-me mesmo. Tu simplesmente não a compreendes.

Paul desistiu. Não queria saber mais nada sobre Angel do que já sabia. Um dia na companhia dela fora suficiente para lhe azedar a alma para toda a vida.

Michael ficou, e falaram sobre colheitas e a terra, mas não era como fora antes de Angel ter entrado na vida deles. Não importava se ela partira ou não. Ainda estava entre eles.

- Estás a fazer progressos - disse Michael antes de se ir embora. - Aquele campo está com bom aspeto.

- O trabalho seria mais rápido com um cavalo. É uma pena que tenha perdido o meu no trilho.

- Fica com este. - Michael pôs-se a tirar a sela, e Paul ficou ali atarantado. - Mal faças a colheita, vais ter que chegue para comprar outro. - Envergonhado, Paul não conseguia falar por causa do nó na garganta. Michael pôs a sela ao ombro. - Tu farias o mesmo por mim, não é verdade, Paul? - Dirigiui-se para casa.

Daí a uns dias, Paul levou um lombo de veado aos Altman e ficou a saber que Michael ia a caminho de Sacramento

para trazer Angel para casa. Joseph mandara recado de que ela estava a trabalhar numa loja. Uma história provável. Paul apostaria tudo em como ela estava era a vender-se aos mineiros a passarem o inverno na cidade. Seis onças de ouro por quinze minutos. Talvez mais do que isso para compensar o tempo perdido com Michael.

- Não pareces muito contente com a notícia - disse Miriam, olhando-o atentamente.

- Tenho a certeza de que o Michael está contente - disse ele, e foi buscar o cavalo. - É um tolo - murmurou entredentes.

Miriam seguiu-o.

- Ele ama-a muito.

- É isso o que lhe chamas?

- O que lhe chamarias *tu*?

Lançou um olhar por cima do ombro a Miriam enquanto passava as rédeas sobre a cabeça do cavalo, mas não respondeu.

- Porque é que não gostas da Amanda? - perguntou Miriam.

Paul quase disse que o nome dela não era Amanda. Era *Angel*, e ela era tudo menos angélica, mas conteve-se.

- Tenho as minhas razões - disse. A sela rangeu quando ele montou.

- Estiveste apaixonado por ela, não estiveste? - perguntou ela diretamente.

Paul soltou uma gargalhada áspera, agarrando as rédeas com mais força.

- Ela disse-te isso?

- Não. Adivinhei.

- Bem, adivinhaste mal, pequena Miriam. - Fez o cavalo dar meia volta antes que ela fizesse mais perguntas.

Dando um passo, ela gritou nas costas dele.

- Não me chames pequena Miriam! Eu tenho dezasseis anos.

Paul não precisava que lho recordasse. Trocista, levou a mão ao chapéu.

- Bom dia, minha senhora - disse num tom arrastado, e partiu.

Miriam veio à sua casa na manhã seguinte convidá-lo para o jantar.

- Bifes de carne de veado - disse ela -, e a minha mãe vai fazer uma tarte de maçã. - Trazia um bonito vestido amarelo que o fez reparar nas curvas esbeltas do seu corpo jovem. Ela reparou na direção do olhar dele e corou. Os olhos escuros de Miriam tinham um brilho de veludo. - Bem? - disse ela.

- Bem, o quê? - disse ele, pouco à vontade.

A boca dela curvou-se num sorriso.

- Vens lá a casa esta tarde?

Tinha um sorriso tentador. Abismado, Paul ficou tenso.

- Não - disse, e acenou com a cabeça na direção de uma parte do campo por lavrar. - Vou trabalhar até ao cair da noite. - Deu um estalido com a língua a animar o cavalo e empurrou com força o arado, esperando que ela compreendesse a insinuação e se fosse embora. Se soubesse que ela viria teria vestido uma camisa. Assim, estava em tronco nu e trazia um lenço cheio de pó atado à testa para impedir que o suor lhe escorresse para os olhos. Uma bela visão para uma jovem inocente.

Paul não conseguia tirar da cabeça que se Miriam Altman tivesse aparecido alguns meses antes, Michael não estaria metido na confusão em que estava. Miriam era a mulher certa para Michael. Se aquela meretriz voltasse a fugir, o que sem dúvida faria, talvez Michael acabasse por o ver também. Esta rapariga viria virgem para o leito nupcial e manter-se-ia fiel ao marido até à morte. Não era do tipo de causar problemas a um homem. Dar-lhe-ia os filhos que ele queria e fá-lo-ia feliz.

- Vais ter de comer em algum momento - disse Miriam, a caminhar ao seu lado.

Ele não olhou para ela. Quanto menos olhasse para ela, melhor.

- O meu pai e a minha mãe gostavam de te agradecer.

- Já me agradeceram ontem. Diz-lhes que não têm de quê.

- Não gostas de crianças?

- De crianças? - disse ele, perplexo. - Gosto bastante de crianças. O que é que isso tem a ver seja com o que for?

- Pensei que não querias vir jantar porque somos tantos.

Caminhava com as mãos unidas atrás das costas. Ele varreu-a com o olhar e ficou com a boca seca.

- Como era a tua mulher, Paul?

A pergunta apanhou-o desprevenido.

- Doce. Era muito doce.

- Era alta?

- Mais ou menos da tua altura. - Tessie era mais pequena, e tinha cabelo castanho claro, não de um negro luxuriante como Miriam. E os olhos dela. Não conseguia lembrar-se de que cor eram os olhos de Tessie quando olhava para o castanho escuro e suave dos olhos de Miriam.

- Era bonita?

Olhou para Miriam, e o seu coração começou a bater acelerado.

- A tua mulher - disse ela. - Era bonita?

Tentou recordar-se do rosto de Tessie, mas não conseguiu. Não com Miriam a fitá-lo daquela maneira. O seu fascínio tímido pelo corpo dele provocava-lhe um pânico crescente.

- Era *muito* bonita - disse, e fez parar o cavalo abruptamente. - Acho que é melhor ires para casa. Tenho a certeza de que a tua mãe deve estar a perguntar-se porque estás a demorar tanto.

O rosto de Miriam ficou corado.

- Desculpa - gaguejou. - Não tinha a intenção de te fazer perder tempo. Talvez venhas jantar lá a casa um outro dia.

- Ele viu as lágrimas que lhe assomavam rapidamente aos olhos quando ela se virou e foi embora a toda a pressa.

Quase estendeu a mão, mas parou mesmo a tempo. Fechou a mão em punho e ficou a vê-la afastar-se, com uma dor na boca do estômago. Não quisera ser cruel, mas se pedisse desculpa ela poderia ficar, e era demasiado tentadora para isso.

Paul não contara que ela voltasse.

Estava a lavar-se no poço quando a viu atravessar um campo com erva. O coração saltou-lhe no peito. A sua irmã mais nova, Leah, vinha com ela desta vez. Ele vestiu a camisa e abotoou-a enquanto esperava que chegassem junto a si e lhe dissessem o que queriam.

- A minha mãe mandou-me vir - disse Miriam em jeito de desculpa. Os seus olhos mal rasavam os dele. Estendeu o cesto que trazia.

- Obrigado - disse ele bruscamente, pegando no cesto. A sua mão roçou levemente na de Miriam, e ela ergueu a cabeça. - Não precisava de se dar ao incómodo - disse ele.

- Oh, a ideia foi da Miriam - disse Leah, fazendo a irmã sentir-se ainda mais embaraçada.

- *Cala-te*, Leah - disse Miriam, corando. Pegou na mão da irmã. - É melhor irmos embora. Bom apetite, Paul.

Paul viu o menear suave das ancas dela. *Não tenho nenhum direito de estar a sentir o que sinto por uma rapariga como ela.*

- Diz à sua mãe que depois devolvo o cesto.

- Não há pressa - disse Miriam por cima do ombro. - Eu venho buscá-lo amanhã.

Isso era exatamente o que ele não queria que ela fizesse. Iria a cavalo à casa dos Altman ao amanhecer e deixaria o cesto à porta. Pousou-o e tirou mais um balde de água fria. Lavou o rosto para se refrescar. Estava mesmo mal se bastava olhar para uma rapariga bonita de dezasseis anos para se sentir assim. O que devia fazer era ir ao acampamento mais próximo e parar no bordel local. Só a ideia já o fazia sentir náuseas.

Levou o cesto de Miriam para dentro da cabana. A lareira estava fria. Acendeu o lume e comeu. Estava a sentir o mesmo vazio que quando Tessie morrera. Aqueles primeiros meses sem ela tinham sido maus, mas tivera a luta para sobreviver nas Sierras para lhe ocupar a mente. Quando ele e Michael chegaram a esta terra, dedicara-se a construir a cabana. Mas depois a dor do luto acometera-o com força. A dor feroz da perda fora demasiada. Não conseguia olhar para os campos com flores silvestres sem pensar em como Tessie os teria adorado. Terem a sua própria terra na Califórnia fora um sonho partilhado. Era um sonho vazio e desprovido de sentido sem ela.

Quando começou a corrida ao ouro, ele estava pronto a partir. No início, concentrou-se na excitação de explorar os ribeiros, na probabilidade de ficar mais rico do que alguma vez sonhara. A excitação dissipou-se rapidamente. A vida voltou a confinar-se ao trabalho duro do amanhecer até ao anoitecer. Só ganhava o suficiente para comer e para um dia na cidade para se embebedar e ir a um bordel. Nem mesmo enquanto tomava o seu prazer conseguia livrar-se da ideia de que a vida não tinha sentido – e da vergonha daquilo. Sabia que o que comprava era falso. Sabia, porque tivera a coisa real com Tess.

As palavras de Angel vieram inundar-lhe a mente, duras e frias. «*Eu sei o que sou, cavalheiro, mas você diz-se irmão dele.*»

Quando desistiu de procurar ouro e voltou para a sua propriedade, pensou que tinha batido no fundo. Estava errado. Jurou a si mesmo que compensaria Michael. Deixaria Miriam Altman em paz para que, quando Angel voltasse a abandoná-lo, houvesse uma rapariga decente para ele.

Tentou dormir, mas não conseguia. Não conseguia tirar Miriam da cabeça. Fechava os olhos e via os seus olhos escuros e sorridentes. Desistindo, pôs mais uma acha no lume e tirou da prateleira a fotografia do seu casamento.

Fitou de novo o rosto de Tessie. Embora ainda fosse precioso para ele, já não despertava nenhuma emoção profunda, não como há um ano.

Há um ano, pensara que a dor nunca mais passaria. Há um ano, porém, também julgava que nunca mais voltaria a apaixonar-se.

*

- Amanda! - gritou Miriam, a correr pela encosta do monte abaixo. - Vem depressa! É a Ruthie!

Angel correu ao encontro dela.

- O que é que aconteceu?

- Trepou a uma árvore e eu não consigo tirá-la de lá. Ajuda-me!

Angel arrepanhou as saias e correu encosta acima atrás de Miriam. Estava sem fôlego quando chegaram ao velho carvalho retorcido. Com o coração na boca, Angel olhou para cima, para a criança empoleirada a seis metros do solo num ramo grosso.

- Oh! Como é que conseguiste chegar aí acima, seu ratinho?

Ruthie acenou-lhe lá de cima.

- Ruthie! - gritou Angel alarmada. - Segura-te! Não te mexas! Nós vamos-te tirar daí.

- Tentei trepar pela árvore, mas não consegui - disse Miriam. - Tenta tu.

- Eu? Eu nunca trepei a uma árvore na minha vida!

- Mandy, vais-me ajudar a descer? - gritou Ruthie lá de cima.

- É melhor apressares-te - disse Miriam, empurrando-a. - Não há tempo a perder. - Inclinou-se e uniu as mãos em concha.

As saias de Angel estavam a atrapalhar.

- Espera um minuto. Não posso fazer isto assim. - Inclinou-se, agarrou na parte de trás da saia e puxou-a entre as pernas, enfiando-a no cinto. Trepou para o

primeiro ramo com a ajuda de Miriam. – Não estejas com medo, Ruthie! Não te mexas.

– Está bem – disse Ruthie, a balouçar os pés para trás e para a frente e a parecer estar a passar uns momentos maravilhosos.

– O que é que eu estou a *fazer*? – murmurou Angel entredentes enquanto trepava pela árvore. Pareceu-lhe ouvir uma risada.

– Nada de olhar para baixo! – disse-lhe Miriam. – Está a correr muito bem.

Angel não tinha a certeza se Miriam estava a falar com ela ou com Ruthie e continuou a avançar por entre os ramos. Quando estava a pouca distância, viu que Ruthie tinha uma corda à volta da cintura a prendê-la ao tronco. Não cairia nem que quisesse. Pior ainda, a marotinha estava a sorrir de orelha a orelha.

– Não é divertido, Mandy?

– Alguma vez viste a tua cabana de um ponto assim tão alto? – perguntou Miriam, um pouco abaixo dela.

O rosto de Angel inflamou-se com fúria.

– Pregaste-me um susto de morte! O que é que julgas que estás a fazer?

Miriam ultrapassou-a e sentou-se num ramo grande.

– Tu própria o disseste. Nunca tinhas trepado a uma árvore na tua vida. – Sorriu marota. – Já era hora de o fazeres.

– Tu içaste a Ruthie sozinha? Ela podia-se ter magoado.

– Nós ajudámos – disse Jacob, descendo de um ramo mais alto. Andrew estava logo acima dele, e Leah espreitava de trás do tronco. Pareciam todos tão satisfeitos consigo próprios que Angel esqueceu a sua fúria e riu-se. Uma árvore cheia de corvos. Içou-se e sentou-se num ramo grosso.

– Saíste-te mesmo bem, para ser a tua primeira vez – disse Andrew, a caminhar ao longo de um ramo.

Angel franziu-lhe a testa, a fingir-se irritada.

- Devias estar a trabalhar com o teu pai.
- Ele deu-me o dia de folga. Queria levar a nossa mãe a dar um passeio.

Miriam riu-se.

- Eu disse-lhes que íamos *nós* dar um passeio em vez deles. - Baixou a voz para que só Angel pudesse ouvi-la. - Uma das desvantagens de ter uma cabana com uma só divisão é a falta de privacidade. - Encostou a cabeça ao tronco da árvore. - Quando eu me casar, o meu marido e eu vamos construir um andar de cima para os filhos e nós vamos ter um quarto de dormir aconchegado ao lado da cozinha.

- Está ali o Michael! - disse Ruthie, apontando. As crianças puseram-se a berrar e a assobiar até ele se virar e olhar para o cimo do monte. Dirigiu-se para elas em grandes passadas. Quando chegou junto à árvore, olhou para cima, com as mãos em punho nas ancas.

- O que é isto? - Viu Angel lá em cima e riu-se. - Tu também?

- Eles enganaram-me - disse ela com grande dignidade.

Miriam piscou-lhe o olho e berrou a Michael.

- Vais ter de a tirar daqui. Ela está presa!

Angel riu-se quando viu Michael descalçar as botas e começar a trepar. Quando ele estava mesmo por baixo, deslizou a mão pela barriga da perna dela.

- Queres que ate a corda da Ruthie à tua volta e te traga para baixo? - perguntou, sabendo perfeitamente que ela era capaz de descer sozinha.

- Esta árvore dava para fazer um balouço ótimo - disse Leah, descendo até ao lado dele. - Está a ver aquele ramo grosso? Podias atar a corda ali mesmo.

- Hum, boa ideia - disse Michael. Baixou Ruthie e mandou Andrew ir buscar corda à oficina no celeiro. Voltou a subir e atou ambas as pontas à volta de um ramo resistente, deixando a corda pendente a fazer de balouço. -

Arranjo um assento para ele mais tarde – disse, saltando para o chão.

As crianças discutiam todas entusiasmadas quem seria a primeira, mas Michael pegou em Angel e pousou-a no balouço.

– Agarra-te bem – disse, antes que ela pudesse detê-lo, e fê-la voar. A excitação fê-la rir-se. Michael empurrou-a novamente e depois voltou para o trabalho no campo.

Quando todos, incluindo Miriam, andaram no balouço, Angel levou-os para a cabana e arranhou-lhes algo para comerem. Os rapazes foram pôr-se a ver Michael, e Leah e Ruthie foram apanhar flores no monte.

Miriam encostou-se à ombreira da porta a olhar para os seus irmãos empoleirados na vedação do curral a verem Michael trabalhar com o cavalo.

– O Michael sabe como desfrutar da vida. Não se deixa ficar sentado a pensar nas coisas o tempo todo.

Angel veio pôr-se ao lado dela. Perturbava-a a maneira como Miriam estava a olhar para Michael. Uma sensação desconfortável provocou-lhe um nó no estômago.

Miriam sorriu.

– Estava a pensar como deve ser maravilhoso amar alguém e essa pessoa retribuir o nosso amor. Aposto que quando o Michael te quer, faz alguma coisa. – Corando, desencostou-se da ombreira. – A minha mãe caía para o lado se me ouvisse falar assim.

Angel olhou para Michael; e a pontada de ciúme desvaneceu-se e encheu-a uma preocupação terna. Lançou a Miriam um olhar pensativo. Gostava daquela rapariga como se fosse sua irmã.

– Queres casar-te, não queres?

– Sim, mas não quero casar-me com um qualquer – respondeu Miriam. – Quero alguém maravilhoso. Quero um homem que me ame como o Michael te ama a ti. Quero um homem disposto a lutar por mim. Quero um homem que não me deixe afastar-me dele.

Vendo lágrimas nos olhos de Miriam, Angel pegou-lhe na mão.

- Gostas do Michael?

- É claro que gosto. Como poderia não gostar? Ele é único, não é? - Miriam encostou a cabeça à ombreira da porta e fechou os olhos. - Outros homens deviam ser mais como ele, mas não são. - Sorriu. - Nunca esquecerei a noite em que a minha mãe e eu cantámos «Amazing Grace» e falámos sobre o David. O Michael tinha lágrimas nos olhos, e não se mostrou embaraçado por isso. Não se importou que vissem o quanto aquilo o afetava. - Limpou as lágrimas das faces. - O Michael é o único homem que alguma vez conheci que não tem medo de *sentir* as coisas. Não se sepulta em vida.

Angel olhou para ele.

- É uma pena que eu o tenha conhecido primeiro.

Miriam riu-se.

- Bem, se encontrares o molde, não te importas de fazer outro como ele? - Abraçou Angel. - Eu gosto tanto de vocês os dois. - Recuou. - E agora embarcei-te. - Mordeu o lábio e ficou com uma expressão de incerteza. - A minha mãe acha que eu devia guardar os meus sentimentos para mim em vez de me estar sempre a sair com eles, mas não consigo. É mesmo assim que eu sou. - Beijou a face de Angel. - É melhor eu ir recolher os indiozinhos e ir-me embora. - Saiu para o sol e chamou os irmãos.

Com os braços à volta do corpo, Angel encostou-se à ombreira da porta onde Miriam estivera e ficou a vê-los afastarem-se. Sentiu-se preocupada toda a tarde e tentou falar sobre as coisas com Michael nessa noite.

- Achas que podíamos arranjar um homem para a Miriam?

- Para a Miriam? Ela ainda é um bocado nova, não é?

- Já tem idade para se apaixonar. Não podíamos voltar a Sacramento e encontrar alguém?

- Quem? - disse ele, a brincar com o cabelo dela.

- Alguém para a Miriam.

- E que tal o Paul?

- *O Paul!* - Agastada, Angel afastou-se. - A Miriam não pode ficar com alguém como ele. Tem de ficar com alguém como tu.

- Eu já não estou livre. Não te lembras? - Puxou-a a si. - Deixa isso ao Senhor.

- Deixa isso ao Senhor - resmungou ela. - Queres sempre deixar as coisas ao Senhor.

Ele via que ela não ia desistir.

- O Senhor já tem alguém em mente para a Miriam. Tenho a certeza. Agora, tira isso da cabeça.

Angel quase lhe disse que Miriam estava apaixonada por ele, mas pensou que seria melhor não o fazer. Não havia nada mais tentador para um homem do que uma rapariga nova apaixonada por ele.

- Só quero vê-la feliz e casada.

Michael sossegou-a.

- E vais ver, Tirza. Uma rapariga como a Miriam não fica sem marido muito tempo.

Uma rapariga como a Miriam.

- Se não me tivesses encontrado, eras capaz...

- Mas encontrei-te, não foi?

- Sim, foi. - Estendeu o braço e tocou-lhe no rosto. - Alguma vez te arrependeste?

- Algumas vezes - disse ele solenemente, sabendo que ela esperaria a verdade. Pegou na mão dela e rodou a aliança no seu dedo, a olhar para ela. - Deste-me alguns momentos negros. - O seu sorriso era terno. - Mas isso é do passado. - Beijou-lhe a mão e pousou-a contra a sua face. - Tirza, sei ao que ando, e sei quem tem o controlo da minha vida. Tu e eu não somos um acaso.

Angel puxou a cabeça dele para baixo e beijou-o, a adorar a sua reação, a adorar a maneira como se sentia quando ele assumia o controlo.

- Acho que nunca me fartarei de ti, Michael Hosea. Nunca, enquanto for viva.
- Nem eu de ti.

*

Os Altman deram uma festa para celebrar a sementeira da primavera. Quando Angel e Michael chegaram, as crianças correram ao seu encontro para os saudar. Elizabeth acenou da soleira da porta.

- Venham ver o nosso novo poço - disse Leah, puxando a mão de Michael.

Miriam estava a tirar um balde de água. Pousou-o.

- Maravilhoso, não é? - disse com orgulho. - O Paul ajudou-nos a cavá-lo há umas semanas. Tenho sentido a falta de um poço para cantar para dentro dele. Ora ouçam. - Debruçou-se e cantou para as profundezas do poço. O som melodioso ampliou-se e ergueu-se. Um hino religioso.

Angel pousou os antebraços na pedra e escutou. Sorrindo, Michael debruçou-se sobre o poço e acompanhou Miriam, com a sua voz grave em harmonia com a dela. Angel nunca ouvira nada tão belo como a maneira como a voz de Miriam e a de Michael se combinavam.

- Oh, soa maravilhoso! - exclamou Miriam, e riu-se. - Vamos cantar outra vez. Se meteres a cabeça mais para baixo, o som fica a toda a volta. Canta connosco desta vez, Amanda, e vai ser ainda melhor. - Recusou-se a aceitar um não por resposta. - Não me digas que não consegues. Consegues, claro. Se não sabes a letra, abre só a boca e diz ahhhh. O mesmo hino outra vez. Já o ouviste vezes suficientes para saber algumas das palavras.

Angel acompanhou-os hesitante. Antes de terminarem, já as crianças estava todas debruçadas sobre o poço a cantarem lá para baixo. Se Michael não tivesse agarrado o vestido de Ruthie, ela teria caído de cabeça dentro do poço.

- «Oh, Suzanna» desta vez - disse Andrew. Dessa seguiram para canções de estrada com letras divertidas.

Ainda a rirem-se, endireitaram-se.

A expressão de Miriam alterou-se marcadamente e agarrou a mão de Angel.

- Vem aí o Paul. - Com o coração a cair-lhe aos pés, Angel ergueu a cabeça e viu-o atravessar o campo aberto na direção deles. - Pareceu tão renitente quando o convidei que não pensei que viesse - disse Miriam. Angel nunca vira um homem com um ar mais sisudo. - É melhor eu ir cumprimentá-lo, ou ainda se vai embora antes de chegar - disse Miriam.

*

Paul viu Miriam vir na direção dele e preparou-se. Ela estava de novo com o vestido amarelo. Quando sorriu, um músculo contraiu-se na face dele.

- Sinto-me tão contente que tenhas vindo, Paul. - Sorriu e abanou-se com a mão. - Está calor, não está? Vem beber uma sidra.

Muito perturbado com o que sentia ao olhar para Miriam, Paul lançou um olhar à sua volta. Angel estava a olhar para ele. Ele fez-lhe um sorriso sardónico, esperando que ela o retribuísse com igual desdém. Ela não o fez. Ele odiava-a tanto que quase sentia o sabor do ódio na boca.

- Quando é que acabaste a sementeira? - perguntou Miriam, forçando-o a desviar a atenção de novo para ela.

- Ontem à tarde. - Chegaram junto aos outros. Michael cumprimentou-o com um aperto de mão forte, a indicar o seu afeto. Pôs o braço à volta dos ombros de Angel e puxou-a a si, à espera.

Os olhos azuis de Angel pestanejaram ao olhar para ele.

- Olá, Paul - disse.

Paul sentia vontade de a ignorar, mas sabia que não poderia fazê-lo sem ofender Michael.

- Amanda - disse, e acenou com a cabeça. O rosto dela não revelava nenhuma espécie de emoção. Isso não o

surpreendia. O que é que ela podia saber sobre sentimentos?

Miriam voltara com uma caneca de lata e estava a observar aquela troca de cumprimentos com atenção. Entregou-lhe a caneca de sidra e pegou na mão de Angel.

- Mandy, queres ajudar-me a esconder as pistas para a caça ao tesouro? - Paul ficou a vê-las afastarem-se juntas, de mãos dadas.

- A Miriam é bonita, não é? - disse Michael com um ligeiro sorriso. - Aqueles olhos escuros.

Paul bebeu a sidra num silêncio tenso. Não esperara que Michael reparasse tão cedo.

*

Quando as crianças se afastaram a correr para procurar as pistas do tesouro - um cesto de tartes de frutos silvestres - Elizabeth, Miriam e Angel montaram a mesa com tábuas no terreiro. Angel trouxera uma caçarola cheia de carne de veado, feijões e cenouras caramelizadas. Elizabeth tinha assado dois gordos faisões recheados com pão condimentado.

Miriam trouxe de dentro de casa duas tartes de maçãs de inverno.

Angel sentia demasiada consciência da corrente disfarçada de ódio que lhe era dirigida por Paul para participar na boa disposição geral. Conseguiu evitá-lo toda a tarde, mas agora estava sentada em frente a ele à mesa. John disse a oração de graças e quando ela ergueu a cabeça deu com o olhar de Paul. Compreendeu muito claramente a mensagem nos seus olhos. *Tu? A rezares? Que vontade de rir!*

Ela *era* uma hipócrita. Baixava a cabeça como todos os outros, a fingir que rezava embora não participasse em nada daquilo. Nem queria. Fazia-o porque magoaria Michael se ela ficasse sentada ao seu lado, de costas direitas e cabeça erguida enquanto estava a agradecer-se a

Deus. E embaraçaria os Altman. Ruthie faria perguntas. Angel sustentou o olhar frio de Paul.

Não consegues compreender?

Se possível, ele parecia ainda mais cheio de desprezo. Resignada a que ele nunca viesse a compreendê-la – provavelmente, nunca chegaria sequer a tentar – ela tirou uma fatia de faisão e passou a travessa.

– Queres que fale com o Paul? – perguntou-lhe Michael mais tarde, quando John estava a tocar violino e ele estava a dançar com ela.

– Não – respondeu Angel, com receio de ser a causa de um fosso ainda maior entre os dois homens. Já causara danos suficientes.

– Ele é um homem decente, Amanda. Manteve-se do meu lado durante alguns tempos difíceis. Só está confuso, neste momento.

Ela sabia que Paul não estava confuso. Sentia-se cheio de ira moral e de animosidade. Por causa dela. Estava a sofrer. Por causa dela. Porque não pensara ela para além da vontade de se vingar, naquele dia? Não podia ter ignorado os insultos dele? Sabia que ele sentia ciúmes. Sabia que ele pensava que ela não era suficientemente boa para ser mulher de Michael. Soube muitas coisas sobre Paul mal o viu pela primeira vez.

– Sê paciente com ele – disse Michael.

Como Michael tinha sido paciente com ela. Engoliria o seu orgulho se fosse necessário. Por Michael, aceitaria o que quer que Paul lhe atirasse.

Michael pôs-se a dançar com Miriam, e Angel foi servir-se de sidra. Paul veio pôr-se ao lado dela, com os seus olhos escuros a brilharem. Acenou na direção de Michael, que estava a fazer Miriam rodopiar. Ambos se riam.

– Ficam bem os dois juntos, não ficam?

Angel olhou para Miriam e sentiu uma pontada. Ficavam.

– Gostam muito um do outro – disse ela, e serviu uma segunda caneca de sidra. Estendeu-a a Paul.

Sorrindo-lhe trocista, ele pegou na caneca. Voltou a olhar para Michael e Miriam.

- Ela devia ter chegado uns meses mais cedo. As coisas teriam sido muito diferentes.

- O Michael disse que não teriam.

- É claro que ele *diria* isso.

O punhal cravou-se mais fundo. Angel não disse nada.

A boca de Paul curvou-se num sorriso sardónico.

- Ouvi dizer que estiveste a trabalhar numa loja. O que vendias?

- Um pouco de tudo.

- Tal como sempre, hein?

Angel ocultou a sua dor e falou em voz baixa.

- Eu não tenho nenhuma intenção de voltar a magoar o Michael, Paul. Juro-te.

- Mas vais magoá-lo, não vais? Está na tua natureza. Vais sugá-lo até ao tutano e depois deitar fora a casca seca. Oh, vais ficar por uns tempos, só para manter as aparências. E quando a coisa ficar mais difícil, fazes as malas e voltas a meter pés ao caminho toda contente.

Angel pestanejou e desviou o olhar. Custava-lhe respirar com o nó que sentia no peito.

- Não vou fazer isso.

- Não? Então porque é que estavas com tanta pressa de voltar para Pair-a-Dice? Porque é que fugiste para Sacramento?

- Vou ficar, desta vez.

- Por um ano ou dois. Até te cansares da vida de mulher de lavrador. - Bebeu a sidra e pousou a caneca. Olhou para Michael e Miriam com a testa franzida. - Sabes, Angel, já não via o Michael sorrir assim há muito, muito tempo. - Afastou-se e foi pôr-se de pé ao lado de John.

Angel segurava a caneca de sidra entre as mãos. Erguendo a cabeça, pôs-se a olhar para as duas pessoas de quem mais gostava no mundo a dançarem juntas e perguntou-se se Paul não teria razão quanto a tudo.

Vinte e cinco

*Passou o tremor de terra e ateou-se um fogo;
mas nem no fogo se encontrava o Senhor.
Depois do fogo,
OuvIU-se o murmúrio de uma brisa suave.*

1 REIS 19:12

Paul procurava erodir a autoconfiança de Angel sempre que se encontravam, mas Angel dispusera-se a suportar tudo o que ele lhe lançasse. Dizia a si mesma, de cada vez que ele fazia um comentário mordaz ou uma profecia insultuosa sobre onde ela estaria daí a dez anos, que não retaliaria. Dar luta só magoaria Michael. E não alteraria o que Paul sentia por ela. O que quer que o amanhã trouxesse, hoje ela tinha Michael.

Angel recusava-se a defender-se dos ataques de Paul. De que valia? Mantinha-se polida. Mantinha-se em silêncio. Mantinha-se firme mesmo quando lhe apetecia fugir e esconder-se num lugar escuro onde pudesse enroscar-se.

Eu já não sou uma meretriz. Não sou!

Porém, a maneira como Paul olhava para ela fazia-a recordar e sentir que ainda o era, fizesse o que fizesse. Um ano não apagava dez, e Paul recordava-lhe os anos negros com o Duque, os anos de medo e solidão e sobrevivência. E, por causa disso, os insultos de Paul impeliam-na ainda mais para os braços de Michael. Quanto mais Paul tentava

afastá-la tanto mais ela se agarrava ao que tinha. Michael dizia-lhe que não sentisse ansiedade pelo amanhã, e ela concentrava-se em aproveitar plenamente todos os momentos com ele. Ele dizia-lhe que não sentisse medo, e ela não sentia, desde que ele estivesse com ela.

Michael amava-a *agora*, e isso era tudo quanto importava para ela. Ele dava sentido à vida dela e enchia-a com coisas novas e maravilhosas. Embora a vida fosse trabalho árduo do amanhecer até ao anoitecer, ele conseguia torná-la excitante. Abria-lhe a mente a coisas em que ela não reparara antes. E uma voz calma repetia na sua cabeça uma e outra vez: ***Avança, bem-amada.***

Avança de onde?

Ela não se fartava de Michael. Ele enchia-lhe a mente e o coração. Era a sua vida. Acordava-a antes do amanhecer com beijos e ficavam deitados na escuridão tranquila a escutar a sinfonia dos grilos e das rãs e do espanta-espíritos. O corpo dela tremia quando ele lhe tocava e cantava quando ele a possuía. Todos os momentos de cada dia com ele eram preciosos para ela.

A primavera trouxe uma exuberância de cores. Borrifos vivos de papoilas douradas e flores roxas de tremoceiro manchavam as encostas verdes dos montes e os prados ainda por arar. Michael falava do Rei Salomão e de como, mesmo com todas as suas riquezas, ele não era capaz de se vestir como Deus vestia as encostas dos montes com simples flores silvestres.

- Não vou lavrar aquela parte - disse-lhe Michael. - Vou deixá-la como está. - Michael via Deus em tudo. Via-O no vento e na chuva e na terra. Via-O nas plantas que estavam a crescer. Via Deus na natureza dos animais que habitavam a terra deles. Via-O nas chamas do lume que faziam à noite.

Angel só via Michael e só ele adorava.

Quando ele lia em voz alta ao serão em frente à lareira, ela perdia-se na profunda ressonância da sua voz. As palavras passavam sobre ela como uma onda quente e

pesada e retiravam-se para um mar distante. Jónatas a escalar um rochedo para desviar os filisteus. David, um pastor, a matar um gigante chamado Golias. Jesus a ressuscitar os mortos. Lázaro, levanta-te e anda! *Levanta-te e anda!*

Michael fazia as tolices soarem como poesia.

Ela pegou na Bíblia e pô-la em cima da prateleira.

- Ama-me - disse, pegando na mão de Michael. E ele não podia fazer nada mais.

*

Elizabeth veio com os filhos.

- O Paul falou-nos de uma cidade que fica a menos de dez milhas daqui. Não é muito grande e tem pouco a oferecer, mas foram lá buscar provisões.

Angel reparou na pequena saliência da barriga de Elizabeth. Ofereceu café e bolachas, e sentaram-se para conviver. Ruthie queria sentar-se no colo de Angel, e ela pegou na menina.

- Quando é que vais ter um bebé? - perguntou Ruthie, fazendo assomar a cor às faces de Angel e provocando um suspiro mortificado a Elizabeth.

- Ruth Anne Altman, tu *nunca* debes perguntar coisas dessas - disse a mãe dela, tirando-a do colo de Angel e pousando-a firmemente no chão.

- Porque não? - Ruth não estava minimamente embaraçada e claramente não compreendia porque a mãe e Angel estavam.

- Porque é um assunto muito pessoal, minha menina.

Ruth ergueu a cabeça e olhou para Angel, com os olhos arregalados de surpresa.

- Queres dizer que não queres ter um bebé?

Miriam reprimiu uma gargalhada e pegou na mão da sua irmãzinha.

- Acho que vamos até lá fora andar no balouço - disse-lhes.

Elizabeth sentou-se de novo e abanou o seu rosto quente.

- Aquela criança sai-se com tudo o que esteja a pensar - disse, e pediu desculpa.

Angel pensou se deveria contar-lhe que não podia ter filhos, mas decidiu não o fazer.

- Vim pedir a tua ajuda - disse Elizabeth. - O bebé chega em dezembro, e gostava que fosses a minha parteira.

Angel não poderia ter ficado mais espantada ou horrorizada.

- *Eu?* Mas, Elizabeth, eu não sei nada de nada sobre como ajudar alguém a ter um bebé.

- Eu sei o que precisa de ser feito. A Miriam quer ajudar, mas não me parece que uma menina jovem e impressionável deva assistir a um parto. Poderia assustá-la desnecessariamente.

Angel ficou em silêncio por um momento.

- Não vejo como poderia ser útil.

- Eu já passei por isto. Poderei dizer-te o que fazer. Na nossa terra, tinha uma parteira, mas aqui só há o John, e o John simplesmente não servirá. - Sorriu ligeiramente. - Ele sabe ajudar no parto de uma vitela ou de um potro, mas é perfeitamente inútil no que diz respeito a trazer os seus próprios filhos ao mundo. Vai-se abaixo mal eu mostro alguma dor, e, bem, não posso passar por este processo todo sem algum desconforto, pois não? Ele desmaiou quando a Miriam nasceu.

- A sério? - De algum modo, não conseguia imaginar o estoico John a desmaiar por nenhum motivo.

- Caiu por terra ao lado da cama, e ali estava eu, impotente como uma tartaruga de costas e em trabalho de parto. - Riu-se baixinho. - Recobrou os sentidos quando já estava tudo terminado.

- Vai ser muito difícil? - perguntou Angel, já preocupada. Recordou-se de uma rapariga que conseguira ocultar a gravidez até ser demasiado tarde para fazer um aborto. - Não há um médico na cidade?

- Suponho que sim, mas quando ele chegasse já tudo teria acabado. A Ruth só levou quatro horas a nascer. Este pode vir ainda mais depressa.

Angel concordou com reservas em ajudar quando chegasse o momento.

- Se tem a certeza absoluta que quer que seja eu.

- Tenho - disse Elizabeth, abraçando-a. Parecia extremamente aliviada.

Angel foi ter com Michael quando os Altman se foram embora. Encostando-se à vedação, ficou a vê-lo ferrar um cavalo.

- A Elizabeth quer que eu ajude no parto do bebé dela. - Viu as rugas de expressão vincarem-se nas suas faces bronzeadas quando ele sorriu.

- A Miriam disse-me que ela te ia pedir. Ficou um pouco aborrecida por não ser ela a ajudar a trazer ao mundo o irmãozinho ou a irmãzinha.

- A Elizabeth sentia-se preocupada que pudesse chocar a Miriam - disse ela. - Eu, por outro lado, não é provável que me choque com nada.

Michael detetou o tom mordaz na voz dela, um tom que já não ouvia há semanas. Lançou-lhe um olhar. Teria sido a sua menção de Miriam a provocá-lo? Ou ela sentir-se-ia assustada com esta responsabilidade adicional?

- Se houver complicações, eu já desembarcei alguns potros ao longo da vida.

- Ela disse que o John desmaiou.

Michael riu-se, ao mesmo tempo que martelava o último prego e cortava a ponta.

- Não tem graça, Michael. E se alguma coisa corre mal? Havia uma rapariga no bordel em Nova Iorque que escondeu a gravidez o tempo suficiente para o Duque não poder forçá-la a fazer um aborto. A Sally convenceu-o a deixá-la ficar, mas quando chegou a hora dela, fartou-se de gritar. Eu ouvia-a do meu quarto. Foi num domingo à tarde, e a casa estava com movimento e... - Olhou para o rosto de

Michael quando ele se endireitou, e parou de falar. Oh, mas porque é que trouxera tudo aquilo à baila outra vez?

- E o quê?

- Não interessa - disse ela, e virou-se.

Ele aproximou-se da vedação.

- O teu passado é parte de quem és. E eu amo-te. Lembras-te? Ora bem, o que é que aconteceu à rapariga e ao seu bebé?

Angel sentiu um aperto na garganta e mal conseguia falar.

- A Sally amordaçou-a para ela não incomodar ninguém. Demorou imenso tempo. A noite toda e o dia seguinte. Ela esteve doente dias e dias, e o bebé...

Sally não deixara as outras raparigas aproximarem-se, mas permitira que Angel entrasse no quarto com ela para cuidar da mãe e do bebé. A jovem prostituta estava branca de morte e silenciosa, enquanto, ao seu lado, o bebé choramingava constantemente, envolvido num pano cor-de-rosa. Angel queria pegar no bebé, mas Sally apressou-se a afastá-la com um empurrão.

- Não toques nele! - segredou. Angel não compreendeu porquê até Sally o destapar cuidadosamente.

- O que tinha o bebé? - perguntou Michael, afastando uma madeixa solta de cabelo louro do rosto pálido de Angel.

- Era uma menina. Só viveu uma semana - respondeu ela sombriamente. Não lhe disse que a bebé estava coberta de chagas nem que morreu sem lhe ser dado um nome. A mãe desapareceu pouco depois. Quando Angel perguntou a Sally o que lhe tinha acontecido, ela respondeu: «Não te compete questionar o que o Duque faz.» E Angel soube que a rapariga estava morta, alimento para as ratazanas num qualquer beco escuro e sujo. Tal e qual como Rab. Tal e qual como ela se não obedecesse. Estremeceu.

- A Elizabeth já teve cinco filhos, Amanda - recordou-lhe Michael.

- Sim - disse ela -, e todos saudáveis.

Michael viu que a cor voltava lentamente às suas faces. Gostaria de saber no que teria estado a pensar, mas não perguntou. Se ela quisesse falar sobre o assunto, falaria. Se não, ele respeitaria o seu silêncio. Mas ela necessitava de ser tranquilizada. Ele pressentia-o.

- Quando chega a hora de um bebé nascer, não há nada que se possa fazer para o impedir.

Ela sorriu-lhe.

- Também sabes tudo sobre isto, suponho?

- Não por experiência pessoal - disse ele. - A Tess ajudou no parto de um bebé na caravana de carroças. Disse que não teve de fazer nada a não ser assegurar-se de que ele não caía no chão da carroça. São um bocadinho escorregadios quando nascem. Quando chegar a hora da Elizabeth, eu vou contigo e seguro na mão do John.

Angel riu-se, com a tensão a dissipar-se. Desde que Michael estivesse com ela, tudo correria bem.

- Oh, é verdade - disse Michael, tirando um embrulho do bolso -, a Miriam pediu-me para te dar isto.

Angel reparara que Miriam estivera encostada à vedação durante muito tempo a conversar com Michael.

- O que é? - perguntou, lançando um olhar à caligrafia muito certa que ela não sabia ler. O Duque não vira razão para a ensinar.

- Sementes para um jardim de flores de verão.

*

Com a temperatura amena da primavera a passar ao calor do verão, Angel descobriu que tinha o dom da sua mãe de fazer crescer as coisas. O canteiro de flores que criara à volta da casa tornou-se numa profusão exuberante de cores. Enchia o jarro diariamente com floxes cor-de-rosa, milefólios amarelos, delfínios roxo e malvas brancas. Flores de linho azuis e margaridas perfeitas adornavam a prateleira por cima da lareira. Porém, maior ainda do que o

prazer que obtinha com as flores era o orgulho que sentia quando olhava para o campo de milho.

Mal queria acreditar que os bagos pequenos e mirrados que Michael lhe dera para ela plantar se tinham tornado hastes mais altas do que ele. Caminhava ao longo dos renques, a tocar nas plantas altas e a ver as espigas em desenvolvimento. Ela ajudara realmente a fazer com que isto acontecesse?

- Amanda! Onde estás? - chamou Michael.

A rir, ela pôs-se em bicos de pés.

- Estou aqui - respondeu, e depois correu pelo renque abaixo para se esconder.

- Está bem - disse ele, a rir. - Para onde é que foste?

Angel assobiou-lhe do seu esconderijo. Ela e Ruthie tinham andado a brincar às escondidas no dia anterior, e sentia-se bem-disposta hoje, pronta a derriçar Michael.

- O que é que eu ganho se te encontrar?

- O que tens em mente?

- Oh, um pouco disto e daquilo. - Estendeu a mão para o outro lado de um renque e quase lhe agarrou a saia. A rir, ela escapou de novo. Ele alcançou-a ao fim do renque, mas ela esquivou-se de novo e desapareceu por entre a folhagem. Baixou-se e estendeu o pé quando ele passou, fazendo-o tropeçar. A rir, correu de volta para o outro extremo.

- Assim nunca mais vou conseguir reparar aquela vedação - disse ele, correndo atrás dela. Tinha acabado de a apanhar quando alguém os chamou. Michael soltou uma risada. - É a Miriam outra vez, a ver se a Mandy pode ir brincar.

Miriam parecia perturbada quando chegou junto a eles, com os olhos vermelhos de chorar.

- O que é que aconteceu? - perguntou Angel, alarmada. - É a tua mãe?

- A minha mãe está bem. Toda a gente está bem - disse Miriam, sorrindo-lhe debilmente. - Michael, preciso de

falar contigo sobre uma coisa. Por favor. É importante.

- É claro.

Miriam pegou na mão de Angel e apertou-lha.

- Obrigada - disse. - Eu não o detenho muito tempo.

Angel compreendeu que estava a ser dispensada.

- Vem lá a casa quando acabarem de falar. Eu faço um café.

Ficou a ver da janela Miriam e Michael a falarem no terreiro. Miriam estava a chorar. Michael tocou-lhe no ombro e ela acolheu-se nos braços dele. Angel sentiu um nó no estômago ao ver Michael abraçar Miriam. Uma dor surda alastrou pelo seu peito enquanto o via fazer festas nas costas da rapariga e dizer-lhe alguma coisa. Miriam afastou-se ligeiramente e abanou a cabeça. Ele pegou-lhe no queixo e disse-lhe algo mais. Ela falou durante muito tempo, e Michael ficou ali a ouvi-la. Quando ela terminou, ele disse algo brevemente. Ela pôs os braços à volta do pescoço dele e beijou-o na face. A seguir, encaminhou-se para a sua casa. Michael ficou a olhá-la por um longo momento. Esfregou a nuca e abanou a cabeça. Depois, dirigiu-se para a vedação onde estivera a trabalhar antes.

Angel esperou que ele trouxesse à baila o que Miriam lhe dissesse quando ele entrou em casa para o almoço, mas ele não o fez. Em vez disso, falou sobre como estava a decorrer o trabalho no curral e o que faria à tarde. Se Miriam lhe contara algum segredo, Angel sabia que ele não o revelaria.

Quando ele voltou para casa ao fim do dia, estava pensativo. Pôs-se a vê-la levantar a mesa.

- Estás muito calada - disse, aproximando-se por trás dela e pondo as mãos à volta da sua cintura enquanto ela vertia água quente sobre os pratos do jantar. Afastou-lhe a trança para o lado e beijou-lhe a nuca. - Com o que é que estás preocupada? Com a Elizabeth?

- Com a Miriam. - Ela sentiu o afrouxamento das mãos dele. Virando-se, ergueu a cabeça e olhou para ele. - E contigo. - Quando ele pestanejou e não disse nada, ela

afastou-se. Ele agarrou-lhe o braço e virou-a firmemente para que o olhasse de frente.

- Não tens necessidade nenhuma de sentir ciúmes, embora eu suponha que me poria a ranger os dentes se o Paul viesse até cá e pedisse para falar contigo em particular.

- Não é provável que isso aconteça, pois não?

- Não. Suponho que não. - Desejou ter deixado Paul fora da conversa. - A questão é que eu te amo *a ti*.

- E não te sentes minimamente tentado por uma rapariga que venera o chão que tu pisas?

- Não - disse ele, não negando o afeto de Miriam. - Mas sou mais como um irmão mais velho para ela do que qualquer outra coisa.

Angel sentia-se mesquinha. Adorava Miriam, mas vê-los juntos magoara-a. Olhou de novo para os olhos de Michael e não pôde duvidar de que ele a amava. Fazia-a sentir-se fraca. Descontraindo-se, lançou-lhe um sorriso triste.

- Ela está bem? O que se passa de errado?

- Sente-se infeliz. Sabe o que quer, um marido e filhos seus, mas não sabe bem como o conseguir. Por isso, queria a opinião de um homem.

- Bem, fico contente que não tenha ido falar com o Paul - disse ela, impensadamente. Voltou-se para os pratos. Paul faria uma rapariga doce e inocente como a Miriam em pedaços com a sua troça.

Michael ficou em silêncio.

Ela lançou-lhe um olhar por cima do ombro e teve consciência de que não devia ter dito nada contra o amigo dele.

- Desculpa. É só que... - Encolheu os ombros.

- Ela precisa de um marido.

- Sim - concordou Angel -, mas ele vai ter de ser alguém muito, muito especial.

A boca dele curvou-se num sorriso.

- Tu gostas muito dela, não gostas?

- É a coisa mais parecida com uma irmã que alguma vez terei. Talvez seja por isso que me magoou ver os dois abraçados.

- Eu não a abraço como te abraço a ti. Queres ver a diferença?

Ofegante e a rir-se, ela soltou-se.

- Agora ficaste todo molhado. Vai ler para eu acabar o meu trabalho.

Ele pegou na Bíblia e sentou-se em frente à lareira com o livro pousado no regaço. Baixou a cabeça, e Angel soube que estava a rezar. Era um hábito dele de que ela já não troçava. Aquele grande livro preto estava quase a desfazer-se, mas ele encarava-o como algo encadernado a ouro e contendo joias preciosas. Nunca o lia sem rezar primeiro. Dissera-lhe uma vez que só lia quando a sua mente estava suficientemente aberta para receber a mensagem. Ela não compreendia do que ele estava a falar. Por vezes, as suas palavras, embora em inglês, não faziam nenhum sentido para ela. E depois ele dizia algo maravilhoso que a enchia com uma sensação de calor e de luz esclarecedora. Ela era a noite mais negra, e ele a luz da estrela a trespassá-la, a criar um padrão que se desdobrava na sua vida.

Depois de terminar os seus afazeres domésticos sentou-se ao lado de Michael. Ele continuava em silêncio. Ela inclinou a cabeça para trás, a escutar o lume crepitante, e aguardou. Quando ele finalmente começou a ler, ela sentia-se sonolenta e contente. A voz cheia e quente dele era como caramelo escuro, mas o que ele estava a ler surpreendeu-a. Era a história de uma noiva e de um noivo e da paixão que sentiam um pelo outro. Michael leu durante muito tempo.

Pousou a Bíblia na prateleira e pôs mais uma acha no lume. Arderia durante toda a noite e manteria a cabana quente.

- Porque é que uma noiva virgem faria de meretriz para o seu marido? - perguntou Angel, perplexa.

Michael lançou-lhe um olhar. Pensara que ela estava a dormir.

- Não estava a fazer isso.

- Estava, sim. Dançou para ele, e ele estava a olhar para o corpo dela. Dos pés para cima. Ao princípio, estava a olhá-la nos olhos.

Michael ficou espantado por ela ter escutado tão atentamente.

- Ele sentia júbilo ao ver o corpo dela, e ela queria que ele o sentisse e dançou para o excitar e lhe dar prazer.

- E o teu Deus diz que é correto seduzir um homem?

- É correto seduzir o marido.

A expressão dela toldou-se. Não se referira a qualquer homem, mas ele tinha plena consciência de como ela estava bem treinada nas artes da sedução.

- E se eles pensarem que é sedução só por causa do aspeto da mulher?

Michael empurrou a acha para trás com a bota.

- Os homens vão sempre olhar para ti, Amanda. Tu és linda. Não há nada que possas fazer quanto a isso. - Até mesmo John Altman a olhara fixamente ao princípio. E Paul. Por vezes, Michael perguntava-se o que passaria na mente de Paul quando a via. Recordar-se-ia do que acontecera entre eles no caminho para Pair-a-Dice? Arredava da mente esses pensamentos perturbadores. Matutar neles despertava dúvidas que o atormentavam.

- Incomoda-te? - perguntou ela.

- O quê?

- Que os homens olhem para mim.

- Por vezes - admitiu ele. - Quando estão a olhar para ti como um objeto e não como um ser humano com sentimentos. - Curvou os lábios num sorriso triste. - Ou como uma mulher apaixonada pelo seu marido.

Ela fez girar a aliança no dedo.

- Eles nunca olham para as minhas mãos, Michael.

- Talvez devêssemos pôr-te a aliança no nariz.

Olhando para cima, ela viu o sorriso brincalhão dele e riu-se.

- Sim, ou um anel grande à volta do meu pescoço. Talvez isso os mantivesse à distância.

Daí a muito tempo, com Michael deitado a dormir ao lado de Angel, ela pôs-se a escutar a brisa noturna a fazer tilintar o espanta-espíritos do lado de fora da janela. As melodias, sempre diferentes, eram calmantes.

A palha nova do colchão tinha um cheiro doce, mais doce ainda porque se devia em parte ao seu trabalho o facto de estar ali. Ela e Michael tinham cortado o feno juntos. Que trabalho árduo! Ficara tão fascinada ao ver Michael manejar a grande foice em golpes largos e fluidos, a cortar as ervas douradas. Ela juntara-as em medas e depois tinham-nas carregado na parte de trás da carroça para as levarem para o celeiro. Os animais teriam feno durante os meses frios do inverno.

Tudo o que Michael fazia tinha um objetivo. Ela pensou na sua própria vida e em como fora sem sentido e desgraçada antes dele. A sua razão para estar viva dependia dele. E Michael dependia da terra, das chuvas, do calor do sol. E do seu Deus.

Especialmente do seu Deus.

Eu estaria morta se Michael não tivesse ido buscar-me. Estaria a apodrecer numa campa rasa e sem lápide.

Sentia-se consumida pela gratidão e cheia de uma humildade dolorosa por este homem a amar *a ela*. Porque é que, de todas as outras mulheres do mundo, ele a escolhera a ela? Ela era tão pouco merecedora. Era inconcebível.

Mas sinto-me contente, tão contente por ele o ter feito. E nunca mais voltarei a fazer nada que o leve a arrepender-se. Oh, meu Deus, juro...

Uma doce fragrância encheu a cabana às escuras, uma fragrância que desafiava qualquer definição. Ela encheu os pulmões com esse aroma, tão estonteante e maravilhoso. O que seria? De onde viria? Na mente dela girava um

turbilhão de palavras e frases que Michael lhe lera ao longo das últimas semanas e ainda antes disso, palavras que ela julgara nunca ter ouvido, mas que, de algum modo, se tinham insinuado no mais fundo do seu ser, algures dentro de si, um lugar que ela não conseguira fechar.

E depois uma voz calma e baixa encheu a cabana.

Eu sou.

Angel sentou-se abruptamente, de olhos arregalados. Olhou à volta da cabana, mas não estava mais ninguém para além de Michael, que dormia profundamente ao lado dela. Quem falara? Sentiu o medo a varrê-la, e pôs-se a tremer. Depois, desapareceu, como se tivesse sido levado numa corrente, e ela sentiu-se calma de novo e com um formigueiro estranho na pele.

- Não há nada - segredou. - Nada. - Esperou por uma resposta, sem se mover.

Mas não veio nenhuma resposta. Nenhuma voz encheu o silêncio.

Angel deitou-se lentamente e enroscou-se tanto quanto podia contra Michael.

Vinte e seis

*Dai palavras à dor;
a tristeza que perde a fala.*

SHAKESPEARE

Setembro chegou rapidamente e o milho estava pronto a ser recolhido. Michael conduziu a carroça por entre os renques e deixou-a ali. Ele e Angel quebravam as espigas dos caules e atiravam-nas para dentro da carroça. Em pouco tempo o espigueiro ficou cheio.

Os Altman vieram de bom grado ajudar na desfolhada. Era uma boa desculpa para se juntarem e divertirem na companhia uns dos outros. Todos cantavam canções, contavam histórias e se riam enquanto trabalhavam. Angel ficou com bolhas nas mãos e com cortes por causa do folhelho, mas nunca se sentira tão feliz na vida. O monte de espigas douradas crescia à sua volta, e ela sentia orgulho por ter participado naquilo. Havia sementes mais do que suficientes para o ano seguinte, estavam reabastecidos de milho para consumo próprio e restava-lhes bastante para vender.

No fim da desfolhada, Elizabeth sentou-se à sombra a beber uma tisana que Angel lhe trouxera. Estava a ficar com a barriga bastante grande e as suas faces brilhavam com uma cor saudável. Angel nunca a vira com um aspeto tão bom ou tão animado.

- Queres sentir o bebé a dar pontapés? - perguntou Elizabeth, e pegou na mão de Angel. Colocou-a sobre a sua barriga. - Ali. Sentiste, Amanda? - Angel riu-se, espantada. - O John quer outro menino - disse Elizabeth.

Angel foi ficando cada vez mais melancólica enquanto conversavam. Elizabeth deu-lhe uma palmadinha na mão.

- O teu tempo virá. Ainda és jovem.

Angel não respondeu.

Michael e Miriam subiram juntos o monte para ir ter com a pequena Ruth, que estava no balouço. Elizabeth olhava-os com um ligeiro franzir de testa.

- Ela cita o Michael como se ele fosse a palavra de Deus. Tenho tido tanta esperança de que ela se apaixone pelo Paul.

- Pelo Paul? - Angel olhou-a surpreendida.

- Ele é jovem e forte e tem muito bom aspeto. Trabalha no duro na terra dele e virá a ser alguém. Perguntei à Miriam o que ela achava dele, e tudo o que ela disse é que ele lhe tinha dito que a mulher dele era muito bonita e que sentia muitas saudades dela. Mal olha para ela quando vem ajudar o John. - Suspirou. - Suponho que ainda sente a dor do luto. Demasiado para reparar numa moça bonita com a idade certa para ele. E a Miriam está... - parou ao se dar conta do que estava prestes a dizer.

- Apaixonada pelo Michael - disse Angel.

Elizabeth corou.

- Ela nunca o disse.

- Não tem de o dizer, pois não?

Elizabeth perguntou-se que danos teria causado com os seus pensamentos e a sua língua destravados. Por vezes, falava com tão pouca sabedoria e tão pouco tato quanto os seus filhos. Porque não mantivera o silêncio sobre as suas preocupações? Era muito fácil falar com Amanda.

- Tenho-me perguntado isso mesmo - admitiu, não vendo nenhuma maneira de evitar o assunto agora. Perguntava-se especialmente hoje, ao ver Miriam afastar-se com Michael

e como a sua filha escutava embevecida cada uma das palavras dele. Michael estaria consciente do afeto dela? Como poderia não estar? Miriam nunca era capaz de ocultar nada.

Elizabeth tocou na mão de Angel.

- A Miriam nunca faria nada em relação a esses sentimentos, mesmo que os nutra pelo Michael. Ela adora-te, e é uma boa menina. Não é tola nenhuma, Amanda.

- É claro que não. - Angel viu Michael descer o monte com a sua amiga e pensou que ficavam os dois muito bem juntos. Ambos tinham cabelo escuro e eram lindos. Tinham tanto em comum. Ambos acreditavam no mesmo Deus. Amavam a terra. Ambos abriam os braços à vida com ardor e alegria. Davam o seu amor incondicionalmente.

Viu Miriam dar o braço a Michael e rir-se a olhar para ele numa camaradagem fácil. O coração de Angel contraiu-se com uma pontada aguda de ciúme, mas essa sensação desapareceu rapidamente, superada por uma tristeza avassaladora. Olhou atentamente para o rosto de Miriam quando eles se aproximavam.

Elizabeth ficou desolada ao ver como Angel observava a sua filha.

- Fui uma tonta - disse tristemente, com a certeza de que destruíra a amizade da sua filha. - Nunca devia ter dito nada.

- Fico contente que o tenha dito.

Elizabeth apertou-lhe a mão com força.

- Amanda, o Michael ama-te muito.

- Eu sei - disse Amanda com um sorriso sombrio. Que bem resultaria desse amor para ele?

- E a Miriam também gosta muito de ti.

Angel viu como Elizabeth estava perturbada e pôs a sua mão sobre a dela.

- Eu também sei isso, Elizabeth. Não precisa de se preocupar. - A seguir a Michael e Ruthie, gostava mais de Miriam do que de qualquer outra pessoa no mundo. Não

que não gostasse também de Elizabeth. O que ela sentia era demasiado avassalador para o confidenciar.

Os olhos de Elizabeth encheram-se de lágrimas.

- E agora dei cabo da tua confiança nela.

- De modo nenhum. - Estranhamente, Angel sabia que as suas palavras a sossegar Elizabeth eram verdadeiras. Sentia-se confiante no amor de Michael. Mas, e Miriam? Ainda mais inquietante, e os sonhos de Michael?

Angel tentou arredar aqueles pensamentos perturbantes. *O Michael sabia no que se estava a meter. Ele próprio o disse. Portanto, a culpa não é minha se ele não conseguir obter tudo o que queria. Filhos, por exemplo.*

Angel olhou para a barriga de Elizabeth e depois virou a cabeça, a fingir que a dor dentro de si não existia.

*

Michael foi visitar Paul e ausentou-se durante a maior parte do dia seguinte. Angel perguntou-se sobre o que teria ido falar e o que Paul teria a dizer-lhe. Estava a trabalhar na horta quando Michael regressou. Não foi ao encontro dele. Ele saltou do cavalo e dirigiu-se a ela em passadas decididas. Apoiando a mão no poste, saltou por cima da cancela e agarrou-a. Tomando-a nos braços, beijou-a com força. Quando ela ficou sem fôlego, ele soltou-a ligeiramente e sorriu-lhe.

- Isso acalma os teus receios?

Ela riu-se e abraçou-o, com o alívio e a alegria a obliterarem toda a ansiedade do longo dia sem ele. Como a mente podia atormentar.

Entrou na cabana para preparar o jantar enquanto ele tratava do cavalo. Quando ele entrou em casa, ela sorriu.

- Está tudo bem com o Paul?

- Não - disse ele sombriamente, com as mãos enfiadas nos bolsos, encostado à prateleira da lareira a olhar para ela. - Há alguma coisa a roê-lo, mas recusa-se a falar disso. Vamos à cidade amanhã vender alguns dos nossos vegetais.

O coração de Angel caiu-lhe aos pés ao pensar em mais um dia sem ele, mas não disse nada.

- Trato da criação de manhã, e tu podes passar o dia com os Altman - disse ele. - A Elizabeth está a fazer compota de maçã.

Angel virou-se para olhar para ele.

- Viste a Miriam?

- Vi. - A expressão dele era inescrutável. - Que confusão - disse, quase para consigo.

Ela não lhe perguntou nada mais.

Paul chegou cedo. Michael estava a acabar de tomar o café. Quando se pôs de pé, pousou uma mão firme no ombro de Paul, empurrando-o para que se sentasse.

- Fica um pouco. Toma um café enquanto eu trato da criação. A carroça já está carregada. Aviso-te quando estiver pronto para atrelar os cavalos. Passamos pela tua quinta para pegar nos teus caixotes e depois fazemo-nos à estrada.

O rosto de Paul estava contraído, e o seu olhar desviou-se friamente para Angel quando Michael saiu da cabana.

- Foi ideia tua termos este tempo a sós?

- Não. Suponho que o Michael tem a esperança de que possamos conciliar as nossas diferenças.

Paul bebeu o café em silêncio, com os ombros rígidos.

Ela olhou para ele.

- Já comeste esta manhã? Há umas papas...

- Não, obrigado - disse ele secamente. Olhou-a sardónico.

- Pensei que já te terias ido embora há muito tempo.

Era claro que o desejava.

- Queres mais café?

- Tão bem educada. Tão como deve ser. Qualquer pessoa julgaria que foste criada para ser mulher de um lavrador.

- Eu sou mulher de um lavrador, Paul - disse ela em voz baixa.

- Não, és uma boa atriz. Imitas todos os gestos. Mas por dentro, nem de longe nem de perto és o que devia ser a

mulher de um lavrador. – As suas mãos ficaram brancas, a agarrar com força a caneca do café. – Não achas que o Michael sabe ver a diferença de cada vez que fala com a Miriam Altman?

Ela não deu sinais de que as palavras dele a tinham ferido profundamente.

– Ele ama-me.

– Ele *ama-te*, não há dúvida – disse ele, e os seus olhos varreram o seu corpo de alto a baixo de uma maneira reveladora. – Tu sabes bem como *isso* é.

Como é que Michael podia gostar deste homem como se fosse seu irmão? Ela tentava ver algo nele, algum vestígio de bondade e humanidade, mas só conseguia ver o seu ódio frio.

– Vais odiar-me sempre pelo que fizeste, Paul? Nunca vais esquecer?

Paul arredou a caneca e arrastou a cadeira para trás. Tinha o rosto vermelho, os olhos a chisparem.

– Estás a culpar-me *a mim* pelo que aconteceu? Eu arrastei-te para fora daquela carroça? Violei-te? Tu gostavas de pensar que a culpa foi minha, não gostavas? – Saiu porta fora.

Angel não se mexeu de onde estava. Devia ter-se mantido em silêncio. Sabia que não tinha defesa.

Michael entrou por breves instantes para lhe dar um beijo de despedida.

– Passo pelos Altman no regresso a casa. Fica lá, e podemos voltar juntos.

*

Ruthie veio a correr ter com Angel quando a viu a atravessar o prado.

– O Paul disse que podíamos colher as maçãs todas dele! – disse, ao ser levantada do chão e empoleirada na anca de Angel. – A Mamã vai fazer compota de maçã. Eu adoro compota de maçã. Tu não?

Miriam estava à porta, bonita com um vestido aos quadrados azuis e um avental branco. Estava a sorrir.

- Vão pôr-nos a trabalhar - disse, e abraçou Angel.

Pegaram num carrinho de mão e percorreram a milha a que ficava a macieira. Enquanto colhiam a fruta, Miriam ia apontando todo o trabalho que Paul fizera na sua quinta.

- Tem uma boa safra de abóboras a amadurecer e teve uma boa colheita de milho. Ajudámo-lo a desfolhá-lo há uns dias.

De regresso à cabana dos Altman, passaram o resto da manhã a descascar e a descaroçar as maçãs e a cortá-las em pedaços para as cozer. Elizabeth adicionou especiarias enquanto mexia, e um aroma doce encheu a cabana. Enquanto as maçãs coziam em lume brando, ela preparou um cesto de piquenique e mandou-as lá para fora.

- Os rapazes já estão com o teu pai, e eu assim vou ter a cabana só para mim para fazer uma sesta - disse, quando Miriam lhe perguntou se ficaria bem.

Ruth e Leah acompanharam Miriam e Angel. As duas meninas mais novas puseram-se a andar na água fresca do ribeiro, mas Angel ficou na margem a enfiar os dedos dos pés na areia. Miriam deitou-se de costas, de braços abertos, a receber o calor do sol.

- Às vezes, sinto saudades da nossa terra - disse. Falou sobre a quinta e os vizinhos que tinham tido e as festas. Falou sobre a longa viagem para o Oeste. Recordou um incidente divertido atrás de outro, e Angel riu-se com ela. Miriam fazia com que um percurso árduo de duas mil milhas soasse como uma viagem por prazer.

- Fala-me do navio - pediu Miriam, pondo-se de barriga para baixo e pousando a cabeça nas mãos. - Havia muitas mulheres a bordo?

- Outras duas além de mim. A minha cabina não era muito maior do que uma latrina, e fazia muito frio. Eu usava toda a roupa que podia, mas mesmo assim não chegava. Dobrar o cabo Horn foi o mais parecido com o

inferno que se pode imaginar. Julguei que morria dos enjoos.

- O que é que fizeste quando chegaste a São Francisco?

- Fiquei gelada e quase morri à fome. - Uniu as mãos sobre os joelhos e olhou para as duas meninas pequenas no ribeiro. - Depois comecei a trabalhar outra vez. - Suspirou. - Miriam, eu não tenho muitas histórias divertidas para contar, e as que tenho não são próprias para os teus ouvidos.

Miriam sentou-se à moda índia.

- Eu não sou uma criança, sabes? Podias contar-me um pouco de como foi.

- Obsceno.

- Então porque é que não fugiste?

Haveria uma ténue acusação naquela pergunta? Deveria contar a Miriam como era ter oito anos e estar fechada num quarto e saber que só duas pessoas tinham uma chave, a dona do bordel, que lhe trazia comida e levava o bacio para o despejar, e o Duque? Deveria contar-lhe o resultado trágico quando fugira com Johnny?

- Eu tentei, Miriam - disse ela simplesmente, e ficou por ali.

- Mas os homens queriam-te. Os homens apaixonavam-se por ti. Só uma vez que fosse, gostava de ir por uma rua e virarem-se cabeças à minha passagem.

- Não, não ias gostar.

Miriam ficou com lágrimas nos olhos.

- Só por uma vez, gostava de ser desejada por um homem.

- Achas mesmo que sim? E se fosse um estranho e tivesse acabado de pagar a alguém para te ter, e tivesses de fazer o que ele quisesse, por mais degradante que fosse? E se ele fosse feio? E se já não tomasse banho há um mês? E se gostasse de te tratar mal? Pensarias que isso era romântico? - Não tencionara falar de modo tão agreste. Estava a tremer.

O rosto de Miriam estava pálido.

- Era isso que era?

- Pior - disse Angel. - Quem me dera nunca ter conhecido outro homem antes do Michael.

Miriam pegou na mão dela e não fez mais perguntas.

Michael chegou ao fim da tarde. Miriam foi a primeira a sair para o cumprimentar.

- Pensei que o Paul vinha contigo.

Michael desmontou.

- Decidiu ficar na cidade por um ou dois dias.

- Tal e qual como um homem - disse Miriam, mas a sua alegria tinha desaparecido.

Elizabeth insistiu que ele e Angel ficassem para o jantar. Miriam sentou-se do outro lado de Michael e mal disse uma palavra durante toda a refeição. Quase não tocou na comida. Angel viu Michael pôr a mão em cima da dela por um breve momento e segredar-lhe alguma coisa. Os olhos de Miriam encheram-se de lágrimas e ela pediu desculpa e levantou-se da mesa.

- O que é que lhe deu ultimamente? - perguntou John, perplexo.

- Deixa-a em paz, John. - Elizabeth olhou de Angel para Michael e depois passou-lhes uma taça com abóbora.

Michael ia pensativo no regresso a casa. Pegou na mão de Angel e apertou-a com força.

- O que eu não daria por um pouco de sabedoria neste momento - disse. - O que é que o Paul te disse hoje de manhã?

- Ficou surpreendido por eu ainda estar por cá - disse ela, sorrindo para que ele pensasse que não a magoara.

Michael não se deixou enganar.

- Trouxe-te uma coisa da cidade. - Quando chegaram a casa, tirou as compras da parte de trás da carroça e entregou-lhas. Ela não adivinhou o que eram ao princípio, só viu paus espinhosos parcialmente atados com serapilheira. - São roseiras. O homem jurou-me que são

vermelhas, mas vamos descobrir quando chegar a primavera. Eu planto-as amanhã de manhã. Diz-me só onde as queres.

Angel recordou o perfume das rosas a evolvar-se para uma sala de estar soalheira.

- Uma mesmo junto à janela - disse -, e a outra à porta de casa.

Quando uma imagem da sua mãe em camisa de noite, ajoelhada no jardim ao luar, lhe passou em clarão pela mente, apressou-se a arredá-la.

*

O Dia de Ação de Graças aproximava-se rapidamente, e Elizabeth estava a ficar com a barriga tão grande que Angel pensava que ela parecia pronta a rebentar. Encarregou-se com Miriam dos preparativos para a celebração da data festiva sob a supervisão de Elizabeth. Quando chegou o dia, a mesa estava carregada com faisões recheados e assados, puré de cenoura e ervilhas, batatas e frutos secos cristalizados. John comprara uma vaca, e havia jarros de leite em ambas as pontas da mesa. Angel não bebia um copo de leite há meses, e este mimo atraía-a mais prontamente do que todos os outros que ajudara a cozinhar.

- O Paul foi para a cidade para celebrar - disse Miriam, com pouca inflexão no tom de voz. - Disse no outro dia que está a pensar em voltar para os ribeiros quando chegar a primavera.

- Há um ribeiro perto da casa dele - disse Leah.

Jacob lançou um olhar de desprezo à irmã.

- Não com ouro nele, palerma.

- Já chega, Jacob - ralhou Elizabeth ao pousar uma tarte de ruibarbo em cima da mesa. Miriam pôs a de abóbora na outra ponta. Depois de todos terem acabado de comer, as crianças dispersaram rapidamente antes de serem recrutadas para trabalhar na cozinha. John e Michael foram

lá para fora para John poder fumar o seu cachimbo. O aroma provocava enjoos a Elizabeth. Miriam foi ao poço buscar água.

Elizabeth sentou-se fatigada numa cadeira e pousou a mão na sua barriga saliente.

- Juraria que esta criança já anda a gravar as iniciais nas paredes.

- Quanto tempo falta? - perguntou Angel enquanto raspava os restos dos pratos e os punha na bacia da louça que estava em cima da mesa.

- Demasiado. - Elizabeth sorriu. - São precisos o John e a Miriam para me tirarem da cama de manhã.

Angel verteu uma chaleira de água quente sobre os pratos sujos. Lançando um olhar a Elizabeth, viu que a pobre senhora estava exausta e meio a dormir. Secou as mãos, aproximou-se dela e pegou-lhe na mão.

- Elizabeth, devia deitar-se e descansar. - Ajudou-a a levantar-se da cadeira e cobriu-a com uma colcha quando ela se deitou na cama no segundo quarto. Ela adormeceu quase imediatamente.

Angel deixou-se ficar junto à cama por um longo momento. Elizabeth estava deitada de lado, com os joelhos fletidos e a mão pousada protetoramente no seu bebé por nascer. Um abraço. Angel olhou para a sua barriga lisa e estendeu as mãos nela. Ardiam-lhe os olhos, e mordeu o lábio. Baixando os braços ao longo do corpo, virou-se e viu Miriam parada à entrada do quarto.

Miriam sorriu melancólica.

- Já me perguntei como seria. É a razão de ser de uma mulher, não é? O nosso privilégio divino: trazer uma nova vida ao mundo e cuidar dela. - Sorriu a Angel. - Por vezes, sinto que mal posso esperar.

Angel viu as lágrimas que Miriam tentava esconder. Afinal, de que servia o privilégio divino a uma rapariga virgem?

Ou a uma mulher estéril.

Vinte e sete

*Há muitos projetos no coração do homem,
Mas é a vontade do Senhor que prevalece.*

PROVÉRBIOS 19:21

Antes de partir para a caça, Michael trouxe vários sacos pesados com milho seco para a cabana para que Angel pudesse debulhá-lo. Ela sentou-se em frente ao lume crepitante e esfregou as maçarocas umas nas outras até algumas fleiras se soltarem e o resto dos bagos poderem ser facilmente separados. Caíram-lhe alguns no regaço. Pondo de lado a maçaroca debulhada, pegou num bago. A sorrir, rolou a sua forma dura entre os dedos.

Tens de morrer para renascer.

Ergueu a cabeça, a escutar atentamente. O seu coração batia desordenado, mas os únicos sons à sua volta eram os do espanta-espíritos a tilintar com o vento. Olhou para baixo, para o bago seco e parcialmente mirrado na palma da sua mão. Era como os muitos que ela tinha plantado na primavera passada e dos quais despontara a floresta de verde. Atirou com o bago para o cesto onde se encontravam os outros e sacudiu o resto da saia.

Talvez estivesse um pouco louca afinal. As velhas vozes já só vinham raramente, mas agora havia esta nova, calma e baixa, sem fazer sentido nenhum. Da morte vem a vida? Impossível. Mas aqui aos seus pés estava o cesto de

sementes do milho. Franziu ligeiramente a testa. Baixando-se, enfiou as mãos nelas. Agarrou dois punhados. Então, o que significava?

- Amanda! - chamou Miriam, sem fôlego, entrando de rompante na cabana. - Chegou a hora da Mãezinha.

Angel atirou o xaile pelas costas e saiu de casa a toda a pressa. A rir-se, Miriam deteve-a.

- Não queres voltar para uma casa ardida, pois não? - Angel pegou num saco de milho seco e arrastou-o para bem longe da lareira. A toda a pressa, pôs as sementes em cima da mesa e arrastou o outro saco para perto da cama. Foram a correr na maior parte do caminho. - Oh - disse Miriam. - Nem sequer me lembrei de dizer ao Michael...

- Ele vai saber - disse Angel, a caminhar depressa para recuperar o fôlego antes de levantar as saias e desatar a correr outra vez.

A respirar a custo, Angel precipitou-se para dentro da cabana dos Altman, com Miriam a segui-la. Elizabeth estava sentada calmamente em frente à lareira a dar uns pontos numa camisa. As crianças ergueram a cabeça dos seus trabalhos. Estavam sentadas calmamente à volta da mesa a estudar.

Só John estava agitado, e levantou-se disparado da cadeira.

- Graças a Deus! - disse, pegando rapidamente no xaile de Angel e atirando-o na direção do gancho na parede. Baixou a voz. - O intervalo entre as dores já é pequeno, mas não consigo convencê-la a ir deitar-se. Diz que tem roupa para remendar!

- Já quase acabei, John - disse Elizabeth. Pôs de lado uma camisa e pegou em outra. Ficou imóvel e o seu rosto contraiu-se numa concentração silenciosa. Angel fitou-a, à procura de sinais de agonia, à espera de um grito de fazer gelar o sangue. Elizabeth fechou os olhos por um longo momento e depois soltou um suspiro delicado e recomeçou

a trabalhar. As crianças mal repararam, até o seu pai gemer.

- Lizzie, *vai para a cama!*

- Quando acabar, John.

- *Já!* - berrou ele tão abruptamente que Angel deu um salto. Nunca ouvira John Altman usar aquele tom de voz com ninguém da sua família.

Elizabeth ergueu a cabeça com dignidade.

- Deixa-me estar, John. Vai dar de comer aos cavalos ou rachar lenha. Vai limpar um estábulo. Vai caçar qualquer coisa para o jantar. Mas não me incomodes neste momento.

- Disse tudo aquilo numa voz tão calma que Angel quase se riu. John ergueu as mãos e saiu de rompante da cabana, a resmungar qualquer coisa sobre as mulheres. - Tranca a porta, Andrew.

- Mãezinha?

- Ele volta já se não o fizeres - disse Elizabeth com um sorriso divertido. As crianças riram-se e continuaram a fazer os seus trabalhos. Miriam estava tensa e claramente preocupada.

Vieram várias mais dores, e Elizabeth continuava a dar pontos como se nada fosse. Dava um nó à linha e cortava-a. Teve mais uma contração enquanto estava a dobrar a camisa, e Miriam estava cada vez mais pálida. Olhou freneticamente para Angel, mas Angel tencionava esperar até um sinal de Elizabeth. Se ela queria ficar ali sentada e ter o bebé na cadeira, a decisão era dela.

Quando a contração se prolongou, Angel inclinou-se e pousou firmemente a mão no joelho de Elizabeth.

- Como posso ajudá-la? - perguntou, com mais calma do que sentia.

Elizabeth não disse nada, com a mão branca por estar a agarrar com tanta força o braço da cadeira. Por fim, arquejou fortemente e pegou na mão de Angel.

- Ajuda-me a ir para o quarto - disse em voz baixa. - Miriam, olha pelas crianças e pelo teu pai.

- Sim, Mãezinha.

- E vamos precisar de bastante água quente. O Jacob pode ir buscar água. E panos. Leah, estão na arca. Vamos precisar do rolo de cordel que está no armário. Ruthie, vai buscar-me isso, vais, querida?

- Sim, Mamã. - As crianças dispersaram para fazer o que lhes pedira.

Angel fechou a porta do quarto sem fazer ruído. Elizabeth sentou-se cuidadosamente na beira da cama e começou a desabotoar o vestido. Precisou de ajuda para o despir e só tinha uma combinação fina por baixo.

- Está a vir agora - disse. - Rebentaram-me as águas quando fui à latrina hoje de manhã. - Riu-se baixinho. - Tive receio por um momento que o bebé caísse naquele buraco. - Pegou na mão de Angel. - Não estejas tão preocupada. Está tudo bem. - Inspirou com força, apertando ainda mais a mão de Angel. Apareciam gotas de suor na sua testa. - Esta foi das boas - disse por fim.

Miriam entrou no quarto com um jarro de água e uma bacia cheia de panos.

- O Paizinho vai trazer mais água. Dois baldes para além do que traz o Jacob. Temos o pote ao lume.

Os olhos de Elizabeth brilharam.

- Suponho que o teu pai pensa que um belo banho quente resolveria tudo. - Beijou Miriam na face. - Obrigada, minha doçura. Estou a contar contigo para olhares pelas coisas. A Leah estava a ter dificuldade com a aritmética e o Jacob precisa de praticar a caligrafia.

As dores vinham mais rapidamente e duravam mais tempo. Elizabeth não soltava um gemido, mas Angel via o sofrimento em que ela se encontrava. Estava pálida e a transpirar profusamente. Angel torceu um pano fresco e limpou-lhe o rosto.

Miriam espreitou à porta após uma hora.

- O Michael está aqui.

Angel soltou um suspiro de alívio, e Elizabeth sorriu.

- Estás a sair-te muito bem, Amanda. - Corando, Angel riu-se.

Elizabeth teve pouco a dizer na hora seguinte, e Angel respeitou o seu silêncio. Acariciava-a ternamente e segurava-lhe a mão quando vinham as dores. Quando Elizabeth se descontraía, ela torcia o pano e limpava-lhe a testa.

- Já não demora muito - disse Elizabeth depois de uma dor que se seguiu imediatamente a outra. Desta vez gemeu, com a mão branca de agarrar com tanta força a cabeceira da cama.

- Oh, não julguei que demorasse assim tanto tempo.

- Diga-me o que fazer! - disse Angel, mas Elizabeth estava sem fôlego para falar. Ofegante, inspirou profundamente de novo e levantou as pernas. Gemia mais alto agora, com o rosto contorcido e a ficar muito vermelho.

Angel não parou para pensar em questões de pudor. Puxou a colcha para trás.

- Oh, Elizabeth! Está a sair, minha querida! Já vejo a cabeça. - Angel segurou o bebé enquanto Elizabeth fazia força uma última vez. Angel tombou de joelhos, com o bebé recém-nascido nos braços a chorar.

- Um menino. Elizabeth, um menino! E é perfeito. Dez dedos das mãos, dez dedos dos pés... - Pôs-se de pé, a tremer exultante e maravilhada.

Elizabeth chorou de alegria quando Angel lhe pôs o seu filho em cima do peito. Daí a uns momentos, com as últimas contrações, ficou completamente relaxada, exausta.

- Ata o cordão umbilical com o cordel antes de o cortares - disse Elizabeth num tom fatigado, e sorriu. - Ele tem bons pulmões.

- Sim, não há dúvida de que tem. - Angel lavou o bebé cuidadosamente antes de o envolver numa manta macia e de o entregar de novo à sua mãe. Ele começou imediatamente a mamar, e Elizabeth sorria, contente. Angel verteu água quente para uma bacia e lavou Elizabeth com

todo o cuidado, envidando todos os esforços por não a magoar, mas magoando-a mesmo assim, embora Elizabeth não se queixasse. Inclinou-se e deu um beijo na face a Elizabeth. – Obrigada – segredou à senhora, que já dormia.

Angel saiu do quarto sem fazer ruído. Todos os outros estavam na divisão ao lado, à espera.

– Tem um lindo filho, John. Parabéns.

– Louvado seja o Senhor. – Abateu-se sobre a cadeira. – Como é que disse que ele se chamava?

Angel riu-se, toda a tensão contida dissipada.

– Bem, eu não sei, John. Penso que é o John que vai decidir isso.

Todos se riram, incluindo John, que corou como um tomate. A abanar a cabeça, entrou no quarto. Miriam e as crianças entraram silenciosamente em fila atrás dele.

Michael sorriu a Angel de uma maneira que fez o seu coração bater acelerado.

– Estás com os olhos brilhantes – disse ele.

Ela sentia-se tão cheia de emoção que não conseguia falar. A expressão dele era tão enternecedora, tão cheia de promessa. Amava-o tanto que se sentia consumida de amor por ele. Quando ele se aproximou, ela ergueu o rosto para que ele pudesse roçar os seus lábios levemente nos dela.

– Oh, Michael – disse ela, abraçando-o.

– Um dia – disse ele, e depois sentiu-se enregelado ao dar conta do seu erro cruel. Apertou-a com mais força ao peito.

Angel sabia no que ele estava a pensar. Eles nunca teriam um filho. Michael afastou-se ligeiramente, mas ela não conseguia olhar para ele, nem mesmo quando ele lhe pegou no rosto.

– Amanda, desculpa – disse meigamente. – Não era minha intenção...

– Não peças desculpa, Michael.

Porque não pensara antes de dizer fosse o que fosse?

– Vou dizer-lhes que vamos para casa. – Deixou-a só o tempo suficiente para felicitar os Altman. O bebé era lindo.

Elizabeth pegou na mão dele.

- A Amanda foi maravilhosa. Diga-lhe que seria uma honra para mim assisti-la quando chegar a hora dela.

- Eu digo-lhe - respondeu ele num tom inexpressivo, sabendo que não poderia fazê-lo.

Voltaram para casa em silêncio. Ele ficou a vê-la acender o lume.

- A Elizabeth disse que foste maravilhosa.

- Ela foi magnífica - disse Angel. - Seria capaz de se desembaraçar sem ninguém a ajudá-la. - Olhou para ele com um sorriso triste. - É tudo a que ser uma mulher se resume, não é? A Miriam disse que ter filhos é um privilégio divino. - Desviou o olhar. - A semente do John foi plantada numa terra fértil.

- Amanda - disse ele, pondo a mão debaixo do braço dela para a fazer parar.

- Não digas nada, Michael, por favor...

Não resistiu quando ele a tomou nos braços. Ele segurou-a firmemente, com a mão aberta a apoiar-lhe a cabeça. Queria tirar-lhe a dor, mas não sabia como.

- O Natal é já daqui a uns dias.

- Só me lembrei hoje à noite em casa dos Altman. - Elizabeth e Miriam já tinham decorado a casa com ramos de pinheiro e fitas vermelhas. Leah e Ruthie tinham feito um presépio com maçarocas de milho para as figuras. Angel não pensara em fazer nada. O Duque dissera sempre que o Natal era como outro dia qualquer e que se dormiam as mesmas oito horas.

A Mamã sempre dera importância ao Natal naqueles primeiros anos. Mesmo quando viviam nas docas e tinham pouca comida e nenhum dinheiro, a Mamã tratava o Natal como um dia santo. Não eram permitidos homens no barraco. A Mamã costumava contar-lhe como era o Natal quando era pequena. Angel não gostava que ela falasse disso, porque fazia sempre a Mamã chorar.

- O Natal - disse Angel, e afastou-se de Michael.

Ele viu a sua angústia e sentiu que fora a causa dela.

- Amanda...

Ela olhou para ele, sem conseguir ver-lhe o rosto no escuro.

- O que hei de dar-te no Natal, Michael? O que posso dar-te quando a única coisa que realmente queres é um filho? - Respirava a custo, a debater-se para controlar a emoção crescente. - Quem me dera... quem me dera...

- Não... - disse ele com a voz embargada.

Ela fechou a mão em punho.

- Quem me dera que o Duque não me tivesse arruinado! Quem me dera que mais ninguém alguma vez me tivesse *tocado*! Quem me dera ser como a Miriam!

- Eu amo-te. - Quando ela se virou, ele puxou-a a si, para os seus braços. - É *a ti* que eu amo. - Beijou-a e sentiu como ela se abandonava nos seus braços, agarrando-se a ele tão desesperadamente.

- Michael, eu queria ser inteira. Queria ser inteira para ti.

Meu Deus, porquê? O John e a Elizabeth têm seis filhos. Eu nunca farei nem um à minha mulher? Porque permitistes que acontecesse desta maneira?

- Não importa - disse ele uma e outra vez. - Não importa. Mas ambos sabiam que importava.

Vinte e oito

*Nada façais por ambição, nem por vaidade;
mas, com humildade, considerai os outros
superiores a vós próprios.*

CARTA AOS FILIPINOS 2:3

Paul veio à festa de Natal dos Altman. Angel sentiu um nó no estômago quando o viu, perguntando-se que palavras hostis ele lhe dirigiria desta vez. Manteve-se afastada dele, decidida a que nada estragasse este Natal. Nunca tivera um verdadeiro Natal, e esta família queria incluí-la. Se Paul lhe chamasse meretriz na cara, ela ouviria e não diria nada. Além disso, sabia que ele não falaria suficientemente alto para os outros ouvirem.

Para sua surpresa, ele deixou-a em paz. Parecia igualmente decidido a manter-se longe dela. Trouxe presentes para as crianças, pequenos sacos castanhos com doçarias que comprara na loja nova. Elas ficaram encantadas, todas menos Miriam, que pareceu furiosa quando ele lhe deu o presente.

- Obrigada, *Tio Paul* - disse com azedume, e beijou-lhe a face. Um músculo contraiu-se no maxilar dele no momento em que ela lhe virou costas.

Angel esperou até depois da enorme ceia que ela e Miriam tinham preparado para entregar os presentes dela e de Michael. Trabalhara durante dois dias a fazer bonecas

de trapos para Leah e Ruthie, e susteve a respiração quando elas desembulharam os presentes. Os seus guinchinhos fizeram-na rir. Os rapazes mostraram-se igualmente exuberantes ao verem as físgas que Michael lhes fizera. Foi imediatamente montado um alvo lá fora.

Miriam desembulhou o seu presente cuidadosamente e ergueu a grinalda de flores secas que Angel fizera. Tocou nas fitas de cetim que caíam da parte de trás.

- É linda, Amanda - disse, com lágrimas a encherem-lhe os olhos.

Angel sorriu.

- Pensei em ti a correres pelo monte abaixo por entre aquelas flores silvestres todas. Pareceu-me apropriado.

Miriam apressou-se a soltar o cabelo e a sacudi-lo, de tal modo que se estendeu farto e aos caracóis à volta do seu rosto e sobre os ombros e pelas costas abaixo. Colocou a grinalda na cabeça.

- Que tal fica?

- Silvestre e lindo - disse Michael.

Paul levantou-se e saiu da casa.

O sorriso de Miriam atenuou-se ligeiramente.

- Ele é tão parvo - murmurou entre dentes.

- Miriam! - disse Elizabeth, surpreendida, com o bebé encostado ao ombro. - Que coisa para se dizer.

Miriam não parecia minimamente arrependida ao olhar furiosa pela porta para Paul. Tirou a grinalda e pousou-a no regaço.

- Adoro-a, e vou usá-la em vez de um véu no dia do meu casamento.

Quando caiu a noite, a família juntou-se à volta da lareira a cantar cânticos de Natal. John passou a Bíblia para as mãos de Michael sem dizer o que queria que fosse lido. Michael foi direito à história do Natal. Angel escutou-o, com as mãos unidas à volta dos joelhos erguidos. Ruth deu-lhe um pequeno empurrão sonolento. A sorrir, Angel acolheu-a no regaço. Ruth mexeu-se até ficar numa posição

confortável, com a cabeça pousada no seio de Angel. Angel pôs-se a fazer-lhe festas no cabelo. *Se amo assim tanto uma criança que não é minha, quanto mais teria amado uma que o fosse?*

A voz de Michael era melodiosa e forte. Todos estavam em silêncio a olhar para ele. Angel recordava-se de a sua mãe lhe contar a história do menino Jesus a nascer numa manjedoura e de os pastores e os três reis virem adorá-lo, mas dos lábios de Michael era cheia de beleza e mistério. Apesar de tudo isso, ela não conseguia encontrar alegria na história. Não como os outros à sua volta. Que tipo de pai deixaria que o seu filho nascesse com o fim único de ser pregado numa cruz?

A voz escura chegou inesperadamente: **Tu sabes que tipo de pai, Angel. Tiveste um tal e qual como ele.**

Tremeu. Desviando o olhar de Michael, viu John de pé nas sombras por trás de Elizabeth. Tinha a mão pousada no ombro dela. Nem todos os pais eram como Alex Stafford. Alguns eram como John Altman. Olhou de novo para Michael. Também ele seria um pai maravilhoso. Forte, afetuoso, clemente se fosse necessário. Ele lera-lhe a história do filho pródigo uma vez, pouco depois de a trazer de volta de Pair-a-Dice. Se o seu filho se transviasse, ele seria o tipo de pai que o acolheria de novo em casa. Não seria como o que expulsara a mãe dela.

Michael acabou de ler e fechou a Bíblia. Quando ergueu a cabeça, olhou-a nos olhos. Ela sorriu. Ele retribuiu o sorriso, mas havia uma interrogação nos seus olhos.

- Miriam - chamou John baixinho. Ela aproximou-se do pai e ele disse-lhe alguma coisa. Elizabeth passou-lhe o bebé para os braços. Miriam levou-o e pô-lo nos braços de Michael. O bebé ergueu a mão e Michael passou o dedo levemente pela minúscula palma, sorrindo quando o bebé lho agarrou com força.

- Então, - disse ele -, o John e a Elizabeth já pensaram num nome?

- Já. Benjamin Michael. O seu nome.

Michael pareceu ficar atordoado e depois profundamente comovido. Os seus olhos brilhavam com lágrimas contidas. Miriam pousou as mãos nos seus ombros e debruçou-se para lhe beijar a face.

- Esperamos que ele venha a fazer justiça ao nome.

Angel sentiu um nó no peito quando olhou para Michael com o bebé nos braços e Miriam com a mão ainda pousada no seu ombro. Pareciam o par perfeito.

No escuro lá fora, Paul estava a pensar o mesmo.

*

As roseiras que Michael trouxera a Angel floriram cedo. Ela tocava nos botões vermelhos e pensava na sua mãe. Era tão parecida com Mae. Era boa a fazer crescer flores, parecer bonita e dar prazer a um homem. Para além disso, de que servia?

O Michael devia ter filhos. Ele quer filhos.

Soube na noite de Natal o que devia fazer, mas era insuportável pensar sequer em o deixar, em viver sem ele. Queria ficar aqui e esquecer a expressão nos olhos dele quando teve Benjamin nos braços. Queria agarrar-se a ele e aquecer-se ao sol da felicidade que ele lhe dava.

Era esse egoísmo que a fazia compreender que não o merecia.

Michael dera-lhe tudo. Ela estava vazia, e ele enchera-a a transbordar com o seu amor. Ela traíra-o, e ele aceitara-a de volta e perdoara-lhe. Sacrificara o orgulho para a amar. Como podia ela enjeitar as necessidades dele depois disso? Como podia viver consigo mesma sabendo que ignorara os desejos do coração dele? E Michael? O que era o melhor para ele?

A voz sombria falava com frequência. **Fica! Não mereces alguma felicidade depois de todos os anos a viver desgraçada? Ele diz que te ama, não diz? Então, deixa que o prove!**

Não podia continuar a ouvir. Fechou a mente à voz e pensou antes em Michael, e pensou em Miriam, a irmã do seu coração. Pensou nos filhos que Miriam e Michael poderiam ter, morenos e lindos, fortes e afetuosos. Ao longo de gerações vindouras. Recordou a si mesma que nada poderia vir dela. Se ficasse, Michael manter-se-ia fiel até à morte, e isso seria o seu fim.

Não podia deixar que tal acontecesse.

Quando Michael lhe disse que ia à cidade com Paul, ela tomou a sua decisão. John comentara no dia anterior que a cidade se tornara tão grande que chegava uma diligência duas vezes por dia. Passava na estrada a menos de duas milhas da cabana, para lá da linha dos montes. Ela ainda tinha o ouro que recebera de Sam Teal e de Joseph Hochschild. Michael insistira que ela o guardasse para si. Seria suficiente para chegar a São Francisco e se manter durante algum tempo. Não pensaria para além disso.

Tenho de pensar no que é melhor para o Michael.

Quando Michael chegou dos campos, ela tinha um sumptuoso jantar de carne de veado à sua espera. A cabana estava enfeitada com flores, a prateleira da lareira, a mesa, a cama. Michael olhou à sua volta, intrigado.

- O que estamos a celebrar?

- A vida - disse ela, e beijou-o. Olhou-o com uma atenção extrema, a guardar na memória todos os ângulos do seu rosto e do seu corpo. Queria-o desesperadamente, amava-o tanto. Alguma vez ele saberia quanto? Não podia dizer-lhe. Se o fizesse, ele viria à sua procura. Trá-la-ia de volta. Era preferível que ele a julgasse carnal e vil. Mas ela teria esta última noite para recordar. Michael seria uma parte de si, onde quer que ela estivesse e mesmo que ele nunca chegasse a sabê-lo. Ela levaria consigo para a sepultura as doces recordações.

- Leva-me ao cimo do monte outra vez, Michael. Leva-me ao lugar onde me mostraste o nascer do sol.

Ele viu a fome nos olhos dela.

- Está fresco esta noite.
- Não está demasiado frio.

Ele não podia negar-lhe nada, mas sentia um estranho desconforto na boca do estômago. Passava-se algo de errado. Tirou os cobertores da cama e foi à frente. Talvez ela falasse com ele e lhe contasse o que estava a atormentar-lhe a mente. Talvez se abrisse com ele finalmente.

Mas o estado de espírito dela mudou, passando de pensativo a excitado. Correu para o cimo do monte à frente dele e pôs-se a andar à roda, com os braços abertos. A toda a sua volta, cantavam os grilos e a brisa suave fazia agitar as ervas.

- É lindo, não é? A vastidão disto tudo. Eu sou totalmente insignificante.

- Não para mim.

- Sim - disse ela, virando-se para ele. - Até mesmo para ti. - Ele franziu a testa e ela virou-se de novo. - Não haverá outros deuses perante mim - gritou aos céus. - Nenhum a não ser tu, meu senhor. - Virou-se e olhou para ele. *Nenhum a não ser tu, Michael Hosea.*

Ele franziu a testa.

- Estás a troçar de mim, bem-amada?

- Nunca - respondeu ela, e falava verdade.

Soltou o cabelo. Espalhou-se pelos seus ombros e pelas suas costas, branco ao luar.

- Lembras-te de me leres sobre a noiva Sulamita a dançar para o marido?

Ele não conseguia respirar ao vê-la ali ao luar. Cada movimento atraía o seu olhar para ela e fazia-o tomar consciência. Quando tentava agarrá-la, ela afastava-se de novo, com os braços estendidos num convite. O cabelo flutuava à sua volta e a sua voz chegou rouca e sedutora no vento.

- Eu farei tudo por ti, Michael. Tudo.

E subitamente ele compreendeu o que ela estava a fazer. Estava a despedir-se, tal como na última vez. Estava a amortecer-lhe a mente com o prazer físico.

Quando Angel voltou a aproximar-se, Michael agarrou-a.

- Porque é que estás a fazer isto?

- Por ti - respondeu ela, puxando-lhe a cabeça para baixo e beijando-o.

Enterrando-lhe os dedos no cabelo, pressionou a sua boca na dela. Queria consumi-la. As mãos dela eram como chamas no corpo dele.

Meu Deus, não vou deixar que ela volte a partir. Não posso!

Ela movia-se contra o corpo dele, e ele não pensava em mais nada a não ser nela, e não era suficiente.

Meu Deus, porque estais a fazer-me isto outra vez? Dais só para tirardes de novo?

- Michael, Michael - sussurrava ela, e ele sentiu o sabor salgado das suas próprias lágrimas nas faces dela.

- Tu precisas de mim. - Ele via o seu rosto iluminado pelo luar. - Tu precisas de *mim*. Di-lo, Tirza. Di-lo.

Deixa-a ir, bem-amado.

Meu Deus, não! Não me peçais isso!

Dá-ma.

Não!

Ficaram agarrados, a procurar consolo num doce esquecimento. Mas o doce esquecimento não dura.

Michael apertou-a com força nos braços quando esse momento passou. Tentou prolongar a sensação mas eles eram dois seres distintos mais uma vez. Ele não tinha a força necessária para os manter juntos para sempre.

Ela estava a tremer violentamente, se do frio ou da paixão consumada ele não sabia. Não perguntou. Pôs o cobertor à volta dos dois, mas mesmo assim continuou a sentir a resolução dela como uma ferida em carne viva.

Estava a ficar mais frio, e precisavam de voltar para casa. Vestiram-se em silêncio, ambos atormentados, ambos a

fingirem não o estar. Ela aproximou-se novamente dele e pôs os braços à volta da sua cintura, encostando-se a ele como faria uma criança, a querer ser reconfortada.

Ele fechou os olhos contra o medo que sentia a desenrolar-se na boca do estômago. *Eu amo-a, Senhor. Não posso desistir dela.*

Michael, bem-amado. Queres que ela fique pendurada na sua cruz para sempre?

Michael soltou um suspiro entrecortado. Quando Angel ergueu o rosto, Michael viu algo nele que o fez sentir vontade de chorar. Ela amava-o. Ela realmente amava-o. E, no entanto, havia algo mais no seu rosto iluminado pelo luar. Uma tristeza assombrada que ele não podia dissipar, um vazio que ele nunca poderia encher. Recordou-se das suas palavras angustiadas na noite em que Benjamin nascera. *Quem me dera ser inteira!* Ele não podia torná-la inteira.

Pegou nela e pô-la ao colo nos seus braços. Ela pôs o braço à volta do pescoço dele e beijou-o. Ele fechou os olhos. *Senhor, se eu a der a Vós agora, alguma vez me dareis de volta?*

Não houve resposta.

Senhor, imploro-Vos!

O vento soprou suavemente, mas só houve silêncio.

*

Angel acompanhou Michael até ao celeiro na manhã seguinte e ficou a vê-lo selar o cavalo.

– Quando contas voltar?

Ele lançou-lhe um olhar enigmático por cima do ombro.

– Mal possa. – Conduzindo o cavalo para fora da baía, pôs o braço à volta dos ombros dela. Angel sorriu-lhe. Ele parou e abraçou-a e beijou-a. Ela retribuiu o beijo, aproveitando o mais possível a última oportunidade que alguma vez teria. Quando Michael enterrou os dedos nos ombros dela

causando-lhe dor, ela ficou surpreendida. – Eu amo-te – disse ele bruscamente. – *Sempre* te amarei.

Angel ficou intrigada com a veemência dele e tocou o seu rosto com ternura.

– Olha bem por ti.

Ele não sorriu.

– Tu também. – Montou a cavalo e partiu. Ela só voltou para dentro de casa depois de ele desaparecer para o outro lado do monte.

Não partiria até tudo estar na ordem devida. Fez a cama, lavou a louça e arrumou-a, e sacudiu o tapete da lareira. As flores ainda estavam frescas. Deitou mais achas no lume para que ainda estivesse aceso quando Michael voltasse para casa.

Deu um salto quando alguém bateu à porta. Era Miriam.

– O que estás a fazer aqui? – perguntou Angel, consternada.

Miriam pareceu surpreendida.

– Não estavas à minha espera?

– Não.

– Bem, isso é estranho. O Michael passou lá por casa a caminho da casa do Paul e disse que hoje era um bom dia para uma visita.

Angel virou-lhe as costas e voltou para junto do seu saco de viagem, que estava aberto em cima da cama. Enfiou à pressa uma camisa de Michael e depois dobrou um vestido por cima dela. Miriam observava-a.

– O Michael não me disse que ias a algum lado.

– Ele não sabe. – Fechou o saco e pegou nele. – Vou deixá-lo, Miriam.

– *O quê?* – disse Miriam, olhando para ela como se de repente lhe tivessem nascido uns chifres na testa. – Outra vez?

– Desta é que vou deixá-lo para sempre.

– Mas *porquê?*

- Porque tenho de o fazer. - Angel olhou à volta da cabana uma última vez. Fora feliz aqui, mas isso não significava que devesse ficar. Foi em silêncio até à porta.

Miriam veio atrás dela.

- *Espera!* - Pôs-se a andar ao lado de Angel quando ela se encaminhou para os montes. - Amanda, não compreendo.

- Não tens de compreender. Vai para casa, Miriam. Diz adeus por mim a todos.

- Mas para onde é que vais?

- Para oeste, para leste, não importa. Ainda não decidi.

- Então porque é que estás com tanta pressa? Fica aqui e fala sobre as coisas com o Michael. O que quer que ele tenha feito para te levar a querer ir embora...

Angel não podia deixar que a sua amiga pensasse que Michael fizera algo de errado.

- Miriam, o Michael nunca fez nada de errado em toda a sua vida.

- Então porque é que estás a fazer isto?

- Não quero falar sobre o assunto. - Angel continuou a andar, desejando que Miriam desistisse e a deixasse em paz.

- Tu ama-lo. Eu *sei* que sim. Se partires sem nenhuma razão, o que é que ele vai pensar?

Angel sabia o que ele pensaria. Acreditaria que ela tinha voltado para a sua velha vida. Talvez fosse melhor que ele acreditasse nisso. Impedi-lo-ia de ir à procura dela. Só ela precisava de saber que nunca voltaria para a prostituição. Mesmo que significasse morrer à fome.

Miriam argumentou e implorou durante todo o caminho até à estrada e só parou porque finalmente ficou sem fôlego. Angel andava de um lado para o outro, a ver se via a diligência. Passava pouco do meio-dia. Deveria chegar em breve. Angel não conseguiria suportar esta espera por muito mais tempo. Porque é que Michael dissera a Miriam que a fosse visitar, logo hoje?

- Julguei que o Michael era tão perfeito - disse Miriam, cheia de tristeza -, mas não pode ser, se tu lhe vais fugir assim.

- Ele é tudo o que parece e mais ainda, Miriam. Juro pela minha vida que não fez nada para me magoar. Não fez mais nada a não ser amar-me desde o início, mesmo quando eu nem o podia ver.

Os olhos de Miriam estavam cheios de lágrimas.

- Então como podes deixá-lo agora?

- Porque o meu lugar não é ao lado dele. Nunca foi. - Vendo que Miriam ia dizer ainda mais, pousou a mão no braço da rapariga para a fazer calar. - *Por favor*, Miriam. Eu não posso ter filhos. Sabes o que isso significa para um homem como ele? Ele quer filhos. Ele *merece* tê-los. Fiquei arruinada para tudo isso há muito tempo. - Debatia-se com a sua dor. - Estou a suplicar-te, Miriam. Não tornes isto ainda mais difícil do que já é. Eu vou-me embora porque é o melhor para o Michael. Tenta compreender - disse em voz embargada. - Miriam, eu tenho de pensar no que é melhor para *ele*.

A diligência estava a chegar por fim. Angel avançou rapidamente para a estrada e acenou ao condutor para que parasse. Quando ele puxou as rédeas a fazer parar os seis cavalos, ela tirou a aliança do dedo e estendeu-a a Miriam

- Devolve-lhe isto. Pertencia à mãe dele.

Com as lágrimas a correrem-lhe pelas faces, Miriam abanou a cabeça e recusou-se a pegar na aliança. Angel estendeu o braço e pegou-lhe na mão, pôs-lhe a aliança na palma e fechou-lhe os dedos à volta dela. Virando-se rapidamente, entregou o saco de viagem ao condutor. Ele começou a arrumá-la com o resto da bagagem.

Angel olhou para o rosto pálido e devastado da sua amiga.

- Gostas dele, não gostas?

- Sim, gosto. Sabes que sim. - Aproximou-se. - É errado fazer isto. Errado, Amanda.

Angel abraçou-a com força.

- Ajuda-me a ser forte. - Continuou a abraçá-la por mais um momento. - És-me muito querida. - Soltou-a e entrou rapidamente para a diligência.

- Não vás! - gritou Miriam, pondo as mãos na abertura da janela. A diligência pôs-se em movimento.

Angel olhou para Miriam, a luta contra a dor.

- Disseste que gostavas dele, Miriam. Então *ama-o*. E dá-lhe os filhos que eu não posso dar-lhe.

Miriam tirou a mão da janela, em choque. O seu rosto ficou afogueado e depois branco.

- Não. Oh, *não!* - Começou a correr atrás da diligência, mas ela estava a ganhar velocidade e não abrandou. - Espera! Amanda, *Amanda*.

Mas já era demasiado tarde. A poeira rodopiava no ar, a sufocá-la, e quando ela conseguiu arranjar força para voltar a correr, a diligência já estava demasiado longe para conseguir alcançá-la. Parada no meio da estrada, olhou para a aliança de casamento na sua mão e rompeu em lágrimas.

*

A última coisa que Paul esperava ver quando ele e Michael se aproximaram a cavalo da sua cabana ao fim dessa tarde era Miriam a sair pela porta. O coração saltou-lhe no peito ao vê-la e depois pôs-se a dar voltas como um coelho quando ela correu na sua direção. O que é que Michael iria pensar por ela estar ali?

Mas ela corria para Michael, não para ele. Paul sentiu uma pedra no estômago. Michael desmontou.

- A Amanda foi-se embora! - disse Miriam, com o rosto pálido e manchado das lágrimas. Estava empoeirada e despenteada. - Tenho estado à espera aqui o dia todo, Michael. Sabia que ias passar pela casa do Paul primeiro. Tens de ir atrás dela. Ela apanhou a diligência da manhã. Tens de a trazer de volta.

Paul deixou-se ficar montado no cavalo. Então Angel tinha voltado a partir. Apesar de tudo o que jurara, deixara Michael. Tal como ele esperava. Devia sentir-se contente por isso. Quando Michael pôs a mão no ombro de Miriam, acometeu-o um acesso de ciúme abrasador e completamente inesperado.

Michael estava pálido e tenso.

- Não vou atrás dela, Miriam.

- Tu e a Amanda enlouqueceram *ambos*? - gritou Miriam, com as lágrimas a encherem-lhe os olhos escuros. - Não compreendes... - Como poderia dizer-lhe? Oh, Deus, o que havia de fazer? Sentia Paul a olhá-los e não podia contar a Michael tudo o que Amanda lhe confiara. - Tens de ir atrás dela. *Agora!* Se não fores, talvez nunca a encontres.

- Eu não vou procurá-la. Não desta vez.

- Não desta vez?

- Ele quer dizer que já foi atrás dela antes e que não lhe serviu de nada - disse Paul. - Ela não mudou desde o dia em que ele a conheceu.

Miriam virou-se para ele, de rosto lívido.

- *Fica fora disto!* Vai esconder-te na tua cabana. Vai meter a cabeça na areia como fazes sempre!

Paul recuou, chocado com a fúria de Miriam.

Ela virou-se de novo para Michael e agarrou-lhe o peito da camisa.

- Michael, *por favor*, vai atrás dela antes que seja demasiado tarde.

Ele pegou nas mãos dela.

- Não posso. Miriam, se ela quiser voltar, voltará. Se não, então... não voltará.

Miriam cobriu o rosto com as mãos e pôs-se a chorar.

Michael olhou para Paul e viu que ele não tencionava reconfortar a rapariga. Com um suspiro pesado, abraçou Miriam. Todo o corpo dela estremecia com os soluços.

Paul fitou-os e sentiu uma pontada de dor trespassá-lo. Isto era o que ele queria, não era? Isto era o que tinha

planeado. Não estivera à espera de que aquela feiticeira partisse para que Michael se virasse para Miriam e tivesse a mulher que merecia? Então porque é que se sentia mais só do que nunca?

Fosse o que fosse que tivesse pensado que queria, não conseguia agora olhar para eles nos braços um do outro. Causava-lhe demasiada dor. Virando o cavalo, deixou-os sós.

Vinte e nove

*Na visão apareceu um cavalo esverdeado.
O cavaleiro chamava-se Morte
e o Abismo seguia atrás dele.*

A P O C A L I P S E 6 : 8

São Francisco já não era uma vilória mesquinha ao lado de uma baía, mas uma cidade que se espalhava pelas colinas varridas pelo vento. Happy Valley já não era um acampamento de tendas, mas uma comunidade de casas. Muitos dos navios que tinham sido arrastados para terra e transformados em lojas, bares e pensões tinham sido arrasados por incêndios. Foram substituídos por estruturas e prédios de tijolos. Passeios de pranchas de madeira ladeavam agora as estradas lamacentas.

O homem do *ferry* estava com o rosto de frente para o vento.

- De cada vez que a cidade é consumida pelas chamas, voltam a construí-la melhor do que nunca - disse-lhe quando estavam a atravessar a baía. Avisou-a do perigo das águas salobras de poços pouco fundos e disse que ela arranjaría alojamento melhor no cimo da colina, longe das docas. Angel sentia-se demasiado cansada para se aventurar até longe, e acabou por ficar num pequeno hotel à beira-mar.

O cheiro do mar e do lixo recordaram-lhe o barraco da sua infância nas docas. Parecia que fora há cem anos. Ceou na pequena sala de jantar, onde teve de suportar os olhares de uma dúzia de homens jovens. Comeu o guisado para encher o vazio no estômago, mas o vazio no seu coração mantinha-se.

Fiz a coisa certa ao deixar o Michael. Sei que fiz.

Regressou ao seu pequeno quarto e tentou dormir na cama estreita. O quarto estava frio e ela não conseguia aquecer. Enroscou-se por baixo do cobertor e pensou com saudade do calor sólido de Michael ao seu lado. Não conseguia parar de pensar nele. Teria sido só há três noites que ela dançara para ele ao luar? O que pensaria ele dela agora? Odiá-la-ia? Amaldiçoá-la-ia?

Se conseguisse chorar, talvez se sentisse melhor, mas não tinha lágrimas. Pôs os braços à volta do corpo e apertou-se com força, cheia de dor. Fechou os olhos e tentou ver o rosto de Michael, mas a imagem não era suficiente. Não conseguia tocar-lhe. Não conseguia sentir os seus braços à volta dela.

Levantou-se e procurou no saco de viagem a camisa dele. Voltou a deitar-se e comprimiu o rosto contra o tecido de lã que Michael usara, a inspirar o aroma do seu corpo.

- Oh, Mamã - segredou na escuridão -, a dor faz mesmo querer morrer.

Mas uma voz calma e baixa dentro dela dizia uma e outra vez: **Vive. Continua. Não desistas.**

O que iria fazer? Restava-lhe um pouco de ouro, mas não duraria muito tempo. A viagem na diligência, o alojamento e a viagem de *ferry* tinham sido mais caros do que esperava. O preço do quarto neste pequeno hotel horrível era demasiado alto. O ouro que lhe restava chegaria para mais dois ou três dias no máximo. Depois disso, teria de arranjar maneira de ganhar a vida.

Acabou por adormecer. A noite encheu-se com sonhos estranhos e desconcertantes. Acordou várias vezes, a

tremer violentamente. Era como se uma qualquer força malévola estivesse por perto, à espera.

Angel meteu no saco os seus poucos pertences e partiu de manhã. Vagueou durante horas pelas ruas de São Francisco. Portsmouth Square mudara dramaticamente. O barraco em que vivera tinha desaparecido. Assim como todos os outros, e as tendas que alastravam como uma peste à volta da praça. Estavam agora montados quiosques, que davam à praça o aspeto de um mercado oriental. Andou a ver produtos de todo o mundo.

Havia vários bordéis, um com o ar elegante de Nova Orleães. Na ponta da praça havia estalagens prósperas, bares e casinos. Parker House, Dennison's Exchange, Crescent City e Empire erguiam-se agora da imundície que Angel recordava. Na esquina sudoeste de Clay Street estava o Brown's City Hotel.

Passou por consultórios de médicos e dentistas, escritórios de advogados e de negócios, gabinetes de topografia e de engenharia. Viu vários bancos novos e uma grande firma de corretagem. Havia até uma escola pública com crianças a brincarem às caçadinhas no recreio. Angel deixou-se ficar a vê-las durante algum tempo, a pensar na pequena Ruth e em Leah e nos rapazes. Sentia muitas saudades deles.

Em Clay Street, havia homens em fila nos correios, à espera de cartas. Na esquina das ruas Washington e Grant havia uma lavandaria chinesa nova. Uns trabalhadores esfregavam roupa em grandes tanques enquanto outros empilhavam roupas lavadas em cestos. Pondo os cestos em varas de bambu, partiam a correr para entregar a roupa.

Ao meio-dia, Angel sentia-se esfomeada e cansada. E sem estar mais perto de saber o que ia fazer para ganhar a vida. A única coisa que lhe vinha à mente era voltar para o que sabia fazer. De cada vez que passava por um bordel, sabia que poderia entrar pela porta e ter comida e abrigo.

Poderia ter conforto físico. Bastava-lhe voltar a vender o corpo – e trair Michael.

Ele nunca saberá, Angel.

– Mas saberei eu. – Um homem lançou-lhe um olhar de curiosidade ao passar por ela. Iria tornar-se numa louca que falava sozinha?

Um mineiro interpelou-a e pediu-lhe que casasse com ele. Ela soltou o braço e disse-lhe que a deixasse em paz. Ele disse que tinha uma cabana nas Sierras e precisava de mulher. Ela disse-lhe que procurasse noutro lugar e estugou o passo.

As multidões estavam a pô-la cada vez mais nervosa. Para onde iam aquelas pessoas todas? O que faziam para ganhar a vida? Sentia a cabeça a latejar. Talvez fosse da fome. Talvez fosse da preocupação do que faria quando ficasse sem ouro. Talvez fosse por saber que era fraca e, provavelmente, voltaria à prostituição só para poder sobreviver.

O que é que vou fazer? Meu Deus, não sei o que fazer!

Entra naquele café e descansa.

Angel olhou pela rua acima e viu um pequeno café. Com um suspiro, encaminhou-se para ele e entrou. Escolheu uma mesa no canto mais afastado da porta e arrumou o saco de viagem por trás dos pés. Pôs-se a esfregar as têmporas e a pensar onde iria passar a noite.

Alguém pregou um murro numa mesa a pouca distância da dela, fazendo-a dar um salto. Um homem magro e com barba berrou:

– O que é que está a demorar tanto tempo? Estou à espera há quase uma hora. Onde é que está o bife que mandei vir?

Um homenzinho ruivo veio a correr das traseiras e tentou acalmar o cliente furioso com uma explicação do atraso em voz baixa, mas isso só irritou ainda mais o homem. Com o rosto vermelho, agarrou no homem mais pequeno e ergueu-o ao nível do seu rosto.

- Não se está a sentir bem, *ah!* Com os copos, é o que quer dizer! - Atirou com o homenzinho para trás, fazendo-o esbarrar numa outra mesa. O cliente dirigiu-se para a porta, batendo-a com tanta força que as montras tilintaram.

O homenzinho voltou a entrar na divisão nas traseiras, provavelmente para escapar aos olhares da dúzia de clientes que ainda esperava para serem servidos e por comida. Vários outros se levantaram e foram embora. Angel não sabia se havia de lhes seguir o exemplo. Estava exausta e sem perspetivas, e ficar ali sentada era tão bom como sentar-se em qualquer outro lugar. Não queria sair ainda para o movimento das ruas, de qualquer maneira. Saltar uma refeição não a mataria.

Outros três homens desistiram de esperar para descobrir se a sua comida estava quase pronta ou não. Angel e quatro outros clientes ficaram. O homenzinho apareceu de novo, com um sorriso tenso e forçado.

- Temos pão e feijões. - Os quatro homens restantes saíram do café com comentários de insatisfação sobre já terem comido esse prato as vezes suficientes para uma vida inteira.

Os ombros do homenzinho descaíram numa atitude de derrota. Sem reparar em Angel ao canto, falou para o ar.

- Bem, foi o último golpe, Senhor. Tenho de fechar. - Dirigiu-se à porta da rua, virou o sinal de aberto e encostou a testa à parede.

Angel sentiu pena dele. Sabia como era estar em maré de azar.

- Devia ir-me embora? - perguntou em voz baixa. Ele virou-se, corado como um tomate.

- Não sabia que 'tava aí. Quer pão e feijões?

- Sim, por favor.

Ele desapareceu por uns momentos. Quando regressou, pousou um prato em frente a ela e recuou. O pão estava duro como uma pedra e os feijões queimados. Franzindo a testa, ela olhou para ele.

- Café? - perguntou ele, e serviu-lho numa caneca. Era tão forte que Angel fez uma careta.

- O senhor precisa de uma cozinheira nova - disse ela com um sorriso irónico, pousando a caneca e empurrando o prato para o lado.

- Está a pedir emprego?

Angel arregalou os olhos.

- *Eu?*

Ele notou a sua surpresa e voltou a olhar para ela.

- Suponho que não.

Ela sentiu um calor subir-lhe ao rosto. O seu passado revelar-se-ia assim tão claramente? Estaria gravado na sua testa para todo o mundo o ver? Ter conhecido Michael durante um ano não fizera nenhuma diferença nela?

Empertigou-se.

- Na verdade, estava à procura de emprego. - Soltou uma risada breve. - E, embora esteja longe de ser a melhor cozinheira do mundo, penso que sou capaz de fazer melhor do que isto. - Estremeceu ao olhar para a papa coagulada de feijões gordurentos no seu prato.

- Nesse caso, está contratada! - Pousou a cafeteira na mesa com força e estendeu-lhe a mão antes de ela ter tempo de dizer uma só palavra. - Chamo-me Virgil Harper, minha senhora.

Ela estava a tentar apreender o facto de que tinha trabalho e que lhe caíra no regaço como uma ameixa madura do céu. Como é que aquilo acontecera? Num minuto estava desesperada sem saber o que fazer para ganhar a vida; no seguinte, era empregada por um franganote.

- Espere lá - disse ela, erguendo a mão. - Preciso de arranjar um sítio onde viver primeiro. Posso até nem ficar em São Francisco.

- Não precisa de procurar nada, minha senhora. Pode ficar no alojamento do cozinheiro mal ele tire as coisas dele, e ele está a fazer as malas neste preciso momento. O

seu quarto é ao lado do meu, por cima da cozinha. Mesmo acolhedor. Uma boa cama, uma cómoda.

Angel semicerrou os olhos. Devia ter adivinhado que haveria um senão.

- Tem um bom ferrolho na porta - disse ele. - Pode verificá-lo primeiro, se quiser. Sabe fazer tartes? Pedem-nos muitas vezes tartes.

Ela mal conseguia recuperar o fôlego de tão rápido que ele falava.

- Quanto é que esse quarto me vai custar?

- Nada - disse ele, genuinamente surpreendido. - Faz parte do contrato. Ora bem, e quanto às tartes? Sabe fazê-las ou não?

- Sim, sei fazer pão e tartes - respondeu ela. Elizabeth e Miriam tinham-lhe ensinado tudo o que sabiam. - Se conseguir arranjar-me farinha, maçãs, frutos silvestres...

Harper lançou a cabeça para trás e as mãos ao ar.

- Bom Jesus, adoro-a! - Pôs-se a rodopiar e a bater com os pés. - Adoro-a! Adoro-a!

Angel fitou-o, ali a saltar como um gafanhoto, e perguntou-se se o pobre homem teria perdido completamente o juízo. Ele viu que ela o olhava fixamente e desatou a rir.

- Tenho andado toda a semana desanimado a pensar no que é que ia fazer. Sabe o que fez aquele bêbedor? Aliviou a bexiga na sopa e serviu-a durante todo o dia na segunda-feira. Disse-me à noite. Eu a pensar que quando chegasse a manhã ia ficar pendurado de um poste e ele a rir-se e a dizer que estava a temperar o caldo. Nem sequer lhe conto o que ele fez hoje de manhã.

Ela olhou para a tigela à sua frente.

- Fez alguma coisa aos feijões?

- Nada que eu saiba.

- Porque é que não sinto os meus receios tranquilizados?

- Venha aqui à cozinha e eu mostro-lhe o que tenho na despensa, e verá o que pode fazer. O que lhe chamo, minha

senhora? Nem me lembrei de perguntar.

- Hosea - disse ela. - Mrs. Hosea.

*

Michael enterrou o machado bem fundo no toro. Trespasse-o e ficou cravado no bloco. Ele puxou o machado com força e soltou a lâmina. Pousou outro toro e rachou-o com um só movimento. Uma e outra vez, fez a mesma coisa até haver uma pilha de lenha à volta do bloco. Afastou-a com um pontapé e pousou mais um toro no bloco. Desferiu novo golpe, com mais força do que antes, e o machado cortou o toro de alto a baixo, ressaltando do bloco e quase lhe atingindo a perna.

A tremer, Michael deixou cair o machado e tombou de joelhos. O suor jorrava-lhe para os olhos. Limpou-o com o braço. Ouviu alguma coisa. De olhos semicerrados por causa do sol, viu John sentado no seu cavalo a olhar para ele. Michael nem o ouvira aproximar-se.

- Há quanto tempo está aí? - perguntou, ofegante.

- Há um par de minutos.

Michael tentou pôr-se de pé, mas não conseguiu. Mal parou de trabalhar freneticamente, toda a sua força o abandonou. Voltou a tombar de joelhos e encostou-se ao bloco. Olhando para cima, fez um sorriso irónico a John.

- Não o ouvi chegar. O que o traz por cá?

John pousou os antebraços na parte da frente da sela.

- Tem aí lenha que chegue para dois invernos.

- Traga uma carroça e leve a que quiser.

A sela deu um estalido quando John desmontou. Veio acocorar-se em frente a Michael.

- Porque é que não vai atrás dela?

Michael passou a mão trémula pelo cabelo.

- Deixe para lá, John. - Não lhe apetecia falar.

- Engula o seu orgulho e monte o seu cavalo e vá à procura dela. Eu deito um olho à sua propriedade.

- Não tem nada a ver com orgulho.

- Então o que é que o está a impedir?

Michael inclinou a cabeça para trás e inspirou fundo.

- O senso comum.

John franziu a testa.

- Então, é como o Paul disse.

Michael olhou para ele.

- O que é que o Paul disse?

- Nada de mais - disse John, a esquivar-se. - Michael, as mulheres são emotivas. Por vezes fazem coisas estúpidas...

- Ela planeou isto. Não foi um impulso.

- Como é que sabe?

Michael passou a mão pelo cabelo. Quantas vezes passara em revista as coisas que ela fizera e dissera naquela última noite. Ainda via o seu corpo esbelto ao luar, o seu cabelo claro a flutuar à sua volta. Fechou os olhos.

- Simplesmente sei.

- A Miriam culpa-se disto tudo. Recusa-se a dizer-nos porque o pensa, mas está totalmente convencida disso.

- Não tem nada a ver com ela. Diga-lhe isso da minha parte.

- Já disse. Ela tentou convencer o Paul a ir à procura da Amanda para a trazer de volta.

Michael adivinhava facilmente o resultado dessa conversa. Pelo menos, Paul tivera a sensibilidade suficiente para não aparecer nas últimas semanas e se pôr a vangloriar-se.

- O Paul nunca gostou da Angel.

- Da Angel? - perguntou John, sem compreender.

- Mara, Amanda, Tirza... - Michael ficou com a voz embargada. Pôs a cabeça entre as mãos. - Jesus - disse em voz rouca. - Jesus. - *Angel*. Ela nunca chegara sequer a confiar o suficiente nele para lhe dizer o seu nome verdadeiro. Ou ele teria estado a pensar nela como Angel durante todo aquele tempo sem sequer o saber? Seria por isso que ela o deixara novamente? *Oh, Deus, era por isso que querieis que eu a deixasse ir?*

John Altman sentia-se impotente perante a dor daquele homem mais novo. Nem sequer conseguia imaginar a sua vida sem Elizabeth. Vira o quanto Michael amava Amanda, e Miriam jurava que Amanda o amava. Pousou a mão no ombro de Michael.

- Talvez ela volte por iniciativa própria. - As suas palavras soaram-lhe ocas. Michael nem sequer ergueu a cabeça para o olhar. - O que posso fazer para o ajudar a superar isto?

- Nada - respondeu Michael. Quantas vezes Angel dissera precisamente aquilo. *Nada*. Ter-se-ia sentido como se lhe estivessem a arrancar as vísceras? Seria a dor tão imensa que até mesmo mencioná-la a tornava pior? Quantas vezes escarafunchara ele as feridas dela, como John estava a fazer agora? A tentar ajudar e só a fazer sair mais sangue.

- Volto amanhã - disse John.

Foi Miriam que veio.

Sentou-se com ele à sombra do salgueiro e não disse nada. Ele ouvia a mente dela a trabalhar, a pergunta que pairava no ar: *Porque é que não fazes alguma coisa?! Mas ela não a vocalizou. Enfiou a mão no bolso e estendeu-lhe uma coisa na mão. O coração caiu-lhe aos pés quando viu a aliança de casamento da sua mãe na palma da mão dela.*

- Toma - disse ela.

Ele pegou na aliança.

- Onde é que a encontraste? - perguntou em voz rouca.

Os olhos de Miriam encheram-se de lágrimas.

- Ela deu-ma antes de entrar na diligência. Esqueci-me de ta entregar naquele primeiro dia. Depois, sentia-me... embaraçada.

Ele fechou a mão em punho sobre a aliança.

- Obrigado. - Não lhe perguntou nada.

- Já mudaste de ideias, Michael? Vais tentar encontrá-la?

Ele fitou-a com um olhar firme.

- Não, Miriam, e não me voltes a perguntar.

Miriam ficou pouco tempo depois daquilo. Dissera tudo o que podia no dia em que Amanda o deixara, e não o

persuadira nessa altura.

Michael estava a par de todos os motivos possíveis para a deserção de Amanda. Mas, para além disso, para além da compreensão, sabia que a vontade de Deus estava a cumprir-se.

- Porquê desta maneira? - gritava angustiado. - Porque me dissestes que a amasse se só íeis tirar-ma?

Falava irado a Deus e sofria pela sua mulher. Deixou de ler a Bíblia. Deixou de rezar. Virou-se para dentro de si mesmo à procura de respostas. Não encontrou nenhuma. E sonhava, sonhos sombrios e confusos com forças que lhe faziam um cerco cada vez mais apertado.

A voz calma e baixa já não lhe falava, há semanas e meses. Deus estava silencioso e escondido, o seu objetivo um mistério. A vida tornou-se uma terra devastada tão estéril que Michael já não conseguia suportá-la, e gritou:

- Porque me abandonastes?

Bem-amado, eu estou sempre contigo, até ao fim dos tempos.

Michael abrandou o seu ritmo frenético de trabalho e procurou consolo na palavra de Deus. *Já não compreendo nada, Senhor. Perdê-la é como perder metade de mim mesmo. Ela amava-me. Eu sei que me amava. Porque a afastastes de mim?*

A resposta ocorreu-lhe lentamente, com a mudança da estação.

Não terás outros deuses diante de Mim.

Aquilo não podia estar certo.

A fúria de Michael aumentava.

- Quando é que venerei alguém a não ser Vós? - Falava de novo com ira. - Segui-vos toda a minha vida. Nunca pus ninguém diante de Vós. - De mãos cerradas em punho, chorou. - Eu amo-a, mas nunca fiz dela o meu deus.

Na calma que se seguiu à sua torrente irada de palavras, Michael ouviu - e finalmente compreendeu.

Tornaste-te o dela.

Angel estava no meio da rua amortalhada pela noite a ver o Harper's Café arder. Tudo aquilo por que trabalhara ao longo dos últimos seis meses estava a arder com ele. Só lhe restava o vestido velho de um tecido aos quadrados que trazia no corpo e o avental manchado que o cobria.

Houvera tão pouco aviso. Virgil irrompeu pela cozinha a berrar que havia um incêndio. Ela nem teve tempo de fazer nenhuma pergunta antes de ele a puxar para a rua. Estavam a arder dois prédios algumas portas adiante. Depois, levantou-se uma brisa e varreu o fogo para todos os prédios que restavam no quarteirão.

Andavam pessoas a correr de um lado para o outro, algumas em pânico, outras a berrarem instruções, outras ainda a juntar-se e a passar freneticamente baldes de água de mão em mão numa tentativa de conter o incêndio, mas de nada valia. Cinzas e fumo enchiam o ar, e as chamas saltavam mais alto, um laranja vivo contra o céu a escurecer do fim do dia.

Impotente, Angel viu o café ruir numa explosão de faíscas e chamas. Virgil chorava. O negócio andava a correr bem. Embora a ementa fosse limitada, o que serviam era excelente e a fama espalhara-se rapidamente.

Angel sentou-se em cima de um barril que alguém trouxera de um prédio. Os homens tinham tirado tudo o que conseguiam arrastar ou carregar dos seus prédios. A rua estava apinhada com mercadorias, peças de mobiliário, sacos. Porque não lhe ocorrera fazer o mesmo? Nem tinha pensado em correr ao andar de cima para pegar nas suas coisas. Podia ter enfiado tudo o que tinha no seu saco de viagem e ter saído a tempo.

Quando o incêndio chegou ao fundo da rua, parou. A brisa esmoreceu, e a excitação também. De uma ponta à outra da rua, viam-se as pessoas em desespero, a olharem para as chamas que consumiam o que restava dos seus sonhos. Virgil sentou-se no chão, de cabeça entre as mãos. Abateu-

se sobre Angel uma sensação de depressão como um cobertor frio e molhado. Agora o que é que ia fazer? Olhou à sua volta e viu que outras pessoas estavam na mesma situação que ela. O que faria Michael se estivesse aqui? Ela sabia que ele nunca cederia ao desespero e que faria algo por estas pessoas. Mas o que é que ela podia fazer? Uma mulher, ela própria na miséria. Uma coisa que sabia que não podia fazer era ficar ali a ver Virgil soluçar na rua.

Sentou-se ao lado dele no chão de terra batida.

- Mal o fogo se apague, vamos ver o que restou e se alguma coisa pode salvar-se.

- De que vale? Não tenho dinheiro que chegue para reconstruir a casa - disse ele a soluçar.

Ela pôs o braço à volta dos seus ombros.

- A terra vale alguma coisa. Talvez consiga obter um empréstimo sobre ela e começar de novo com isso.

Dormiram contra uma pilha de caixotes usando cobertores emprestados. Ao amanhecer, esgaravatarem por entre as cinzas e os destroços. Sufocada com a fuligem, Angel encontrou tachos e panelas de ferro fundido. O fogão ainda podia ser usado. Os utensílios tinham derretido, mas muitos dos pratos estavam intactos. Uma boa esfregadela torná-los-ia utilizáveis.

Com o rosto coberto de cinza, a garganta a arder-lhe por a respirar, Angel descansou. Estava com fome e fatigada. Doíam-lhe todos os músculos do corpo, mas pelo menos Virgil estava a sentir-se mais esperançado, embora ainda não tivesse arranjado um lugar onde ficarem. Os hotéis na zona estavam já cheios com clientes a pagar e era improvável que dessem espaço no átrio aos que não podiam pagar. A ideia de dormir na rua com as neblinas frias da baía era desanimadora, mas Angel pensava que as coisas poderiam ser piores. Alguém lhes dera mais um par de cobertores.

Meteram mãos ao trabalho para tirar toda a madeira queimada. Angel recolheu os pedaços de vidro das janelas

estilhaçadas para um balde, despejando-os num monte para serem levados mais tarde. Virgil estava pálido de exaustão.

- Suponho que vamos ter de acampar aqui até eu conseguir arranjar dinheiro para reconstruir a casa. O padre tem lugar na igreja, se quiser ficar lá. Alguns dos outros vão.

- Não, obrigada - disse ela. Preferia dormir na lama a ir pedir ajuda a uma igreja.

Virgil acenou com a cabeça na direção de alguns homens que estavam em fila junto a um prédio do outro lado da rua.

- O Padre Patrick montou uma sopa dos pobres ali. Vá buscar alguma coisa para comer.

- Não tenho fome - mentiu Angel. Não ia pedir nada a um padre.

Mas necessitava desesperadamente de beber água. Tinham sido postos alguns barris na rua para as pessoas poderem beber. Ela também queria lavar o rosto, mas a única outra água disponível encontrava-se numa pia para os animais. Com um suspiro, decidiu que, provavelmente, essa água estava mais limpa do que ela. Debruçou-se e com as mãos em concha lavou o rosto. A água refrescou-a.

- Olá, Angel. Há quanto, quanto tempo.

O coração de Angel parou. Com toda a certeza estava a imaginar aquela voz grossa. Ergueu lentamente a cabeça, com o coração a bater com força e o rosto a pingar água.

O Duque estava à sua frente, com a boca curvada num sorriso mortífero.

Trinta

*Ainda que atravesse vales tenebrosos,
De nenhum mal terei medo
porque Tu estás comigo*

SALMO 23 : 4

O olhar trocista do Duque varreu o vestido sujo de tecido aos quadrados de Angel, com a boca a curvar-se num sorriso sardónico.

- Já te vi com melhor aspeto, minha cara.

Ela ficou paralisada ao vê-lo. Quando ele se aproximou e tocou nela, ela sentiu-se desfalecer.

- Ao que parece, por mais que fujas para longe, não consegues livrar-te de mim, pois não? - Olhou-a de alto a baixo. - Tornaste-te uma mulher bastante bela por baixo dessa fuligem toda. - Olhou à sua volta para os prédios queimados. - Estavas a trabalhar num destes miseráveis tugúrios?

Quando ele voltou a olhar para Angel, ela recuperou a voz.

- Era cozinheira no Harper's Café. - Sentia o estômago a contrair-se.

- Cozinheira? Tu? - Riu-se. - Oh, essa é boa, minha cara. Qual era a tua especialidade? - Enquanto falava, olhava para os homens que estavam a trabalhar nos edifícios queimados. - Senti-me preocupado contigo. Receava que

acabasses com outro fracote como o Johnny. – Os seus olhos pousaram em Virgil, que estava a escavar os escombros. – E acabaste com aquele pequeno roedor em vez disso.

Angel reconhecia aquele olhar sombrio e soube que não prenunciava nada de bom para Virgil, que não lhe demonstrara mais nada a não ser bondade. Tinha as palmas das mãos transpiradas, mas precisava de distrair a atenção dele do homenzinho que a ajudara.

– Com certeza não vieste lá de longe até à Califórnia só para me encontrares. Tu, com tantas coisas importantes para fazer.

– Olha à tua volta, minha cara. Há uma fortuna a fazer aqui. – O seu sorriso era provocador. – Vim tomar o meu quinhão.

Virgil viu-os e aproximou-se. O olhar dela não o avisou de que devia manter-se afastado. Pelo contrário, veio mais rapidamente, Mirou o Duque de alto a baixo e olhou para ela com preocupação.

– Está bem, minha senhora? Este homem está a incomodá-la?

O que é que o pobre tonto julgaria que poderia fazer?

– Estou muito bem, Virgil.

O Duque fez-lhe um sorriso frio.

– Não nos vais apresentar, minha cara?

Ela fez as apresentações. Via-se claramente que Virgil já tinha ouvido o nome, e pareceu espantado.

– *Conhece* este homem?

– A Angel e eu somos velhos e queridos amigos.

Virgil olhou para Angel, e ela sentiu necessidade de dizer algo mais, de tentar explicar. Mas havia pouco que pudesse dizer.

– Conhecíamos-nos em Nova Iorque. Há muito tempo.

– Não há tanto tempo quanto isso – disse o Duque, num tom possessivo.

– Não é dono daquele sítio do outro lado da praça? – perguntou Virgil. – Aquele grande?

- De facto, sou - disse o Duque num tom de voz arrastado, divertido. - Frequenta as minhas mesas?

- Não tenho tido posses para isso - respondeu Virgil secamente.

- Vamos lá, Angel? - disse o Duque, apertando o cotovelo dela.

- Vão? - Virgil olhou para ela. - Vão aonde?

- Não penso que seja da sua conta - disse o Duque num tom de aviso.

Virgil empertigou-se no seu metro e meio.

- É, se ela não quiser ir consigo.

O Duque riu-se.

Angel sentia-se surpreendida e comovida por Virgil querer defendê-la, mesmo contra um homem como o Duque, que claramente poderia destruí-lo sem muito esforço.

- Eu... - Sentiu os dedos do Duque cravarem-se no seu braço e temeu o que ele faria a Virgil se ela hesitasse em o acompanhar. - Lamento, Virgil. - O pobre homenzinho parecia perplexo e magoado. Olhou para Angel, e ela sentiu que também o traíra, por não ter sido sincera desde o início. Pensaria realmente que podia ter uma vida diferente? Que direito tinha?

- Vai ter de arranjar outra cozinheira - disse o Duque. - Ela vai voltar para onde pertence.

- Tem a certeza, minha senhora?

Os olhos escuros do Duque chispavam com irritação por este dono de um pequeno café pensar que poderia contrariá-lo se quisesse.

- Talvez eu devesse tratar dele como tratei do Johnny - disse, lançando um olhar a Angel, com os olhos toldados de impaciência.

- Que Johnny? - perguntou Virgil, parecendo imperturbado e pronto a desafiá-lo. Apesar de ser baixo, não lhe faltava coragem. A única coisa que realmente lhe faltava era senso comum.

- Não! - implorou Angel. - Por favor, Duque. Eu vou consigo.

- Tornaste-te muito bem educada, minha cara. - Benevolente mais uma vez, sorriu a Virgil. - Este terreno é seu?

- É - respondeu Virgil cautelosamente.

- Quer vendê-lo?

- Nem por sombras.

O Duque riu-se.

- Não? Bem, se precisar de dinheiro para reconstruir, passe por lá e podemos falar de condições. Se tiver dificuldade em arranjar outra cozinheira para substituir a Angel, talvez eu até possa ajudá-lo nisso também. - Parecia divertido.

- Obrigado - disse Virgil, mas Angel viu que não aceitaria nada do Duque. - Mrs. Hosea, tem a certeza quanto a isto?

- Mrs. Hosea? - disse o Duque em voz baixa, a erguer uma sobancelha escura enquanto olhava para ela. Angel tinha o coração na garganta.

- Sim, Virgil, tenho a certeza - disse.

O Duque levou-a embora, a rir-se baixinho como se se tratasse de uma bela piada. Angel tentou pensar no que fazer, mas a mão firme por baixo do seu braço paralisava-lhe o cérebro. *Michael, oh, Michael!* Ele lutara para saírem do bar em Pair-a-Dice, mas não estaria aqui para lutar por ela desta vez. Angel estava só, e o Duque agarrava-a com tanta força que ela sabia que não tencionava voltar a deixá-la fugir.

- Então casaste, minha cara? Foi divertido enquanto durou? Ou foi só a fingir? - Fê-la entrar numa grande casa de jogo. Angel mal reparou no que a rodeava enquanto ele a fazia passar por entre as mesas. Era um estabelecimento opulento, mas o Duque fazia sempre tudo a uma escala grandiosa.

Os homens cumprimentavam-no e fitavam-na abertamente, intrigados. Ela caminhava de cabeça erguida,

a olhar em frente. Subiram as escadas e foram por um corredor ricamente apainelado. O pânico crescia em Angel ao recordar outro corredor a três mil milhas e o que a aguardara ao fundo dele. O Duque abriu uma porta e empurrou-a à sua frente.

Uma bela mulher de cabelo castanho estava a dormir numa cama de latão com as roupas enrodilhadas. O Duque aproximou-se e deu-lhe uma forte bofetada. Ela acordou com um grito de dor.

- Sai. - A jovem prostituta desceu da cama, pegou no seu roupão e fugiu. O Duque sorriu a Angel. - Este vai ser o teu quarto.

Ela não podia simplesmente ceder.

- Tenho escolha?

- Ainda desafiadora - disse ele em voz arrastada, e aproximou-se lentamente dela. Agarrou-lhe o rosto com força, fitando-a bem fundo nos olhos. Ela tentou ocultar o medo que sentia retribuindo-lhe um olhar fulminante, mas não conseguiu enganá-lo. Ele obviamente sabia que ela estava a fingir, e sorriu. - Estás em casa, minha cara. De volta aonde pertences. Devias sentir-te feliz. - A sua mão deslizou e fechou-se levemente no pescoço dela. - Pareces muito controlada, mas o teu coração está a bater como o de um coelho assustado.

Acendeu um charuto e olhou para ela por entre o fumo.

- Estás tão pálida, minha cara. Pensas que te vou magoar? - Beijou-lhe a testa com afeto de pai, troçando dela como sempre fizera quando ela se atrevia a desafiá-lo. - Falamos mais tarde, está bem? - Deu-lhe uma palmadinha na face como se ela fosse uma criança e saiu do quarto.

*

Michael acordou com suores frios. Angel chamara-o. Virou-a de pé no meio de um incêndio, a gritar o seu nome uma e outra vez. Ele não conseguia chegar até junto dela por mais

que tentasse, mas via uma figura escura a atravessar as chamas na direção dela.

Passou as mãos trémulas pelo cabelo húmido. Corria-lhe o suor pelo peito nu e não conseguia parar de tremer.

– Foi só um sonho.

O mau pressentimento que tinha era tão forte que sentiu náuseas. Rezou. Depois levantou-se da cama e foi lá para fora. Em breve amanheceria. As coisas pareceriam melhores à luz do dia. Quando chegou a alvorada, a sensação de que algo estava errado não se dissipou, e ele rezou de novo, fervorosamente. Estava cheio de medo pela sua mulher.

Onde estaria? Como estaria a sobreviver? Passaria fome? Teria abrigo? Como estaria a desenvencilhar-se sozinha?

Porque não voltava para junto dele?

Algo agourento pairou no ar durante todo o dia. Sentia-o como um negrume a cobrir a sua alma, e soube sem qualquer dúvida que tinha a ver com Amanda. Rezou incessantemente por ela.

Sabia que não havia nada que pudesse fazer se ela estivesse metida em trabalhos. Não sabia onde ela estava ou de que tipo de auxílio necessitava, mas soltar-se dela era muito duro. Ainda a amava tanto. Confiava em Deus para o proteger e o guiar. Porque não podia confiar que o Senhor fizesse o mesmo por *ela*?

Porque sabia que ela não acreditava.

*

Angel tentou abrir a porta, mas estava fechada à chave. Foi até à janela e puxou as elegantes cortinas de renda para o lado para olhar lá para fora. Também não havia maneira de sair por ali. O Duque gostava de salvaguardar a sua propriedade.

Pôs-se a andar de um lado para o outro, com as palmas das mãos a transpirarem, enquanto pensava no que ele poderia fazer-lhe. Não se deixara iludir. Ele estava a ferver

de raiva sob aqueles seus modos afáveis. Deixá-la só funcionava a favor dele. Sabia que ela se consumiria com todos os pensamentos do que ele poderia fazer.

- Não desta vez - segredou para consigo. - Não outra vez.

Olhando à sua volta, decidiu que podia fazer a cama e arrumar o quarto. Podia *fazer* alguma coisa para arredar o inevitável da sua mente. Ao terminar aquelas pequenas tarefas, sentou-se à janela a ver as pessoas passarem lá em baixo. O medo voltou a dominá-la. Fechou os olhos com força e debateu-se com ele.

- Michael, Michael, mostra-me o que fazer. - Imaginou-o a trabalhar nos campos. Via-o a endireitar-se, com a enxada na mão e um sorriso no rosto. Via-o sentado à lareira, com a Bíblia no regaço. «Confia no Senhor», dizia ele. «*Confia no Senhor.*»

A porta abriu-se e ela forçou-se a deixar-se ficar sentada calmamente onde estava quando o Duque entrou. Vinha seguido por um homem corpulento. Fingiu-se indiferente quando o criado se pôs a recolher os pertences da outra rapariga do armário e os levou do quarto. O Duque ficou de pé a observá-la passivamente. Ela ergueu a cabeça e olhou-o com um ligeiro sorriso. *Não me vais fazer rastejar, seu diabo. Não me vais virar a mente do avesso desta vez. Eu vou pensar no Michael. Vou só pensar no Michael.*

Entrou um criado chinês para tirar a roupa da cama e fazê-la de lavado.

Angel deixou-se ficar sentada calmamente no cadeirão de costas altas, com as mãos pousadas levemente nos braços do cadeirão e o coração a bater violentamente. O Duque não se movera nem dissera uma palavra, mas ela conhecia aquela expressão e o medo cresceu como um nó no seu estômago. Que vingança estaria a planear?

- Traz a tina para cima - ordenou, e o chinês vergou-se pela cintura. - Assegura-te de que ela tem água quente em abundância. - O chinês vergou-se de novo e saiu às arrecuas do quarto. O Duque semicerrou os olhos enquanto

examinava o rosto de Angel por um longo momento. – Já mando alguém para te servir. – Virou-se e saiu do quarto.

Surpreendida, Angel expirou fundo. Ele sentira-se perturbado pelos modos dela. Nunca antes fora capaz de o enganar. Mas já se tinham passado quase três anos desde que o vira pela última vez. Talvez ele tivesse esquecido a astúcia dela.

E talvez isso só tornasse as coisas piores.

Uma rapariga novinha veio ajudá-la a despir-se. Não teria mais de treze anos. Angel sabia que não era amante do Duque, embora pudesse tê-lo sido a dada altura. Era bonitinha. Mas Angel sabia que enquanto uma rapariga pertencesse exclusivamente ao Duque, andaria de rosto lavado, vestida em tons pastel, e o cabelo em tranças e com fitas. As faces e os lábios desta rapariga estavam pintados e o seu cabelo solto em caracóis sobre os ombros magros. Tinha aquele ar de ter passado pelo inferno.

Cheia de compaixão, sorriu à menina.

– Como te chamas?

– Cherry – disse ela, atirando para o chão ao lado da porta o vestido e a roupa interior de Angel.

– Quero essas coisas de volta depois de as lavarem.

– O Duque disse para as deitar fora.

– E deve-se sempre obedecer ao Duque. – Não queria meter a rapariga em trabalhos. – Ele trouxe-te com ele para a Califórnia?

– Eu e outras três – disse ela, a testar a temperatura da água. – Não está muito quente. Já pode tomar banho.

Angel despiu o resto da sua roupa interior velha. Ao entrar na água quente, suspirou. O que quer que acontecesse, estaria limpa. Por fora, pelo menos.

– Há quanto tempo estás aqui?

– Há oito meses – respondeu a rapariga.

Angel franziu a testa. Vivera a poucos quarteirões de distância do Duque todo este tempo sem saber. Talvez fosse o destino que ela estivesse com ele.

- A senhora é muito linda - disse Cherry.

Angel olhou sombriamente para a rapariga.

- Tu também. - Uma menina tão pálida e bonita, com olhos azuis assustados. Sentiu-se cheia de compaixão.

- Gostaria que lhe lavasse o cabelo? - perguntou Cherry.

- Do que eu gostava era de arranjar uma maneira de sair daqui. - Cherry ficou paralisada com a surpresa, e Angel sorriu, a troçar de si mesma. - Mas é impossível, não é? - Aceitou a esponja e o sabonete com perfume de alfazema das mãos da rapariga e não disse mais nada.

O Duque entrou sem bater. Cherry deu um salto, a empalidecer. Angel pôs a mão na da rapariga e sentiu como estava fria. O Duque trazia vários vestidos de cetim sobre o braço e pousou-os com grande cerimónia aos pés da cama.

- Deixa-nos, Cherry. - A rapariga apressou-se a sair do quarto.

Furiosa, Angel ergueu todas as suas defesas e continuou a tomar banho como se o Duque não estivesse ali. Ele fitava-a. Desconfortável sob aquela observação sombria, levantou-se da tina e envolveu-se numa toalha grande. Ele passou-lhe uma outra mais pequena para o cabelo. Ela pô-la à volta da cabeça como um turbante. Ele estendeu-lhe um roupão de cetim azul aberto. Ela vestiu-o e atou-o bem atado. Ele pousou a mão no ombro dela, virando-a para si.

- Já não és a minha pequena Angel, pois não?

- Não podia ficar criança para sempre - disse ela, enregelada pelo seu toque.

- Uma pena. - Segurou uma cadeira para ela se sentar. A respirar lentamente, ela forçou-se a manter-se calma e sentou-se.

- Deves estar faminta - disse ele, e puxou o cordão da sineta. O criado chinês entrou com um tabuleiro. Mal foi colocado na mesa à frente dela, o Duque acenou ao criado a mandá-lo retirar-se. Tirando os tampos de prata, sorriu. - Todos os teus pratos favoritos, minha cara.

Era um festim: um bife grosso mal passado, puré de batatas e vegetais a escorrer manteiga. Havia até uma fatia grande de bolo de chocolate. Ela já não comia uma refeição como aquela desde que partira do bordel de Nova Iorque. Cresceu-lhe água na boca e o seu estômago contraiu-se.

O Duque pegou num jarro de prata, encheu um copo de cristal com leite e passou-lho para as mãos.

- Sempre preferiste leite a champanhe, não é verdade?

Ela aceitou o copo.

- A engordar o bezerro de ouro antes de o abater, Duque?

- O bezerro *de ouro*? Ora, não seria um tolo se o fizesse?

Ela já não comia desde antes do incêndio, tendo recusado teimosamente a caridade oferecida por aquele padre. Se comesse a sua sopa, ele esperaria que ela lhe confessasse o que lhe ia na alma antes de lhe dizer que estava para além da redenção. Por isso, estava agora esfomeada.

- Venho ter contigo mais tarde - disse o Duque, surpreendendo-a de novo. Ela contara que ele ficasse. Mal saiu, ela atacou a sumptuosa refeição. Já não provava comida tão boa como esta há três anos. O Duque sempre proporcionara boa mesa. Serviu-se de um segundo copo de leite.

Só quando já estava com o estômago cheio é que compreendeu o que tinha feito, e ficou cheia de vergonha.

Oh, Michael, sou fraca. Sou tão fraca! Tinha razão em deixar-te. Olha para mim! A empanturrar-me com a comida do Duque. Estou a vender a minha alma por um bife e uma fatia de bolo de chocolate quando jurei que preferia morrer à fome do que voltar para a minha velha vida. Não sei como ser boa! Só conseguia sê-lo quando estava contigo.

- Pareces perturbada, minha cara. O que se passa? Foi alguma coisa que comeste? - A voz do Duque sobressaltou-a. Nem o ouvira voltar para dentro do quarto. - Ou estás preocupada com qual será o meu castigo?

Empurrou o prato vazio para longe de si, com o rosto em chamas da humilhação, abismada com o que fizera.

- Não me importa o que faça - disse numa voz inexpressiva. Levantou-se e virou-lhe as costas. Afastando as cortinas de renda da janela, olhou lá para baixo para a rua citadina movimentada. *O que é que aconteceu a toda a bela força moral que eu possuía quando estava contigo, Michael? Desapareceu outra vez. Voltei a ser Angel. Tudo no espaço de poucas horas e um tabuleiro da ceia!*

Fechou os olhos. *Meu Deus, se estais aí, desferi-me um golpe mortal. Matai-me para eu não ter de ceder completamente. Não tenho forças para combater este diabo. Não tenho forças nenhuma.*

- Senti-me preocupado contigo - disse o Duque num tom persuasivo. Ela sentiu as mãos dele nos seus ombros, os polegares a massajarem os seus músculos tensos. - Levo a peito os teus melhores interesses.

- Tal e qual como sempre - disse ela secamente.

- Alguma vez tiveste de lidar com as classes baixas, minha cara? Só tiveste o melhor. Quantas meninas de dezasseis anos tinham um senador e juiz do supremo tribunal a visitá-las regularmente? Ou um magnata dos transportes marítimos? O Charles ficou devastado quando desapareceste. Contratou os seus próprios serviços para te procurar. Foi ele quem me disse que estavas num navio para a Califórnia.

- O bom velho Charles - disse ela, recordando o jovem estragado com mimos. Encolheu os ombros a sacudir as mãos do Duque e olhou-o de frente. - E se eu lhe dissesse que queria sair desta vida?

O Duque ergueu ligeiramente os cantos da boca.

- Fala-me sobre esse tal Hosea.

Os músculos dela contraíram-se.

- Porque é que quer saber alguma coisa sobre ele?

- É só curiosidade, minha cara.

Talvez falar sobre Michael lhe desse a força para resistir ao que viesse.

- É lavrador.

- Lavrador? - disse o Duque, surpreendido e de novo divertido. - E aprendeste a lavrar a terra, Angel? Sabes mungir uma vaca e coser uma bainha? Gostaste de ter terra debaixo das unhas? - Pegou na mão dela, virando-a com a palma para cima. Ela manteve-se passiva. - Calejada - disse ele, repugnado, e soltou-a.

- Sim, calejada - disse ela com orgulho. - Até mesmo coberta de poeira e suor era mais limpa com ele do que alguma vez fui contigo.

Ele deu-lhe uma bofetada e ela cambaleou para trás. Endireitando-se, viu algo no rosto dele que a fez sentir menos medo. Não sabia bem o que era, mas ele não parecia ter tanto controlo de si mesmo ou da situação.

- Conta-me tudo, minha cara.

Ela obedeceu.

- Amava-lo?

- Ainda o amo. Amá-lo-ei sempre. Ele é a única coisa boa que alguma vez me aconteceu na vida, e vou agarrar-me a isso até morrer.

O rosto dele ensombrou-se.

- Tens pressa que isso aconteça?

- Faça o que tiver a fazer, Duque. Faça o que quiser. Não foi sempre assim? - Virou-lhe novamente as costas, meio à espera de que ele a fizesse girar sobre os calcanhares e a esbofeteasse, mas ele não o fez. Ela sentou-se na beira da cama e olhou para ele com curiosidade.

- Então onde é que está este modelo de virtudes e masculinidade agora? - perguntou o Duque.

- Na quinta dele. - Talvez se tivesse já virado para Miriam.

- Deixaste-o.

- Sim. Deixei-o.

Ele sorriu, satisfeito.

- Estavas cansada dele?

- Não. Um dos sonhos do Michael era ter filhos, e, como ambos sabemos, eu não posso tê-los. - Não conseguiu

controlar o azedume na sua voz, nem tentou.

- Então ainda não me perdoaste por isso?

- contei ao Michael que não podia ter filhos e disse-lhe porquê. Ele disse que não fazia diferença nenhuma para ele.

- Não?

- Não, mas fazia diferença para mim. Queria que ele tivesse tudo o que merecia e queria.

O rosto do Duque endurecia mais com cada palavra que Angel dizia. Ela ignorou o aviso. Só estava a pensar em Michael.

- Não foi a primeira vez que o deixei. Casei com ele quando não podia fazer mais nada, e deixei-o na primeira oportunidade que tive. Não queria nada com ele. Queria voltar para receber o dinheiro que me deviam. Quando lá cheguei, o bordel tinha desaparecido. Ardeu num incêndio, e a dona tinha-se ido embora. Por isso, acabei a trabalhar para um dono de um bar. Tive uma boa amostra lá dessas classes baixas de que fala com tanto desprezo. Sabe o que é que o Michael fez quando descobriu onde eu estava? Veio buscar-me. *Lutou* para sairmos de lá. E levou-me outra vez para casa. *Perdoou-me*.

Riu-se sombriamente.

- Mas eu continuei a fugir. Ele fazia-me sentir coisas, coisas incríveis. Era como se estivesse a virar a minha vida do avesso. A amar-me, sempre a amar-me por mais que ficasse a saber sobre o meu passado. Por mais que eu fizesse. Por mais que eu o magoasse. Não desistia de mim.

O Duque agarrou-lhe o queixo com força.

- Tal e qual como eu. - Os seus olhos ardiam como carvões. - Ou já te esqueceste de que também fugiste de mim várias vezes e eu sempre te trouxe para casa e te perdoei?

Ela soltou o queixo e fulminou-o com o olhar.

- Perdoou-me? Era meu *dono*. Via-me como um objeto seu. Algo a ser vendido a quem desse mais. Algo a ser

usado. O Michael *amava-me*. O Duque sempre pensou que era dono da minha alma. O Michael mostrou-me que ninguém é dono da alma de outra pessoa.

- Não? - Tocou delicadamente na face que esbofeteara. - Não te sentes em casa aqui, Angel? Não sentiste a falta da boa comida, das belas roupas, do espaço luxuoso, da *atenção*?

Ela mexeu-se desconfortável, e viu-o sorrir.

- Eu conheço-te - disse ele. - Por mais que protestes, adoras a sensação da seda contra a tua pele. Agrada-te ter uma criada pessoal para te servir. - Pegou no jarro vazio da mesa. - Adoras *leite*. - Riu-se dela.

O rosto de Angel estava em chamas. A expressão dele era de um deleite malicioso enquanto insistia com ela.

- Eu costumava ver a maneira como manipulavas os homens que vinham ver-te. Eram barro nas tuas mãos. Ficavam enfeitiçados por ti.

- E isso dava-lhe poder sobre eles.

- Sim, dava - admitiu ele sem reservas. - Grande poder. - Inclinou-lhe o rosto para cima com rudeza. - Senti a tua falta. Senti a falta do poder que tu me davas, porque os homens que eu te trazia sucumbiam ao teu feitiço, e, quando isso acontecia, passavam a pertencer-me.

- Dá-me demasiado crédito por isso.

- Ninguém podia tocar-te.

- O Michael tocou em mim. - Ela viu o clarão de raiva nos seus olhos escuro. Estranhamente, não sentiu medo. Havia uma tranquilidade dentro dela. Pensar em Michael dava-lhe coragem, mas sabia que não era uma coragem que durasse. Não depois de o Duque começar. Ele não era como Magowan. Não perderia o autocontrolo, e nunca a mataria.

O Duque levantou-se.

- Deixo-te por agora, minha cara. Descansa. Voltarei para falar contigo. Temos negócios a discutir. Afinal, tens de ganhar o teu sustento.

Quando se inclinou para a beijar, ela desviou o rosto. Os seus dedos duros prenderam-lhe as faces como uma tenaz, forçando-a a erguer a cabeça. Beijou-a com força. Ela não sentiu nenhuma paixão nele, nem a viu quando ele se afastou. Cansara-se dela a esse respeito quando ela era um pouco mais velha do que Cherry.

O Duque parou à porta.

- Já agora, Angel, se o teu Michael vier por ti, mato-o da mesma maneira que matei o Johnny. - Fez um ligeiro sorriso. - E vou obrigar-te a assistir. - A coragem dela desvaneceu-se. Ele notou-o e sorriu de novo.

Angel ouviu a chave rodar na fechadura e deixou-se cair sobre a cama.

O Duque não voltou no dia seguinte nem no dia depois desse. Cherry trazia-lhe comida, e um guarda assegurava-se de que a porta ficava fechada à chave quando a rapariga saía do quarto.

Angel sabia o que o Duque estava a fazer, mas sabê-lo não ajudava.

Os seus pesadelos regressaram.

Estava a correr, a noite a cair à sua volta. Uns passos pesados ecoavam na travessa atrás dela. À sua frente estavam as docas, com os mastros dos navios a encherem o horizonte. Ela corria de um para outro, a implorar que a deixassem embarcar.

- Lamento, minha senhora. Está tudo cheio - diziam os marinheiros, uns atrás dos outros.

Ela correu pelo último pontão viu lá em baixo uma barçaça do lixo. As cordas estavam a ser desamarradas. Olhando para trás, viu o Duque. Ele estava a chamá-la, a sua voz escura a puxá-la.

Havia ratazanas a rastejar sobre o lixo na barçaça, a banquetear-se com as carnes e os vegetais podres. O cheiro pestilento atacava-lhe os sentidos, mas ela saltou mesmo assim e aterrou com força. As suas mãos afundaram-se numa massa lamacenta, e as ratazanas

começaram a guinchar e a fugir em todas as direções. Quase desfalecia com aquele cheiro fétido, mas agarrou-se como força quando a barça começou a mover-se. Afastou-se da doca no momento em que o Duque chegava à ponta.

- Não podes fugir. Não podes fugir, Angel.

A seguir desapareceu, e ela estava no meio de um mar tempestuoso. As ondas rebentavam à sua volta, batendo contra os lados da barça. Tentou trepar para um lugar mais seguro, mas não havia nenhum lugar mais seguro. Içou-se para se afastar dos borrifos frios. Quando chegou ao topo, viu Rab deitado de costas. O cordão preto ainda estava à volta do seu pescoço e umas ratazanas estavam a despedaçar com os dentes a sua carne morta. Soltando um grito de medo, voltou a escorregar pelo monte de lixo e foi acocorar-se no canto mais afastado dele.

A tremer de frio, cobriu a cabeça.

- Quem me dera estar morta. Quem me dera estar morta...

- Querida, o que se passa?

Angel olhou para cima e viu a mãe à sua frente, a cintilar de branco.

- Onde é que ele está, querida? Onde está o meu rosário?

Angel trepou pelo monte de lixo, a procurar freneticamente.

- Eu encontro-o, Mamã! Eu encontro-o! - Viu algo com um brilho vivo e estendeu a mão para ele. - Está aqui! Oh, está aqui, Mamã. - A barça sacudiu-se violentamente e ergueu-se numa ponta, descarregando lixo para o mar. Angel soltou um grito, a tentar agarrar o rosário da sua mãe ao mesmo tempo que caía aos baldões. A ponta dos seus dedos roçou o crucifixo e as contas do rosário antes de ele escorregar e cair pelo lado da barça para o mar turbulento. Angel sentiu que escorregava também. Instintivamente, agarrou-se a qualquer coisa, mas nada era suficientemente sólido para a segurar. Tudo estava a cair no mar. Ela bateu de chapa na água fria, com lixo podre a

rodopiar à sua volta. Esperneou e tentou vir à tona, e quando conseguiu o mar estava calmo. Avistou a costa e nadou na direção dela. Quando chegou, mal conseguiu pôr-se de pé sob o peso do lixo que se agarrava a ela. Cambaleou até à praia e tombou sobre a areia, exausta. A sua pele estava manchada com chagas feias e tumores repelentes, como o bebé de uma jovem prostituta.

Quando olhou para cima, viu Michael de pé num campo. A brisa fazia com que o trigo parecesse um mar dourado à volta dele. O ar era doce e limpo. Miriam estava a caminhar na direção dele, com um bebé nos braços, mas ele não lhe prestava atenção.

- Amanda! - chamou, correndo para ela.

- Não, Michael, volta para trás! Não te aproximes de mim! - Sabia que se ele tocasse nela, a imundície que a cobria cobri-lo-ia a ele também. - Afasta-te! Fica aí!

Mas ele não lhe dava ouvidos. Continuava a avançar.

Ela sentia-se demasiado fraca para fugir. Olhou por si abaixo e viu a sua carne a apodrecer e a cair. Michael caminhava para ela sem hesitação. Estava tão perto que ela conseguia ver-lhe os olhos.

- *Oh...* - Deus, deixai-me morrer. Deixai-me morrer por ele.

Não, disse uma voz baixa.

Ela olhou para cima e viu Michael de pé diante dela. Ardia uma pequena chama no lugar do seu coração. **Não, bem-amada**. A boca dele não se mexera, e a voz não era dele. A chama tornou-se maior e mais brilhante, alastrando até todo o corpo dele ficar incandescente. Depois a luz separou-se de Michael e aproximou-se os últimos passos na direção dela. Era um homem, glorioso e magnífico, com a luz a escorrer dele em todas as direções.

- Quem és tu? - murmurou ela, aterrada. - Quem és tu?

Javé, El Shaddai, Jeová-mekoddishkem, El Elyon, El Olam, Eloim...

Os nomes seguiam-se uns aos outros, soando como música, a jorrarem pelas veias dela, a encherem-na. Tremia de medo e não conseguia mover-se. Ele estendeu a mão e tocou-lhe e ela sentiu um calor a envolvê-la e o medo a dissolver-se. Olhou por si abaixo e viu que estava limpa e vestida de branco.

- Então estou morta.

Para que possas viver.

Pestanejando, voltou a olhar para cima e viu o homem de luz coberto com a sua imundície.

- Não! - chorou. - Oh, meu Deus, perdão. Perdão. Eu fico com isso. Eu faço o que seja... - Mas quando ela estendeu a mão a degradação desapareceu e ele ficou ali em frente a ela, de novo perfeito.

Eu sou o caminho, Sarah. Segue-me.

Quando Angel deu um passo em frente e estendeu a mão para ele, ouviu-se um trovão e ela acordou no escuro.

Manteve-se imóvel na cama, a fitar o teto, com o coração a bater descontrolado. Fechou os olhos com força, a querer voltar para o sonho, a querer vê-lo terminado, mas não conseguia agarrá-lo. Mal conseguia lembrar-se dele agora. Escapava-lhe.

Depois ouviu o som que lhe perturbava o sono. Vinha do quarto ao lado e era tão familiar que lhe despedaçou o coração.

O Duque estava a falar num tom de voz baixo, sedutor.

E uma criança estava a chorar.

Trinta e um

*E agora, eis o que diz o SENHOR,
O que te criou, ó Jacob,
O que te formou, ó Israel:
«Nada temas, porque Eu te resgatei,
E te chamei pelo teu nome: tu és Meu.»*

2.º ISAÍAS 43:1

Paul sabia que tinha de voltar para as montanhas. Não podia ficar nesta terra nem mais uma semana. Não podia ficar assim tão perto de Miriam sem enlouquecer. Era preferível a desilusão e a cansaça de procurar ouro do que vê-la atravessar o campo na direção da cabana de Michael.

Mas precisava de dinheiro para comprar mantimentos.

Engolindo o orgulho, foi ter com Michael e tentou vender-lhe a sua terra.

- Não peço muito por ela. Só o suficiente para me remediar. É terra boa. Devia ser tua, de qualquer maneira, Michael. Olhaste por ela quando eu parti da última vez.

- Preciso de pouca terra - disse Michael, e recusou a proposta. - Espera até a safra da primavera estar pronta. Depois leva o que ganhares e vai, se tem de ser. A terra estará à tua espera quando voltares.

- Não vou voltar, Michael. Não desta vez.

Michael pousou a mão no braço de Paul.

- Porque te torturas? Porque te deixas impelir por qualquer vento que sopra?

Paul soltou-se, furioso.

- Porque é que tu esperas por uma meretriz que nunca mais vai voltar? - Foi-se embora antes de dizer mais de que pudesse arrepender-se.

Não tinha outra opção agora a não ser ir falar com John Altman.

John convidou-o a entrar na cabana. Elizabeth estava a embalar o bebé e Miriam estava debruçada sobre o lume, a mexer um guisado borbulhante. Vê-la acelerou a pulsação de Paul. Ela endireitou-se e sorriu-lhe, e ele sentiu as pernas bambas.

- Sente-se, Paul - disse John, dando-lhe uma palmada nas costas. - Já não o víamos há uns tempos.

Paul deu consigo a desviar de novo os olhos para Miriam. Não prestou atenção ao que John estava a dizer, a vê-la estender a massa do pão azimo, cortá-la e colocar os pedaços numa frigideira de ferro forjado. O silêncio de John atraiu de novo a sua atenção. Elizabeth estava a sorrir-lhe. John também. Sentiu um calor subir-lhe ao rosto.

- Vim oferecer-lhe a minha terra, John. - Pelo canto do olho, viu Miriam endireitar-se e olhar para ele. Um músculo contraiu-se no seu maxilar. - Decidi voltar para as montanhas - disse num tom terminante.

John ergueu as sobrancelhas.

Elizabeth franziu a testa.

- É uma decisão bastante repentina, não é, Paul?

- Não. - Sentia que Miriam o fitava agora, com as mãos nas ancas.

- Pensou no que vai fazer? - perguntou John. - Investiu muito trabalho naquela sua terra.

- Pensei nisso. Acho que não fui feito para ser lavrador. - Miriam virou as costas e pousou a tampa com força na panela. Elizabeth e John deram um salto e lançaram-lhe um olhar de surpresa. - Não estou a pedir muito por ela - disse

Paul, a tentar ignorar Miriam. Indicou um preço, chocando-os ainda mais.

- Vale muito mais - disse John. Esfregou o queixo, perturbado pela oferta. - Porque é que está a fazer isto?

Miriam girou sobre os calcanhares.

- Porque é um tolo!

- *Miriam!* - exclamou Elizabeth, abismada.

- Peço perdão, Mãezinha. Ele é um idiota, um palerma, um cabeça-dura, um ignorante!

- Já chega! - disse John, levantando-se da cadeira e com o rosto ensombrado de indignação. - O Paul é um convidado na nossa casa!

Miriam limitou-se a olhar para Paul, com os olhos a chispar e lágrimas a correrem-lhe pelas faces pálidas.

- Desculpe, Paizinho. Acho que me esqueci das boas maneiras. Desculpe. - Atravessou a divisão a correr, pegou no seu xaile e abriu a porta. Olhou para Paul por cima do ombro. - Vai para diante. Foge para as tuas montanhas e a tua procura do ouro. - Bateu com a porta atrás de si.

Paul deixou-se ficar sentado, destroçado. Queria ir atrás dela e explicar, mas o que poderia dizer? Que estava apaixonado por ela e que isso o estava a enlouquecer? Que Michael acabaria por esquecer Angel e ela faria bem em esperar?

John voltou a sentar-se.

- Peço desculpa - disse. - Não sei o que lhe deu.

- Tenho a certeza de que falou sem intenção, Paul - disse Elizabeth.

Seria melhor se tivesse falado com intenção.

- O que me diz, John? Quer as minhas terras ou vou à cidade ver se alguém está interessado? - Quanto mais cedo saísse dali, melhor.

Franzindo a testa, John olhou para a sua mulher.

- Deixe-me pensar no assunto. Digo-lhe alguma coisa até ao fim da semana.

Mais três dias. Ele poderia suportar mais três dias?

- Obrigado. - Paul levantou-se.

- Não deixe de nos visitar - disse John, pondo a mão no ombro de Paul enquanto o acompanhava à porta. - E, aconteça o que acontecer, será sempre bem vindo aqui. - Foi com ele até lá fora. - Seja o que for que está a incomodar a Miriam, ela vai ultrapassá-lo.

Paul viu-a atravessar o campo na direção da casa de Michael.

- Suponho que sim. - Sorriu desolado. - Falo consigo daqui a uns dias, John. - Pôs o chapéu e dirigiu-se para casa.

*

- O que me dizes daquilo? - perguntou John a Elizabeth quando voltou para dentro de casa.

- John, não sei o que dizer sobre nada desde que a Amanda foi embora.

Esperaram que Miriam voltasse para casa, com a esperança de que ela finalmente lhes fizesse confidências como dantes. Já tinha anoitecido quando ela entrou em casa.

- Estávamos preocupados - repreendeu Elizabeth. Não contavam que ela se ausentasse durante tanto tempo.

- Onde é que estiveste? - perguntou John.

- Fui à casa do Michael. Depois caminhei. Depois sentei-me. E depois rezei. - Miriam encolheu os ombros e começou a chorar. John e Elizabeth olharam um para o outro surpreendidos. Embora a sua filha fosse sensível, não era dada a acessos de emoção.

- O que foi, querida? - perguntou Elizabeth, pondo os braços à volta dela. - O que se passa de errado?

- Oh, Mãezinha. Amo-o tanto que até dói.

Elizabeth olhou para o marido.

- Mas ele é casado. Tu sabes isso.

Miriam ergueu a cabeça, com o rosto vermelho.

- O *Paul*, Mãezinha! Não o Michael.

- *O Paul!* - exclamou Elizabeth, muito aliviada. - Mas nós pensámos...

- Foi *sempre* o Paul e eu sei que ele também me ama. Só é demasiado teimoso para o admitir, mesmo a si próprio. - Olhou para o pai. - Não posso deixá-lo partir, Paizinho. Se comprar a terra dele, nunca mais lhe perdoarei.

- Se não a comprar eu, alguém o fará. - John tentava compreender o que estava a acontecer. - Se ele te ama, porque é que venderia a terra para poder ir-se embora?

- Acho que talvez ele se queira ir embora pelas mesmas razões por que a Amanda deixou o Michael.

- Nunca chegaste a contar-nos o que ela te disse - recordou-lhe Elizabeth.

Miriam corou.

- Não posso. - Afundou-se na cadeira e tapou o rosto. - Simplesmente não posso.

Elizabeth ajoelhou-se ao lado dela e tentou reconfortá-la.

- Como te propões impedir o Paul de ir embora? - perguntou o pai. - Ele já se decidiu, Miriam, e é assim que é.

Miriam ergueu a cabeça.

- Eu podia fazê-lo mudar de ideias.

John olhou com atenção para o rosto decidido da sua filha e franziu a testa.

- O que é que tinhas em mente?

Miriam mordeu o lábio e olhou da mãe para o pai.

- Algo da Bíblia. - Limpou as lágrimas e sentou-se mais direita.

- Que parte da Bíblia? - perguntou o seu pai severamente.

- Eu sei o que é preciso, Paizinho, mas vai ter de confiar em mim.

*

- Que idade é que ela tem, Duque?

A boca dele curvou-se num sorriso trocista.

- Estás com ciúmes, Angel?

Sentia vontade de o matar.

- Oito? Nove? Não pode ser muito mais velha do que isso, ou não despertaria o seu *interesse*.

A expressão dele tornou-se perigosa.

- Farias bem em controlar essa tua língua maliciosa, minha cara. - Estendeu-lhe uma cadeira. - Senta-te. Temos assuntos a discutir.

Angel estava vestida com um traje de cetim cor-de-rosa e rendas. Embora o vestido se ajustasse na perfeição ao seu corpo, ela detestava-o. Detestava que cada curva se revelasse à inspeção do Duque. Ele estava a verificar a sua mercadoria, a decidir como melhor a exhibir.

- O cor-de-rosa já não te fica bem - disse ele, deixando-a consternada por os pensamentos dos dois poderem ser tão parecidos. - Vermelho, penso eu. Ou um azul-safira forte. Até mesmo verde-esmeralda. Parecerás uma deusa nessas cores. - Tocou-lhe no ombro nu antes de se sentar.

Ela olhou-o do outro lado da pequena mesa, controlando o rosto para não revelar nada. Ele observou-a com um sorriso contraído.

- Mudaste, Angel. Sempre foste teimosa e distante. Era parte do teu encanto. Mas agora és também descuidada. Não é uma atitude recomendável, na tua posição.

- Talvez já não me importe com o que possa acontecer-me.

- Queres que te prove que estás errada? Eu podia, sabes? Muito facilmente. - Uniu as pontas dos dedos. Ela fitou aquelas mãos aristocráticas, mãos sem calos, pálidas e com as unhas tratadas. Mãos com uma forma bela que eram capazes de uma crueldade indizível.

Recordou as mãos de Michael, grandes e fortes, claramente habituadas ao trabalho árduo. Eram mãos calejadas e ásperas. As mãos dele tinham parecido tão cruéis, e no entanto eram tão meigas. O toque dele sarara o seu corpo e abrira-lhe o coração.

O Duque semicerrou os olhos com frieza.

- Porque é que estás a sorrir assim?
- Porque nada do que tu me faça importa realmente.
- O teu Michael disse-te isso? Estiveste longe de mim demasiado tempo.

Todos aqueles horríveis pesadelos, os segredos e a culpa que ela tinha carregado. Michael dissera uma vez que ela teria de deitar fora toda a sua velha bagagem. Era isso o que o Duque era. Bagagem velha.

- Oh, não, Duque. Eu levei-o comigo para onde quer que fosse. - Viu o seu sorriso satisfeito e acrescentou: - Que desperdício de um tempo precioso.

Os lábios dele comprimiram-se numa linha dura.

- Vou deixar-te escolher, minha cara. Podes gerir as raparigas ou tornares-te uma delas.

- Tomar o lugar da Sally, quer dizer? O que é que lhe aconteceu, Duque? Nunca mais voltei a vê-la depois de me mudar para a parte alta da cidade.

- Ainda está em Nova Iorque, a sair-se muito bem na casa antiga. Ainda é bastante bela. Demasiado pesada para os meus gostos, claro.

- Pobre Sally. Ama-o há anos. Ou nunca chegou a saber? Suponho que sabia. Só não lhe interessava se sim ou se não. Ela é demasiado velha para si, não é, Duque. Demasiado mulher.

O Duque levantou-se da cadeira. Agarrou-a pelo cabelo, puxou-lhe a cabeça para trás e aproximou o rosto do dela.

- O que é que te aconteceu, minha cara? - disse numa voz enganadoramente suave. - O que será preciso para trazer a minha pequena Angel de volta?

Angel sentia o couro cabeludo em chamas, o coração na garganta. Ele podia partir-lhe o pescoço num instante se quisesse. Desejava que ele o fizesse e pusesse um fim àquilo tudo. Os seus olhos escuros mudaram enquanto fitava os seus, furioso.

Franzindo ligeiramente a testa, afrouxou a mão.

- Não me serves de nada morta. - Ele seria capaz de lher a mente com tanta facilidade assim? Soltou-a com um sacão brusco e afastou-se. Atravessou o quarto e depois olhou para ela, a avisá-la. - Não abuses da minha paciência, Angel. Por muito que goste de ti, não és indispensável.

Angel pensou na criança.

- Quem é a pessoa encarregada das chaves agora? - Pôs-se a alisar a saia para que ele não visse como estava aterrada ou quais eram as razões para fazer a pergunta. Ele ficou perplexo. Isso era muito preferível a sádico.

- Sou eu. - Meteu a mão nas calças e tirou um chaveiro.

- Penso que preferiria o lugar da Sally. - Se pudesse descobrir que chave pertencia à porta da criança, talvez pudesse tirá-la deste buraco infernal.

O Duque estava a sorrir, com os olhos a rirem-se para ela. Atirou as chaves para cima da mesa à sua frente.

- A cave dos vinhos, a despensa, os armários da roupa de casa e o quarto de vestir. - Abriu o colarinho e pôs para fora uma corrente de ouro. Pendia uma chave dela. - Esta é a que tu queres.

Ainda a sorrir, aproximou-se dela e pousou as mãos com força nos seus ombros.

- Penso que afinal sempre precisas de uma lição - disse num tom suave como seda. - Vou apresentar-te esta noite. Vais usar um vestido azul e o teu cabelo maravilhoso solto. Serás uma grande sensação. Todas as raparigas que tenho são encantadoras, mas tu és algo muito raro e especial. Todos os homens na casa te vão querer.

A pele de Angel ia ficando cada vez mais fria enquanto ele falava. Sentia vontade de saltar da cadeira, mas sabia que, mesmo que o fizesse, não conseguiria nada. Era mais avisado deixar-se ficar imóvel e aguardar.

- Vais ser a guardiã das chaves na próxima semana, minha cara, mas durante esta semana tu própria vais servir os nossos clientes. Tenho vários em mente que se revelarão úteis para mim. - Sorriu. - Além disso, mantive-te

demasiado exclusiva. Precisas de acordar para a realidade de que as coisas têm sido muito fáceis para ti até agora.

Quando o Duque se afastou, Angel olhou para o seu rosto e viu que ele tencionava cumprir todas as suas ameaças.

**

Quando Paul acordou, deu com Miriam a espreitar o lume e a pôr-lhe mais lenha. O cobertor deslizou do seu peito nu ao quando ele se sentou de repente na cama e a fitou. Estava a sonhar. Devia estar. Esfregando o rosto, olhou à sua volta e viu o xaile dela pendurado nas costas da sua cadeira e uma mala em cima da mesa.

Ela virou-se para ele e sorriu.

- Bom dia. Já é quase manhã.

Era mesmo real. Instalou-se o pânico nele.

- O que é que estás a fazer aqui?

- Vim viver contigo.

- *O quê?*

- Disse que vim viver contigo. - Ele fitou-a como se ela tivesse perdido o juízo. Ela veio sentar-se na beira da cama. Ele puxou o cobertor para cima para cobrir o seu peito nu.

Miriam olhou para Paul e não conseguiu deixar de rir do absurdo da situação. A culpa era toda dele. Se não fosse tão teimoso...

- Isto não tem graça absolutamente nenhuma - disse ele entre dentes.

- Não, não tem - concordou ela solenemente. - Eu amo-te, e não te vou deixar partir para as montanhas e arruinar a tua vida. - Ele parecia encantadoramente perplexo. Tinha o cabelo espetado em todas as direções, como o de um menino pequeno. Ela estendeu a mão para o alisar, e ele recuou, com os olhos cheios de alarme.

- Vai para casa, Miriam - disse, desesperado. Tinha de a tirar dali! Ela saberia o efeito que lhe causava ouvi-la dizer que o amava? Se não se fosse embora imediatamente, ele pensava que não seria capaz de lhe resistir. Mas ela não se

mexeu. Deixou-se ficar sentada a olhar para ele com um sorriso paciente. Ele ouviu um rugido nos seus ouvidos e berrou: – Eu disse *para ires para casa!*

– Não – respondeu ela simplesmente –, e também não te vou dar as tuas roupas.

Ele abriu os lábios.

Ela uniu as mãos e pousou-as modestamente no regaço, e depois sorriu para ele. A expressão dos seus olhos fê-lo sentir-se quente por todo. Mal conseguia respirar. Isto era uma loucura!

– Que jogo é o teu, Miriam Altman? O que é que o teu pai vai dizer sobre isto?

– Ele já sabe.

– Oh, meu Deus – rezou ele em voz alta, a perguntar-se quando John entraria de rompante pela porta com uma espingarda na mão.

– O meu pai passou a maior parte da noite ontem a tentar convencer-me a não fazer isto, mas por fim desistiu. Se não fosse isso, eu teria vindo mais cedo. – O sorriso dela era maroto. – Lembras-te do Livro de Rute, Paul? Da Bíblia? Lembras-te do que ela fez? Bem, Booz, aqui estou eu, aos teus pés. Agora, o que é que vais fazer quanto a isto? – Pousou a mão na coxa de Paul, e ele deu um grande salto.

– Não me toques! – exclamou, com gotas de suor a rebentarem-lhe na testa. – Estou a dizer-te, quero que saias daqui imediatamente.

– Não, não queres.

– Como é que tu sabes o que eu quero? – Tentou soar zangado.

– Sei de cada vez que olhas para mim. Tu queres-me.

– Não faças isto – implorou ele.

– Paul – disse ela muito meigamente. – Eu gosto muito do Michael. É como um irmão mais velho para mim, mas não estou apaixonada por ele e nunca estarei. Estou *apaixonada* por ti.

– O teu lugar não é comigo – disse ele, angustiado.

- Não sejas ridículo - disse ela, como se estivesse a falar com uma criança recalcitrante. - É claro que é.

- Miriam...

Ela pôs a mão no seu ombro nu e ele susteve a respiração ao sentir o seu toque.

- Sempre quis tocar-te - disse ela, numa voz suave e sedutora. - Naquele dia no campo, quando estavas a lavrar a terra...

Ele engoliu em seco com força e agarrou a mão dela.

Os olhos dela prenderam-se nos dele.

- E sempre quis que tu me tocasses.

- Miriam - disse ele em voz rouca -, eu não sou um santo.

- Eu sei. Pensas que eu sou? - Os seus olhos estavam brilhantes com lágrimas. - Isto não é fácil, sabes, mas eu sou uma mulher, Paul, não uma criança, e sei o que quero. Quero-te a ti. Como meu marido. Para viver contigo para o resto das nossas vidas.

Ele estava a tremer.

- Não me faças isto. - Viu uma lágrima deslizar pela face dela e não conseguiu conter-se; estendeu a mão para a limpar. Ela pousou a mão por cima da dele, prendendo-a ali contra a sua face, mas só por um breve momento. A pele dela era tão suave, o seu cabelo tão sedoso. Ele deslizou o polegar, sentindo a pulsação desordenada na garganta dela. - Miriam. Oh, Miriam, o que é que estás a tentar fazer-me?

- Nada que tu não queiras há muito tempo. Admite-o. - Pôs-lhe os braços à volta do pescoço e beijou-o. Quando descolou os lábios dos de Paul, ele sentiu que não poderia parar por nada deste mundo. Emoldurou-lhe o rosto com as mãos e beijou-a, delicadamente ao princípio, depois com todo o amor contido que sentia há meses.

Beijou-a como o homem esfomeado que era. A rendição dela fazia os seus sentidos andarem à roda. Ela era firme e suave e quente, e sabia ao céu.

- Amo-te - segredou, quase com receio de dizer as palavras em voz alta. - Tenho andado a enlouquecer. Não conseguia suportá-lo. Tinha de me afastar de ti.

- Eu sei - disse ela, a tremer, com as mãos no cabelo dele. Começou a chorar. - Amo-te tanto. Oh, Paul, amo-te...

Ele recuou e olhou para o rosto dela, reparando que tinha as faces coradas e os olhos cheios de amor por ele, e pensou que o seu coração ia rebentar. Ela era dele. Ela pertencia-lhe! Mal conseguia acreditar.

Miriam viu a expressão ardente dos seus olhos e estendeu a mão para tocar a sua face, com o rosto a suavizar-se com ternura.

- Quero começar como deve ser. Casa comigo *primeiro*, Paul. Sê meu marido. Quero partilhar tudo contigo sem nenhuma sombra a pairar sobre nós. Sem nenhuns arrependimentos. Se fizeres amor comigo agora, sentirás vergonha amanhã. Sabes que sim. Não serás capaz de encarar o meu pai e a minha mãe. Pensarás que te aproveitaste de mim. - Sorriu trémula. - Embora seja o inverso.

- Pensei que seria capaz de te deixar - disse ele, sabendo que a teria levado no pensamento para sempre, um tormento a que nunca escaparia. - Suponho que vamos ter de ir a Sacramento ver se conseguimos encontrar um pregador.

- Não, não temos de fazer isso.

Ele olhou para ela, surpreendido.

Corando, ela sorriu timidamente, mais a Miriam que ele conhecia e não a jovem audaciosa que entrara à socapa na sua cabana à noite.

- O meu pai disse que nos casava ele próprio. Estava a revistar a arca à procura do Livro dos Serviços Religiosos dele quando eu saí de casa. Estava cheio de pressa, acho eu.

Ele beijou-a outra vez, sem conseguir conter-se.

- Nunca tive a mínima hipótese, pois não? - disse, rindo baixinho.

- Não, não tiveste. - Ela sorriu, contente. - O Michael disse sempre que acabarias por mudar de ideias. Eu só fiquei demasiado cansada de esperar.

*

De onde Angel se encontrava de pé por trás da cortina à esquerda do palco, conseguia ouvir os homens que apinhavam o casino. Aquele sítio era um circo, e o Duque ia pô-la mesmo na pista central.

Já lhes dera um espetáculo de dançarinas, malabaristas e acrobatas. Onde encontrara tais pessoas Angel não conseguia sequer adivinhar, mas o Duque tinha os seus recursos. Talvez os tivesse criado do fogo e do fumo com um aceno da sua mão.

Mexeu-se inquieta, e a mão por baixo do seu braço apertou-a mais firmemente. Não estivera sem um guarda desde que o Duque a instalara no quarto do andar de cima. Não havia como fugir, e ela sentia-se enjoada com a preocupação e o medo.

Fechando os olhos, combateu a sensação de náusea. Talvez não devesse. Talvez devesse entrar no palco e vomitar. Isso dissiparia o ardor que o Duque estava a incitar na multidão. Quase se riu, mas sabia que se o fizesse cederia completamente à histeria.

Ouvia-o a animar a assistência. Tinha voz de orador. Foralhe muito útil na política - e depois, quando decidiu que trabalhar nos bastidores seria mais lucrativo. Estava a atear um fogo debaixo dos homens que aguardavam, a excitá-los. Ela quase conseguia sentir o cheiro da luxúria deles. Daí a uns minutos, defrontá-lo-ia. Centenas de pares de olhos a fitarem-na, a despirem-na, a imaginarem o que queriam fazer-lhe. E o Duque permitiria que tornassem real essa imaginação. Por um preço. Qualquer coisa por um preço suficientemente alto.

Por uma semana, vais servi-los.

Angel fechou os olhos. *Meu Deus, se estais aí, matai-me! Suplico-vos! Enviai um raio e tirai-me da face da terra. Mandai-me para o esquecimento. Enviai fogo. Transformai-me num pilar de sal. Fazei-o como quiserdes. Mas fazei-o. Suplico-vos, Deus, ajudai-me. Ajudai-me!*

- Calma, senhorita - disse o homem, sorrindo-lhe friamente.

Oh, Deus. Oh, Jesus, suplico-Vos que me ajudeis!

- Ele já os tem quase prontos para ti.

Mas então, quando pensava que o seu coração ia parar com o terror, ouviu-a.

Sarah, bem-amada.

Era a mesma voz suave que ouvira na cabana de Michael. A que ouvira no seu sonho.

Fica calma, pois Eu estou aqui.

Olhou à sua volta, mas só o seu guarda e os artistas estavam ali. O coração batia-lhe loucamente e sentia a pele arrepiada como naquela estranha noite na cabana.

- Onde? *Onde?* - segredou freneticamente.

O guarda olhou-a intrigado.

- O que é que se passa?

- Ouviu alguém falar?

- Com aquela barulheira toda lá fora? - Riu-se.

Ela estava a tremer violentamente.

- Tem a certeza?

A mão dele apertou-a ainda mais e sacudiu-a com força.

- É melhor que te recomponhas. Fingir que estás louca não te vai servir de nada. O Duque já está quase pronto para tu entrares em palco. Ouve só aqueles homens. Soam como leões famintos, não soam?

Angel estava disposta a não arredar pé, mas de que serviria? Fechou novamente os olhos com força, a tentar excluir a multidão enlouquecida sentada em frente ao palco, a tentar concentrar-se na voz baixa e assustadora na

sua cabeça que a chamava por um nome que ela só ouvira uma vez num sonho desde que a sua mãe morrera.

O que quereis que eu faça? Dizei-me. Oh, Deus, dizei-me.

A minha vontade.

Encheu-se de desespero. Não sabia qual era a vontade de Deus.

- Ai está o teu sinal - disse o guarda. - Vais entrar no palco sozinha?

Mesmo que conseguisse fugir, para onde iria? Abriu os olhos e subitamente os tremores dentro de si pararam. Não conseguiria explicá-lo, mas sentia-se calma. Estranhamente calma. Lançou ao guarda um olhar imperioso.

- Se me soltar o braço - disse. - Ele pestanejou, apanhado de surpresa, e largou-a. Ela deu um passo em frente e ele segurou a cortina para ela poder entrar no palco.

Mal apareceu, a casa veio abaixo. Os homens assobiavam e chamavam-na. Ela mantinha a cabeça erguida, a olhar em frente, e dirigiu-se para o centro do palco, onde se encontrava o Duque a sorrir-lhe com um deleite malicioso. Inclinou-se para ela, com a boca perto da sua orelha para ela poder ouvi-lo com todo aquele ruído.

- Sentes o poder, Angel? Podes partilhá-lo comigo. Podemos fazê-los ajoelharem-se! - A seguir, deixou-a no centro do palco sozinha.

O ruído era ensurdecador. Estariam todos loucos? Sentia vontade de fugir e se esconder. Sentia vontade de morrer.

Olha para eles.

Ela forçou-se a exibir a arrogância e o desdém de outros tempos enquanto o seu olhar varria a sala apinhada.

Olha para os olhos deles, Sarah.

Ela obedeceu, olhando primeiro para os homens mais perto do palco e depois para os restantes. Eram jovens. Havia uma expressão vazia e assombrada nos seus olhos. Reconheceu aquela expressão. Desilusão e sonhos destroçados, desafio. Ela não sentira a mesma solidão e o mesmo desespero que via refletidos a toda a sua volta?

Olhou para os homens que estavam junto às mesas do jogo de cartas, que a fitavam. Olhou para os homens ao longo do balcão de mogno, com copos de uísque na mão. Seria da sua imaginação, ou o ruído estava a abrandar?

- Canta-nos alguma coisa! - gritou um homem lá de trás. Outros berraram a concordar. Não lhe ocorria nada a não ser uma canção, totalmente inapropriada, completamente deslocada.

- Canta, Angel! - O ruído aumentou de novo como uma onda na maré alta, e o pianista começou a tocar uma melodia obscena que os homens reconheciam. Alguns começaram a cantar em altas vozes, perdidos de riso.

Canta, bem-amada.

Ela fechou os olhos para não ver os homens e começou a cantar. Não a canção que estava a ser tocada, mas uma outra. Uma canção de há muito tempo. E enquanto cantava estava de novo junto ao poço com Michael e Miriam, debruçados do lado a cantarem-na lá para baixo, com a harmonia e a música a erguerem-se para a envolver. Imaginou Michael e Miriam a ladeá-la. Quase conseguia ouvir o riso caloroso de Miriam. «*Mais alto, tontinha. De que tens medo? Sabes cantar. É claro que sabes cantar.*»

E depois a voz de Michael ecoou: «*Mais alto, Tirza. Canta como quem acredita.*»

Mas eu não acredito. Tenho medo de acreditar. Parou abruptamente e abriu os olhos, com a mente subitamente vazia. A letra da canção tinha-se ido. Desaparecera.

A sala estava em silêncio, com todos os homens a fitarem Angel, ali sozinha no palco vazio. Sentia a ardência das lágrimas nos olhos. *Oh, meu Deus, fazei-me acreditar!*

Alguém começou a cantar por ela, recomeçando onde ela tinha parado. A sua voz era forte e grossa, tão parecida com a de Michael que o coração de Angel lhe deu um salto no peito. Procurou-o e viu-o perto do bar, um homem alto e grisalho com um fato de negócios escuro.

Tão depressa como tinham desaparecido, as palavras voltaram-lhe à mente, e ela cantou com ele. Ele avançava lentamente por entre a multidão que se afastava à sua passagem. Parou junto ao palco e sorriu-lhe. Ela retribuiu o sorriso. Depois voltou a olhar à volta para os homens, todos em silêncio agora, atordoados. Alguns não conseguiam encará-la, e desviavam o olhar, envergonhados.

- Porque é que estão todos aqui? - gritou ela, tão à beira das lágrimas que receava que a sufocassem. - Porque é que não estão em casa com as vossas mulheres e os vossos filhos ou as vossas mães e irmãs? Não sabem que sítio é este? Não sabem onde estão?

As cortinas abriram-se por trás dela e as dançarinas entraram em palco a toda a velocidade. O pianista recomeçou a tocar e as jovens começaram a cantar em vozes muito altas à volta dela, a lançarem as suas pernas nuas bem alto. Alguns dos homens começaram a bater palmas e a dar vivas. Outros deixaram-se ficar ali em silêncio, envergonhados.

Angel saiu lentamente do palco. Viu o Duque à sua espera, com uma expressão nos olhos que nunca lhe vira antes. Bagas de suor cobriam-lhe a testa e o seu rosto estava pálido de fúria. Agarrou-lhe brutalmente o braço e arrastou-a para as sombras.

- O que é que te levou a fazer uma coisa estúpida como aquela?

- Foi Deus, penso eu - disse ela, atordoada. Sentia júbilo, e a presença de um poder tão imenso que estava a tremer. Ergueu a cabeça a olhar para o Duque e já não sentia medo dele.

- *Deus?* - Ele cuspiu a palavra. Os seus olhos chispavam.
- Vou matar-te. Devia ter-te matado há muito tempo.

- Tem medo, não tem? Consigo sentir-lhe o cheiro. Tem medo de algo que nem sequer consegue ver. E sabe porquê? Porque o que o Michael tem é mais poderoso do que o Duque alguma vez foi, alguma vez poderia ser.

Ele ergueu a mão para lhe bater, mas um homem falou em voz baixa por trás dele.

- Se tocar nessa jovem, tratarei de o mandar enforcar.

O Duque girou nos calcanhares. O homem que tinha cantado com ela estava a uns passos de distância. Era ligeiramente mais baixo do que o Duque e muito mais magro, mas havia algo nele que lhe conferia uma aura de força e autoridade. Ela olhou para o Duque para ver se ele também o sentia, e viu que sim, de facto. O seu coração começou a bater descompassado.

- Quer ir-se embora, menina? - perguntou o estranho.

- Sim - disse ela. - Sim, quero. - Não questionou o destino proposto ou as intenções dele. Bastava que tivesse uma maneira de escapar, e agarrou-se a ela. Esperava que o Duque ameaçasse o homem por ter interferido, mas ele manteve-se ali, em silêncio e pálido, com os dentes cerrados. Quem *era* este homem?

Descobriria mais tarde. Começou a dirigir-se a ele, mas parou. Não podia partir ainda. Virou-se para o Duque.

- Dê-me a chave, Duque. - Os dois homens olharam para ela, um intrigado, o outro lívido de raiva. E de algo mais. Medo. - A chave - repetiu ela, estendendo a mão.

Como o Duque não lha deu, ela abriu-lhe a camisa à força, agarrou a corrente e quebrou-a. Ele fitava-a em estado de choque, com o suor a escorrer-lhe pelas têmporas. Ela olhou-o nos olhos.

- Não pode tê-la. - Segurou a chave na sua mão fechada mesmo por baixo do nariz dele. - Arda no inferno, Duque. - Olhou para o homem que estava ali em silêncio, a observar os dois. - Espere por mim, por favor.

- Não vou a lado nenhum sem si, minha senhora - disse ele muito calmamente.

Ela correu ao andar de cima, ao quarto ao lado do seu, e destrancou-o. A criança que estava deitada na cama acordou imediatamente e sentou-se, com os seus olhos azuis arregalados de medo. Recuou, com o seu vestido cor-

de-rosa a enrodilhar-se à volta dos joelhos. Tinha cabelo louro claro atado com fitas de cetim cor-de-rosa.

Angel mordeu o lábio. Era como olhar para um espelho e ver-se há dez anos, mas não podia ficar ali parada, a afogar-se em dor. Tinha de tirar aquela criança dali. Agora. Avançou rapidamente.

- Está tudo bem, minha querida. Eu sou a Angel, e tu vens comigo. - Estendeu-lhe a mão. - Anda daí. - Inclinou-se e pegou na mão da menina. - Não temos muito tempo.

Quando saíram para o corredor, Angel viu Cherry a alguns passos, com a boca aberta de surpresa e esperança louca.

- Vem connosco - disse Angel. - Não tens de ficar aqui, mas tens de vir *já*.

- O Duque...

- Vem *já*, ou vais passar o resto da tua vida num sítio como este. Ou algo pior.

- Deixe-me ir buscar as minhas coisas...

- Esquece tudo. Deixa-as ficar. Nem sequer olhes para trás. - Desceu o corredor a toda a pressa. Cherry ficou parada, indecisa por um momento, e depois correu atrás dela. Desceram juntas as escadas, e o estranho estava lá à espera. Não se via o Duque em lado nenhum. Quando o homem olhou para as duas crianças com ela, o seu rosto encheu-se de ira.

- Eu não vou sem elas - disse Angel.

- É claro que não.

Ela acenou para a porta dos artistas.

- Podemos sair por ali.

- Não. - O seu olhar era duro. - Vamos sair para o palco e daí pelas portas da frente.

- *O quê?* - disse Angel. Estaria louco? - Não podemos!

- É o que faremos. Vamos lá. - O seu rosto estava lívido. - Vamos desmascarar este homem, mostrar o diabo que é. - A menina pequena estava a chorar agarrada à saia de cetim azul de Angel, e Cherry mantinha-se também junto a ela. -

Espere, eu levo a criança ao colo – disse o homem, mas quando deu um passo para a menina, ela tentou desesperadamente esconder-se por trás de Angel.

– Ela não vai deixar que lhe toque – disse Angel, ajoelhando-se e abraçando-a. – Segura-te bem, minha doçura. Eu vou levar-te. – Olhou para cima, para o estranho, e disse com firmeza: – Não vamos deixar que ninguém te faça mal. O Duque não nos vai impedir de ir embora. – As pernas da menina fixaram-se à volta da cintura de Angel quando ela se endireitou. Os seus braços magrinhos agarraram-se ao pescoço de Angel, e ela apelou ao homem. – Pela outra saída seria mais seguro.

– Esta é a melhor. – Afastou a cortina.

– Há uma dúzia de homens que nos vão deter.

– Não há um homem naquela sala que me toque.

– Quem é que julga que é? *Deus?*

– Não, minha senhora. Só Jonathan Axle, mas sou dono de um dos maiores bancos de São Francisco. Ora bem, vamos lá?

Não estava a dar-lhe outra opção. Angel apertou mais ao peito a criança trémula.

– Fecha os olhos, minha doçura. Vamos-te tirar daqui. – Ou morrer a tentar.

Cherry manteve-se junto a ela enquanto Jonathan Axle as conduzia para o meio do palco. A música suspendeu-se numa nota discordante e as dançarinas pararam de dançar, confusas. Angel olhou à sua volta e viu as expressões chocadas nos rostos dos homens. O Duque não se via em lado nenhum. Nem o homem que a tinha guardado.

– Vamos lá – disse Axle em voz baixa, com a mão firme mas delicada a apoiar o braço dela. Angel desceu os degraus para o meio da sala. Os homens abriam alas à sua passagem.

Muitos dos clientes estavam a fitar Cherry, vestida e maquilhada como uma mulher da má vida, embora fosse claramente ainda uma criança. Os homens recuavam para

abrir um caminho à sua frente. Os gemidos da criança pareciam encher a sala.

Os homens começaram a falar em vozes baixas e atordoadas. Angel ouviu alguns dos comentários ao passar.

- Para que é que ele teria uma pequerrucha como aquela num sítio destes?

Angel parou e olhou para ele.

- Para que é que acha que era? - disse em voz baixa, amargurada, e viu a boca do homem abrir-se ao compreender, horrorizado.

Erguiam-se vozes como uma grande vaga atrás de Angel, que detetou a violência nelas. Os homens queriam sangue, mas não o dela. Saiu para o ar da noite e respirou fundo, sem sequer se dar conta de que tinha estado a sustentar a respiração.

- Por aqui - disse Axle. - Peço perdão, mas não trouxe a carruagem. São vários quarteirões. Conseguem ir a pé?

Angel acenou com a cabeça e passou o peso da criança para a outra anca. Seguiu-o a alguma distância em silêncio e depois perguntou:

- Para onde nos vai levar?

- Para a minha casa.

Angel semicerrou os olhos.

- Para quê?

- Para que a minha mulher e a minha filha possam atender às vossas necessidades enquanto eu penso no que deve fazer-se quanto àquele sítio. Devia ser incendiado, e aquele diabo arder com ele.

Angel sentia-se embaraçada pela sua desconfiança, mas não sabia nada sobre este homem, apesar da sua aparente simpatia. O facto de ser banqueiro não significava que fosse um homem com boas intenções. Já conhecera banqueiros em tempos.

O peso da criança parecia aumentar com cada passo que Angel dava. Doíam-lhe os músculos, mas continuava a andar. Cherry estava sempre a olhar para trás, preocupada.

- Acha que ele vem atrás de nós?

- Não - garantiu-lhe Angel e depois dirigiu uma pergunta a Axle. - Porque é que me ajudou assim? Eu sou uma estranha para si.

- Foi o que cantou. O Senhor não podia ter-me deixado mais claro que eu devia tirá-la dali.

Ela lançou-lhe um olhar de surpresa. Não disse nada durante algum tempo, mas não conseguia parar de pensar naquilo.

- Mr. Axle, tenho de ser sincera consigo.

- Sobre o quê?

- Não acredito em Deus. - Sentiu uma dor lancinante ao dizer aquilo.

Não acredita?

A pergunta veio de dentro de si, de muito fundo, e ela franziu a testa. Apelara a Deus no seu medo, e aqui estava ela. E depois havia aquela voz... tê-la-ia imaginado? As palavras seguintes de Axle ecoaram a sua perplexidade.

- Não? Soou bastante convincente lá no casino.

- Sentia-me morta de medo, e era a única canção de que conseguia lembrar-me.

Ele sorriu.

- Há algo nisso.

- Não acredito num velho homenzinho encarquilhado com uma barba branca comprida sentado num trono a olhar por mim.

Ele soltou uma risada.

- Eu também não. Creio em algo muito maior do que isso. E vou dizer-lhe outra coisa. - O seu sorriso era meigo. - Só porque não acredita no Senhor isso não significa que o Seu poder não esteja a trabalhar para si.

Ela pestanejou. Sentiu um aperto na garganta e vergonha. Tentara de todas as maneiras escapar ao Duque e não fora capaz de o fazer. E depois esta noite, um só hino religioso que Michael lhe ensinara dera resultado. Como? Não fazia sentido nenhum. Aquela voz dissera *A minha*

vontade, mas tudo o que ela fizera realmente fora a única coisa que lhe viera à mente. E este homem avançara vindo não se sabia de onde.

Umas palavras que Michael lera vieram-lhe à mente. *«Ainda que atravesse vales tenebrosos, de nenhum mal terei medo, porque Tu estás comigo.»*

O Duque tivera medo de Angel. Ela não se enganara quanto a isso.

Não de ti, Sarah. De mim.

Estremeceu e ficou com a sua pele pálida arrepiada mais uma vez, ao mesmo tempo que o seu coração de abria completamente. *Ó Deus, neguei-Vos tantas vezes. Como pudestes vir em meu socorro agora?*

Embora me negues, amo-te com um amor eterno.

O que aconteceu? Nem sequer sei. Como conseguimos escapar? Oh, Jesus, não compreendo. Simplesmente não compreendo como o fizestes.

Começou a choviscar, e a pesada neblina da baía cerrava-se à volta deles. Cherry encostou-se mais a Angel enquanto caminhavam.

- Tenho frio - segredou.

- Ainda fica muito longe, Mr. Axle? - A sua voz tremia, mas não do frio.

- É ao cimo da colina.

Ela viu uma grande casa a surgir lá em cima. Ele era mesmo rico. A chuva caía agora com força, e a ideia de se abrigar deu-lhe forças. Via-se luz nas janelas. Julgou avistar uma senhora a espreitar por uma cortina. Jonathan Axle abriu o portão. A porta abriu-se antes de ele chegar a meio caminho dela e uma senhora alta e delgada, com o cabelo apanhado para trás, apareceu severamente em frente a eles. Angel não conseguia ver o rosto da senhora, mas o coração caiu-lhe aos pés. O que iria esta senhora dizer de o seu marido trazer para casa três prostitutas, independentemente da tenra idade de duas delas?

- Para dentro antes que o frio e a chuva façam das suas - ordenou a senhora. Estava claramente agitada. Angel não sabia se ela estava a dirigir-se a Jonathan Axle ou a todos eles, e estacou, sem saber o que fazer. - Entrem, entrem - disse a senhora, fazendo-lhe um sinal.

Jonathan pôs a mão por baixo do braço de Angel.

- Não precisa de ter medo dela - disse, divertido. - Ladra mais do que morde. - Angel encheu-se de coragem e continuou a avançar no caminho para a casa. Talvez a senhora as deixasse secarem-se antes de voltar a pô-las na rua.

Entrou, com Cherry logo atrás, e olhou à sua volta antes de encarar a senhora, que, surpreendentemente, afinal era jovem e atraente, apesar do penteado que não a favorecia e do vestido austero.

- O lume está aceso ali dentro - disse ela e conduziu-as para dentro de uma sala grande mobilada de modo simples mas confortável. - Sentem-se, por favor.

Angel sentou-se. Olhou para a jovem e viu que ela estava também a olhá-la com uma curiosidade indisfarçada. Mirou-as às três da cabeça aos pés.

- Está tudo bem - segredou Angel à criança, que tremia de medo, fazendo-lhe festas nas costas a sossegá-la. Mas estaria?

A criança descontraiu-se nos seus braços e afastou-se o suficiente para olhar à sua volta. Cherry estava sentada no sofá ao lado dela, com as costas direitas e o rosto muito pálido e assustado. A jovem olhou para Jonathan Axle a pedir uma explicação. Se estava chocada com o que elas claramente eram, não o mostrou.

- Pai, o que é que aconteceu?

- A minha filha, Susanna - disse Jonathan Axle, e a jovem acenou com a cabeça e fez um sorriso hesitante e perplexo. - Receio bem não saber como se chamam - disse em jeito de desculpa.

- O meu nome é Angel. Esta é a Cherry, e... - Parou, apercebendo-se de repente que nem sequer sabia o nome da criança. - Querida - disse meigamente, erguendo o queixo da menina. - Como é que te chamas? - O lábio da criança tremeu, e ela sussurrou alguma coisa antes de voltar a enterrar a cabeça no ombro de Angel. - Faith - disse Angel. - O nome dela é Faith.

- São precisos uns cobertores, Susanna. Encarregas-te disso enquanto procuro a tua mãe?

- A Mamã está na cozinha a aquecer a sua ceia - disse ela com um sorriso, e saiu a toda a pressa da sala.

- Perdoem-me por um momento - disse Jonathan, e deixou-as sós.

Cherry encolheu os ombros e começou a chorar mal ele saiu da sala.

- Tenho medo. O Duque vai matar-me.

- O Duque nunca mais vai voltar a tocar em ti. - Angel pegou na mão dela. - Estamos todas com medo - disse suavemente -, mas penso que podemos confiar nestas pessoas. - Tinham de confiar. Que outra opção lhes restava?

Jonathan voltou com uma senhora pequena com uns olhos de um azul vivo. Chamava-se Priscilla. Angel via as semelhanças entre mãe e filha. Priscilla rapidamente assumiu o controlo.

- A primeira coisa que há a fazer é despirem essas roupas molhadas, meninas - disse, e conduziu-as ao andar de cima. - Depois vêm à cozinha comer uma bela refeição comigo e com o Jonathan.

Abriu uma porta no lado direito do corredor, revelando um quarto espaçoso.

- As duas meninas mais novas vão partilhar este quarto - disse. - E a Angel pode partilhar o quarto da Susanna. Fica do outro lado do corredor.

Angel perguntou-se o que Susanna teria a dizer a isso.

Priscilla trouxe roupas secas para todas, surpreendendo Angel ainda mais. Teria guarda-fatos de todos os tamanhos ou outras filhas que ela ainda não vira? Os vestidos eram de um tecido de lã simples e prático, e confortáveis. Angel fez uma trouxa dos vestidos que ela, Cherry e Faith tinham tirado e meteu-os no balde perto do fogão de sala.

Susanna estava à espera para as levar para a cozinha no andar de baixo, onde Priscilla serviu uma sopa substancial de carne de vaca e vegetais acompanhada por pão ázimo. Jonathan comeu com elas. Angel recusou café quente a favor de um copo de leite fresco. Ao seu lado, Faith estava a ficar sonolenta. O *khol* da pintura dos olhos de Cherry estava borratado. Parecia pálida, mas menos assustada.

Priscilla pousou delicadamente as mãos nos ombros de Cherry e encostou a sua face à face macia da menina.

- Vem daí, minha filha, estás pronta para ir para a cama. - Estendeu a mão a Faith e, espantosamente, a criança pegou nela. Angel sentiu um grande fardo sair-lhe de cima dos ombros.

Susanna pôs-se a levantar a mesa.

- Porque é que não vão os dois para a sala sentarem-se confortavelmente, Pai? Só não falem de nada que seja importante até eu ir juntar-me a vós.

- Sim, minha querida - disse Jonathan num tom fingido de submissão. Piscou o olho a Angel ao mesmo tempo que se levantava da mesa. - É melhor fazermos o que nos mandam.

Angel sentou-se perto do fogão de sala, nervosa e preocupada. O que iria acontecer às três no dia seguinte? Jonathan aproximou-se de uma pequena mesa a um canto. Ela viu-o servir-se de uma bebida. Ele olhou para ela por cima do ombro. - Quer beber um pouco de sidra?

- Não, obrigada.

Ele sorriu ligeiramente e pousou o decantador. Sentou-se num sofá confortável em frente a ela.

- Estão em segurança aqui.

- Eu sei. Mas por quanto tempo? - disse ela, surpreendendo-se a si mesma com a sua frontalidade.

- Ninguém vos vai pôr fora, Angel. Podem ficar connosco enquanto quiserem.

Angel entreabriu os lábios. Ardiam-lhe os olhos, e mordeu o lábio, mas não conseguia falar. Ele sorriu.

- São muito bem vindas - disse. Ela encostou a cabeça às costas do cadeirão e tentou recuperar o controlo das suas emoções.

- Pergunto-me o que é que ele fará - disse, quase para consigo.

Jonathan não teve de perguntar quem lhe estava na mente.

- Se ele estava em qualquer parte daquele edifício depois de nós sairmos, a estas horas já deve estar pendurado de um poste. Infelizmente, não penso que seja assim tão estúpido.

- Não, o Duque é tudo menos estúpido. - Suspirou pesadamente. - Estão a ser muito bondosos para connosco. Obrigada.

- «Porque tive fome e deste-me de comer, tive sede e deste-me de beber, era peregrino e recolhestes-me, estava nu e deste-me que vestir, adoeci e visitaste-me, estive na prisão e foste ter comigo,» - citou ele. - É-lhe familiar?

Michael lera-lhe aquelas palavras uma vez, logo depois de ter acolhido os Altman e ela lhe perguntar porque o fizera. As recordações dele eram tão fortes que não conseguiu falar.

Jonathan Axle viu grande sofrimento nos olhos daquela jovem e quis atenuá-lo. Ela parecia absolutamente inconsciente da magnitude dos seus atos, da coragem que fora necessária.

- É com agrado que partilharemos o que temos. - Afinal, nada realmente lhe pertencia. Só era seu guardião.

Conversaram pela noite dentro. Ela contou-lhe mais do que alguma vez contara a qualquer outro ser humano, até

mesmo a Michael. Talvez fosse por Jonathan Axle ser ainda um estranho benevolente que ela se sentia tão livre para falar. No entanto, não parecia de modo nenhum um estranho.

Angel encostou a cabeça para trás, cansada.

- Para onde vou daqui, Mr. Axle?

- A decisão cabe-lhe a si. - Jonathan sorriu. - E a Deus.

*

Priscilla acordou quando Jonathan entrou no quarto deles. Ele despiu-se e enfiou-se na cama, puxando-a a si. O corpo da sua mulher estava quente e macio, e a mão dela veio pousar no seu peito.

- Tenho realmente de perguntar, Jonathan. O que estavas a fazer num lugar como aquele?

Ele riu-se baixinho e beijou-lhe a testa.

- Não sei realmente, meu amor.

- Mas tu não bebes nem jogas - disse ela. - O que te deu?

- Foi um dia estranho, Priss. Algo me roía por dentro desde o meio-dia. Não conseguia descobrir o que era.

- Está tudo bem no banco?

- Mais do que bem. Simplesmente senti a necessidade de dar uma volta. Foi por isso que enviei recado a dizer que chegaria tarde. Ia a passar por aquele sítio e ouvi aquele diabo a fazer um discurso. O casino estava em tal tumulto que entrei para ouvir o que ele estava a dizer.

- Mas porquê? Tu abomina-lo.

- Não sei porquê. Simplesmente me senti *compelido*. Ele estava a apresentar a Angel. Era obsceno. Não eram propriamente as suas palavras. Eram os seus modos, a insinuação. Não consigo explicar. Senti-me como se estivesse num templo pagão e ele fosse o sacerdote a apresentar uma nova prostituta do templo.

- Porque é que não te vieste embora?

- Pensei nisso, mas de cada vez que sentia esse impulso algo me dizia que aguardasse. E depois a Angel entrou em

palco.

- Ela é muito bela - disse Priscilla em voz baixa.

- Não foi a beleza dela que me deteve, meu amor. Ela era tão nova e dirigiu-se para o centro daquele palco com tanta dignidade calma. Não podes sequer imaginar, Priss. Aqueles homens eram como todos os cães do inferno a uivarem-lhe. E depois ela começou a cantar. Cantava tão baixo ao princípio que ninguém conseguia ouvi-la. Depois, o ruído desvaneceu-se até aquele sítio ficar em silêncio e só se ouvir a voz dela.

Sentiu um nó na garganta e a ardência das lágrimas.

- Ela estava a cantar o hino religioso «Rock of Ages».

Trinta e Dois

*Deus age de modo misterioso
Para os Seus milagres realizar...*

WILLIAM COWPER

Miriam viu Paul ensimesmado à ceia. Mal comera um pouco do guisado, e o seu café estava frio na caneca. Nem sequer precisava de perguntar o que se passava de errado.

- Foste ver o Michael.

- Fui - disse ele num tom desanimado. Empurrou o prato para trás e o seu rosto ensombrou-se. - Já não o compreendo. Não o compreendo mesmo.

Miriam aguardou, com a esperança de que ele dissesse mais alguma coisa, de que desta vez ele se explicasse. Estava zangado e frustrado, mas algo mais o atormentava, algo profundo e invisível, algo que o tolhia. Um cancro da alma.

Paul falou por entre os dentes cerrados.

- Quando é que ele vai desistir? Destroça-me vê-lo de joelhos por causa daquela mulher. - Respirou fundo. - Miriam, apeteceu-me bater-lhe. - Cerrou a mão em punho. - Apetecia-me abaná-lo. Estava a rezar quando cheguei lá a casa. De joelhos no celeiro, a rezar por *ela*.

Miriam não conseguia compreender a animosidade do marido.

- Mas porque não havia de estar, Paul? Ela é a mulher dele e ele ainda a ama.

O rosto dele contraiu-se numa expressão dura.

- Mulher? Não vês o que ela lhe fez?

- Ela disse-me que ia embora porque achava que era melhor para ele.

Ele arrastou a cadeira para trás abruptamente.

- Acreditas nisso? Tu nunca a conheceste. Não realmente. Ela era fria como o aço, Miriam. Era uma prostituta de Pair-a-Dice. Nunca teve outros sentimentos pelo Michael a não ser sentimentos de conveniência. Não no princípio e nem no fim. Ela não tem coração. Não sejas tão tonta!

Os olhos de Miriam encheram-se de lágrimas com o ataque do marido. Vira o seu pai ficar zangado muitas vezes, mas nunca atacara as pessoas que o amavam. Não conseguiu manter-se em silêncio.

- És tu que nunca a conheceste, Paul. Nem sequer tentaste.

- Não a defendas perante mim! Eu conhecia-a - disse ele asperamente. - Conhecia-a melhor do que tu ou o Michael. Vocês os dois viram o que ela queria que vissem. Eu vi o que ela era realmente.

Miriam ergueu a cabeça. Não ia deixar-se ficar sentada em silêncio enquanto ele insultava a sua amiga.

- Tu viste a Amanda como um qualquer ser vil que nem sequer era merecedora da tua cortesia mais básica.

O rosto dele ficou lívido.

- Estás a repreender-me por eu não me ter deixado enfeitiçar por ela como vocês? *Na minha própria casa?*

Miriam entreabriu os lábios. Foi como se ele lhe tivesse trespassado o coração com uma espada.

- Então, é só a tua casa agora, embora sejamos casados?

- perguntou numa voz estrangulada. - Eu sou só uma convidada até tu decidires pôr-me fora. Deus me ajude se eu fizer algo de errado, se eu mostrar que sou falível.

Paul arrependera-se das suas palavras ainda antes de ela começar a falar.

- Miriam, eu não...

A fúria dela estava a aumentar rapidamente.

- Suponho que não tenho direito aos meus próprios pensamentos ou crenças se forem contrários aos teus. É isso, Paul? - Pôs-se de pé e apontou para a porta. - Se quiser dizer o que penso, tenho de ir lá para fora para o fazer. Ou, melhor ainda, assegurar-me de que estou do outro lado do extremo da tua propriedade!

A culpa matou o remorso dele. As palavras de Miriam aguilhoaram-lhe a consciência, e atacou de novo, a defender-se.

- Sabes que não era isso o que eu queria dizer! - Quando ela começou a chorar, ele esmoreceu. - Miriam, não chores - gemeu.

- Já não sei o que queres dizer, Paul. Estás roído de azedume. Andas com o teu ódio como uma bandeira, sempre a adejá-la. Recusas-te a dizer o que foi que a Amanda te fez para a odiar e isso leva-me a pensar se não terás tido responsabilidade no caso! - Paul sentia o calor subir-lhe ao rosto e a fúria a crescer com ele. Começou a defender-se, mas Miriam ainda não tinha acabado de falar. - Nunca teria vindo ter contigo como vim se não fosse a Amanda.

- De que é que tu estás a falar?

Miriam baixou a voz.

- Não teria tido a coragem para o fazer. - Via que ele não compreendia, mas não podia explicar. Sentia a garganta tão apertada de dor que só queria sentar-se e pôr a cabeça entre as mãos. Mesmo que pudesse contar-lhe, ele nunca a ouviria. Era surdo a tudo o que tivesse a ver com a bondade de Amanda.

O rosto dela estava a contrair-se como o de uma criança magoada, e ele sentiu um nó no estômago.

- Amo-te - disse em voz rouca. - Miriam, eu amo-te.

- Não te comportas como se me amasses.

- A Angel meteu-se entre mim e o Michael. Não deixes que se meta entre nós também.

- Tu é que a puseste lá!

- Não, não pus - disse ele agressivamente. - Não consegues ver o que ela faz? - Queria implorar-lhe que o escutasse. Não suportava a expressão no rosto dela. - Ela deu cabo do Michael - disse ele, com a voz embargada.

- O Michael está mais forte agora do que alguma vez foi.

- É por isso que ele está de joelhos?

- Está a lutar por ela da única maneira que pode.

- Miriam, ela enfiou-lhe os anzóis e depois despedaçou-o.

- És realmente assim tão cego? Foi o Michael que despedaçou todas as defesas *dela*. Ela *ama-o*!

- Se isso fosse verdade, ela não teria ficado? Nada poderia tê-la levado a ir embora. Mas não ficou, pois não? Deixou-o, assim, sem mais. - Estalou os dedos. - E aqui estás tu a tentar dizer-me que ela tem coração.

Miriam sentou-se pesadamente e olhou para o rosto azedo do marido. Pensara realmente que poderia salvá-lo sozinha? Que arrogância! Ele estava mais longe dela agora do que se tivesse voltado para as montanhas para procurar ouro. Ela só sabia o que sentia.

- Eu também a amo, Paul, tanto como a qualquer uma das minhas irmãs de sangue. Seja o que for que penses dela, eu *conheço-a*, e vou rezar todos os dias da minha vida para que ela volte.

Paul bateu com a porta com força ao sair de casa.

*

Angel estava deitada na cama a fitar o teto. Sabia que fizera o que devia, mas por vezes ansiava tão intensamente por Michael que era como uma dor física. Estaria bem? Estaria feliz? Com certeza já teria desistido dela. Teria acabado por compreender que nunca tinham estado destinados a ficar juntos. Sabia que Michael nunca lhe

perdoaria, mas ele poderia seguir em frente com a sua vida. Teria Miriam. Poderia ter filhos.

Não podia permitir-se matutar naquilo. Se o fizesse, afogar-se-ia em pena de si mesma. Estava acabado, terminado, ficara para trás. Ela tinha de seguir em frente. Fechou os olhos, a tentar recalcar a dor. Levantou-se e vestiu-se, pensando nas coisas maravilhosas que tinham acontecido.

Cherry estava instalada com um casal que tinha uma padaria. Estava feliz e a adaptar-se à sua nova vida. A pequena Faith fora adotada por uma família batista e vivia agora em Monterey com os seus novos irmãos. E ela estava a aprender a ler e a escrever, porque chegara o momento.

Por mais que Angel adorasse viver com os Axle, sabia que não poderia ficar com eles para sempre. Já tinham sido extraordinariamente bondosos, providenciando-lhe abrigo, proteção e amizade. Tinham-lhe até oferecido novas indumentárias. Dada a escolher o que preferia, ela pediu roupas de lã de estilo simples em cinzento claro e castanho.

Susanna era quem insistia em a ensinar. Angel desesperava de chegar a aprender o que a sua nova amiga explicava, mas ela insistia.

- Tu és rápida, vais acabar por compreender. Não esperes tanto de ti mesma tão cedo. - As lições eram difíceis, e Angel perguntava-se se todo aquele esforço valeria a pena.

Pensou em voltar a trabalhar para Virgil, mas rejeitou a ideia. De algum modo, sabia que não era isso que estava destinada a fazer. Mas o que seria?

Susanna levava-a consigo quando ia às compras para a família. Andavam pelas lojas a comprar carne, vegetais, pão e outros artigos. Angel aprendeu a regatear os preços. Não era muito diferente de vender panelas aos mineiros. Sabia como fazer *bluff*. Sabia como fingir indiferença. E usualmente obtinha o que Susanna queria por um preço baixíssimo.

- Um olhar aos teus olhos azul-bebé e praticamente põem-te nas mãos as coisas de graça. Viram-se do avesso para te servirem. - Susanna ria-se. - E imagina só, receberes um pedido de casamento no mercado.

- Não foi um pedido de casamento, Susanna. Foi uma abordagem. Há uma grande diferença.

- Bem, não estejas com um ar tão sombrio. Disseste que não, e muito delicadamente, também, posso acrescentar.

Talvez, se ela usasse serapilheira, os homens não reparassem nela. Mesmo vestida de cinzento, as cabeças dos homens viravam-se quando ela passava. Poucos a incomodavam, e ela suspeitava que era mais porque Susanna Axle estava ao seu lado do que devido à sua nova pureza. Os Axle eram bem conhecidos e altamente respeitados na comunidade. Angel perguntava-se o que aconteceria se saísse de baixo das suas asas protetoras. Ao primeiro sinal de dificuldade, cederia de novo? Era um pensamento que a fazia engolir o seu orgulho e aceitar a boa vontade continuada dos Axle.

Começou até a ir à igreja com eles, sentindo-se resguardada e protegida com Jonathan e Priscilla de um lado e Susanna do outro. Escutava atentamente as palavras de salvação e redenção, embora sentisse que não tinha direito a elas. Sentia tanta fome e tanta sede que ansiava ofegante como um veado pela água da vida - recordando, enquanto escutava a palavra de Deus, o sonho que tivera no bordel do Duque em Portsmouth Square.

Oh, meu Deus, éreis Vós a falar comigo, não éreis? Éreis Vós. E naquela noite na cabana há tanto tempo, quando senti aquela maravilhosa fragrância e pensei ter ouvido alguém falar comigo, éreis Vós.

Tudo o que Michael lhe dissera, tudo o que fizera, tinha agora sentido para ela. Ele vivera Cristo para que ela pudesse compreender.

Oh, Senhor, porque estava tão cega? Porque não conseguia ouvir? Porque foi necessária tanta dor para eu

ver que estáveis a estender-me a mão?

Cada domingo a seguir ao sermão, o pastor fazia um convite a quem quisesse receber Cristo como seu Salvador e Senhor. De cada vez que ele dava essa oportunidade, Angel sentia os nervos retesados.

A voz calma e baixa chamava-a ternamente.

Vem a mim, bem-amada. Levanta-te e vem a mim.

Varria-a um calor. Este era o amor por que ela esperara toda a vida. No entanto, não conseguia dar um passo. *Oh, Michael, se ao menos estivesses aqui comigo hoje. Se ao menos estivesses aqui para avançar comigo, talvez então eu tivesse a coragem.*

Cada domingo, fechava os olhos, tentando arranjar coragem para atender ao chamamento – e cada domingo fracassava. Deixava-se ficar sentada, a tremer, a saber que não era digna, a saber que depois de tudo o que dissera contra Deus não tinha o direito de ser sua filha.

No quarto domingo, Susanna inclinou-se para ela e segredou:

– Queres avançar, não queres? Já o queres há semanas.

Com uma ardência nos olhos e um nó na garganta, Angel acenou com a cabeça uma vez e baixou-a, comprimindo os lábios. Sentia medo, tanto medo que estava a tremer. Que direito tinha de se apresentar a Deus e receber a Sua misericórdia? Que direito?

– Eu acompanho-te? – disse Susanna, e pegou-lhe firmemente na mão.

Foi o caminho mais longo da vida de Angel, percorrer a coxa e encarar o pastor lá na frente. Ele estava a sorrir e com os olhos brilhantes. Ela pensou em Michael e sentiu um acesso de angústia. *Oh, Michael, quem me dera que estivesses aqui comigo agora. Quem me dera que estivesses aqui para ver isto. Alguma vez saberás que riscaste o fósforo e trouxeste luz às minhas trevas?* O seu coração encheu-se de gratidão. *Oh, meu Deus, ele ama-Vos tanto.*

Não chorou. Tinha anos de prática a conter as suas emoções, e não cederia a elas agora diante destas pessoas todas, nem sequer com Susanna Axle ao seu lado. Sentia os olhos de todos na igreja postos nela, a observar cada um dos seus movimentos, à escuta de qualquer comoção na sua voz. Não podia fazer fraca figura.

- Crês que Jesus é o Cristo, o filho do Deus Vivo? - perguntou-lhe o pastor.

- Creio - respondeu ela com uma dignidade grave, e fechou os olhos por um momento. *Oh, meu Deus, perdoai a minha descrença. Torna a minha fé maior do que uma semente de mostarda, Jesus. Permite que ela cresça. Por favor.*

- E dás a tua vida a Jesus agora perante estas testemunhas? Nesse caso, podes indicá-lo dizendo *Sim*?

Palavras próprias de uma cerimónia de casamento. Um sorriso triste aflorou-lhe aos lábios. Com Michael, dissera «Porque não» em vez de «Sim»; esgotara a sua capacidade de resistência e sentira que não tinha outra opção. Sentia-o agora também. Chegara ao fim das suas lutas, ao fim do seu combate para sobreviver sozinha. Necessitava de Deus. Queria-o. Ele tirara-a da sua velha vida quando ela não tinha fé. E agora que ela sabia que Deus realmente estava ali, Ele estendia-lhe a mão e fazia-lhe uma proposta.

Oh, Michael, era isto o que tu querias para mim, não era? Era a isto que te referias quando disseste que um dia eu teria de fazer uma escolha.

- Angel? - disse o pastor, perplexo. As pessoas estavam todas com a respiração suspensa, imóveis.

- Sim - respondeu ela, sorrindo radiante. - Sim, com toda a certeza.

Ele riu-se. Virando-se para os fiéis, disse:

- Esta é a Angel. Uma nova irmã em Cristo. Dai-lhe as boas vindas.

E eles fizeram-no.

Porém, as coisas não podiam ficar como antes. Ela sentia-o na sua alma. Não estava destinada a permanecer neste casulo seguro, protegida pelos Axle. Mais cedo ou mais tarde, teria de os deixar e descobrir se seria capaz de sobreviver sozinha.

Primeiro, contudo, teria de decidir o que iria fazer com a sua vida.

*

Com as compras arrumadas na cozinha, Angel subiu ao seu quarto. Despiu a sua capa escura e pendurou-a junto à porta. Priscilla dera-lhe o quarto que Cherry e Faith tinham partilhado. Era espaçoso, confortavelmente mobilado e havia um fogão de sala ao canto. Alguém acendera o lume. Angel afastou para o lado as cortinas de renda e olhou lá para fora.

O nevoeiro estava a vir do mar, com baforadas de névoa a passarem pela vidraça. Ela via o cais e uma floresta de navios desertos no porto. Um a um, estavam a ser desfeitos e afundados para formar um aterro.

Recordou um outro dia em que ficara à janela do andar de cima no bordel a ver Michael lá em baixo partir de Pair-a-Dice. Recordou-se de ouvir a sua voz, da agonia que provocara Magowan a infligir-lhe. Recordou Michael a rir e a correr atrás dela no campo de milho. Recordou a sua compaixão, a sua fúria indignada, a sua compreensão terna, a sua força. Recordou o seu amor intenso. E soube o que queria que ela fizesse para encontrar as respostas de que necessitava. *Reza*. Quase conseguia ver o seu rosto ao dizê-lo. *Reza*.

Fechou os olhos e soltou um suspiro de cansaço.

- Sei que não tenho o direito de pedir nada, Senhor, mas o Michael disse que eu devia. Por isso, vou fazê-lo. Jesus, se estás a ouvir-me, dizes-me por favor para onde ir daqui? Não sei o que fazer. Não posso ficar aqui para sempre e viver à custa desta boa gente. Não é correto. Tenho de

ganhar a vida neste mundo. O que queres que faça com o resto da minha vida, Jesus? Tenho de fazer alguma coisa, ou enlouqueço. Estou a pedir, Jesus, estou a implorar. O que queres que eu faça? Amém.

Deixou-se ficar sentada durante mais de uma hora, a aguardar.

Não veio nenhuma luz do céu. Nenhuma voz. Nada.

Daí a uns dias, Susanna veio ao quarto dela depois do jantar.

- Tens andado muito calada toda a semana, Angel. O que te está a incomodar? Sentes-te preocupada com o teu futuro?

Angel não ficou surpreendida por Susanna saber o que se passava. Ela parecia adivinhar os pensamentos e os sentimentos das pessoas.

- Tenho de fazer alguma coisa - disse com franqueza. - Não posso ficar aqui a viver à custa da tua família para o resto da vida.

- E não vais ficar.

- Já passaram seis meses, Susanna, e não estou mais perto de saber o que devia fazer do que na noite em que cheguei aqui.

- Já rezaste para isso?

Angel corou fortemente.

Os olhos de Susanna brilharam, e ela riu-se.

- Bem, não precisas de ficar com o ar de quem foi apanhada a fazer uma asneira.

- Não ponhas esse ar tão satisfeito - disse Angel secamente. - Deus não me respondeu.

Susan encolheu os ombros.

- Ainda não, talvez. Deus acaba sempre por responder, quando *Ele* quer, não quando tu queres. Saberás o que deves fazer quando chegar a hora.

- Quem me dera poder ter a tua fé.

- Podias pedi-la. - Susanna sorriu.

Angel sentiu uma pontada de dor.

- Recordas-me a Miriam.

- Vou tomar isso como um elogio. - A expressão de Susanna suavizou-se. - A fé em Deus também não foi fácil para mim, penses tu o que pensares. - Pôs-se de pé. - Anda daí. Quero mostrar-te uma coisa. - Estendeu-lhe a mão.

Foram para o quarto de Susanna, onde já tinham conversado muitas vezes. Susanna soltou a mão de Angel, ajoelhou-se e meteu a cabeça por baixo da colcha. Tirou uma caixa de debaixo da cama e pousou-a em cima.

- Tenho de me pôr de joelhos para a tirar - disse, sacudindo as mãos quando se levantou. - Devia limpar o pó ali de baixo um destes dias. - Enfiou um caracol solto do seu cabelo escuro no puxo e sentou-se. - Senta-te - disse, dando uma palmada na cama. Angel obedeceu, olhando com curiosidade para a caixa na cama entre as duas.

Susanna pousou a caixa no regaço.

- Esta é a minha caixa de Deus - disse. - Quando os problemas me atazanam a mente, escrevo-os, dobro o papel e meto-o por esta ranhura. Depois de estarem dentro desta caixa, são problemas de Deus, não meus.

Angel riu-se. Susanna deixou-se ficar sentada a olhar solenemente para ela, e o ar divertido de Angel desvaneceu-se.

- Estás a brincar, não estás?

- Não. Falo muito a sério. - Pousou as mãos na caixa. - Sei que soa ridículo, mas resulta. Eu sou uma pessoa que gosta de resolver as coisas, Angel. Preocupo-me. Nunca consegui simplesmente deixar correr. Quero fazer de Deus, por assim dizer. - Sorriu a troçar de si mesma. - De cada vez que o faço, as coisas dão para o torto. - Deu uma palmada na caixa. - Portanto, tenho isto.

- Uma simples caixa de chapéus castanha - disse Angel secamente.

- Sim, uma simples e vulgar caixa de chapéus, mas recorda-me que devo pôr a minha fé em Deus e não em mim mesma. O bónus vem quando vejo as minhas preces

atendidas. – Fez um esgar. – Vejo que pensas que sou louca. Queres que te mostre? – Tirou o tampo. Dentro havia dúzias de pequenos papéis, muito bem dobrados. Revolveu-os e tirou um à sorte, abrindo-o. – «A Cherry precisa de uma casa» – leu. A mensagem estava datada. – Gosto de saber quanto tempo Deus demora a responder. – Riu-se de si mesma. – Como esta prece foi atendida, não vou voltar a meter a mensagem na caixa. – Dobrou-a, pousou-a na colcha ao seu lado e tirou outra. – «Deus, dai-me paciência com o Papá. Se ele traz mais um pretendente a marido cá a casa, talvez eu vá para um convento. E Vós sabeis que eu daria uma freira muito má.» – Angel riu-se com ela. – É melhor deixar esta na caixa. – Tirou outro papel. Ficou em silêncio por um momento antes de ler. – «Por favor, fazei com que os pesadelos da Faith desapareçam. Protegei-a do ser malvado.» – Dobrou o papel e voltou a metê-lo na caixa. – Vês o que quero dizer?

– Penso que sim – respondeu Angel. – E se Deus disser que não?

Essa possibilidade não a incomodava.

– Então é porque tem outra coisa em mente, algo melhor do que eu poderia imaginar. – Franziu a testa e olhou para a caixa cheia. – Angel, nem sempre é fácil aceitar. – Fechou os olhos e respirou lentamente. – A certa altura, eu tinha a minha vida toda planeada. Mal conheci o Steven, soube exatamente o que queria e o que ia fazer. Ele era bonito e cheio de vida. Estava a estudar para ser ministro da Igreja e era um homem cheio de ardor e zelo. – Sorriu. – Nós íamos para o Oeste levar a palavra do Senhor aos índios. – Abanou a cabeça e os seus olhos encheram-se de dor.

– Ele deixou-te?

– Por assim dizer. Assassinaram-no. Foi uma coisa tão sem sentido. Ele costumava ir para as zonas piores da cidade falar com os homens nos bares. Dizia que eles necessitavam mais de Deus do que outras pessoas mais afortunadas. Não ia ser pastor de homens ricos. Ao que

parece, uma noite um homem estava a ser espancado num beco e o Steve tentou impedir. Mataram-no à facada. – O seu rosto contraiu-se e ela mordeu o lábio.

– Lamento muito, Susanna – disse Angel, sentindo a dor da sua amiga como se fosse sua.

Susanna fechou a mão e as lágrimas encheram-lhe os olhos e caíram lentamente pelas suas faces pálidas.

– Deitei a culpa a Deus. Estava tão zangada. Porquê o Steven? Porquê alguém tão bom, com tanto para dar? Sentia-me ainda mais furiosa com o Steven. Porque é que ele tinha sido tão tolo a ponto de ir àqueles lugares horríveis? Porquê incomodar-se com aquela gente? Eles tinham feito as suas escolhas, não tinham? – Suspirou. – Era tudo uma confusão tão grande, tinha as emoções em guerra. Não me reconfortava nada saber que o Steven estava com o Senhor. Queria-o *comigo*. – Ficou em silêncio por um longo momento. – Ainda quero.

Angel pegou na mão dela e apertou-lha. Conhecia a sensação de ansiar por alguém com todo o seu ser e saber que ele estaria para sempre para além do seu alcance.

Susanna olhou para ela.

– Disseste que não tinhas a certeza do que devias fazer a partir daqui. Bem, estamos ambas no mesmo barco. – Sorriu de novo. – Mas acabarás por saber, Angel. Sei que acabarás por saber.

A tampa da caixa escorregou da cama e ela soltou a mão de Angel para a apanhar. Quando se debruçou, os papéis da caixa espalharam-se pelo chão. Angel pôs-se de joelhos com ela para a ajudar a recolhê-los e voltar a metê-los na caixa de chapéus. Tantos papéis, tantas preces.

Susanna pegou num e lançou-lhe um olhar. Acocorou-se e sorriu, com a palidez a dissipar-se das suas faces e a luz a voltar aos seus olhos. Sorrindo, manteve o papel na mão enquanto Angel enfiava os outros na caixa e a fechava com a tampa. Susanna voltou a meter a caixa debaixo da cama.

- Por vezes, ele responde rapidamente. - Ainda a sorrir, estendeu o papel a Angel. - Lê isto.

Angel pegou no papel e leu a custo as palavras escritas numa letra cuidada. «Deus, por favor, *POR FAVOR*, preciso de uma amiga com quem possa falar.»

A data era a do dia anterior àquele em que Angel viera para casa com Jonathan.

*

Michael carregou a carroça com sacos de trigo e dirigiu-se para Sacramento. Havia um moinho no caminho onde ele poderia mandar moer o cereal e ensacá-lo devidamente para o vender. Fora uma boa colheita. Ganharia o suficiente para comprar algumas cabeças de gado e um par de leitões. No ano seguinte, teria toucinho e presunto para fazer fumados e carne de vaca para vender.

Passou a noite junto a um ribeiro onde ele e Angel tinham parado. Sentado ao luar, a olhar para a água, ficou cheio de pensamentos dela. Quase conseguia cheirar o perfume doce da sua pele na brisa noturna. Sentiu um formigueiro por todo o corpo e um calor a alastrar. Recordou o sorriso hesitante dela e a expressão sobressaltada sempre que ele rompia as suas defesas consideráveis. Por vezes, inesperadamente, bastava uma palavra ou um olhar, e ele sentia-se eufórico durante esses momentos, como se ele, e não Deus, tivesse conseguido o impossível. Baixando a cabeça, Michael pôs-se a chorar.

Sim, aprendera que não tinha poder. Aprendera que um homem pode viver depois de uma mulher lhe partir o coração. Aprendera que podia viver sem ela. *Mas, oh, Deus, vou sentir a falta dela até morrer.* Sentiria esta dor dentro de si, a perguntar-se se ela estaria bem, se estaria a cuidar de si mesma, se estaria livre de perigo. Recordar que Deus estava a olhar por ela não ajudava. As palavras de Angel voltavam sempre para o atormentar.

«Oh, eu conheço Deus. Fazemos alguma coisa errada e ele esmaga-nos como um inseto.»

Ela ainda acreditaria nisso? A fé e a convicção dele eram assim tão fracas que ela não conseguira vê-las? A crueldade que ela sofrera e a sua impotência contra ela não lhe teriam ensinado nada? Ainda pensaria que controlava a sua vida?

Com os pensamentos atormentadores a acumularem-se na sua mente, ele agarrou-se a umas simples palavras da Bíblia. *«Confia no Senhor, de todo o teu coração, e não te fies na tua inteligência.»* A sua testa cobriu-se de suor, e cerrou as mãos. *Confia no Senhor, confia no Senhor.* Repetiu aquelas palavras uma e outra vez até a sua mente ficar sossegada e o seu corpo relaxado.

E depois Michael rezou por Angel, não por que ela alguma vez voltasse para ele, mas por que ela encontrasse Deus para si.

Quando retomou viagem de manhã, jurou a si mesmo que por maior que fosse a tentação não procuraria a sua mulher quando chegasse a Sacramento.

E nunca poria os pés em São Francisco.

*

- Angel! Angel!

Todo o corpo de Angel estremeceu quando ouviu alguém chamar o seu nome. Porque sentira o impulso de vir à praça? Devia ter ido para casa mal acabara de visitar Virgil. Ele tinha despedido outro cozinheiro e tentara convencê-la a voltar a trabalhar para ele. Ela quase desejava não ter vindo despertar-lhe esperanças.

Deu consigo a vaguear pelas ruas, passando por um teatro e um bar. Os velhos lugares que frequentara. Não sabia porque estava ali. Tinha simplesmente saído para dar um passeio e refletir, tentar fazer planos, e sentira-se compelida a voltar ali. Era mais do que desanimador.

E agora alguém do seu passado estava a abrir caminho por entre a multidão e a vir atrás dela. Angel sentiu vontade de desatar a correr e não olhar para trás.

- Angel, espera!

Cerrando os dentes, parou e virou-se para trás. Reconheceu imediatamente a jovem que estava a aproximar-se dela. E vendo-a de novo, sentiu que se endireitava e afivelava a máscara de desdém e calma.

- Olá, Torie - disse, erguendo ligeiramente o queixo.

Os olhos de Torie varreram-na de alto a baixo.

- Não queria crer que fosses tu. Estás com um aspeto tão *diferente*. - Parecia indecisa. - Ainda estás casada com aquele lavrador?

Angel sentiu a dor antes de conseguir reprimi-la.

- Não, já não.

- Que pena. Ele era bastante especial. Havia algo nele... - Encolheu os ombros. - Bem, é a vida, suponho. - Olhou para o vestido e a capa de um castanho pardo de Angel e mordiscou o lábio inferior. - Já não estás na vida, pois não?

- Não. Já não estou há mais de dois anos.

- Soubeste o que aconteceu à Lucky?

Angel acenou com a cabeça. A querida, querida Lucky.

- A Mai Ling também ficou no incêndio.

- Eu sei. - Queria acabar por ali a conversa e voltar para a grande casa na colina. Não queria ter de pensar no passado. Não queria olhar para Torie e ver como ela tinha envelhecido. Não queria reconhecer a desesperança nos olhos dela.

- Bem, pelo menos o Magowan teve o que merecia - disse Torie. Fitou o colarinho imaculado de Angel.

- A Meg está a morrer de varíola - prosseguiu. - A Duquesa pô-la fora mal soube. Eu via a Meggie de vez em quando, a dormir num portal com uma garrafa de *gin* na mão. - Ergueu um ombro. - Mas não ultimamente.

- Ainda estás com a Duquesa?

Torie soltou uma gargalhada.

- Nada muda nunca. Pelo menos para algumas de nós. - Um sorriso cínico demorou-se nos seus lábios. - Não é tão mau como isso, realmente. Ela acabou de construir uma casa nova, e tem um cozinheiro bom. Eu estou a sair-me bem. Até tenho algum dinheiro de lado para o meu futuro.

Angel sentiu um peso no peito. Torie estaria a fingir que se encontrava bem quando na realidade estava a esvair-se em sangue por dentro? Torie continuou a falar, mas Angel mal ouvia uma palavra do que ela dizia. Fitava os olhos de Torie e via coisas que nunca antes reconhecera. E voltou-lhe tudo à mente, tudo aquilo por que alguma vez passara desde os oito anos. A dor e a solidão... e estava lá nos olhos de Torie, também.

- Bem, já te demorei bastante a falar sobre os bons velhos tempos - disse Torie com um sorriso toldado. - É melhor voltar para o trabalho. Mais um hoje e depois posso relaxar.

Quando ela começou a virar-se para ir embora, Angel sentiu um estranho impulso. Alastrou um calor por ela e a seguir um acesso de energia e segurança como nunca sentira antes. Estendeu rapidamente a mão e deteve Torie.

- Almoça comigo - disse, tão empolgada que estava a tremer.

- Eu? - Torie sentiu-se tão surpreendida quanto Angel.

- Sim, tu! - respondeu Angel, sorrindo. Sentia-se como se estivesse prestes a rebentar com as ideias que estavam a expandir-se dentro de si. Ela sabia! Sabia o que Deus queria que ela fizesse. Sabia *exatamente* o que Ele queria. - Conheço um pequeno café ali ao dobrar da esquina. - Enfiou o braço no de Torie e arrastou-a consigo. - O proprietário chama-se Virgil. Vais gostar dele. E sei que ele vai ficar contente por te conhecer.

Torie sentia-se demasiado atarantada para protestar.

*

- Ela disse aonde ia? - perguntou Jonathan à sua filha aflita.

- Não, Pai. Sabe como ela tem estado inquieta nestas últimas semanas. Hoje de manhã, disse que ia sair para dar um passeio. Quis ir sozinha, para pensar. Ainda não voltou. Penso que lhe aconteceu alguma coisa.

- Não podes ter a certeza disso - disse Priscilla. - Estás a deixar-te dominar pelas emoções. A Angel sabe olhar por si mesma.

- A tua mãe tem razão - concordou Jonathan, mas não conseguia deixar de se sentir preocupado. Se Angel não voltasse para casa daí a uma hora, levaria a carruagem e iria à procura dela.

Susanna parou de andar de um lado para o outro o tempo suficiente para espreitar pela janela.

- Está a ficar escuro. Oh! Ali está ela. Vem a subir a encosta. - Deu meia volta, com os olhos a chisparem. - Sorriu e acenou-me! - Fechou as cortinas e marchou para o átrio. - Vou dizer-lhe o que penso de nos ter posto meio doentes com a preocupação!

Angel entrou em casa toda animada e abraçou Susanna sem lhe dar tempo a pronunciar uma só palavra de reprimenda.

- Oh, Susanna, não vais acreditar! Simplesmente não vais acreditar! - Angel riu-se. - Bem, retiro o que disse. Tu serias capaz de acreditar. - Desenvencilhou-se da capa e pendurou-a, atirando com a touca para cima dela com um ar despreocupado.

Jonathan reparou imediatamente na diferença nela. O seu rosto estava iluminado e o sorriso que tinha era de júbilo.

- Já sei o que Deus quer que eu faça com a minha vida - disse, sentando-se na beira do sofá. Uniu as mãos sobre os joelhos e parecia prestes a rebentar com a excitação. Jonathan viu a sua filha sentar-se lentamente perto de Angel. Dava a impressão de sentir que estava a perder a sua melhor amiga. Bem, talvez estivesse.

- Vou precisar da sua ajuda - disse Angel a Jonathan. - Nunca conseguirei pagar-lhe o que já fez por mim, mas vou

pedir-lhe mais. – Abanou a cabeça. – Estou a ir demasiado depressa. Primeiro, tenho de contar o que aconteceu hoje. – Contou-lhes o seu encontro com Torie e o almoço com ela. Falou-lhes do desânimo e da desesperança da jovem prostituta e de como ela própria se sentira assim durante muitos anos.

– Ela podia ter arranjado emprego no café do Virgil se soubesse cozinhar. Por sorte, ele teve a bondade de a deixar ficar se eu for para lá trabalhar com ela nas próximas semanas até ela saber o que fazer. Ela é rápida. Vai conseguir dar conta do recado não tarda nada.

– Não estamos a compreender – disse Jonathan. A moça estava tão empolgada que o que dizia não fazia grande sentido.

– A Torie disse que se conseguisse encontrar uma maneira de sair daquela vida, sairia. O Virgil perguntou se ela sabia cozinhar e ela disse que não. E veio-me a ideia, ali mesmo, no café do Virgil. *Porque não?*

– Porque não *o quê?* – perguntou Susanna, exasperada. – Não estás a fazer sentido nenhum.

– Porque não dar-lhe uma maneira de sair daquela vida – disse Angel. – Ensiná-la a cozinhar. Ensiná-la a costurar. Ensiná-la a fazer chapéus. Ensinar-lhe alguma coisa que lhe desse outra maneira de ganhar a vida. Jonathan, quero comprar uma casa para onde alguém como a Torie possa vir e sentir-se segura e aprender a ganhar a vida sem ter de vender o corpo.

Jonathan ficou pensativo.

– Tenho alguns amigos que talvez possam ajudar. De quanto dinheiro acha que precisa para começar?

– Há uma casa a uns dois quarteirões acima das docas. – Disse-lhe quanto custava.

Ele ergueu as sobrancelhas. Era muito dinheiro. Lançou um olhar a Priscilla, mas ela não o ajudou. Um outro olhar a Angel mostrou-lhe que não poderia dizer que não e apagar a expressão de esperança e objetivo dos seus olhos.

- Tratamos disso amanhã de manhã.

Com os olhos brilhantes, ela inclinou-se e beijou-lhe a face.

- Obrigada, querido amigo.

- O Pai tem outros amigos que ajudarão a apoiar a casa - disse Susanna.

Jonathan lançou um olhar à filha e viu a mudança na sua expressão. Não via aquele brilho desde que Steven morrera. Sentiu um aperto no peito. *Oh, Deus.* A súbita percepção provocou-lhe uma dor. *Vou perdê-la afinal, não para um jovem fanático tresloucado que tenciona levá-la para o mato e converter os índios pagãos, mas para Angel e outras como ela.*

Queria ver a sua menina casada e instalada, com filhos seus. Queria-a numa casa ali perto, para ela vir visitar os pais com frequência. Queria que ela fosse mais como Priscilla e menos como ele.

Olhou para Susanna, que andava de um lado para o outro, com planos a jorrarem-lhe da boca como uma fonte. Angel ria e contribuía com as suas próprias ideias, umas em cima das outras. Eram ambas tão lindas que se tornava difícil olhar para elas. Uma luz a brilhar nas trevas.

Jonathan fechou os olhos. *Oh, Deus, não era assim que eu tinha planeado as coisas.*

Por outro lado, o que de valor real e duradouro alguma vez é?

Trinta e três

*Quando eu era criança, falava como criança,
pensava como criança, raciocinava como criança.
Mas, quando me tornei homem, Deixei o que era próprio de
criança.*

1^a CARTA AOS CORÍNTIOS 13:11

Paul partiu para Sacramento para procurar Angel. Se queria salvar o seu casamento, teria de encontrar a bruxa e trazê-la de volta. Michael claramente não ia procurá-la, e Miriam não descansaria até Angel voltar para casa. Paul já não suportava ver Miriam a sofrer por causa de Angel. Não conseguia compreender como ela podia ver ainda algum bem em Angel depois deste tempo todo, mas o facto era que via. Talvez fosse por isso que ele a amava tanto. Ela não vira o bem nele?

Neste momento, faria tudo por ela, até mesmo partir da casa deles e procurar Angel, se isso a fizesse sossegar e olhar pela sua saúde.

Calculava que Angel estaria a praticar o seu ofício na comunidade próspera mais próxima. Procurou primeiro nos bordéis, pensando que com a sua rara beleza seria fácil encontrá-la. Contudo, «Angel» revelou-se um nome comum entre prostitutas. Encontrou muitas, mas não ela.

Ao fim de uma semana, Paul partiu de Sacramento e dirigiu-se para oeste, para São Francisco. Talvez

Sacramento não tivesse sido suficientemente grande para Angel. Só para o caso de estar enganado quanto a isso, parou em todas as cidades ao longo do caminho a perguntar por ela. Nem rasto.

Quando Paul chegou a São Francisco, já estava convencido de que a sua busca seria infrutífera. Passara demasiado tempo desde que Angel partira do vale. Quase três anos. Provavelmente, por esta altura já embarcara num navio para Nova Iorque ou para a China. Não sabia se devia sentir-se grato pelo seu fracasso ou prosseguir na sua busca até encontrar alguma informação. Miriam mostrara-se tão segura, tão irredutível.

- Ela ainda está na Califórnia. Sei que está.

Alguém devia ter ouvido falar dela. Como poderia uma rapariga como Angel simplesmente desaparecer?

Toda aquela situação o incomodava muito. E se a encontrasse? O que diria? Queremos que voltes para o vale? Ela saberia que ele estava a mentir. Ele não queria que ela regressasse. Não queria voltar a pôr-lhe os olhos em cima. Também não conseguia imaginar que Michael a quisesse de volta ao fim deste tempo todo. Três anos. Deus sabia o que ela teria andado a fazer durante todo esse tempo e com quem.

Mas Michael queria que ela voltasse. Esse era o problema. Michael ainda amava Angel. Sempre a amaria. Não foram a teimosia ou o orgulho que o tinham impedido de ir atrás dela desta vez. Dissera que ela tinha de decidir. Ela teria de voltar por vontade própria. Bem, Angel não o faria. Um ano deveria ter indicado tanto como isso a Michael. Com certeza dois deviam ter bastado. Depois de passar mais um ano, até mesmo Miriam perdeu a esperança de que Angel voltasse por vontade própria. Disse que alguém teria de ir à procura dela.

- Quero que tu vás, Paul - disse Miriam. - Tens de ser tu.

Ao ouvir aquilo, odiou Angel ainda mais.

Por fim, chegou a São Francisco. O nevoeiro cobria a cidade, e Paul encetou a sua busca sem grande empenho. Encontrar Angel criaria mais problemas do que não a encontrar. Esperava-se que ele a arrastasse de volta para o vale como Michael fizera na primeira vez em que ela fugira? De que serviria? Ela só voltaria a fugir. Uma e outra vez. Miriam não era capaz de compreender? Uma vez prostituta, sempre prostituta. Aparentemente, algumas verdades eram demasiado difíceis para uma rapariga tão doce e ingénua como a sua mulher. Ou para um homem tão puro como Michael. Paul amava-os muito aos dois, e não conseguia ver como encontrar Angel poderia ajudar quer um quer o outro.

Porque é que Miriam insistira tanto que fosse *ele* a encontrá-la e trazê-la de volta? Ela recusara-se a explicar. Dissera que ele descobriria a resposta por si mesmo. Ao princípio, ele recusou, e ela mostrou-se enraivecida. Paul ficou pasmado por a sua mulher, usualmente tão razoável, poder ser assim tão agressiva. As palavras dela foram como uma espada a despedaçá-lo. A seguir, Miriam pôs-se a chorar e disse que não conseguia continuar daquela maneira. Quando ela lhe implorou que fosse procurar Angel, ele não conseguiu suportar aquilo e cedeu.

Agora aqui estava, a cem milhas de casa e a sentir tantas saudades de Miriam que era como uma dor física. Perguntou-se por que carga de água tinha cedido. Era melhor que Angel estivesse perdida do que achada.

Distraído pelo seu próprio ressentimento sombrio, pôs-se a vaguear ao acaso, olhando à sua volta sem realmente prestar atenção ao que estava a ver. Uma mulher jovem vestida de cinzento chamou-lhe a atenção. Estava do outro lado da rua a olhar para uma montra e recordou-lhe Tessie. Já não pensava nela há meses, e a velha tristeza voltou a aparecer, inundando-o com dor. A rapariga inclinou-se para a frente e a fímbria da sua saia ergueu-se o suficiente para

revelar uns botins velhos, pretos e com botões tal e qual como Tess usara.

Miriam, o que é que estou a fazer aqui? Quero estar em casa contigo. Preciso de ti. Porque é que me mandaste vir nesta busca louca?

A rapariga endireitou-se e voltou a atar a sua capa curta. Virou-se e esperou que passasse uma carroça antes de atravessar a rua. Paul vislumbrou o rosto dela e o seu coração parou.

Angel!

Ao princípio, não queria acreditar que fosse realmente ela. Tinha de ser a sua imaginação a sobrepor o rosto dela a um outro depois destas semanas todas à sua procura. Ela atravessou a rua à pressa e afastou-se rapidamente dele. Ele empurrou o chapéu para trás e deixou-se ficar a fitá-la, perguntando-se se teria visto bem. Devia ter-se enganado. Não podia ser Angel, não assim vestida... mas seguiu-a, de qualquer maneira, só para poder olhar outra vez para ela.

A jovem caminhava rapidamente, com a cabeça erguida. Os homens reparavam nela. Alguns levavam a mão ao chapéu à sua passagem. Outros assobiavam e faziam-lhe propostas atrevidas. Ela não parava nem falava com ninguém. Claramente tinha aonde ir. Quando chegou ao centro da cidade, entrou num grandioso banco à esquina de uma das ruas principais.

Paul aguardou na neblina fria da rua por meia-hora até ela sair. Era mesmo Angel. Vinha acompanhada por um cavalheiro bem vestido, um homem consideravelmente mais velho e mais próspero do que Michael. Paul cerrou os dentes. Ficou a ver os dois falarem durante vários minutos, e depois o homem beijou-lhe a face.

Clientela da alta, pensou Paul cinicamente. E apesar da sua maneira de vestir modesta e correta, Angel era tão descarada como sempre. Nenhuma mulher decente permitiria que um homem a beijasse na via pública. Nem sequer na face.

As palavras de Miriam vieram-lhe à cabeça. «*Tu sempre a julgaste. E tão erradamente.*»

Paul comprimiu os lábios. Miriam não estava aqui para presenciar esta cena. Não sabia nada sobre mulheres como Angel. Ele nunca conseguira convencê-la. Ela nunca acreditara realmente na existência de uma rapariga chamada Angel e no que ela fizera num bordel em Pair-a-Dice.

- Tu nem sequer estás a falar sobre a mesma pessoa - disse ela. Mas ele sabia o que Angel era, mesmo que Miriam e Michael sempre se tivessem recusado a encará-lo.

O que é que neste mundo verde de Deus eles tinham visto naquela mulher sem préstimo para a amar com uma devoção tão forte e constante? Ele nunca compreenderia.

Seguiu Angel até uma casa modesta de madeira de dois andares não muito longe de Portsmouth Square. Havia uma tabuleta na porta da rua. Teve de atravessar a rua para a ler. *Casa de Madalena*. Ali estava, escrito para qualquer homem ver. Ele sempre soubera. Agora o que é que ia fazer? Mesmo que contasse a Miriam, ela nunca acreditaria. E convencê-la só a magoaria ainda mais.

Desanimado e furioso, Paul caminhou durante muito tempo. A culpa de ele estar nesta situação era de Angel! Ela fora uma destruidora desde que ele lhe pusera os olhos em cima pela primeira vez. Primeiro, meteu-se entre ele e o seu dinheiro. Paul deitara fora ouro uma vez numa vã tentativa de passar meia-hora com ela no Palace. Depois, meteu-se entre ele e Michael. Agora, estava a meter-se entre ele e a sua mulher!

Passou a noite num hotel barato. Mandou vir o jantar na sala do hotel, mas não conseguiu comê-lo. Quando foi para a cama, não conseguiu dormir. Não parava de imaginar o rosto manchado de lágrimas de Miriam.

- Nunca sequer tentaste compreendê-la, Paul. E não a compreendes agora. Por vezes, pergunto-me se alguma vez a compreenderás!

Compreendo-a bem, e quero a bruxa fora da minha vida para sempre! Quem me dera que estivesse morta, enterrada e esquecida.

Paul dormiu mal e acordou muito antes do amanhecer com a firme decisão de voltar para o vale. Mentiria a Miriam. Não havia outra maneira de a poupar. Dir-lhe-ia que procurara em toda a parte e não conseguira encontrar Angel. Ou poderia dizer-lhe que descobrira que Angel tinha morrido de uma febre ou de varíola. Não, da varíola não. De difteria. De pneumonia. Tudo menos a varíola. Ou poderia dizer que ela partira para a Costa Leste e o navio naufragara. Isso seria crível. Mas não poderia dizer-lhe nunca que a vira entrar num bordel a uns quarteirões das docas.

Devastado por ter de mentir, fez a mala. Todas as semanas que passara sem a companhia doce da sua mulher por causa de Angel faziam-no sentir-se furioso. Antes de chegar a casa pensaria em alguma maneira de convencer Miriam que era uma causa perdida. Tinha de ser.

A caminho do *ferry* que o levaria para a outra margem, começou a ter dúvidas. Miriam queria saber o nome do navio. Queria saber com quem ele tinha falado. Queria saber um sem-número de pormenores que ele teria de inventar. Uma grande mentira estaria ao seu alcance, mas não uma série de mentiras mais pequenas.

Parado no nevoeiro espesso, uma sensação de frio alastrou do seu interior. Não resultaria. Fosse qual fosse a história que ele inventasse, Miriam saberia. Sabia sempre. Assim como Michael adivinhara o que tinha acontecido entre Paul e Angel na estrada sem que uma palavra sobre o assunto alguma vez fosse pronunciada.

Furioso, voltou para a casa de madeira. Não vendo razão para bater à porta, entrou sem cerimónias. À sua frente, havia um pequeno átrio escassamente mobilado, com dois bancos e um bengaleiro. Não havia chapéus nele, De facto,

não havia ninguém para lhe perguntar o que queria, nem quem.

Ouviu vozes de mulheres. Tirando o chapéu, entrou numa sala de estar grande e ficou paralisado. Estava cheia de mulheres, na sua maioria jovens, e todas o fitavam. Subiu-lhe um calor ao rosto.

Reparou em várias coisas ao mesmo tempo. Todas as raparigas estavam sentadas em cadeiras de madeira de costas direitas. Não havia homens na sala para além dele, e aquele sítio parecia mais uma sala de aulas do que a sala de estar de um bordel. Usavam todas os mesmos vestidos cinzentos modestos que Angel trazia no dia anterior. Angel não se encontrava entre elas.

Uma mulher alta de pé em frente às outras sorriu-lhe. Os seus olhos castanhos estavam iluminados com uma expressão divertida.

- O senhor está perdido? Veio para se emendar? - As mulheres mais jovens riram-se.

- Eu... eu... peço perdão, minha senhora - gaguejou ele, confuso e embaraçado. Que lugar era aquele?

- Ele pensa que isto é um hotel - disse uma das raparigas, olhando para a mochila que ele trazia às costas. As outras riram-se.

- Oh, aposto que ele julga que isto é outra coisa muito diferente, não julga, meu doce? - disse outra, olhando-o de alto a baixo.

Alguém se riu.

- Está a corar! Já não via um homem corar desde mil, oitocentos e quarenta e nove.

- Minhas senhoras, por favor - disse a mulher alta, a tentar silenciá-las. Pousou o pau de giz. Sacudiu o pó branco dos seus dedos finos e encaminhou-se para ele. - Chamo-me Susanna. - Estendeu a mão e ele pegou nela sem pensar. Os seus dedos eram frios, o seu aperto de mão firme. - Como posso ajudá-lo?

- Ando à procura de uma pessoa. Da Angel. Chama-se Angel. Pelo menos, era por esse nome que dava dantes. Pareceu-me vê-la entrar aqui ontem à tarde.

- Paul?

Ele virou-se bruscamente e viu-a de pé à entrada da sala. Parecia surpreendida e abismada.

- Vem comigo, por favor - disse ela. Ele seguiu-a por um corredor até um pequeno gabinete. Ela sentou-se por trás de uma grande secretária de carvalho. Havia papéis espalhados em cima da secretária, assim como vários livros. A um canto estava uma caixa de chapéus castanha com uma ranhura. - Por favor, senta-te - disse ela.

Ele sentou-se e olhou à sua volta para aquele espaço simples e imaculado. Não conseguia compreender o que era. Porque é que uma madame de um bordel teria um gabinete mais adequado a uma freira? Que tipo de aulas estava a ser dado na outra sala? Vira problemas de aritmética escritos no quadro, mas agora que estava perante Angel não lhe ocorreu perguntar. A velha animosidade voltara com toda a força.

Se não fosse por causa dela, ele estaria em casa com Miriam.

Angel olhava para ele com a sua frontalidade usual, mas estava diferente, de algum modo. Ele retribuiu-lhe o olhar com frieza, a tentar descobrir o que seria. Ela continuava bela, tão incrivelmente bela... mas sempre o fora: bela, fria e dura como uma pedra.

Franziu a testa. Era isso. A dureza. Tinha desaparecido. Agora havia nela uma suavidade. Estava nos seus olhos azuis, no seu leve sorriso, nos seus modos calmos.

Ela está serena.

Aquela ideia atordoou-o, e tentou arredá-la. *Não, não serena. Simplesmente não sente nada. Nunca sentiu.* Recordou aquele dia na estrada. Não conseguia exorcizá-lo. Quis dizer alguma coisa, mas não conseguiu pensar numa só palavra. Sentia-se furioso, ressentido, deprimido, mas

recordou a si mesmo que não estava aqui por ele. Estava aqui por Miriam. Quanto mais cedo dissesse o que tinha a dizer, tanto mais cedo Angel poderia recusar-se a regressar, e ele poderia partir com a consciência tranquila.

- Estás com bom aspeto, Paul.

Ele teve a estranhíssima sensação de que ela estava a tentar pô-lo à vontade. Porque queria fazer isso?

- Sim. Tu também - disse ele, soando rigidamente polido. Era verdade. Até mesmo vestida de cinzento, estava com bom aspeto. Melhor do que nunca. Era uma daquelas mulheres que seria linda até mesmo aos sessenta anos. Um diabo disfarçado.

- Foi um choque ver-te - disse ela.

- Sim. Tenho a certeza de que foi.

Os olhos dela perscrutaram-lhe o rosto.

- O que te traz à Casa de Madalena?

Deixá-la suar.

- De quem é esta casa?

- É minha. - Não disse mais nada. Esperou que ele falasse.

- Vi-te na rua ontem e segui-te até aqui.

- Porque é que não entraste?

- Não queria interromper nada - respondeu ele. - Ainda dás pelo nome de «Angel»? - Não foi capaz de evitar o tom de desdém na voz e não conseguiu compreender a expressão nos olhos dela, embora cada palavra que dissesse a magoasse profundamente. Porque haveria de ter esse efeito? Nada a magoara nunca antes. Era mais um fingimento.

- Ainda dou pelo nome de «Angel» - disse ela. - Pareceu apropriado.

Mais uma vez aquela frontalidade. Direta ao assunto, mas mais delicada, de uma maneira como ele não se lembrava de ela alguma vez ser.

- Pareces diferente - disse ele, e olhou à sua volta. - Contava que estivesses a viver num estilo mais elevado do

que este.

- Mais baixo, queres dizer. - Parecia divertida, não na defensiva.

Ele deixou que um sorriso irónico lhe aflorasse aos lábios.

- Nada muda, pois não?

Angel olhou-o com atenção. Ele tinha razão, em certo sentido, Pelo menos no que dizia respeito ao seu ódio por ela. Não que ele não tivesse razão suficiente. Mesmo assim, magoava-a.

- Não, suponho que não - disse em voz baixa. - É compreensível. - Tinha tanto por que responder. Desviou o olhar. Não conseguia parar de pensar em Michael. Receava perguntar por ele, especialmente a este homem que gostava tanto dele e a odiava com igual intensidade. O que estaria a fazer aqui?

Paul não sabia o que dizer. Pressentia que a magoara. Ela suspirou e voltou a olhar para ele, e ele perguntou-se se ela estaria tão calma quanto aparentava, se alguma coisa realmente a afetava. Era uma das coisas que ele desprezara nela. Nenhuma seta desferida por ele alguma vez fizera sangue.

- Costumas voltar ao vale? - perguntou ela.

A pergunta apanhou-o desprevenido.

- Eu vivo lá.

- Oh - disse ela, surpreendida.

- Nunca cheguei a partir.

Ela não reagiu ao tom de acusação.

- A Miriam contou-me que estavas a planear voltar para os campos de ouro e tentar de novo a tua sorte.

- Por desespero - disse ele. - A Miriam convenceu-me a não ir.

O rosto de Angel suavizou-se.

- Sim, suponho que o faria. A Miriam andava sempre a salvar almas. Como é que ela está?

- Vai ter um bebé este verão. - Viu a cor esvair-se do rosto de Angel e depois voltar lentamente.

- Graças a Deus.

Graças a Deus?

Ela sorriu, mas era um sorriso triste e melancólico. Ele nunca a vira sorrir assim. Gostaria de saber no que ela estava a pensar.

- Isso são notícias maravilhosas, Paul. O Michael deve estar muito feliz.

- O Michael? - Soltou uma risada leve, perplexo. - Bem, suponho que sim. - Sentiu-se levado a dizer: - Ele tem-se saído muito bem nestes últimos anos. Comprou mais terras e uma pequena manada de gado na primavera passada. Construiu um celeiro maior este outono. - Angel não tinha de saber que levava metade do coração de Michael com ela quando partira. Ele continuava a ter fé em Deus, e Deus arranjar-lhe-ia uma boa mulher.

Não esperava que Angel sorrisse ao ouvir a notícia, mas ela sorriu. Não parecia minimamente surpreendida. Parecia aliviada e feliz.

- O Michael vai sempre sair-se bem.

A bruxa sem coração. Era tudo o que podia dizer? Não sabia o quanto Michael a amava, como ficara destroçado quando ela o abandonara?

- E tu, Paul? Fizeste as pazes com ele?

Odiou-a por lhe recordar o que acontecera. Odiava-a tanto que sentia um sabor a aço na boca.

- Mal te foste embora, as coisas voltaram a ser o que eram - respondeu, sabendo que era uma mentira. Michael nunca fora de rancores. Era *ele* quem não conseguia esquecer. Nada era como antes. Ela continuava a ser um muro entre eles.

- Fico contente - disse ela, e parecia sincera. - Ele sempre gostou de ti, sabes? Nunca deixou de gostar. - Viu a expressão dele e mudou de assunto. - Podes ajudá-lo a aumentar a cabana. Vai precisar de mais espaço agora.

- De mais espaço? Para quê?

- Com a vinda do bebê - disse ela. - Ele e a Miriam vão precisar de mais espaço. E haverá mais filhos a seu tempo. O Michael sempre me disse que queria muitos filhos. Agora vai tê-los.

Paul não conseguia respirar. Sentiu-se frio e nauseado.

Angel franziu a testa.

- O que se passa?

Ele viu a verdade, e a sensação na boca do estômago não era nada em comparação com o nó de dor no seu peito. *Oh, meu Deus. Oh, meu Deus! Foi por isso que ela o deixou?*

Sentia a presença de Miriam e ouvia as suas palavras. *«Tu nunca a compreendeste, Paul. Nunca sequer tentaste.»* Miriam com os olhos cheios de lágrimas. *«Talvez se tivesses tentado, uma vez que fosse, as coisas pudessem ter sido diferentes. A Amanda nunca me deixou entrar. Nunca completamente. Penso que nunca deixou ninguém saber quanta dor sentia, nem mesmo o Michael. Talvez tu pudesses ter tentado ajudá-la!»* Miriam a manter-se firme perante o desprezo dele. *«Eu nunca conheci a Angel. Só conheci a Amanda, e, se não fosse por causa dela, nunca teria tido a coragem de vir ter contigo.»* Miriam no dia em que viera à sua cabana. *«Tenho de fazer o que é melhor para ti.»*

Angel estava a olhá-lo atentamente.

- O que se passa, Paul? O que foi? Não há nenhum problema com a Miriam, pois não?

- A Miriam é *minha* mulher, não do Michael.

Ela recuou, atordoadada.

- *Tua?*

- Sim, minha.

- Não compreendo - disse ela, trémula. - Como é que ela pode ser tua mulher?

Ele não conseguiu responder. Sabia o que ela queria dizer. Quantas vezes pensara que não era suficientemente bom para ela. Ela era a mulher certa para Michael. Paul continuara a pensar isso, mesmo enquanto se apaixonava

por ela. Sentira-se convencido até ao dia em que ela veio ter com ele na sua cabana.

- Angel, o Michael ainda está à espera que voltes para casa.

O rosto dela ficou de uma palidez de morte.

- Já passaram mais de três anos. Ele não pode estar ainda à espera.

- Mas está.

As palavras de Paul atingiram-na em cheio no peito. *Oh, Deus.* Fechou os olhos por um momento. Pôs-se de pé e virou-lhe as costas. Afastou a cortina de renda para olhar pela janela. Estava a chover. Não conseguia respirar com a dor no peito. Tinha os olhos em brasa.

Paul viu a maneira como a sua mão agarrava a cortina até ficar com os nós dos dedos brancos.

- Penso que compreendo - disse num tom abatido. - Calculaste que se te viesses embora, ele se viraria para a Miriam. Por fim, acabaria por se apaixonar por ela e esquecer-se de ti. Não é isso? - Ele próprio não esperara também que isso acontecesse? Essa possibilidade não o dilacerara?

- Ele teria acabado por se apaixonar por ela.

Nem precisava de acrescentar: «*Se tu não tivesses interferido.*» Uma vez, Paul dissera a Miriam que não acreditava que Angel tivesse a capacidade de sentir dor ou amor. Essas palavras voltaram agora para o assombrar. Como podia ter-se enganado tanto em relação a ela? Quando Angel se virou e olhou para Paul, ele sentiu vergonha.

- A Miriam é perfeita para ele - disse Angel. - É o tipo de mulher de que ele precisa. É pura e inteligente e terna. Tem uma capacidade tremenda para amar.

Ele ouviu muito mais do que palavras desta vez.

- Isso é tudo verdade, mas o Michael ama-te a ti.

- Ele quer filhos, e a Miriam poderia ter-lhos dado. Eles compreendem-se um ao outro.

- Porque são *amigos*.

Os olhos dela brilharam.

- Poderiam ter sido mais do que amigos.

- Talvez - concordou ele, encarando o seu próprio egoísmo. - Se eu tivesse tido a coragem que tu tiveste e me tivesse ido embora. Mas não o fiz. Não consegui. - Até este momento, pensara que era porque amava Miriam demasiado, mas via claramente agora que se amara mais a si mesmo. Angel compreendera uma qualidade mais elevada do amor: o sacrifício.

Inclinando-se para a frente, pôs a cabeça entre as mãos. Agora sabia porque Miriam insistira tanto que fosse ele a encontrá-la.

- Estava enganado - gemeu. - Sempre estive enganado a teu respeito. - Toldou-se-lhe a vista. Voltou a olhar para cima. - Odiei-te, odiei-te tanto que... - Parou de falar, incapaz de dizer mais nada.

Angel sentou-se de novo por trás da secretária, entristecida.

- Tinhas razão quanto a mim a muitos respeitos.

As palavras dela só confirmaram o que ele sabia agora. Soltou uma risada sombria.

- Nunca cheguei sequer perto. E sei porquê. Aquele dia na estrada, sabia que tu tinhas razão, Tu tinhas razão. *Eu* trai-o.

Os olhos dela encheram-se de lágrimas.

- Eu podia ter dito que não.

- Sabias isso naquela altura?

Ela não falou por um momento.

- Uma parte de mim devia sabê-lo. Talvez só não quisesse sabê-lo. Talvez fosse a minha maneira de me vingar. Já não sei. Foi há tanto tempo. Eu não queria voltar a pensar nisso, e depois, de cada vez que te via, ali estava. Não conseguia livrar-me.

Recordou as trevas em que vivera. Recordou todos aqueles meses em que Paul se mantivera afastado e como a

sua ausência magoara Michael. Também conseguia imaginar o sofrimento de Paul com a separação, e a sua vergonha. E a culpa horrível de tudo aquilo. Ela não estivera sempre acompanhada pela culpa?

Estava na sua cabeça. Ela permitira que aquilo acontecesse. Por qualquer razão. O que importava agora? Não podia lançar a culpa a mais ninguém a não ser a si mesma. A escolha fora sua. Nunca sequer pensara nas consequências. As repercussões tinham sido como uma pedra lançada para a superfície lisa de um lago. A chapada, depois os círculos cada vez mais largos. Demoraria muito tempo até a superfície da água voltar a ficar lisa. E a pedra estaria sempre ali, fria e dura no lago silencioso. Michael. Paul. Ela própria. Almas destroçadas, desesperadas por voltarem a tornar-se íntegras.

O tormento e o fosso entre Paul e Michael tornaram-se maiores, não porque Michael não conseguisse perdoar, mas porque Paul não conseguia perdoar-se a si mesmo. Não era exatamente isso que ela sentira ao longo da maior parte da sua vida? Que tudo o que alguma vez lhe acontecera fora de algum modo culpa sua, que era culpada até mesmo de ter nascido? Aprendera nos últimos anos que não era a única a ter esses sentimentos. Ouvira-os todos os dias de outras mulheres que tinham sofrido os mesmos abusos que ela. Perdoar aos outros pelo que lhe tinham feito fora muito mais fácil do que perdoar-se a si mesma. Havia ainda momentos em que se debatia com isso.

Tremeram-lhe os lábios.

- Paul, lamento a dor que te causei. Sinceramente, lamento.

Ele deixou-se ficar sentado durante muito tempo, incapaz de falar, a pensar em todo o tempo e em todas as perseguições que ela sofrera. Dele. E agora era *ela* quem estava a pedir desculpa. Ele congeminara a sua destruição e destruíra-se a si mesmo durante esse processo. A partir dessa altura, sentira-se consumido pelo ódio, cegado por

ele. *Tenho sido insuportável e moralista e cruel.* Essa revelação foi amarga e dolorosa, mas também um alívio. Havia uma estranha espécie de libertação em pôr-se em frente a um espelho e ver-se claramente. Pela primeira vez na sua vida.

Se não fosse Miriam, no que se teria tornado ele? Amá-la suavizara-o. Ela vira algo nele que ele nunca imaginara que mais ninguém a não ser Tess pudesse ver. E vira algo em Angel que ele não conseguira ver. Pensara nisso, mas agarrara-se teimosamente às suas próprias convicções. A mulher de Michael sempre fora Angel para ele, a pomba manchada de Pair-a-Dice – e ele sempre a tratara de acordo com essa ideia.

Agora que olhava para trás, não conseguia recordar-se de uma única ocasião em que ela se tivesse defendido. Porque não o fizera? Ele também sabia a resposta para essa pergunta. Angel acabara de lha dar ao dizer que ele tinha razão quanto a ela. Não foram o desdém ou a arrogância que a mantiveram em silêncio, fora a vergonha. Ela acreditava em tudo o que ele dissera sobre ela. Acreditava que estava conspurcada e não tinha valor, que só servia para ser usada.

E eu ajudei-a a convencer-se disso. Incumbi-me do papel que o Michael se recusou a desempenhar.

Os remorsos avassalaram-no. Doía-lhe olhar para ela. Doía-lhe ainda mais ver a verdade – que ele era também em grande medida responsável pelo sofrimento de Michael. Se tivesse estendido a mão a Angel uma vez que fosse, como dissera Miriam, talvez as coisas tivessem sido diferentes, mas fora demasiado orgulhoso, sentira demasiada certeza de que tinha razão.

– *Eu é que lamento* – disse. – Lamento muito. Consegues perdoar-me?

Ela perguntou-se se ele teria consciência de que estavam a cair-lhe lágrimas pelas faces, e sentiu um carinho súbito e

inexplicável por este homem. O irmão de Michael, o *seu* irmão.

- Eu perdoei-te há muito tempo, Paul. Deixei o vale e o Michael por minha livre vontade. Não atribuas a culpa disso a ti.

Inclinou-se para a frente, com as mãos unidas em cima do mata-borrão da secretária.

- Deixemos tudo isso para trás. Por favor. Conta-me tudo o que aconteceu desde que me vim embora. - Fez um ligeiro sorriso, a troçar dele delicadamente. - Especialmente como é que um homem como tu alguma vez conseguiu conquistar uma rapariga como a Miriam?

Paul riu-se pela primeira vez em meses.

- Só Deus sabe - disse, abanando a cabeça. Suspirou pesadamente e descontraiu-se. - Ela ama-me. Disse-me que soube logo na primeira vez em que me viu que ia casar comigo. - Falar sobre Miriam fez com que voltasse a inundá-lo uma sensação de calor. - Eu punha-me a vê-la e desejava-a tanto, mas arranjava sempre todo o tipo de razões por que não era suficientemente bom para lhe beijar a barra da saia. Depois, ela veio uma madrugada à minha cabana. Disse que vinha viver comigo e pôs-se a convencer-me de como eu precisava dela. Não tive forças para a mandar para casa.

Angel riu-se baixo.

- Não consigo imaginar a Miriam a ser assim tão audaz.

- Ela disse-me que tinha aprendido a coragem contigo. - Nessa altura, não soubera o que ela queria dizer. Agora sabia. Angel amara Michael o suficiente para o deixar quando pensou que era para o bem dele. Miriam viera ter com ele pelas mesmas razões. Se não tivesse vindo, ele teria voltado para os campos de ouro e começaria a beber e a passar tempo nos bordéis; e, provavelmente, teria morrido lá em cima com o rosto na lama.

- A Miriam mandou-me vir à tua procura. Amanda, quero levar-te para casa. - Falava com sinceridade.

Amanda. Ela sentiu um nó na garganta e sorriu. Mais um fardo que lhe saía dos ombros, e sentia-se grata, mas não era assim tão fácil ou simples. Não podia deixar que fosse.

- Eu não posso voltar, Paul. Nunca.

- Porque não?

Quanto é que ele teria de ficar a saber para compreender e se tornar seu aliado?

- Há muitas coisas sobre mim que ainda não sabes.

- Então conta-mas.

Ela mordeu o lábio. Quanto era suficiente?

- Fui vendida para a prostituição quando tinha oito anos - disse lentamente, de olhos baixos. - Nunca conheci outra vida até o Michael se casar comigo. - Olhou de novo para ele. - E nunca o compreendi, não como ele esperava que o compreendesse. Não posso mudar quem eu era. Não posso desfazer as coisas que aconteceram.

Paul inclinou-se para a frente.

- És tu quem não compreende ainda, Amanda. Há algo que nem eu compreendia até agora, porque era demasiado teimoso e ciumento e orgulhoso. O Michael *escolheu-te* a ti. Com todo o teu passado, com todas as tuas fraquezas, com tudo. Ele sabia desde o início de onde vinhas, e isso não fez nenhuma diferença para ele. Havia muitas mulheres na nossa terra que agarrariam com ambas as mãos a oportunidade de casar com ele. Raparigas virgens, doces e sensatas de famílias tementes a Deus. Ele nunca se apaixonou por nenhuma delas. Bastou-lhe olhar para ti para *saber*. Logo desde o princípio. Tu. Mais ninguém. Ele contou-me tudo isso, mas eu pensei que se tratava de sexo. Agora sei que não. Era outra coisa.

- Um acaso louco...

- Penso que é porque ele sabia o quanto precisavas dele.

Ela abanou a cabeça, sem querer ouvir aquilo, mas Paul estava decidido.

- Amanda, ele tirou-te da escravidão com o seu próprio suor e sangue, e tu sabe-lo. Não me venhas dizer agora que

não podes voltar para ele.

A dor era muito forte, porque ela ainda o amava e precisava dele. Por vezes, pensava que morreria sem o som da voz de Michael. Fechava os olhos e via o seu rosto e como ele andava e como lhe sorria. Ensinara-a a brincar e a cantar e a alegrar-se, coisas que ela nunca soubera. E a doçura dessas recordações era uma agonia; a separação, insuportável.

Por vezes, tentava não pensar nele, porque a dor era demasiado forte. Mas a fome que sentia dele estava sempre lá, a fome interminável e dolorosa. Só ele se abria para ser usado na vida dela por Cristo. Através dele, Cristo pudera enchê-la até transbordar. Michael dissera sempre que era obra de Deus; agora ela sabia que isso era verdade.

E a consciência de que ele fora a ponte entre ela e o seu Salvador só a faziam ansiar ainda mais por Michael.

Não podia permitir-se pensar nisso tudo. Tinha de pensar no bem dele, não no que queria para si mesma. Tinha um objetivo agora, e satisfação na sua vida. Não se sentia acossada por pesadelos e dúvidas. Pelo menos, não até agora. E tinha de contar a Paul toda a verdade para que ele compreendesse.

- Eu não posso dar-lhe filhos, Paul. Nunca poderei. Fizeram-me uma coisa quando eu era muito nova. Para terem a certeza. - Teve de parar e desviar os olhos por breves momentos antes de poder prosseguir. - O Michael quer ter filhos. Tu sabes isso. É o sonho dele. - Voltou a olhar para ele. - Consegues compreender agora porque é que não posso voltar? Sei que ele me receberia de volta. Sei que continuaria a ser a sua mulher. Mas não seria justo, pois não? Não para um homem como ele.

Esforçou-se por controlar as lágrimas que ultimamente estavam com tanta frequência perto da superfície. Não cederia. Não podia. Se o fizesse, choraria até se desfazer em lágrimas.

Paul não sabia o que dizer.

- Por favor - disse ela. - Quando voltares, não contes à Miriam que me viste. Diz qualquer coisa. Diz que saí do país. Diz que morri. - Ele estremeceu interiormente ao ouvir os seus próprios pensamentos voltarem para o atormentar. - Por favor, Paul. Se lhe contares, ela vai contar ao Michael, e ele ia sentir que tinha de vir mais uma vez buscar-me. Não deixes que ele descubra onde estou.

- Não precisas de recear isso. Ele disse à Miriam que não te arrastaria de volta desta vez. Disse que a decisão era tua, que tinhas de voltar por tua livre vontade, ou nunca compreenderias realmente que és livre. - Queria agora mais do que tudo convencê-la de que ela tinha de voltar para casa. - Chegaste a dizer-lhe que não podias ter filhos?

- Sim - respondeu ela em voz baixa.

- E o que é que ele disse?

Ela abanou a cabeça, a arredar o assunto.

- Tu conheces o Michael.

De facto, conhecia-o. Pôs-se de pé e pousou as mãos em cima da secretária.

- Ele casou contigo, Amanda. Para o melhor e para o pior, e enquanto forem ambos vivos, e é esse o tempo que vai esperar por ti, e para além dele, se bem conheço o Michael. Se soubesses o quanto ele está a sofrer...

- Não digas mais nada.

- Tu conhece-lo. Ele alguma vez desistiu de ti antes? Não vai desistir de esperar por ti agora. Nunca vai desistir.

Ela abanou a cabeça, pálida e desesperada.

- Não posso voltar.

Paul endireitou-se. Não sabia se lhe dera algo em que pensar ou se só lhe causara mais dor.

- Eu disse tudo o que podia. Cabe-te agora a ti, Amanda. Só não demores muito tempo a tomar uma decisão. Estou com saudades da minha mulher. - Escreveu o nome e a morada do hotel onde pernoitara. - Gostava de partir às nove amanhã. Manda-me dizer o que decidires.

Pegou na sua mochila e pô-la ao ombro.

- Que sítio é este, afinal? Uma pensão?

Ela ergueu os olhos para ele, arrancada ao seu dilema.

- De certo modo. É uma casa para mulheres perdidas, mulheres como eu que querem mudar a sua vida. Tivemos muita sorte. Vários cidadãos abastados deram-nos auxílio financeiro.

O homem no banco, pensou Paul. *Deus, perdoai-me. Que tolo fui.*

- Tu é que a criaste, não foi?

- Não sozinha. Tive muita ajuda ao longo do processo.

- O que é que lhes ensinas ali dentro? - Acenou na direção da sala grande ao fundo do corredor.

- A ler, a escrever e a contar; a cozinhar, costurar, como gerir um pequeno negócio. Mal estão preparadas, encontramos-lhes emprego. Desenvolvemos uma maneira de o conseguir com o auxílio de várias igrejas.

O padre Patrick vinha vê-la com frequência. Alguns padres católicos eram muito como Michael. Devotados a Deus, humildes, pacientes e cheios de amor.

Ela hesitou.

- A Casa de Madalena é uma das coisas em que preciso de pensar, Paul. Elas precisam de mim aqui.

- Por mais meritória que seja a causa, é só uma desculpa agora. Passa o testemunho a outra pessoa. Aquela senhora alta com os olhos sorridentes pareceu-me capaz de tomar conta das coisas. - Foi até à porta. - A tua primeira obrigação é para com o Michael. - Dissera tudo o que podia. - Espero até ao meio-dia amanhã o mais tardar. Depois, vou para casa.

Angel deixou-se ficar sentada muito tempo depois de ele partir. O sol pôs-se, mas ela não acendeu a luz. Recordou-se de estar sentada no monte a uma milha da casa e Michael dizer: «Esta é a vida que quero dar-te.» E dera-lha.

Como podia ele saber o que fizera por ela? Como podia sequer adivinhar que a sua vida era nova porque ele lhe mostrara a maneira de viver?

Paul pensara que ela tinha voltado à prostituição. E se Michael acreditasse na mesma coisa? Ela não podia suportar que ele acreditasse nisso. Tornaria insignificante tudo o que ele alguma vez fizera por ela, e significara tudo.

Meu Deus, estava errada? Devia voltar? Como posso encará-lo de novo depois deste tempo todo? Como posso vê-lo e ir-me embora mais uma vez? O que quereis que eu faça? Eu sei o que quero. Oh, meu Deus, eu sei. Mas o que quereis que eu faça?

Pôs os braços à volta do corpo e embalou-se, a morder o lábio e a tentar combater a dor. *Como posso não lhe agradecer? Alguma vez lhe expliquei realmente o que ele fez por mim? O que lhe retribui alguma vez a não ser sofrimento?* Mas tinha dádivas para lhe oferecer agora. Mantivera-se firme contra o Duque. Percorrera o caminho que Michael lhe ensinara. Por causa disso, as pessoas tinham confiado nela e apoiaram-na na construção da Casa de Madalena. Estava a fazer o Bem com a sua vida, e era tudo por causa dele, por causa do que ela vira nele. «Procurai e encontrareis,» lera-lhe ele, e ela fizera-o. Se descobrisse uma maneira de contar a Michael, talvez isso lhe trouxesse paz.

Sarah, bem-amada.

Meu Deus, não pedirei mais do que isso. Fechou os olhos com força. *Não Vos pedirei mais.*

As aulas já tinham terminado há muito tempo quando ela saiu do gabinete. As raparigas tinham acabado de cear e tinham-se retirado para os seus quartos. Angel subiu as escadas. Viu luz por baixo da porta de Susanna e bateu.

– Entra.

Angel entrou.

– O que é que aconteceu? – perguntou Susanna, levantando-se da cama e aproximando-se dela. Pegou-lhe nas mãos. – Estás tão pálida. Sentimos a tua falta ao jantar. Quem era aquele homem?

- Um amigo. Susanna, quero que dirijas a Casa de Madalena por mim.

- Eu? - disse ela espantada. Parecia menos segura do que Angel alguma vez se recordava de a ter visto. Soltou-lhe as mãos e recuou. - Não podes estar a falar a sério. Eu não seria capaz!

- Falo a sério, e, sim, tu és capaz. - Susanna era mais do que capaz de lidar com as coisas. Só não o sabia ainda. Atravessaria o fogo e sairia do outro lado ainda mais forte do que agora. Angel sentia-se subitamente muito segura disso.

- Mas porquê? Aonde é que tu vais?

- Para casa - respondeu Angel. - Vou para casa.

Trinta e quatro

*Vinde, voltemos para o Senhor;
Ele feriu-nos, Ele nos curará;
Ele fez a ferida, Ele fará o penso.*

O S E I A S 6 : 1

- Paul! - Miriam correu para fora da cabana para lançar os braços à volta do seu pescoço, a chorar de alegria. - Oh, tive tantas saudades tuas! - Beijou todas as partes do seu rosto a que conseguia chegar. Ele riu-se e beijou-a na boca, a sentir os pedaços dentro de si a juntarem-se de novo. Estava em casa! Toda a tensão das últimas semanas, a culpa dos meses anteriores se evaporaram. Ela encostou-se mais a ele e outras emoções perpassaram o seu corpo. Ter Miriam de novo nos seus braços era estonteante.

Quando a soltou, ela estava corada e ofegante. Nunca lhe parecera tão bela. Olhou-a de alto a baixo e viu que a gravidez começava a notar-se.

- Ena, como cresceu - disse, passando a mão na barriga dela.

Ela riu-se e pôs a mão por cima da dele.

- Encontraste-a?

- Em São Francisco. - O seu coração tornou-se ainda mais leve ao ver a expressão nos olhos de Miriam.

Ela sorriu-lhe ternamente.

- Vejo que as coisas se resolveram. - Parecia aliviada e encantada. A sua fúria com ele estava completamente esquecida. - Onde é que ela está? - perguntou, olhando para além dele.

- Quis ficar ao cimo da estrada por uns minutos. Penso que está a preparar-se para uma provação. Mal disse uma palavra nos dois últimos dias de viagem. Ela mudou, Miriam.

Ela olhou-o nos olhos e sorriu.

- E tu também, meu amor. Fizeste as pazes contigo mesmo, não fizeste?

- Tive ajuda nesse percurso.

Miriam viu então Amanda e deixou-o ficar ali enquanto corria pela estrada acima, de braços abertos, ao encontro dela. As duas abraçaram-se calorosamente, e Paul sorriu. Quando Miriam a soltou, pôs-se a tagarelar alegremente, com lágrimas a correrem-lhe pelas faces. Angel parecia pálida e tensa, nada à vontade. Lançou um olhar na direção das terras de Michael, e Paul compreendeu porquê. Amanda receava encarar Michael depois de todo este tempo.

Senhor, fazei com que tudo fique bem entre ela e o Michael. Peço-Vos. Vê-lo-ia como um favor pessoal.

- Eu trago água e podes tomar um banho - estava a dizer Miriam, passando o braço pelo de Amanda enquanto se encaminhavam para Paul. - Cozi pão hoje de manhã, e a sopa está ao lume. Deves estar faminta depois da viagem.

- Não posso ficar, Miriam.

Miriam estacou.

- Não podes? Mas porquê?

- Tenho de ir ter com o Michael.

- Bem, é claro que sim, mas podes descansar uns minutos e lavar-te. Podemos falar sobre as coisas.

- Não posso - disse Angel. - Se esperar mais tempo, talvez não consiga ir de todo. - Fez um sorriso pálido.

Miriam perscrutou-lhe o rosto. Lançou um olhar a Paul e depois fitou Amanda de novo. Apertou-a com força ao peito.

- Nós acompanhamos-te. - Apelou a Paul com um olhar.

- É claro que sim - concordou ele prontamente, e Angel acenou com a cabeça. Agora que o momento estava a chegar, todos receavam o que aconteceria. Até que ponto iria a paciência de Michael? Pior ainda, ficaria zangado com eles por terem interferido e tomado as coisas nas suas próprias mãos? Ou teriam estado a cumprir a vontade de Deus?

Quando já estavam à vista da propriedade de Michael, Angel parou.

- Tenho de fazer o resto do caminho sozinha - disse-lhes.

- Obrigada por terem vindo até aqui comigo.

Miriam parecia disposta a argumentar. Quando olhou para Paul à espera da sua concordância, ele abanou a cabeça. Amanda tinha razão.

Angel beijou Miriam na face e abraçou-a.

- Obrigada por me teres enviado o Paul - segredou.

Ficaram a vê-la afastar-se sozinha.

Paul pôs o braço à volta dos ombros de Miriam e olhou para Amanda. Recordava-se do andar de Angel, de cabeça erguida, costas direitas. Arrogância, pensara ele, mas fora o orgulho que a sustentara por tanto tempo, e o orgulho que a mantivera separada. Havia nela agora uma graciosidade calma, uma humildade bela.

- Ela tem medo - disse ele em voz baixa.

- Sempre teve medo - disse Miriam, encostando-se a ele.

- Pensas que fizemos o mais correto, Paul? Talvez devêssemos tê-la deixado voltar por iniciativa própria.

Era a primeira vez que ouvia Miriam exprimir uma dúvida.

- Ela não teria voltado. Já se tinha decidido. Pensava que tu estavas casada com ele.

- Porque me disse para o fazer. Disse que queria que eu tivesse os filhos dele. - Olhou para ele, com os olhos

marejados de lágrimas. – Mas eu só queria os teus.

– Oh, meu amor. – Apertou-a ao peito. – Vamos ter de recordar o homem que o Michael é.

– Sim. – Ela pôs os braços à volta dele. – É lá com eles agora, não é?

Paul virou o rosto dela para si e beijou-a com toda a saudade que sentira durante as semanas da sua separação.

– Não sei o que faria sem ti.

Ela estendeu a mão e puxou a cabeça dele para baixo para lhe retribuir o beijo. Era um beijo de amante desta vez.

– Vamos para casa.

*

Angel via Michael a trabalhar no campo. Estava tão cheia de emoções em conflito que mal conseguia suportar a sensação. Dúvida de si mesma, ódio por si mesma, a lutar contra o orgulho e o medo. Todas as coisas que a tinham feito fugir há tanto tempo e algumas que a tinham impedido de voltar para ele antes. Não podia permitir que a detivessem novamente.

Oh, meu Deus, dai-me forças. Por favor. Acompanhai-me. Ajudai-me. Não sei se consigo levar isto avante.

Eu não te dei um coração de medo.

Ela soube mal Michael a viu. Ele olhou para cima quando ela estava a atravessar o prado. Ficou imóvel, a fitá-la à distância.

Não posso chorar. Não posso.

Continuou a caminhar na direção dele. Ele não se mexeu. A dúvida despertou de novo, mas ela combateu-a. Queria livrar-se de todas as barreiras que a tinham mantido afastada dele, todos aqueles meses de resistência e medo e incerteza. Queria descartar as horríveis recordações da sua infância e a culpa que assumira como sua por coisas que fora impotente para impedir.

Se pelo menos as coisas tivessem sido diferentes. Desejava tão desesperadamente estar limpa para ele, estar nova. Desejava agradar-lhe. Dedicaria o resto da sua vida a esse objetivo se ele lho permitisse. Queria desfazer-se do passado. Oh, se pelo menos ela pudesse ser Eva novamente, um novo ser no Paraíso. Antes da Queda.

Com mãos trémulas, removeu os artifícios do mundo. Deixou tombar o xaile e tirou o casaco de lã. Desapertou os pequenos botões da blusa. Despiu-a e deixou-a cair enquanto caminhava. Desapertou a saia e deixou-a deslizar pelas ancas para o chão. Avançou sem ela.

Sem hesitar, caminhou para ele.

Nunca dissera tudo o que devia ter dito. Ele não sabia o que fizera por ela. Fora como o mar, por vezes tempestuoso, com ondas a rebentarem contra um muro de rochedos; outras vezes era como uma ondulação constante a vir morrer na areia. Fora sempre como a maré, a lavar a sua praia, a dar nova forma à sua linha costeira.

Senhor, o que quer que ele faça ou diga, tenho de lhe agradecer. Ele sempre foi o Vosso bom e fiel servo, e nunca cheguei a agradecer-lhe. Não o suficiente. Oh, meu Deus, nunca, nunca o suficiente.

Tirou a camisola interior e a combinação, o espartilho e as culotes. Com cada peça de vestuário que despia e deixava cair, arrojava de si a ira, o medo e a sua cegueira às múltiplas alegrias da vida, o seu próprio orgulho desesperado. Tinha um só objetivo firme: mostrar a Michael que o amava, e retirou uma a uma as camadas de orgulho até se sentir humilde na sua nudez. Por último, descalçou os seus sapatos de pele fina e retirou os ganchos que lhe seguravam o cabelo.

Quando se aproximou, viu os fios grisalhos nas suas têmporas e as novas rugas no seu rosto adorado. Quando o olhou nos olhos, tudo o que sentia transbordou. Sempre conhecera a sua própria dor e solidão, a sua necessidade. Agora encarava a dele.

Oh, o que lhe fizera ao negar-lhe o seu amor, ao ir embora? Assumira o papel de Deus e fizera o que pensava ser melhor para ele, e só lhe causara dor. Pensara que ele era demasiado forte para ser magoado, demasiado sábio para esperar. Quanto é que o martírio dela lhe custara a ele?

Todas as suas palavras cuidadosamente planeadas voaram para longe. Tantas palavras para dizer uma coisa simples, do fundo do coração: *Amo-te, e peço perdão*. Nem sequer conseguia falar. As lágrimas que tinham estado congeladas dentro de si toda a vida vieram-lhe aos olhos e o último bastião dissolveu-se num mar de lágrimas.

A chorar, Angel tombou de joelhos. Caíam lágrimas quentes nas botas dele. Ela limpou-as com o cabelo. Baixou-se, de coração destroçado, e pousou as mãos nos pés dele.

- Oh, Michael, Michael, perdão...

Oh, Deus, perdoai-me.

Sentiu a mão dele na sua cabeça.

- Meu amor - disse ele. Pegou nela e pô-la de pé. Ela não conseguia olhar para o rosto dele, a querer esconder o seu. Michael tirou a camisa e pô-la à volta dos ombros dela. Quando lhe inclinou o queixo para cima, ela não teve outra opção a não ser olhá-lo nos olhos. Estavam húmidos como os dela, mas cheios de luz.

- Tinha a esperança de que voltasses para casa um dia - disse ele, e sorriu.

- Tenho tanto para te dizer. Tantas coisas para te contar.

Ele enfiou os dedos no cabelo solto dela e inclinou-lhe a cabeça para trás.

- Temos o resto das nossas vidas.

Ela soube então que duvidara de que Michael voltasse a perdoá-la, mas ele já a perdoara. Poderia viver com ele para sempre sem nunca chegar a conhecer as suas profundezas. *Oh, Senhor, obrigada, obrigada!* Abrigou-se nos braços dele, estendeu as mãos nas suas costas fortes e

comprimiu-se contra ele tanto quanto podia, com uma gratidão tão forte que mal conseguia suportá-la. Ele era calor e luz e vida. Ela queria ser carne da sua carne, sangue do seu sangue. Para sempre. Fechando os olhos, inalou o doce perfume dele e sentiu que estava finalmente de regresso a casa.

Pensou que fora salva pelo amor dele por ela, e em parte era verdade. O seu amor limpou-a, nunca lhe lançando culpas. Mas isso foi só o início. Retribuir-lhe o seu amor foi o que a fez sair das trevas. *O que posso dar-lhe mais do que isso? Eu dar-lhe-ia tudo, fosse o que fosse.*

- Amanda - disse Michael, abraçando-a ternamente. - Tirza...

Sarah, disse a voz calma e baixa, e ela compreendeu qual a dádiva que tinha para oferecer. Ela mesma. Angel afastou-se de Michael e olhou para ele.

- Sarah, Michael. O meu nome é Sarah. Não sei o resto. Só isso. Sarah.

Michael pestanejou. Todo o seu corpo ficou inundado com júbilo. O nome adequava-se tão bem a ela. Uma mulher errante em terras estrangeiras, uma mulher estéril cheia de dúvida. No entanto, Sarah tornara-se há muito tempo um símbolo de confiança em Deus e por fim a mãe de uma nação. Sarah. Uma benção. Sarah. Uma mulher estéril que concebeu um filho. A sua bela e querida mulher que um dia lhe daria um filho.

É uma promessa, Senhor, não é? Michael sentiu o calor e a garantia disso mesmo entrar em todas as células do seu corpo.

Estendeu a mão.

- Olá, Sarah. - Ela pareceu encantadoramente perplexa ao pôr a sua mão na dele. Ele apertou-a e sorriu-lhe. - Muito prazer em conhecer-te. Finalmente.

Ela riu-se.

- És um homem louco, louco, Michael.

Michael riu-se com ela e puxou-a para os seus braços para a beijar. Sentiu os braços dela à sua volta quando ela lhe retribuiu o beijo. Estava em casa para sempre desta vez. Nem sequer a morte os separaria.

Quando recuperaram o fôlego, Michael fê-la rodopiar e ergueu-a acima de si cheio de alegria. Ela lançou a cabeça para trás e abriu os braços para abraçar o céu, com lágrimas de celebração a correrem-lhe pelas faces.

Michael lera-lhe uma vez que Deus expulsara um homem e uma mulher do Paraíso. Contudo, apesar de todos os seus erros e de todas as suas falhas humanos, Deus mostrara-lhes o caminho de regresso. *Amarás o Senhor, teu Deus. Amarás o teu próximo como Ele te ama. Ama com força e sentido e paixão e venha o que venha contra ti. Não esmoreças. Ergue-te contra as trevas, e ama. Esse é o caminho de volta ao Paraíso. Esse é o caminho de volta à vida.*

Epílogo

*Ao cair da noite, vem o pranto;
E ao amanhecer volta a alegria.*

SALMO 30:6

Sarah e Michael partilharam muitos anos felizes juntos. No seu sétimo aniversário de casamento, as suas preces foram atendidas com o nascimento de um filho, Stephen. Stephen foi seguido por Luke, Lydia e Esther. Miriam e Paul também continuaram a ser felizes, e tiveram três filhos, Mark, David e Nathan.

Ambas as famílias prosperaram e se mantiveram amigas para toda a vida. Juntas construíram uma igreja para a comunidade e uma escola, e acolheram muitos mais colonos no seu vale.

Susanna Axle manteve-se na Casa de Madalena até à sua morte em 1892. Com a sua ajuda, dúzias de jovens mulheres em tempos apanhadas na prostituição passaram para uma melhor vida. Várias casaram bem e tornaram-se cidadãs destacadas.

Embora a família de Sarah se tenha tornado rica e famosa – acabando por contar com médicos, embaixadores, missionários e até um veterano de San Juan Hill muito condecorado – ela regressava por uma semana todos os anos à Casa de Madalena. Enquanto continuou a ser fisicamente capaz, percorria a Barbary Coast e ia até às

docas para falar com jovens prostitutas e encorajava-as a mudar de vida. Quando lhe perguntavam porquê, dizia: «Nunca quero esquecer-me de onde vim e de tudo o que Deus fez por mim.» Regressava frequentemente das docas para a Casa de Madalena com uma Angel pela mão.

Depois de sessenta e oito anos de casamento, Michael foi para a sua última morada. Sarah seguiu-o daí a um mês. De acordo com os desejos dos dois, só umas simples cruces de madeira assinalavam as suas sepulturas. Contudo, alguns dias depois do funeral de Sarah, foi encontrado um epitáfio gravado na sua cruz.

*

Embora tenha caído baixo
Deus ergueu-a.
Um anjo.

UMA NOTA DE FRANCINE RIVERS

Porque Escrevi *Um Amor Incondicional*

Muitos cristãos que encontraram de novo a sua fé falam sobre uma só experiência de conversão que mudou as suas vidas para sempre. Sabem dizer-nos o dia e a hora em que tomaram a decisão de viver para o Senhor. Eu não poderia fazê-lo.

Fui criada numa casa cristã. Andei na catequese e em acampamentos da Igreja. Frequentei grupos de juventude. Quando preenchia impressos em que se perguntava de que religião era, assinalava a opção «Protestante». No entanto, para mim, a minha conversão de facto surgiu lentamente – como a mudança das estações – e com uma força que ainda me faz sentir-me humilde.

Não entrarei em pormenores sobre os erros que cometi. Bastará dizer que sentia um fardo sobre os ombros e uma fome na alma, assim como o meu marido, Rick. Ambos carregávamos fardos – o suficiente para fazer afundar um casamento se Deus não tivesse querido outra coisa.

Escrever era a minha maneira de escapar do mundo e dos tempos difíceis. Foi sempre uma área da minha vida onde acreditava (erradamente) que tinha total controlo. Podia criar personagens e histórias à minha vontade. Escrevia romances cor-de-rosa para o mercado secular e lia-os com voracidade.

Rick disse uma vez: «Se tivesses de escolher entre mim e os filhos ou a tua escrita, optarias pela tua escrita.» Na altura em que ele o disse, tristemente era verdade. Eu pensava com frequência como seria muito mais fácil viver sozinha numa cabana longe de toda a gente, com uma

máquina de escrever elétrica como minha única companhia.

Não demorou muito tempo até Rick e eu decidirmos que necessitávamos de fazer algumas alterações na nossa vida. Como nunca fazemos nada pela metade, vendemos a nossa casa, demos metade do nosso mobiliário e mudámo-nos para norte, para Sonoma County, para começar um novo negócio. Tudo mudanças externas, é bom que se note, não internas, do coração. Embora o negócio tenha prosperado, a nossa relação estava a desintegrar-se.

No entanto, mesmo nos tempos mais duros, posso olhar para trás e ver que Deus demonstrou o Seu amor e a Sua preocupação por nós. Estava constantemente a estender-nos os braços e a dizer: «Vinde a mim.» Uma dessas mensagens chegou-nos através de um menino que vivia na casa ao lado. Chegámos com o nosso camião de mudanças e estávamos a carregar os caixotes para dentro da pequena casa que tínhamos arrendado em Sebastopol quando o pequeno Eric veio dar-nos as boas-vindas e ajudar.

– Tenho cá uma igreja para vocês! – disse ele, e Rick e eu revirámos os olhos e desejámos que fosse incomodar outras pessoas.

Por curiosidade, daí a umas semanas fui assistir a um serviço na igreja de Eric. Afinal, eu ainda não encontrara paz em mais nada. Bem, o nosso pequeno vizinho tinha razão! O calor humano e o amor que senti na congregação atraíram-me mal entrei pela porta da rua. Ouvi a Palavra de Deus a ser pregada. Senti a verdade e o amor de Deus em ação a toda a minha volta. Muitas igrejas parecem ser meros museus para santos de plástico, ou pregam a realização pessoal do ponto de vista do mundo – um «evangelho da prosperidade». Esta igreja era diferente. Era um hospital para pecadores arrependidos, o seu único modelo para a vida era a Bíblia, que toda a gente trazia consigo, e, – o mais espantoso de tudo – lia! A igreja não estava ligada a nenhuma organização. Davam pelo nome de

«Cristãos» e diziam que viver de acordo com o exemplo de Cristo é um processo de toda a vida.

Comecei a levar os meus filhos à igreja comigo. A seguir, Rick começou a vir também. As nossas vidas começaram a mudar, não do exterior, mas do interior para fora. Fomos todos batizados por imersão, não só em água, mas também no Espírito. Não aconteceu rapidamente, e ainda nos debatemos com dificuldades, mas pertencemos ao Senhor e Ele está a moldar-nos e a fazer-nos de acordo com a Sua vontade.

Acredito que todos servimos alguém nesta vida. Nos primeiros trinta e oito anos da minha, servi-me a mim mesma. A minha conversão não foi uma experiência altamente emocional. Foi uma decisão consciente e bem refletida que alterou o meu foco, a minha direção, o meu coração, a minha vida. Mas não quero enganar ninguém. Não foi tudo paz e luz a seguir. A primeira coisa que aconteceu foi que deixei de conseguir escrever. Oh, tentava, mas não me dava a sensação de ser o que devia fazer. Escrever simplesmente deixou de resultar para mim. Não conseguia escapar para a escrita. Dera-me ao Senhor, e Ele tinha outra coisa em mente. Finalmente, aceitei que talvez nem sequer estivesse nos Seus planos que eu voltasse alguma vez a escrever. E rendi-me. O que acabei por compreender foi que Ele queria que eu O ficasse a conhecer melhor primeiro. Não queria outros deuses na minha vida – não a minha família, não a minha escrita. Nada.

Comecei a ansiar pela Palavra de Deus. Li página a página, de uma ponta à outra e de uma ponta à outra e de uma ponta à outra. Comecei a rezar. Comecei a escutar e a aprender. A Palavra de Deus é como alimento e água fresca e límpida. Enchia o vazio dentro de mim. Renovava-me. Abriu-me os olhos e os ouvidos e a mente e o coração e encheu-me de júbilo.

Abrimos a nossa casa a um grupo de estudo da Bíblia, e o nosso pastor iniciou um estudo da palavra sagrada. A seguir, fizemos um estudo do materialismo. Depois, encetamos um estudo dos profetas menores. Acabámos por chegar ao Livro de Oseias. Aquela parte da Palavra de Deus atingiu-me tão profundamente que eu soube que esta era a história de amor que o Senhor queria que eu escrevesse! A Sua história, uma história profundamente comovedora do Seu amor ardente por cada um de nós – incondicional, clemente, imutável, eterno, abnegado – o tipo de amor pelo qual a maior parte das pessoas anseia toda a vida, mas nunca encontra.

Escrever *Um Amor Incondicional* foi para mim uma forma de venerar Deus. Através dele, pude agradecer a Deus por me amar mesmo quando eu contestava, me rebelava e desprezava o que julgava que era ser cristão, e me sentia receosa de dar o meu coração. Quisera ser o meu próprio deus e controlar a minha vida como Eva no Jardim do Paraíso. Agora sei que ser amada por Cristo é a maior alegria e a maior realização que se pode ter. Tudo em *Um Amor Incondicional* foi uma dádiva do Senhor: enredo, personagens, tema. Nada posso reclamar como meu.

Há muitas pessoas que se debatem para sobreviver na vida, muitas que foram usadas e abusadas em nome do amor, muitas que foram sacrificadas nos altares do prazer e da «liberdade». Mas a liberdade que o mundo oferece é, na realidade, falsa. Demasiadas pessoas acordaram um dia para descobrir que são escravas e que não fazem ideia de como escapar. Foi para pessoas como essas que escrevi *Um Amor Incondicional* – pessoas que lutam, como eu lutei, por serem os seus próprios deuses, só para descobrirem por fim que estão perdidas, desesperadas e terrivelmente sós. Quero trazer a verdade aos que estão presos em mentiras e nas trevas, dizer-lhes que Deus está aqui. Ele é real, e ama-os – incondicionalmente.

Costumava acreditar que o objetivo na vida é encontrar a felicidade. Já não acredito nisso. Acredito que nos são dados dons a todos pelo nosso Pai e que o nosso objetivo é oferecê-los a Ele. Ele sabe como quer que os usemos. Eu costumava debater-me para encontrar a felicidade. Costumava trabalhar no duro para a alcançar. Pelos padrões do mundo, era bem sucedida. Mas era tudo vaidade sem sentido. Agora, tenho júbilo. Tenho tudo o que alguma vez quis ou sonhei ter: um amor que é tão precioso que não consigo encontrar palavras para o descrever. Não o alcancei através dos meus esforços. Certamente nada fiz para o ganhar ou até o merecer. Recebi-o como uma dádiva do Senhor, o Deus eterno. É a mesma dádiva que Ele oferece a todos, a cada minuto, a cada hora, a cada dia da vossa vida.

Espero que esta história vos ajude a ver quem é Jesus e o quanto Ele vos ama. E que o Senhor vos leve até Ele.

*

Visite Francine River na Internet em
www.francinerivers.com

AGRADECIMENTOS

Um agradecimento especial à minha editora, Karen Ball, pela sua crença neste livro e o seu auxílio a redimi-lo para os leitores cristãos.